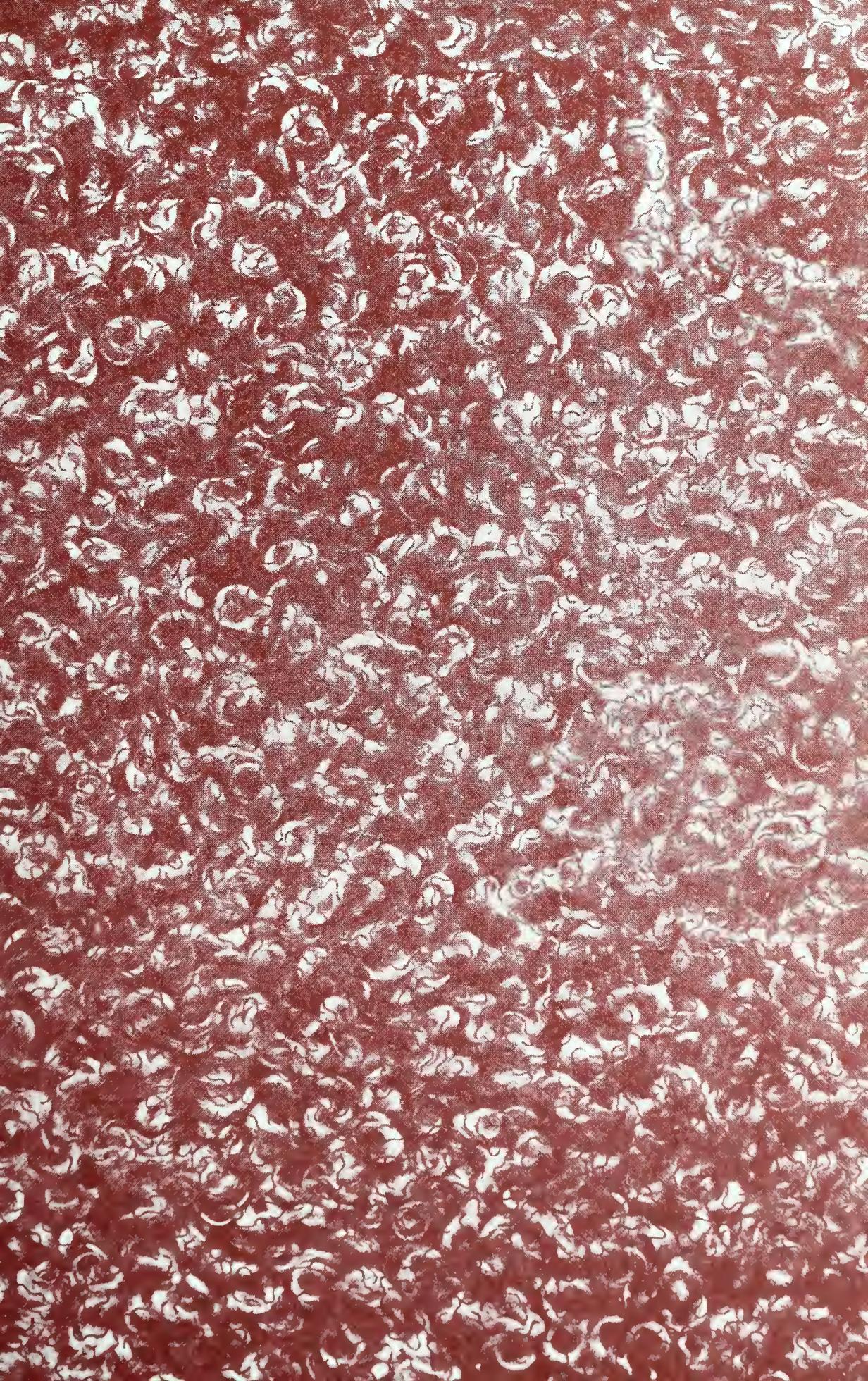




THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY





Digitized by the Internet Archive  
in 2016

<https://archive.org/details/boletimdearchite04asso>





BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

*cust. 57  
Macedonia  
metropol. m.  
m. - m.*



BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



LISBOA  
MDCCCLXXXVI



# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUCCÃO.....	Pag 1
SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
Architectura dos povos da antiguidade, (continuado do n.º 12) pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	2
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA .	
Reliquias da architectura militar e civil da Edade media em Vianna, pelo sr. LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA	6
Descripção da estampa n.º 45.....	8
Parecer apresentado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes ácerca das publicações da obra artistica «Portugal Antigo e Moderno, 1883».....	9
Quelques considérations sur les haches de bronze trouvées en Portugal, par le Chevalier J. DA SILVA..	12
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	14
NOTICIARIO.....	15

### INTRODUCCÃO

Ao darmos principio ao 4.º tomo do *Boletim*, julgamos que nos impende o dever de apresentar aos leitores a enumeração dos principaes factos da historia da nossa sociedade, occorridos no triennio de 1879-1882, em que saiu a lume o tomo antecedente.

Serão assumpto da nossa rapida resenha, a que opportunamente daremos desenvolvimento, os seguintes objectos :

Offertas com que augustas personagens, e varios cavalheiros, enriqueceram o nosso museu ;

Offertas de livros e de publicações de diversos generos para a nossa bibliotheca ;

Visitas ao museu, feitas por augustas personagens, e por distinctos sabios ;

Diversos factos que fazem honra á sociedade, revelando a consideração que merece ao governo e a corporações respeitaveis, e ao mesmo tempo os serviços artisticos que lhe foi dado prestar ;

Elogio historico dos architectos da igreja do Carmo.

### OFFERTAS PARA O MUSEU

De Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz :

Um altar com embutidos de marmore de cores differentes, estylo bysantino ;

Uma esculptura em granito, dos fins do seculo XII, trabalho nacional ;

Um craneo das Novas Hébrides, onde ha o costume de comprimir os craneos das creanças para lhes tirar a configuração da testa.

Do sr. conde de Marsy :

Uma matriz em cobre do brazão do 3.º conde de Barcellos, encontrada em Pariz ;

Do sr. barão de Baye :

Uma collecção de instrumentos prehistoricos por elle descobertos nas cavernas artificiaes de Champagne.

Do sr. visconde de Sortello :

Uma collecção de medalhas antigas, pertencentes a varias epochas.

De diversos :

Objectos do Mexico e do Perú.

Um grande machado (do Rio Grande) com dois gumes, epocha neolithica.

Um padrão de azulejos pertencente ao antigo palacio do Corte Real, descoberto nas obras do arsenal da marinha ;

Um tijolo de forma especial para a construcção dos pilares do hypocaustum, descoberto recentemente n'uma casa de banhos da antiga cidade romana de Nabancia ;

Algumas chaves de feitio antigo pertencentes ao convento de Santa Clara de Santa'em.

## OFFERTAS PARA A BIBLIOTHECA

Muitas obras de archeologia e de architectura foram offerecidas por associações scientificas de França, Italia, Allemanha, Grecia, Hespanha, Inglaterra, Hollanda, Estados Unidos da America e Belgica. Tambem se recebeu uma memoria, escripta pelo sr. Emilio Travers, intitulada : *Les instruments de musique au xiv.º siècle d'après Guillaume de Machant.*

## VISITAS AO MUSEU

Em 1880 foi visitado pelos membros do congresso internacional de anthropologia prehistorica celebrado em Lisboa.

Em memoria d'esta visita mandou a associação gravar n'uma lapide os nomes dos sabios estrangeiros, que a honraram com a sua presença. A lapide está exposta no cruzeiro do Carmo.

O principe Leopoldo de Coburgo, acompanhado por seu irmão, El-Rei D. Fernando, visitou o museu em 1881.

O dr. Hubner tambem visitou o museu em 1881. Disse que nas bibliothecas de Berlim existia o nosso *Boletim*, unica publicação portugueza n'este genero.

O professor do instituto real de archeologia de Londres, Mr. Smith, admirou no museu os machados de bronze, prehistoricos. Foi-lhe offerecida uma gravura que os representa.

No anno de 1882 visitaram o museu 1383 estrangeiros.

## DIVERSOS FACTOS

O governo, pelo ministerio das obras publicas, encarregou a associação de designar os edificios que devem ser considerados monumentos nacionaes.

Fomos consultados pela irmandade de S. Pedro de Guimarães sobre o projecto para a reedificação do templo d'este nome. Depois de modificado pela secção de architectura, foi remettido á irmandade

e aceito por ella. A gratificação que nos offereceram foi mandada entregar á viuva do engenheiro que havia feito o primeiro projecto.

Os machados de bronze, prehistoricos, descobertos em Portugal, pertencem a uma industria indigena da Lusitania, como foi communicado no congresso de Lisboa e depois confirmado pelo sr. Mortillet na sua obra sobre os mais notaveis specimens prehistoricos.

Os objectos descobertos nas escavações de nove dolmens nos campos d'Elvas mereceram no congresso da Rochella, em 1882, a qualificação de *joias celticas.*

Sua Magestade El-Rei D. Fernando distribuiu em sessão solemne medalhas de prata e de cobre aos socios que haviam prestado relevantes serviços á sciencia e á architectura.

Foram admittidos 33 socios effectivos, comprehendendo 14 damas portuguezas.

Inscreveram-se 41 socios correspondentes : Portuguezes, 11 ; Hungaro, 1 ; Francezes, 9 ; Italianos, 3 ; Brasileiros, 3 ; Polaco, 1 ; Russo, 1 ; Allemães, 2 ; Hespanhoes, 6 ; Inglezes, 2 ; Belgas, 2.

Em 1882 foi a Associação solicitada para apresentar o plano do monumento que se pretende erigir em Guimarães á memoria do Papa Pio IX.

Aberto concurso, nenhum artista se apresentou.

Alguem, para obsequiar a Associação, offereceu um projecto, que foi approvedo pela Comissão Promotora do monumento.

Leu-se, em sessão solemne, o elogio historico dos 3 architectos da igreja do Carmo.

Na fachada d'este edificio collocou-se uma lapide designando os nomes dos mesmos artistas e a era da fundação do monumento. Ha uma portaria que auctorisa a Associação a collocar em todos os edificios publicos monumentaes o nome dos architectos que os delinearão.

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 12, Tom. III, pag. 181)

O exame d'estes monumentos do Indostão confirma-nos a descripção que os historiadores da antiguidade fizeram dos prodigiosos monumentos,

que haviam encontrado, executados na architectura da Asia, muitos tempos antes que na Grecia fosse esta arte cultivada. Não põem em duvida que estes antigos povos fossem superiores na arte de edificar aos outros habitantes do mundo ; não só pelas concepções serem as mais ousadas, pela exe-

cução de projectos os mais vastos, pela sabedoria e habilidade da sua construcção, como pelo luxo e magnificencia da sua decoracção. E muito mais veridicas são estas narrações sabendo nós que a philosophia, companheira das artes liberaes, teve a sua séde n'essa mesma Asia, muitos seculos antes de ter sido transferida para a Grecia. Quando reflectimos na remota antiguidade dos conhecimentos humanos d'essas primitivas nações e contemplamos os famosos monumentos que esses povos nos deixaram, não podemos duvidar do auge da sua civilisacção, reconhecemos a sua importancia social.

Uma grande parte da Asia nos apresenta, da mesma maneira que o Egypto, vastos subterraneos onde a architectura deve ter tido a sua origem; e que nos fará acreditar não serem estas excavações prodigiosas o resultado fortuito de quererem aproveitar as pedreiras para servirem aos seus templos; pois observando a maneira regular como foram cortados esses recintos e embelezados com todos os recursos da arte, e conforme o estylo e o gosto dominante da arte monumental d'essas regiões, nos convencemos de que era um trabalho executado especialmente para esse fim. Além d'isso os mais antigos subterraneos da India nos apresentam já esse gosto pelo maravilhoso, e a profusão dos ornatos que tanto caracterizam as artes n'aquelle paiz.

Cada povo, como ninguem ignora, imprime nas artes liberaes o seu espirito, os seus costumes, e o seu caracter. Sabe-se que desde tempos immemoriaes esta nação era sedentaria, fixa, e preza de algum modo pelo clima ardente, e sobre esse solo feliz nunca conheceram a ambição inquieta, que desfigura os povos, confunde uns com outros, multiplica-lhes as necessidades pelo luxo, transporta em um paiz os costumes e os gostos de um e outro, e por fim destróe em cada um o seu caracter proprio, e aquelle que devia imprimir nas suas artes liberaes!

Esta intelligencia asiatica tem sempre sido tão distincta do engenho dos outros povos, que nunca pode conformar-se com nenhuma outra, e reproduz-se da mesma maneira em todos os seus monumentos.

Os esforços que se notam nas grandiosas construcções da Asia, parecem ser menos o desejo de estabelecer a sua solidez, que o gosto do maravilhoso que domina em todas as obras d'este paiz. Foi esta invencivel inclinacção, que em todos os tempos dispoz os indios a preferir essas gigantescas fórmãs, mais assombrosas pela temeridade que agradaveis pelas suas proporções. A paciencia e a perseverança nas empezas mais demoradas, e mais difficeis, é do caracter proprio dos habitantes da India.

Cousa nenhuma indica melhor o talento de dois

povos do que fazer a comparacção de seus monumentos. As pyramides do Egypto têm todas as suas superficies lizas, enquanto as que pertencem á India estão cobertas sobre todas as suas faces com ornamentos de baixos-relevos e figuras de todas as especies. Brilham as pyramides do Egypto unicamente pelo esplendor dos marmores, e pela belleza de suas fórmãs; estão immoveis como as montanhas que as cercam, e parecendo pertencerem ao mesmo solo sobre que ellas se firmam: mas pelo contrario as pyramides do Chalebrom, apenas saem da superficie da terra, logo apparecem sobrecarregadas de detalhes, cheias de ornamentos minuciosos, desaparecendo a grandeza da construcção sob a pequenez das differentes partes que a dividem e diminuem.

Examinando nós os monumentos egypcios, é possível duvidar por um instante se são trabalhos executados machinalmente pelo homem, ou o resultado de uma intelligencia superior; porém, vendo aquelles da India, não hesitamos em pôr o instincto no lugar da intelligencia.

Nos primeiros contempla-se com admiracção o homem em todo o vigor e com toda a grandeza intellectual; enquanto que nos outros só se admira a pachorra industriosa de uma obediencia cega: portanto as artes monumentaes d'estes dois povos tem cada uma d'ellas um caracter particular distincto entre si, que não deixa nem confundil-as, nem encontrar n'uma a origem da outra; e o que já haviamos dito a este respeito, julgamos tel'o agora desenvolvido melhor, e convencerá de que a arte monumental da India é inteiramente opposta, tanto no gosto e nas suas proporções, como tambem nos detalhes, conforme vimos ter sido empregada nos monumentos do antigo Egypto.

Julgamos ser proveitoso fazer a comparacção entre a arte monumental d'estes dois povos os mais antigos da terra, antes de nos occuparmos de outra qualquer; pois a nossa memoria estando agora mais habilitada para fazer esse paralelo, pôde apreciar melhor o que se tem dito a este respeito, e o estudo que acabamos de fazer nos proporcionará os meios de fazer mais completa apreciacção sobre a architectura d'estes dois paizes; assim como facilitar-nos, pela analyse, a interpretacção dos estylos da arte monumental dos povos das outras regiões, como sempre havemos procedido.

Consultando os monumentos antigos do Indostão, conhece-se o aperfeicoamento que este povo adquiriu na architectura durante a sua prolongada existencia social, porque as obras executadas na infancia de um povo, se conseguem conservarem-se em sociedade, ellas apresentam, quando se comparam com aquellas executadas nas edades posteriores, um caracter de simplicidade tão visiveis e mesmo

de ignorancia mystica, que indicam á apreciação dos conhecedores as provas positivas da sua anti-  
güidade.

Se os monumentos do antigo Egypto nos ministram poucos exemplos d'este genero, que possam servir de paralelo, o motivo é proveniente da extrema simplicidade dos typos e das formas da sua architectura; devido tambem aos preceitos religiosos que fixaram essas mesmas fórm, obstando a outro genero de innovação, o que dificultaria egualmente toda a especie de aperfeiçoamento.

Todos os outros povos da antigüidade nos mostram uma progressão constante de sua sabedoria, industria, habilidade e gosto. Todavia pode-se affirmar que em todos os monumentos da India antiga não ha até ao presente nenhum meio seguro de estabelecer o grão de sua remota antigüidade, pois que nos rochedos escavados não se encontram nem menos accessorios, nem menos singularidade de fórm, assim como na prodigalidade de ornamentos caprichosos, como se observam nos monumentos isolados. Talvez mesmo as fórm arbitarias d'esses ornatos sem fundamento sejam mais exageradas e evidentes nos templos subterraneos do que nos outros construidos sobre o solo.

Se pois a arte monumental da India, de mais recente data, nos mostra o mesmo gosto que a esculpida nos monumentos, dos quaes ignoramos a epoca, podemos suppôr que o mesmo estylo da sua architectura existia n'esse paiz nos tempos que precederam a conquista feita por Alexandre o Grande, e na epoca das primeiras communicações que esta região tão antigamente civilizada teve com os Gregos.

Sem duvida deve-se suppôr que os grandes monumentos de um povo, sob qualquer fórm que elle os executasse, não são, e não podem ser, senão o resultado de ensaios successivos e de muito longa pratica. É preciso, pois, concordar que estes monumentos foram precedidos por outros menos grandiosos e menos surprehendentes, concluindo-se pela sua extraordinaria multiplicidade, que seria devida a uma pratica tão geralmente seguida em todo o Indostão que não podia ter a sua origem senão nos habitos particulares, que, em toda a parte, e em todo o genero, são o principio dos usos publicos.

As Bellas-Artes, na India, como no resto da Asia, nos comprovam evidentemente que nunca a imitação da natureza lhes deu origem; nem foi o seu intuito.

Qualquer povo que não comprehenda a necessidade de se conformar com as regras que existem na natureza, ignorará infallivelmente as artes de imitação, e tudo o que elle fizer terá por principio esse irregular no sentir, nascido de seu ignorante instincto, porque o gosto apurado é o resultado de um espirito cultivado.

Ora, em toda a parte onde o facho intelligente da natureza não guiou as artes de imitação, os homens trabalhando ao acaso, n'essas veredas numerosas da rotina e da imaginação privada das regras necessarias ao artista, será escusado querer descobrir a causa da falta de intelligencia, a qual não tendo seguido nenhum principio indicado pela razão e pela natureza, não podia apresentar nenhuma justificação da sua insufficiencia artistica.

Julgamos pois com fundamento, que as habitações subterraneas na India foram adequadas ao clima e á constituição geologica do paiz, o principio primitivo da arte de edificar. Quando comparamos as construcções isoladas tão exactamente modeladas sobre as obras debaixo do solo, tão semelhantes pelas suas proporções, formas e por todos os outros detalhes, aos trabalhos praticados no interior da rocha, somos obrigados a admittir, que as edificações subterraneas foram o typo e o modelo das outras construcções e por conseguinte estas devem ser de uma epoca posterior, isto é, na conformidade que sempre a copia é posterior ao seu original: e por esta fórm se acha explicada a origem da Arte monumental do Indostão.

Finalmente os monumentos da India nos fazem ver, que elles são obra de um povo muito antigo, que teve uma prolongada existencia politica e religiosa; elles certificam egualmente, que foram obra de um grande numero de gerações successivas. Reconhece-se comtudo n'elles a infancia e a perfeição da arte, da qual a sua decadencia veiu muito tarde, e muito tempo depois do apogeo da sua brilhante epoca. A passagem gradual da gruta subterranea para o templo isolado, e depois a pagode, nos faz suppôr, com fundamento, que fora preciso um exercicio continuado e infatigavel de intelligencia e pratica, e um trabalho constante para que a arte monumental do Indostão podesse produzir na architectura dos seus monumentos a justa admiração que elles nos causam pela sua caprichosa concepção e extraordinario trabalho.

No paiz dos Afaganistans existem umas outras construcções, a que os naturaes chamam = Popes = semelhantes a outras a que os chins dão o nome de Chá = isto é Torre; que vem a ser uma especie de tumulos.

Estes edificios de formas cylindricas terminam na parte superior por uma cupula espherica, sobre a qual, em outro tempo, havia 3 esferas de metal com uma outra maior no centro para lhes dar uma forma pyramidal. Geralmente estes tumulos estão collocados sobre uma collina facticia, levantada de proposito para este fim, e sempre occupam o centro d'nm recinto quadrado. As paredes dos lados d'este quadrado correspondem aos pontos cardeaes; no interior ha por cima galerias e 3 salas para o uso

dos sacerdotes, e tambem para os guardas do monumento.

Em Manikyala, no reino de Caboul, ha uma extensa estrada com mais de 100 d'estes monumentos postos de cada um dos lados á maneira das estradas antigas na proximidade das cidades pertencentes aos romanos, tendo tumulos de um lado e d'outro; como foi descoberto nas escavações de Pompeia. Alem d'estes ha ainda mais quatro grandes grupos de Popes; sendo o mais notavel aquelle que existe em Manykya, sobre a margem Oriental da India, antigo rio que deu o seu nome á India. Este grandioso monumento tem 42,<sup>m</sup>20 de alto, por 101,<sup>m</sup>20 de circumferencia, está situado no meio d'uma planicie e é avistado na distancia de um kilometro. Esta colossal construcção assenta sobre largos degraus, a sua base é cylindrica: adorna-o na parte superior um frizo composto de pilastras salientes, cujos capiteis são cabeças de carneiros, acabando a extremidade superior em forma de torre, mas um tanto recolhida, servindo a parte mais elevada d'este segundo corpo de base a uma pequena cupula. Suppõe-se que estes tumulos pertencem a uma raça de principes Bactrianos descendentes de uma satrapia da antiga Persia, e que serviam ao mesmo tempo para ceremonias religiosas e funebres, sendo dedicados a Bouddha.

Ha ainda uma outra especie de tumulos de forma conica, que são os Dagobas; e constam d'un monte de terra coberta de um mossaime feito de tijolos ou de pedra; alguns d'elles tem 79,<sup>m</sup>20 de elevação, e estão collocados entre arvoredos. O mais singular de todos é aquelle que fica proximo ao Templo de Mehantélé, o qual tem na sua base um lago assombreado por grandes arvores e uma extraordinaria escadaria, com degraus de 4,<sup>m</sup>84 de largo, os quaes tem tão pouca altura que sobem por elles cavalgadas. Este lanço conduz a outras escadas, em que se contam ao todo 752 degraus; da sua maior altura descobre-se com bastante surpresa um grandissimo espaço cheio de penedos de granito, intercalados completamente de coqueiros, a cuja sombra estão cobertos varios Dagobas: d'estes o maior tem 59,<sup>m</sup>40 e se incluímos n'esta altura a elevação da escadaria, sobe a 330<sup>m</sup>, acima da planicie. Os Dagobas tem no cimo um adorno de feitio de apagador quadrangular construido de tijolos; e se existem ainda hoje intactas as suas arestas, servem para demonstrar o grande esmero e perfeição que houve n'esta obra. Encontram-se n'este sitio para mais de 300 d'estes tumulos.

Os musulmanos e os magôres, actuaes possuidores d'este paiz, praticaram o mesmo que os christãos em outras partes; transformando o maior numero d'estes monumentos do paganismo em mesquitas; assim como os templos antigos de Roma foram apropriados para servirem de igrejas.

Pelo que fica dito se pode determinar de uma maneira certa, qual era o caracter da arte monumental do Indostão: seus monumentos distinguiam-se todos pelas suas formas quadradas; e se os seus tumulos não estão apparentes, todavia no lugar mais reservado existe a sala quadrada com figura emblematica: todas as suas construcções monumentaes são inteiriças, isto é, feitas de um jacto: os planos ainda que regulares nas suas subdivisões, eram adaptados á configuração do espaço que occupavam as montanhas, d'onde eram cortadas, e terminando sempre as suas fórmãs em angulos rectos.

Os tectos eram horizontaes, e posto que existam alguns curvilíneos, feitos de uma só peça, isto é inteiriços, são estes d'uma epocha menos remota: os ornamentos e molduras eram de tanta variedade e profusão, assim no interior como na parte externa, que chegavam a cançar a vista.

A fórmula pyramidal dos edificios isolados era a mais seguida, pelas razões que já apontamos; os trabalhos d'esses monumentos costumavam ser dirigidos pelos sacerdotes; pois em todos os tempos, e em todos os paizes fizeram sempre monopolio dos conhecimentos para melhor dominarem os povos, conforme pediam os seus proprios interesses, exercendo sobre elles um poder illimitado; e por isso a conformidade que se nota nos monumentos do Indostão, não provém tanto do estylo rigorosamente seguido pelas suas diversas gerações, como principalmente pela dependencia e sabedoria, com que na execução d'estes trabalhos os povos estavam obrigados a obedecer aos sacerdotes; resultado analogo ao que teve lugar no antigo Egypto. Portanto a superioridade que as artes tiveram na India, assim como a admiração que nos causam os seus monumentos são devidas ao espirito religioso d'estes povos, que escrupulosamente conservam os mesmos usos e crenças, bem como pela cega obediencia ao poder religioso: sendo tambem procedida talvez da falta de relações com outras nações da terra, que teriam sem duvida, alterado as fórmãs architectonicas primitivas d'estes monumentos.

(*Continúa*).

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### Relíquias da architectura militar, religiosa e civil da idade media em Vianna

Vianna, foz do Lima, era nos primeiros seculos da monarchia um povoado de pescadores: a sua situação e as mercês concedidas no foral dado em 1258 por D. Affonso III, a tornaram dentro em pouco rica e nobre.

Vianna, ao pé do mar e cercada pelas ramificações da serra d'Arga, não tendo veigas onde sementasse cereaes, nem pascigos com que mantivesse alimarias, empregou as suas fazendas em náus, navios, barcos e armas, que eram os seus bens, e assim a sua riqueza andava totalmente arriscada no commercio, ao mesmo tempo que servia a patria, como o attestam o nome dos seus navegantes João Velho o Velho, João Alvares Fagundes, Alvaro Rodrigues de Tavora e muitos outros.

Uma povoação que apenas sahia da infancia nos fins da idade media e que empregava todos os seus esforços nos commettimentos marítimos, poucos edificios d'essa epoca nos devia legar.

Damos resumida noticia das raras e venerandas reliquias que esta cidade encerra, e que são dignos monumentos d'ella.

Aos favores e privilegios do foral correspondem os viannenses obrigando-se a levantar á sua custa os muros da nascente villa, bem como a defendel-a.

Exemplo singular na nossa historia!

Dos muros concluidos no reinado de D. Fernando, pelos annos de 1374, apenas um ou outro lança de negra cantaria, em partes encaçada, d'onde sobressahem ainda as ponteagudas ameias de rijo granito, indica o recinto da fortificação da villa. Dez eram as torres, e cinco as portas: o circuito era pequeno, pois o seu perimetro mede 665 metros, affectando a forma elliptica. A altura do muro regula de 10,<sup>m</sup> a 15,<sup>m</sup> com a espessura de 2,<sup>m</sup>20; cada lança de muro entremedio de torre a torre ia de 50 a 100<sup>m</sup>.

A muralha compunha-se de um muro de alvaria revestido externamente de cantaria bem tramada, e de solida resistencia, como temos observado em varias demolições.

Desde 1791 que a sua pedra foi concedida para a obra do caes e calçadas da villa, porque a villa se estendera sobremaneira para fóra d'esses muros, e as edificações se agruparam de encontro a elles: á sanha demolidora escapou grande parte do muro, determinando expressamente um alvará de 1817 que se poupassem os lanços que serviam d'apoio ás cas-

Poucos annos haviam passado depois que entrara o seculo xv, quando a piedade vianneza resolveu levantar um templo digno padrão do culto.

Escolhido o assento e lançados os alicerces, appareceu um edificio amplo e magestoso, mas essa grandeza inicial seria a cauza de sua ruina, se o monarcha, ou antes o principe regente na menoridade de D. Affonso v, movido pelos rogos dos procuradores da villa, não concorresse com avultada dadiua dos residuos das rendas do Concelho. Assim se concluiu o templo, embellezado o frontespicio com duas torres de cantaria, coroadas de ameias, tudo no estylo romano-bysantino da ultima época. A porta principal da igreja matriz abre se em archivoltas, sustentadas por atlantes que representam seis dos apostolos; os cordões, fustes e filetes eram retocados a ouro, delineando os tres arcos distinctos: o central enlaça se entre vigorosos cachos e graciosa folhagem, avivados outr'ora com colorido ao natural; o interno está recortado de folhas de acantho, que correspondem no arco exterior aos anjos que mostram as insignias do martyrio do Salvador, que se ergue sobranceiro com os braços abertos. Junto aos anjos em adoração, na extremidade do arco mais saliente dous cherubins sustentam os rotulos: *Venite ad iudicium*; — *Surgele mortui*. Proximo dous anjos tocam as tubas para o juizo final. Varias misulas guarnecem os estribos, as de carrancas serviram de apoio a galilé ou alpendre que resguardava o portal.

Sobre o portico e no mesmo estylo dá luz ao corpo do edificio um largo oculo; remata a fachada um cordeiro paschal com a cruz vazia do centro.

A igreja está dividida em tres naves, e forma uma cruz latina de braços excessivamente alongados, apoiando as abobadas dez arcos, sendo oito de ogiva; bem abertas; este edificio mede de comprimento desde a porta principal á parede que apoia o throno 45,<sup>m</sup>0, e a largura das tres naves 16,<sup>m</sup>8, dos quaes são 7,<sup>m</sup>0 para a central.

O transepto tem de cumprido tambem 45,<sup>m</sup>0 e de largura 6,<sup>m</sup>2.

Correspondem aos arcos outras tantas capellas de diversa architectura. Tendo havido um incendio na sacristia, a capella mór, que se lhe avisinhava, veio a arruinar-se, e por isso em 1695 o arcebispo D. José de Menezes principiou a reedifical-a, mas como fallecesse breve, concluiu a obra D. Rodrigo de Moura Telles, cujo brazão se vê na sacristia principal.

Grande parte dos ornatos da igreja foi devido á munificencia dos Filippes, que sempre distinguiram esta terra, a patria do dr. Pedro Barbosa e de seu

sobrinho Miguel de Vasconcellos, cedendo generosamente as sobras da siza para os melhoramentos locais.

Assim em 1619 foi arrematada a empreitada da conclusão interna da matriz, não só de carpinteiro e pedreiro, mas de serralheiro e pintor, como consta da escriptura publica de 22 d'agosto do dito anno. Os arcos foram guarnecidos de excellente talha, curiosamente dourada e os fôrros do tecto e do côro de madeira de bordo, apainellados com rompantes e florões d'ouro nos fechos.

No templo não existia canto nem reconcavo que não estivesse coberto de finos azulejos, com os quaes se tinha dispendido em 1630 a quantia de réis 550\$000.

Tanta riqueza e magnificencia não poderam chegar a nossos dias, pois por um descuido, na noite de 19 de janeiro de 1806, o fogo lavrou ás armações com que estava armada a igreja para a festividade de S. Sebastião, e em breve tomou taes proporções que foi impossivel dominar o, e as chamas irrompiam com tal violencia que mais parecia uma fornalha que incendio casual.

A capella do Sacramento, apesar de ter a sua preciosa talha assaz defumada ficou intacta, bem como a capella manuelina dos Camaridos, que estava murada, por interdicta.

Reduzida a cinzas a igreja, as suas paredes por muito tempo escalavradas, indicavam ao curioso a sua primitiva architectura.

Em 14 de fevereiro de 1831 foi dado principio á reedificação, aproveitando as paredes velhas que foram alteadas e as frestas rasgadas em janellas: em 22 de junho de 1832 cantava-se alli a primeira missa.

D antiga igreja poucos vestigios restam, mas esses mesmos cauzam ao vizitante desagradavel contraste com a actual nudez dos muros e rebocos modernos.

A capella do Sacramento, primitivamente dos Rochas, e por elles offerecida em 1562, foi totalmente reformada em 1564, fechando-a com um soberbo portico no estylo classico, que ainda hoje existe.

A capella que faz symetria com a antecedente, no topo da nave lateral, tem a invocação do Santo Crucifixo, foi da casa dos Fagundes, cujo brazão ostenta, passando por Souzas á familia Bretiandos.

Aqui jaz em sepultura alta e com figura ao natural João de Souza Magalhães, casado com D. Violante Fagundes, filho do instituidor da capella, João Alvares Fagundes, o famoso descobridor do Banco da Terra Nova, na America.

As outras capellas nada de notavel offerecem, a não ser a do transepto, chamada de S. Bernardo, mandada fazer em 1547 por Fernão Brandão e sua mulher Catherina Fagundes.

A pia de agua benta com seus lavores e brazão custou á Camara, no anno de 1570, a quantia de 115 réis.

N'estes ultimos annos como a torre do sul e os estribos da fachada estivessem arruinados, a Junta de Parochia cuidou da sua reparação, mas com tão infeliz plano, que em vez de limpar e calçar a cantaria, não só picaram totalmente a pedra, apagando lhe os signaes architectonicos, mas até substituiram grande parte da cantaria por outra nova, e para que tão estupendo acontecimento ficasse registrado, mandaram embutir na torre uma lapide com a data de 1875!

O hospital velho, extincto albergue de peregrinos, é um edificio acanhado, que deve a sua instituição a João Paes o Velho no anno de 1468, como consta da lapide que fecha o arco da porta da entrada. Este hospicio, hoje abandonado pela abolição dos vinculos, compõe-se de um pequeno claustro com varandas de pedra, apoiadas sobre pilares grosseiramente lavrados; nada offerece de notavel senão a sua antiguidade.

Debaixo do nicho da porta da entrada está um escudo d'armas com os appellidos Rochas e Portocarreiros, que julgamos ser do primeiro administrador Francisco da Rocha Paes.

Proximo á capella dos Marcantes, na Matriz, encontra se, como que escondida das vistas, uma casa antiquissima, que pelo brazão que apresenta, a reputamos ter sido de João Velho o Velho, legendario procurador d'este concelho no reinado de D. Afonso v, védor da fazenda do duque D. Fernando, que pelos serviços que prestou indô em 1491 á descoberta do Congo, lhe concedeu el-rei armas especiaes: em campo vermelho cinco cruces de ouro, e em chefe azul meio leão de ouro armado de vermelho, com dous ethiopes nus sustentando o escudo nas mãos.

O edificio é um magnifico exemplar da architectura civil da idade media: a parte mais notavel consta de um corpo saliente de um só andar, sustentado lateralmente por arcos de ogiva muito fechada e sem apoio, e na frente se abre um sara-panel, com pilares acanhados.

No primeiro andar ha duas janellas de cruzetas de cantaria, o que lhe dá apparencia de quatro janellas cada uma.

O escudo está sobre o fecho do arco do frontespicio, e é hexagonal, de trabalho grosseiro, principalmente os ethiopes e o leão do chefe do campo.

Aos lados do brazão veem-se duas misulas, de esculptura um pouco mais aperfeiçoada que a restante, representando dous bustos, um de homem de cabellos curtos coberto com barrete alto, e outro de mulher com cabellos sobre os hombros e barrete baixo.

Foi João Velho o Velho que em novembro de 1502 recebeu em Vianna o Venturoso Rei D. Manuel, e é tradição que se hospedara n'esta casa.

Na parede da capella proxima, sob a lapide dos Marianes está um outro escudo igual ao mencionado, mas com as cargas picadas, e apenas perceptíveis, com indicação de ter legenda em duas linhas inferiores; disseram-nos ter pretendido á casa da sachristia dos Mareantes, que fica a partir com a de João Velho, e é provavel que tambem fosse d'elle.

Vianna 1 de fevereiro de 1883.

O Socio

LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA,

### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA N.º 45

Publicamos com este numero uma photographia, que representa o saimento e as exequias d'el-rei D. Manuel, seguindo o prestito desde o Paço Real da Ribeira em direcção á igreja monumental do mosteiro dos Jeronymos em Belem.

Esta estampa, a maior raridade artistica do nosso paiz, por ser a unica que se conservou d'este acontecimento historico do xvi seculo, é uma gravura (posto que em pequenissimo formato), da qual el-rei o sr. D. Fernando possui o original. Concedeu nos Sua Magestade a honra de podermos reproduzila afim de dar maior apreço á publicação artistica e archeologica do Boletim, e mui principalmente para demonstrar mais uma vez a magnanima protecção com que sempre se tem dignado honrar e distinguir a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

A representação d'este real saimento, além da sua importancia historica, offerece-nos o subido valor archeologico de nos ter conservado tambem a configuração da primitiva capella-mór da igreja conventual de Belem, na qual não apparece a ordenação architectonica da Renascença, na reedificação ordenada pela rainha D. Catharina: notando-se que no fundo d'esta capella-mór havia então vidraças pintadas em toda a altura do Templo, as quaes tinham tres divisões, como se vê representado por cima do grandissimo estandarte real enlutado, que veda o sacrario sobre o altar-mór.

Além da importante parte architectural d'este memoravel edificio, ainda esta preciosa gravura nos conservou igualmente, qual era a configuração das janellas do andar nobre do palacio real da Ribeira, como se vê representado no espaço que separa a nave da igreja e uma viella situada no lado direito do dito palacio; cuja decoração é semelhante ás janellas construidas no palacio de Cintra na sala

dos cysnes, assim como se vê tambem indicado, ao lado esquerdo da photographia o *passadiço*, que ligava o palacio real com a parte augmentada pelo lado do oeste da Praça até á margem do Tejo, tendo em relevo, na parte inferior do arco, o escudo real no centro de duas esferas.

Este palacio formava dois lados do antigo Largo da *Tanoaria*, no sitio hoje occupado pelo Largo do Pelourinho. D. Manuel mandou fazer uma grande Praça n'este local para construir uma vasta e sumptuosa residencia, a qual comprehendia a parte da actual praça do Commercio, onde presentemente está o edificio occupado pela secretaria do Reino e da Justiça; augmentada ainda depois com um outro corpo sobre o lado occidental d'esta praça. Foi n'este palacio que falleceu o rei em 13 de dezembro de 1521, ás 8 horas da noite, e ás 3 horas da mesma noite levaram o corpo para a igreja de Nossa Senhora de Belem.

Na lettra capital, do principio do psalmo, vê se, no espaço interno, o sacerdote encommendando o fallecido rei.

Passando a descrever o passamento do rei afortunado, e a maneira como foi conduzido de Lisboa para Belem, conforme o que a historia registou, e a estampa mostra a marcha do prestito, dará mais interesse examinar-se este singular ceremonial.

Primeiramente nota-se que o saimento partiu pelo lado oeste do palacio e que a rua era em declive, pois o ataúde apparece inclinado por baixo da citada janella, a unica que se vê do palacio real, para vir depois o cortejo passar pelo Terreiro do Paço (Praça actual do Commercio), pela ordem seguinte: na frente iam frades de S. Jeronymo a cavallo com tochas, formando duas alas; após uma azemola levando o ataúde coberto com panno preto que arrastava pelo chão, sendo conduzida pelo estribeiro-mór, vestido de capa preta e gôrro da mesma côr; os clerigos e capellães a pé formavam alas; vindo atraz do ataúde os freis de Christo a cavallo, e depois d'elles toda a côrte a pé com tochas, sendo ao todo 600 luzes. Seguia se um official do Senado, que gritava tres vezes de tempo a tempo: Ouvi! Ouvi! Ouvi! O alferes-mór a cavallo, coberto de raso, levando uma bandeira preta com o brasão real em uma haste derrubada sobre o hombro, de maneira que as pontas lhe arrastavam pelo chão, dizia: *Chorae nobres, chorae povo, que morreu o muito alto e poderoso Rei o Senhor Dom Manuel, que nos governou com justiça e amor de pae.* O vereador mais velho, que leva á cabeça o escudo real, repete estas palavras que são lidas pela pessoa que tem um papel na mão; e quando conclue, elle atira ao chão o escudo que se quebra. Atraz do alferes, veem tres juizes da cidade com varas pretas, em linha, e a pé.





Quando o prestito chegou á porta da igreja de Belem, os grandes senhores tiraram o ataude de cima da azemola, e entregando-o aos frades, estes com grandes lamentações, transportaram até á cova, e os fidalgos tomaram enxadas com suas mãos e o enterraram com grande solemnidade em sepultura rasa no meio da capella-mór.

A gravura apresenta o apparatuso acto das exequias, estando o catafalco erguido no centro da nave principal, coberto de alto a baixo de preto com a cruz em aspa, e ladeado pelos tres lados com tocheiros postos em dois renques; na parte superior, do lado do cruzeiro apparece uma elevada cruz, e sobre a ilharga um pulpito portatil para o pregador recitar o panegyrico do finado soberano; e os frades sentados, postos em dois renques, occupam egualmente os tres lados da eça.

O cruzeiro estava occupado pelos grandes do reino e côrte; ficando reservada a capella-mór para os officios religiosos do estylo.

As paredes da nave estão cobertas de pannos pretos até ao peitoril das janellas, vendo-se pendentes do cimo d'ellas em todo o prolongamento da mesma nave grandes estandartes pretos com os escudos reaes.

Na capella-mór ficaram as paredes nuas, tendo sómente sobre o altar o grande estandarte formando espaldar.

Pelo predio que forma cunhal, situado do lado direito, com a Viella, vê-se como eram então fechadas as janellas: tinham uma especie de alpendre suspenso pela partee xterna, *adufa*, que tambem servia para evitar o ardor do sol e resguardar da agua da chuva.

Será sem duvida bem accete pelos architectos, archeologos, e illustrados amadores de antiguidades patrias esta estampa, que nos dá tão instructivas relações, as quaes se julgavam perdidas para a historia artistica e monographia d'este successo.

A rua Nova d'El-Rei, para a qual tinha o palacio real da Ribeira uma frente lateral, era a melhor de todas da cidade n'aquella epoca, sendo bastante larga no seu principio, indo estreitando para o lado opposto, além de ser muito extensa.

As casas que a guarneciam eram compostas de muitos andares; as lojas mettidas dentro de arcadas, onde se encontrava á venda grande variedade de fazendas, sedas, veludos e bordados; assim como escollida louça da India, tudo de grande valor, davam um aspecto vistoso a essas edificações, como mostra a rua representada sobre o lado direito da photographia. Os moradores eram tantos que os in-

clinios não se conheciam uns aos outros, conforme deixou escripto o Padre Duarte de Sande.

Apparece tambem ao fundo d'esta rua, sobre o lado esquerdo, duas altas torres pertencentes á igreja da Sé: sendo tambem uma parte muito interessante d'esta estampa, pois nos faz conhecer qual era a antiga construcção d'esta rua, na qual igualmente está indicado, ao meio d'ella, a valeta para dar vasão ás aguas da chuva para o Tejo: portanto, o artista que compoz esta tão curiosa vista, que infelizmente ficou ignorado o seu nome, soube reunir a representação dos mais importantes edificios da cidade que estavam proximos do palacio da Ribeira; devendo-lhe possuirmos um fiel quadro, não sómente no que diz respeito ao Terreiro ao Paço, como ao saimento e exequias d'el-rei D. Manuel no celebre monumento de Belem.

J. P. N. S.

Parecer apresentado pela «Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes» acerca das publicações da obra artistica «Portugal Antigo e Moderno, 1883».

Os monumentos são verdadeiros livros de pedra, onde está escripta com eloquencia e exactidão a historia das nações civilizadas.

Como padrões historicos attestam a nobreza de uma remota origem, ou feitos gloriosos, que demonstram o seu valor nos campos de batalha, ou actos de heroicidade e de abnegação, que comprovam o seu acrisolado amor da patria e da liberdade, ou empresas audaciosas, que as acreditam como poderosas cooperadoras dos progressos da humanidade ou emfim de milhares d'exemplos de virtudes civicas.

Como padrões artisticos são testemunhas authenticas dos seus nobres esforços para se polirem e aperfeçoarem, revelando os passos mais ou menos largos e firmes, que deram no caminho da civilização.

Os monumentos de Portugal fallam de todas essas proezas e factos que nobilitam e exaltam os povos.

Mas que importa, para nossa honra e gloria, que elles assim fallem, e bem alto, se as suas vozes não soam além das fronteiras d'este reino? De que vale o seu testemunho, onde não são conhecidos, e onde cahiram em quasi completo esquecimento os nobilissimos feitos, que lhe deram origem?

Infelizmente nem nos podemos queixar d'esse olvido, pois que é nossa toda a culpa. As outras nações apreciando devidamente os seus monumentos, e estudando com intelligente e zelosa investigação a historia e a physionomia de cada um, tem reunido e publicado esses estudos em obras magni-

ficas, em grande formato, illustradas de excellentes gravuras e de chromos formosissimos.

Não se presume, que tão dispendiosas publicações sómente se fazem no seio das nações, cujas fontes naturaes de riqueza se acham em perfeito estado de exploração. A nossa visinha Hespanha ainda ha pouco tão agitada pelas discordias intestinas, e cujos recursos naturaes estão em grande parte por explorar, luctando com tantas difficuldades financeiras, está publicando o seu Museu d'Antiguidades, soberbo repositório *in folio* de estudos historicos, archeologicos e artisticos, acompanhados de grande quantidade de gravuras primorosas e de formosissimos chromos. É uma edição de inexcédível nitidez, que vae já no XI volume.

Estes livros correm ao presente por toda a Europa, póde dizer-se triumphantemente, porque são recebidos em toda a parte com admiração e applauso. Todas as bibliothecas de uma certa importância, publicas, e particulares, apressaram-se, mal appareceu á luz esta obra, a enriquecer as suas colleções com tão preciosos livros.

Não é necessario, portanto, ir a Hespanha para conhecer as feições dos seus monumentos, e para saber a sua significação historica e artistica.

E graças a esses monumentos assim fallantes por todo o mundo, ninguem ignora, medianamente illustrado, que a Hespanha, apesar de decabida da grandeza, opulencia e poderio, a que chegou sob o sceptro de Carlos V e de Philippe II, é uma grande nação, que possui muitos monumentos sumptuosos, ricos d'arte e de memorias historicas.

Todas estas considerações nos levam, portanto, a reconhecer a importancia e a applaudir sinceramente a obra projectada — Portugal Antigo e Moderno — cujo programma foi apresentado a esta Real Associação em sessão da Assembléa Geral, para esta dar o seu parecer.

O projecto é vasto e grandioso; tal como o pedestal a importancia dos nossos monumentos, a natureza de semelhantes estudos, as recordações gloriosas dos tempos heroicos de Portugal, e as afirmações dos seus progressos modernos.

Esta Associação que tanto tem lidado pela conservação dos monumentos nacionaes, não pode deixar de congratular se com a Empreza, que promette dotar o paiz com uma obra de tão alto interesse publico, e que vae preencher na litteratura portugueza uma lacuna vergonhosa, indo mostrar aos estrangeiros, que nos desconhecem, e que desdenham de nós, que n'este canto da Europa brilharam as armas, que engrandecem os povos, floresceram os genios que fundam imperios, e que abrem novas vias á civilização, e que tem n'elle resplandecido as letras e as artes e a industria das nações cultas.

O arrojado editor, que soube adquirir celebridade

commemorando o terceiro centenario de Camões com a sua famosa edição dos *Lusiadas*, assegura-nos que não poupará esforços para se desempenhar dignamente do seu novo commettimento. E os trabalhos conhecidos do distincto escriptor, que vae dirigir aquella publicação, sendo penhores da sua intelligencia e do seu amor do estudo, affiançam-nos que saberá corresponder, na parte litteraria, á riqueza e primores da parte typographica e artistica.

Por todas as razões expostas a Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeologos Portuguezes approva e louva o pensamento da obra e o seu programma, e honrando-se muito em se contar em o numero dos seus subscriptores, faz sinceros votos para que tão esclarecida e patriotica empreza encontre em os nossos cidadãos e nos poderes publicos o auxilio a que tem direito, e sem o qual nenhuma obra d'esta ordem pode ir para diante.

Lisboa, sala da Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeologos Portuguezes, 14 de Fevereiro de 1883.

RELATOR

*Ignacio de Vilhena Barbosa.*

Approvedo pela Assembléa Geral.

PRESIDENTE

*Joaquim Possidonio Narciso da Silva.*

SECRETARIOS

*Valentim José Correia.*

*José de Saldanha Oliveira e Sousa.*

#### Portugal Antigo e Moderno

Paisagem — usos e costumes — arte e industria. Texto de Joaquim de Vasconcellos, socio correspondente do Instituto imperial germanico de archeologia; socio correspondente da Real academia de bellas-artes de Madrid;

Socio correspondente da Sociedade de geographia de Lisboa; socio effectivo e laureado da Real associação dos architectos e archeologos portuguezes; academico honorario do Real instituto naval de Florença socio fundador da Geellschaftfür, musikforschung de Berlim, etc. etc.

Phototypias inalteraveis de Emilio Biel e Comp.<sup>a</sup> editores Porto.

#### PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Hoje, que as novas vias de communição accelerada estão abrindo ao progresso nacional largas estradas atravez de provincias até hoje quasi desconhecidas, como a Beira, Douro e Traz-os-Montes, em que a linha do sul avança para o Algarve e a do norte nos vai ligar com a provincia da Galliza, á qual nos prendem tantas tradições, é necessario, é urgente que a historia e a critica acompanhem o viajante, illuminando-lhe o caminho, fazendo fallar os monumentos que encontra no seu roteiro, e muitos dos quaes em breves annos, talvez não sejam mais do que montões de ruinas, se não houver uma penna que recorde a sua significação e uma arte que fixe a sua imagem.

A locomotiva, que corta os valles e perfura os montes, não respeita sempre as reliquias do passado. O movimento febril que ella produz, uma vez lançada na carreira, porque o va-

por não lhe basta, e adiante do silvo penetrante manda a faísca electrica a annunciar a sua chegada — a pulsação febril que ella excita, o jubilo do momento faz esquecer muitas vezes o que devemos a um passado cheio de gloriosas tradições, e dão-se então as reliquias, mais preciosas, de barato por uma esperança de futura prosperidade, sem se attender ao valor ideal que a sciencia só pôde e sabe determinar.

Assim se gastam e se perdem, assim se tem gastado e perdido tantos documentos de marmore e de granito, que pareciam dever durar mais do que os pergaminhos dos archivos, e que, á falta d'estes, completavam as memorias da nossa vida nacional. Ao lado da historia, deplora a arte tanto abandono, tão pouco respeito por essas reliquias com as quaes deviamos ensinar ás gerações vindouras o amor, o respeito, a veneração pela memoria de nossos paes.

Querer supprimir esse ensino serio é cortar uma arteria do nosso organismo nacional, seria semear a ingratidão. Querer substituir o que estamos destruindo, seria uma louca empresa, porque já não temos o ouro das Indias, nem os diamantes do Brazil; porque já não temos o enthusiasmo e o fervor dos antigos portuguezes pelas ideias empresas, e porque os meios se applicam hoje a outros commettimentos que preparam o futuro.

É justo é indispensavel que se attenda a esses destinos que nos esperam, mas respeitemos o passado ao menos na sua mais alta expressão, no monumento, na arte!

Esses mesmos caminhos que rasgam violentamente os seios das nossas provincias; esses instrumentos que supprimem quasi as distancias podem contribuir, quando bem dirigidos, para a conservação d'essas reliquias.

O homem de sciencia irá estudal-as, a industria vulgarisará esses estudos, a consciencia nacional acordará do lethargo, e o estrangeiro, chamado pela locomotiva, não sahirá do reino sem pagar o tributo de respeito e de sympathia, que a nossa historia sempre inspirou a quem a leu, quanto mais a quem a sentiu palpitante debaixo dos pés e a viu laureada nos nossos monumentos.

Um povo que não respeita os monumentos da sua historia não ensinará o respeito a ninguem, o respeito da sua individualidade, da sua independencia.

Hoje que as principaes nações da Europa, incluindo a vizinha Hespanha (apesar das ultimas guerras) não só fundam publicações monumentaes para o estudo da arte nacional, <sup>1</sup> mas criam órgãos para o estudo de cada provincia, de cada cidade até não raras vezes de monumentos isolados, que pela sua importancia excepcional merecem as honras de um estudo monographico — Portugal não tem uma publicação de caracter geral, não tem uma idéa da sua propria physiognomia, não fez sequer o primeiro reconhecimento, o mais pequeno inventario poderia ser a melhor garantia para a conservação das obras d'arte, um meio seguro de obstar a sua alienação por um prato de lentilhas, como temos visto!

Portugal não tem uma idéa da sua propria physiognomia, dissemos e com isto não aludimos só á arte, que é uma face d'ella, uma das mais characteristics, sem duvida, porque não se transforma senão em longos períodos historicos, uma das mais valiosas, porque não se pôde substituir, quando ablitada; aludimos á industria que andou sempre alliada á arte, quando quiz viver florescente, estimada, requestada pelo commercio, que só quando a viu formosa a quiz servir e fazer tributaria da prosperidade nacional, levando-a, como honra suprema, ao proprio lugar onde a arte renascera da antiguidade. <sup>2</sup>

A ceramica portugueza, a nossa ourivesaria, as nossas illuminuras, os nossos moveis e estofos, os bordados e as rendas, os «mimos de Portugal,» de que fallam com equal louvor nacionaes e estranhos, fôram enriquecer as collecções da Europa,

Ninguem as reivindica como nossos, porque nos faltam os documentos comprovativos, porque nos faltam os documentos comprovativos, porque o pequeno nucleo de objectos similares

que ainda temos não podem servir para a demonstração, enterrados como estão em edificios publicos e particulares, onde ninguem suspeita a sua existencia. Trazer á luz esses objectos, esses documentos dispersos dentro e fóra do paiz, é um dos pontos do nosso programma e para esse fim estamos habilitadas com um inventario que é o fructo de repetidas viagens pelo paiz, e de repetidas e muito mais longas viagens pelo estrange-ro durante mais de dez annos.

Assim, com as reliquias das tres grandes artes e das artes industriaes poderemos povoar de novo as cathedraes solitarias, os mosteiros seculares, os palacios desertos, reconstruir a vida das gerações passadas, como nol-o ensinou um grande artista que era, ao mesmo tempo, um granpe sabio. <sup>1</sup>

E como o homem, que contempla o passado estuda uma das feições do seu caracter transformado com o correr dos seculos, e procura naturalmente a relação com o presente, reuniremos o que o nosso seculo produzir de melhor até hoje, na arte e na industria.

Assim veremos o que ha e o que falta para recuperarmos a posição antiga.

E por ultimo consideraremos o proprio homem e a natureza que o rodeia, os typos tão caracteristicos das nossas provincias, d'onde sahiu o nauta do seculo xv e xvi, o rude mosqueteiro do seculo xvii o garrilheiro da independencia, d'onde sae a energia, a vida paciente, de costumes sobrios, que nos sustenta, e que chega ainda para alimentar um vasto imperio d'além-mar.

Não devemos menos á natureza. Do nosso sólo, da paizagem, que nos rodeia, é necessario fallar. Desde Sá de Miranda até Byron, todos os poetas nacionaes a cantaram, e entre os estrangeiros alguns dos maiores. E, no entanto, só uma minima parte do paiz foi devidamente estudada sobre o ponto de vista pittoresco. Parece não se haver ainda comprehendido que a paizagem é o quadro em que o monumento se produz; que a aldeia, a villa e a cidade recebem da paizagem um reflexo caracteristico para a sua physiognomia externa e interna, mas que nem por isso se deve confundir n'uma publicação illustrada os dois pontos de vista n'uma unica pagina, e desconhecer os limites de expressão de cada um.

Para procedermos pois racionalmente n'esta parte e attender a esta dupla exigência, que é uma das muitas que esta empresa envolve, teremos de multiplicar as folhas d'esta publicação monumental.

Não recuaremos porém diante de nenhum sacrificio para apresentar um trabalho que seja digno de nós e do paiz e da protecção que esperamos alcançar da alta sabedoria do governo de Sua Magestade Fidelissima.

Porto, junho de 1881.

### Plano provisório da publicação

A obra constará de 800 phototypias inalteraveis, distribuidas em 208 entregas semanaes, devendo a collecção estar completa em 4 annos, formando 8 volumes in-fol.

As ultimas 8 entregas (n.º 201-208), a 16 pag. in-fol. cada uma, devem conter uma historia geral da arte portugueza, incluindo as artes industriaes, com um indice topographico (de localidades), um indice onomastico (nomes proprios de artistas) e um indice de materias.

Além d'isso cada photographia será acompanhada d'uma pagina de texto explicativo, com as necessarias indicações historicas, artisticas, industriaes, ethnographicas etc., conforme o assumpto representado.

Distribuição aproximada da collecção.

A) Por materias

a) Architectura e escultura.....	300 numeros
b) Pintura.....	100 "
c) Artes industriaes.....	200 "
d) Paisagem; typos nacionaes.....	200 "

800

<sup>1</sup> Citaremos com relação ao visinho reino só os monumentos architectonicos de Espanha e o Museu Español de Antiguidades; o Inventario geral das riquezas artisticas da França, ordenado pelo governo francez; o Inventario especial ordenado pelo Municipio de Paris; o Jahrbuch der Hgl. preuss. Kunstsammlungen, ordenado pelo governo prussiano, etc. etc.

<sup>2</sup> Allude-se aos presentes enviados por D. Manuel a Leão x em duas embalzadas.

<sup>1</sup> Vide os trabalhos de reconstrução historica de Viollet-le-Duc com relação á França, de Scherr (Germania), de Falke, etc. A realisação pratica de alguns dos planos d'estes escriptores nos Museus de Cluny (Paris), de Setzberg (Austria), no Bayerisches National Museum Munich, etc.

## B) Por provincia

Minho e Douro.....	200	»
Traz-os-Montes.....	50	•
Beira Alta e Baixa.....	150	»
Extremadura.....	210	»
Alemtejo.....	80	»
Algarve.....	80	»
	<hr/>	
	800	

Publicamos em seguida a comunicação que o sr. Possidonio da Silva fez ao Congresso internacional dos archeologos em Lisboa, no anno de 1880. Ahamol-a de grande interesse, tanto mais, que foi confirmada a opinião do archeologo portuguez de ter sido uma industria do solo da Lusitania o typo especial dos machados de bronze prehistoricos descobertos em Portugal. O insigne sabio o professor Monsieur Gabriel De Mortillet, publicando em 1882, na sua obra *Musée Préhistorique* fig. 687, a copia de um dos exemplares d'esses instrumentos que foram apresentados n'este Congresso pelo sr. Possidonio, e estão presentemente expostos no museu de archeologia da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes no largo do Carmo em Lisboa; declarou achar-se sómente em Portugal e Hespanha <sup>1</sup> machados de bronze d'aquelle typo, posto que na sessão do mesmo Congresso se tivesse mostrado pouco propenso a concordar com a opinião exposta.

## CONGRÈS

## D'ANTHROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUE

À LISBONNE 1880

Quelques considérations sur les haches de bronze  
trouvées en Portugal

PAR

LE CHEVALIER J. DA SILVA

Membre du congrès, dans la Séance du 22 septembre

On suppose généralement que la Péninsule Ibérique n'a pas connu l'âge du bronze, et cette hypothèse a sa raison d'être, puisque, jusqu'à présent, on n'a trouvé ni en Espagne ni en Portugal aucun atelier ou station de cette industrie. Le très petit nombre d'instruments de métal découverts dans ces deux pays fait croire que l'usage en était fort restreint; peut-être même qu'il n'y a pas eu dans la Péninsule Ibérique une époque de transition entre l'âge néolithique et l'âge du fer, comme cela est arrivé en Norvège, où il semble que l'usage du bronze n'a

<sup>1</sup> O sr. Possidonio perguntou ao distincto archeologo hespanhol, o sr. Dom Delgado da Roda, se no seu paiz possuía, ou tinha descoberto machados pelo typo a que se refere a comunicação, e enviou-lhe uma estampa com a representação d'elles. O sabio hespanhol respondeu: que não lhe constava que se tivesse descoberto em Hespanha, nem que se possuísse nos museus exemplar egual.

pas existé, puisque dans les *tumuli* fouillés on n'a trouvé aucune trace d'instruments de métal.

Cependant, il est bon de dire, que dans les dolmens découverts en Portugal sur le territoire de la province d'*Alemtejo*, on a trouvé quelques haches de bronze du type le plus primitif, et en tout semblables à celles qu'on a recueillies en France dans le Jura, ainsi qu'en Grèce. Ces instruments avaient peut-être été apportés dans la Péninsule par quelques tribus qui sont venues y séjourner. Mais on ne peut pas faire la même supposition pour les haches de bronze à *deux anses* découvertes dans les provinces de l'*Extremadura*, du *Minho* et de la *Beira-Alta*. Ces instruments sont d'un type essentiellement distinct de tous ceux rencontrés jusqu'ici dans les autres contrées de l'Europe, et cela donnerait à penser qu'ils seraient le produit d'une industrie péninsulaire. Et en effet, s'ils n'étaient qu'une imitation des instruments en usage chez les autres populations préhistoriques, comment se ferait-il que dans les nombreuses fouilles faites dans tous les pays, on n'eut pas trouvé de semblables? Les haches à *deux anses* que possèdent les musées d'archéologie d'Europe — et elles sont en très-petit nombre — ne sont pas d'une aussi grande dimension que les nôtres, leur forme n'est pas la même, et de plus elles n'ont pas le *talon plein*.

La hache découverte à *Abrigada*, dans la province de l'*Extremadura*, a la douille carrée, et *deux anneaux* sur le bord de cette douille, son tranchant est large et sa longueur est de 0,13°.

Parmi les haches trouvées à *Rodriz*, dans le *Minho*, il en est une dont la douille est ronde et fort large, et l'autre dont le tranchant est très développé, avec le *talon plein*; elles possèdent *deux anneaux* et leur longueur est de 0,18° et de 0,24°.

Celles qui ont été recueillies à *Ferreira d'Aves*, dans la *Beira-Alta*, au nombre de 19. Quelques unes d'entre elles étaient déjà brisées, d'autres usées, mais toutes avec *deux anses*. Ces instruments sont les plus grands connus jusqu'à ce jour, car ils mesurent 0,26° de longueur.

La forme essentiellement caractéristique de ces instruments de bronze dans ce pays, me fait supposer qu'il y a eu une industrie locale de ce genre en Portugal. Sa durée n'a peut-être pas été très longue, parce que l'usage du fer apporté par les Romains a fait abandonner l'usage du bronze, mais enfin tout porte à croire qu'elle a existé.

Il ne m'appartient pas de rechercher les origines du bronze; les Maîtres de la Science ici présents sont plus compétents que moi pour résoudre cette question difficile et obscure; je n'ai d'autre but que d'appeler l'attention des Membres du Congrès sur ce fait remarquable, que les haches préhistoriques trouvées dernièrement en Portugal sont uniques dans

leur genre. Puisqu'on a découvert sur notre sol des instruments de bronze d'un type spécial, tout à fait différents de ceux qu'on rencontre dans les autres régions, comment pourrait-on expliquer que l'industrie des haches à *deux anses* ne serait pas née chez-nous? Quoi qu'on ait trouvé dans nos dolmens des bronzes aux formes primitives, admettons que des fondeurs nomades aient importé en Portugal le type nouveau, ou qu'il ait été fourni aux populations néolithiques de la Péninsule Lusitanienne par des voyageurs de cette époque reculée. Mais alors, comment se fait-il, que dans les autres contrées de l'Europe qui devaient être fréquentées par ces mêmes nomades, on ne retrouve pas des haches semblables au type dont nous nous occupons?

Il est donc plus que probable, que ces industriels voyageurs ont amené un développement de l'industrie du bronze chez-nous, et qu'un type spécial est né de ce développement.

Quoique les investigations archéologiques soient faites en Portugal cette année avec un peu plus d'activité que par le passé, les recherches ne sont encore, il faut le dire, qu'à l'état de commencement. Il faut espérer qu'en poursuivant les fouilles avec persévérance et en divers endroits du pays, on trouvera des instruments de l'âge du bronze qui pourront nous éclairer plus nettement sur le sujet que je soumets à la critique des Membres du Congrès. Peut-être arriverons-nous alors à la conviction certaine que l'industrie typique des haches à *deux anses* avait été fondée sur notre sol, en imitant, il est vrai, la forme générale de ces instruments, mais aussi en altérant leurs dimensions, en les garnissant de *deux anneaux*, et en leur laissant le *talon plein*. Et ces modifications, en outre d'une forme caractéristique, marquent une provenance distincte de notre contrée, un type nouveau adopté sans doute parce que son usage en avait été reconnu plus commode.

On n'a pas retrouvé d'anciens moules de pierre ou de terre cuite qui puissent prouver l'existence d'une fonderie; mais, tout le monde sait, que les moules de ce genre ne sont pas indispensables pour couler le bronze.

Si on compare les haches qui ont été découvertes dans le Nord ou le centre de l'Europe et même celles qu'on a trouvées dans les autres régions, avec celles qui ont été recueillies en Portugal, on voit de suite que les formes et les dimensions des premières sont différentes des secondes. Ainsi au musée de Dublin on trouve des spécimens de ces instruments à formes courtes avec une douille ronde et *un seul anneau*, ayant tout au plus 0,9 centimètres de longueur. Les haches préhistoriques du musée de Stockholm ont à peu près la même forme, à une *seule anse*, mais avec un bourrelet autour de la douille; leur longueur est de 0,10<sup>e</sup> à 0,11 centimètres.

— En Allemagne et au Danemark, on trouve des formes analogues à celles qu'on rencontre en France, c'est-à-dire avec une douille ronde un peu profonde et un tranchant très développé, mais toujours avec *un seul anneau*, et d'une longueur qui varie de 13 à 17 centimètres.

Celles du musée de Genève, qui ont été découvertes dans le lac Léman et dans le lac de Neuchâtel, ressemblent aux haches trouvées dans le Jura, avec cette légère différence que la douille ronde arrive presque jusqu'au tranchant; elles n'ont qu'*une seule anse*, et leur longueur ne dépasse pas 19 centimètres.

Dans les *palafittes* du lac du Bourget, on a trouvé des haches qui ne sont ni complètement circulaires ni exactement carrées, mais toujours avec *un seul anneau* et d'une longueur de 18 centimètres. Les musées de Saint-Germain-en-Laye et de Lyon possèdent une très belle collection de ce genre découverte en France. Le musée Britannique, à Londres, montre aussi quelques haches de ce type.

Cependant on a trouvé en Russie une seule petite hache à douille ronde, avec bourrelet et ayant deux anneaux; mais ces anneaux sont fort petits et tout à fait différents des nôtres. Ajoutons de plus que ce n'est qu'une rencontre fortuite, un fait isolé qui ne peut pas servir de point d'appui pour détruire notre hypothèse, et qu'on n'en peut pas conclure qu'il y ait eu en Russie une industrie du même genre que celle que nous supposons avoir existé en Portugal.

Ce résumé rapide nous fait apprécier les différences qui existent entre les divers spécimens qui sont les types locaux de chaque contrée; c'est ce que Monsieur Chantre a fort bien expliqué en disant:

«Que peu à peu l'industrie du métal s'implante dans chaque pays avec l'aide d'ouvriers étrangers, et lorsque les indigènes y ont été complètement initiés, les formes primordiales se modifient, des types locaux sont créés, tout se spécialise de plus en plus dans un périmètre donné, et on arrive à se trouver en face de ces groupes distincts, que Mr. Hildebrand a proposé d'appeler des *provinces*.»

Le même développement a donc existé dans la Péninsule Ibérique et les haches qui ont été découvertes dans les trois provinces du Portugal, sont le produit local d'une industrie indigène.<sup>1</sup> La décou-

<sup>1</sup> On lit dans la publication du Musée Préhistorique, par Mr. le Professeur Gabriel De Mortillet, Paris, 1881, à la page 687: «Haches à talons avec deux grands anneaux latéraux. Beira-Alta (Portugal). Récoltes J. da Silva (Musée d'Archéologie Do Carmo, Lisbonne).

«Les haches en bronze de la péninsule ibérique, Espagne (\*) et Portugal sont généralement à deux anneaux.»

(\*) Nous avons demandé à l'éminent archéologue espagnol Mr. Don Juan de la Rode y Delgado, Membre de l'Académie de St. Ferdinand, de Madrid, s'il avait dans les musées espagnols des haches du même type. Ce savant m'a répondu qu'il n'y avait pas; et de plus, il n'avait aucune notice, d'en avoir trouvées en Espagne de semblables.

verte de ces instruments nouveaux et d'un caractère tout spécial, apporte une pierre de plus à l'édifice de la Science archéologique ; elle apporte une certitude à ce fait important que l'industrie du bronze avait subi dans chaque contrée un développement distinct, en créant des instruments d'une forme nouvelle, comme cela eut lieu en Portugal et d'un type particulier, c'est-à-dire avec *deux anses et talon plein*.

Jusqu'à présent on n'a pas trouvé dans nos contrées des haches à ailerons et à douilles rappelant les types anciens d'origine italienne.

Comme je l'ai déjà dit, je crois que l'âge du bronze n'a pas été de longue durée en Portugal, et mon opinion s'appuie non seulement sur la quantité excessivement restreinte des instruments trouvés dans ce pays, mais aussi sur ce fait connu que dans le commencement de l'usage du bronze dans les autres contrées, ce métal servit d'abord de parure. Toutefois, jusqu'à ce jour, on n'a pas trouvé dans la Péninsule Ibérique aucun ornement de bronze à cet usage.

On peut donc supposer que l'époque de transition de l'âge néolithique à l'âge du fer n'a pas été d'une grande durée, comme cela est arrivé dans le

Nord et le centre de l'Europe, parce que la matière précieuse, le métal, étant rare et difficile à se procurer, l'industrie de la fabrication des instruments de bronze n'eut pas une grande extension pour nos populations préhistoriques.

Je pris la parole, Messieurs, pour vous mettre au courant de la particularité archéologique qui nous a fait rencontrer, dans ce pays, des haches de bronze d'une forme caractéristique qui leur est propre, ce qui conduit à croire qu'il y a eu une industrie locale. Les anciennes populations de notre sol ont donc connu l'usage du bronze, et je suis heureux, Messieurs, de pouvoir vous dire que notre petit pays peut contribuer pour sa part à satisfaire les investigations préhistoriques des savants étrangers et leur fournir des renseignements qui pourraient être utiles aux études archéologiques de la Péninsule Ibérique.

Je serai très fier de penser que la modeste communication que j'ai l'honneur de vous faire, puisse avoir de l'intérêt pour vos savants travaux ; mais il me reste toujours à vous remercier, Messieurs, d'avoir bien voulu en prendre connaissance.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O município de Beja consultou a nossa Associação acerca do modo de restaurar a antiga ermida de Santo André, da era de 1139, no seu verdadeiro estylo. Já votou uma verba para esse fim. Merece muitos louvores a illustrada vereação, que sabe apreciar as nossas antiguidades, e tem empenho em que se respeite o typo de suas respectivas edificações. A nossa Associação fez lançar nas suas actas um merecido voto de louvor por este acto.

Do sabio director do grandioso Museu archeologico de Nurnberg, por intervenção do nosso digno presidente o sr. Possidonio da Silva, recebeu a nossa Associação uma preciosa obra tirada dos exemplares que possui aquelle afamado museu, que, pela sua grandeza e disposição, mais parece ser uma villa. Compõe-se esta obra de 250 estampas gravadas, sobre as armas de fogo, desde a sua remota origem até aos tempos modernos ; assim como uma curiosa collecção de estampas da idade media sobre assumptos religiosos. A associação fará uma exposição especial d'estas gravuras, unicas em Portugal, as quaes chamarão a attenção dos entendidos e a curiosidade do publico.

Foi apresentada na assembléa geral, pelo zeloso presidente da commissão dos monumentos nacionaes, a planta da grande parte já explorada da antiga cidade romana de Nabancia, proxima de Thomar, havendo uma particularidade bastante notavel: que os primitivos canos de esgoto d'esta cidade serviram agora, n'este inverno, para levarem as aguas da chuva ao rio Nabão, depois de d'zesete seculos em que se achavam entupidos.

O governo agraciou com o grau de cavalleiro da Ordem de Christo o proprietario dos terrenos em que se tem feito as escavações da cidade romana, para o galardoar pela sua bizarra condescendencia em permittir que se explorasse a sua propriedade para o descobrimento dos vestigios d'esta celebridade antiga.

Novos padrões de azulejos foram offerecidos para o nosso Museu ; bem como uma grimpa do principio do seculo xvi.

De uma moeda de ouro do tempo dos Godos encontrada no Sabugal, se fez aquisição para o nosso meda heiro ; veiu preencher uma lacuna nas nossas collecções.

A Sociedade dos Antiquarios e de Numismatica de Philadelphia nomeou socio correspondente o nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, declarando o secretario no seu officio de remessa do diploma, que aquella Associação o elegera por apreciar os seus trabalhos scientificos. Foi mais um titulo honroso conferido ao artista portuguez e tambem para a nossa Associação.

Foi incumbido de fazer a planta do theatro, que se vae construir em Elvas, o nosso consocio e distincto architecto, sr. Valentim José Correia.

O conselho facultativo da nossa associação resolveu lavrar na acta da sua sessão de 16 de março ultimo um voto de louvor ao nosso consocio o sr. José Maria Caggiani pela sua habil direcção das obras de que está encarregado no interior da igreja matriz de Lisboa.

## NOTICIARIO

Em França o governo dispõe todos os annos da verba de UM MILHÃO E MEIO de francos para a restauração e conservação dos monumentos historicos e artisticos. Damos a lista das obras para as quaes a commissão dos monumentos applicará no presente anno essa verba.

Para Arcos de Triumpho, Amphitheatros e Theatros antigos 8, Museus 3, Castellos 6, Cathedraes e Claustros 8, Egrejas 24.

O elevador electrico de Mannheine não necessita, nem de poço nem de embolos, como são precizos para os do systema hydraulico, pois lhe basta uma haste dentada para fazer subir a plataforma e descer, havendo apenas um braço que, fazendo-o girar á esquerda ou para a direita, faz parar, descer ou subir. Em uma experiencia, 8:000 pessoas subiram a 20 metros, sem o menor incidente.

Uma missão archeologica na Persia foi incumbida ao sr. Dieulafoy, com o fim de estudar os monumentos achemenídes e sassamides, assim como a sua decoração que era de faiança. Visitem a Fraz e a Susiana, que ninguem tinha ainda percorrido, e será n'essas cidades que principiará as suas investigações.

O acreditado jornal scientifico americano descreve a fabricação de uma substancia formada de serradura e kaolin destinada a servir para materiaes de construcção. Muitas casas de New-York estão construidas com estes materiaes, em lugar de madeira; facilmente pode ser serrado, aplainado, furado e mesmo polido. O seu peso anda quasi por metade do peso do tijolo, além de ter a qualidade de ser incombustivel.

Na Europa ha os seguintes theatros:

Na Italia, 348, França, 337, Hespanha, 160, Allemanha, 194, Austria, 132, Inglaterra, 150, Prussia, 44, Belgica, 34, Hollanda, 22, Suissa, 20, Portugal, 16, Suecia, 10, Dinamarea, 10, Noruega, 8, Grecia, 4, Turquia 4.

A commissão dos monumentos historicos de França, na sua sessão do mez de janeiro deliberou, fazer acquisição dos terrenos em que foram descobertas as ruinas de Sour-Djouab, em Argel, para assegurar a sua conservação.

Fallam os jornaes belgas d'um novo invento que deverá ser bem agradavel ás companhias de tramways.

E' um novo systema de freio: em lugar de applicar o travão contra as rodas e destruir por attricto o movimento da carruagem, aproveita-se esse movimento, no systema em questão, para ligar uma mola que se põe em contacto, quando se pretende parar, com os eixos da carruagem. Esta mola fica tensa durante a paragem. Quando se pretende retomar a marcha volta-se e ella, distendendo-se, actua sobre o eixo no sentido desejado, e dá á carruagem a impulsão que, por assim dizer, havia recebido á paragem.

E' a mola que põe assim a carruagem em movi-

mento e evita aos cavallos os terriveis excessos de força a que são obrigados á partida.

A invenção, cujo principio geral não é conhecido ainda, é verdadeiramente engenhosa: oxalá que na pratica seja exequivel.

Noticia um jornal belga que o vapor de helico *Sofia* foi alugado para fazer parte da expedição do professor Nordenskiöld á Groenlandia.

A escolha foi boa, ajunta o mesmo jornal, porque aquelle navio é todo construido de ferro e é empregado no inverno em fazer o serviço do correio entre a Suecia e a Finlandia.

A expedição partirá no mez de maio e depois de ter tocado em Rékjavik, capital da Islandia, para tomar carvão, atravessará os estreitos para attingir as costas da Groenlandia, que demoram a 64 grãos de latitude norte.

O gelo formou n'este sitio uma bahia, e crê-se que, em virtude da experiencia adquirida por numerosas tentativas já feitas, é por ali que mais facilmente se poderá penetrar no interior da Groenlandia, onde se encontrarão provavelmente as ruinas da colonia oriental.

Se por acaso o professor Nordenskiöld não conseguir desembarcar n'aquelle lugar, dirigir-se-ha para o sul e dobrará o cabo Farewell, seguindo quanto possivel a costa. Em seguida marchará para o interior de Disco, propondo-se visitar o cabo Melville e tentando depois chegar ao cabo York, á entrada de Smith-Sound.

Sob a presidencia do sr. dr. Brandt realisou-se em 13 de março findo uma reunião da commissão promotora do bazar de prendas, para a fundação da escola d'artes e officios da Sociedade de Instrucção do Porto. Foram assignados, para serem brevemente expeditos, os officios em que a referida commissão sollicita uma prenda de sua magestade a rainha e das sr.<sup>as</sup> condessa d'Edla, duqueza de Palmella e condessa da Praia.

Resolveu-se publicar a lista de prendas offerecidas e implorar a protecção dos negociantes do paiz para um fim tão benemerito e de tão elevado alcance.

O governo da Austria-Hungria acaba de convidar a França para tomar parte na exposição internacional de electricidade, cuja abertura se ha de effectuar em Vienna a 1 d'agosto proximo.

O *Jornal Official* da republica Franceza, de 22 de março, publica um aviso relativo ao concurso internacional para o monumento que se vae erigir em Roma a Victor Manuel II, primeiro rei d'Italia.

Na freguezia de S. Martinho de Dume, lugar da Espessande, por onde em tempos remotos se estendia a cidade de Braga, foram encontradas, nas escavações a que se estava procedendo para a abertura de um poço, diversas medalhas romanas e outras de oiro que ainda ninguem conseguiu classificar.

No mesmo sitio, além de alguns esqueletos pertencentes a epochas muito afastadas, appareceram tambem varios capiteis jonicos e um fuste de rara belleza.

O athencu archeologico de Braga foi immediatamente convocado e reunir-se-ia ali.

Nas activas excursões do sr. dr. Mattoso, na serra da Estrella, por occasião da expedição da sociedade de geographia, colheu s. ex.<sup>a</sup> um importante cabedal entomologico. Entre a sua collecção, já classificada, de nevropteros, em que ha exemplares formosissimos, ha sete *odonattes*, que se não sabia existirem em Portugal, e entre elles um raro, a *Achsna juncea*, de que o *Tableau des libellulidées d'Europe*, de Selys de Longchamps, circumscreve a habitação á Europa central.

Deve ser precioso o resultado final dos seus trabalhos.

Como se approxima a data da partida do ousado emprehendedor Fernando Lesseps para a Africa, julgamos não vir fóra de proposito a publicação d'uma carta em que elle expõe qual o caminho que pretende seguir e as considerações que lhe são suggeridas pelos seus innegaveis conhecimentos, a respeito do importantissimo emprehendimento que actualmente intenta levar a cabo,—a creação de um novo mar interior na Africa.

«Parto a 11 de março de Paris e a 12 de Marselha. Acompanham-me um engenheiro da companhia de Suez e meia duzia de apontadores. Não deixarei estes ultimos senão quando tudo estiver concluido. Dirigimo-nos a Gabés e em seguida percorreremos a região dos *chotts* (lagos salgados) a canalisar e examinaremos as sondagens do capitão Roudaire. Se as nossas observações confirmarem as experiencias do capitão, — o que não é duvidoso — estamos salvos.

Disse-se que os *chotts* estavam a uma altitude mais elevada que o nivel do mar; nós pretendemos que elles estejam a 12 ou 13 metros abaixo d'esse nivel. Afirmaram que os trabalhos de canalisação eram impossiveis, porque o terreno era rochoso. Ora as sondagens feitas até 50 metros de profundidade encontraram unicamente... saibro.

Verdade é que as affirmações destruidas pelas nossas experiencias, tinham sido feitas pela commissão official nomeada para estudar o assumpto e que era composta de 82 sabios. Até onde poderão ir 82 sabios que discutem!

Eu affirmava que o terreno era propicio e ajuntava que n'outro tempo, talvez mil annos antes de Christo, o lago que nós queremos crear havia existido e que um canal devia certamente ter sido coberto pelos saibros, onde actualmente se encontram os *chotts*.

Quereis saber o que objectaram os 82 sabios? — «Teriamos n'esse caso depositos alcalinos, listrões de sal e não encontraricis o saibro. Mas como não houve lagos nem canal não póde haver hoje terrenos saibrosos!»

Estes 82 sabios parece que desconheciam as correntes interiores submarinas descobertas ha 30 annos pelo capitão Maury e que fazem com que o Mediterraneo e o mar Negro não sejam lagos de agua doce.

Apezar de tudo, parto. A minha viagem durará um mez. Recebi uma carta d'Abd-el-Kader, escripta em uma linguagem elevada e que convem a um propheta verdadeiramente serio. N'esta carta, o emir pede aos marabuts e cheiks que me prestem todo o auxilio. Expõe ás populações indigenas as vantagens do mar interior: as suas propriedades serão respeitadas e dobrarão de valor.

Em resumo, vamos terminar os trabalhos prepa-

ratorios e entrar no periodo d'acção. A solução está proxima, por uma razão muito simples: — Não pedimos senão a iniciativa particular e abtemo-nos de qualquer auxilio official.

E' o unico meio, em negocios, de caminhar de pressa e bem.»

Sob a protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, e direcção da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, de que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando é presidente perpetuo, terá logar na Real Tapada d'Ajuda, em o corrente anno de 1883, devendo abrir a 20 de maio e durar 2 mezes, uma exposição agricola, votada pela Junta Geral do districto de Lisboa, em sessão de 26 de maio de 1882, e devidamente auxiliada pelo governo.

A exposição constará de todos os productos agricolas e pecuarios d'este disiricto, assim como dos similares d'outros districtos que por sua importancia se recommendem, e terá por fins principacs:

1.<sup>o</sup> Collecionar os typos authenticos de todos os vinhos do paiz onde sejam representados com o maior cuidado e escrupulo os vinhos mais aptos para fornecer o commercio francez:

2.<sup>o</sup> Estudar as charruas vinhateiras que melhor possam applicar-se aos nossos solos;

3.<sup>o</sup> Reconhecer, pelos exemplares que reuna das diferentes especies pecuarias, o estado e tendencias da nossa industria de creação de gados.

Para bem accentuar o caracter positivo e pratico d'esta exposição, proceder-se-ha a ensaios com todos os apparelhos e machinas que poderem funcionar n'essa occasioo fazendo trabalhar os oenothermos e os filtros no aquecimento e limpeza dos vinhos, experimentando as differentes collas e processos de collagem dos mesmos vinhos; ensaiando as batadeiras no fabrico da mantega, os apparelhos aratorios, os destinados á sementeira, ceifa, debulha e limpeza dos cercaes; os elevadores d'agua, as machinas trituradoras e auxiliares do fabrico de adubos, e as mais que por este meio possam ser avaliadas na sua utilidade pratica.

A exposição abrirá com um concurso de rosas, flores e plantas ornamentaes.

Para serem conferidos aos expositores que o merecerem, e segundo a distribuição da tabella que em tempo opportuno será publicada, haverá as seguintes ordens de premios:

- |   |              |
|---|--------------|
| 1. <sup>o</sup> Premio de honra, unico; |              |
| 2. <sup>o</sup> Premios pccuniaricos)   | } 5:000\$000 |
| 3. <sup>o</sup> Medalhas de prata       |              |
| 4. <sup>o</sup> Medalhas de cobre       |              |

Além d'estes haverá um premio de 300\$000 réis dado pelo conselho d'agricultura do districto de Lisboa ao expositor que melhor concorrer em assumpto d'interesse para o districto.

Pelos productos de qualquer especie que forem julgados de merecimento, mas ainda assim não dignos de premio, poderão ser concedidos diplomas de menção honrosa.

O preço da entrada no recinto da exposição será no primeiro dia, de 200 réis por cada pessoa e de 50 réis nos seguintes, excepto ás quintas feiras em que será de 100 réis.

Aos domingos a entrada será gratuita.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Synopse dos trabalhos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes relativa aos annos de 1880-1882, pelo sr. VALENTIM JOSÉ CORREIA.....	Pag 17
SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
Architectura ogival, pelo sr. J. P. N. da Silva.....	20
A architectura e a poesia, por D. JOSÉ GONZALEZ CARVAJAL ALTÉS.....	26
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.	
Explicação da Estampa n.º 46, pelo sr. J. da SILVA.....	27
Lisboa Antiga (fragmento de um capitulo do volume II d'esta obra) pelo sr. JULIO DE CASTILHO.....	29
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	32
NO FICARIO.....	32

#### Synopse dos trabalhos

da

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes  
relativa aos annos de 1880-1882

SENHORES: — Peço a permissão de vos apresentar este resumido relatório a respeito dos trabalhos que tiveram logar no periodo comprehendido desde o começo do anno de 1880 até ao fim de 1882, e de que não se pode dar desenvolvido conhecimento em nenhum dos numeros do *Boletim* d'esta real associação, publicados no mesmo periodo.

A associação obteve deferimento, não só no pedido que dirigiu ao ministerio da guerra para lhe ser cedido para o seu museu o tumulo de D. Duarte de Menezes existente na igreja profanada de S. Francisco em Santarem, como tambem no que dirigiu ao ministerio das obras publicas para a renovação do assentamento nos terraços que cobrem as capellas d'esta antiga igreja do Carmo; porém foi-lhe indeferido o que dirigiu á camara municipal de Lisboa, para ter serventia pelo denominado corredor do Carmo, logradouro privativo da igreja, pelo fundamento de estar alugado a um particular!

Por intervenção do socio sr. general Antonio Pedro de Azevedo, a direcção geral do ministerio da guerra enviou-nos dois exemplares da primeira folha da carta geo-hydrographica da ilha da Madeira.

O ministerio das obras publicas encarregou esta associação de formular a relação dos edificios que devem ser considerados como monumentos nacionais, cujo encargo foi satisfeito. Esta relação e o parecer que conjuntamente se lhe apresentou, foram impressos no *Boletim* e em separado, distribuindo-se não só pelos socios como tambem pelas corporações e associações scientificas e artisticas, nacionais e estrangeiras, com as quaes se está em correspondencia, além de terem sido publicados no *Diario do Governo* n.º 62 de 1881.

A mesa da assembléa geral foi convidada pelas seguintes corporações e associações, como representante d'esta associação: — Academia das Sciencias, para a sessão solemne da inauguração dos congressos anthropologico e litterario; — Direcção da companhia das aguas, para a solemnidade pela chegada da agua do Alviella ao reservatorio na cerca do extincto convento dos Barbadinhos em Lisboa; — Comissão da imprensa, não só para fazer parte da mesma comissão, a fim de tratar dos festejos para a solemnisação do tri-centenario de Camões, visto que a associação publica este *Boletim*, como tambem para represental-a em todos os actos dos mesmos festejos; — Comissão executiva da associação academica para a celebração do centenario do marquez de Pombal, para fazer parte do cortejo civico; — Associações medica, pharmaceutica, e outras, para as suas sessões solemnes e annuaes.

A camara municipal de Elvas pediu para a sua bibliotheca uma collecção das publicações d'esta associação; o que gostosamente lhe foi concedido.

Continua-se a effectuar a troca do *Boletim* com as publicações das corporações e associações, scientificas e artisticas, nacionaes e estrangeiras, com as quaes isto estava estabelecido, tendo-se conseguido tambem estabelecer com mais duas associações, a do — Collegio dos architectos e engenheiros italianos em Roma, e de bellas artes de Caen, França.

Foi augmentada a nossa livraria com as seguintes ofertas de livros, folhetos, desenhos e estampas: — Relatorio do engenheiro José Emilio de Santa Anna da Cunha Castello Branco ácerca dos systemas modernos de canalisação, offerecido pelo ministerio das obras publicas; — Descrição geral e historica das moedas cunhadas em Portugal, offerecida pelo seu auctor nosso consocio o sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão; — *Lusiadas de Camões*, edição mandada publicar pelo gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, por occasião do tricentenario do fallecimento do seu auctor e offerecida pelo mesmo gabinete; — *Camões e o povo portuguez*, offerecido pelo seu auctor nosso consocio sr. Mathias José de Oliveira dos Santos Firmo; — Relatorio da commissão encarregada de descobrir os ossos de Camões, offerecido pelo sr. conselheiro José Tavares de Macedo; — Uma remessa de livros vindos de *Smilhsoman Institution*, por intermedio do sr. bibliothecario da Escola Polytechnica de Lisboa; — Dois projectos architectonicos, diferentes livros e folhetos, offerecidos por diversos individuos, por intermedio do architecto o sr. de Bockmam, de Bombaim; — Desenho de uma inscripção gothica, que se refere a S. Torcato, offerecido pelo nosso consocio o sr. Cesar Augusto Pinto; — *Calque* de um monumento que existia antigamente na cathedral do *Noyon* á memoria do conde de Flandres D. Fernando de Portugal, offerecido pelo nosso socio honorario o sr. conde de Marsy; — Estudos sobre a architectura contemporanea, do nosso socio correspondente mr. Emilio Trelat; — *Assumptos archeologicos*, de D. Francisco Martorelle y Pena, offerecido pelo sr. Juan Martorelle y Pena; — *El Germideuse y la Espana Primitiva*, offerecida pela sr.<sup>a</sup> condessa do Lavradio; — Relatorio do anno de 1879 do gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro; — *Les échanges internationaux littéraires et scientifiques* de mr. Alphonse Passier; — *Die Anthropogen in und Salzburg* de mr. H. Schaaffausen; — *Musée préhistorique* de mr. Gabriel et Adrien de Mortillet; — *Der neunte international congrès préhistorische anthropologie und archeologie in Lissabon*, por mr. Schaaffausen; — *Monumentos prehistoricos* de mr. Mortillet,

em que se vêem os desenhos dos machados de bronze descobertos em Portugal; — *Étude sur quelques monuments Portugais*, pelos consocios correspondentes mrs. Paul Sébille et Charles Lucas; — *Boletim de de archeologia christan*, pelo nosso socio honorario mr. Giovanni Baptista de Rossi; — Apontamentos para a historia de Guimarães, offerecidos pelo seu auctor o reverendo José Ferreira Caldas; — Nota sobre um anel *Meroviengien*, offerecido pelo seu auctor mr. le Comte de Marsy; — As artes portuguezas no seculo XIX, do sr. Alfredo Elvino da Silva; — Photographia d'uma inscripção arabe achada em Hespanha acompanhada da sua decifração, offerecida pelo sr. D. Pedro Berenguer; — Catalogo dos pergaminhos do cartorio da universidade de Coimbra; — Notas de archeologia dos castellos ou montes fortificados de Colla e Castro Verde, do dolmen furado da Candieira e da Citania de Briteiros, pelo nosso socio sr. Gabriel Pereira, de Evora; — Um desenho da decoraçáo do tecto da sala da universidade de Evora, mandado construir pelo cardeal D. Henrique, offerecido pelo professor de desenho sr. Joaquim Lopes da Cruz, copiado do original do mesmo tecto; — E a folha n.<sup>o</sup> 4 da carta chorographica do reino, offerecida pela direcção geral dos trabalhos geodesicos.

Os objectos que deram entrada no nosso museu, quer fossem para estarem n'elle depositados ou quer por terem sido offerecidos á associação, indicando-se conjunctamente quem os mandou, são os seguintes: — Uma collecção de exemplares prehistoricos, do nosso correspondente o sr. barão de Baye; — Outra de mineralogia do sr. Manoel Antonio Gonçalves Roque, Rio de Janeiro; — Uma bengala japonesa e uma medalha, do sr. Carmo, de Alemquer; — Uma medalha commemorativa do tricentenario de Camões, da associação do gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro; — Um azulejo do edificio dos Freires de Christo em Thomar pelo nosso socio correspondente o sr. João Read da Costa Cabral; — Um fragmento de mosaico achado em Troya, pelo sr. R. X. da Silva; — Outro fragmento de mosaico romano encontrado na herdade da Morgada, no districto de Evora, pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. The-reza de Saldanha Oliveira e Sousa; — Uma collier de prata que pertenceu ao convento de Alcobaça, medalhas portuguezas, e tijolos, asulejos, fragmentos de mosaico e um bloco de cimento, tudo romano, bem como mais outros objectos encontrados em escavações effectuadas em Alemquer, pelo nosso socio o sr. Visconde de Alemquer; — Um machado de bronze achado na Covilhã, pelo sr. Caetano Delfim Alvinhosa; — Um capitel romano de marmore branco, achado no Porto, pelo sr. Luiz Pinto Mesquita de Carvalho; — Um machado de bronze e outro de pedra encontrados em Thomar, pelo nosso socio o sr. vis-

conde da Torre da Murta; — Um cordeiro e um crucifixo, o qual estava collocado sobre o cordeiro, tudo esculpido em pedra e de esculptura antiga, e era o remate da fachada de uma casa em Caminha, pelo sr. Possidonio da Silva; — Um fragmento de mosaico romano, achado em Troya, pelo sr. I. J. R. da Silva; — Duas camas, tendo brazões esculpidos, do nosso socio o sr. Francisco da Silva Vidal Junior; — Um altar com embutidos de marmore, da extincta igreja dos Loyos, pelo ministerio das obras publicas; — Uma telha romana, pela companhia das aguas: — Um machado grande de pedra, do Rio Grande do Sul, pelo sr. Delfim Alvinhosa, no Porto; Um brazão esculpido em pedra, do nosso socio sr. João Antonio Pinto; — Um machado de pedra polida, pelo sr. José Joaquim da Nova; — Quatro chaves da igreja do antigo convento de Santa Clara de Santarem, pelo sr. D. Nicolau Diaz y Perez; — Um quadro de azulejos, uma manilha, um bocado de cêpa e dois bocados de cantaria lavrada, do antigo palacio do Côrte Real, descobertos em escavações feitas no Arsenal da Marinha de Lisboa.

Foram objectos do museu d'esta associação, tanto para a exposição da arte ornamental effectuada em Lisboa, como para a da industria ceramica que recentemente teve lugar na cidade do Porto, escolhidos pelas commissões executivas das mesmas exposições.

Por obito perdeu a associação, não poucos socios, e no numero d'elles um dos seus fundadores, o architecto sr. Paulo José Ferreira da Costa; o dedicadissimo e prestante socio o sr. Francisco José de Almeida; os antiquissimos socios os srs. José Cinatti, Achille Rambois e José Machado Carreira dos Santos, e o respeitabilissimo socio archeologo o sr. conselheiro Carlos Ribeiro; além de outros mais, nacionaes e estrangeiros, que lhe prestavam tambem bons serviços.

Houve admissão de muitos socios, até de respeitabilissimas senhoras, sendo o augmento que houve na classe dos socios effectivos, pela admissão dos seguintes candidatos: ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcellos; D. Isabel Faria da Conceição Ribeiro da Silva e Freitas; D. Maria de Deus Aguiar e Freitas, condessa da Torre; D. Candida Augusta Paes da Costa Nunes; condessa da Praia da Victoria; condessa do Lavradio; condessa do Rio Maior D. Maria; D. Carolina Coronado; D. Maria do Carmo Feijóo de Sousa e Mello; D. Maria Emilia Caldas da Silva; D. Maria Batalhoz de Vilhena Barbosa; D. Maria Schaaffausen; condessa de Castro e D. Gertrudes Magna do Nascimento Margiochy; ex.<sup>mas</sup> srs. Joaquim José Rodrigues; dr. Urbino de Freitas; Candido Mendes de Almeida; Nuno Moraes do

Couto de Albuquerque da Cunha; visconde do Rio Vez; conde de Aljesur, José Heliodoro dos Reis e Sousa; dr. Annibal Alvares da Silva; Francisco da Silva Vidal Junior; Fernando Mendes de Almeida, Manoel Falcão da Cotta Bourbon e Menezes; Julio Carlos Mardel de Arriaga; Antonio Ferreira Caldas; Victorino de Santa Anna Pereira de Almada; João Antonio Freitas Fortuna; capitão Gerardo A. Perry; Antonio Pimentel Maldonado; e Antonio Thomaz Pires.

Na classe dos socios correspondentes os srs.: architecto prussianno Sollun; dr. Hermann Schaaffausen; Henri Martin; membro do instituto de França; D. Juan Vilanovay Piéra, de Hespanha; conde Jean Zawesza de Polema; abbade dr. François Florian Romer, da Hungria; visconde de Bivar; José Nunes da Silva Sobrinho; A. Bomk, da Belgica; B. Beedham de Londres; conde da Praia da Victoria; o cavalleiro Alexandre, filho (Kraus, de Florencia); D. Miguel Velasco y Santos de Valencia; Emile Travers, de França; D. João Mortarel; D. João Dias de la Rada; Ramiro Amador de los Rios, de Madrid; Eusebio David Nunes da Silva; Victorino Almada; Antonio Joaquim Vieira Pimentel; Caetano Delfim Alvinhosa; Clement Sipiére de Toulouse; architecto Fonlhous, francez; Luiz Pinto de Mesquita Carvalho; Alfonse Passier, francez; P. A. Berenguez, hespanhol; Zeferino Brandão; D. José Ramon Berenguer; Francisco Neves de Castro; archeologo de la France; port, reverendo Joaquim da Rocha Esperança; Anselmo de Assis de Andrade; Mechinot de Kichemond; Louis Eugène Meynez, francez; dr. José Heromenogil; Fernando Anselmo Pires; Paul Crepy; Emile Bigo; e marquez de Vasselot, francezes.

A pertinaz doença de que foram atacados os srs. conselheiros Feijóo e Figanière tem privado a associação da continuação da assidua e importante coadjuvação que anteriormente lhe prestavam tão dedicados e instruidos socios.

A irmandade de S. Pedro na cidade de Guimarães pediu a esta associação o seu parecer ácerca do projecto que tinha mandado fazer para a conclusão da sua igreja. E a sociedade denominada *Architectura e Amizade* pediu uma relação das sociedades ou clubs artisticos existentes em Portugal e Hespanha; cujos pedidos foram satisfeitos. Igualmente satisfez-se ao pedido da sociedade de archeologia christan, para a nossa associação concorrer na subscrição destinada á cunhagem de uma medalha de ouro commemorativa do sexagesimo anniversario natalicio do distincto archeologo o sr. commendador Giovanni Baptista de Rossi.

Com isto termino, porque tudo o mais tem sido publicado no *Boletim* da associação.

Lisboa 10 de fevereiro de 1883.

VALENTIM JOSÉ CORREIA,  
Secretario da Mesa da Assembléa geral.

# SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## ARCHITECTURA OGIVAL

Vamos começar a descrever succintamente a historia artistica dos tres seculos da architectura da idade media, afim de fazer apreciar, tanto quanto nos fôr possível, as differentes phases que caracterisam a arte ogival, conforme a analyse que os architectos mais abalisados emprehenderam ácerca d'este estylo; considerando n'esta apreciação os monumentos mais dignos para o nosso estudo, e procurando sempre demonstrar em que consiste a differença de suas successivas modificações.

Esta publicação é tirada dos trabalhos que fizemos para darmos prolecções na Associação dos architectos civis portuguezes em 1866.

A theoria sobre a arte ogival póde ser deduzida, sem duvida, pelos estudos das obras primas que n'este periodo se executaram na Europa; mas ha tambem a attender aos principios invariaveis que devem dirigir o observador nas suas apreciações, para se avaliar como elles serviram aos architectos de norma na execução d'essas suas edificações.

O fim supremo da arte, em qualquer dos estylos, é a realisação da belleza. Podemos pois, ponderar, antes de tudo, qual foi este sentimento poderoso que arrebatava a nossa alma e lhe arranca um brado de admiração? Será isso motivado pelo attractivo do bello que existe, quando contemplamos as producções da natureza? Vejamos, pois, como elle nos impressiona, e em seguida demonstraremos como elle deverá ser representado na architectura.

A natureza faz brilhar o bello á nossa vista nas scenas infinitamente variadas que existem no mundo; ficando nós impressionados, quando contemplamos as alcantiladas montanhas, das quaes o cume se perde nas nuvens, assim como vendo o immenso oceano, no seu estado tranquillo ou embravecido, agitando as suas vagas com violenta furia; ou então observando o rio que corre placido na campina ou nos campos fertéis e nas florestas impenetraveis, produzindo em nós egual sensação, e penetrando no profundo silencio de suas solidões! Na presença d'estes sublimes espectaculos, apparece o homem, do qual a belleza, como producção do Creador, prevalece sobre as outras bellezas mais maravilhosas da terra!

Em todos estes encantos são as apparencias que despertam os nossos sentidos; porque qualquer belleza physica não é mais do que o exterior de uma belleza de uma ordem muito mais superior, de uma outra belleza invisivel! Qualquer d'ellas, depois de haver deleitado a nossa vista ou os nossos ouvidos, penetra até á nossa intelligencia e á nossa alma,

sendo por esta forma que nos causa os mais intimos e os mais deliciosos prazeres.

A natureza excita primeiro os nossos sentidos; mas quando ella nos captiva pelos seus encantos, é então á nossa alma que ella se dirige; por exemplo, quando gosamos aquella agradável distracção que produz em nós, o dia ao approximar-se a noite; ou as outras impressões mais jucundas que nos offerece ao seu alvorecer, estando ainda impregnado o ar com os perfumes balsamicos das plantas; todas essas sensações, e aquellas que cada um de nós tem mil vezes experimentado, não residem nos sentidos, mas sim nos são communicadas por uma linguagem secreta, que dimana da natureza, e sem a qual todos estes esplendidos espectaculos ficariam sem nenhuma significação para nós.

Não procuraremos analysar esta linguagem, nem discuti-la; nem tão pouco intentamos delinir o character da belleza invisivel, deixamos isso para os profundos metaphysicos; mas quando a nossa alma excitada estremece de prazer na presença de alguma scena da natureza, conhecemos pelo menos que não foi á materia que prestamos homenagem: o nosso culto se dirige a uma belleza invisivel, da qual as apparencias sensiveis não são mais que percepções auxiliadoras.

E sempre a elegancia, a harmonia das fórmulas, que attrae a nossa attenção; porém se estas apparencias exteriores se apoderam de nós, foi porque naturalmente deduzimos da belleza physica uma outra belleza mais preciosa, da intelligencia e da alma. Por quanto, a belleza da alma póde mesmo captivar-nos, não obstante a fealdade do rosto; sob essas formas desagradaveis, ella estará como encoberta debaixo de um véo mais denso; todavia, patenteando-nos as suas faculdades, esta revelação illuminará as feições que nos pareciam hediondas; pois que a fealdade physica ficará compensada, transformada pela belleza moral.

Na natureza, tanto no homem como em todos os espectaculos que nós admiramos, se manifesta sempre por apparencias sensiveis; mas na sua essencia ella está invisivel. É invisivel da mesma fórma que são as idéas de uniformidade, variedade, grandeza e harmonia, pela razão de participarem do character da verdade: portanto, esta definição, sem ser a mais explicita, pelo menos é a mais simples, e talvez a unica que satisfaça melhor será aquella que nos deixaram os antigos — *O bello é o esplendor da verdade* — isto é, o clarão pelo qual a verdade illumina a nossa intelligencia e a captiva.

Conhecendo nós o que distingue o bello na natu-

reza, nos será facil de reconhecer aquillo em que deverá consistir nas obras d'arte. Pois sendo na natureza, a belleza physica a manifestação, a apparencia exterior da belleza invisivel, intellectual e moral, será tambem esta belleza invisivel que a arte exprimirá pelas fórmãs sensiveis, das quaes ella se serve. O artista procederá como lhe indica o Creador do mundo. Reconhecendo o bello, ficou encantado; e depois de o ter contemplado, quiz experimentar se o poderia reproduzir, mostrando-o na sua obra; porém era evidente, que fôra unicamente á nossa intelligencia que elle se dirigiu, servindo-se de fórmãs, de côres ou de sons; e por este modo ella penetrará até á nossa alma, e produzirá n'ella uma ineffavel commoção, que nos causou a vista d'essa belleza.

Portanto a Arte nos poderá manifestar bellezas intellectuaes e moraes, verdades immutaveis de justiça, de equidade, nobres aspirações de dedicação, ou então nos recordará as leis admiraveis de uniformidade, de ordem, harmonia que tem presidido á criação do Universo, sendo esta representação invisivel por fórmãs sensiveis: tal é pois o fim das Bellas-Artes.

As fórmãs exteriores, nas artes como na natureza não são, por assim dizer, o symbolo da belleza invisivel. A arte, com o symbolismo natural, como acabamos de explicar, tem-no muitas vezes empregado como auxiliar, para exprimir as suas idéas. como sendo um symbolismo convencional, do qual a significação assenta sobre os costumes, as crenças dos differentes povos; alguns objectos tomam uma significação pelas recordações a que estão ligados: como a imagem da cruz é para todos os christãos o mais augusto de todos os symbolos. Outros objectos recebem uma significação mais elevada que aquella que teriam por si mesmo; por exemplo, um leão vem a ser o emblema da força moral; o gallo o emblema da vigilancia; o cão o emblema da fidelidade. Outros objectos finalmente tomam, pela vontade d'aquelles que os adoptam, toda a sua significação; assim como certos attributos ou brazões, o anel nupcial, a bandeira que é para cada nação o signal dos seus direitos e da sua independencia, e pela defeza da qual os militares não hesitam expôr-se aos perigos mais arriscados.

O paganismo tinha tambem os seus symbolos e todos os attributos dos seus deuses. Mas talvez mais que em nenhuma outra epocha, o symbolismo estivesse em maior applicação nas differentes artes como foi na idade media: — Dae, escrevia S. Victor, dae a todas as partes de uma igreja uma significação symbolica, pois n'isso não ha nada de inutil.

A expressão da belleza sendo o fim da arte, as differentes artes podem ser classificadas conforme os recursos de expressão de que dispõem. Por esta

razão a poesia toma o primeiro logar, a musica o segundo, e a architectura o terceiro, seguindo-se depois as artes de imitação.

O poeta poderá descrever todas as bellezas da natureza; traduzir-nos os sentimentos mais intimos da nossa alma; fazer-nos seguir<sup>o</sup> na sua successão rapida as nossas sensações mais fugitivas; exprimir-nos com clareza os pensamentos mais variados e mais sublimes. Prestará maior encanto á linguagem humana, dando-lhe cadencia e harmonia nos sons; será sublime, principalmente, porque poderá animar o drama que nos relata fazendo-nos apaixonar; introduzir nos cantos as suas aspirações, fazer passar nos seus versos a sua alma, o seu entusiasmo. Se os factos que nos refere não estiverem registrados na historia, ou se pertencerem ás paginas das quaes os acontecimentos foram violados ou esquecidos pelo correr dos seculos, esses factos serão transformados com a nossa inteira adlerencia, pelo prazer que nos dará, devido á fertilidade da sua imaginação e á elegancia de suas miragens; subjugando nossa attenção, nos fará passar horas da mais deliciosa distracção. O poeta, como o define o vocabulo grego — *é o creador por excellencia entre todos os artistas.*

Se a musica pelo encanto irresistivel de suas melodias produz em nós, com uma prodigiosa velocidade, as sensações mais fortes e mais diversas, e por um privilegio especial encontra um ecco mesmo nas almas das pessoas ignorantes d'esta arte; posto que não possa exprimir a minima affirmação, o descrevel-a ou imaginal-a para dar os differentes aspectos á natureza; todavia é eminente em expressar as paixões. Na verdade não poderá fazer sentir um grande numero distinctamente e com exactidão; posto que possa exprimir admiravelmente a alegria ou a colera: porém difficilmente nos dará a conhecer a causa d'essas sensações sem o soccorro da palavra. Todavia, a musica mesmo pelo indeterminado de sua expressão, é mais poderosa a exaltar a alma e transportal-a ás regiões desconhecidas do invisivel e do ideal. Ainda muito melhor o fará, empregando os sons da voz humana, do que servindo-se de todos os instrumentos para completar os seus efeitos melodiosos; porque encontrará um verdadeiro ecco na nossa alma; vindo a ser portanto incomparavelmente ainda mais poderosa; quanto á significação de suas notas, serão determinadas pela cadencia da poesia, e sobretudo quando a estes recursos reunidos da musica e da poesia, se ajuntam ainda todos os auxilios expressivos das outras artes, que, apoderando-se da attenção do homem pela sua vista, ficará captivado por todas as suas faculdades.

Posto que a belleza que representa a architectura não esteja tão patente, por não poder dispôr da linguagem figurada em harmoniosos versos para a ma-

nifestar, assim como por não ter a faculdade de allrair a attenção, fazendo vibrar melodiosos sons; todavia possui, reunindo em si, o sublime que inspirou o mais eloquente poema, bem como a precisa afinação de uma encantadora harmonia, que nos patenteia as suas admiráveis combinações; mas não foi por certo na architectura grega que essa portentosa realisação se operou; não obstante o incontestavel merecimento das suas bellissimas proporções, nem tão pouco apparece n'aquella que os romanos empregaram nas suas faustuosas construcções; porque não basta só a esmerada escolha do perfeito na arte, nem sómente haver uma ostentação prodiga de ornatos, como se serviam nos seus edificios, sendo este o principal caracter que faz distinguir tanto estes dois povos nas suas respectivas architecturas, para que tenha o poder de impressionar a alma pelo seu mysterioso aspecto, captivando ao mesmo tempo a maior admiração pela ousadia da sua temeraria concepção; porém, foi dado esse esforço sublime á intelligencia dos habéis architectos da idade media, na execução dos seus portentosos monumentos ogivaes.

Ainda que em qualquer Arte seja preciso apresentar formas, ficando ligadas entre si para compôr um complexo; entretanto o artista modifica essa combinação com o fim de manifestar um determinado caracter; porém não é necessario em qualquer d'ellas, que este conjuncto corresponda a objectos reaes, basta que exista; portanto se notarmos reunião de formas, que não sejam imitadas de objectos reaes, é por que havia artes que não precisavam ter por ponto de partida a imitação. Foi isso mesmo que aconteceu, e deu á origem á architectura e á musica. Sem duvida, se pozermos de parte as connexões, as proporções, as dependencias organicas e moraes que copiam as artes imitadoras, veremos que existem sómente relações mathematicas na combinação das duas artes citadas, as quaes não imitam cousa alguma.

Consideremos primeiramente as relações mathematicas percebidas pelo sentido da vista. As grandezas sensiveis á vista podem formar entre si conjunctos de fórmulas reunidas por regras mathematicas. Sobre este conjuncto de fórmulas é que se estabeleceram a architectura. Podendo portanto esta arte conceber qualquer caracter dominante, como a magestade, a singeleza, a força e a elegancia, como praticaram na Grecia e em Roma; ou então a variedade, o infinito, o mysterioso e a immensidade, como aconteceu nos tempos da architectura ogival, podendo-se, pois, escolher e combinar as reclamações, as proporções, as dimensões, as formas de maneira a manifestar o caracter concebido. Na architectura, como nas outras artes, a obra tem por objecto o manifestar algum caracter essencial, e empregando por modo

tal uma reunião de fórmulas, das quaes o architecto combina ou modifica essas relações, conforme o seu talento e o estylo que deverá adoptar.

Agora que nós conhecemos qual foi a origem da arte, podemos comprehender melhor a sua importancia. No momento em que uma nação aspira a uma existencia superior, seu estado primitivo, para alcançar tem dois modos a seguir; o primeiro, é servir-se da sciencia pela qual se exprime por formulas exactas e em termos abstractos; o segundo é a arte, pela qual manifestava já essas causas e essas leis fundamentaes, e não por meio de definições aridas, inacessiveis ao vulgo, e unicamente intelligiveis para alguns homens especiaes, mas de uma maneira evidente, dirigindo-se não sómente á razão, como tambem aos sentidos e alma do individuo o mais obscuro. A arte tem isso de singular, é ao mesmo tempo superior e popular, pois pôde manifestar tudo aquillo que ha de mais sublime, manifestando-o para todos.

Se, pois, consideramos a architectura sob todos os seus aspectos e sob todas as suas relações tanto na sua essencia, como nos seus fins, em todos os povos do mundo, e em todos os tempos, se reconhecerá sem duvida alguma que a arte de edificar deve o seu principio á imperiosa necessidade que experimenta naturalmente o homem de procurar um abrigo contra os rigores das estações, assim como de ter um refugio contra os perigos que o cercam, e portanto a architectura deve-se reputar como sendo a arte mais util de todas, e ainda mais ella merecerá a nossa consideração por ter sido a unica que precedeu ás outras artes liberaes.

Se, como acontece a todos os seres, o homem foi dotado do instincto pela sua conservação, além d'isso, possui uma intelligencia superior, a qual dispõe a aperfeiçoar tudo que intenta executar.

Não será, pois, de admirar ter elle no seu estado primitivo providenciado primeiramente aquillo que julgou lhe seria mais necessario; e que depois tivesse no estado de uma civilisação progressiva, produzido esses magestosos monumentos, e essas habitacões vistosas, que estão em harmonia com as organizações respectivas das sociedades, e que, contemplando-as, produzem em nós tão diversas sensações.

Devendo, portanto, a architectura a sua origem á necessidade, e o seu aperfeiçoamento progressivo á civilisação, como acabamos de expôr, estas duas importantes causas lhe deram um lugar dos mais distinctos entre todos os povos do mundo.

Quando se considera que de commum concerto com as outras artes, a architectura tem sido em todos os tempos reclamada para restituir o esplendor aos sanctuarios, para perpetuar a recordação de nobres acções e os serviços prestados á patria, não

se pôde negar que não esteja essencialmente ligada á historia dos povos.

Quantos illustres cidadãos, os heroes da patria e benemeritos philantropicos, teriam ficado no esquecimento, se os monumentos depois de terem resistido aos seculos, não tivessem conservado seus nomes até ao presente. O interesse tão activo que se liga presentemente ás descobertas de antiguidades em todos os paizes e das differentes epochas, confirma o louvavel desejo de nos instruirmos de tudo aquillo que diz respeito aos povos d'esses remotos tempos. Não tem sido com o auxilio dos monumentos da architectura que temos visto nações já ha muito extinctas, sobreviverem? Não são os monumentos, na realidade, os unicos depositarios da gloria, do saber e do genio das nações? Não indicam elles qual foi o auge de perfeição a que chegaram as artes n'esses tempos, e qual o grau de decadencia em que descaíram? Quantos, depois de haverem triumphado da destruição do tempo e do vandalismo, parece terem-se conservado como testemunhas, pela presença dos quaes nos é permitido podermos apreciar os seculos passados?

Examinando cuidadosamente os monumentos pertencentes ao XIII seculo, reconheceremos qual foi o auge que a architectura ogival obteve, e quanto os architectos d'essa epocha souberam com excessivo talento imprimir n'esses estupendos edificios um asombroso character, ou para melhor dizer, assignando um singular movimento de ascensão, o qual foi indicado n'essas altissimas columns, fazendo-os subir sem nenhuma interrupção até ás abobadas; parecendo erguerem-se, como se saíssem inteiriças das suas bases. O monumento, em lugar de estar firmado sobre pontos de apoio horisontaes, pelo contrario eleva-se magestosamente, formando-se sobre estes perpendiculares.

Uma outra invenção maravilhosa foi na feliz collocação dos arcos ogivales das abobadas. Por este meio poderam os architectos dar ao templo uma grandissima elevação, conservando-lhe ao mesmo tempo uma incrível leveza; e tanto mais esta era maior, tanto mais altura se podia obter; pois que ficando os seus pontos de apoio reduzidos meramente a não ser mais que simples verticaes resistentes, podiam subir, augmentar, prolongar-se sem necessitar dar-se-lhes maior grossura. Em consequencia d'este admiravel resultado, conseguiu-se encher de uma excessiva claridade o templo, e essa luz era mesmo tão abundante, que tirava ao monumento a sua poesia religiosa; porém esta architectura tão creadora e cheia de prestigio, achou meio de modificar esse excesso de luz, o qual teria sido não só uma distracção para o espirito, como uma fadiga para a vista. Então o engenheiro do artista inventou as vistosas pinturas nas vidraças, a qual moderando

os raios do sol lhe restitue as mimosas cores do prisma, sendo os vidros atravessados por essa luz resplandescente, por tons refulgentes de rubis, esmeraldas e safiras, enchendo de um agradável mysterio e magnificencia as extensas naves do templo, assim como na disposição curvissima que formam o sanctuario e as capellas que ladeiam o altar-mór; bem como penetrando mais nas profundas *absis*. Dos famosos thesouros do Oriente, que os reis magos haviam trazido outr'ora para depôr aos pés de um Deus apenas nascido em humilde albergue, vê-se ainda o seu brilho nos engraçados florões que servem de espelhos, nos portaes e nos transparentes, enchendo essas vidraças o espaço que os adornam, onde apparece o reflexo esplendido das pedras brilhantes e do ouro. No meio d'este precioso cofre de joias, veem-se suspensas as imagens dos santos e de anjos, revestidos com os seus mantos luminosos, parecendo abrir aos christãos as portas do paraizo, indicado por essas perspectivas luzentes; ou então o inventivo architecto representa as devotas legendas, que o pintor executa, distribuindo-as nas pequenas divisões d'essas elegantes vidraças e da qual um sem numero de episodios vistos atravez do tecido de chumbo que as cercam e as separam, compõem uma historia edificante, como se fosse uma revelação milagrosa que surgiu para invadir a alma por pensamentos vagos e sonhos mysteriosos!... Esta poesia junta a tanta harmonia produz impressões graves, prepara o espirito a meditação e estende um véo de melancolia sobre a mystica basilica disposta em todas as suas decorações aos deliciosos sentimentos, que nos inspira a alegria de um dia esplendido.

Portanto, quem negará não ter experimentado, entrando n'essas attractivas cathedraes, haver ficado commovido pelo effeito da luz eclipsada pelas côres, e rodeado de sombras que vacillam; não terá sentido, repito, uma agradável surpresa, ficando interrompido repentinamente o curso dos seus vulgares pensamentos, e conduzido a uma meditação profunda e mysteriosa?

Eis aqui o sublime que produziu a architectura ogival, na qual a harmonia se confunde sempre com o encanto. Foi pois a poesia d'este *conto* divino que ficou exaltado pela harmonia celeste do seu superior engenho!

Devemos sempre repellir essas blasphemias tantas vezes repetida, que só pela ignorancia dos estudos de archeologia, ou motivados pelos preconceitos das escolas do exclusivo, são proferidas contra os insignes architectos do XIII seculo, appellidando-os de *barbaros*: pelo contrario, deram elles bastantes provas de grande talento e saber, e muitas vezes chegaram mesmo a produzir sem esforço; foram logicos sempre até ao rigor em todas as suas obras.

E como que atravez das trevas que precedeu esse seculo, um clarão veiu luzir, para indicar que a intelligencia no homem não se dissipa; se por ventura desfallece, é para apparecer mais forte, mais viva e creadora, pois que a natureza não dotou o genero humano com um privilegio tão distincto, o do entendimento, senão para servir de aperfeiçoamento á sua intelligencia, a qual lhe fará alcançar o apogeo da sua civilisação.

A architectura da idade media desde o X até o XIII seculo apresenta uma physionomia nova com bastante vigor, ficando bem assignalada sobre o horizonte a estrutura do monumento e suas condições de estabilidade, ainda que esteja encoberta pela composição de sua attractiva decoraçào; tudo se encadeia com uma logica perfeita; a graça é sempre uma forma util; as concepções as mais caprichosas em apparencia, não vem a ser senão um meio de embellezar a producção gerada no pensamento do abalisado architecto, ficando delineada na sua soberba obra: todas as disposições do edificio concorrem ao mesmo fim, estando em perfeita harmonia.

N'essas difficeis construcções apparecem a sciencia e a arte estreitamente unidas; a arte recita tudo aquillo que a sciencia descobre, e a sciencia applica-se a fornecer-lhe todos os meios para a sua realisacão, até mesmo vem legitimar de alguma maneira as formas que ella imagina! Estas formas ousadas, não obstante, dão completa satisfacão ás exigencias de estabilidade e são ao mesmo tempo as mais convenientes para accentuar o caracter que se quiz obter. O seu merecimento scientifico esteve por muito tempo desconhecido, e foi ignorado mesmo dos povos, aos sentimentos dos quaes as suas formas symbolicas satisfaziã completãmente. Era porque ellas annunciãvam sem confusão o caracter do edificio todo inteiro, tornando saliente egualmente a sua mystica significacão; até mesmo nos seus mais tenues detalhes, era tambem para mostrar a realisacão de uma fé profunda; as crentes aspiracões para o céu, indicando-lhe o formal despego das cousas terrestres, libertando-se da subordinaçào da materia do espirito constricto. Até na representacão das numerosas imagens pintadas ou esculpidas erguendo-se demasiadamente em suas fórmas elevadas, parecendo subirem para o céu, nota-se por toda a parte n'essas edificações o mesmo movimento, e o mesmo pensamento. As linhas verticaes sobresaem, e são quasi exclusivas, obrigando a vista a levantar-se para as regiões celestes, como para fazer uma piedosa oraçào; exprimem essa tendencia, e convidam ainda a continuar a elevar-se o pensamento cada vez mais; parece que, a exemplo da convicção do christão, a architectura receia ligar-se demasiadamente á terra, apenas se apoia

sobre ella, tão ideal é a sua estrutura. Até então foi a arte dominada pela materia, por fórmas pesadas e comprimidas; veiu a ser depois dominada pela sciencia e perfeição, ornando-se sempre conforme a vontade dos seus pensamentos, mas estudando seriamente as suas propriedades, não sendo para se conformar com ellas, e pô-las em evidencia, senão unicamente para saber até que ponto as podia sujeitar nas suas novas combinações.

Não se preocupava o architecto da idade media de fallar á intelligencia do vulgo; aquillo que tinha mais a peito era ferir-lhe a sua imaginacão, correspondendo sempre a execuçào da sua obra a um ideal, que arte alguma não tinha ainda tido a ousadia de emprehender, e que parecia na verdade ser superior ao poder humano realisal-o.

A esculptura obedecia á architectura com toda a condescendencia, renunciando desde logo as fórmas hieraticas da epoca precedente, e repellindo tambem as fórmas bysantinas; estudava com reflexão a natureza, e procurava imprimir nos seus trabalhos uma verdadeira expressão: portanto o progresso da esculptura não cedeu em cousa alguma aos da architectura, que a havia requisitado para a auxiliar na realisacão do seu sublime pensamento.

A iconographia no XIII seculo é sabiamente composta, não mostra mais o vestigio da jovialidade monacal; as suas composições são interessantes, dignas e essencialmente religiosas. Principalmente na parte externa dos monumentos é que a architectura ogival mais se desenvolve, como se nota n'esses porticos das suas famosas cathedraes, descobrindo-se admiraveis poemas esculpidos no marmore!

A arte figurada d'esses templos suppria então o mister de um professor para instruir o povo, a sua representacão servia de sermão para moralisal-o e de lição sensivel para lhe ensinar a historia sagrada, ficando patentes os exemplos pelas imagens; assim como os dramas religiosos eram indicados com toda a sciencia e todo o dogma christão.

A architectura ogival é caracterisada por uma harmonia, que não souberam admirar devidamente os contemporaneos d'aquelles seculos; distinguindo-se sempre por uma maravilhosa concordancia entre a forma e a ideia; era a expressão a mais evidente do sentimento da sua epoca; e apresentava a soluçào mais completa do problema o mais difficil, que talvez a architectura nunca terá a resolver: portanto o seu merito é consideravel, as tendencias da arte ogival são muito positivas, estando patentes nos seus monumentos, e nenhum detalhe, por minimo que seja, altera esta disposiçào, para o comprovar de uma maneira mais positiva.

Durante muito tempo os archeologos, em lugar de se occuparem de estudar os venerandos monumen-

tos da idade media, em lugar de procurarem comprehender as magnificas basilicas edificadas com a sciencia da arte ogival, dedicavam-se sómente a investigar as antiguidades do paiz dos Pharaós; examinavam com esmero os seus hypogeos, as pinturas a fresco que ornam ainda os seus antigos sepulchros; diligenciavam decifrar os mysteriosos hieroglyphicos traçados sobre as faxas que ligavam as mumias; em uma palavra, estudavam-se com uma grande paixão, sem outro exemplo igual, os monumentos da antiguidade do Egypto, da Grecia e de Roma; revolviam-se os fragmentos dos seus templos; tiravase a poeira aos seus tumulos; decifravam-se as suas inscripções; dissertava-se sem fim sobre a descoberta de uma simples columna, ou sobre uma estatua mutilada, e os sabios se dividiam muitas vezes em dois campos bem distinctos; emquanto os monumentos da idade media ficavam esquecidos e desprezados; poucas pessoas intelligentes lançavam apenas sobre elles, de longe a longe, um olhar distraido, pois não os sabiam comprehender; era o mesmo como se tivessem sido livros de um idioma desconhecido.

Presentemente, já isso não é tanto assim; tem-se comprehendido que ás antiguidades da idade média mereciam outra cousa mais do que um ridiculo desdem; seja talvez procedido por cansaço do presente, ou pela incerteza do futuro na arte, ou tambem por esse sentimento de curiosa investigação, e assim como por essa disposição dos espiritos que em certas epochas os levam a explorar o passado, a viver entre instituições, costumes e usos extinctos, voltaram pois a sua attenção para os antigos templos ogivaes, e então descobriram-lhes bellezas que nunca suppozeram existir n'elles, porque se occultavam á sua ignorancia. Ficaram attonitos quando descobriram essa ornamentação tão esplendida, e tão variada que tanto os distingue. Approximaram-se das estatuas, d'esses pontaes magestosos, encontraram-lhes algum merecimento, e principiaram então a acreditar, que estes esplendidos edificios tinham sido delineados por habeis architectos. Repararam em seguida, que a elevada altura das agulhas dos campanarios se perdiam nas nuvens; notaram que havia n'esta construcção alguma ousadia e indicava habilidade e ingenho. A geração presente entrou n'essas surprehendedes cathedraes, ficaram extasiados contemplando as vidraças pintadas, as composições executadas a fresco, representando factos dos tempos passados; examinaram com admiração os variados engradamentos e as tribunas enfeitadas de mimosos arrendados. A sua surpresa não fazia senão augmentar cada vez mais, inventariando tantas obras de primor que o genio do artista havia inventado de mais sublime e precioso, e no seu sincero entusiasmo exclamaram: — *Quanto são magnificos*

*os monumentos religiosos da idade média, como impressionam o espirito e elevam o pensamento á meditação!*

Esta sentida reflexão para com as obras d'arte d'aquella epocha era na verdade um feliz presagio. Como se poderia estudar o symbolismo que existia nos monumentos, sem procurar primeiro descobrir a sua significação? Como dirigir constantemente as forças vitales da intelligencia para comprehender a sciencia que presidiu á edificação d'esses venerandos monumentos, sem que resultasse nada para se avaliar o merecimento d'essa architectura? Mais será conhecida a idade média, mais será estimada a arte ogival.

Foi no anno de 1830 que este feliz successo para o estudo da architectura ogival principiou a desenvolver-se na Europa. Desde então os archeologos puzeram se ao trabalho das investigações com enorme entusiasmo; pareciam querer recuperar o tempo perdido. Figurava-se-lhes ter encontrado uma região nova, ou penetrado em um paiz inexplorado; e fallava se novamente um idioma esquecido. Logo ao principio fizeram-se descobertas bastante interessantes, que muito animaram a continuar esses uteis trabalhos, e despertou irem procurar outros em diferentes paizes.

Tem se, pois, já feito muitas averiguações a respeito da architectura ogival, sobre as datas das construcções dos seus monumentos, bem como sobre o seu symbolismo; tem-se escripto largamente a respeito das suas esculturas, e das vidraças que ornam as frestas: ficando todos maravilhados na presença de uma tal sciencia.

Mas para se avaliar com proveito o merecimento que encerra em si, e tornar mais accessivel o comprehender-se em que consiste essa perfeição, é preciso compararmos os monumentos correspondentes a estes tres seculos, em que a architectura da idade média teve o seu desenvolvimento até chegar á sua completa perfeição no xiii seculo; sendo ainda necessario igualmente, para se formar uma exacta ideia do character que tanto a distingue, indicar principalmente qual foi o esforço intellectual para a fazer brilhar entre os outros typos de architectura antiga, passando pelas successivas transformações dos seculos anteriores, até obter-se o triumpho da forma ogival em todas as construcções d'aquella época. Portanto, será essencial, esboçar primeiro qual foi o character especial dos typos da architectura grega e romana; indicar depois em que consistem as alterações que lhe fizeram para servir nas edificações dos estylos latino, bysantino e romano, e finalmente explicarmos o modo como se conhecem as differentes modificações da architectura ogival, para que se possam differenciar os monumentos da idade média entre si, indicar

as eras a que pertencem com positiva segurança ; pois que, alcançando se este conhecimento tão util, não só serão mais prezados os edificios em que esta architectura domina, mas hão de ter muito maior atractivo quando forem examinados pelos artistas e amadores. Portanto elles deverão offerecer, para quem se applicar ao estudo da archeologia, uma significação mais interessante, sabendo-se differenciar esta de aquella forma, além da satisfação de augmentar os seus conhecimentos, os quaes lhe proporcionarão prestarem serviços ao seu paiz, pois então haverá zelosos conservadores das antiguidades nacionaes, sabendo nós dar lhe o devido apreço, e por esta forma alcançaremos a merecida reputação de sermos tidos no numero das nações mais civilizadas.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

### A ARCHITECTURA E A POESIA

É na verdade bem lisonjeiro para a classe dos architectos civis apparecerem publicações artisticas de incontestavel importancia, como a que se lê na *Revista da Sociedade Central de Architectos de Madrid*. Tomamos por um dever não só de fraternidade, mas egualmente como um preito aos distinctos architectos hespanhoes publicar alguns dos seus artigos, os quaes serão lidos com aprazimento pelos socios da nossa Associação. Damos n'este numero um dos capitulos que o distincto architecto D. José Gonzalez Carvajal Altés publicou em o n.º 14, pag. 27, havendo muitas outras publicações sobre a architectura pelos nossos confrades hespanhoes, igualmente de grande apreço e a que reservaremos cabimento nos outros numeros do nosso *Boletim*.

Entre los sentidos corporales, sólo la vista y el oido son capaces de excitar en nosotros el sentimiento de lo bello, cuya preeminencia sobre el olfato, el gusto y el tacto, es por esta sola razon inmensa. Jamás se dice *el aroma de la rosa es bello*, sino *agradable*; de modo que hasta el lenguaje familiar distingue el sentimiento de la sensacion, más circunspecto en ello que la teoría empirista.

La vista y el oido son, pues, los dos sentidos á que debe dirigirse el arte para llegar al alma, y por esta razon, se dividen las bellas artes en ópticas y acústicas; ópticas: la pintura, escultura y arquitectura; acústicas: la música y la poesía.

Entremos de lleno á tratar de las esferas de accion de las diversas formas del arte, qual es nuestro propósito, y escogiendo el método comparativo, por creerlo más en armonía con la sencillez y brevedad de este trabajo, hagamos un paran-

gon de las diversas artes con la poesía, que es la madre de todas ellas, la más libre y universal, la que expresa con mayor energía *el ideal de lo bello*, segun denominó Platon, y emplea para la interpretacion de la belleza el medio tambien más bello.

### Poesía y Arquitectura

La poesía y la Arquitectura se proponen de consuno, como toda bella arte, la realizacion de lo bello, y por tanto podemos asegurar que lo mismo el poeta que el arquitecto, al dar forma á su pensamiento, lienden á un mismo fin, desarrollando por diversos medios el bello ideal que su imaginacion ha conquistado. Esta comun tendencia pone las bellas artes bajo el amparo del génio y de la imaginacion, principales resortes de la concepcion artistica; y como en los elementos subjetivos artísticos son idénticos el arquitecto y el poeta, de aqui una gran semejanza de éstos en los modos generales de componer y de juzgar, es decir, en la actividad de la imaginacion estética y en la aplicacion del juicio-sentimiento de lo bello.

Siendo la expresion la cualidad esencial de toda bella arte, hé aquí otro punto de contacto entre las que nos ocupan. El pensamiento, que habla al espíritu rebosando al exterior de la forma, es siempre una idealidad que moldea aquélla en la turquesa de la imaginacion para manifestarse claramente; y como sabemos ya que la expresion en bellas artes es el difícil paso de lo infinito á lo infinito, y este paso sólo lo concibe el espíritu de un modo, si bien en diversos grados, al tender la poesía á la realizacion de la belleza, tiene por medio la *expresion*, lo mismo que la Arquitectura. Con igual potencia creadora, con el mismo fin y la misma cualidad, estas artes son hermanas; no en vano se ha dicho que un monumento es un poema de piedra, y que la poesía de una época determinada puede servir para reconstituir ó construir de nuevo los elementos de una sociedad.

Si la expresion es una excelencia de la forma exterior manifestativa del estado, hay otra manifestativa del sér, la cual se llama *carácter*. El carácter es una cualidad que deben respetar las bellas artes, porque es el sello que descubre la naturaleza de los objetos ó ideas representadas.

El medio de representacion de la Arquitectura es la materia inerte, la que reviste el génio de una forma que expresa ideas y sentimientos. Esta materia, doblegada siempre á las leyes físicas, universales y necesarias, fatales, que rigen el universo material, se convierte en ténue patina de lo invisible, gracias al génio y á los conocimientos humanos.

El poeta trasmite su pensamiento por medio de

DA  
Real Associação dos Architectos  
E  
Archeologos Portugueses



ESTAMPA 46  
Calix do XII Seculo  
DA  
Sé de Coimbra

1372

la palabra articulada, manifestacion puramente fisica, pero correlativa, de un acto esencialmente intelectual, relacion que pone bien de manifiesto la doble naturaleza del hombre y su misterioso enlace.

Ahora bien; la Arquitectura, al obrar sobre la materia inerte, no puede prescindir de respetar las leyes que la gobiernan; sujétase á los principios mecánicos, que dan la estabilidad; á los físicos, químicos, higiénicos y geológicos; á su vez la utilidad, conveniencia y comodidad, la imponen severas reglas (más en nuestro siglo, utilitario por excelencia); y así el arquitecto tropieza por doquier con trabas y cortapisas que mutilan ó anonadan su potencia estélica activa, si su génio no alcanza á desembarazarse de todas ellas, saliendo triunfante sin olvidar el respetarlas. La Arquitectura, en este concepto, es la ménos libre de todas las artes, aún de las artes plásticas; pero cuando el génio, á pesar de tanta imposicion, consigue la realizacion estética, su triunfo es mayor; el efecto que produce la belleza es más profundo y duradero, y la consideracion de los cuantiosos dispendios, de la aglomeracion de trabajos y de la vasta red de conocimientos de su autor, aumenta la admiracion del que la contempla. La Arquitectura es esencialmente científica á la par que artística, por cuyo doble aspecto es superior á las demás bellas artes; los conocimientos más generales la son necesarios, conocimientos profundos á la vez, con perjuicio, á no serlo, de incurrir en los más crasos errores.

Está basado el estudio de la Arquitectura en las ciencias exactas, especialmente en los principios geométricos, y á la vez que es indispensable cultivar sus exactos teoremas y secas demostraciones, debe esparcir-se el ánimo con los deleites de las

bellas formas. Es el único saber humano que encierra en alto grado tan opuestos conocimientos; y aunque no creamos cierto que la aridez de las ciencias exactas y las bellas artes se rechacen, juzgamos que és muy difícil reunir estas aptitudes en regular proporcion y con un equilibrio que no dañe al debido desarrollo del conjunto.

La poesía es la expresion de lo bello por medio de la palabra, sujeta á una forma artística; es el arte más universal, porque la estrecha relacion que tiene la palabra con el espíritu, le facilita la creacion de lo bello en todas las formas y el desarrollo de todos los asuntos. Su instrumento, tan flexible, tan vasto y casi incorpóreo, le hace apto en alto grado para expresar lo ideal.

La Arquitectura emplea medios artificiales, externos y adquiridos, piedra, madera, hierro, etc., sujetos todos al principio de la fuerza resistente de la materia orgánica, fuerza natural, que es la de ménos actividad y vida entre las conocidas; la Poesía, por al contrario, maneja un medio connatural el hombre, espontáneo y hasta necesario para el individuo y para la especie en las relaciones de la sociabilidad.

Pero si la poesía tiene el poder de la universalidad y se inflexiona fácilmente para expresar todos los afectos y sentimientos, no por eso conserva completa supremacía sobre la Arquitectura en todos los terrenos, como ya tenemos apuntado. Generaliza más, abarca más, pero en cambio no profundiza tanto el particular sentimiento que pueda expresar un monumento de piedra, por ejemplo.

(Se continuará.)

JOSÉ GONZALEZ CARVAJAL ALTÉS,  
Arquitecto.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 46

CALICES DO XII SEculo

ARCHEOLOGIA RELIGIOSA

Dos calices que se conservam em Portugal, ha ainda cinco pertencentes ao XII seculo, sendo sem duvida o mais valioso, pelo seu merecimento artistico e composição, aquelle que representa a photographia publicada n'este numero do nosso *Boletim*; assim como tambem pela sua elegante fórma e estylo característico dos seus adornos e execução, fica bem assignalado ser obra da referida época. A sua altura de 0,17°, é a media entre as dos outros calices, tendo o menor 0,11°, e o maior 0,18°. Este calix da Sé de Coimbra é de prata dourada, estando ornada a base com figuras emblematicas, em baixo relevo, dos quatro Evangelistas. Lê-se sobre o circulo, limite da base, a seguinte inscripção em relevo:

GEDA MENDIZ ME FECIT IN  
ONOREM SCI MICHAELIS EM CLXXXX

O nó é ornamentado de filigrana. Na copa está representado em baixo relevo o Apostolado, e por cima de cada Apostolo ha o nome correspondente igualmente em letras em relevo.

O outro calix que pertence á Sé de Braga, que é o menos alto, tem a copa ornada com animaes de phantasia e folhas; é singelo e de rude execução, mostrando ser obra mais antiga, mesmo pelos caracteres gothicos que tem sobre a sua baselisa. O mais simples de todos e o mais alto de 0,18° é todo liso, estando sómente o nó cinzelado. Um outro calix tendo de alto 0,17°, é tambem todo liso, mas por baixo da inscripção ha uma cruz em relevo.

O calix que pertence á confraria de Santa Mariinha, em Guimarães, tem ornada a base com baixos relevos, composta de lisos folhagens e tem uma in-

scripção. O nó é muito grosso, dividido em gomos; a copa larga e inteiramente lisa; tem de alto 0,16°.

Não será fóra de proposito darmos agora conhecimento das diversas formas e das materias usadas desde a origem da liturgia para o uso dos calices na religião christã.

No começo das praticas estabelecidas no primeiro tempo do christianismo, distinguiam-se muitas especies de calices; os mais pequenos serviam na oblação da missa; outros para communhão dos fieis, e eram designados pelo nome de *calices ministeriales*. Para o baptismo havia os *calices baptismales*, nos quaes se deitava leite e mel, quando os adultos commungavam depois de serem baptisados; e outros que serviam unicamente para os altares. Estes eram de grandes dimensões e de excessivo peso. Carlos Magno offereceu um de prata ao papa Leão III, o qual pesava 58 arrateis! Viam-se muitos nas egrejas suspensos em circulo. O papa Paschal I mandou fazer para este fim 42 calices que tinham o peso de 231 arrateis! Estes calices tinham duas azas e eram suspensos por correntes do mesmo metal para servirem nos dias das festas solemnes.

Os mais antigos d'estes vasos sagrados foram feitos de *madeira*; e estiveram em uso até ao IX seculo. Foi o papa Leão IV que em 847 prohibiu a continuação dos calices fabricados com esta materia: o que foi igualmente determinado no concilio de Tibur.

Quando nos seculos V e VI os bispos não tinham dinheiro para esmolas ou remir os captivos, vendiam-se os vasos de prata das egrejas, e então serviam-se de calices de vidro para o officio da missa.

No VIII seculo ficou prohibido pelo concilio de Calcut em Inglaterra pelo papa Andiad servirem de calices feitos de chifre.

No mosteiro fundado por S. Theodoro havia calices de marmore.

A abbadia de Chisornig, fundada pelo conde de Everard, servia-se de calices de marfim.

Os calices de cobre foram prohibidos no concilio de Rheims, porque se oxidavam facilmente.

No mesmo concilio de Rheims ficaram auctorizadas as egrejas pobres a servirem-se de calices de estanho; e era d'este metal que S. Bento usava por humildade; porém o arcebispo de Comtorbères, Ricardo, em 1175 prohibiu o seu uso, e sómente eram benzidos os calices feitos de prata ou ouro; todavia em muitas egrejas se toleram ainda os vasos d'esta materia.

Já antes da era de 1175 nas principaes egrejas havia calices de ouro e de prata. Santo Ambrosio cita, quando S. Lourenço fóra martyrisado no

III seculo, tinha antes vendido os vasos sagrados das egrejas de Roma, por recommendação do papa Sixto II, afim de se dar a importancia aos pobres.

S. Chrysostomo (IV seculo) queixava-se de que houvesse pessoas que, tendo-se enriquecido por meios reprehensíveis, julgavam que seria agradável a Deus fazer presentes ás egrejas de calices de ouro guardados de pedras preciosas!

Entre os objectos de grande valor com que o imperador Constantino tinha enriquecido as egrejas, que elle havia mandado construir, offerrou 40 calices de ouro pesando um arratel cada um; mais 50 calices *ministeriales* de prata com o peso de 2 arrateis cada um; e outros 20 calices de prata de 10 arrateis cada um.

Paulo Orose, auctor que pertenceu ao V seculo, no livro da sua historia refere, quando Alarico, rei dos Godos, deu saque á cidade do Roma, a basilica do principe dos Apostolos possuia grande numero de vasos sagrados e ornamentos de ouro e prata.

Santo Agostinho que vivia na mesma epoca, no seu livro contra Cresconius nos diz, que havia em Carthago dois calices de ouro e seis de prata.

No VI seculo, Gregorio de Tours relata no seu livro da historia dos *Franco*s, que o rei Chilpéric se apoderou na sua expedição em Hespanha de 60 calices, 13 pyxides, 20 cofres para guardar os evangelhos, tudo de ouro e guardado com pedras preciosas: portanto era já bastante antigo o uso dos vasos sagrados feitos com preciosos metaes.

Os calices com joias eram possuidos por muitas egrejas. A rainha Brunehaut (VI seculo), deu para a igreja d'Auxerre um magnifico calix de onyx (agatha fina) guardado de ouro muito puro.

Nos actos de S. Bermeucard, bispo de Xildeshein (X seculo), este santo dera á igreja muitos calices, entre o numero d'elles havia um em onyx e outro em cristal.

O papa Victor III (XI seculo) deu ao mosteiro de Monte Cassim dois calices em onyx.

O abbade de Suger (XII seculo), comprou um calix de *sardonica*, para a cathedral de S. Diniz. Havia tambem n'esta mesma igreja mais dois calices de pedras preciosas; sendo um de uma só agatha gravada, de um preço inestimavel. Suppõe-se que tinha servido ás libações dos pagãos. O outro calix era de crystal de rocha, engastado de ouro e joias, que se julgava ter servido nos officios de S. Diniz.

Os calices eram de diferentes modos ornamentados de joias. Nos primeiros seculos tambem os ornavam de pinturas e baixos-relevos representando diversos assumptos tirados da Escripura; sendo usados no III seculo com aquelles adornos.

Nos XI, XII e XIII seculos, era frequente servirem-se de esmaltes de côres para ornamentar os ca-

lices. Incrustavam esses esmaltes de modo que sómente fossem apparentes á superficie com filetes do metal, contornando os objectos representados. As côres mais adoptadas eram o encarnado, o azul e o verde.

No VII seculo já se esmaltava o pé, o nó e a base dos calices.

Algumas vezes se gravavam sobre a base citações relativas ao mysterio a que eram consagrados.

Devemos igualmente mencionar os ornamentados com tintinabulos, os quaes lhe ficavam pendentes em roda do bojo da copa. O primeiro de que se faz menção com estes appendices, é um calix que pertenceu ao primaz da Irlanda, e que se guardava no thesouro do mosteiro de Clairveau. Os tintinabulos agitando-se quando se mechia no calice, faziam lembrar aos fieis os sentimentos de piedade e adoração que deviam observar durante a missa.

Portugal possuia ainda alguns calices com estes adornos. No fim do XV seculo é que principiaram a apparecer com este enfeite; porém ao XVI seculo é que pertence o maior numero que ha no paiz. Quando se principiou a fazer uso dos tintinabulos, eram postos só quatro em cruz; depois foram augmentando o seu numero, não excedendo a mais de oito.

O calix de prata lavrada da collegiada de Guimarães tem 6 tintinabulos, é do seculo XVI; com a altura de 0,96°.

A confraria de S. Thiago, proximo de Lisboa, tem um calix de prata lavrada com seis tintinabulos, é obra do XV seculo; sendo a altura do calix 0,28°.

Outro da mesma epocha, no estylo gothico, com tres tintinabulos, é ornado com duas laminas esmaltadas: tendo de altura 0,26°.

Possue a confraria do Sacramento de Santa Justa de Lisboa um calix de prata dourada com 0,27° de alto e guarnecido de campainhas; obra do XVI seculo.

Na igreja da Vera Cruz de Aveiro ha um com quatro tintinabulos pendentes da copa; tem de altura 0,24°, e é tambem do XVI seculo.

Um outro calix do XV seculo com tres d'estas campainhas; tendo de altura 0,38°.

Possue a Misericordia de Setubal um calix de prata dourada com a altura de 0,28°, e da copa pendem-lhe seis tintinabulos; é do XVI seculo.

Na Sé de Braga ha um com seis campainhas, é do seculo XV; tendo de altura 0,38°.

O mosteiro de Arouca possui um calix tambem com seis tintinabulos, do XVI seculo; sendo a altura 0,32°.

Na mitra episcopal de Lamego ha um calix de prata dourada tendo pendentes seis campainhas, é do XVI seculo; a altura é 0,38°.

Na Sé de Caminha conserva-se um rico calix de

prata dourada com 8 tintinabulos; é obra do XVI seculo, tendo na base engastadas pedras preciosas.

Fomos um tanto perluxos citando os calices que estão armados com tintinabulos, posto que não mencionamos mais quatro da casa real e dois pertencentes a el-rei o sr. D. Fernando. Parece terem sido esses calices, por este modo ornados, usados sómente em Portugal e Italia; pois havendo inquerido para Hespanha se os havia alli com este feitio, respondeu-nos pessoa muito competente, que n'aquelle paiz não constava que os houvesse; o que nos causou bastante admiração, e foi mais uma rasão para nós darmos esta noticia, com maior desenvolvimento.

J. DA SILVA.

## LISBOA ANTIGA

POR

JULIO DE CASTILHO

Fragmento de um capitulo do volume II d'esta obra

### Muralhas e portas da Lissibona moirisca

A cerca velha. — Testemunhas d'ella: o crusado inglez Osberuo; Frey Nicoláo de Oliveira; D Nicoláo de Santa Maria; Luiz Marinho de Azevedo; Carvalho da Costa. — Frey Apollinario da Conceição. — Conduz-se o leitor a uma custosa jornada em volta dos muros de Lissibona. — A porta da Alfôa. — Etymologias. — Os medonhos subterraneos de S. Bartholomeu. — Devassa-se o quintal da casa dos desembargadores Miras. — Esboceto topographico do sitio. — Devaneios, lendas, e terrores. — Relação do subterraneo por um auctor moderno. — A porta de Ferro, ou arco da Consolação. — Ao rez do Tejo uma torre altamente historica. — A porta do Mar. — A porta de Alfama. — A porta do Sol. — Digressão pela Alfungera. — A porta de D. Fradique. — A porta do Moniz. — A porta da Traição. — Recapitulemos. — Por onde seguia, e segue ainda hoje a muralha. — Respeito áquellas pedras venerandas.

As muralhas moiriscas da cidade já constam de um antigo documento do seculo XII, que duas vezes as menciona: uma preciosissima carta de certo crusado inglez, que as viu em 1147. *Na crista do seu monte redondo se ergue a cidade — diz elle — d'onde, pela direita e pela esquerda, descem dois braços de muro gradualmente pelo declivio do morro até á orla do Tejo, e ao longo d'essa orla outro muro os reune.*<sup>1</sup>

E confirma adiante com estas palavras: *Cinge-se de seu muro redondo o viso do monte; e pela direita e esquerda vão descendo as muralhas do resto da cidade, ladeira abaixo escontra ás ribeiras do Tejo.*<sup>2</sup>

Um escriptor mais moderno, e tambem minuciosa testemunha ocular, o cidadissimo Frey Nicoláo de Oliveira, em dois traços desenha a mesma cerca, ainda de pé então, no primeiro quartel do seculo XVII, quando diz que tomava *do castello té á porta do Ferro, e d'ali... té junto á Misericordia, e correndo para o oriente... chegava ao chafariz d'El-Rei, d'onde... tornava a subir té á porta*

*d'Alfama e d'ahi té á porta do Sol, e d'ali té ao castello.*<sup>3</sup>

D. Nicoláo de Santa Maria, mais succinto, mas não menos exacto, inclue a Lisboa primitiva *em o monte mais alto onde está o castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol e Ferro até á Ribeira.*<sup>4</sup>

Outro narrador minucioso, Luiz Marinho de Azevedo, compendia rapidamente o ambito da Lisboa velha, dizendo: *Foi o sitio antigo d'esta cidade o alto do castello, e descendo d'elle pela porta da Alfôfa até á do Ferro, e d'ella á Misericordia, voltava ao longo do mar e do chafariz d'El-Rei subia ao arco de S. Pedro, d'elle até á porta do Sol, e acabava no mesmo castello, como parece dos antigos muros.*<sup>5</sup>

Carvalho da Costa, o laborioso auctor da *Chorographia*, e testimunha tambem presencial ainda, segue no seu livro (mas de nascente para poente) o mesmíssimo itinerario d'esta muralha, que ainda no seu tempo, isto é nos primeiros annos do seculo XVIII, se erguia segundo elle afirma:

*Do muro do castello começava a cidade antiga, que descia do castello pela porta do Sol até o chafariz d'El-Rei, e d'alli corria o muro pela praia até o postigo e torres que estão defronte da igreja da Misericordia, e d'aqui subia o muro pela porta do Ferro até o castello, como se vê.*<sup>6</sup>

Finalmente Frey Apollinario da Conceição diz na sua apreciada *Demonstração historica* estas palavras:

*O primeiro muro da antiga cidade incluia o monte mais alto do castello, com tudo o que corre entre as portas do Sol e a do Ferro até á Ribeira, em que havia tres torres. . .*<sup>7</sup>

Depois de terem fallado esses informadôres, vou ver se, com mais minuciosidade ainda, consigo mostrar a leitores de hoje em dia o que vinha a ser o perimetro da Lissibona ismaelita, sem que a nossa Alfama se envergonhe de tal avoenga.

Antes de mais nada:

Seguir no plano da Lisboa actual a linha mathematicamente exacta da muralha de mil cento e quarenta e tantos, é completamente impossivel. Chegou-se porém a certezas em larga parte do percurso, e n'outra a aproximações quasi certas.

Ao meio da nossa actual rua de S. Bartholomeu, na esquina da chamada hoje do *Milagre de Santo Antonio*, prolongação da *Costa do Castello*, e portanto estrada antiga, que ligava com os arrabaldes do norte, abria a cinta das fortificações a sua primeira porta, denominada da Alfôfa.

Diz Frey João de Sousa, que esta palavra provem do arabe, e significa ameixieira.<sup>8</sup> O emendador de Frey João de Sousa na segunda edição do seu trabalhado livro, Frey José de Santo Antonio

Moura, crê que vem de *Algoga*, ou *Alhola*, e quer dizer fresta, ou postigo na parede. *Porta da ameixieira, ou das ameixieiras, e porta da fresta.* Se é questão de escolha não me sei decidir; limito-me a achar estranho. Mas a final, reflectindo melhor, ambas as etymologias servem: ora pinto aquella encosta de S. Chrispim, Correio-mór, e Magdalena, sombreada das arvores mais ou menos fructíferas das hortas e casalinhos moiros; ora a vejo ouriçada de seus bastiões, onde não desdizem as seteiras, ou frestas, ou frinchas guerreiras da cerca antiga.

Decida quem souber arabe o pleito, que me não sinto eu para taes desembargos.

Apenas me permitto, muito a medo, apresentar, além das versões dos dois citados arabisantes, eu que o não sou, uma terceira: o nome da porta da *Alfôfa* deduz se, quanto a mim, da palavra *Alfosar*, ou *Al-hofar*, que, segundo Moura, significa excavações, ou covas. Etymologia cerebrina, se não estivessem ali perto, na visinhança muito proxima d'essa entrada, as celebres covas, ou excavações subterraneas, ou *matamoras* legendarias e fundissimas, de que tratam a *Academia dos humildes*, o *Panorama*, os *Quadros historicos* de Castilho, etc.

Eram ali ao pé, e não admira portanto dessem nome á porta. Estudemol-as.

Ha-de ser difficil, porque, de escuras e medonhas que eram, crearam lenda. É para notar o como no seculo passado falla d'ellas um dos narradores da *Academia dos humildes e ignorantes*; é como se fallasse nos templos subterraneos de Ellorah; percebe-se-lhe no tom da voz todo o respeitoso terror de quem narra um prodigio de mysterios.

O caso é este: em 1759, quando se publicava o tomo I da *Academia*, existiam defronte da porta da Alfôfa umas casas, que tinham sido dos desembarcadores Manuel Pinto de Mira, e seu filho José Pinto de Mira Falcão. O filho entrou para a Congregação do Oratorio, onde acabou *santamente*, diz a citada *Academia dos humildes*. Por morte d'elle, segundo vejo n'um documento inedito a que me reporto, a posse das ditas casas passou para os congregados; e quando elles procediam, depois do terremoto, a obras no seu convento do Espirito Santo, no alto das ruas *Novas do Almada* e *do Carmo* (hoje o palacio Barcellinhos-Ouguella), foi-lhes dado mais terreno aqui, em compensação da outra propriedade, que ficou pertencendo á Inspeção da reedificação de Lisboa.

Ora vejamos se posso (entre parenthesis) fazer perceber ao estudioso o sitio certo onde ficava o predio, que n'este momento nos interessa, dos desembarcadores Miras.

No sitio onde hoje cae a rua do *Milagre de Santo Antonio* na de S. Bartholomeu, era, como disse, a porta d'Alfôfa. Para cima, a actual rua de S. Bar-

*tholomeu* chamava se, antes do terremoto, rua *das portas d'Alfôfa*; e da porta para baixo rua *do Arco do Mira*. Quasi em frente á porta, abria-se no que é hoje quarteirão fechado, a estreita rua *da Amargura*, entre ôs predios que hoje pertencem ao meu dilecto amigo o Dr. Xavier da Cunha, pela parte do norte, com seu jardim alto, murado, e ao sr. J. J. Ferreira Lobo, filho e herdeiro do sr. Visconde de S. Bartholomeu, á esquina dos Loyos pela parte do sul. A rua *da Amargura* ia desembocar no largosinho chamado *Adro da Igreja de S. Bartholomeu*. Esta vetustá egreja ficava defronte das actuaes ruínas do convento dos Loyos, retrahida no fundo de uma mesquinha praça, que hoje desapareceu, e de que é talvez resto um pateo que dá para o largo *dos Loyos*. A rua *da amargura* seguia ainda, e, depois de formar um recanto, mudava-se em rua *do Seminario* (por causa do seminario de S. Patricio que ali existia). Finalmente, a rua *do Arco do Mira* e o actual largo *dos Loyos*, communicavam-se por uma serventia denominada rua *de Jerusalem*.

Perdôe-me o leitor o enfadonho de tal plano topographicico. Creio que bastam por agora estas explicações.

Ora a casa dos Miras ficava justamente na ilha confinada entre a rua *do Arco*, a *da Amargura*, o *adro da Igreja*, e a rua *de Jerusalem*. O quintal dava para a banda do seminario; era todo sombrio de parreiras; e no topo havia uma estrebaria, onde se abria uma cisterna, boqueirão sem fundo, que muito deu que pensar aos archeologos do tempo.

Vejamus se não merecia a sua fama lugubre.

Chegava-se-lhe ao bocal, e o echo prolongava as vozes de modo phantastico e medonho, repetindo-as um sem numero de vezes, e denunciando a vastidão da caverna.

Mais: lá no fundo sentia-se o espadanar de aguas, que nunca poderam ser esgotadas pelas bombas. A phantasia povoava de mysterios sobrenaturaes aquelle recinto!...

Mais ainda: caiu lá dentro uma vez um rapaz. Desceu ao Averno um busio, e veio horrorisado. Um padre, inquilino da casa, afoitou-se, quiz descer tambem, amarrado pela cintura e com um archote na mão; mas o descommunal da abóbada to-lheu-o de susto, e elle saiu desfallecido.

E o que ainda era mais notavel de tudo, era isto: o prumo dava a perceber escadarias! A imaginação do vulgo, que não sabe parar, tinha então aquelle reconcavo por templo collossal de gentilismo antigo, e até por mesquita de maldições, cuja entrada viesse a ter sido na proxima calçada de S. Chrispim.

A toda esta narração mephistophelica, de um

pittoresco sulfureo e sombrio, a todas estas asserções sem provas, que bruxuleiam nas paginas dos livros velhos, é indispensavel dar grandes descontos. A existencia porém de um vasto subterraneo ali é certissima.

Ha na curiosa autobiographia de Vieira Lusitano, adoravel livrinho, que, a poder de o ler, sei quasi de côr, uma phrase que julgo reportar-se á existencia d'esta caverna. Prompto a todos os sacrificios pela dona dos seus pensamentos, diz-lhe o leal amante:

. . . . *Se quizeres que eu desça  
por algum poço aos infernos,  
verei se de São Patricio  
acho ainda o poço aberto.*

Bem podia elle entender por aquelle *poço de S. Patricio* este, cujo local se abria no quintal dos Miras. Sei que a lenda do grande Santo irlandez, segundo nol a refere o *Flos Sanctorum*, resa de uma gruta n'um ilheo do lago de Dearg, na *Ultonia*, ou *Ulidia* (uma das quatro divisões territorias da Irlanda) denominada *Prugatorio de S. Patricio*, por custumar ir-se para ali ermar o insigne varão. Mandou-a entulhar em 1497 o Santo Padre, para atalhar abusos e superstições. Mas creio que a essa caverna se não chamava *poço de S. Patricio*, nome que de todo quadra ao subterraneo de S. Bartholomeu, já por ser um verdadeiro poço, já pela sua immediata visinhança do seminario.

Inclino-me pois a ver na phrase de Francisco Vieira, mais uma prova do quanto andavam nos commentarios publicos aquellas covas legendarias.

O que é bem certo é que o seu conhecimento chegou aos nossos dias.

*Não ha ainda muito*—diz Castilho nos seus Quadros historicos — *que uma profusão de echos ruidosos respondiam d'aquelles occultos caminhos aos brados que de cima lhes atiravam; d'onde a imaginação do vulgo logo fingiu e preegoou maravilhosos templos soterrados, de infinita fabrica, e florestas de columnas e arcarias. Cisternas mais recentemente abertas cortaram com suas paredes aquellas veredas militares, e com os echos ajudadores de phantasias emmudeceu e se finou a lenda.*<sup>9</sup>

E depois acrescenta n'uma nota:

*Nós fomos* (isto por 1838) *fallar ao bocal d'esta mesma cisterna, e nenhuma voz nos respondeu. Um amigo nosso, que levado de igual curiosidade, havia feito alguma coisa mais, e mandado descer exploradores, averiguou ser toda a fama do templo uma pura fabula.*

(Continúa)

## CHRONICA

O principe de Sião visitou o nosso Museu no dia 11 de maio com os seus secretarios. O presidente da Associação o sr. Possidonio da Silva que tinha perguntado ao principe o dia e hora em que se dignaria ir ao Carmo, convidára os membros da mesa e do conselho para receberem Sua Alteza no local do Museu Archeologico, sendo recebido no portico da nave. Ali foram apresentados pelo presidente, ao illustre estrangeiro que os cumprimentou com muita amabilidade; em seguida examinou as collecções deitadamente, mostrando pelas suas judiciosas observações que lhe não era estranha a sciencia archeologica.

Antes de se retirar, pediu-lhe o presidente que tivesse a bondade de assignar o seu nome no album destinado para os distinctos estrangeiros, ao que gostosamente annuiu. Depois offereceu-lhe o sr. Possidonio um album com photographias dos principaes objectos que possui o Museu; retirando-se o principe no fim de duas horas, e sendo acompanhado até á sua carruagem por todos os socios presentes.

O nosso consocio o sr. Francisco da Silva Vidal Junior offereceu um fragmento da parte superior de uma grande amphora, que fôra apanhada na rede de pescadores no rio Sado em frente das ruinas de Troia. E' curioso este achado pela grandeza do objecto, e por ter alli apparecido no fim de tantos seculos o que vem reforçar a nossa opinião, que a parte principal da povoação romana *está occulta no meio do rio*.

O nosso digno consocio honorario o sr. conde de Marsy veiu a Lisboa não só para ver esta capital como para pagar a visita ao seu confrade o sr. Possidonio, quando o anno anterior o foi visitar no seu *château* de Compiègne. O sr. Silva acompanhou-o todo o tempo que se demorou em Lisboa, para lhe fazer ver os nossos edificios mais notaveis; foi com elle a Cintra, sitio que lhe agradou muito, ficando satisfeito de ter vindo a Portugal; tanto assim, que espera voltar, entrando no paiz pelas provincias do Norte.

Por pedido do nosso presidente accitou o principe siamez ser socio da nossa real associação, tendo sido aclamado socio na sessão extraordinaria de 11 de maio. Dias depois foi o sr. presidente com o secretario archeologo o sr. visconde de Alemquer agradecer-lhe a visita que fizera ao Museu, e entregar-lhe o distinctivo da nossa associação, o que muito agradeceu; convidando os referidos membros da mesa a irem almoçar com elle na vespera de deixar Lisboa.

O director do Museu de Leyde, o doutor Mr. Seemans, escreveu ao sr. Possidonio agradecendo-lhe a sua memoria ácerca dos *nachados de bronze pre-historicos* descobertos em Portugal, e declarando que nos paizes do Norte da Europa não se tem achado outros com similhante typo.

O governo francez pediu ao nosso governo, em troca das obras scientificas publicadas n'aquelle paiz, vinte e cinco exemplares da obra publicada pelo sr. Possidonio da Silva — *As noções elementares de Archeologia*, illustrada com 324 estampas, para as suas bibliothecas. E' sem duvida bastante lisongeiro para o nosso compatriota o apreço que tão illustrado paiz

dá ao trabalho do archeologo portuguez. Bom seria que as bibliothecas nacionaes tomasssem esse exemplo para que esta sciencia se divulgasse mais em Portugal.

O presidente da commissão dos monumentos nacionaes, tendo representado ao governo ácerca do vergonhoso estado de ruina em que se encontra o monumental edificio de Alcobaga, pode alcançar do ministerio das obras publicas, serem tomadas em consideração as suas representações. O respectivo ministro determinou que se procedesse aos urgentes reparos d'este monumento coevo da monarchia.

Havendo um illustre allemão e distincto militar Mr. Eugen Graf Fraun, visitado o nosso Museu, disse-lhe o sr. Silva ter recebido do seu collega de Nurnberg uma obra importante do seu paiz sobre a origem das *armas de fogo* até ao 17.º seculo. Respondeu-lhe que a desejava ver, no que foi satisfeito; gavando-a muito e ser de muita importancia; declarou *que não tinha noticia della*; e tanto a apreciava que tomava nota d'esta obra para a comprar para si!

Este testemunho franco de uma pessoa competente pertencendo áquella nacionalidade, dá á citada obra um importante merecimento archeologico. O nosso presidente pediu ao sr. Fraun que no seu jornal de viajante citasse ter achado no nosso pequeno paiz, na extremidade da Europa, uma obra tão interessante para os estudos militares publicada na sua nação; o que prometeu fazer, pois era um facto de merecido louvor.

## NOTICIARIO

Estão sendo construidas actualmente duas pontes collossaes; uma na Europa, no Cantal (França), sobre o caminho de ferro de Marvejoles a Neussargues; a outra no condado de Mac-Kean, nos Estados-Unidos.

A primeira é feita segundo os planos dos engenheiros Bauby e Boyer e construida pela casa Eiffel, constructora das duas pontes do Porto, Maria Pia e D. Luiz. Começada em 1881 estará construida em 1884, e não terá rival na Europa, porque a ponte lançada sobre o Douro, tem menos 5 metros de comprimento e não tem senão 75 metros de altura.

Ligando duas montanhas separadas por um abysmo por onde passa um rio caudaloso, este viaducto tem um comprimento total de 564 metros, sendo a parte metálica de 449 metros.

Quanto ao grande arco central, feito sob o mesmo typo do da ponte do Porto, tem 165 metros de abertura, medindo desde o leito do rio até ao taboleiro 124 metros de altura.

Esta altura de 124 metros permite ás torres da igreja de Notre-Dame de Paris passarem debaixo do arco, com a columna Vendôme collocada em cima em guisa de pára-raios e augmenta ainda de mais de meia altura. (La Nature, revue).

O segundo viaducto, a que nos referimos, tem 92 metros de altura, assentando o taboleiro sobre pilares de ferro, de base rectangular, e compostos de 4 secções. O taboleiro vai sendo collocado sobre os pilares, á medida que elles vão sendo construidos.

Se se comparar as alturas dos dois viaductos ver-se-ha que o 1.º taboleiro do primeiro, tem mais 22 metros de altura, que o segundo. Entretanto os pilares do primeiro tem apenas 70 metros de altura, enquanto que os do segundo tem 92.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.

O templo romano, pelo sr. GABRIEL PEREIRA.....	Pag. 33
Carta de M. G. de Congny ao sr. Possidonio da Silva.....	• 37
Explicação da Estampa n.º 47, pelo sr. J. da SILVA.....	• 40

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Architectura da idade media (continuação), pelo sr. J P. N. DA SILVA.....	• 41
Apontamentos ácerca do modo de promover os concursos de obras architectonicas, approvados pelo Real Instituto dos Architectos Britannicos.....	• 45
BIOGRAPHIA DO PRINCIPE PBISDANG.....	• 46
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	• 47
NOTICIARIO.....	• 48

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

AO EMINENTE ARCHEOLOGO

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

I

O templo romano

O templo romano de Evora figura entre as principaes antiguidades da peninsula hispanica, a primeira como representante da grande arte greco-latina, uma das melhor conservadas, unica no seu genero em todo o occidente hispanico, porque existem vestigios de varios templos pagãos, de nenhum porém que se approximasse da magestosa construcção romana, em grande estylo, que formava a corôa da cidade municipal Eborá, ou Liberalitas Julia.

O Templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente; na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta existe a base apenas.

Sobre todas as completas assenta ainda parte da architrave; os fustes são de granito, estriados de doze meias canas cada um; bases e capiteis de marmore branco, de Estremoz, sendo os capiteis co-

rinthios e bem lavrados; para effeito de perspectiva, para mais elevada e esbelta parecer a columnata os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é, não são perfectos e regulares troncos de pyramide conica.

E' hexastylo, tem seis columnas na face menor.

E' pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo intercolumnio consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são as seguintes:

Altura do envasamento.....	3, <sup>m</sup> 46
Largura no sócco.....	15, <sup>m</sup> 25
Comprimento no sócco.....	25, <sup>m</sup> 18
Altura da columna (total).....	7, <sup>m</sup> 68
Maior diametro do fuste.....	1, <sup>m</sup> 00

O intercolumnio varia de 1,<sup>m</sup>35 a 1,<sup>m</sup>68.

A altura total do edificio, ao vertice ou fastigium, seria proxima de 15 metros.

A disposição das columnas, as proporções, recordam a *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina (2.º seculo).

O estado actual do templo é, em nosso parecer, o mesmo em que se achava ha muitos seculos; por que no findar da idade media já servia de açougue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as colum-

nas estiveram embebidas até 1870, e o muro ameaçado sobre a architrave; não é de modo algum provável que para um mister banal se erguessem grossas paredes, ou antes muralhas, com sua coroa de ameias; mais verosimil é pois que o templo, tal como existiu até 1870, fizesse primitivamente parte do castello que na idade media occupava a parte superior da cidade, e do qual ainda restam as torres da casa Cadaval (palacio das cinco quinas), a do posto meteorologico, e um lanço de muralha e porta, que parece principal, no edificio da Bibliotheca.

Ora o castello foi tomado pelo povo, queimado, e em parte desfeitos os seus muros por occasião dos tumultos d'Evora na aclamação do mestre d'Aviz, quando alguns dos principaes da cidade, tomando voz por Castella, se acolheram nas suas fortes muralhas.

Demais as janellas de volta redonda que em partes rompiam a parede occidental do templo levam-nos ao *romão*, tão raro em Evora por causa da longa dominação sarracena, ainda representado por alguns detalhes, janellas e capiteis, da velha cathedral, quer dizer no maximo ao seculo 12; ora não temos motivo algum para afirmar

que os arabes destruissem, nenhum indício sequer, ao contrario os arabes na peninsula salvaram e construíram. Se estes não destruíram, e se logo que findou o seu dominio se fizeram as muralhas do templo, então a ruína — a redução ao estado actual — deve ter sido rapida, muito rapida; temos que ir antes da invasão agarena, devemos limitá-la ao dominio gothico, ou á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de suevos, vandalos e godos; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, e não ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou, quando se fizeram as excavações, fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua; só um pedaço de uma base de estatua, um dedo de figura colossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios. Achado ainda assim importante, porque affasta de vez uma hypothese, a de se não ter acabado o templo; porque os vestigios da base e da estatua, assim como os tanques que rodeavam o templo, provam que elle esteve completo,

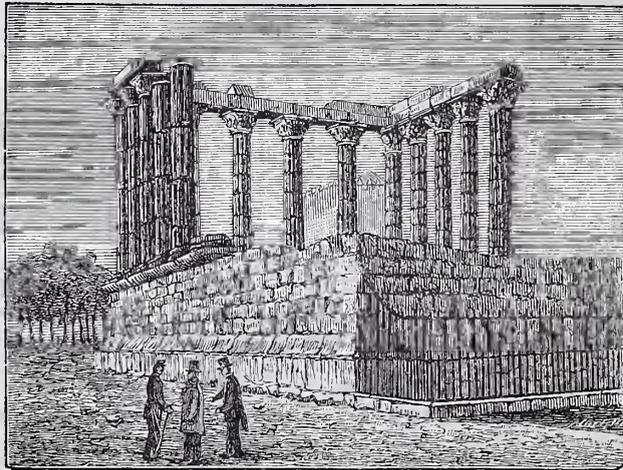
funcionou, e a natureza de taes fragmentos prova que a destruição foi violenta, brutal.

Se a ruína fosse produzida pelo natural desmoronamento em redor, encontrar-se-iam vestigios importantes, ou nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes, e nada d'isto succede.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de fragmentos de tijolo, de extrema rijesa, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente.

O templo ergue-se isolado a meio de um formoso terreiro em parte arborizado, n'uma quasi completa moldura de grandes recordações historicas e dramaticas; o palacio dos Mellos, antigos marqueses de Ferreira, onde João II, o grande vulto da 2.<sup>a</sup> dynastia,

o rei das nobres energias e das lugubres tragedias, teve encerrado o duque de Bragança, Fernando II; do outro lado um paredão pesado e monotono, de construção relativamente recente, forma uma face inteira do antigo edificio da inquisição; ao sul o paço dos arcebispos, as grandes linhas severas e nobilissimas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto



O templo romano

d'estes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

Em 1841 a Duqueza de Palmella cedeu os cazares da inquisição velha que pegavam ao templo; chamavam *inquisição velha* a esses feios pardieiros, então completamente abandonados; *inquisição nova* é a parte que ainda subsiste.

Derribados os pardieiros ficou uma rua larga e o templo isolado, uma edificação singular, pesada a modo de grande cubello solitario, com suas ameias e um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente estivera collocado o sino municipal, o sino de correr; as columnas emergiam pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na parede norte, sobre a cornija do envasamento (as duas columnas medias foram entalhadas para a installação da porta); janellas de volta redonda rompiam a parede do lado do poente.

Era um todo mysterioso, cheio de interrogações; um grande edificio escuro e severo com uma porta alta por onde era impossivel entrar; com aspecto de fortaleza pelas ameias, de igreja pelo

campanario, pequeno, singelo e viuvo da sineta.

André de Resende não viu ali o templo, viu apenas que eram restos de um edificio romano, chamou-lhe *portico* . . . «e assim fez trazer (refere-se a Sertorio) a agua da Prata a um portico no mais alto da cidade, d'onde se repartia pelas regiões d'ella».

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Estaço tambem lhe chamaram portico.

Severim de Faria menciona as *fabricas corinthias* de Sertorio.

Ao padre Fialho, auctor da Evora Illustrada, pertence, segundo parece, a paternidade da denominação — *Templo de Diana* —; e não contente com isto foi affirmando logo ter sido fundado por Sertorio.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmento da ara com vestigios da inscripção, inuteis porque os raivosos destruidores apagaram a camartello os caracteres; o que resta é um marmore de 9 decímetros de altura; conserva restos dos relevos da moldura, vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas na primeira se lêem as letras SAC. . . ; vê-se tambem que os caracteres da primeira linha eram maiores que os das seis restantes.

Fernão Lopes descrevendo os tumultos de Evora na aclamação do mestre d'Aviz diz que o povo, para bater o castello, subiu — á Sé e ao açougue que são logares altos — e d'ali atiravam virotes e disparavam as béstas.

Rodrigo da Cunha (Chronicas, 1643), fallando do mesmo facto diz que os populares subiram á sé. . . «sobre um postigo antigo que ainda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto da agua da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são logares altos d'onde com as béstas podiam empecer».

Esta designação *postigo* tem valor em nossa opinião; explica a porta ogival aberta na face norte; era talvez um postigo do castello quando, antes de 1380, o edificio todo lhe estava annexo.

Em 1836, o administrador geral do districto de Evora, Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama, banii o açougue; em 1841, por diligencias de Rivara, isolou-se o edificio pela cedencia e demolição dos pardieiros da inquisição velha. Em 1870, por iniciativa da camara municipal procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando se tudo o que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

A Camara Municipal procedeu com muito bom senso; foram consultados os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia: o presidente da camara, dr. Manuel Vianna foi o

promotor d'esta obra que toda a gente illustrada lhe agradece.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que, como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior gráo, e em menor as perfeições, possuiu se da mania de trazer para Evora, para augmento da sua gloria (mas, como todas as bellezas verdadeiras, Evora não carece de ouropeis para seu maior brilho) memorias de Sertorio. Plutarcho falla da corça de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio e ha edificios romanos, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Assim pensaram, assim procede hoje muita gente boa nos seus raciocinios.

Mas o ultimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim, vagamente, um portico!

Os archeologos fincaram todos no esplendido final; todos, depois de Fialho, lhe chamaram de Diana, e assim modernamente, seguindo o mesmo impulso, temos o largo, o passeio, as ruas de Diana. Mesmo a idéa inicial de que Evora foi a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento; outra *sorites*, outra invenção de historiadores sem escrupulos.

Flóro que tratou da guerra sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não mencionam Evora nem uma só vez.

Flóro fallando das cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á dominação romana, menciona Osca, Termes, Valencia, Calagurris, não falla de Evora, que se então tivesse importancia, se fosse uma capital, os romanos procurariam sem duvida.

A actividade de Sertorio passou-se toda no oriente e noroeste da peninsula; os *lusitanos* são apenas mencionados como os povos que o chamaram á peninsula para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escriptores greco-latinos é termo geral, que se pode considerar synonymo de povos do occidente da peninsula; mesmo como entidade administrativa a Lusitania da republica é bem diversa da do imperio. Houve aqui uma das taes *sorites* historicas, uma lenda erudita.

Podemos esboçar a lenda creada pela alliança da sciencia e da phantasia, estudar-lhe a formação. Sertorio chamado pelos Lusitanos, é o ponto firme.

Evora cidade notavel da Lusitania, porém de classe inferior a outras; mas aqui os vestigios de grandes obras romanas: dos imperadores? esses beneficiaram Pax — Julia, Emerita, Scalabis, Olisippo, povoações de maior cathogoria official. Dos proconsules dos exercitos republicanos? esses guerrearam, conquistaram, pouco trataram de melhoramentos materiaes; logo de Sertorio seguramente; e Serto-

rio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez o templo, a muralha, o aqueducto, e até o seu palacio; os sabedores de latinorios inventaram inscripções e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. Este empenho de alliar á historia d'Evora o nome de *Sertorio*, assim como os de Viriato, Julio Cesar, etc., chegou a ponto de merecer já no seculo xvii a satyra, por vezes graciosa, e bem feita parodia chamada — Antiquidades de Evora — de Amador Patricio, pseudonymo de Cardoso de Azevedo.

A lenda erudita fixou-se todavia; tem sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitães, Osca (d'esta ha testemunhos certos) e Evora, a trinta dias de marcha, pelo menos, uma da outra? Evora, quasi no extremo occidental da peninsula, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na peninsula para outra coisa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e noréste da peninsula.

Na parede do tribunal judicial (antigos paços do concelho) na praça de Giraldo, estão algumas inscripções agrupadas em todo architectonico, sobre uma base granitica que é um fragmento de architrave e friso com seus triglyphos, florões ou escudos circulares, e caveiras de touro; é possível que este fragmento pertencesse ao templo romano. Não devemos todavia esquecer que na praça existiu até ao ultimo quartel do seculo xvi um arco romano, de que poderia fazer parte este fragmento de architrave.

O templo romano pelos seus caracteres artisticos pode classificar-se no 3.º seculo, maior probabilidade porém para o 2.º seculo, quando as influencias de Trajano e de Hadriano alastraram a peninsula de obras de utilidade publica. Já dissemos que é do typo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina, que são do 2.º seculo.

A importancia de Eborá ou Liberalitas Julia, municipio do antigo direito latino cresceu na paz, na prosperidade material, do dominio dos imperadores, quando a peninsula se cortou de magnificas estradas, os rios se passaram de solidas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos, como os melhores da Italia, aqueductos, theatros e finalmente direitos e regalias eguaes. Na Lusitania, provincia administrativa limitada no tempo dos imperadores pelo Douro e pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Eborá pela sua posição geographica não podia deixar de ter importancia, especialmente commercial. Da capital lusitana Emerita Augusta passava-se por Eborá para ir aos tres grandes portos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisippo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era ponto obrigado de transitio; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos

rios; os mercadores, os officiaes do fisco, rendeiros e procuradores publicos, os magistrados nas suas repetidas inspecções e visitas — o machinismo governativo chegou em Roma a uma perfeição enorme, — as tropas nos seus movimentos tinham esta estação forçada n'um vasto territorio, situada na mais rica e facil região da Lusitania.

É mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de grossos silbares faciados, de que nos restam ainda bellos fragmentos.

Já nos referimos á epoca provavel da ruina do templo, desejamos porém firmar ainda este ponto; o final do 4.º seculo e a 1.ª metade do 5.º viram a destruição de muitos monumentos; não foi só o tumultuar das hordas barbaras invadindo o imperio, antes e ao mesmo tempo houve a reacção violenta, o espirito de seita; o christianismo victorioso, facto perfeitamente natural, lembrou-se das terriveis perseguições que soffrera; e o christão quiz fazer desaparecer da face da terra os templos, as aras, os idolos do paganismo.

Em certas regiões isto effectuou-se não irregular mas systematicamente, e por ordem do imperador. — Honorio por exemplo, — ou de seus vigarios e presidentes; em Hespanha, ha testemunhos historicos, os christãos demoliram os templos das divindades pagãs. Ora no templo romano de Evora parecemos evidentes os indicios da demolição, que destruiu mesmo a inscripção do altar.

O templo romano tem já uma pequena litteratura moderna. Citarei as noticias principaes.

*Voyage en Portugal*, de J. Murphy, tomo 2.º, publicado em 1797. Descripção do templo a pag. 283. Estampa 18; gravura imperfeita, faces norte e nascente. Os entulhos escondiam a base quasi inteiramente; na ogiva da face norte uma porta pequena, rectangular; indica uma escada de 4 a 5 degraus para essa porta.

Artigo — Evora — no *Panorama*, vol. 8.º 1844, pag. 407, artigo que se refere aos fins de 1839; e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann — *Erinnerungen aus Sudeuropa*, Berlin, 1858, pag. 201. Emilio Hübner. Not. archeol. trad. pag. 47.

*Archivo Pittoresco*, tomo viii, pag. 313, com uma gravura que mostra o estado do templo antes de 1870.

A. F. Simões. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Evora, 1869. E tambem um extenso artigo, com 2 gravuras, publicado nas Artes e Letras, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

A. F. Barata, *Miscellanea historico-romantica*. Barcellos 1878, pag. 185.

Observações de J. H. C. Rivara, no vol. *Nação*

de alguns filhos da India Portuguesa. Nova Goa, 1874, pag. 160.

Artigos do auctor d'estas linhas na — *Renascença* — vol. de 1879, pag. 107 e seg. com duas gravuras; no jornal — *O Manuelinho d'Evora* —, etc.

A photographia mais perfeita é a de Laurent, antes de 1870, bem tirada e de sufficiente tamanho a mostrar miudezas; não comprehende porém nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janellas de volta redonda na face do poente, ameias de alvenaria, mas do feitio das da crasta da Sé (sec. 14); vestigios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam.

Ha photographias de Serra, face norte, de Campos, face sul, tiradas depois do isolamento do romano puro, e que serviram para as gravuras publicadas nas *Artes e Lettras*, e na *Renascença*.

O Socio,

GABRIEL PEREIRA.

---

#### ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

O distincto archeologo Monsieur G. De Conny, communicou ao sr. Possidonio da Silva algumas considerações sobre os machados de bronze prehistoricos, descobertos em Portugal, e ao mesmo tempo desenvolvendo magistralmente questões com referencia ás primitivas populações, que introduziram os instrumentos de bronze na peninsula Iberica. São ellas de tão subido interesse scientifico, que julgamos prestar um util serviço aos estudos archeologicos do nosso paiz, publicando no Boletim da nossa Associação a carta que recebeu o nosso digno presidente, de tão auctorizado cavalheiro; o qual havia sido designado pelo insigne archeologo Monsieur De Caumont para o substituir na direcção da Sociedade Franceza de archeologia, porque reconhecia n'este seu collega a necessaria illustração para dirigir os importantes trabalhos d'esta afamada Sociedade: portanto, não deixará de ser acatada pelos nossos consocios a opinião expendida por este sabio.

Não desejando diminuir o vigor do raciocinio e o encanto do estylo, reproduzimos no proprio idioma do illustre francez, e na sua integra, essa erudita missiva.

Château de la Grille, 7 juin 1883.

*Monsieur et très-honoré collègue.* — J'ai reçu au commencement de ce mois la Notice sur les haches

de bronze trouvées en Portugal, que vous m'avez fait l'honneur de m'adresser, comme témoignage de votre bon souvenir.

Je vous en aurais remercié plus tôt si je n'en avais été empêché par un voyage de quelques jours, qui m'a tenu éloigné de chez moi.

J'ai lu votre notice avec un vif intérêt; d'abord parce qu'elle me venait de vous, et en second lieu, parce qu'elle me faisait connaître un instrument Préhistorique dont j'ignorais complètement l'existence.

La forme de cet instrument, la disposition de sa douille, son talon plein, ses deux anneaux latéraux, en font, ce me semble, un spécimen tout à part, et entièrement distinct, quant à l'usage auquel il était destiné, de l'instrument auquel on donne communément le nom de hache. Ce dernier, par son mode d'emmanchement, par le système d'attache que comporte son anneau unique, devait être employé à couper et à travailler le bois de la même façon que l'outil dont ou lui a donné le nom.

Celui que vous avez fait connaître au monde savant, et que le premier, vous avez mis en lumière, devait à mon avis, avoir un emploi différent. Emmanché sur l'une de ses faces latérales, et attaché vraisemblablement à la poignée par les deux anneaux disposés de chaque côté de la douille, il devait nécessairement opérer dans le sens du plat de la tranche, et à la façon de la doloire dont se servent les tonneliers, ou de l'*ascia* romaine, c'est-à-dire raboter et polir le bois, au lieu de le fendre ou de l'équarrir comme la hache. Votre découverte, Monsieur et ami, a, suivant moi, une importance toute particulière, en cela qu'elle révèle en Lusitanie un degré plus avancé dans l'art de travailler le bois, que celui indiqué par la forme de la hache jusqu'ici connue.

J'y verrais un progrès analogue à celui que présente dans un autre ordre, l'instrument de pierre polie, sur celui de pierre simplement taillée. Votre hache donnait au bois une surface bien moins rustique et moins rugueuse que celle que l'on obtenait au moyen de la hache employée dans la Gaule et autres pays. Au sujet de ce dernier instrument dont les diverses variétés ont été comprises sous une même dénomination, je vais vous dire ici en passant, qu'il me paraît difficile d'admettre qu'elles aient eu toutes la même destination et le même mode d'emploi. Plusieurs de ces soit disant haches ont une douille tellement profonde, qu'elle ne laisse comme vous le savez, au tranchant qu'une épaisseur excessivement minime. J'ai dans ma collection deux de ces haches encore à fleur de coin, et n'ayant jamais servi, dont la douille a 10 centimètres de profondeur, tandis que le tranchant n'a qu'un centimètre seulement. Si ces haches avaient servi et si

le tranchant avait été deux ou trois fois aiguisé, elles seraient devenues complètement hors d'emploi, par ce que l'on aurait atteint le creux de la douille. Les deux instruments de bronze dont je vous parle ont la douille carrée et un anneau latéral; un d'eux a conservé dans sa douille la partie du moule d'argile qui a servi à le couler, J'ai étudié très attentivement la nature de cette terre, dans le but d'y trouver un indice de l'âge de ces haches. De cet examen il est résulté que la terre du moule, cuite par la chaleur du bronze en fusion, n'avait aucune analogie avec celle des poteries dites pré-historiques, et qu'elle était en tout, par la couleur, par la composition de la pâte, semblable aux tuiles et briques gallo-romaines que l'on rencontre dans notre pays; ce qui prouve que le bronze a été employé en Gaule et ailleurs très probablement, bien au delà de l'époque dite celtique.

J'ai cru m'apercevoir en lisant votre notice que votre musée archéologique ne contenait pas de haches de bronze à douille carrée telles que les miennes. S'il en était ainsi, et si cela pouvait vous être agréable, je me ferais un véritable plaisir de vous en offrir une, comme témoignage de la reconnaissance que je vous dois et que je vous conserve, pour avoir bien voulu m'inscrire au nombre des membres honoraires de la société royale des Archéologues portugais, par vous fondée.

J'ai tenu, monsieur et très-honoré collègue, à vous faire connaître à quel point m'a intéressé votre notice; c'est à mon avis le meilleur moyen de vous prouver combien j'ai été reconnaissant de votre aimable envoi. La lecture attentive que j'en ai faite a eu encore pour moi un résultat très important, parce qu'elle est venue corroborer une opinion que mes études et mes recherches me rendent chaque jour plus probable, relativement à l'introduction du bronze en Gaule et en Ibérie.

Pour moi, la connaissance et l'usage de ce métal ont été apportés dans notre pays par les Ligures, peuple qui a occupé la Gaule avant l'arrivée des Celtes, et après les Ibères sur les quels ils l'avaient conquise, suivant toutes les probabilités. Les Ligures, d'après le savant géographe allemand Mannert, et d'après Guillaume de Humboldt, auraient appartenu au rameau Européen de la race indo-Européenne. L'étude de la linguistique a amené un érudit français, Mr. d'Arbois de Jubainville, à la même conclusion. Or la linguistique nous apprend également que les Indo-Européens connaissaient le bronze auquel ils donnaient le nom d'*aias*, métal qui brille, et qu'ils employaient ce métal, simultanément avec la pierre pour façonner un instrument qu'ils appelaient *saxa*, de la racine sak, qui signifie couper. Lorsque les Ligures arrivèrent dans la Gaule, vers 850 ans, avant J. C. ils durent nécessairement y

apporter leur industrie et leur civilisation, que les études linguistiques ont révélé en partie.

Telle est mon opinion sur cette question, et elle me paraît solidement fondée. Après avoir conquis la Gaule, quelques tribus Ligures pénétrèrent dans la Péninsule Ibérique, et le Périple de Scylax nous les montre mêlés aux Ibères, le long de la Méditerranée, du Rhône à Ampurias.

D'après Etienne de Byzance, une de leurs colonies se serait avancée jusqu'à la chaîne de montagnes au pied de laquelle coule la Guadiana, et où ils auraient possédé une ville qu'il appelle Ligustine. Il paraît que leur industrie métallurgique ne dépassa guère la région par eux occupée, si l'on en juge par le petit nombre d'instruments de bronze découverts en Espagne et en Portugal; ce qui dites vous, monsieur et ami, a fait supposer que la Péninsule Ibérique a passé pour ainsi dire sans transition de l'âge néolithique à l'âge du fer.

Et voici le raisonnement que me suggère votre si intéressante notice, et qui confirme ma théorie sur l'introduction du bronze dans l'Ouest de l'Europe.

Les Ligures qui connaissaient l'usage de ce métal, ont occupé la Gaule au IX<sup>me</sup> siècle avant J. C. et l'on y trouve partout et sur tous les points une quantité considérable d'instruments de bronze. En Ibérie, ils n'ont habité que sur une partie de territoire très-restreinte, et le bronze ne paraît dans ce pays que pour ainsi dire à l'état d'exception: donc on semble autorisé à en conclure que ce sont les Ligures qui ont apporté ce métal en Gaule, et qu'il est très rare en Ibérie, parce que les Ligures n'en ont occupé qu'une région très peu étendue.

Les motifs, qui suivant moi, auraient mis obstacle à la diffusion de l'industrie métallurgique des Ligures dans la Péninsule Ibérique seraient ceux-ci: en premier lieu, l'hostilité qui a pu et dû exister entre les Ligures et les peuples dont ils avaient envahi le territoire, et en second lieu, parce que les Phéniciens qui, au dire de Strabon, avaient au XI<sup>me</sup> siècle avant notre ère, établi leurs colonies dans la majeure partie de l'Ibérie, avaient dû y introduire simultanément l'usage du fer et l'usage du bronze, longtemps avant l'arrivée des Ligures, et prendre en quelque sorte le monopole de ces deux industries. Il pourrait se faire toutefois que le fer n'eut été apporté en Ibérie que postérieurement au bronze, les données historiques me faisant défaut à ce sujet; mais une fois ce métal introduit dans l'usage, il dut être de beaucoup préféré au bronze, en raison de ses propriétés intrinsèques, et par conséquent en rendre l'emploi bien moins fréquent. Quant à ce dernier métal, il ne saurait y avoir de doute, ce me semble, sur le mode et sur la date de son introduction en Ibérie. Au temps d'Homère le bronze était fourni aux Grecs par les Phéniciens;

«par Sidon la riche en bronze» lit-on dans l'Odysée. Ils tiraient alors des cassitérides l'étain nécessaire à sa fabrication. Établis en Ibérie, ils y constituèrent leur industrie, comme nous l'apprend Pausanias, mentionnant le bronze de Tartesse.

Le pays, du reste, leur fournissait l'étain et le cuivre nécessaires à la fabrication de ce métal. Ils trouvaient le cuivre à Rio-Tinto, en Andalousie, et à San Domingo en Portugal, pour ne nommer que les principaux gisements ; l'étain, dans les mines du mont Argentarius, au dire d'Aviénus, et dans celles de Zamora et d'Almeira. Si, comme il résulte de ce que je viens de dire, l'Ibérie a reçu des Phéniciens, deux siècles environ avant la Gaule, la connaissance et l'usage du bronze ; il est à croire que vos haches à douille latérale et à deux anneaux, d'un type si différent de celles que j'appellerai Indo-Européennes, ont dû être introduites en même temps par eux dans votre pays.

Au temps de la xx<sup>ème</sup> dynastie Egyptienne, les Phéniciens pénétrèrent dans le Pont Euxin, sur la rive duquel ils établirent plusieurs postes fortifiés, depuis le Bosphore de Thrace jusqu'à la Colchide. Poussant plus loin leurs explorations, ces hardis navigateurs abordèrent à l'embouchure du Borysthène, et s'aventurèrent même, dit Mr. Maspéro, dans les grandes plaines de la Russie méridionale. «De ces mers lointaines, ajoute cet auteur, ils rapportèrent. . . l'or et l'argent, le plomb, l'étain nécessaire à la fabrication du bronze, et qu'ils recevaient auparavant par voie de terre, à travers l'Arménie et la Syrie.» On comprend d'après cela, comment on a pu rencontrer en Russie une hache du type Lusitanien, importée très vraisemblablement par les Phéniciens.

En longeant les rives du Pont-Euxin, les navires de Tyr et de Sidon entrèrent en rapports commerciaux avec les Saspères et les Chalybes «livrés de tout temps, d'après l'auteur cité plus haut, à la métallurgie et fournissant de fer et d'étain l'Asie antérieure.» Si, par cas peu probable, le fer avait été jusque là inconnu aux Phéniciens, l'usage de ce métal dut alors leur être révélé, et on ne saurait douter qu'ils l'aient importé dans leurs colonies d'Ibérie. On en rencontre des spécimens plus nombreux en Lusitanie, par cette raison sans doute, que cette industrie y aura persévéré plus longtemps : peut-être à cause de la richesse et de l'abondance de ses mines et des facilités plus grandes d'extraction. Le type de ces haches a-t-il été importé par les Phéniciens ; a-t-il été créé ou modifié en Lusitanie ? cette intéressante question ne saurait être, résolue que par l'examen des instruments analogues rencontrés dans les pays tributaires autrefois, comme le vôtre, de l'industrie des Phéniciens.

J'ai dit plus haut que le fer, suivant toute vrai-

semblance, avait dû être importé en Ibérie par les Phéniciens. Si, contrairement à mon opinion, il n'en fut pas ainsi, ce métal dut être très certainement introduit en Lusitanie par les Celtes, lorsque ceux-ci vinrent s'y établir dans le courant du v<sup>ème</sup> siècle avant notre ère. Les Celtes en effet connaissaient le fer, dont l'usage leur avait été enseigné par les Scythes, lorsqu'ils étaient limitrophes de ce peuple dans la région du haut Danube, et qui leur était vendu par les marchands Scythes, les Sigynnes, comme les appelle Hérodote. Les Scythes appelaient le fer *ayasa*. Les Celtes adoptèrent le nom, en même temps que le métal ; mais pour ne pas le confondre avec celui du bronze, *aias*, ils l'allongèrent au moyen d'un suffixe. De là vint le mot Celtique *ayasarnos*, ou par contraction *aisarnos*, *isarnos*, *esarnos*, conservé par les Germains.

Les Celtes ont donc importé le fer en Gaule bien certainement, et peut-être en Lusitanie. Ils ont également, si je ne me trompe, introduit l'usage de l'inhumation sous dolmen, dans ces deux pays, usage qu'ils auraient apporté de l'Inde, où, paraît-il, il existe encore. C'est, vous le savez, l'opinion de Sir John Lubbock. Aujourd'hui on ne veut plus de cela, dans une certaine catégorie d'archéologues qui prétendraient reléguer cette coutume, dans un vague et obscur lointain. Je suis loin de partager cette manière de voir, et il me semble que vous êtes de mon avis.

Dans la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire l'an dernier, et où vous me parliez des dolmen que vous aviez fouillés sur les bords de la Guadiana, vous ajoutiez que vous n'aviez trouvé aucun monument mégalithique du même genre sur la rive gauche de ce fleuve. Vous en tiriez cette conséquence très juste, que les Celtes étaient venus dans votre pays par la rive droite, et ne s'étaient pas établis sur la rive opposée. Cette constatation de votre part, et venant d'un savant aussi autorisé que vous l'êtes, est d'un grand poids dans la question dont j'ai l'honneur de vous entretenir. S'il n'y a pas de dolmen dans la région qui n'a pas été occupée par les Celtes, et s'il s'en trouve dans celle qu'ils ont habitée ; il en résulte évidemment que c'est à ce peuple que sont dus ceux qui se rencontrent dans la Lusitanie et conséquemment dans la Gaule. Serait-ce indiscret à moi, monsieur et très-honoré collègue, de vous demander s'il vous serait possible de m'envoyer la brochure que vous avez publiée sur les monuments mégalithiques de Portugal ? Je vous en serais très reconnaissant, car mon opinion personnelle appuyée sur la vôtre, reposerait sur une base bien plus solide.

Je voudrais me servir de cet argument, pour démontrer dans une histoire locale que je prépare, que les Ligures, après l'invasion des Celtes, n'ont pas

cessé d'occuper une certaine région, située sur la rive droite de la Vienne, par la raison qu'on n'y rencontre aucun dolmen, tandis qu'il en existe plusieurs sur la rive gauche, où se seraient établis les Celtes. La différence qui existe entre les types physiques des habitants des deux régions, me conduit aux mêmes conclusions, et semble confirmer ma manière de voir.

Voici une bien longue et trop longue lettre, monsieur et ami. Pardonnez moi d'avoir ainsi laissé courir ma plume, sans lui imposer un frein opportun. Veuillez y reconnaître l'effet de l'intérêt très-grand, que m'a inspiré votre notice, et en même temps le résultat de mes sentiments sympathiques pour votre pays. En m'inscrivant au nombre des membres d'honneur de la société que vous avez fondée, ne m'avez vous pas conféré une sorte de naturalisation portugaise, et ne m'avez vous pas fait un peu votre compatriote?

Je l'ai compris ainsi; et voilà pourquoi, à mes études sur le passé de l'ancienne Gaule, j'ai joint l'étude du passé de la Lusitanie.

Votre notice a réveillé en moi tous ces souvenirs, et je les ai laissé parler, sans songer qu'ils m'entraîneraient beaucoup trop loin, en me rapprochant de vous par la pensée.

Veuillez agréer, monsieur et très-honoré collègue, l'assurance des sentiments les plus distingués de votre très dévoué

*G. de Congny.*

*P. S.* — Je compte communiquer votre importante découverte à la société Académique de Châlons-sur-Marne, qui l'accueillera, j'en suis certain, avec le plus grand intérêt.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 47

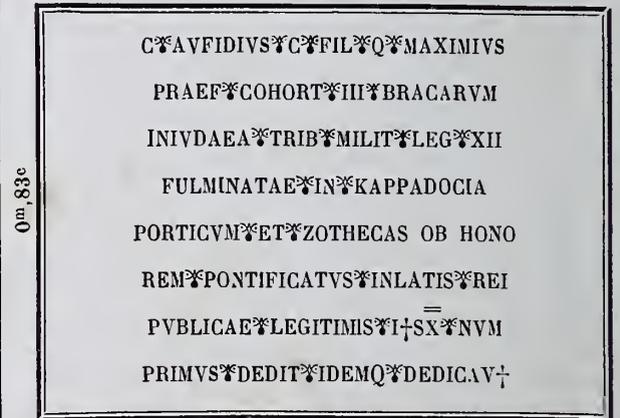
Publicando-se n'este numero do *Boletim* a estampa com a inscripção romana descoberta em Argel no anno de 1870, é com o intuito de se generalisar a importancia archeologica que affirma com uma prova irrefutavel o que já a antiga historia romana tinha feito conhecer; porém, até á data d'este descobrimento, não se havia achado esculpido em nenhum padrão dos fastos guerreiros do povo-rei; e tanto mais é de subido interesse para Portugal, pois que n'ella está commemorada a parte activa com que os bracarenses haviam concorrido para as assignaladas victorias dos antigos dominadores do mundo.

Constando-me esse inesperado e valioso descobrimento, dirigi-me ao governo francez e sollicitei o seu illustrado incitamento para o progresso dos estudos archeologicos. Aquelle governo aucto-

risou uma copia fiel da referida inscripção, de Caius Aufidius, o que nos foi bizarramente feito, ordenando-se ao prefeito de Constantina de me enviar a estampagem, sendo encarregado de a tirar Mr. Férand, cavalheiro da Legião de Honra e secretario da Sociedade Archeologica de Argelia. Informou-me este archeologo, que esta inscripção de *Aufidius* era a mais perfeita e mais bem gravada, e ao mesmo tempo de melhor conservação de todas as descobertas em Constantina, occupando um logar de honra no Square situado na esplanada do *Forte Valée*. Ficou a lapide bastante patente, para que os antiquarios e os toristas a possam admirar. Eu incluo (diz-me Mr. chevalier Férand) o volume no qual se publicou na pag. 358 a descripção d'esta inscripção.

É pois do 1.º vol. da 2.ª serie da collecção das noticias e memorias da Sociedade de Archeologia da provincia de Constantina, que nós reproduzimos esta descripção inserta na referida pag.

1m,73c



*Caius Aufidius, Caii filius, Quirina (tribu), Maximu, praefectus cohortis quartae Bracarum, in Iudaea tribunus militum legionis duodecimae fulminatae, in Cappadocia porticum Azothecas ob honorem pontificatus, inlatis reipublicae legitimis sestertiâum decem millibus nummis, primus dedit, idemque dedicavit.*

*N. B.* Esta inscripção tambem tem o merito de mostrar como se deve lêr a abreviatura *fulminat*, que se encontra em outras inscripções, junta á designação da legião 12.ª, a qual abreviatura se tem lido geralmente *fulminatrix*.

O signo cruciforme que termina a inscripção é um monogramma equivalente ao grupo *II* que o gravador não pdeu inserir na ultima linha, por lhe faltar espaço para as duas letras finaes.

Esta magnifica inscripção está gravada dentro de um quadro formado de um triple renque de molduras na profundidade de alguns millimetros, sobre

CAV FIDIVS C FIL Q̄ MAXIMVS  
 PRAEF COHORT III BRACARVM  
 IN IVDAEA TRIB MILIT LEG XII  
 FVLMINATA EI IN KAPPA DOCIA  
 PORTICVM ET ZO THECAS OB HONC  
 REM PONTIFICATVS IN LATIS REI  
 PVBLICAE LEGITIMIS HS X̄ NVM  
 PRIMVS DEDIT IDEM Q̄ DEDICAVT



uma lapide de bastante grossura, da qualidade de calcareo rijo, a qual mede 1 metro e 73 centímetros  $\times$  0,83 de largo. Os caracteres têm 0,075 de altura, sendo da melhor época, e não soffreram alteração alguma as suas fórmas, não obstante os seculos decorridos. Esta lapide estava soterrada no antigo cemiterio europeu de *El-kantara*, e foi transportada para o museu lapidario do hypogeo de Pro-cilias. É o mais bello monumento epigraphico que se tem descoberto n'esta região. A copia está exposta no museu archeologico do Carmo em Lisboa.

Ha toda a probabilidade de que a 4.<sup>a</sup> cohorte dos *Bracares* fizesse parte da XII legião romana,

á qual Titus tinha dado por quartel, no anno 70, a celebre cidade de Mytilene, edificada por Trajano sobre as margens do *Euphrate*, e que depois veio a ser a metropole da pequena Armenia. No ultimo quartel do III seculo, esta legião, que tomara parte no drama animadissimo do cerco de Jerusalem, occupava a provincia de Mélite, a qual desde muito tempo era annexa a Cappadoce, cuja Legião se intitulava *Fluminante*, depois da chuva milagrosa que salvou o exercito de Marco Aurelio, pres-tes a morrer á sêde nos desertos da Germania em 174.

J. DA SILVA.

## SÊCCÃO DE ARCHITECTURA

### ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado de n.º 2, iv vol. pag. 20)

Hoje nos occuparemos das causas que concorrem, independente dos esforços do tempo, para a mutilação ou para a ruina dos monumentos da idade media; sendo as principaes as seguintes:

O desdem pelas obras antigas e o desejo de innovações;

A falta de criterio para se poder com facilidade fazer uma apreciação artistica e erudita do merecimento d'esses monumentos, e de sua importancia historica;

Não ser vulgar a sciencia de archeologia, pela qual se reconhecera o subido merito da arte ogival;

A dificuldade nascida d'essa ignorancia para se determinar a era dos monumentos da idade media, o seu symbolismo, e a sciencia como foram construidos.

Passaremos, pois, a demonstrar o fundamento d'esse desprezo, e indicar em seguida como se conseguiu com o estudo e applicação adquirir-se os precisos conhecimentos para se apreciar devidamente esta architectura.

A fim de se determinar a idade de um monumento antigo, bastará que os archeologos examinem detidamente o monumento em si.

Se se descobrisse agora no solo da Grecia ou de Italia os vestigios de um edificio, do qual Pausanias nem Phinis não tivessem nunca feito menção, em um sitio de que nenhuma tradição haja conservado a lembrança; porém que a simples inspecção d'esses fragmentos, conforme as molduras e os perfis, affectasse tal ou tal feito, conforme a pedra e o mármore estivessem aparelhados e sua construção de tal ou tal maneira executada, por esses indicios de-

monstrar-se-hia, quasi com toda a certeza, que o edificio seria do seculo de Pericles, ou de Alexandre, se pertenceu ao tempo da republica ou á epoca dos imperadores romanos.

¿ Não se poderia fazer o mesmo para com os monumentos da idade-media? Não terão assignalados na sua frontaria e apparelho a data da sua origem?

Não vae longe a opinião em contrario: pois haviam negado, que nenhuma regra, nenhum methodo linha presidido á construção dos monumentos da idade media; desde a queda do imperio romano até ao renascimento, unicamente o acaso havia dirigido a arte de edificar, umas vezes em um sentido, algumas já em outro; e por conseguinte, no mesmo lugar, no mesmo anno, teriam visto muitas vezes levantarem-se monumentos inteiramente differentes, em quanto que monumentos identicos podiam ter sido construidos a muitos seculos de intervallo nas duas extremidades da Europa! Portanto não se devia attribuir especialmente a nenhuma época lhe tivesse dado character determinado, e seria absurdo procurar classificar em ordem chronologica os monumentos d'esses tempos!

Esta opinião não era sómente conservada por uma tradição erronea, ou por um dito vulgar; era affirmada pelos professores da arte! O critico eminente, que no estudo da architectura antiga completou a obra de Winckelman, e desenvolveu os principios theoreticos e praticos da architectura dos antigos povos com uma profunda e sabia apreciação, Quatremère de Quincy, o auctor do *Diccionario de architectura civil* que fazia parte da colossal obra *Encyclopedia*, não deixava uma unica occasião de proclamar nas suas publicações, que a architectura da idade media não era uma architectura, nem mesmo uma arte, mas sómente uma compilação, um composto

de elementos disparatados e heterogeneos, reunidos por uma phantasia ignorante e perturbada!

Quem ousaria então levantar a sua voz contra este anathema?! Quem se atreveria a estudar esta supposta architectura? A vista de taes monumentos não passava sómente por inutil, acreditava-se mesmo ser pernicioso para o estudo. Em consequencia d'isto, era de suppôr se passariam ainda muitos annos em que os architectos continuariam a julgar os monumentos da idade media, sem os conhecer e estudar, e na impossibilidade de os classificar por não os comprehender, ficasse sendo proverbial a sua designação, se felizmente a nova sciencia da archeologia não viesse pelas suas perseverantes investigações destruir esse erroneo conceito, e provar com principios fundamentaes como a architectura da idade media não só tinha jus a esse titulo, mas possuia igualmente como a architectura antiga regras e principios para lhe dar o merecido titulo d'arte, pois lhe reconheciam um typo inventado com muito talento e sabedoria: é isto que me proponho demonstrar até onde os meus recursos intellectuaes o permittirem, e guiado por obras de subida auctoridade.

Os archeologos reconheceram desde logo, nos numerosos elementos dos quaes esta architectura se compõe, que essa supposta confusão e irregularidade são sobretudo apparentes, e ainda mesmo que seja examinada com pouca attenção, é impossivel não se lhe notar invariaveis analogias e positivas differenças, repetindo-se de uma maneira constante e regular.

A' força de reunir as analogias, e de separar as dissimilhanças, estes novos apostolos da sciencia conseguiram estabelecer as divisões geraes, susceptiveis de ser ulteriormente subdivididas para virem a ser as bases d'uma classificação methodica.

A mais importante, a mais complexa d'estas divisões, resultava naturalmente de uma differença fundamental na forma de um dos membros principaes d'essa architectura. Como seria possivel não se notar, entre todos estes edificios, aos quaes se applica indistinctamente a denominação de monumentos da idade media, em que todas as arcadas, todas as aberturas finalisam em ponto agudo, em ogiva; emquanto que n'outros a volta inteira reina exclusivamente; e entre alguns d'elles, finalmente, se nota simultaneamente a volta inteira e a ogiva! Uns e outros poderiam ser contemporaneos, ou talvez se deva com fundamento attribuil-os a épocas distinctas? . . . Para resolver estas questões, foi preciso recorrer ao testemunho dos monumentos escriptos, e quando, depois de experiencias mil vezes repetidas, depois de numerosas verificações, ellas fizeram reconhecer sempre, que os monumentos aonde havia arcos de volta inteira, não appreciam além

d'uma certa epoca, pelo contrario os monumentos da ogiva principiaram a apparecer sómente a começar d'uma outra época, e os monumentos de formas mixtas pertenciam aos annos intermedios, foi licito logo sem duvida alguma estabelecer este primeiro resultado, como uma prova evidente de que haveria n'isto uma verdadeira sciencia: portanto os monumentos de cada especie se poderiam dispôr em grupos quasi pela sua ordem chronologica, e egualmente (o que não era menos necessario), emprehenderam os archeologos fixar as suas relações geographicas, isto é as differenças que os distinguem, não só de seculo a seculo nas mesmas localidades, mas de paiz a paiz no mesmo momento da sua construcção.

Sem duvida, para se conhecer a historia de uma arte, não é sufficiente determinar os diversos periodos que atravessou em um só paiz, é preciso seguir a sua marcha em toda a parte aonde se reproduziu, indicar as variedades de fórmias que successivamente tiver tido, e formular o quadro comparativo de todas estas variedades, pondo em separado, não sómente o que houver em cada nação, mas em cada provincia do mesmo paiz.

Foi para se alcançar este util resultado que se fizeram as investigações dirigidas com este espirito em relação aos monumentos da idade media. Já desde o principio d'este seculo, alguns sabios de Inglaterra e da Allemanha tinham feito investigações especiaes nos edificios do seu paiz, e logo que foram conhecidas em França e na Belgica, excitaram uma viva emulação para se imitar esses louvaveis esforços.

Não obstante os obstaculos inherentes a qualquer tentativa nova, dedicados archeologos continuaram a sua obra com aturada paciencia e reflectida meditação. Verdades fundamentaes foram adquiridas; a sciencia existe, agora basta só concorrer para a consolidar derramando-se as suas luzes, libertando-a de algumas noções ainda um pouco obscuras, e completando outras demonstrações, que precisam maior desenvolvimento.

Procuraremos indicar com toda a clareza, quaes foram estes resultados.

O periodo dos monumentos construidos com arcos de volta inteira, não está definitivamente bem determinado em todas as suas phases. Posto que a sua duração fosse mais prolongada, mas sob uma apparente uniformidade, encerra todavia variedades mui numerosas. Pode-se pois indicar muito bem, até mesmo com evidencia, as divisões principaes de que se compõem; porém os caracteres permanentes de cada uma d'estas divisões não se determinaram ainda com uma certeza sufficiente. Para quem viu muitos monumentos d'este genero, sem duvida apresentam elles notaveis differenças entre as construcções do vi e vii seculo, e os monumentos que fo-

ram construídos nos últimos 50 annos do ix seculo e em todo o x; mas os signaes d'estas differenças não são exactamente sempre os mesmos. E' de esperar que estudos mais assíduos, e pacientes comparações venham a dissipar esta obscuridade.

Um clarão mais visível apparece desde logo no começo do xi seculo. Aqui não é a raridade dos exemplos que faltam, é mais depressa o seu grande numero que vem augmentar as difficuldades. Este grande renascimento do xi ao xii seculo manifesta-se por dois estylos fortemente caracterizados; o primeiro, vigoroso e massiço; o segundo enriquecido, elegante e aspirando quasi a leveza. Mas quantas graduações se contêm entre estes dois pontos extremos! Que variedades nos planos, nos modos das construcções, na maneira de ornar, principalmente! Uma tão grande diversidade, dá ao estudo d'esta architectura bastante interesse e atractivo.

Posto que a architectura dos arcos de volta inteira seja completamente distincta, tanto da architectura romana e de todos os seus derivados, não é comtudo inteiramente um prototypo original. Quasi todos os principios que a constituem são emprestados; alguns vieram directamente do Oriente, os outros foram como arrancados dos monumentos romanos. Não é um todo homogeneo, vivaz da sua propria vida, consequente consigo mesmo em todas as suas partes, desde a raiz do edificio até ao seu cume; é um composto, e uma compilação, principalmente durante os seculos da sua completa decadencia. Ora, como é impossivel fazer-se a analyse methodica d'uma compilação, não será para admirar, não haja ainda uma classificação rigorosa e completa dos monumentos de volta inteira, e seja isto quasi um problema insolúvel, não obstante ter-se designado já as regras geraes de que elles ficam dependentes; haverá todavia casos de se modificar estas regras em certo numero de excepções.

A mesma observação se applica aos monumentos mixtos, isto é, áquelles que participam ao mesmo tempo da architectura a ogiva e a dos arcos em volta inteira. Seja para figurar estas duas formas de arcadas simultaneamente, sejam compostos exclusivamente de ogivas, conservam entretanto todos os outros caracteres das construcções pertencentes ás de volta inteira.

A fallar a verdade, todas as incertezas sobre esta epoca de transição se reduzem a um unico ponto litigioso, qual foi a origem da ogiva: questão complexa, questão insolúvel, quando se trata isoladamente d'ella, quando se pretende ver um enigma do qual uma só palavra pôde dar a positiva solução.

Qual será a origem da ogiva? Quer a sua apparição seja mais ou menos antiga, quer seja invenção sacerdotal ou secular, ou fosse o resultado de uma producção espontanea e necessaria, até mesmo

de combinações accidentaes ou caprichosas; ha comtudo um facto verdadeiro, incontestavel, e vem a ser, que desde o principio do xiii seculo (com pequena differença d'annos, conforme o paiz), observa-se em todas as construcções religiosas, civis e militares, sem excepção, que foram executadas segundo um systema uniforme e regular; systema do qual os principios, alguns inteiramente novos, outros combinados n'uma ordem toda differente, pôdem determinar exactamente o fim, as condições e qual foi a sua duração.

Depois que a ogiva ficou definitivamente substituida ao arco de volta inteira, um espectáculo todo differente se apresenta: observa-se essa regularidade, esse encadeamento n'essas construcções, como sendo uma consequencia, uma serie de relações, ao mesmo tempo fixas no seu principio, e variaveis na sua applicação, para constituir um systema, e não obstante todas as obras escriptas contra esta architectura, não obstante as doutas sentenças dos seus auctores, é preciso não negar o que tão visível nos apparece á nossa razão.

Em lugar dos impugnadores terem examinado cuidadosamente esses monumentos, preparam se a proclamar, sob forma de axioma — que nunca existiu, e que não pôde existir senão uma unica architectura propriamente chamada, a *architectura classica*; visto que só esta é conforme ás grandes leis da intelligencia, só possui um systema de proporções regulares e combinações constantes, é ella unicamente, em uma palavra, que se basêa sobre um principio de *ordem architectonica*. Emquanto que o *genero de construir* (serviam-se d'esta denominação banal para designar a architectura gothica), nascido de tantos elementos heterogeneos, e em um tempo d'uma tal confusão, d'uma tal ignorancia, com a extrema diversidade de formas que o constitue, fôra inspirado sómente pelo capricho; pois não exprime na realidade á comprehensão senão unicamente uma idéa da mais completa confusão! . . .

Verifiquemos, pois, com toda a circumspecção, se ha exactidão n'este asserto; entremos n'uma d'essas construcções gothicas: não escolheremos, nem as mais bellas, nem as maiores cathedraes; não será nem a sé de Colonia, nem tão pouco a de Reims ou a de Milão: apenas uma igreja de segunda ordem nos bastará para verificar a questão; comtanto que fosse construida quer no xiii, quer mesmo no xiv seculo, e o caracter da construcção primitiva não esteja demasiadamente alterado pelas mutilações, ou pelas restaurações.

Penetremos, pois, na nave da igreja da Batalha, por exemplo; quaes são nossas impressões contemplando-a? Será a idéa de *confusão* que saltará á sua vista ou não seremos nós pelo contrario surpreendidos pela regularidade da coordenação, e seja qual

fôr a variedade dos detalhes, não sentimos haver uma evidente prova de unidade no pavimento, o qual se descobre abertamente em todo o monumento?

Essa profunda perspectiva, a disposição d'esses pilares, a maneira como elles se multiplicam e se ramificam ao sair do tronco commum, o seu abrimento para formar e suster o remate do edificio, tudo isto será um brinquedo do acaso, um effeito accidental e imprevisito? Proclamae sem discernimento, que foi por um capricho irreflectido estarem estas abobodas collocadas tão altas, e a elevação do monumento ser muito grande em relação á sua largura, ninguém vos acreditará; pois não se pôde suppôr que fossem executados sem motivo, sem calculo e sem premeditação estes arrojados trabalhos.

Conforme a opinião do auctor já citado, os architectos da idade media, tanto os do XIII como os do seculo IX, mesmo quando executavam esses difficeis trabalhos não sabiam o que faziam, andavam ás apalpadellas, porque não tinham regras, nem seguiam nenhum methodo! Em uma palavra, para reduzir a termos determinados a opinião dos detractores da architectura ogival, considera como radicalmente impossivel descobrir-se n'esta architectura um principio fundamental, seja d'um systema de proporção, seja d'um systema de construcção, ou um systema de ornamentação, tres cousas essenciaes, sem as quaes não pôde existir nenhuma architectura.

Todavia, a architectura de XIII e mesmo a do XIV seculos, possui esses tres systemas tão necessarios, os quaes lhe são especiaes, constituindo-lhe a sua originalidade, a ponto de a tornar sumamente distincta não sómente da architectura dos povos da antiguidade, mas de todos os outros modos de edificar empregados successivamente em outras épocas da idade media.

É contudo uma verdade, que sem haver um systema de proporções não pôde existir architectura, pois lhe é preciso um certo rhythm, uma certa medida, uma medida de *ordem* para determinar as relações do todo com as partes que a compõem. Se estas relações forem harmoniosas, o entendimento ficará satisfeito e a arte terá preenchido a sua missão. Porquanto haverá sempre medida de *ordem* em uma architectura, desde o momento em que produza o effeito que tiver por fim apresentar. Pouco importa se os meios que empregar forem mais ou menos conformes áquelles dos quaes já se tivesse servido para obter outros effeitos diversos. Será pois n'esta propria architectura que se deverá julgar isso, fazendo comtudo abstracção dos modelos anteriormente estabelecidos pelas outras architecturas.

O systema seguido na antiguidade assenta sobre determinadas relações de medida entre a columna e o entablamento, isto é, entre o ponto de apoio e a cousa sustida. Ora, não existindo entablamento na architectura do XIII seculo, deve-se por ventura suppor-lhe fosse vedado adoptar systema algum de proporção, e as suas producções seriam forçosamente arbitrarías e viciosas?! Procuraremos primeiramente comprehender as regras admittidas na architectura da idade media. Veremos depois, se esses architectos devem ser reputados barbaros, se era verdade desconhecem o segredo do rhythm e harmonia da sua arte, e se porventura não a souberam fielmente representar nas suas construcções monumentaes.

O systema de proporção da architectura ogival pode-se resumir n'estas palavras: *disfarçar as linhas horizontaes*, e indicar o *mais visivelmente as linhas perpendiculares*.

Não se deve acreditar, como em geral se julga, que uma vez dado o diametro da columna antiga, se conhece *exactamente* a sua altura; e esta altura faça determinar *invariavelmente* a dimensão de todas as outras partes de que se compozer um edificio. Se isso fosse uma verdade, os edificios pertencendo a uma *mesma ordem* seriam todos absolutamente semelhantes, só a sua escala poderia variar, haveria grandes e pequenos templos doricos, grandes e pequenos templos corinthios; porém os pequenos seriam, linha por linha, a miniatura dos grandes. Ficando as proporções guardadas entre si, seriam portanto identicos, e como senão existissem mais do que as *tres ordens*, igualmente haveria só tres typos de cada especie de edificios, typos dos quaes um sem numero de reproducções seriam outras tantas provas saídas do mesmo molde!

Mas para destruir este absurdo, basta consultarmos os mesmos monumentos antigos, se porventura acharmos n'elles essa pretendida identidade. Primeiramente verificaremos, se depois de atravessarem os seculos, e principalmente passando da Grecia para Italia, *essas ordens architectonicas*, que se supõem immutaveis, não experimentaram numerosas alterações, ou mais depressa devemos confessar que lhes fizeram uma verdadeira transformação. Mas não façamos caso d'essa differença de variedade; comparemos unicamente os monumentos nas mesmas condições, isto é, construidos conforme uma mesma *ordem*, no mesmo paiz e sendo da mesma epoca. O nosso excessivo escrupulo irá escolher a mais perfeita, a mais nobre de todas as *ordens*, será pois o dorico grego; mediremos portanto o Parthenon e os Propyleos. N'estes dois soberbos monumentos, que se acham em contacto, foi por ventura imitada á risca essa mesma ordem, conforme estão edificados um e outro?

As suas columnas são da mesma altura *relativamente* ao seu *diametro*?

Não se encontra similhante cousa; pois entre ellas notam-se differenças quasi de meio diametro. Se sairmos de Athenas, para comparar esse mesmo Parthenon a uma outra obra prima de Ictinus, o templo de Basse proximo de Phygalia, por exemplo, nos apresentará tambem medidas differentes, e anomalias muito mais notaveis! Por conseguinte em toda a parte a vontade livre do artista apparece patente nas suas obras e as regras nem por isso deixam de subsistir, porém não são despoticas nem importunas. O architecto contentava-se de caracterisar o estylo do monumento por grandes feições geraes, dando-lhe um aspecto de perfeita unidade, deixando todavia o campo livre á variedade guiada pela reflexão, bom gosto e talento.

Da mesma fórma aconteceu á architectura ogival. Examinemos todas as egrejas edificadas no XIII seculo, e fixemos a melhor epoca d'estas edificações, será desde 1220 a 1280; havendo comtudo o cuidado de não confundir n'este exame as partes d'estas egrejas pertencendo a tempos mais remotos, a restaurações posteriores, que lhes tivessem modificado o seu estylo. Tem sido por não se attender a estas precauções, e haver-se julgado com precipitação, que se suppoz descobrir n'esta architectura unicamente um inextricavel chaos! Se aquelles que a julgaram por este modo, tivessem tido o cuidado de comparar sómente as producções de uma mesma epoca, de um mesmo paiz, e de um mesmo estylo, é impossivel não reconhecessem terem todos estes monumentos o mesmo aspecto em geral, sendo todas as suas partes essenciaes concebidas no mesmo espirito e para se adoptarem as mesmas formas. Todos finalmente apresentam essa similliança de familias que distingue os edificios antigos pertencentes a uma mesma epoca. As proporções nas obras d'arte, como nas da natureza, são leis geraes; as dimensões são particularidades accidentaes.

A natureza nunca submete as suas creações a medidas invariaveis. Por ventura dá ella a mesma corpulencia aos animaes da mesma especie? Dará mesmo aos membros de que se compõem uma grandeza sempre relativamente igual? Nunca isso tal fez, pois não existem dois seres da mesma familia que se assemelhem exactamente; e todavia todos os individuos d'esta familia são similhantes por certas relações geraes, relações constantes, immutaveis, necessarias; sendo estas relações que constituem as respectivas proporções.

Deixai exclamar sem razão, quem reparar na planta da cathedral de Braga, que não seja absolutamente a mesma da Sé do Porto: se a nave de uma d'ellas é menos comprida que a outra, relativamente ao comprimento da sua capella-mór; se os pilares

d'estes dois templos não são exactamente da mesma grossura em comparação da sua altura. Isto vem a ser meras diversidades de dimensões, diversidades inevitaveis. Os monumentos classicos, como ha pouco demonstrámos, não estão isentos d'esses contrastes.

Com tanto que exista uma certa medida nas relações, no todo do edificio, ficando as partes da qual se compõem sempre as mesmas, pouco importam as variações d'essas partes entre si. Pois o que constitue um systema de proporções, não é a falta d'essas apparentes anomalias, mas sim a existencia de invariaveis principios geraes superiores a todas as aberrações individuaes, resultando estar a architectura do XIII seculo assente, como estamos convencido, sobre um systema de proporções que lhe é proprio, as quaes encontramos em todas as suas obras, sejam quaes forem as particularidades que as distinguem, havendo invariaveis simillianças fundamentaes e necessarias, que são indicios infalliveis de um principio commum do qual ella dimana.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

Apontamentos ácerca do modo de promover os concursos de obras architectonicas, approvados pelo Real Instituto dos Architectos Britannicos.

TRADUCÇÃO

1.º Os promotores de qualquer projectado concurso devem principiar pela nomeação de um ou mais accessores escolhidos entre os architectos de reconhecida competencia, cujos nomes se publicarão nos annuncios primitivos e instrucções, e da decisão d'estes depende a escolha dos projectos nos diversos periodos do concurso.

2.º O dever dos accessores consiste:

- (a) em redigir as particularidades e condições a seguir nas instrucções aos concorrentes, aconselhar a tal respeito o que possa ser necessario, e rever ou ampliar o que já estiver feito;
- (b) em determinar qual dos projectos preenche as instrucções;
- (c) em excluir todos os outros, e
- (d) em aconselhar os promotores ácerca do merito relativo dos projectos admittidos a concurso.

3.º Os membros da corporação que promover o concurso, e os accessores que se ingerirem n'elle, deverão abster-se absolutamente de tomar parte no concurso, ou de funcionar como architectos na execução da obra.

4.º O numero e escalla dos desenhos exigidos deve ser distinctamente determinado, e não devem

ser mais em numero, nem em maior escalla do que a necessaria para claramente explicar o projecto. Exigindo-se vistas em perspectiva, deverão estas ser uniformes em grandeza, numero, modo de colorir, etc.

5.º Os concursos iniciar-se-hão por tres maneiras diferentes ;

- (A) convidando ou pedindo aos concorrentes projectos preliminares a cada um e que sirvam de preparo para o concurso final ; ou  
 (B) convidando-os sem projecto preliminar ; ou  
 (C) por convite pessoal ; isto é :

Na hypothese (A). Por annuncio convidando os architectos que desejem concorrer. . . . (*aqui descreva-se a obra projectada*) a mandarem seus nomes em dia prefixo, e, depois de recebidos estes, cada concorrente será fornecido com as instrucções preparadas sob a direcção do accessor ou accessores profissionaes. Em vista de taes instrucções, cada concorrente mandará n'uma data determinada um esboço (*aqui descreva-se o limite e character de taes esboços*). Os promotores, com o conselho do accessor ou accessores profissionaes, escolherão de taes esboços não menos de. . . . (*aqui especifique-se o numero*) e seus auctores serão convidados a tomar parte no concurso final, em que receberá cada um lbs. . . . (*aqui mencione-se a quantia*) para o preparo do seu projecto. Por estes projectos se fará a escolha do architecto que deverá executar a obra.

Na hypothese (B). sem desenhos. Por annuncios, convidando os architectos desejosos de concorrer para. . . . (*aqui descreva-se a obra que se pretende*) a mandar seus nomes n'um dia aprazado, com qualquer outra informação que o candidato possa julgar semelhantemente adiantar seu direito a ser admittido no concurso. D'estes nomes os promotores, com o conselho do accessor ou accessores profissionaes escolherão. . . . (*aqui declare se o numero*) a competir, e cada concorrente assim escolhido receberá lbs. . . . (*diga-se a somma*) para preparar o seu projecto. Por estes projectos se escolherá o architecto que deverá dirigir a execução da obra.

Na hypothese (C) Por convite pessoal a um limitado numero de architectos escolhidos, a tomarem parte no concurso para. . . . (*aqui descreva-se a obra projectada*), cada concorrente receberá lbs. . . . (*indique-se a somma*) para o preparo de seu projecto. O auctor do projecto a quem possa ser concedido o primeiro logar na escolha por merito será empregado em executar a obra.

Em todo o caso, (A) (B) e (C) a somma da re-

muneração pelos projectos será fixada pelos promotores, conformando-se com a opinião do accessor ou accessores da profissão.

6.º Cada projecto será conhecido sómente pela epigraphie ou divisa, e qualquer diligencia para influir na decisão dos promotores ou do accessor ou accessores inhabilitará o candidato a tomar parte no concurso.

- 7.º Qualquer projecto será excluído do concurso:
- a — se for mandado depois do tempo aprazado, exceptuando os accidentes no transitio;
  - b — por violação das instrucções ;
  - c — se não der substancialmente a accommo-  
dação exigida ;
  - d — se exceder os limites do sitio, e
  - e — se o accessor ou accessores (com ou sem o auxilio do agrimensor) determinar que o custo provavel excederá a pretendida despeza (se fôr indicada nas instrucções) ou o orçamento do competidor, se a despeza não fôr especificada.

8.º É para desejar, no concurso final sobre a secção (A) da clausula 5, que todos os projectos submittidos, excepto algum excluído sab a clausula 7, sejam com o consentimento dos seus auctores publicamente exhibidos depois da sentença final. As decisões do accessor ou accessores e dos promotores serão publicadas no tempo da exposição.

9.º A obra effectuada por qualquer forma deve ser dirigida pelo architecto cujo projecto tenha sido julgado como melhor, e esse architecto collocar-se-ha exactamente na mesma posição em relação ao proprietario e á obra projectada, como se tivesse sido sómente profissionalmente consultado.

No caso que do concurso tenha resultado a escolha de um architecto, e de que as instrucções, para proceder mais adiante no objecto, não lhe sejam dadas no praso de doze mezes, contados do tempo do architecto ter sido escolhido, deverá ser pago pelo preço usual profissionnal, sob o conselho do accessor ou accessores, exclusiva a somma que lhe fôr paga em commum com os outros concorrentes : um tal pagamento será tomado na conta da commissão, se a obra fôr levada a effeito n'um tempo futuro debaixo da sua superintendencia do projecto submittido por elle no concurso.

*J. Macvicar Anderson* — Secretario honorario.  
*William H. White* — Secretario.

9 d'Abril de 1883.

#### BIOGRAPHIA DO PRINCEPE PRISDANG

Havendo o principe de Prisdang, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua ma-

gestade o rei de Siam em Portugal, sido aclamado socio honorario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, na sessão do mez de Abril de 1883, será agradavel decerto para os

socios d'esta Associação terem conhecimento das habilitações scientificas de sua alteza, dos importantes serviços que tem prestado ao seu paiz, e das distincções que tem merecido como diplomata e como engenheiro.

\* \* \*  
O principe Prisdang, cuja biographia vamos a traços largos esboçar, foi o primeiro representante na Europa como ministro residente do reino de Siam: não tinha menos direito este paiz a ser representado no continente europeu do que a China ou o Japão, pois é um dos mais ricos paizes do extremo oriente.

\* \* \*  
O principe Prisdang nasceu em Bangkok, capital de Siam, a 22 de fevereiro de 1832; é de uma illustre familia, pois descende do principe Krom Khoon Rajaseet, neto do rei Rama Ihibovi VI, conhecido na Europa pelo titulo de Phra Nang Klao.

Encetou os seus estudos em Londres, tendo professor particular durante um anno, depois entrou como estudante livre no King's College, onde permaneceu pelo espaço de cinco annos, seguindo tão extraordinariamente o curso scientifico a que se destinava, que teve os primeiros premios em todas as cadeiras que frequentou, obtendo louvores no seu exame final e sendo considerado desde logo engenheiro distincto: para galardoar os seus brilhantes estudos e talento foi nomeado socio do King's College, e pouco depois recebia uma medalha de prata pelos seus desenhos de machinas e decoração, conferida pela sociedade para o incitamento das Artes e da Industria.

\* \* \*  
Foi convidado a voltar a Bangkok em 1877 para ser empregado como engenheiro e encarregado de levantar a planta do reino; pode-se suppôr a importancia d'uma tal commissão onde elle se houve distinctamente.

\* \* \*  
Em 1878 o rei actual de Siam Somdetch Phra Paramendr, Maha, Chulalou, Korn, enviou-o de novo a Londres para completar os seus estudos de engenheiro, sendo dirigido pelo sabio Sir John Hawkshaw, presidente do instituto dos engenheiros civis.

\* \* \*  
Em 1879 foi nomeado interprete da missão siameza enviada a Inglaterra e á Allemanha; no anno

immediato exerceu o cargo de 2.º secretario e interprete da embaixada extraordinaria encarregada de apresentar a S. M. a Rainha d'Inglaterra, ao principe de Galles, ao presidente da republica franceza e ao principe herdeiro do Imperio da Allemanha, as insignias da Ordem do Elephante branco, sendo por essa occasião encarregado da revisão d'um tratado com estas potencias, e outros paizes que estão em relação com o reino de Siam; recebeu então as seguintes decorações: — da rainha de Inglaterra, a cruz da ordem de S. Miguel e de S. Jorge; do imperador d'Allemanha, a cruz de commendador da corôa da Prussia; e do presidente do republica franceza, a ordem da Legião de Honra.

\* \* \*  
Em 1880, de volta ao seu paiz, foi nomeado secretario particular de S. M. A Rainha, e coronel do regimento da vanguarda.

Os serviços eminentes, os talentos diplomaticos que o principe tinha desenvolvido nas diferentes missões de que tinha sido encarregado, deram lugar a que fosse escolhido como enviado extraordinario junto das côrtes de Berlim e de Vienna, aproveitando a sua estada na Allemanha para estudar a organização militar d'estes dois paizes onde tinha sido assaz considerado: por esta occasião recebeu do imperador de Allemanha a cruz de segunda classe da ordem da Aguia Vermelha; e do imperador de Austria a commenda da ordem de Francisco José.

\* \* \*  
O rei Humberto nomeou-o official da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro; e o rei das ilhas de Sandwich conferiu-lhe o grão de commendador da ordem de Kalkivan d'Hawai.

No fim do anno de 1882 foi investido do cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto das côrtes com as quaes o reino de Siam tem tratados de paz, assim como junto das republicas Franceza e dos Estados Unidos da America.

\* \* \*  
Na sua viagem a Portugal no presente anno, em missão diplomatica, motivada por tratados de commercio entre os dois paizes, visitou a nossa Associação e museu, e dignou-se offerecer o seu retrato em photographia firmado com a sua assignatura, para ser collocado no album, destinado aos socios d'esta Real Sociedade.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O digno Secretario da Assembléa geral da nossa Associação o sr. Visconde de Alemquer offereceu para o Museu um grande fragmento de argamassa romana

descoberta nas suas propriedades de Alemquer, na qual se vêem inerustados vestigios calcareos crystallizados, de curioso aspecto.

O nosso consocio o sr. José da Cunha Abreu Peixoto offereceu para o nosso museu um emblema em esculptura de alto relevo, representando um corvo

com duas iniciaes S V; pertencente a um antigo edificio em Ilhavo, que era propriedade do mosteiro de S. Vicente de Lisboa.

Um exemplar da importante publicação de Monumentos e Lendas de Santarem, pelo sr. Zephyrino N. G. Brandão, foi offerecido á nossa Associação por este intelligente investigador de antiguidades nacionaes, digno socio da nossa Associação.

O doutor belga Mr. A. de Ceuleneer, Membro da Academia de Archeologia da Belgica, offereceu á nossa Real Associação um opusculo muito interessante: *Le Portugal, notes d'art et d'archéologie* — No qual trata dos trabalhos do congresso d'anthropologia e archeologia que se reuniu em Lisboa no anno de 1880; bem como dos nossos monumentos, e galeria das Bellas-Artes de Lisboa; dos quadros pertencentes a S. M. el-rei o sr. D. Fernando; e dos quadros do Gran

Vasco em Vizeu, fazendo analyse com grande intelligencia e imparcial criterio. Occupa-se tambem do fabrico e merecimento dos azuleijos, dando esclarecimentos scientificos ácerca d'esta industria em diferentes epocas e paizes, de muita importancia e proveito para o estudo d'esta especialidade da ceramica.

O distincto Director do Conservatorio Real de Lisboa o sr. Luiz Augusto Palmeirim, mandou para o nosso museu archeologico do Carmo, uma lapide contendo gravado um emblema, e tambem um capitel encontrado no desaterro de um pateo exterior pertencente ao extinto convento dos Caelanos.

O catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, foi nos offerecido pelo seu muito illustrado conservador, o nosso digno socio correspondente, sr. doutor João Ayres Corrêa de Campos.

## NOTICIARIO

O Congresso d'Archeologia da Associação Franceza reuniu-se este anno na cidade de Odem. Os seus membros aproveitaram a occasião para irem a Bayeux depôr uma coroa aos pés da estatua de Mr. de Caumont, que havia 50 annos fundara esta associação, que tão valiosos serviços tem prestado á sciencia de archeologia, e á França, concorrendo com effieaz desvelo na conservação dos monumentos historicos e artisticos d'aquella nação.

Mr. Palustre fez um discurso, honrando os trabalhos, e assignalados serviços que Mr. de Caumont havia prestado aos progressos dos estudos de archeologia, não sómente no seu paiz, mas igualmente nos outros onde esta sciencia era cultivada. O orador recebeu calorosos applausos de todos os assistentes e das auctoridades que acompanharam esta manifestação de preito ao sabio fundador d'aquella associação e ao benemerito cidadão que déra impulso aos estudos d'esta sciencia que tem servido de exemplo nos outros paizes cultos para se evitar o vandalismo, e saber-se apreciar os monumentos que recordam os factos mais gloriosos da existencia das nações.

Finda esta homenagem á memoria do illustrado varão, dirigiram-se os membros do congresso, acompanhados pelo maire, a ver a casa em que tinha nascido Mr. de Caumont, e n'esta occasião pediram ao presidente do Municipio para que uma lapide fosse collocada n'aquella habitação, para recordar ás gerações futuras o nome de tão benemerito cidadão; bem como a rua d'aqui em diante ficasse sendo designada pelo nome de Caumont, a cujo pedido o maire annuiu da melhor vontade. E' por testemunhos d'esta ordem que os povos civilisados sabem dar devida veneração aos homens que illustram a sua patria.

\* \* \*

O decimo segundo congresso dos architectos civis francezes teve lugar no dia 13 de junho na Escola de Bellas-artes em Paris. Presidiu o architecto mr. Questel, membro do Instituto. Depois do discurso do presidente em que declarava terem sido fecundas estas reuniões annuaes, pois que as questões d'arte e d'archeologia tinham sido desenvolvidas com bastante competencia pelos socios, concedeu a palavra a mr. Desjardin sobre o Arco romano d'Orange.

Mr. Charles Lucas, digno socio correspondente da nossa Associação, tratou das questões dos concursos.

Um relatorio das sessões do Congresso das sociedades sabias apresentado por mr. Corroyer, mereceu a maior attenção dos membros pelas suas sensatas observações e excellentes termos. Trata tambem de descrever as ruinas descobertas em Sauxay pelo sabio archeologo mr. P. de la Troia, o qual julga serem aquelles vestigios contemporaneos dos Antoninos, citando dados historicos e artisticos de subido interesse. Deliberou o Congresso representar ao ministro competente para se eurar da conservação d'estas ruinas.

Mr. Albert Lenoir, membro do Instituto, fez uma conferencia ácerca dos *maderamentos e suas transformações*, desde os tempos mais remotos e em diversos paizes até aos gregos; merecendo geral attenção pela importancia do assumpto, como pela sabedoria do eminente archeologo.

Em seguida fez leitura mr. Queien do relatorio para serem conferidas recompensas pelo Congresso dos Architectos aos discipulos da Escola de Bellas-artes, ás escolas particulares, ao Circulo das Alvenias, ao pessoal das construcções civis e industrias d'arte. Conferiram-se os seguintes premios:

Escola de França em Athenas: uma medalha de bronze a mr. Pattier e Rimach, pelas escavações archeologicas de Myrrheun.

Escola das Bellas-artes: uma medalha de prata.

Escola decorativa: uma medalha de prata.

Escolas particulares de architectura: uma medalha de prata.

Escola municipal dos aprendizes: uma medalha de prata, aprendiz de serralheiro; uma medalha de bronze.

Pessoal das obras: duas medalhas de prata, mestres pedreiros. Cinco medalhas de bronze para mestres de serralharia de ornato; mestre pintor, idem carpinteiro, idem pedreiro.

Industria d'arte: uma medalha de prata, escultura; e outra de bronze.

Concluindo o Congresso conferiu duas medalhas de prata aos architectos, mr. Dainville de Paris e mr. Lenoir de Nantes, por construcções particulares. Menção de archeologia a mr. G. Rohaul de Fleury, architecto de Paris.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.<sup>o</sup> 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Bellas Artes — pelo sr. J. DA S.....	Pag. 49
L'exposition d'architecture de Bruxelles — septembre, 1883, pelo sr. CONDE DE MARSY.....	49
Palacio Real de Mafra — pelo sr. JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.....	51
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	54
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.	
Epigraphe — pelo sr. J. DA S.....	58
Inscrições ineditas — pelo sr. FRANCISCO MARTINS SARMENTO.....	58
Architectura dos tempos prehistoricos — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	59
Explicação da estampa d'este numero — pelo sr. J. DA SILVA.....	62
Chronica.....	63
Noticiario.....	64

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### BELLAS ARTES

O distinctissimo socio honorario, o sr. conde de Marsy, dignou-se offerecer á nossa Associação uma interessante *Memoria* ácerca da exposição de architectura, que pela primeira vez se realisou na capital da Belgica. Este excellente trabalho é summamente interessante para os nossos confrades nacionaes, afim de apreciarem os louvaveis esforços com que os abalisados architectos d'aquelle paiz concorrem para que a nossa profissão alcance maiores titulos á consideração publica, assim como pelos relevantes serviços prestados ao progressivo desenvolvimento moderno na architectura civil, serviços estes de subido alcance para a Arte, pelos quaes damos os merecidos emboras aos nossos eminentes confrades belgas.

A notavel communicação com que nos brindou o nosso respeitavel socio, veiu augmentar para nós ainda muito mais o apreço d'esta aprimorada descripção artistica, sendo, pois, um novo testemunho que recebemos d'este festejado litterato, de sua affectuosa estima e consideração, o que nós muitissimo penhorados lhe agradecemos, profundamente reconhecidos: igualmente, por ter a bondade de concorrer com a sua superior intelligencia, para que a publicação do nosso Boletim offereça maior curio-

sidade aos seus leitores, é por isso que nos apresamos em publicar n'este numero a auctorisada apreciação artistica do nosso illustrado e conspicio consocio.

J. DA S.

### L'EXPOSITION D'ARCHITECTURE DE BRUXELLES

Septembre, 1883

Deux expositions sont ouvertes ce moment à Bruxelles, dans le Palais des Beaux-Arts, élevé, depuis quelques années, dans la Rue de la Régence. La première, consacrée à la photographie, occupe le rez-de-chaussée, et nous a paru présenter de nombreux et intéressants spécimens de cet art, qui fait chaque jour tant de progrès. La seconde, de beaucoup la plus importante pour nous, est consacrée à l'Architecture.

Organisée par la *Société Centrale d'Architecture de Belgique*, fondée il y a dix ans, elle est la première exposition spéciale de ce genre qui a lieu dans ce royaume, aussi a-t-elle une importance exceptionnelle.

Le Comité d'organisation a cru devoir en effet y joindre une exposition rétrospective, comprenant la reproduction des monuments ou constructions projetées ou exécutées avant 1830, soit par des archi-

tectes nés sur le territoire actuel de la Belgique, soit par des architectes résidant dans les provinces belges.

Cette première section de l'exposition comprend 398 dessins, aquarelles ou gravures.

Nous citerons, en première ligne, le projet de façade de la Cathédrale d'Anvers, d'Abel *Grimmer* (1592-1619); de nombreuses vues de Bruxelles, et notamment les dessins des maisons de la Grande Place, exécutés de 1729 à 1746 par F. J. de Rons, plusieurs projets de Montoyer; les dessins originaux sur parchemin de l'Hôtel-de-Ville de Gand, par *de Wagemaker* et *Keldermans* (xvi S.) ceux de la tour de l'horloge de Gand, de Liévin *Cruyl*; un splendide dessin sur vélin, de 1507, des trois tours projetées pour la façade de Saint-Pierre de Louvain, par Josse *Metsys*, une étude complète de la tour de Sainte-Waudru de Mons, exécutée par Jehan de *Thuin*, tailleur d'images, avec l'aide de Jean *Repu*, maître maçon de l'église. Ce dessin, qui appartient à M. Renier *Chalon*, est fort intéressant au point de vue technique, ainsi que deux autres plans ou patrons pour la reconstruction de Sainte-Waudru, exécutés en 1448 par Michel de *Rains*, maître maçon de la ville de Valenciennes, qui reçut par ce travail 4 livres tournois, ainsi que l'établit un compte retrouvé par M. Devillers. Nous ne pouvons tout citer, mais nous devons cependant mentionner encore quelques dessins représentant des détails de mobilier ecclésiastique, et notamment plusieurs confessionnaux, par l'anversois Jean Claude de *Cock* (1712), qui pourraient remplacer, avec grand avantage les édicules si disgracieux que l'on place dans ce but, dans nos églises.

Ajoutons que les rédacteurs du catalogue ont terminé cette première partie par une série de fac-similé de signatures des principaux artistes, dont les œuvres figurent dans cette section.

Quant à la section contemporaine, comprenant les œuvres des architectes belges, ou les monuments élevés en Belgique, depuis 1830, elle est considérable, et occupe la majeure partie du premier étage du palais. Les neuf cents dessins qu'elle renferme sont groupés, suivant leur nature, en quatorze classes, que nous indiquerons, parce que cette division peut être utile à conserver dans des expositions analogues.

1. *Architecture religieuse* — Églises, temples, synagogues, chapelles, presbytères, cloîtres, couvents, abbayes, etc.

Nous y trouvons un grand nombre d'églises modernes exécutées avec le sentiment religieux et les traditions gothiques qui caractérisent particulièrement les écoles de Saint-Luc, fondées à Gand, à Tournai et à Liège, et dont il nous a déjà été donné de parler à différentes reprises. Ces écoles ou *ghil-*

*des* ne se bornent pas à former des architectes dévoués aux traditions du moyen-âge, elles s'attachent également à créer à côté d'eux, des contre-maîtres, des tailleurs de pierres et des décorateurs inspirés des mêmes principes. De nombreuses publications illustrées sorties de l'imprimerie de S<sup>t</sup>. Augustin, des presses de MM. Desclée et compagnie, à Lille, concourent à compléter cet enseignement.<sup>1</sup> À côté de ces monuments modernes, nous voyons de nombreux projets des restaurations, notamment ceux de M. Charles *Licot*, pour l'abbaye de Villers, de M. Schoy, pour l'église de Notre Dame du Sablon à Bruxelles, de M. *Van Roelen*, pour celle de Saint Sulpice, à Diest, etc.

2. *Architecture civile publique* — Hôtels de Ville, maisons communales, palais royaux ou législatifs, bourses, musées, théâtres, cirques, etc. — Palais de Justice, justices de paix, prisons, maisons de correction, etc. — Gares de chemin de fer, ponts, aqueducs, phares, tunnels, tours, beffrois, colonnes commémoratives, arcs de triomphe, fontaines, bains, etc.

Cette série comprend plus de cent cinquante dessins, parmi lesquelles nous signalerons d'abord les études de Joseph *Poelaert*, etc. (1817-1879) pour le nouveau Palais de Justice de Bruxelles, qui doit être inauguré dans quelques jours, et que nous avons été assez heureux pour visiter dernièrement, grâce à la complaisance de M. Joachim *Benoit*, l'un de ses architectes.

On nous permettra d'ouvrir ici une parenthèse, et de consacrer quelques lignes à cette masse gigantesque, qui vient frapper l'œil, au bout de la Rue de la Régence, et dont la coupole dorée se voit à plusieurs lieues à la ronde. Commencée, il y a une quinzaine d'années, sur les plans de Poelaert, ce monument est appelé à dominer, non seulement tout Bruxelles, mais je serais tenté de dire, toute la Belgique, et, ici, je me ferais l'interprète du sentiment intime de son auteur, qui, pensant que l'idée de *justice* devait primer toutes les autres, voulait que le Temple, où elle serait rendue, dominât la patrie toute entière.

Il ne m'appartient pas de juger ce monument, dont l'exécution a soulevé de nombreuses critiques, mais qui a aussi ses ardents défenseurs. L'aspect en est imposant; la colonnade, qui forme le péristyle, la salle des pas-perdus, qui occupe presque toute l'étendue du rez-de-chaussée, et qui monte jusqu'à la lanterne élevée sur deux blocs cubiques, rappelant, dit-on, l'architecture babylonienne, sont d'un grand effet. La salle des audiences solennelles de la Cour de Cassation est décorée avec goût, et

<sup>1</sup> Nous devons signaler aussi la *Revue de l'Art Chrétien*, qui est devenue, depuis un an, l'organe quasi officiel des Écoles de Saint Luc.

la *salle des Assises* est empreinte d'un cachet de grande sévérité, qu'elle doit surtout aux marbres qui en décorent les murs. On doit tout avouer quand on se trouve là, disait une des personnes qui m'accompagnaient. Je ne veux pas négliger aussi l'aspect d'un escalier latéral descendant dans un quartier en contre-bas des fondations. L'organisation des services intérieurs, les communications destinées, soit aux magistrats, soit au public, paraissent bien comprises, et les successeurs de M. Poelaert, mort le 3 décembre 1879, sans avoir vu l'achèvement de son œuvre, ont su lui conserver son esprit d'unité. Mais, si l'édifice est achevé, tout n'est pas terminé et, aux cinquante millions qui y ont déjà été consacrés, il y aura lieu d'en ajouter encore une dizaine, afin de compléter les dégagements du monument, du côté des boulevards.

Et, maintenant, reprenons notre examen des cadres de l'exposition.

M. *Schadde* nous donne une suite de vues de son intelligente restauration de la bourse d'Anvers et M. *Suys*, les dessins de la nouvelle bourse de Bruxelles.

3. *Architecture scolaire* — Écoles gardiennes, primaires, moyennes et normales. Collèges, athénées, écoles de dessin, académies, écoles du génie civil, des mines, agricoles, militaires. Universités, conservatoires.

4. *Architecture hospitalière* — Hôpitaux, hospices, orphelins, asiles d'aliénés, etc.

5. *Architecture domestique urbaine*. Habitations de ville, maisons de commerce, cafés, locaux de sociétés.

Nous ne trouvons guère à noter dans cette série, en dehors d'un certain nombre de façades de maisons construites dans les nouveaux quartiers de Bruxelles, qu'une suite de projets de Casino pour *Blankenberghe*.

6. *Architecture domestique suburbaine* — Maisons de campagne, villas, châteaux, orangeries, dépendances de châteaux, etc.

7. *Architecture industrielle* — Halles, abattoirs, entrepôts, fabriques et établissements industriels, présentant un caractère artistique ou particulier.

8. *Architecture militaire* — Casernes, portes de villes, etc.

9. *Architecture funéraire* — Tombeaux, monuments commémoratifs, Campo-Santo, cimetières, etc.

10. *Architecture décorative* — Décoration et mobilier pour édifices publics et particuliers; décoration pour fêtes publiques, etc.

A signaler la décoration du temple des Augustins et du palais de la Bourse à Bruxelles, en 1880 et 1881, par M. Jean *Baes*, président de la Société, et la suite des chars pour la cavalcade de Malines, en 1875, par M. W. *Geets*.

11. *Travaux d'édilité* — Places publiques, squares, passages, projets de transformations de rues ou de quartiers.

12. *Relevés et restaurations* de monuments étrangers, par des architectes belges.

Cette série comprend de très intéressantes études de Louis *Baekelmans* (1835-1871), sur l'Erechtheion de Athènes, Florence, Gènes, Milan, Venise et Cologne; d'Alexandre *Decraenne* (1797-1859) sur plusieurs monuments de Rome; de Gustave *Deman*, sur Tivoli, Cora, Pompei et plusieurs autres villes de l'Italie, etc.

13. *Croquis, fragments et dessins*, n'étant pas suffisamment caractérisés pour pouvoir figurer dans l'une des classes précédentes.

M. *Baes* y a exposé une délicieuse série d'aquarelles représentant différentes tours d'édifices de la Hollande, faisant partie d'une série d'études que nous avons retrouvée à l'exposition d'Amsterdam.

14. Cette dernière classe comprend les projets envoyés pour un concours ouvert pour la construction d'une *École Supérieure d'Architecture*, dont la Société cherche à provoquer la création.

Les projets, dont plusieurs nous ont paru remarquables, sont au nombre de dix-neuf.

En somme, ainsi que le disait M. *Baes*, président de la Société, lors de l'inauguration qui a été faite le 2 Septembre, par M. Rolin Jacquemyns, ministre de l'intérieur « cette exposition constitue un vaste champ d'études, elle met en évidence la valeur des œuvres architectoniques modernes, glorifie la renommée de nos devanciers, et redouble en nous l'ardeur et la persévérance à l'étude. »

Le succès de cette première exposition nous est un sûr garant du soin que les membres de la Société Centrale d'Architecture de Belgique mettront à organiser périodiquement de nouveaux salons, dans lesquels leurs dessins exposés isolément n'auront pas à souffrir du voisinage des autres œuvres d'art, qui les expose le plus souvent à être renvoyés dans des corridors ou des salles éloignées dans lesquels ils ne sont pas appréciés à leur juste valeur.

COMTE DE MARSY,

Membre honoraire de l'Association  
Royale des Architectes et Archéologues portugais.

PALACIO REAL DE MAFRA

Salas e aposentos reaes, galerias, frescos, telas

And church, and court, did mingle their array  
*Byron.*

Sendo tão sumptuoso e rico de arte o edificio de Mafra, era de esperar que D. João v não deixasse de instituir n'elle uma habitação assaz esplendida ;

e mesmo a idéa que formamos de um palacio — tão pomposo é o termo — é sempre de grandiosidade e de magnificencia. Em nosso pensamento architectamos, sem esforço, grandes salas, rica e vistosamente ornadas, imaginando desde logo as salas de armas, as télas preciosas, lustres deslumbrantes, tudo quanto a arte possa exhibir de voluptuoso e bello, por fórma que a habitação regia seja um logar excepcional, e correlativo á elevada posição de um chefe de estado. As descripções que vemos dos formidaveis castellos feudaes, dos palacios dos grandes senhores, nos diversos paizes, levam-nos naturalmente a crer que o palacio de Mafra seja um dos mais luxuosos da Europa. Não é assim.

D. João v cuidou pouco de si.

O sr. Alexandre Herculano disse o que sentia, e disse a verdade: « A purpura está lá remendada de burel; o burel alindado com a purpura, e o sceptro do rei enlaça-se com a corda d'esparto, ao passo que a alparcata franciscana ousa pisar os degraus do throno. »

Unidos d'est'arte o convento e o palacio, este demittiu de si todo o luxo que lhe competia.

Uma longa serie de salas constitue a regia habitação, e bem poucas são d'estas as que temos a especialisar; todavia como já n'outros capitulos temos tratado de diversas peças do famoso monumento, agora nos occuparemos do palacio, propriamente dito, e tal como se achá na actualidade.

O palacio de Mafra occupa o pavimento nobre do edificio, e consta de tres vastas galerias abobadadas, ou, antes, tres extensas linhas de salas despidas de todo o ornato, com excepção das que temos a especificar. Nos extremos da linha de frente ficam os dois pavilhões onde estão as camaras e os aposentos reaes, tendo os do lado do sul sido modificados ha poucos annos, com muito bom gosto, segundo o plano e sob a direcção do sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, distincto architecto da casa real, o qual por essa occasião preparou, na galeria do sul, a actual sala de recepção e ante-sala, que ostentam muita nobreza.

Na linha de frente ha a formosa galeria de 220 metros de comprimento que estabelece a communição entre os dois pavilhões. No centro d'ella encontra-se uma sala toda de marmore, de diferentes côres; o pavimento é de lindo mosaico, e a abobada apresenta um apainelado de marmore, cuja variegada combinação produz maravilhoso effeito. As paredes são guarnecidas de pilastras de calcareo branco, sobre as quaes descança a cimalha que circunda toda a casa, illuminada por tres janellas de sacada guarnecidas de balaustres, medindo a do centro 6 metros de altura; a pedra que forma a sacada d'esta janella tem 8 metros de comprimento por 4 de largura, e 0,<sup>m</sup>68 de espessura, e está apoiada sobre as columnas do perystilo do templo.

As dimensões d'esta sala são 26 metros de comprimento por 6,<sup>m</sup>5 de largura, e 8,<sup>m</sup>8 de altura tomada do eixo da abobada. Na face lateral interna abrem tres tribunas, que ficam sobre as portas do templo e em frente da capella-mór. É d'aqui que Suas Magestades assistem á missa.

Como vestibulos da grande sala ficam aos lados d'ella duas casas de figura octogonal, cujo revestimento é tambem do marmore de côres; no eixo da abobada ha um bonito florão, e o pavimento é enxadrezado.

Contam-se na galeria onze salas, das quaes sómente quatro teem pinturas nos tectos, allusivas ás nossas expedições e descobertas na India e na America. Estas allegorias, que constituem um hieroglyphico decifrável pelo estudo dos Luziadas e da historia do nosso paiz, são obra de Cyrillo Volkmar Machado que, sendo mandado para Mafra em 1796, pintou com Francisco Vieira Lusitano aquelles e outros frescos, em diversas salas, nas quaes tambem teve grande parte Domingos Antonio de Oliveira Goes. As pinturas teem um colorido vigoroso e bello; é mesmo nobre a invenção, mas a disposição de algumas das figuras é bastante confusa.

Nas suas *Memorias* não faz Cyrillo a analyse dos seus trabalhos; declara sómente que, tendo obtido uma pensão de 720\$000 réis, vivêra dez annos em Mafra tão solitario como um anachoreta no seu eremiterio; e quando fez o Phaetonte em uma das salas, teve em vistas o precipicio que parecia estar destinado a um mancebo menos illustre que o filho do Sol, mas tão audaz como elle até aquelle tempo. »

Em uma das salas a que Cyrillo dá o nome de — sala das descobertas — vê-se no tecto, entre diversas figuras, Adamastor fallando a Vasco da Gama que arrogantemente tira da espada; ao lado está um medalhão com a effigie de D. Henrique, e que é sustentado por duas figuras de mulher; uma embocando a tuba, e a outra applicando o compasso a uma esphera que preenche o centro do quadro; na orla do medalhão lê-se: *D. Henrique infante de Portugal*; e por baixo: *A Castilla y a Leon nuevo mundo dio Collon*. Ha tambem uns pequenos frescos sobre as portas, allusivos a diversos factos dos portuguezes no descobrimento e na possessão da America; em um d'elles na base de um pedestal, onde uma figura de frade arvora a cruz, está escripto: *Santa Cruz* — 1500; de Joelhos vê-se a figura de um heróe, e aos lados varias figuras de frades, guerreiros, e indios em seus proprios trajos.

Constituiram outr'ora a ornamentação mural d'esta sala seis grandes quadros a oleo, cujos disticos existem com a data de 1804; no dizer d'elles, o primeiro representava Almeida derrotando Cutialle em Panane, por *Sequeira*; o segundo: Affonso de Albuquerque edificando a fortaleza de Cochim, por

*Cyrillo*; o terceiro: Antonio da Silveira obrigando a levantar o cêrco de Diu, por *Taborda*; o quarto: Vasco da Gama desembarcando em Calecut, por *Foschini*; o quinto: D. João de Castro, que triumphou de de Jugar-Kan, por *B. Callisto*; o sexto: Duarte Pacheco defendendo o passo de Cambalam em Cochim, por *Vieira Portuense*. Esses quadros acompanharam D. João VI para o Rio de Janeiro, e lá ficaram — é provavel que existam.

Ao lado d'aquellas salas, communicaveis entre si, encontram-se a antiga sala de audiencia — hoje condemnada — e ante-sala, ambas pintadas a fresco, e representando figuras allegoricas ou mythologicas. O tecto da primeira significa o Olympo; o colorido é vigoroso, muito harmonico e não é demasiado o fundo de perspectiva — deveria ser de bello effeito: porém está tão estragado, em consequencia da agua que se introduz pela abobada, que parte das figuras desapareceram ou estão mutiladas. A pintura mural é constituída por figuras allegoricas, de grandeza natural, que representam a: *Diligencia*, figura de mancebo tendo na mão direita uma espada com duas azas de ave na extremidade, e sustentando na esquerda uma ampullita; *Constancia*, mulher empunhando na mão direita uma espada, e segurando com a esquerda as roupas sobre o peito; *Concordia*, mulher apresentando um pomo na mão direita, e amparando com a esquerda uma cornucopia da qual saem diversos fructos; *Generosidade*, vulto de homem; na mão direita tem uma moéda, e na esquerda uma cornucopia da qual se escapam diversas moédas; *Sciencia*, homem no vigor da idade, tendo na mão direita um compasso que faz girar sobre uma taboa sustentada na mão esquerda; tem os hombros nus; e as roupas um pouco levantadas descobrem a parte inferior das pernas; *Docilidade*, figura de mulher tendo os braços nus; na mão direita apresenta um ramo de oliveira, e com a esquerda segura as roupas sobre o peito; *Tranquillidade*, mulher com o cabello caído sobre os hombros e, traçando os braços abaixo da cintura, descança a mão direita sobre um pilar, e deixa sair da esquerda uma espiga de trigo; *Perfeição*, vulto de homem; descança o pé esquerdo sobre um globo; na mão direita tem um esquadro e fio de prumo, e na esquerda um livro.

Por baixo d'estas allegorias ha uns pequenos quadros a fresco, que representam episodios de batalha; é tão bello este trabalho, tem cambiantes tão perfeitos que nos levam á persuasão de serem baixos relevos. Esta obra de alto merecimento é devida a Domingos Antonio de Sequeira. A projecção horisontal d'esta casa é de 18 metros de comprimento e tem 8,3 de largura. Ultimamente collocou-se ali um quadro a oleo, em grande, que re-

presenta o senhor D. Pedro v a cavallo. É obra de Petit.

A ante-sala apresenta na abobada diversas divindades de primeira e segunda ordem; veem-se ali uma caçada de Diana aos cervos, nymphas no banho, satyros, arvores, etc. O colorido, porém, é demasiadamente frouxo; as arvores são baças e desbotadas; o todo, em geral, é destituído de animação.

Na galeria do lado do norte está a capella real; não obstante serem as paredes por extremo simples, a abobada, porém, é apainelada de estuque, e o altar que brilha ao fundo da capella decorado pelos mais primorosos arabescos e festões, é fechado por uma balaustrada de marmore de côres; duas columnas de quartzo, com capiteis a capricho, sustentam um frontão de mosaico que corôa o quadro da Virgem, pintado por Ignacio de Oliveira Bernardes; por baixo do quadro, levantada sobre um fundo de feldspatho quartzoso, vê-se uma cornucopia de calcareo branco, d'onde saem fructos e flores. A banqueta do altar é tambem de quartzo, tão caprichoso que não se encontra outro semelhante em todo o edificio. Frontões elegantes corôam as portas da capella, que tem 33 metros de comprimento por 9 metros de largura.

Na intenção de ornar este pequeno templo, collocaram-se ali alguns dos quadros de pintura a oleo, que primitivamente decoraram os altares da egreja, e foram depois substituídos pelos retabulos de marmore. D'entre elles os mais notaveis são: o da *Coroação da Virgem*. — Obra de G. Corrado — quadro de grandes dimensões. No terço superior vê-se a Virgem, em cuja cabeça Christo assenta uma corôa de estrellas; no alto estão a primeira e a terceira pessoa da Trindade cercadas de anjos; embaixo apparecem mais figuras de anjos com flores, e tocando diversos instrumentos musicos: *Sacra Familia*. — Outra têla de grandes dimensões — obra de Agostinho Maçussi. Em baixo, sobre um pedestal descança a Virgem sustentando seu Filho, o qual offerece uma fita a S. João, que está de pé, amparado por Santa Isabel; aos lados vêem-se diversas personagens, entre as quaes se distinguem S. José e S. Joaquim; na parte superior estão o Padre Eterno e o Espirito Santo cercados de anjos. *Martyres* — têla de menores dimensões — obra de A. Maçussi. Em baixo vêem-se as figuras de treze frades, com habitos seraphicos, e das quaes sobresaem cinco, apparecendo as outras no fundo do quadro; bellas cabeças designando verdadeira expressão de dôr pelos soffrimentos do martyrio. No alto está a Virgem com o Menino Jesus, e aos lados estão anjos sobraçando palmas. *Lava-pés* — obra de P. Quillard — quadro de eguaes dimensões, representando Christo em acção de lavar os pés a S. Pe-

dro, que denota recusar; ao fundo vêem-se a Virgem e apóstolos; no alto dois anjos affastam as cortinas que encobrem um portico. *Baptismo de S. João* — quadro egual áquelles. No centro, S. João, cujos pés estão mettidos na agoa, está curvado em acção de receber o baptismo administrado por Christo. Ao lado está a Virgem, e ao fundo descobrem-se diversas figuras; na parte superior apparecem anjos contemplando o acto.

Em cada um dos torreões, e junto dos aposentos reaes, ha um oratorio; cada uma d'estas pequenas capellas, destinadas sómente á oração particular, mede 8 metros por 4 metros; as paredes são revestidas de apainelados de marmores de diversas côres, muito bem polidos; os quadros que ornam os altares são de pintura a oleo, e ambos de Oliveira Bernardes. A tæla do oratorio do torreão do sul representa a Virgem com o Menino Jezus nos braços; a do oratorio do torreão do norte representa, com a mais bella expressão, S. José trabalhando de carpinteiro; a virgem sentada ao lado, com ar pensativo, e apoiando suavemente a cabeça sobre a mão direita, recebe de seu Filho, com a esquerda, uma cruz que denota ter sido por elle feita. Junto do lanco vêem-se differentes peças e instrumentos proprios do officio.

Não temos mais que especialisar na parte do edificio que constitue a habitação real. O que especialmente ali se admira é a immensidade, o arrojado e o bem acabado das grandes abobadas; a disposição das escadas de marmore; a perfeita distribuição de luz; a vastidão, a grandeza em tudo, mas tudo apparentando um certo cunho de modestia. As paredes nuas, o pavimento de tijôlo, a carencia absoluta de alfaias e ricos adornos, que são o característico de uma habitação regia, levam-nos a crêr que D. João v muito calculadamente não quiz o esplendor magestático no edificio de Mafra, como Philippe II no Escorial; e como elle responderia, talvez: *não venho aqui ser rei, porém monge.*

Parece que antigamente, mas ainda assim posterior á época de D. João v. algumas das salas tiveram o adorno de pannos de Arrás, existindo actualmente quatro, dois dos quaes feitos por Pedro Tavares de Brito, natural do Algarve, provam que em Portugal se fizeram trabalhos d'esse genero; uma d'estas ultimas tapeçarias representa o facto biblico de Jacob recebendo da mão de seus filhos a tunica ensanguentada de José.

Nota-se que, pelo menos, se não concedesse ao palacio uma sala correspondente á sua grandeza; temos, porém, a observar que a casa, hoje bibliotheca, era a destinada para as grandes recepções, e denominava-se *sala dos embaixadores*; imponente e grandiosa, esta casa não só é a melhor do edificio, mas, no dizer de alguns estrangeiros, é uma

das mais bellas casas do mundo. É certo que não se aproveitou para o fim designado; e foi mais tarde que os conegos regantes de Santo Agostinho, quando no reinado de D. José occuparam o convento, a destinaram para o emprego que ora tem. D'essa famosa casa já tratámos em outros numeros do nosso Boletim.

A illuminação do palacio era e ainda hoje é feita em candieiros de espaldar, tocheiros ou columnatas de metal, que simultaneamente serviam ali ou no convento; como havemos de tratar d'este em outro capitulo, fallaremos então d'esses objectos, como das tælas que se encontram em diversos pontos, e quasi estão desconhecidos.

A rapidez com que os visitantes, ainda os mais entendidos e sabedores, percorrem o edificio de Mafra, não permite que façam uma analyse conscienciosa das partes que constituem o monumento; regularmente ha preconceitos; vê-se tudo de relance, recebe-se a primeira impressão que, sendo desfavoravel, dá em resultado uma apreciação menos justa. D'ahivem dizer Lichnowsky — referindo-se ao palacio — que apesar de suas longas enfiadas de salas, não se encontrava uma que correspondesse a tanta grandeza. Não foi mais circumspecto Raczyński; todavia, chamando ás salas corredores, confessou que as suas dimensões indicavam uma vasta concepção.

N'este ponto estamos de accordo.

O Socio

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

#### ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado do n.º 3, vol. iv, pag. 41)

Principiemos por examinar os planos d'esses monumentos; infalliveis signaes distinguem os que pertencem ao seculo XIII de todos os outros dos seculos precedentes. O plano do templo christão acha-se já modificado n'esta epoca; primeiramente pela addição de uma charola em roda do coro, addição necessaria em todas as egrejas em que ha varias naves; em segundo logar pela alteração da fórma da capella-mór em si mesmo, da qual a extremidade, até então de feitio semicircular, veiu a ser por necessidade polygonal. Mas seja qual for a universalidade d'estas modificações nos planos das egrejas, ellas poderam apparecer apenas como sendo de uma importancia secundaria. Não será pois sobre o solo das egrejas, mas sim sobre as suas paredes, que devemos lançar a vista para descobrir no mesmo instante os caracteres geraes e invariaveis dos quaes se pretendia em vão impugnar a presença.

Notaremos em primeiro lugar terem todas as aberturas, todos os vãos terminados em arco quebrado, isto é, em ogiva. Era esta uma regra absoluta, e portanto no XIII seculo o emprego da ogiva veio a ser exclusivo, não sómente nas egrejas, mas em todos os outros edificios. Não se abria uma unica janella, não se fazia uma porta em qualquer construcção sem lhe dar a forma aguda. Um facto tão geral podia ser, porventura, um caso accidental e devido á fantasia de um capricho? Não se seguia só esta pratica nas construcções dos portaes, frestas e escadas, mas tambem nas abobadas e até mesmo na edificação dos alicerces. O monumento todo inteiro era moldado sobre esta fórma, a qual lhe era inherente, e lhe compõe a sua especial estrutura, a sua organização característica. Sem ella não se teria executado a transformação radical d'essa architectura: portanto, eis-aqui já uma como primeira lei geral para caracterisar a architectura do XIII seculo. Ha ainda uma outra, não menos importante. A forma ogival não foi empregada exclusivamente em todas as produções desta architectura; além d'isto ostenta n'este periodo uma forma determinada por uma combinação mathematica, pois que a base, isto é, a abertura inferior dos dois arcos da ogiva, é igual á altura de cada um dos seus dois lados ou, por outros termos, ella deriva do triangulo equilateral. Esta fórma é evidentemente a perfeição da ogiva, pois a figura geometrica que a produz é a mais perfeita das figuras triangulares. No XII seculo, quando a ogiva estava no seu nascimento, e principiava a ser substituida ao arco de volta inteira, a sua base era geralmente mais larga que cada um dos seus lados; por consequencia o seu angulo superior ficava mais obtuso dos dois outros, isto lhe dava ao todo da fórma ogival d'essa epoca, um aspecto um pouco pezado, um pouco achatado. No XIV seculo, pelo contrario, quando o estylo ascencional apresenta já a exaggeração d'essa fórma, a base da ogiva torna-se mais estreita, e os seus lados são cada vez mais prolongados. Entre estes dois extremos, o XIII seculo nos dá o verdadeiro typo da ogiva, isto é, essa forma da qual o angulo superior resulta da intersecção de duas curvas eguaes descriptas nas duas extremidades de uma linha recta.

Foi devido á quasi exclusiva applicação d'este typo, que as obras primas do XIII seculo poderam apresentar esse caracter, ao mesmo tempo esbello e forte que tanto as distingue. Por mais que se elevem os seus monumentos até se perderem de vista, não se receia cousa alguma pela sua solidez: porque estando o triangulo equilateral inscripto na extremidade superior de todas as aberturas, dá ao todo da construcção um aspecto de firmeza e de consistencia, fazendo esquecer tudo que haja de te-

merario, na leveza quasi aerea da architectura d'este periodo.

Em quanto ao XIV seculo, já não seria facil designar qual era exactamente a forma das suas ogivas; umas vezes se faziam os arcos excessivamente abertos, outras pelo contrario eram estreitos de mais. N'esse seculo de affectação e de requinte, o imperio dos bons principios se enfraquecia, a imaginação só dominava os artistas, e por este motivo, esta epoca é assaz caracterizada pela sua ornamentação; em quanto ás suas proporções, são vagas, varias e difficeis de generalisar.

E pois nos dois seculos precedentes, e principalmente no XIII, que é preciso estudar o systema de proporções de estylo vertical; aqui apparece elle em toda a sua pureza, submettido ao uso da rasão e ás leis de uma rigorosa harmonia.

A forma systematica e regular das ogivas não é a unica prova; ella vem a ser apenas uma manifestação parcial da ordem, que reina em todas as partes do edificio. As provas mais positivas deduzidas de experiencias as mais indisputaveis, e evidentes em todos os monumentos, sejam do XIII ou do XIV seculo, consistem em haver uma repetição constante das mesmas disposições geraes, e uma certa dimensão applicavel a todas as partes principaes do edificio. Esta regra é sufficiente para nos convencermos de ser isto o que constitue e tem sempre constituido um systema fundado em proporções.

Passaremos agora a examinar se é verdadeiramente impossivel, como se pretendeu descobrir n'esta architectura o mais minimo vestigio de um systema de construcção!

Sem duvida, se póde citar na idade-media um largo periodo, o periodo do estylo dos arcos de volta inteira, durante o qual a arte de construir não era mais do que um officio, em lugar de apresentar um systema baseado em regras scientificas. N'essa época as fórmas eram mal combinadas, appareciam misturadas, confusas e barbaras, querendo imitar methodos antigos mal concebidos, tradições quasi esquecidas e mal cabidas innovações; merecia então sem duvida alguma de ser tomado esse vacillante estylo em lastima, e de ser repudiado como typo indigno de imitação e de preferencia.

Mas, logo que appareceu a ogiva prototypo, e principalmente quando a sua voga veio a ser geral e exclusiva, os antigos methodos, as construcções bastardas desapareceram; a arte de construir se transforma, se regularisa e adoptam-se systematicamente methodos desconhecidos até então. Essas fórmas verticaes, esbeltas, agudas, não podiam ser produzidas senão por combinações que lhes fossem especialmente applicaveis. O corte das pedras exigiu calculos inteiramente novos: por toda a parte apre-

sentam angulos salientes e reentrantes, por toda a parte apparecem fórmãs mixtilineas; por isso são as difficuldades infinitas para vazár os ornates, para ajustar as arestas, para apparelhar os materiaes de feitos tão diversos: além d'esses novos detallhes, era ainda preciso adoptar outros principios geraes da statica e equilibrio, tanto por causa da extrema altura dos edificios em relação á sua grossura, como por causa da delicadeza dos seus apoios e da invasão extraordinaria das partes ôcas collocadas sobre as que ficavam cheias.

Muito embora tivessem os romanos construido as abobadas de barrete em alguns dos seus monumentos: porventura deve-se suppôr as construcções do XII e XIII seculo, não fizessem mais do que copiar esses trabalhos romanos, não sendo senão servis compiladores, e se com effeito possuíam um systema, deve-se acreditar não lhes pertencer?! Como se o merito da invenção fosse aqui uma menor consequencia da sabedoria! Certamente os romanos fizeram abobadas, assim como aconteceu a outros povos terem-as feito antes d'elles: porém, cite-se uma época, indique-se um paiz onde todos os edificios, sem excepção, fossem cobertos por esse mesmo modo; onde essas abobadas tivessem sido sustentadas, não sómente por arestas encruzadas, mas por artazões salientes, e vazados com profundidade na sua base, onde as pedras ficassem suspensas sobre essas mesmas, e fossem empregadas com tão pouca grossura, ficando todavia a construcção tão leve e disposta com tanta ousadia? É pois este superior detalhe de construcção que constitue a principal originalidade d'esta habil invenção; assim como na generalidade da sua applicação faz consistir o seu verdadeiro systema.

O ultimo problema a resolver vem a ser, se existe na architectura ogival um systema de decoraçáo.

Pode-se comprehender de certo modo, quando se trata de proporções, ou mesmo da construcção, que os artistas da architectura classica se recusem a reconhecer um caracter regular e systematico, não sómente nas obras da idade media em geral, mas mesmo nas dos tres seculos onde appareceu a ogiva. Para distinguir as regras geometricas que pertencem exclusivamente a este estylo, e são geraes a todas as architecturas, para se apreciar os meios praticos de que só se serviam, é necessario ter estudado e comparado os monumentos d'essas épocas, quando apenas se principiou a olhar para elles sómente ha perto de 36 annos, e por isso os architectos do exclusivismo bradam em como nas decorações da idade media ha falta absoluta de originalidade, e mostram a incapacidade completa de se imaginar cousa alguma de positivo; todavia, quem examinar com os olhos da razão, e não cêgo

pelos preconceitos da rotina das escólas antigas, não poderá negar, no que diz respeito aos ornamentos do estylo ogival, de ser tão especial, e de tal sorte unico no seu genero, que parece impossivel, mesmo quando se reparasse de relance, desconhecer essa evidente originalidade. Quem se dá ao estudo da archeologia, confessará sem hesitar, longe de ser um plagiato e uma obra extravagante, a ornamentação do XIII seculo é pelo contrario uma das produções as mais originaes, as mais espontaneas e as mais imprevisas do espirito humano; sendo ao mesmo tempo uma das suas obras de maior raciocinio e a mais methodicamente concebida.

Sem duvida, houve uma época na idade média, aquella que a separa entre a quêda do estylo antigo e o triumpho do estylo ogival, onde a decoraçáo architectural não foi em grande parte senão uma imitação degenerada da ornamentação grega e romana: mas, logo que a ogiva veiu a dominar na construcção, não se encontrará n'esses ornamentos, inteiramente novos, e produzidos por ella, o mais insignificante vestigio de qualquer imitação. Não sómente não imitaram, nem de longe nem de perto, os ornatos antigos, mas fizeram outros de proposito com um sentimento inteiramente opposto: chegando mesmo a originalidade n'essa época até ao ponto de ser uma exaggerada affectação.

Os ornamentos dos quaes se serve a architectura, podem ser de dois modos: algumas vezes consistem em figuras simplesmente abstractas e geometricas, outras vezes em uma imitação mais ou menos exacta de objectos naturaes, taes como vegetaes, pedrarias, perolas, galões ou bordados. Tanto em um como no outro caso o estylo ogival, tão depressa chegou á sua perfeição, isto é, no principio do XIII seculo, affectou evitar essas tradições antigas, assim como seguir os exemplos mais recentes, tanto da época do arco de volta inteira, como da época de transição.

Examinemos todos os filetes, todas as molduras concavas ou salientes, chatas ou boleadas, ornando uma construcção qualquer do XIII seculo; observemos a fórmula dos arcos duplos, dos artazões que vestem os pilares e as abobadas, e acharemos em toda a parte perfis inteiramente novos. Enquanto nos seculos precedentes, as molduras, mesmo as mais imperfeitas e as mais toscas, deixam sempre descobrir, como se fosse atravez de um vidro baço, o perfil romano que haviam tomado por modelo; pelo contrario acolá, a intenção de procurar um typo novo, está patente, indicada sem hesitação, sem molleza, deixando ver uma fórmula ousada e de recente innovação.

No principio imitaram quasi exclusivamente os vegetaes; por modo algum faziam óvonos, nem pe-

rolas, como se usava na arte antiga; nem tão pouco cabeças de pregos, nem pontas de diamantes, galões e bordados, como se serviam no tempo da volta inteira, byzantina ou latina: vindo a ser a nova ornamentação adoptada especialmente para se executar só a imitação vegetal.

Não era só n'isso em que divergia, pois em lugar de idealisar os vegetaes, como se tinha praticado até então, em lugar de lhes arbitrar uma fórma convencional, de harmonia com o caracter dos monumentos antigos, copiava-os exacta e servilmente; tirando calques da própria natureza, para executar na pedra a representação exacta d'essas plantas e de conhecidas fórmas de folhagens; finalmente, não se contentavam unicamente de adoptar uma nova maneira de imitar essas plantas e essas folhagens, indo buscar os modelos, não ao Oriente, nem no que produz o bello clima da Grecia ou Italia, mas sim foram escolhidas nas florestas e nos campos proximos onde se edificavam esses monumentos.

Nunca esses singelos vegetaes tinham recebido tanta estimação; nunca os architectos antes do xiii seculo se haviam dignado procural-os na flora do seu paiz, afim de se servirem da sua variada configuração, para ornar os monumentos. Sem duvida, o estylo antigo os teria achado prosaicos de mais, pois só recorriam ao reino vegetal para ornar os seus edificios, os mais pomposos.

Foi, portanto, uma mudança completa, uma verdadeira revolução o systema adoptado pelo xiii seculo na sua ornamentação.

Emquanto á censura, que se lhe faz, de mostrar extravagancia, haverá agora mais razão para merecer esse conceito? Evidentemente provém isso de um equívoco entre as duas épocas. Sendo verdade ver-se em algumas esculpturas bysantinas ou latinas, imperar a fantasia e o capricho de tal maneira, que é mui natural não lhe encontrar uma significação conveniente: talvez seja permittido dizer d'estas esculpturas, — *tudo aquillo da sua composição pôde ali estar, ou deixar de apparecer, occupar um ou outro lugar, sem ser possível explicar a razão*; — conforme se fizer a apreciação, sem se reflectir nem se formar uma idéa sobre a ornamentação da architectura ogival. Porém, existe, porventura, a menor analogia entre essas esculpturas e as do xiii seculo? Absolutamente, umas são caprichosas e de extrema variedade, tanto as outras são regulares e quasi uniformes. Comparemos os capiteis de uma igreja da época dos arcos de volta inteira, não ha dois que se assemelhem: são differentes, não só pela sua decoração, mas pela fórma e pelas suas dimensões; pelo contrario, em um templo ogival, principalmente pertencendo ao xiii seculo, todos os capiteis foram imaginados conforme

um mesmo typo, como derivados de uma identica inspiração. Observemos estas compridas alas de pilares, veremos todos coroados do mesmo modo; as folhagens que volteiam em roda dos capiteis podem variar algumas vezes; todavia, isto vem a ser um detalhe accessorio: porém, a sua altura, a largura, a fórma geral, não muda; sempre tem o mesmo caracter, a mesma physionomia, o mesmo perfil, não sómente em cada pilar, mas egualmente em cada columna, e mesmo no mais insignificante *pila-rete*.

Da mesma maneira são engendradas as bases; a sua regularidade corresponde á dos capiteis. As abobadas mesmo, seja qual fór a variedade de seus ornatos, apresentam sempre combinações que se repetem com ordem e symetria. O que pôde haver de mais rasoavel e mais bem motivado que os arta-zões encruzados para suster as abobadas construidas no xiii e xiv seculo? Se a confusão tão notavel nos edificios proximo do xv seculo apparece, foi para mostrar a vontade de se executarem difficuldades, engendrando complicações quasi inintelligiveis: não é ao systema ogival, então expirante, que se deve imputar este excesso sem motivo nem razão.

Finalmente, emquanto ás fachadas e aos exteriores da igreja, será porventura verdade, não haver nenhuma especie de gosto nem entendimento, para lhe dar justificação do seu aspecto? Esses contrafortes, e esses arcobotantes, que são tomados por disformes andaimes, produzem effectivamente um effeito tão desconcertado e tão desmedido, que não contribua a dar ao monumento uma amplidão pyramidal, e faça produzir tão maravilhoso contraste com a leveza essencialmente vertical da sua decoração interna? Essa riqueza sumptuosa das fachadas, onde se diz, que a razão se perde contemplando-as, cessará de ser um enigma, quando se souber penetrar o sentido; quando, em lugar de se reparar em alguns defeitos de symetria material, uma pessoa se elevar até comprehender a significação symbolica d'essas grandiosas composições, procurando descobrir a harmonia geral encoberta sob a sua brilhante variedade.

Por conclusão; não é bastante ser original, methodica e regular a ornamentação do estylo ogival, pois apresenta em cada uma das suas phases uma physionomia de tal maneira positiva que, empregando-se um pouco de estudo, mesmo superficial, pode-se, na presença d'esses monumentos, reconhecer, quasi sem engano, a qual d'essas phases pertencem, e designar approximativamente a sua idade.

Os caracteres distinctivos d'essas diversas apparencias são, todavia, mais facilmente apreciaveis que em todas as outras architecturas, comprehen-

dendo mesmo a architectura classica. A ornamentação do XIII seculo se distingue d'aquella do XIV ou do XV por meio de indicações mais formaes das que servem para classificar chronologicamente a decoração dos edificios antigos.

Se homens distinctos pelo seu saber ajuizaram mal da architectura ogival, era porque, habituados sómente a estudar a arte na Italia, não conheciam os monumentos que existiam em França, Inglaterra, Belgica e Allemanha. Necessariamente foram conduzidos por falsas analogias aos erros grosseiros em que cahiram a respeito da architectura da idade media; pois, para estes escriptores, a idade media estava em toda a parte desde a época da decadencia, a qual se continuou sem interrupção até ao dia em que appareceu o renascimento da architectura classica: e como a introdução da ogiva na Italia fez augmentar a confusão pela mistura de todos os estylos que se accumularam em desaccordo durante muitos annos, tiraram por conclusão que, em toda a parte, como se notava na Italia, a época chamada gothica fôra o apogeo da idade media!

Nós já aqui refutámos esta infundada conclusão. Certamente a architectura do XIII seculo não foi a continuação da decadencia dos estylos interiores; mas sim, veio-lhe pôr termo. A unica semelhança com a decadencia consiste em libertar-se, como o havia feito, das regras da antiguidade: mas, por que motivo as abandonou? Unicamente para obedecer a novas combinações. N'esses seculos profanos, pelo contrario, quebraram o entabulamento da architectura romana, e fizeram assentar no seu logar, sobre o obaco da columna a arcada (como a tempo opportuno demonstraremos), o qual até então se havia cuidadosamente resguardado, ficando debaixo da architrava. Mas porque violaram o nobre e harmonioso systema inventado pelos gregos? Seria para substituir ao seu principio fundamental um outro principio diferente? Ou tão sómente pelo prazer brutal de alterar aquillo que se

não podia já então comprehender nem reproduzir? Pode-se, porventura, comparar este acto de caducidade e ignorancia á obra da regeneração, de juventude e de entusiasmo que se effectuou no XIII seculo?! Não é natural, pois seria affirmar um absurdo; e portanto, não será uma obra chimerica fazer-se uma classificação chronologica dos monumentos da idade media.

As bases para esta classificação estão já indicadas pelo sabio archeologo Mr. De Caumont, falta apenas concluir o que se acha começado: todavia, todas as épocas não estão até ao presente egualmente bem prestaveis ás investigações da sciencia. Porque, desde a quêda do imperio romano até ao apparecimento das primeiras ogivas, a classificação parece estar compendiosamente traçada, tanto é indeterminada e indecisa; os dois ultimos seculos d'esse extenso periodo apresentam unicamente mais alguma exactidão de clareza.

Desde o apparecimento da ogiva até ao fim da época de transição, a obscuridade redobra, a sciencia hesita; porém, as hypotheses caminham á sua vontade, sem vacillar. Mas, desde o dia em que a ogiva veiu a imperar, uma era nova principiou; a ordem e a regularidade de um systema dão á classificação chronologica fundamentos solidos e seguros; ás investigações scientificas, seguem-se dados certos; indicações exactas não deixam mais haver equívocos sob a menor apparencia ou o mais insignificante detalhe; cada edificio nos diz a sua propria historia, e fosse elle edificado por dez vezes diferentes durante estes tres seculos, nos deixaria claramente patente onde começa ou finalisa cada uma das phases da sua construcção.

É isto que pretendemos explicar, guiado pela sciencia d'archeologia, applicada aos edificios religiosos da idade media, para ficar mais impressa na memoria a differença das épocas, e tornar mais clara a apreciação d'este typo architectonico.

(Continuar-se-ha).

J. P. N. da SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### EPIGRAPHIA

Dando hoje principio á publicação das inscrições que foram descobertas na provincia do Minho, com importantes vestigios pelo nosso dignissimo consocio o sr. dr. Francisco Martins Sarmiento, será recebido este trabalho, pelo seu merecimento archeologico, como uma das melhores publicações do nosso *Boletim*, e mesmo avaliado pelos entendidos na devida

apreciação de tão singulares descobertas, com a qual o douto archeologo portuguez enriqueceu as antiguidades de Portugal, e lhe tem alcançado dentro e fóra da nossa terra merecidos encomios.

J. DA S.

### INSCRIPÇÕES INEDITAS

I. — N'um penedo, a nascente e proximo das ruinas da chamada Citania de Paços de Ferreira:

M̄b  
 FIDVNERM  
 HIC

Nas costas do mesmo penedo :

COSWFÆ  
 F·||h<sup>a</sup>) S    a) Falha na pedra).

O Bispo d'Uranopolis (em Argote, II, 467) dá d'esta inscripção uma copia muito incompleta, dizendo que a falta de tempo lhe não permittiu fazer obra mais acabada.

O sr. E. Hübner parece ter despresado este trabalho fragmentario. Os caracteres estão profundamente gravados e alguns tem de altura mais de 4 pollegadas.

II. — Em S. Martinho do Campo, logar de Bócas, n'uma lage proxima de um campo e não longe do rio Vizella :

IVD. T. RF RF

A ultima ligadura (RF) parece gravada mais recentemente e lembra que não teria outro fim, senão tornar bem legivel a anterior, que está bastante apagada.

III. — Distante da antecedente, cousa de 500 passos, n'uma enorme lage :

AVICIRF | IVDH

O traço, que separa as letras d'esta inscripção, representa um sulco artificial feito na lage.

Estas tres inscripções foram-me indicadas por Manuel Marinho Falcão, da casa do Roriz, e copiadas por mim em 1879.

IV. — N'um fragmento d'arco, achado na vertente oriental do monte da Penha, perto de Guimaraes :

VLPICI  
 IB . PO

Está mutilada, como se vê. Parece dizer : SVLPICIUS — SIBI — POSVIT.

Em poder do sr. Diniz Sanctiago, da casa de Taboadello, que me deu conhecimento d'ella e me permittiu copial-a.

V. — N'um marco milliario sustentando hoje, com outros quatro, o alpendre da capella de S. Bartholomeu d'Antas, no concelho de Coura :

IMPERATOR NERIA  
 CAESAR AVC<sub>1</sub>  
 P· M TRIB POT  
 P· P· COS III  
 A BRACARA  
 M. P. XXXV.

VI. — N'outro marco milliario da mesma capella :

IMP·CAES·C·IVL·VER·MAXIM·  
 P·F·AVC<sub>1</sub>·CERM·MAX·DAC  
 MAX·SARM·MAX·PONT  
 MAX·TRIB·POT·V·IMP·VII  
 PAT·PAT·CONS·PROCONS·ET  
 C·IVL·VER·MAX·NOB·CAES  
 CERM·MAX·DAC·MAX  
 SARM·MAX·PRINCEPS  
 IVENT·F·D·N...

(Continúa)

O socio effectivo

FRANCISCO MARTINS SARMENTO.

Quando publicámos em 1878 as *Noções elementares de archeologia*, dissemos nas pag. 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> do prologo o seguinte ; — «Como a sciencia da archeologia não fôra cultivada entre nós methodicamente, por isso não deve estranhar-se que não apparecesse até hoje, em Portugal, alguma obra elementar que auxiliasse o seu estudo : para supprir tal falta, ousámos nós mandar imprimir um resumido trabalho, que comprehende a descripção dos objectos antigos, desde a idade da pedra até ao seculo xvii.

«Mas como o nosso vivo desejo é de divulgar o gosto pela archeologia em Portugal, de satisfazer o constante empenho de estimular o estudo d'esta sciencia, indispensavel para bem avaliar a progressiva civilisação da humanidade, assim como a historia da arte ; estes elementos, talvez, possam supprir obra mais perfeita e maior tomo para os que tiverem hombros mais robustos e intelligencia mais apurada.»

Tendo nós persistido n'esse intuito, resolvemos fazer extracto da nossa obra para ser publicada no *Boletim dos architectos e archeologos portugueses* afim de ser mais util e conhecida dos estudiosos.

#### ARCHITECTURA DOS TEMPOS PREHISTORICOS

Pouco sabemos ácerca de qual seria a architectura anterior ao dominio dos romanos. Presume se porém que nas primitivas construcções empregariam a madeira e o barro.

As habitações eram circulares, construidas com madeira e vimes entrelaçados.

No interior faziam as divisões com terra ; o telhado formavam-n'o de ripas de carvalho ligadas com massa de argila e palha cortada, conforme os vestigios encontrados na Gallia, na Bretanha, na Germania, em Hungria e Portugal.

De investigações feitas em França e na Inglaterra, conheceu-se que muitas habitações dos celtas tinham antes a forma oval do que redonda, e algumas vezes rectangular ; mostravam alicerces de pe-

dra secca, e muitas eram construídas em nível inferior ao solo que as circumdava, quer fosse para se resguardarem dos rigores do clima, quer para não darem ás paredes altura consideravel.

Estas casas estavam em relação com a simplicidade dos costumes; deviam ter um só andar, e apresentavam uma só abertura, que servia de porta e janella.

Em todas a forma era igual, mas as dimensões divergiam. O numero e a grandeza das casas deviam corresponder á cathogoria e opulencia dos possaidores.

Os gaulezes abastados tinham sempre sequito junto de si, para o qual necessitavam de grandes habitações. Escolhiam portanto o terreno para ellas nos bosques e perto dos rios, ou em eminencias, afim de servirem igualmente de fortalezas para a propria defesa.

\* \* \*

Os romanos imitavam na sua architectura os etruscos e os gregos, porém foram menos cuidadosos na pureza das fórmas, do que no aspecto grandioso; e preferiram á formosura monumental o effeito da apparencia e utilidade; portanto, procuraram sempre adoptar um systema que lhes desse logar a utilizar nas obras publicas o trabalho dos soldados, e dos escravos, dirigidos sómente por limitado numero de architectos ou engenheiros. Comprehendiam que era poderoso meio de dominação dotar o paiz vencido com os monumentos que não possuise, introduzir em toda a parte as instituições e os estabelecimentos uteis, dos quaes estava até então privado.

Em logar, pois, de empregar, como os gregos, materiaes de extraordinaria dimensão, e por consequencia difficeis de se ajustarem, preferiam, salvo em casos excepcionaes, pôr em obra materiaes de pequena dimensão, alvenaria, tijolos reunidos entre si por abundante argamassa cuidadosamente preparada.

Um grande factio architectonico, como foi a adopção da abobada cylindrica composta de peças em fórma de cunhas, fez com que podessem afastar-se do systema da edificação grega, no qual dominavam as *architraves* e os apoios verticaes, as *columnas*. Com a abobada e as arcadas de volta perfeita, de que os romanos tiraram tão vantajoso resultado, effectuaram-se notaveis construcções, que não se deveram nunca ao genio dos gregos.<sup>1</sup>

\* \* \*

A architectura dos primeiros seculos da idade media apresenta os caracteres da architectura *romana degenerada*, e a designam com o nome de architectura *Roman*: o typo roman persistiu até ao se-

culo xii. Subdividiu-se em duas epochas; o *roman primitivo*, que comprehende do v seculo ao xi; e o *roman secundario*, que pertence aos seculos xi e xii.

Depois das invasões dos barbaros, as artes e as letras acharam amparo nas cidades, e depois nos mosteiros. Os architectos apropriaram ás necessidades da epocha parte dos edificios gallo-romanos e exploraram a outra parte como se o fizessem em uma pedreira; acharam nas columnas, nos entablamentos, nas esculpturas diversas, e nos outros materiaes que cobriam o solo, mina que por muito tempo lhes forneceu pedrãs já lavradas; não tendo outro trabalho, o maior numero de vezes, senão ajustal-os ao logar para que os destinavam: portanto a duração do *roman primitivo*, propriamente fallando, é a continuação do periodo artistico antecedente, apenas com a alteração nas formas, pela inhabilidade progressiva dos operarios e architectos.

Infelizmente, possuímos bem poucos d'esses restos authenticos dos edificios do *primeiro periodo*; é preciso recorrer aos ultimos tempos do imperio romano, reunir mentalmente os mosaicos, as molduras das decorações, as pinturas decorativas, então usadas, para completar a escala da ornamentação durante os seculos v, vi, vii e viii.

Ao passo de se aproveitarem os fragmentos pre-existentes nos edificios, que resistiram ás devastações dos barbaros, fazia-se um trabalho de assimilação que devemos ter em conta: além de construir bastantes edificios novos que lhes deviam ser indispensaveis, precisavam tambem de supprir as faltas de outros, reparar as paredes e as esculpturas, construir e ornar as egrejas novas.

O seculo ix, de tão crueis provações, vira desaparecer grande numero de edificios pertencentes aos seculos anteriores. Estes edificios não teriam grande solidez, porque os normandos facilmente os destruíram e incendiaram, na occasião dos seus saques e vandalismos, e os que não ficaram expostos a esta barbaria apresentam já o aspecto vetusto.

Quando quizeram reparar semelhantes danos, reconstruíram o que já estava destruído, e não encontraram, como succedeu no v e nos seguintes seculos, senão fustes de columnas, capiteis, esculpturas provenientes dos monumentos em ruínas dos gallo-romanos: foi preciso, no seculo x, cortar nova cantaria, extrahir outros materiaes, executar esculpturas, ainda que grosseiramente, para os ornamentos com que desejavam dar realce aos edificios publicos e particulares: portanto, nova ordem de cousas devia resultar das novas exigencias e necessidades. Viu-se, pois, no nltimo quartel do seculo x e principalmente no xi, o periodo *romano secundario*, a architectura em via de transformação, depois caminhar gradualmente para o estado de esplendor que attingiu no seculo xii.

<sup>1</sup> Cap. ii, pag. 36.

No seculo xi desprezaram os ornamentos no interior das habitações, porém exigiram mais solidez e mais segurança contra os incendios: construíram mais frequentemente em pedra, pensaram em substituir com abobadas os tectos de madeira, que haviam sido até então quasi exclusivamente empregados.

Os architectos e os demais artistas, em plena liberdade para innovar, construíram as igrejas e os edificios, onde havia necessidades de taes obras, combinando novos planos e disposições inteiramente desconhecidas.

As proporções antigas exigidas na architectura não continuaram a ser observadas quanto ao *modulo* das columnas, e suas subdivisões.

As esculpturas mais rudimentares apresentavam series de figuras repetidas, que se agrupavam, seguindo, conforme as escolas, *systemas* diferentes.

Estes factos, que o seculo xi apresenta ao observador perspicaz, fazem de certo modo d'esta epocha o ponto de partida dos desenvolvimentos da architectura tal como se nos apresenta hoje á vista, examinando o extraordinario numero dos edificios antigos que existem na Europa.<sup>1</sup>

\* \* \*

Grande revolução se effectuou no fim do xii seculo, tanto pela applicação do arco descripto de tres centros, e o abandono da volta perfeita, como pelo novo *systema* de construcção e duração, isto é, pela introduccção do estylo ogival.

Todavia o *estylo ogival* não substituiu repentinamente o *estylo roman*; o emprego da ogiva só veio a ser commum no decurso do seculo xii, e depois de ter sido applicado conjunctamente á volta perfeita, que lhe era preferida. Esta epocha de transformação chama-se tambem de *transição*; teve por limite o seculo xiii: então o arco com tres centros foi geralmente empregado, e o estylo ogival completamente formado.

Ainda edificaram igrejas no estylo roman em certas localidades, quando a architectura ogival dominava em outras. Comtudo, em algumas provincias do meio dia, conservaram o estylo de transição durante o seculo xiii.

As causas que determinaram a creação do estylo ogival são complexas.

O arco de tres centros procura a sua origem em a necessidade de tornar mais solidas as novas formas de construcção.

As abobadas se aperfeiçoaram pelo uso do encruzamento dos arcos. Encontraram logo em seguida ao emprego do arco descripto por dois centros, novo meio de diminuir o esforço das abobadas, e fazer

convergir todo o peso d'ellas sobre os pontos em que havia os *contrafortes*.

D'esta innovação derivou um sem numero de outras innovações, que produziram o estylo ogival tal como se observa nas construcções do xiii seculo.<sup>1</sup>

\* \* \*

Chama-se *Renascimento*, a arte que voltou a tomar as formas antigas de architectura, como se a arte tivesse ficado *paralysada* durante a era ogival ou roman.

O estylo ogival, que percorrêra os diversos periodos de aperfeiçoamento e degeneração, chegava então ao seu termo, durante o segundo quartel do seculo xv. A arcada traçada por tres pontos ficava abandonada no xvi, para se reproduzir com a volta inteira, que igualmente fôra antes posta de lado pela introduccção da ogiva desde o seculo xii; portanto, uma extraordinaria revolução ia pois operar-se na architectura.

As guerras dos francezes na Italia em tres successivos reinados, levaram a flôr da nobreza áquelle paiz, e ahi recebeu ella o gosto de tudo que o *renascimento italiano* produzira nas artes e nas letras; o genio de innovação e reforma que tanto agitava a republica, não sómente os artistas, mas tambem os theologos, preparára os espiritos para esta grande mudança.

Porém a architectura chamada do *Renascimento* não foi geralmente empregada nas construcções religiosas do xvi seculo. A forma da ogiva tinha recebido para estes edificios uma especie de consagração, e muito tempo depois da adopção do estylo classico para as construcções civis fôra preferida depois para os monumentos religiosos, e até do seculo xvii se encontram exemplos da ogiva. Na verdade, estava então o estylo ogival privado dos seus ornamentos, mostrando grande pobreza decorativa; apparecia apenas o esqueleto do antigo estylo; porém a ogiva era ainda usada sómente para as janelas e arcadas.

Poderíamos citar centenaes de igrejas edificadas n'este estylo, quando o do *Renascimento* ostentava já todo o seu brilho nos palacios acastellados e nas construcções civis.

Como quer que fosse, as construcções do *Renascimento* foram mais civis que religiosas; isto é, construíram-se n'este estylo menos igrejas que palacios e casas.<sup>1</sup>

\* \* \*

Diremos apenas algumas palavras ácerca do *periodo moderno*.

No seculo xvii e no xviii procurou-se imitar uma

<sup>1</sup> Cap. iv, pag. 166.

<sup>2</sup> Cap. vii, pag. 277.

certa disposição architectonica, que havia prevalecido na Italia nas fachadas das egrejas no ultimo quartel do seculo XVI, consistindo em collocar o portal no meio de columnas que abrangessem a largura da nave principal e as duas lateraes; depois de sobrepôr outra *ordem* de architectura por cima da primeira, ainda que não correspondesse ao espaço occupado pela nave principal, onde as suas abobadas se erguiam acima dos telhados inferiores pertencentes ás naves lateraes.

Esta diminuição de largura dada á fachada na parte superior, era disfarçada por um ornato accessorio de feito de um S deitado, (*quartella*), para ligar a elevação da segunda *ordem* com a parte inferior que decorava o portal e ao mesmo tempo lhe servia de *contraforte*.

Os jesuitas, que construíram n'essa epoca as suas egrejas adoptando esta disposição, foram os promotores principaes de tal incoherencia, sobrepôr as columnas que não correspondiam ás divisões internas dos andares: por este motivo se ficou designando esse modo de applicar as *ordens*, — Estylo dos Jesuitas — que foi tambem imitado nas outras egrejas do seculo XVII.<sup>1</sup>

(Continúa).

POSSIDONIO DA SILVA.

#### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA D'ESTE NUMERO

É quasi sempre devido a casos fortuitos que se fazem descobrimentos de objectos raros, e mesmo scientificos; temos pois um recente achado feito em Portugal, que vem mais uma vez confirmar o que deixamos dito.

No logar de Penella, proximo de Condeixa a Velha, provincia da Estremadura, uma pequena camponesa de idade de 7 annos, tendo, em outubro ultimo, levado a apascentar o seu rebanho, sentou-se sobre uma pedra, e para entreter o tempo de espera necessaria de entrarem para o curral os animaes, principiou descuidadamente a esgaravatar o chão com um pausinho. Passado algum tempo reparou que dentro da cova que havia feito apparecia um objecto a luzir; proseguiu com curiosidade a profundar mais para conhecer o que produzia aquelle reflexo: bastante surprehendida ficou tirando da terra uma grande argola de côr amarella, tendo assignalados sobre o aro alguns riscos. A cachopa, posto se admirasse de ver aquelle objecto apparecido por modo tão singular, não suppoz que podesse ter grande estimação por ter sido encontrado no matto; e quiz ir mostral-o á familia; partindo para a casa, mettu a argola no braço, porém não a pôde supportar por causa do

peso, e fel a depois rodar pelo chão até á sua habitação.

Passados dias, constando este achado a uma pessoa d'aquella localidade, foi ver a argola que julgou ser objecto de valor, aconselhando o pae da rapariga a levar aquelle objecto a Coimbra para saber quanto valeria; decidiu-se o pastor a ir vendel-a áquella cidade.

Dirigiu se primeiro a um serralheiro para que lh'a comprasse, o qual offereceu 500 réis, dizendo que a argola era de ferro dourado. O preço não contentou o homem, foi procurar outro comprador e este lhe offereceu 4\$500 réis. Principiou o pastor a crer que o objecto tinha mais valor do que elle havia imaginado, comparando a differença das duas quantias offerecidas; e resolveu se ir consultar um ourives para saber que metal era aquelle. Mostrando a a um constraste, este lhe disse que a argola era de ouro e valia algumas libras. O homem ficou muito contente, e perguntou ao logista quem poderia comprar-lhe aquelle objecto na cidade; o ourives indicou-lhe um collega que talvez a comprasse.

O homem correu á casa da pessoa indicada, a qual lhe disse que dava pela argola 700\$000 réis, o que o pobre do pastor accitou logo, como sendo uma fortuna inesperada que o Ceu lhe deparava.

Estando eu n'essa occasião em Vizeu soube d'isto, vim logo a Coimbra examinal-o; procurei a pessoa que o possuia, e indaguei d'ella como tinha sido achado, e qual era a opinião das pessoas entendidas a quem elle havia mostrado aquelle objecto. Informou-me do que já aqui relatei, dizendo-me que as pessoas que haviam visto a argola, julgavam ser do tempo dos Celtas, e que seria para trazer ao pescoço; não concordei com similhante origem nem applicação.

Peja estampa d'este numero do Boletim copiada de uma photographia<sup>1</sup> que desejei possuir d'esta raridade, se conhece a grandeza natural da argola, quaes são as suas dimensões tanto do diametro do circulo, como a grossura d'ella, bem como o lavor que a orna na sua face superior. Notam-se-lhe duas particularidades, é não ter, em toda a sua circumferencia, egual grossura, assim como no logar mais delgado haver uma pequena parte que se tira fóra e deixa uma abertura de 0,<sup>m</sup>075 millimetros de comprimento.

A particularidade de se abrir não permite, contudo, servir de *torque*, pois essa abertura não é bastante espaçosa para poder entrar o collo de uma pessoa, e mesmo as arestas vivas feririam a pelle, quando servisse para esse uso; pois as torques de bronze que teem a facilidade de se abrir *sem estalar*, são as suas extremidades boleadas e chatas.

<sup>1</sup> Cap. VIII, pag. 301.

<sup>1</sup> Ficou mal indicada a sombra projectada d'este objecto.

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Estampa 48.



GRANDE ARGOLA DE OURO

Achada em Portugal na provincia da Extremadura em 1883.



não só para não molestarem, como ficar unidas ao círculo, postas no seu logar.

Esta argola massiça é um achado raro, pois não consta que se tenha descoberto nenhuma outra d'este metal com o seu grande pezo e grossura: vale um conto e cinco mil réis!

As maiores torques de bronze achadas nas palafitas de Bourget (Saboia), nos dolmens de França, e nos tumulos da Alsacia, o seu maior diametro é de 0,13°; porém sem ter excessiva grossura, pois não excedem 0,07: e mesmo algumas de epoca mais moderna são ôcas e cheias de uma substancia leve, a fim de se não amolgar o seu contorno e serem mais commodas para se trazerem ao pescoço.

O ornato que tem esta argola de ouro é composto de successivas figuras de rhômbos a pár, estando cheio o espaço interno d'elles por linhas encruzadas, em dois renques na maior grossura da argola, ficando separadas estas figuras por estrias circulares que dividem em tres partes do aro da argola que indica o meio d'ella e no logar de sua maior grossura. O espaço do centro está ornado com angulos agudos, a que os archeologos dão o nome de *dentes de lobo*, ficando os vertices desencontrados, e cheia a superficie com linhas parallelas.

Na parte opposta á maior grossura da argola, e junto ao espaço que a separa do aro, repete-se a mesma gravura das figuras dos rhômbos, mas com a differença de occuparem o meio d'esse espaço, ficando separado sómente com dois renques de estrias, e correspondente a parte opposta do aro em que estão gravados os triangulos. Nota-se que nos dois lados em que se separa o logar do encaixe da argola, estão esses espaços ornados por outro modo, sendo por figuras de cinco triangulos com faxas parallelas aos seus lados, separados uns dos outros por grandezas progressivas, e tambem cheias as faxas com linhas encruzadas. Os dois espaços restantes, do contorno da argola, que separam os dois modos differentes dos traços gravados, estão sem nenhum lavor.

Merecem ser examinados os encaixes que pertencem á parte da argola que se separa, porque foram executados com calculado intuito, não só para o fim que deviam servir, mas com reflectido proposito de não poder rodar no logar que devia preencher, afim de que a gravura com o seu adorno fi-

casse sempre na mesma posição, para cujo fim fizeram d'um lado a espiga cylindrica, e do outro extremo é quadrangular, e alem d'isso a sua extremidade tem o feitio de ponta de diamante, para facilitar a entrada no encaixe.

Nos torques de bronze, o metal tem a flexibilidade de se alargar quando se põem ou tiram do collo sem o risco de se quebrarem, unindo-se depois os dois braços sem interrupção alguma. Até hoje ainda os chimiecos não poderam descobrir qual seria a liga que podesse facilitar esta elasticidade sem estalar o metal, pois o mesmo se obtem d'esta argola de ouro, não obstante a sua *extraordinaria* grossura, *fazendo-se um pouco de esforço*, para se tirar do encaixe a pequena parte em que se divide a argola.

Se compararmos os traços dos *chevrons* gravados n'esta joia de ouro com os outros que tem as torques de bronze, alguma analogia ha, todavia aproxima-se mais dos *dentes de lobo*, das *plaques* d'ardozia, parecendo ter a mesma origem, porém pertencendo a uma epoca de mais desenvolvimento no progresso industrial. Suppomos, portanto, que a argola de ouro será da epoca do fim da idade do bronze, assim como não poder servir de torque, não sómente pela pequenez do espaço do seu encaixe, como porque as vivas arestas offenderiam a cutis da pessoa a quem servisse, além do excessivo peso que teria, trazendo-a ao pescoço. Duvidamos pois que podesse ter essa applicação; mas tendo-se em consideração o valor d'esta joia, e objecto raro, (pois parece ser a primeira que se tenha descoberto), suppomos que talvez fosse um adorno para o collo de uma divindade (?)

O museu de Kjobenhavn na Dinamarca, possui varios exemplares de grandes argolas massiças de ouro, porém tendo a quinta parte da grossura d'esta achada em Portugal, que tem a particularidade de ser muito mais grossa na parte posterior do que na opposta; mas a sua ornamentação é de um caracter muito differente, e por isso não se pode affirmar que esta argola, encontrada no nosso paiz, tenha a mesma origem das que foram achadas na Scandinavia. Consegui, ao menos, que Portugal não perdesse essa preciosidade archeologica.

J. DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Resultado das eleições na assembléa geral da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes em 11 de dezembro de 1883, para o exercicio do anno de 1884:

### ASSEMBLÉA GERAL

*Presidente*, Joaquim Possidonio Narciso da Silva — *Vice-Presidente*, (architectura) conselheiro João Maria Feijó — (archeologia) Visconde de S. Januario — *Secretario* (architectura) Valentim José Corrêa — *Vice-Secretario*, Ernesto da Silva — *Secretario* (archeologia)

visconde de Alemquer — *Vice Secretario*, D. José de Saldanha d'Oliveira e Sousa — *Thezoureiro*, Francisco da Silva Vidal Junior — *Bibliothecario*, conselheiro José Silvestre Ribeiro — *Conservadores*, conselheiro Jorge Cesar Figanière, general Antonio Pedro d'Azevedo.

#### SECÇÃO DE ARCHITECTURA

*Presidente*, conselheiro João Maria Feijó — *Secretario*, Pedro Augusto Serrano — *Delegado*, José Maria Caggiani — *Supplente*, José Tedeschi.

#### SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

*Presidente*, Ignacio de Vilhena Barbosa — *Secretario*, Luciano Cordeiro — *Delegado*, Ernesto da Silva — *Supplente*, Eduardo Dias.

#### SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

*Presidente*, general Antonio Pedro d'Azevedo — *Secretario*, Frederico Ressano Garcia — *Delegado*, Emiliano Augusto Bettencourt — *Supplente*, Alfredo Keil.

O socio o sr. visconde de Castilho dedieou o 2.<sup>o</sup> volume da sua curiosa obra *Lisboa Antiga*, á nossa associação; offrecimento que foi accete com a consideração que merece esta fineza e reconhecido merito do seu auctor.

Encontrou-se no Alemtejo, proximo de Evora, uma massa de guerra de grande dimensão, pois tem 34 centimetros de comprido e 19 de grossura, em perfeito estado de conservação. Esta arma celtica é a que os archeologos designam geralmente por *clavay*.

O consocio o sr. Cactano Xavier da Camara Manuel havendo-o adquirido fez d'elle presente á nossa associação para as suas colleções prehistoricas, não sendo esta vez a primeira, que este illustrado socio tem generosamente offertado raros objectos archeologicos, de grande estimação.

O director do Real Conservatorio de Lisboa, o sr. Luiz Augusto Palmeirim, enviou para o museu um brazão e um medalhão com busto em marmore, do extinto convento dos Caetanos. Foi agradecido e louvado o empenho que s. ex.<sup>a</sup> manifesta na conservação dos objectos de Bellas-Artes.

O socio o sr. visconde de Alemquer offerceou um calque de uma inscrição romana, de um cipo de bastante interesse epigraphico; bem como fragmentos de telhas romanas com a marca de oleiro. O seu zelo em concorrer para augmentar as colleções do museu é bem notorio de todos os seus consocios, assim como pelo seu louvavel cuidado em curar de recolher esses vestigios antigos da nossa terra, os quaes são tão uteis para o estudo archeologico de Portugal.

Um achado de uma *joia de ouro*, teve logar no mez de setembro, proximo de Condeixa a Velha no logar de Penella; é uma argola de grande diametro e grossura com traços gravados; dá-se grandissimo valor a este objecto, pela sua raridade, e será mais um motivo para engrandecer o merecimento das antiguidades que existem no solo de Portugal.

Das tribus que habitam o Amazonas, recebeu o museu, uma colleção de frêchas e areos de grandes dimensões, com que o digno socio o sr. commendador

José Tedeschi brindou a nossa assoeiação. São objectos curiosos e que vem augmentar ainda mais o valor das nossas antiguidades, pois são os primeiros que d'aquella região possui o museu.

Se fosse preciso recordar o quanto este socio se esmera em ser prestavel á nossa associação, mais este facto o viria comprovar, se por ventura os socios podessem duvidar de quanto lhe são devedores.

Obteve o sr. presidente Possidonio da Silva, do extinto convento de Santa Iria, em Thomar, esculpturas em relevo compostas de figuras e ornatos de algum merecimento artistico.

Tambem pôde alcançar do palacio antigo da Infanta Santa Sancha na Praça do Espirito Santo em Alemquer, um dos tijolos com que era guaranteeada uma das salas, o qual mostra gravados, em um dos lados maiores, *jeroglyphicos desconhecidos*! Ficou com pezar o sr. Silva de não poder alcançar mais exemplares, para examinar se teriam inscrições semelhantes, ou se fariam parte de *sentenças cabalisticas*; porém quando demoliram o palacio venderam todos os tijolos, para a construeção de uma fabrica! E d'esse vandalismo unicamente escapou este exemplar.

O sr. Possidonio da Silva comprou um bello brazão de marmore branco, tendo por emblema um leão sobre o capacete, trabalho feito com esmero. Estes objectos, procedentes de Alemquer, acham-se expostos no museu do Carmo.

## NOTICIARIO

O Instituto de França, na sessão de 3 de novembro do presente anno, elegeu o sr. architecto Possidonio da Silva, Membro do Instituto da Academia de bellas artes por 21 votos, tendo o outro candidato, o insigne esculptor italiano Monteverde, obtido 5 votos. O sr. Silva vae occupar no Instituto a cadeira vaga pelo fallecimento do eminente architecto austriaco Mr. Frestel. E' a primeira vez que um patricio nosso recebe tão distinctissima consideração.

Já se tem construido nos Estados-Unidos quatro zimbórios de papel! O ultimo foi o do collegio de Columbia, o qual era composto de 24 sectores, ficando fixos a uma armação executada em madeira. A grossura d'este papelão é de 3 pollegadas, e apresenta a tenacidade de uma prancha de ferro!

A *pintura luminosa* já está applicada nos tectos dos tunneis dos caminhos de ferro, assim como no interior das carruagens, e basta uma unica demão para produzir, durante a noite, uma luz sufficientemente clara para os viajantes poderem ler os jornaes!

Determinou-se em França que os alumnos da Academia de Bellas Artes serão obrigados, d'ora ávante, seja a que ramo se destinarem, a estudarem igualmente os outros dois ramos de Bellas Artes, afim de adquirirem tambem conhecimentos em architectura, pintura e esculptura; todavia a sua applicação será mais constante no estudo da arte a que se dedicarem.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 65
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.	
Epigraphia — (continuação) pelo sr. FRANCISCO MARTINS SARMENTO.....	» 69
A argola encontrada em Penella — (carta de mr. G. DE COUGNY).....	» 70
Evora-Romana — O museu Cenaculo — pelo sr. GABRIEL PEREIRA.....	» 73
A sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (estampa n.º 49) — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 77
Chronica.....	» 78
Noticiario.....	» »
Necrologia — AUGUSTO FILIPPE SIMÕES.....	» 79

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado do numero antecedente)

É pelas epochas que se determinam os diferentes caracteres da architectura da idade media, e não pelas *Ordens*, como se faz na architectura antiga ou classica. Cada epocha tem a sua physionomia particular que se reconhece pelo estudo um pouco applicado.

A classificação chronologica adoptada pelos archeologos, é aquella na qual as grandes divisões se chamam *Periodos* e as sub-divisões são designadas por *Epochas*.

Portanto teremos :

#### 1.º PERIODO

Desde o estabelecimento do christianismo até o XI seculo. } ESTYLO LATINO ; imitação mais ou menos imperfeita da architectura antiga.  
ESTYLO BYZANTINO: creado em Constantinopla no VI seculo.

Epochas ..... } Quando a influencia da arte romana quer só prevalecer, posto que ella a altere muito.  
Quando a emigração dos artistas gregos principia a fazer sobresahir algumas luzes da arte de Riente.

#### 2.º PERIODO — Estylo Romão

Epochas } XI e XII } Quando a arte transformada toma um caracter que lhe é proprio, posto que formada da mistura da arte antiga e da arte néo grega.  
} seculos } Quando as influencias orientaes dão á arte uma nova dilatação.

#### 3.º PERIODO

Da final do XII seculo até o final do XIII. } Do principio do XIII seculo com o fim da epocha romã até a perfeição d'este novo estylo OGIVAL, ou, como geralmente se chama, gothico, ainda que sem nenhum fundamento.

As epochas formam-se constantemente do meiodo de um seculo ao meião do seculo seguinte. E' principalmente pelo feitiço do capitel, da janella, do pilar, pelo estylo, ou natureza dos ornamentos que ellas se caracterisam.

Para se comprehender melhor a primeira epocha da architectura religiosa, será necessario estudarmos primeiro, qual era a disposição e caracter das basilicas de Roma, esses antigos edificios, que foram, depois das peregrinações dos imperadores contra os christãos, escolhidos para o culto catholico, e sobre o modelo dos quaes se construíram em se-

guida os primeiros templos religiosos em Italia e nos paizes da raça Latina.

No iv seculo, a architectura estava em decadencia. As construcções christãs que se fizeram a começar d'esta epoca mostram até que ponto o bom gosto dos artistas havia degenerado. Os excellentes principios que tinham contribuido para a gloria das escolas da Grecia e de Roma estavam esquecidos e desprezados. Tudo que executavam, tinha grande riqueza, porém cousa alguma era verdadeiramente bella. Arrancavam-se os materiaes aos edificios antigos para edificar os novos monumentos, accumulando-os com incrível incoherencia.

As Ordens foram alteradas nas suas proporções; as esculpturas eram pesadas e executadas com dureza; o pedestal das columnas tinha forma rustica; os perfis das molduras mesquinhos e sem nenhuma graça; os ornatos foram prodigalisados a esmo. Collocavam sem motivo muitos renques de columnas uns sobre os outros, interrompiam-se os entablamentos, cortando-os por arcos; privavam os frontões da sua base, e faziam recair directamente as arcadas sobre o abaco dos capiteis. Ainda peor era empregar-se os arcos sem terem archivoltas, e assentavam-se no mesmo peristilo columnas de grossuras e ordens differentes! Tudo isto dava a conhecer que a architectura estava em lucta com as innovações, tentando desembaraçar-se das tradições do passado; procurava ao acaso as combinações apropriadas ás necessidades de um culto novo, de uma sociedade moralmente transformada, porém da qual a forma externa era ainda toda pagã.

Multidão de barbaros invadem todas as provincias do imperio; os Godos se estabelecem na Germania, os Frankos com os Burguinhões nas Gallias; os Alanos em Hespanha, e os Vandalos na Africa.

Compreende-se que no meio d'estes tristes acontecimentos a architectura não podia nem ser muito florescente, nem adquirir novas forças. Foi preciso chegar ao iv seculo para se ver levantarem-se numerosos monumentos christãos em todo o imperio romano; todavia essas construcções foram feitas com tanta precipitação e por architectos inhabeis, que tiveram pouca duração, e o imperador Theodoro, na era de 372, determinou que se reedificassem.

Havia em Roma um genero de construcção cujas formas e disposição pareciam muito apropriadas ao culto do christianismo, e que, pelo seu primitivo destino, não tinha nada de hostil ás idéas novas; as antigas *basilicas* dos romanos. Estes edificios não apresentavam, fazendo excepção ás columnas antigas que os ornão, nenhuma moldura, em parte alguma que sobresahisse, e se destacasse da sua superficie plana e perpendicular; não apresentavam por cima de suas paredes lisas, mais do que o ma-

deiramento transversal do seu tecto, o qual formava o telhado: assémelhando-se aos grandiosos celleiros que tinham sido edificados com sumptuosos materiaes; mas a simplicidade de suas formas, e não estarem maculados por sacrificios dos idolatras, além da sua magnificencia e harmonia de todas as suas partes constitutivas, davam a estes edificios uma apparencia magestosa que debalde nós procuraremos na architectura a mais complicada das igrejas modernas. Todavia sob o ponto de vista architectonico, estes edificios pertencem inteiramente á decadencia da arte.

A porta interna da basilica de S. João de Latram em Roma, dá uma idéa perfeita da disposição relativa das arcadas, janellas e do feitio de tecto como foram edificadas as outras basilicas.

As basilicas eram vastos edificios onde os magistrados romanos julgavam as causas, e serviam tambem para as reuniões commerciaes ou litterarias. A forma que geralmente se lhes dava era a de um rectangulo. Quasi sempre a basilica tinha a sua entrada por um vestibulo formado por uma columnata, sendo o fundo limitado por um hemicyclo abobadado em forma de quarto de esfera ao que se chamava — *abside*. O interior do edificio estava dividido por columnas em tres partes no comprimento da basilica, as quaes se chamavam naves; a do meio era mais larga e mais alta que as outras duas. Por cima das naves menos elevadas havia galerias abertas para a nave central. As differentes naves ficavam separadas da *abside* por um espaço, sem ter n'elle cousa alguma, chamado *transsepte*. Dos dois lados da *abside*, havia duas casas onde se guardavam os archivos. Era n'esse ponto central que o bispo e os outros ecclesiasticos tomavam o lugar do antigo juiz e dos seus accessores; o altar ficava collocado entre a *abside* e o *transsepte*, posto em cima das reliquias de algum martyr. As casas destinadas antes para archivo, vieram a servir de sacristias. O povo occupava as galerias, ficando separadas as differentes classes, como havia sido a pratica nas catacumbas, desde a epoca das perseguições pelos romanos. Os penitentes não passavam do vestibulo, o qual era fechado por cortinas. A parte das naves mais proximas da entrada, servia para estarem os catéchumenos, as pessoas que se instruiam na doutrina, ficando o sexo masculino do lado do Evangelho, e o sexo feminino do lado da Epistola; na frente d'elles era o lugar reservado para os fieis, ficando os sexos separados pela mesma maneira, sendo o *transsepte* occupado unicamente pelas pessoas mais notaveis. Os cantores, desde que a *abside* se estendeu mais, tomaram lugar por detraz do altar, os quaes tinham occupado

antes uma parte bastante consideravel na nave principal. Na frente do altar estavam as cadeiras onde oravam antigamente os advogados, vindo a ser depois os logares para os pulpitos, destinados um para se cantar a Epistola, e o outro o Evangelho; sobre este ultimo é que se punha o tocheiro Pascal. Para limitar a nave principal, antes de chegar ao *transsepte*, havia uma arcada mais ornada chamada o *Arco Triumphal*, e sobre a qual a maior parte das vezes se representava com brilhantes decorações a resurreição do Salvador. As basilicas mais importantes eram precedidas de um recinto quadrado, nos lados do qual se repetiam os porticos do vestibulo, tendo uma fonte no meio. Muitas vezes, na frente da porta principal se viam dois leões; era junto d'elles que os bispos julgavam as causas. Este uso se conservou até á idade-media, d'onde provém a formula: *Judicium inter leones*. Primitivamente a basilica era limitada por uma unica *abside*; mas passado algum tempo ella comprehendia tres, logo que foi preciso ter maior numero de allares. Durante muitos seculos nas *absides* não havia janellas, e quasi ao principio d'estas construcções, os lados do *transsepte* se alongavam de maneira a formar com o resto da basilica a imagem da cruz do Redemptor, e então ficou designada pelo nome de *cruzeiro*.

As construcções das igrejas latinas podem-se reduzir a tres typos. Tres portas dão entrada para um vestibulo interno; a planta é dividida em tres partes por dois renques de columnas, Por cima do vestibulo e das naves lateraes ha uma galeria destinada para o sexo feminino. A começar do v seculo, levantaram-se em Roma basilicas de uma grande extensão, como é a de S. Paulo *fóra dos muros*. N'estes edificios já não apparece o vestibulo interno, pois que então fazia parte da fachada, a qual era precedida de um atrio. O interior d'essa basilica está dividido em cinco partes pelos renques de columnas. As tribunas tambem foram supprimidas. Uma parede igual á da fachada foi levantada diante do santuario, está aberto n'ella o Arco Triumphal, fecha com os seus lados as naves lateraes e vem formar uma nave transversal, tendo na planta a configuração de um T maiusculo. O todo da igreja tem a forma de um paralelogrammo sobre o comprido, sendo limitada uma das suas extremidades por um espaço semi-circular: o piso compõe-se de um xadrez de marmore de côres. E' esta igreja a mais antiga, e um dos mais bellos edificios da Roma christã.

A decoração interna consistia em collocarem as columnas sobrepostas, com arcadas assentes immediatamente sobre essas columnas; pois que se houvesse um entablamento posto no intermedio das arcadas e das columnas lhe teria dado

altura de mais; bastava sómente o capitel para formar essa separação. Muitas vezes um entablamento mais ou menos completo, ou uma simples cornija com modilhões formava a beira do telhado.

Na mesma columnata appareciam columnas e capiteis de diferentes Ordens, como existe em S. Jorge de Valabre em Roma, onde se vê de um lado a corinthia, e do outro a jonica; ou então as columnas eram alternadas, como apparece em S. Clemente da mesma cidade, onde se nota haver uma columna jonica ao lado de uma corinthia.

Estas irregularidades provinham de se ir buscar uma grande parte dos materiaes aos templos pagãos que demoliam para esse fim: então já não havia o escrúpulo de se servirem dos mesmos adornos que tinham pertencido aos idolos, ou porque a fê estava bastante robustecida e era geral, ou porque achavam as obras d'arte dos idolatras mais dignas de figurar no santuario do verdadeiro Deus.

Sobre as naves das basilicas já indicámos que o madeiramento ficava apparente, porém coberto de esculptura ou pintado com cores vivas, ou então era encoberto por um tecto dividido em caixotões com ornamentos pintados, como se havia imitado na antiga igreja de Marvilla em Santarem, mas que o vandalismo destruiu em 1858! Todavia a principal decoração das basilicas consistia mais nos mosaicos e nas pinturas. Muitas vezes eram as pinturas executadas sobre fundo de ouro, como se ornavam as *absides*.

Havia mosaicos formados por duas maneiras: uns com marmores os mais preciosos e os mais brilhantes eram cortados em pequenos cubos, offerecendo todos os effeitos que elles possuam da natureza, como se vê na capella de S. João Baptista em S. Roque; empregando actualmente os mosaistas em Roma 35:000 côres diferentes para esse fim; ou então serviam-se de mosaicos ornamentados, formados por lages de marmores cortados em figuras geometricas, para comporem o pavimento das basilicas; como se imitou na igreja de Mafra e da Estrella.

Na fachada, a parte superior formava uma empena moldurada, indicando a inclinação do telhado; no meio d'ella havia uma janella circular chamada *Oculus Christi*, o que deu origem aos bellos espelhos construidos no xiii seculo.

Algumas vezes faziam, de cada lado, duas outras janellas, ou então, por cima do oculo, tres ou mesmo seis janellas. Na parte inferior a porta principal estava em algumas basilicas acompanhada de outras portas, que davam entrada para as naves lateraes. Por cima da porta do centro representavam a imagem de N. S. no esplendor de uma Gloria, impropriamente chamada — *venica-piscis* —

como recordação do peixe, do qual a representação serviu de symbolo durante as perseguições dos christãos, para lhes lembrar a ideia do Redemptor, pois que o nome d'este symbolo era derivado da palavra grega, que significava — peixe —, da qual as letras que a designavam, dão as iniciaes para compôr as palavras *Jesus-Christo-Filho-Deus-Redemptor*. Sobre os lados do edificio apparecem dois telhados cobertos de telhas de barro, dispostas como usavam os gregos. Algumas vezes as telhas eram substituidas por lages de marmore, ou laminas de bronze dourado. As janellas mostravam o apparelho de tijolo alternado. Em lugar de vidros, usavam lages, tendo abertos buracos estreitos tapados com outros marmores transparentes.

Examinando-se a planta da basilica de S. Clemente, posto que não seja a igreja mais antiga, pois data do v seculo, nota-se que conservou melhor que nenhuma outra as distribuições que acabamos de descrever. A porta principal é ornada de columnas, dando entrada para um atrio, o qual é rodeado de porticos; o lado encostado á basilica fórma o vestibulo. É provavel que este vestibulo dêsse entrada para a basilica por tres portas abertas nos eixos das naves, e que as portas lateraes fossem tapadas quando a separação dos sexos não era já obrigativa, e em uma epocha em que seria necessario haver mais altares, occupando dois d'elles os logares d'essas antigas portas. Nota-se aqui uma particularidade muito singular, de ser a nave do Evangelho muito mais estreita do que a do lado opposto; por ventura concorreria menos o sexo masculino aos actos religiosos? Seja o que fôr, é este o unico exemplo d'esta disposição! O altar é coberto por uma pequena cupula, e está inteiramente isolado e collocado adiante do hemicyclo, ao fundo do qual está posta a cadeira do bispo. O côro precede o altar e occupa uma grande parte da nave principal, estando fechado por uma separação de marmore, onde ha os dois pulpitos que já mencionámos: as sacristias eram fechadas por cortinas.

Esta basilica não tem galerias sobrepostas, como a de Santa Ignez; as janellas por onde recebe luz estão abertas logo por cima das arcadas. Cada renque de columnas é dividido em duas partes sobre o comprimento por um largo pilar de fórma rectangular; disposição esta que parece ter sido feita para ficar mais distincta a separação das diversas classes dos fieis!

As columnas de S. Clemente são de ordem jonica, e estão alternativamente postas, sendo os fustes, uns com estrias e outros lisos.

A separação do côro é obra do ix seculo, posto que seguissem a primitiva disposição n'essa con-

strucção. Um magnifico mosaico occupa todo o desenvolvimento da *abside*; porém é menos antigo que a separação do côro, pertence ao xiii seculo.

Mas a mais notavel das basilicas christãs é a de S. Paulo fóra dos muros em Roma. Este grande monumento não tem menos de 63,<sup>m</sup> 23 de largo por dentro, sobre 125,<sup>m</sup> 78 de comprimento até ao fundo da *abside*: a nave principal tem 24 metros de largura, por 89, 87 de comprimento; as columnas que dividem as naves são no numero de 80, e de precioso marmore.

Foi n'esta basilica que teve logar a origem da forma symbolica da cruz no plano da igreja, seguindo-se depois esta configuração na maior parte dos outros templos.

A basilica de S. Paulo data do fim do iv seculo, porém foi incendiada em 1823, sendo pouco tempo depois construida conforme a sua primitiva disposição.

As columnas estão reunidas por arcadas; as do segundo renque menos altas que as da nave; os lados cobertos simplesmente por um alpendre; a segunda ordem da galeria foi substituida por uma parede, no cimo da qual collocaram as janellas.

Retratos dos pontífices, e scenas tiradas do Antigo e Novo Testamento, ornam os espaços entre as arcadas e as janellas. O madeiramento apparente dá-lhe um aspecto de simplicidade, que contribue para fazer sobresahir o magestoso effeito d'esta grandiosa edificação.

Esta basilica estava precedida de um espaçoso atrio de forma quadrada, cujos porticos eram sustentados por 40 columnas reunidas por um entablamento. A fachada subiu a grande altura por cima d'este portico, apparecendo decorado por duas ordens de janellas em numero de 3 por andar; um magnifico mosaico completava a fachada.

Disposições analogas foram adoptadas nos outros paizes pertencentes ao christianismo. A basilica mais veneranda do Oriente, da Natividade em Bethlem, a qual foi edificada sobre o proprio logar que tinha sido santificado pelo berço do Redemptor, deveu-lhe maior desenvolvimento que as outras basilicas construidas em Roma. As naves lateraes são duplas, porém as columnas são todas do mesmo diametro e altura; a architectura d'esta basilica é inteiramente romana, os capiteis das columnas são da ordem corinthia.

Fóra da Italia ha uma basilica na Austria, a de S. Parenzo. Este edificio que pertenceu ao vi seculo, apresenta uma disposição exquisita e interessante como raridade; ella é precedida de um pe-

queno atrio, e na face opposta á basilica este mesmo atrio dá entrada para um baptisterio de fórma octogonal.

Em quanto ao que diz respeito ás fachadas d'estes edificios, eram em geral de grande simplicidade. Quando a basilica estava precedida de um atrio, um telhado em alpendre descanzava sobre as columnas, e a empena da nave principal erguia-se para cima, tendo janellas ou um oculo servindo de espelho. Seguiram o opposto ao que se observava nos templos do paganismo, a magnificencia era para a parte interna e não para fóra da basilica. Todavia julgaram depois ser necessario fazer-se alguma decoração no exterior, e então appareceram os mosaicos tambem postos sobre as fachadas principaes. Com elles formaram representações symbolicas, realçadas com o dourado na parede, fazendo o fundo da composição. D'aqui resultava uma brilhante decoração, dando-lhe um character que surprehendia; porém não daria ao edificio esse aspecto monumental que apresentavam as construcções dos templos erguidos na antiguidade.

Passaremos agora rapidamente em revista as construcções bysantinas, as quaes concorreram um pouco para formar o systema de architectura da idade media. Encontraremos um genero de abobadas que não tinham sido conhecidas pelos romanos, formadas por uma cupula espherica, sobre um plano quadrado, e sustidas por triangulos curvilineos, ás quaes deram o nome de *abobadas pendentes*.

Constantino, transferindo a séde do imperio de Roma para Bysancio no anno de 330, deu o seu nome

á nova capital do imperio romano, e quiz que rivalisasse em grandeza e magnificencia com a cidade de Roma: n'este intuito fez edificar 14 palacios para si e seus filhos, muitos arcos de triumpho, 8 banhos publicos e 14 egrejas: enriqueceu Bysancio com obras-primas de bellas-artes, esbulhando a Italia, a Grecia e a Asia de preciosidades artisticas.

O impulso que a architectura havia tomado no reinado de Constantino não afrouxou durante muitos seculos. Enquanto o imperio do occidente (Roma), abandonado pelo poder imperial, veiu a ser a preza dos barbaros, estavam as provincias do oriente em um estado prospero e florescente. Theodorico II prezava as artes, cultivava a pintura e a esculptura; protegia os architectos e fez executar obras consideraveis; porém o reinado de Justiniano é a epoca mais brilhante da historia da architectura neo-grega ou byzantina. Este imperador, possuido de uma verdadeira paixão pela architectura, fez construir em todas as cidades do imperio edificios novos, havendo empregado mais de 500 architectos; portanto merece, como Adrião, ser qualificado, pelos seus contemporaneos, com o faustoso titulo de *reparator-orbis*. Facilmente se comprehenderá que tantos trabalhos empreendidos em tão pouco tempo, teriam feito nascer uma extraordinaria emulação entre os artistas encarregados de os dirigir, e que a architectura deveria seguir a vereda progressiva que havia encetado desde o reinado de Constantino.

(Continua.)

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### EPIGRAPHIA

(Continuado do 4.º n.º, pag. 58)

VII. — N'um outro marco lêem-se apenas as seguintes letras:

N  
VDI  
NO  
DC

No quarto marco não se lê uma unica letra.

No quinto lê se muito distinctamente a inscripção que o sr. E. Häbner já publicou,<sup>1</sup> mas dando-a como n'um milliario da estrada entre Lisboa e Braga e deixando entender que ella conterá mais do que o seguinte, que é uma copia fiel:

<sup>1</sup> C. Inscriptum, II, n.º 4744.

D N  
MAGNO  
MAGNETIC  
IMPERATORI  
AVC  
P. F.  
B. N. R. P. N.  
XXXI.

Esta ultima inscripção tinha-me sido indicada pelo meu amigo Pestana de Vasconcellos, hoje juiz de direito em Paredes de Coura. Quando en. elle e o sr. dr. Narciso, de Coura, a fomos examinar, descobrimos as inscripções dos outros marcos, mas mal podiam ser lidas, porque uma estava com as letras de pernas ao ar, e os marcos, em que se

entreviam as outras, ficavam quasi de todo embutidos n'uma parede que resguarda do lado do sul o adro, coberto pelo alpendre. Foi preciso isolar os marcos da parede, que os escondia e dar ao marco de letras invertidas a sua posição natural. Este trabalho foi mandado fazer a expensas d'aquelles dous illustres cavalheiros e aproveitou a occasião de reitê-lhes por isso os meus agradecimentos. Por occupações que me sobrevieram, não pude eu mesmo ir tirar as copias das inscripções, que ainda não tinha lido, pertencendo a prioridade d'esta leitura ao sr. P. Martins Capella, que as foi estudar com a sua sollicitude habitual, e me deu d'ellas a copia que hoje publico.

VIII. — N'uma pedra da torre da igreja de Ronfe, concelho de Guimarães :

CELEA  
CLOVT:  
DEO D  
VRBED  
ICOEXV  
OTO A..

Esta importante inscripção foi descoberta quasi ao acaso. Fazendo eu algumas perguntas a Joaquim Machado, hoje fallecido, ácerca d'algumas antigualhas da sua freguezia, veiu a proposito dizer-me elle que n'uma pedra da torre da igreja havia uma ou duas letras. Eu copiei sem a menor hesitação todas as letras que hoje publico.

Tenho a pedra em meu poder e vê-se claramente que era uma pequena ára, a que foram aparradas as molduras, para poder entrar facilmente na construcção da parede. Felizmente ficou com as letras para fóra, bem que ao travez, o que prova que nunca ninguem deu valor á pedra e ao que ella podia dizer.

O achado da inscripção foi feito em dezembro de 1881.

IX. — No logar do Freixo, perto do Marco de Canavezes :

I N̄ VICTO  
AVG. P. M.  
TRI. P. P. P.

A inscripção está truncada, como se vê. Encontra-se n'uma pedra cylindrica, como o geral dos marcos milliaros e parece não ser outra cousa, bem que uma via romana pelo Freixo não ache documentos escriptos que a abonem.

A pedra entrava na construcção d'uma pequena casa e foi mandada tirar d'alli pelo meu amigo José Maria de Queiroz, de Marco de Canavezes, porque sem isso mal podia ser lida. Existe actualmente perto da igreja do Freixo e de balde tem sido procurado o outro fragmento.

X. — No Freixo :

• ENIO  
ONCOBRI <sup>1</sup>  
CENSIVM

(Continua).

○ socio effectivo  
FRANCISCO MARTINS SARMENTO.

ERRATA

Na pag. 59, lin. 10.<sup>a</sup>, do n.º 4, onde se lê : IVENT — deve lêr-se : IVVENT.

A ARGOLA ENCONTRADA EM PENELLA

(Carta de mr. G. de Cougny)

Tendo nós consultado os mais distinctos archeologos estrangeiros ácerca do achado rarissimo da argola de ouro, para se dar conhecimento á Europa d'este precioso objecto archeologico como tambem para colher a opinião d'esses illustrados sabios sobre a origem e applicação d'esta joia archeologica, o nosso insigne consocio o sr. De Cougny respondeu ao nosso pedido. As suas considerações historicas e scientificas teem tão superior consideração, que julgámos seria muito util dar-lhes publicidade n'este numero do Boletim.

POSSIDONIO DA SILVA.

Château de la Grille, 28 janvier 1884.

Monsieur et très honoré collègue,

Vous avez eu l'obligeance de m'adresser le Bulletin de la société royale des archéologues Portugais, contenant le dessin et la description du cercle d'or massif découvert récemment dans la province d'Extremadure, et vous me faites l'honneur de me demander mon opinion sur l'origine de ce bijou, et sur l'usage au quel il aurait été destiné.

Pour répondre à votre désir, je vais essayer de chercher la solution du problème archéologique que vous me proposez et que bien mieux que moi vous êtes à même de résoudre.

Aux deux questions spécifiées dans votre lettre, vous me permettrez d'en joindre deux autres qui me semblent en être le corollaire, et que je formulerai ainsi : étant donné, comme vous l'avez démontré dans votre *explication*, que ce bijou n'avait pu avoir d'autre destination que de parer la statue d'une divinité, à quelle époque le cercle d'or de Penella pourrait-il être attribué ?

Dans votre savante *explication*, monsieur et ami, vous avez prouvé, que le bijou dont nous nous occupons, diffère sous maints rapports des objets de

<sup>1</sup> Na inscripção original estão ligadas as letras BRI da segunda linha e as letras VM da terceira.

parure analogues recueillis en Danemarck, en Suisse, en France, et en général dans la partie centrale de l'ouest de l'Europe, et qu'on ne saurait par conséquent lui attribuer la même origine.

Force nous est donc de porter nos regards ailleurs et d'en chercher la provenance dans une autre région et dans le domaine d'une civilisation autre que celle à laquelle je donnerai le nom de civilisation Indo-Européenne.

Cette région, monsieur et ami, l'antique histoire de votre pays nous l'indique, nous la montre du doigt, je pourrais dire ; c'est l'Orient, ce sont les rivages lointains habités par les Phéniciens ; par le peuple habile, industrieux, entreprenant, chez qui les arts en général, et en particulier celui de la métallurgie avaient acquis droit de cité dès les âges les plus reculés. Les Phéniciens, vous le savez, ont eu pendant une longue suite de siècles le monopole du trafic dans le bassin de la Méditerranée, et ils en ont occupé en maîtres la majeure partie de l'Ibérie, depuis le <sup>xii</sup><sup>ème</sup> jusqu'au <sup>v</sup><sup>ème</sup> siècle avant notre ère. A qui donc, sinon à eux et mieux qu'à eux, pourrions nous attribuer l'importation de votre riche et précieux joyau dans le pays où un heureux hasard vient de le faire découvrir ?

Je dis l'importation, veuillez bien le noter, parce qu'il me semble difficile de savoir d'une manière positive si le bijou a été fabriqué par les artisans de Tyr, de Sidon, de Byblos, ou bien s'il provient de l'Égypte, avec laquelle les trafiquants du littoral cananéen entretenaient des rapports commerciaux si fréquents, à partir de l'époque de la <sup>xviii</sup><sup>ème</sup> dynastie ; c'est à dire, quinze à seize siècles avant l'ère chrétienne.

Si l'on étudie les objets de parure Égyptiens, bracelets, colliers, on retrouve partout reproduits les chevrons, les losanges, les dents de scie, qui forment l'ornementation de votre cercle d'or, ainsi que les ciselures quadrillées que vous signalez dans votre explication. Ces mêmes motifs géométriques, on les rencontre prodigués à l'infini, dans les peintures murales, et tout particulièrement dans celles du tombeau de Phtah-thotep, reproduites dans le troisième volume de *l'Histoire de l'art dans l'antiquité*, par M. Perrat Chipiel.

De ces similitudes dans l'ornementation, on se rait, ce semble, autorisé à conclure que votre cercle d'or ciselé provient des fabriques Égyptiennes. Il en serait ainsi assurément, si d'autre part on ne savait que les Phéniciens ont été de tout temps de très habiles plagiaires, et que les artisans de ce pays ont fréquemment mis à contribution les thèmes décoratifs qui leurs étaient fournis par l'Égypte et par la Chaldée : de telle façon que les auteurs cités plus haut ont pu dire avec juste raison ce que l'art Phénicienne est une contrefaçon de l'art Égyptienne.

Cet état de choses étant connu, je serais, quant à moi, et malgré la réserve formulée tout à l'heure, je serais très porté à croire que le bijou de Penella a été non seulement importé en Ibérie par les Phéniciens, mais encore qu'il a été fabriqué par eux. Je dirai plus ; la forme insolite de ce bijou, son système tout particulier de fermeture, me donneraient à supposer qu'il a été façonné en vue d'une destination spéciale et déterminée : ce qu'on appelle fait sur commande et sur mesure.

Voici, monsieur et ami, ma réponse à la première question que vous m'avez posée, et dont j'ai entrepris témérairement peut-être de chercher la solution.

J'aborde maintenant le second point de ce problème archéologique : quelle était la destination de votre cercle d'or ?

Avec votre clairvoyance et votre sagacité habituelles, vous avez reconnu de prime abord et démontré que, supposé que ce bijou dût être considéré comme un collier, il n'avait pu être destiné à l'usage d'une personne vivante, ou, pour mieux dire, à un être de chair et d'os. Pour cela, vous vous appuyez sur une double considération :

Premièrement sur le peu de largeur de l'ouverture ménagée dans la paroi du cercle et qui ne permettait pas d'y introduire le cou, et en second lieu sur le poids considérable de ce joyau dont les arêtes vives eussent blessé et déchiré la peau de celui ou de celle qui s'en seraient parés. A ces observations si justes et si concluantes, j'ajouterai une remarque qui me vient à l'instant à l'esprit : c'est que le système de fermeture de ce bijou implique nécessairement une immobilité complète de la part de celui qui le portait : la marche, le mouvement, pouvant, en raison surtout de la pesanteur de la partie antérieure, faire sortir le petit tenon de l'entaille où il était engagé, et amener ainsi la chute et la perte peut-être de ce précieux joyau. C'est donc avec toute raison, monsieur et ami, que vous avez constaté que cet objet de parure ne pouvait convenir qu'à la statue d'une divinité ; statue dont les proportions auraient été en rapport avec la largeur de l'ouverture : c'est à dire, ce me semble, d'un tiers à-peu-près moindre que nature.

Votre judicieuse appréciation est complètement fondée, monsieur et ami, et elle me paraît hors de conteste, si l'on considère votre cercle d'or comme un collier.

Dans le cas où l'on voudrait y voir un bracelet, je proposerais l'explication suivante, basée également sur la dimension de ce cercle et sur le mode de fermeture que nous y voyons appliqué. Cette explication reposerait non plus sur les enseignements de l'archéologie ; mais sur ceux que nous fournissent les annales de votre pays.

Dans la dernière lettre que j'ai eu l'honneur de vous écrire au sujet de votre hache de bronze, nous avons vu les phéniciens envahir l'Ibérie et en occuper la région méridionale au XII<sup>me</sup> siècle avant notre ère. En même temps qu'ils importaient dans la péninsule leurs arts, leur civilisation, leur industrie métallurgique et leur alphabet peut-être, ces hardis navigateurs ne manquèrent pas, comme ils le faisaient toujours en semblable occurrence, d'y introduire le culte de leurs divinités nationales, et en particulier de leur grand Dieu Melk-arth. En reconnaissance de la protection que celui-ci leur avait prêtée, dans la conquête de l'Ibérie, ils lui érigèrent, nous dit Strabon, un temple dans la partie orientale de l'île où était située la ville de Gadeira.

Ce temple construit, comment les fils opulents de la reine des mers n'auraient-ils pas songé à offrir les parures les plus riches, les présents les plus somptueux au dieu puissant et secourable qui avait pour eux affronté de si grands périls, en luttant contre Kressaor, fils de Gerzon, et en lui enlevant ses bœufs mythiques? Les Phéniciens avaient vu les divinités Égyptiennes parées de magnifiques bracelets. Imitant ce qu'ils avaient vu sur les rives du Nil, les conquérants de l'Ibérie n'auraient-ils pas, à un jour donné, fait fabriquer pour leur grand Melk-arth le cercle d'or dont nous cherchons aujourd'hui l'origine, et qui serait un des bracelets que portaient au dessus du coude les princes et les dieux d'Égypte?

La largeur inaccoutumée de ce bracelet, ses proportions massives, s'expliqueraient alors par les formes robustes et musculeuses de l'Hercule Syrien. Cette attribution que je présente ici sous toutes réserves, nous donnerait en même temps l'explication de l'ouverture insolite ménagée dans la partie postérieure du cercle de Penella.

Les mains du dieu étant munies de ses attributs symboliques, comme le furent celles de ses congénères Grecs et Romains, il devenait impossible, vu l'épaisseur et la rigidité du métal, il devenait impossible d'introduire le bracelet dans le bras, en le faisant passer par le poignet, comme on le pratiquait d'ordinaire. Pour parer à cette difficulté, l'ingénieux joaillier à qui avait été confiée la fabrication de ce joyau, avait alors imaginé ce système d'ouverture qui, laissant un passage au bras, dans la partie méplate qui surmonte la paume de la main, permettait de faire remonter ensuite le bracelet à la place qu'il devait occuper.

Je vous transmets cette explication, monsieur et ami, parce qu'elle m'a paru offrir quelque vraisemblance, et mériter d'être prise en certaine considération. Ce n'est pas une solution incontestable, je le reconnais en toute sincérité.

Obligé de m'aventurer dans le domaine péril-

leux des hypothèses, j'ai cru pouvoir vous présenter celle-ci, pour vous prouver combien j'ai à cœur de répondre au bienveillant appel que vous m'avez fait l'honneur de m'adresser.

En ce qui concerne l'opinion que je viens d'émettre d'une manière dubitative et qui consisterait à voir un bracelet dans le cercle d'or de Penella, j'en trouverais une sorte de confirmation dans un bijou provenant d'un pays avec lequel les Phéniciens ont eu de nombreuses relations commerciales.

On voit au musée du Louvre à Paris, et on trouve reproduit dans le 2<sup>me</sup> volume de *l'Histoire de l'art dans l'antiquité*, un bracelet de bronze massif qui offre avec votre cercle d'or une frappante analogie. Le cylindre métallique dont est formé ce bijou est fort épais et partout d'une égale grosseur. L'extrémité de l'orbe, terminée de chaque côté par une tête de dragon, laisse entre les deux têtes affrontées une ouverture semblable à celle de votre cercle; à cette différence près qu'elle est dépourvue de la fermeture qui donne à ce dernier un caractère tout particulier, et unique je le crois jusqu'ici. Une autre différence à noter encore, c'est que la surface de ce bracelet est complètement lisse et sans ornement aucun. Ce bijou, j'ai oublié de vous le dire, a été découvert en Mésopotamie et décrit par Mr. de Longperrier dans sa notice sur les antiquités assyriennes.

Malgré les dissemblances que je viens de signaler, on ne saurait méconnaître entre le joyau assyrien et celui de l'Ibérie une physionomie de famille incontestable, et qui donnerait à supposer que le type de ce dernier a été par les Phéniciens emprunté à l'Assyrie, et son système de décoration à l'Égypte.

Quant à l'âge présumé de votre cercle d'or, bracelet ou collier, son ornementation archaïque semblerait annoncer qu'il date d'une époque peu éloignée de l'occupation de l'Ibérie par les colonies, provenues dans le littoral cananéen; s'il était destiné, comme je le suppose, à une divinité masculine, cette divinité ne pouvait être que Melk arth. S'il appartient à la statue d'une déesse, on pourrait sans trop d'in vraisemblance l'attribuer à Astarté, la Venus Phénicienne.

En rappelant la construction du temple d'Hercule de Gadeira, je n'ai pas prétendu en conclure d'une manière formelle que le bijou du roi Don Ferdinand provienne de ce temple, bien que je suis porté à le penser. Il se pourrait très bien qu'il eût été enlevé à un autre sacraire Phénicien, dont l'histoire n'a pas conservé le souvenir, et caché dans le lieu où il a été découvert dernièrement.

Comme vous me le dites avec juste raison, monsieur et ami, c'est un véritable honneur pour le Portugal d'avoir fourni aux études archéologiques un objet d'art aussi rare et aussi plein d'intérêt.

Celui est aussi un grand honneur d'avoir trouvé dans un Prince de la Maison Royale un si louable dévouement à la science, et le généreux désintéressement qui lui a fait acquérir ce trésor archéologique, pour le conserver dans le royaume où il a été découvert.

Je ne veux pas quitter la plume sans vous féliciter tout spécialement, d'avoir par vos démarches et par votre influence personnelle auprès du roi Don Ferdinand, obtenu l'heureux résultat que je viens de constater. Recevez en, monsieur et cher collègue, mes bien sincères compliments, en même temps que l'assurance de mon bien affectueux dévouement.

G. DE COUGNY.

EVORA-ROMANA

AS LAPIDES ROMANAS — O MUSEU-CENACULO

1

D. S. TVRVBRICI  
L. V. . ONIVS  
V. S.

2

I. O. M.  
IN MEMORIAM  
L. ATILI MAXIMI  
SEVERIANI. FIL.  
PIENTISSIMI  
L. ATIL. ATILIANVS  
ET. ARTVLLIA  
C. F. SEVERA. EX  
.... SENTI. LIB.  
... POSVERVNT.

3

IOVI. O. M.  
FLAVIA L. F. RVFINA  
EMERITENSIS. FLA  
MINICA. PROVINC.  
LVSITANIAE. ITEM. COL  
EMERITENSIS. PERPET.  
ET. MVNICIPI. SALACIEN  
D. D.

4

D. M. S.  
L. I. POLIBIVS  
ANN. LXXII  
H. S. E. S. T. T. L.

5

D. M. S.  
MERCATOR  
ANN. XXXII  
VXOR. MARITO  
MERENTI POSVIT  
H. S. E. S. T. T. L.

6

LVRIAE. T. F. BOVTIAE  
C. IVLIVS. I. F. GAL. SEVERVS  
VXORI. SIBI. SVISQUE. F. C.

7

MANILIA. C.  
ETVSCA. H. S. E.  
TERENTIA. M. F. TERTVLIA  
MATER. F. C.

8

D. M. S.  
L. F. ELICON  
AN. LXXXV  
H. S. E. S. T. T. L.  
PO. PIALEI  
MARITO. P. F. C.

9

D. M.  
MARTIALI  
SECVNDINA  
SOROR. F. C.

10

D. M.  
CAECILIO. P. F.  
HERMETIANO  
V. A. II. M. XI. D. XVII  
P. CAECILIVS  
SILICIANVS. FRATER. ATIVS V. A. VII. M. IIII. D. VI

HERMES  
PATER. FECIT.

11

Q. POMPEIVS  
.... VARI. LIB.  
... VSTVS .....

12

D. M.  
MVMIVS. CR  
SIMVS. AN  
XVI  
MVMIA  
FVNDANA  
LIBERTO. M..  
RENTI. PO ...  
H. S. E. S. T. T. L.

13

D. M. S.  
SILVANVS. ATH.  
PRISCILLAE  
VIXIT ANN XXXX  
ATILIVS CHRESINVS  
BENEMERENT. NACI  
A III S L. S II I II

14

T. CALLEVS  
 MARCIANVS  
 AN. XX. H. S. E. S. T. T. L.  
 CAS. MARCELLA  
 SOBRINA. F. C.  
 ITEM. AMICI  
 VEMESIACI  
 EXLAPIDESNH  
 (na base) EMESIACI

15

D. M. S.  
 L. FABIVS. VA  
 LERIANVS  
 ANN. LVIII  
 IVL. ALEXANDRI  
 NA. MARIT. PIEN  
 TISSIMO. FECIT.  
 H. S. EST. S. T. T. L.

16

DIS. MANIB.  
 L. COMINI.  
 EXPECTATI  
 IVSTVS  
 ET AVGVSTANVS CVM  
 COMINIA  
 MATRE  
 PATRI. OPTIMO

17

L . . . . .  
 EBOR. PL . . . . .  
 SEPVLT. . . . .  
 T. CALL. . . . .

18

D. M. S.  
 M. L. FILIA. CV  
 PITA. ANN XXXXIII  
 Q. L. N. MARITE. ET  
 ANTONIA. FVNDANA  
 ET MVMIA RVFINA  
 FILIAS. MATRI. PI  
 ISSIME. POSVE  
 RVNT  
 H. S. E. S. T. L.

19

L. C. GALLO. ANN. L.  
 H. S. E. S. T. C. VI  
 TALIS. SOR. ET  
 M. FVL. CAECI  
 MANVS SOBRI  
 nvs. C.

20

IVLIA. L. F. MAELA  
 AN. LV. H. S. EST. S. T.  
 T. L.

21

IVLIA. RVFI. F.  
 MVNILLA. H. S.  
 IVLIA. GALLA  
 H. S.

22

D.	M.	S.
Q. IVL. MAXIMO. C. V		Q. IVL. CLARO. I. III. VIRO
QVESTORI. PROV. SICI		VIARVM. CVRANDARVM
LIAE. TRIB. PLEB. LEG		ANN. XXI
PROV. NARBONENS. . .		Q. IVL. NEPOTIANO. C. I.
GALLIAE. (prae)T. DES		III. VIRO. VIARVM. CVRAN
ANN. XLVIII		DARVM. ANN. XX
CALPVRNA SABI		CALP. SABINA. FILIIS.
NA. MARITO. OPTIMO		

23

QVIS O PRAET. . . . .  
 SITAM VIATO. . . . .  
 TERMINE LEGERI . . . . .  
 ME AETATIS VICESIM. . . . .  
 DOLEBIS ET SI SENSVS ER. . . . .  
 MEAE QVIETIS O VELASSO . . . . .  
 TIBI DVLCIVS PRECABOR. . . . .  
 VIVAS PLVTRIBVS ET DIV. . . . .  
 NESCAS QVAE MI NO. . . . .  
 I CVRA FRVARE VITA O. . . . .  
 EFLERE IVAT QVI TV IN L. . . . .  
 IIS ANN INACHVJ HAEC MA. . . . .  
 TO FAC I POTIVS PROPERA IM. . . . .  
 SEGIS IPSE LEGERIS I NICEA XXV.

24

MANILIA. M. F.  
 MAXVMA. AN. XII  
 H. S. E. S. T. T. L.  
 C. VIBIVS. TANJI  
 NVS. COGNATAE  
 SVAE F. C.

25

P. STATVS  
 P. II B  
 MERIDIA  
 NVS. H. S. E.

26

D. M. S.  
 L. CAE. SI. VS. CAE. SI A  
 A. LX. CAE. SI. A. VERNACIA  
 LI. BER. TA. F C.  
 H. S. EST. T. L.

27

. . . . .  
 VERNACVL. . . . .  
 L. P.

28

D. M. S.  
 ASINIVS  
 FLORENTIN  
 VS. ANNO. XXXV  
 H. S. E. S. T. T. L.

29

D. M. S.  
 CLARINO A  
 III M S S

30

D. M.  
 CANIDIAE. ALBI  
 NAE. C. M. F. CON  
 SOBRINI. SVI. CATI  
 NIA. M. FILIA. ACI  
 LIANA. C. S. P. F.

As inscripções lapidares prestam-se a grande variedade de interessantes estudos, são por vezes eloquentísimos esses caracteres gravados no mármore; a fôrma das letras pôde dar-nos a data approximada do monumento; temos os nomes próprios e de família, as variantes orthographicas, as designações de officios e dignidades. A descripção individual das lapides existentes em Evora fôrma o — Catalogo do museu-Cenaculo — que temos prompto, e que em breve será publicado; agora vamos simplesmente fazer um estudo geral sobre estas inscripções.

Relacionemos primeiramente os nomes dos individuos; começaremos pelas damas:

Antonia Fundana.  
 Artulia Severa.  
 Caesia Vernacia.  
 Calpurnia Sabina.  
 Canidia Albina.  
 Cassia Marcella.  
 Catinia.  
 Cominia.  
 M. Cupita.  
 Flavia Rufina.  
 Julia Alexandrina.  
 Julia Galla.  
 Julia Macla.  
 Julia Munilla.  
 Lucia Boutia.  
 Manilia Etusca.  
 Manilia Maxuma.  
 Mumia Fundana.  
 Nicea.  
 Priscilla.  
 Secundina.  
 Terentia Tertulia.  
 Vernacula (?)  
 C. Vitalis.

Vejamos os nomes masculinos:

Asinius Florentinus.  
 L. Atilius Atilianus.

Atilius Chresinus.  
 L. Atilius Maximus Severianus.  
 Augustanus.  
 M. Ful. Caecilianus.  
 Caecilius Hermetianus.  
 Caecilius Silicianus.  
 L. Caesius.  
 T. Calleus Marcianus.  
 Q. Julius Clarus.  
 L. Cominius Expectatus.  
 L. F. Elicon.  
 Fabius Valerianus.  
 L. C. Gallus.  
 Hermes.  
 J. Gallus Severus.  
 Justus.  
 Martialis.  
 Meridianus.  
 Mumius Chresimus.  
 Q. J. Maximus.  
 Q. J. Nepotianus.  
 L. V. Nonius.  
 B. Pialeus.  
 L. I. Polibius.  
 Q. Pompeius.  
 Silvanus.  
 Vernaculus (?)  
 Q. Vibius Tancinus.  
 E os amigos Vemesiaci.

A maioria das lapides eborenses são memorias sepulchraes, 3 são volivas; uma d'estas tem o nome de uma divindade local — D. S. Turubrici —; duas são consagradas a Jupiter. Nas tumulares vemos dedicações entre esposos, entre paes e filhos, irmã ao irmão, sobrinha ao tio, mãe ao marido e filhos, marido e filhas á esposa e mãe, senhora ao seu joven liberto, uma senhora consagra uma lapide a seu tio, ajudada por certos amigos do fallecido; uma liberta ao seu antigo senhor.

Abreviaturas e formulas de piedade são todas conhecidas. Algumas inscripções marcem as edades: Polibio tinha 72, Elicon 85 annos; quando se trata de creanças declaram-se annos, mezes e dias com uma minucia que revela grande ternura; o menino Cecilio Hermeciano tinha 2 annos, 11 mezes e 17 dias.

Algumas referem-se a dois mortos, uma a tres. Mencionam pessoas de todas as posições.

Flavia Rufina era flaminia da Lusitania, do collejo de Merida, e do municipio salaciense.

Os — Vemesiacos — eram *Lapideciuios*.

Q. J. Maximo é o individuo de mais alta posição aqui nomeado; questor da Sicilia, legado da provincia de Narbona, pretor designado na Gallia; os filhos, dois moços fallecidos aos 20 e 21 annos,

eram *curatores viarum*, inspectores das estradas, talvez da estrada de Salacia a Eborá, porque a lapide foi encontrada no sitio da Tourega, onde ha muitos vestigios romanos, sitio por onde passava esta estrada.

Alguns nomes não são vulgares; Luria Boutia, Manilia Etusca, Elicon, Pialeus, Calleus, Cominia, Artulia, Tancinus, Asinius.

Luria e Bontia ou Boudia apparecem em 3 lapides de Hespanha e sul da França, e em uma de Condeixa.

O nome — Maela — parece peculiar na peninsula hispanica, designando localidades e pessoas; recorde-se o celebre geographo Pomponio Mella, que era natural de Mellaria, na Betica. Mello é nome de um povoado no concelho de Gouvêa.

Temos Germello, Palmella, Mellides, etc.

Na inscripção de Armez figura L. J. Maelo, e n'uma de Condeixa — Maela Bobleni.

Do nome — Turubrici . . . — de uma divindade local, ha fórmãs approximadas como Turobriga (inscripções de Merida e Medellin); lembre-se tambem o nome já mencionado — Tourega, de uma localidade visinha de Evora.

Classificando as lapides eborenses pelas localidades, temos 13 de Evora, 8 de Beja e seu termo, 2 do Redondo (herdade da Capella), 1 da Tourega, 1 de Montemór-o-Novo (S. Matheus), 1 de Arraiolos, 1 de Messines, e 1 do Torrão; as duas ultimas são aras ou memorias volivas consagradas a Jupiter.

De duas é incerta a proveniencia.

Nó termo de Beja ha dois sitios que têm produzido lapides tumulares e outras antigualhas importantes, são as herdades do Paço do Conde e da Represa. Em Montemór-o-Novo conserva-se ainda a formosissima lapide de Calchisia. As lapides 28 e 30, achadas em Evora, no começo do seculo presente, foram levadas para o pateo de Valverde, passal dos Arcebispos, onde ainda estão; a de Asinius (28), talvez por mais exposta á chuva, está illegivel.

Além das inscripções mencionadas temos ainda algumas consideradas falsas, e que por isto não podem servir para base de estudo; na parte d'este trabalho referente ao templo romano indicámos a causa da falsificação.

O museu-Cenaculo foi assim denominado em homenagem ao grande arcebispo de Evora, D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas, eminente erudito e archeologo.

Vamos historiar a formação d'este muzeu:

Em Evora, no seculo xvi, André de Resende, o grande antiquario e humanista, reuniu algumas lapides e fragmentos de esculptura, e com essas venerandas reliquias ornou e nobilitou o quintal de sua casa, na rua hoje chamada — do mestre André de Resende.

Estas pedras foram em 1868 cedidas pelo proprietario da casa. Posteriormente a Resende mais algumas pedras se salvaram, avultando porém as encontradas no desentulhamento e arranjo dos arredores do templo romano, e no concerto do largo da Misericordia, para o qual foi preciso cortar uma porção da muralha romana.

As lapides 19 e 20, achadas em 1881 na herdade da Capella, termo da villa do Redondo, vieram, a pedido meu, para a collecção epigraphica.

Estas pedras juntas com as lapides e fragmentos de esculptura que em 1868, por diligencia do sr. A. F. Simões, então bibliothecario em Evora, vieram de Beja, formam agora o museu-Cenaculo, a collecção de epigraphia romana mais opulenta do paiz.

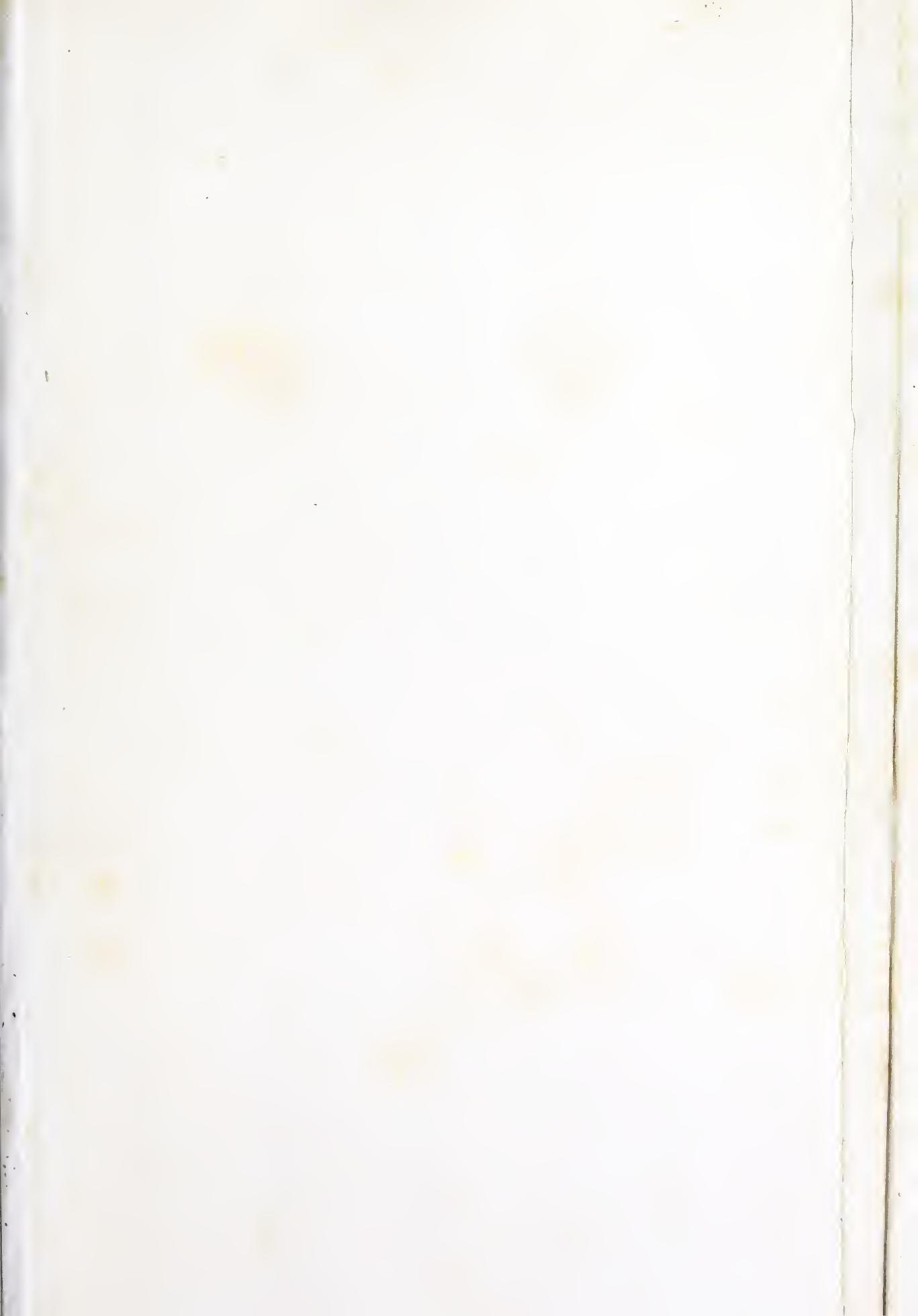
D. fr. Manuel do Cenaculo, entrando na sua diocese de Beja em 1777, tratou com o maior disvelo de salvar e reunir lapides e esculpturas antigas de que ninguem ali fazia caso; reuniu mais de cem objectos, e a essa collecção chamou — Museu Sisenando-Cenaculo Pacense.

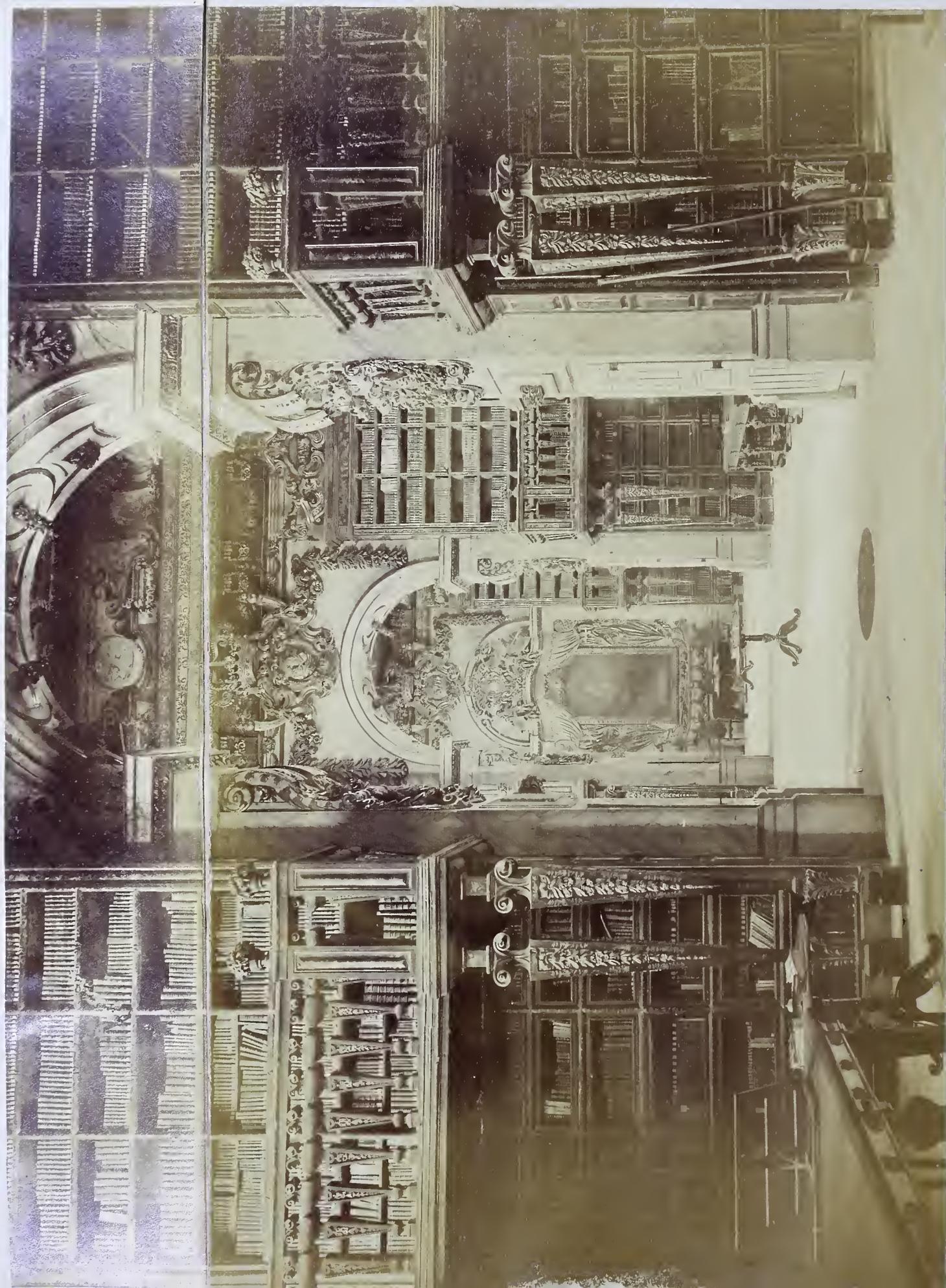
Em 1802 o insigne erudito, transferido do bispado de Beja para a archidiocese eborense, tencionava trazer tambem todas as suas queridas collecções; as pedras todavia, pelo seu pezo e volume, o transporte sendo então mui difficil, ficaram em Beja. Não posso deixar de fazer aqui umas penosas considerações.

As pedras estiveram depositadas na igreja de S. Sesinando, de Beja; ha uns vinte annos resolveram aproveitar o edificio, o templo estava de ha muito profanado, para uma escola; mudaram as pedras para o collegio dos jesuitas: n'essa transferencia, e pelo descuido e desamor antes e depois d'ella, perderam-se muitas pedras; dos cento e tantos objectos do museu-Sisenando restavam 13 apenas, em 1868. Dizendo melhor, restavam reunidas 13, porque ainda em 1878 vi em Beja alguns monumentos; uma lapide com inscripção latina servia de degrau na entrada da estação telegraphica; ante a porta da estação, formando cunhal n'um pequeno muro, vi uma pedra faciada e de singular lavor, que me não pareceu de arte romana; outra lapide conserva-se na base de uma torre, etc.

A maior perda foi, porém, a das lapides com letreiros de caracteres desconhecidos, dos chamados celtibericos, achadas em Almodovar e Ourique.

Felizmente, da grande maioria dos objectos do museu-Sisenando restam-nos desenhos cuidadosos e dignos de fé n'um *album* que se conserva na Bibliotheca publica de Evora com a marca  $\frac{129}{1-14}$ . Além d'estes desenhos possui ainda a Bibliotheca na sua opulenta collecção de manuscriptos a — Vida de S. Sisenando — escripta por Cenaculo, onde se en-





contram muitas referencias ás antiguidades do districto de Beja.

O socio

GABRIEL PEREIRA.

A sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra

(ESTAMPA N.º 49)

Requer-se para uma casa de livraria que tenha espaço amplo, grande pé direito, bastante claridade, não seja humida, de temperatura mais fria que quente; portanto todas as que possuirem estas condições serão adequadas para a sua destinação; sendo por este modo, que se teem construído nos principaes paizes da Europa: mas tambem foram construidas outras com magnificencia, gosto e commodidade para os leitores, não sendo pois contrário para o uso a que são destinadas essas decorações vistosas, pinturas brilhantes, mobilia escolhida e de valor.

Portugal possui duas grandiosas bibliothecas, que pelas suas extraordinarias dimensões, riqueza dos materiaes em que foram igualmente attendidas as condições necessarias que ficam apontadas merecem considerar-se como as melhores do feino, e mesmo comparadas a algumas de outras nações civilizadas, taes são a do palacio real de Mafra e a do extinto convento de Alcobaça; porém, ainda que apresente a de Mafra, obras de boa talha, bellos estuques, ornamentação em relevo, marmores escolhidos de diversas côres, xadrez bem matizado de marmore, sem fallarmos da valia e do avultado numero de seus livros, merecendo admiração dos nacionaes e dos estranhos; assim como a de Alcobaça, ainda que, erma de suas estantes e das suas preciosas obras, tambem foi construida com bons estuques polidos e pinturas a fresco, ornatos em relevo, escadas de marmore, chão com compartimentos de marmores de côres; todavia não se podem comparar á elegante, rica e primorosa decoraçào das tres salas que formam a livraria da Universidade de Coimbra, attrahindo a vista das pessoas para admirar e recrearem-se na contemplação de tão agradável conjuncto, causando-lhes uma bem merecida fama.

É sem duvida a melhor casa de bibliotheca que possui Portugal, como se poderá julgar examinando a photographia que sae com o presente numero do Boletim, a qual mostra pela sua perspectiva a agradável distribuição d'este recinto que tão habilmente delineou o insigne architecto que dirigiu tão estupefahante obra.

O seu feliz pensamento de dividir em tres corpos a área do espaço para este edificio, foi na verdade uma inspiração de artista consummado em realisar um soberbo effeito sabiamente calculado;

porque, se tivesse destinado todo o espaço para uma unica sala, como geralmente se costuma adoptar, mesmo applicando-lhe o melhor gosto e riqueza na sua decoraçào, ter-lhe-hia diminuído á vista a sua grandeza real, não produziria no espectador novidade nem superior satisfação contemplando o aspecto d'essa livraria, na qual não poderia repousar a sua vista nos momentos em que o seu espirito precisasse de um momento de descanso nos intervallos de suas aturadas investigações ou em leituras instructivas, como experimenta e gosa agradavelmente quem frequenta a bellissima bibliotheca da Universidade.

A distribuição na fórma das tres salas quadradas que se communicam por duas esbeltas arcadas, cujas archivoltas descansam sobre impostas com frisos, sustentados por misulas ornamentadas, evitou a monotonia de apresentar uma extensa parede em roda da casa da livraria, tendo conseguido o architecto, com esta subdivisão do espaço, dar a apparencia de maior pé direito a essas salas ornadas de elegantes e custosas estantes nas quatro faces de cada uma d'ellas, e por este modo alcançou um agradável effeito optico, gosando-se atravez das aberturas d'essas arcadas a acertada decoraçào architectonica que faz destacar o bellissimo retabulo com esculptura e optima pintura, que no limite da terceira sala apresenta em pé o retrato do regio fundador d'este rico e util repositório intellectual.

Os bem proporcionados corpos que ladeam esses porticos, viçram dar á livraria maior espaço e augmentar-lhe o numero das vistosas estantes para os livros; tambem serviram ao architecto para occultar e collocar, mais proximo para o serviço dos leitores, as escadas de serventia das galerias superiores da bibliotheca, sem ter precisão de roubar nenhum espaço no prolongamento da parede da sala.

As esmeradas pinturas a fresco com tons harmoniosos pelos seus mimosos coloridos com que acompanhara composições architectonicas em perspectiva, ornam os tectos, com variedade artistica, e contribuem sobre-maneira para fazer realçar muito mais tão graciosa decoraçào, o que ainda mais se nota pelo contraste do marehetado polido das madeiras do solho, e do ébano com embutidos de primoroso trabalho das mezas para a leitura. Mas para que se não julgue que somos exagerados na apreciação de tão magestoso e aprimorado edificio nacional, transcreveremos a auctorizada opinião de um muito illustrado estrangeiro, pessoa competentissima em materia de Bellas-Artes, o conde de Racziński, o qual declara na sua obra—LES ARTS EN PORTUGAL—que — *La bibliothéque de l'Université est la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visité.*

J. DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

A nossa associação approvou a proposta para se offerecer a collecção dos Boletins de Architectura e Archeologia ás camaras municipaes que tivessem fundado bibliothecas populares. Foram portanto conforme a relação obtida da Direcção da Instrucção Publica, remettidas ás seguintes municipalidades:

Lisboa, Belem, Elvas, Odemira, Louzã, Funchal, Montemór-o Novo, Montemór-o-Velho, Castello Branco, Santarem, Cantanhede, Condeixa, Extremoz, Villa Viçosa, Aldeia-Galleja, Chamusca, Thomar, Torres Novas, Lamego, Vizcu, Angra, Idanha a Nova, Aveiro.

As municipalidades agradeceram á associação, e mesmo algumas enviaram copias das actas da sessão em que receberam as collecções; assim como mandaram officios agradecendo ao auctor da proposta este donativo.

O numero dos Boletins foi de 468; photographias 336; estampas 246, no valor de 936\$000 réis segundo o preço estabelecido.

O ex.<sup>mo</sup> Ministro dos Negocios do Reino dignou-se responder ao officio em que a associação lhe participava a deliberação que havia tomado, rogando a s. ex.<sup>a</sup> tivesse a bondade de determinar a remessa das collecções para as respectivas comarcas do reino.

Copia do referido officio:

Ministerio do Reino — Direcção Geral de Instrucção Publica — 1.<sup>a</sup> Repartição — Livro 13 n.<sup>o</sup> 313 — III<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Deu entrada n'este ministerio o officio de v. ex.<sup>a</sup>, de 23 de novembro ultimo, e com elle 488 numeros do Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes para serem distribuidos pelas camaras municipaes que fundaram bibliothecas populares constantes da nota que acompanhava o mesmo officio.

Os referidos numeros do Boletim foram já remetidos ás mencionadas camaras, em harmonia com o voto unanime da assembléa de 30 de outubro, que approvou a proposta de v. ex.<sup>a</sup>, como consta do suscitado officio. E ordena o ex.<sup>mo</sup> ministro dos negocios do reino que a v. ex.<sup>a</sup> sejam dados os merecidos louvores pela proposta que apresentou á Real Associação, a que tão dignamente preside e á qual tem prestado serviços tão relevantes; e eguaes louvores á mesma Real Associação pelo voto, em que, accedendo á iniciativa do seu presidente, patenteou o alto interesse em que ella tem o desenvolvimento da instrucção nacional. Deus Guarde a v. ex.<sup>a</sup> Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 1 de fevereiro de 1884 — III<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, presidente e fundador da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. — Antonio Maria de Amorim.

Foi-nos offerecida pelo nosso digno consocio o sr. visconde de Castilho, a sua curiosa obra *Lisboa Antiga*, sendo a dedicatória feita á Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes na pessoa do seu presidente Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Na proximidade da villa de Redondo, herdade do Zambujeiro, que fica a dois kilometros de distancia, foi achada uma tampa concava de barro, tendo de diametro 0,21 centimetros e de fundo 0,8, com uma pega circular do diametro de 0,6. Este objecto é da epocha romana, e servia para tapar as urnas cinerarias, tambem de barro, em que se usavam estas

tampas, que tinham a forma de boião, mas com maior bôjo. Tambem foi achado nas areias da ribeira de Peramanca, proximidades de Evora, um pedaço da parte superior de uma lamina de punhal de sílex; pertence á epocha prehistorica. Estes dois objectos archeologicos foram offerecidos pelo nosso generoso consocio o sr. Cactano Xavier d'Almeida Camara Manoel, que já por mais vezes tem bisarramente contribuido para enriquecer as collecções do nosso museu.

O afamado epigraphista hespanhol o sr. D Rodrigo Amador de los Rios acaba de publicar mais uma excellente obra ácerca dos monumentos epigraphicos do seu paiz, a qual tem o titulo: *Inscripções Arabicas de Hespanha e Portugal*, de muito subido interesse scientifico, em que mais de uma vez revela os recursos de sua profunda intelligencia e saber. Um exemplar in 4.<sup>o</sup> 316 paginas, illustrado com grande copia d'essas inscripções e sua correcta decifração, foi offerecido por este digno consocio á nossa associação.

O Presidente da Republica de França assignou o Decreto da eleição do nosso prezado presidente o sr. Possidonio da Silva para membro do Instituto de França, no dia 8 do mez de Fevereiro, confirmando a eleição que teve lugar em 3 de novembro ultimo.

## NOTICIARIO

Das linhas telegraphicas subterraneas em Paris já estão construidos 4:216 kilometros, faltando ainda 3:080 para completar a communicação em toda a cidade.

Na cidade de Lyon (França) descobriu-se uma inscripção funeraria da era de 553, pertencente a *Sacardos*, arcebispo do reinado de Childebert.

Foram achados proximo de Bédarieux (França) os vestigios bem conservados de um estabelecimento thermal, construido nos primeiros annos da occupação romana. Todos os archeologos da localidade de Lamalon-le-Hant ficaram alvorçados com tão importante descobrimento archeologico.

Já ha caminhos de ferro electricos estabelecidos em Allemanha, Irlanda, Hollanda, Austria, Inglaterra, Italia e aos Estados Unidos.

Mr. Fernando Lesseps recebeu do Schah da Persia a Grã-Cruz da Ordem Imperial de Leão e do Sol.

Uma das companhias dos caminhos de ferro de França vae empregar mulheres para servirem de chefes nas estações!

Na America conseguiram fabricar com palha um producto para supprir a madeira, o qual se apparella de todos os feitios e pode-se polir; além d'isso, com elle se fazem taboas tão largas como for preciso, tendo tambem a particularidade de ser menos combustivel, e offerecer a mesma resistencia da madeira natural.

Transportou-se em Boston um edificio de uma hospedaria sem necessidade de o desmanchar, o qual

era construido de cantaria e tijolo com sete andares e duas fachadas, sendo composto o andar terreo com oito columnas de granito de 3 metros e 65 centimetros de altura. Para este transporte prepararam uma base artificial de pedra e tijolo, e foi primeiro estornçada solidamente toda a construcção do edificio; serviram-se de rôlos sobre rails de ferro, e sendo puchado por 50 cabrestantes o edificio inteiro para a distancia de 4 metros e 35 centimetros. Durou oito horas este trabalho!

Os estudos architectonicos tiveram no final do XIX seculo um prestigio maior que nos seculos anteriores, visto que uma encantadora dama Laura White, natural dos Estados Unidos d'America, matriculou-se, no principio d'este anno, na acreditada escola central d'architectura em Paris, da qual é director o insigne architecto mr. Trelad, socio honorario da nossa Associação, e do Instituto Real dos Architectos Britannicos. Portanto é de esperar que' o bello sexo venha abrilhantar a nobre arte, não só com os

seus attractivos, mas igualmente com obras de architectura; a sua imaginação, fecunda em seductoras combinações, alcançará celebridade tambem pelos seus sublimes dotes de apurado gosto, sentimentos elevados e esmerado empenho de sempre se distinguir em tudo que emprehende com amor e decidida vontade.

O Congresso dos Architectos Civis que se reuniu este mez em Nice esteve muito concorrido. Alli se ventilaram questões de grande alcance para a architectura. Dez mil convites se expediram aos architectos de todas as nações; a nossa associação e o seu presidente adheriram como subscriptores; o sr. Possidonio da Silva apresentou um quesito que foi aceite.

O insigne architecto mr. Carlos Granier presidiu ás sessões e ao banquete, no qual fez um *speech*, que foi muito applaudido, como sempre merece este celebre architecto, quando toma parte nos congressos para o progredimento da nossa nobre arte.

## NECROLOGIA

### AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

Quando do mundo desaparece uma intelligencia não vulgar, todas as pessoas que sabem prezar o saber humano deploram esse triste acontecimento. Nas nações mais cultas, nas quaes os homens mais distinctos nas letras, sciencias e bellas-artes são dizimados da sociedade pela lei fatal da morte, lamenta-se com sentido pesar estas sensiveis perdas; porém, esses paizes pela sua superior civilização facilmente supprem por outro insigne cultor, a vaga que se havia produzido. Mas, quando infelizmente esse nefasto successo acontece em uma nação onde não avullam os sabios, e principalmente fêre a existencia d'um insigne archeologo, muito maior será a consternação. É o que temos a referir com sincero sentimento pelo obito do nosso estimado consocio o sr. dr. Augusto Filippe Simões, cuja existencia teve termo no mez de fevereiro ultimo.

Os seus proficuos estudos, auxiliados por um talento superior, lhe fizeram obter o ser doutorado em duas faculdades e reger a cadeira de medicina na Universidade de Coimbra. Pelas suas publicações em differentes materias se manifestaram os subidos dotes de sua intelligencia, alcançando os encómios dos entendidos; porém entre essas publicações sobresaes uma notavel obra, que produziu extraordinaria admiração, tendo por titulo: — *Reliquias da Architectura Romano Bysantina na cidade de Coimbra*.

A apreciação do estylo d'esta architectura, conforme ella foi introduzida em Portugal, essa analyse feita com tão singular criterio, demonstrando como está assignalada nas quatro antigas egrejas que possui Coimbra, mereceram os maiores elogios dos professores da arte, sendo, portanto, um trabalho de bastante instrucção. Que, nas materias da sua scientifica profissão, o sr. dr. Filippe Simões dêsse á luz obras de incontestavel merecimento, não seria surpresa alguma; porém o que admira é haver tratado com tão grande penetração d'espírito um assumpto tão pouco familiar com os seus estudos, no qual patenteava, mais uma vez, a sua superior intelligencia, revelando quanto o seu talento era profundo, e as suas faculdades intellectuaes dotadas de um vasto sentimento artistico, que lhe suppria os especiaes estudos d'esta materia. Mesmo poucos architectos emprehenderam trabalho d'esta ordem, afim de descreverem com cabal conhecimento as alterações tão repetidas que se notam nos edificios construidos desde o VI seculo, em que a architectura Bysantina floresceu definitivamente em Constantinopla, tendo depois penetrado até á Africa, e do lado opposto ao extremo occidente da Peninsula Iberica; modificando se por tal maneira, que fez pensar por muito tempo, pertenceria a diversos estylos. Não obstante ser esta tarefa difficilima, todavia venceu-a o nosso insigne consocio com magistral comprehensão!

Esta importantissima publicação maravilhou-me sobremaneira, e se já muito antes tinha manifestado a este distincto auctor a minha sympathia e estima, constituiu-me ella um dos seus maiores admiradores: pois julguei do meu dever, não só como portuguez, mas tambem como architecto, e principalmente como fundador da Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, propôr que se conferisse a este insigne consocio uma medalha, a qual foi unanimemente approvada por aclamação, tendo sido o dr. Filippe Simões o primeiro socio laureado pela mão do nosso Augusto Presidente Perpetuo e Protector S. M. El-rei o Senhor D. Fernando.

Por esta occasião manifestou-me o premiado a sua satisfação e ao mesmo tempo disse que a medalha conferida, tendo em relevo — o TEMPLO DE DIANA — lhe recordava os esforços que fizera no tempo da sua residencia em Evora, para que este monumento romano ficasse desobstruido das construcções com que lhe haviam mascarado a magestosa perspectiva. Foi na verdade este cavalheiro quem mais contribuiu com o seu reconhecido zelo para a conservação dos monumentos nacionaes, depois da visita que El-rei o Senhor D. Pedro v, de tão saudosa memoria, fizera áquella cidade, quando este illustrado Principe ordenou que fosse removido o matadouro, que tanto aviltava este antigo edificio, afim de restituir-lhe o seu magestoso aspecto. Temos certamente como outro importante serviço que este illustrado socio prestou ao seu paiz e á architectura, o influir para que o presidente da camara de Evora, em uma circular, consultasse as pessoas de maior competencia para lhe indicarem o modo mais conveniente de se fazer aquella restauração.

No anno de 1875 foi o sr. dr. Filippe Simões encarregado pelo Governo de ir representar, com outro collega, no Congresso de Leyde a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; e sabendo que eu tinha relações com alguns sabios hollandezes, desejou que lhe desse cartas de apresentação junto d'elles, os quaes o obsequiaram o melhor possivel, e principalmente o meu distincto amigo Mr. Hooft Iddekinge, o qual, tendo sido designado pelos sabios neerlandezes para saudar na sessão de inauguração d'aquelle Congresso a presença dos dois facultativos portuguezes, me relatou esse facto na sua carta do mez de março d'aquelle anno, por esta fórma: *«J'ai eu le plaisir de me voir désigné parmi tant d'autres plus âgés et plus hauts en place que moi, à souhaiter officiellement la bienvenue à vos compatriotes, lorsqu'ils sont venus célébrer avec nous cette journée mémorable du 8 Février. En presence de tous nos princes royaux et des délégués de la science de toute l'Europe, j'ai relevé quelques points de l'histoire communs aux deux nations, à votre patrie comme à la mienne. J'avais pensé à le faire tant bien que mal en portugais, mais la crainte de n'être compris par les autres personnes présentes, me fit parler en français. Je terminai en tout cas par quelques mots en portugais en honneur de votre nation, de son souverain et de son illustre Université de Coimbra. C'est une journée, un moment que je n'oublierai jamais.»*

O nosso chorado consocio ficou muito penhorado pelos obsequios que recebera d'este cavalheiro assim como do professor dr. Leemen, ao qual egualmente o havia recommendado.

Uma outra obra publicada em 1878 sobre a archeologia da Peninsula Iberica, e denominada — ANTIGUIDADES PREHISTORICAS — veiu ainda comprovar quanto era fecunda a sua intelligencia, havendo tratado de uma maneira tão desenvolvida um assumpto que apresentava ainda alguns pontos controversos para se definir com a maxima clareza o conhecimento d'esses remotos vestigios dos primitivos constructores dos monumentos megalithicos; posto que outro distincto socio o sr. dr. Antonio Pereira da Costa tivesse já muito antes publicado uma obra de reconhecido interesse archeologico, a primeira que sobre esta materia se deu á luz no nosso paiz; assim como tinha publicado outra em Hespanha o sr. D. Manuel Góngora, ainda que se limitasse a descrever os curiosos vestigios prehistoricos de uma das principaes provincias d'aquella nação, onde existem em maior numero e com fórmas bem assignaladas essas primitivas construcções. Estes elementos serviram para a obra do dr. Filippe Simões ser mais importante, porque pôde comparar a differença que se nota no modo d'essas construcções: portanto foi uma publicação do mais subido interesse scientifico, digna de merecer ao seu douto auctor a consideração com que a acolheram os archeologos estrangeiros.

Sendo tão raras em Portugal obras d'esta especialidade, muito maior valor tinha esta publicação do nosso consocio, para que a sua memoria seja conservada com a veneração que merece o seu saber, pela instrução que elle fornece aos estudiosos, e pelo nobre exemplo de um tão dedicado cultor da sciencia, para o desenvolvimento dos conhecimentos archeologicos em Portugal.

Occupando-nos unicamente das obras que teem relação com o intuito dos trabalhos da nossa Associação, não citamos as outras publicações de merecimento sobre diversos assumptos, nas quaes obtiveram tambem celebridade as do sr. dr. Filippe Simões; porque, seria mais que sufficiente ter sido o nosso chorado consocio o auctor das duas obras citadas de architectura e archeologia para se aquilatar a sua superior intelligencia, e ficar reputado um dos mais illustrados talentos da nossa terra, bem como um dos principaes ornamentos intellectuaes da nossa Associação, pelo que nos devemos ufanar de se ter filiado n'ella desde o começo da sua fundação.

Deploramos a perda de tão prestante consocio. Se o destino nos arrebatou um ente estimado pelo seu nobre character e superiores qualidades, teremos por consolação, que o seu nome será sempre lembrado por nós com o respeito que meréce o seu saber e a sua reputação.

J. P. N. DA SILVA.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Programma para concurso de memorias sobre assumptos de architectura e de archeologia..	Pag.	81
Programma para concurso de um vocabulario de termos de architectura.....	"	82
SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES:		
A respeito das chaminés das cosinhas — pelo sr. D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.....	"	83
SECÇÃO DE ARCHITECTURA:		
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	"	83
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:		
Arte monumental da America — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	"	88
Expl-cação da estampa n.º 49 — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	"	94
Chronica.....	"	95
Noticiario.....	"	96

### PROGRAMMA

PARA

## CONCURSO DE MEMORIAS

SOBRE ASSUMPTOS DE

### ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

A Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeologos Portuguezes abre concurso publico, entre os nacionaes, para estudos especiaes em architectura e archeologia.

Cada memoria versará sobre um dos pontos ou assumptos abaixo apresentados.

*Pontos de architectura.* — 1.º Estudo ácerca das igrejas mais antigas de Portugal; em que se comparem e aprecie a architectura d'ellas, designando quaes foram as formas mais caracteristicas da sua construcção, em que localidade se acham edificadas, e quaes as epochas em que esse estylo architectonico ostentou maior esmero na applicação dos preceitos da arte e na perfeição da construcção.

2.º Estudo sobre a causa que influiu na introdução dos differentes estylos dos monumentos religiosos em Portugal, com a designação das suas respectivas epochas, e a indicação dos edificios em que se notam essas alterações.

3.º Estudo sobre o estylo romão: a sua descripção, com todas as particularidades; até que epocha serviu para as construcções religiosas em o

nosso paiz, indicando a localidade onde se conserva ainda algum exemplar d'esse estylo.

4.º Determinar quaes são os vestigios, que ainda existem no reino, da architectura, ou simplesmente construcção romana e arabe, tanto em edificios civis, como militares, fazendo a descripção d'elles, dando a sua orientação, e podendo juntar, querendo, as respectivas plantas.

*Quesitos de archeologia.* — 1.º Os mais antigos monumentos megalithicos de Portugal terão sido construidos por uma população local, anterior ás mais antigas invasões celticas?

2.º As eminencias artificiaes, que se encontram isoladas nas provincias da Beira, para que fim se acham dispostas d'este modo?

A que povo se poderá attribuir a construcção?

Seriam as tribus que construíram os monumentos megalithicos?

Porque não se encontram semelhantes nas outras provincias, havendo n'estas as outras construcções da idade megalithica?

3.º Quaes são as mais importantes descobertas archeologicas, antigas e modernas, feitas em Portugal?

Em que localidades existem ou se fizeram?

Quaes foram os principaes objectos, que se colheram d'ellas?

4.º Determinar a divisa usada nos escudos do conde D. Henrique de Borgonha e de seu filho, D. Affonso Henriques; e descrever, documentando-a,

a origem e alterações por que tem passado o escudo d'armas do reino de Portugal.

*Entrega das memorias.* — Os manuscriptos serão remettidos aos secretarios da Associação e entregues impreterivelmente até ao dia 30 de junho de 1885, no Museu Archeologico, no largo do Carmo, em Lisboa. O manuscripto deverá ser authenticado com um signal, epigraphie ou pseudonimo, e fechado e lacrado em sobrescripto com a direcção referida. Cada manuscripto será acompanhado de uma carta ou bilhete com o nome e residencia do auctor e fechado e lacrado em sobrescripto separado, tendo exteriormente o mesmo signal, epigraphie ou pseudonimo, que authenticar o manuscripto.

*Jury.* — As memorias serão submettidas ao exame e apreciação de um jury especial para cada um dos ramos, architectonico e archeologico, composto de sete membros, eleitos em assembléa geral entre os socios da associação.

*Julgamento.* — O jury terá trinta dias para apresentar o seu relatorio á associação, em sessão de assembléa geral, afim d'esta o discutir e resolver o que julgar conveniente.

Depois do julgamento, se forem approvadas algumas memorias, serão informados os seus auctores da resolução da assembléa geral, e do premio a que tiverem jus, e tudo isto será publicado nos jornaes de Lisboa e Porto.

Haverá nma sessão solemne da associação para a entrega das recompensas aos laureados.

*Premios.* — Haverá premios constando de medallas de prata e de cobre, e de diplomas de merito.

No caso de serem impressas as memorias, os seus auctores terão direito á decima parte da tiragem dos exemplares.

Sala da Real Associação em 31 de abril de 1884.

Presidente

JOAQUIM POSSIDONIO NARCIZO DA SILVA.

Secretarios

VISCONDE DE ALEMQUER.

VALENTIM JOSÉ CORREIA.

PROGRAMMA

PARA

CONCURSO DE UM VOCABULARIO

DE

TERMOS DE ARCHITECTURA

A Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes abre concurso publico, entre os nacionaes, para a feitura de um vocabulario dos termos de architectura, ao alcance de todas as intelligencias, e em conformidade com as seguintes condições :

1.<sup>o</sup> Os concorrentes deverão entregar o vocabulario completo no Muscu Archeologico do Carmo, em Lisboa, até 30 de junho de 1886, aos Secretarios da Associação.

O manuscripto authenticado com algum signal, epigraphie ou pseudonimo, será entregue fechado e lacrado, cobrando recibo o portador se o exigir. O manuscripto deverá ser acompanhado de uma carta ou bilhete, fechado em sobrescripto separado, e devidamente lacrado, tendo na parte exterior o mesmo signal, epigraphie ou pseudonimo do manuscripto, e no interior, na carta ou bilhete, o nome e residencia do auctor, para ser avisado no caso de obter premio.

2.<sup>o</sup> Os projectos de vocabulario, que se apresentarem, serão submettidos ao exame e apreciação de um jury nomeado expressamente para esse fim pela Assembléa Geral da Associação.

O jury terá o prazo de trinta dias para proceder a esse trabalho, e fazer o seu relatorio.

3.<sup>o</sup> Assim que o jury tiver concluido os seus trabalhos, será convocada a Assembléa Geral, a fim de ouvir a leitura do parecer do jury e discutir o assumpto até tomar a resolução que julgar mais acertada. Se algum ou alguns d'aquelles projectos merecerem a sua approvação, procederá immediatamente á abertura das cartas dos concorrentes, respectivas aos manuscriptos approvados.

4.<sup>o</sup> No caso do concurso dar o resultado, que se deseja, a Assembléa Geral designará o dia em que se ha de celebrar a sessão solemne para conferir o premio ou premios aos auctores dos vocabularios, que tiverem merecido essa distincção, e mandará publicar nos jornaes mais lidos os titulos ou divisas com que foram apresentados os vocabularios, os nomes dos seus auctores e a designação dos premios conferidos a cada um.

5.<sup>o</sup> O vocabulario, que fôr approvedo pela Assembléa Geral, será premiado com medalha de prata; o immediato em merecimento com medalha de cobre; e o classificado em terceiro logar com diploma de merito.

6.<sup>o</sup> Os restantes projectos não serão classificados, nem sobre elles dará o jury parecer, devendo ser entregues aos seus auctores, logo que os reclamarem.

7.<sup>o</sup> Quando sejam impressos os vocabularios premiados, os seus auctores terão direito á decima parte da tiragem dos exemplares.

Sala da Real Associação em 31 de abril de 1884.

Presidente

JOAQUIM POSSIDONIO NARCIZO DA SILVA.

Secretarios

VISCONDE DE ALEMQUER.

VALENTIM JOSÉ CORREIA.



Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Estampa 51.

Fig. 1.<sup>a</sup>



Fig. 3.<sup>a</sup>



Fig. 2.<sup>a</sup>

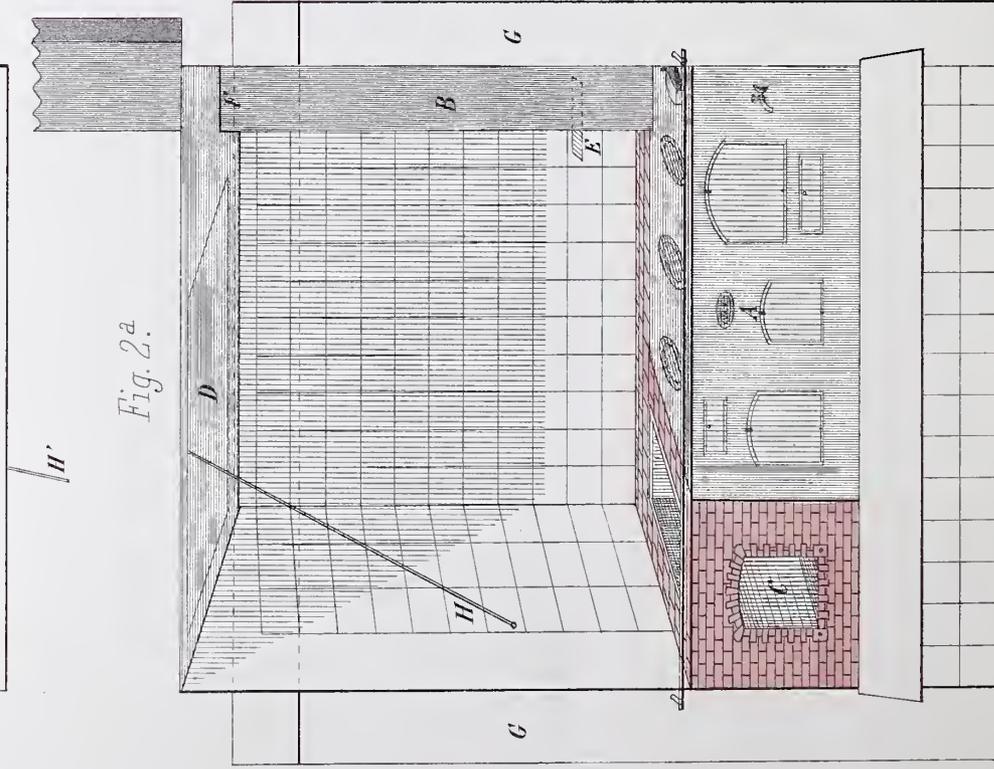
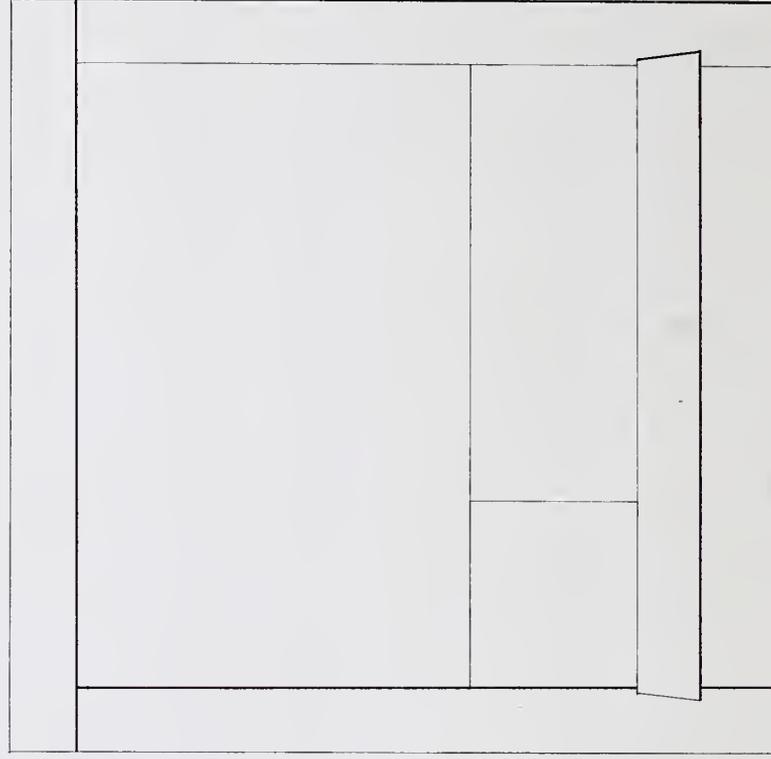


Fig. 4.<sup>a</sup>



OB S E R V A Ç Õ E S

*A. Fogão de ferro. B. Chaminé. C. Formalha de tijolo. DD' Alçapão. G. Humbreiras. FF' Abertura por onde sae a chaminé. H. Haste que levanta a parte DD'*

Esca la  $\frac{5}{100}$

## SECÇÃO DE CONSTRUÇÕES

### A RESPEITO DAS CHAMINÉS DAS COSINHAS

Com a publicação da estampa n.º 50, que se encontra n'este numero do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, não tenho em vista embrenhar-me na complicada questão da construção das chaminés das cosinhas, em Portugal, e em outros paizes, desde as eras mais remotas até á epocha presente, tendo em attenção a natureza dos materiaes de construção, de que se pode dispôr n'um dado local, assim como a natureza do combustivel, que se encontra no mercado. Tambem julgo desnecessario dar uma noticia, embora resumida, dos trabalhos de Rumford, Lhomond, Bronzac, Dalesme, Millet, Pécelet, etc., sobre o assumpto, porque o meu fim é mais modesto, as minhas aspirações são muito mais limitadas, como passo a indicar.

Dada uma chaminé da cozinha, como geralmente são construidas em Lisboa; farto o dono da casa ou a dona da casa, de ouvir as queixas, sem fim da cozinheira ou do cozinheiro, queixas que se repetem, ou que sobem de ponto, sempre que chove ou faz vento, o que será possivel fazer para que as queixas e os alaridos cessem, e para que o dono, ou dona da casa, possa assim tambem ter algum descanso mais?

A resposta encontra-se na estampa, a que são dedicadas estas linhas, estampa que vae acompa-

nhada das explicações convenientes, para melhor se comprehender o que querem indicar os respectivos alçados e plantas.

Na mesma estampa se pode ver o modo por que funciona a parte movel ou alçapão.

Convém notar que o trabalho dos limpa-chaminés se faz nas chaminés, a que se refere a estampa, como se costuma fazer em todas as chaminés, que não estão resguardadas como a da estampa.

Por esta fórma não ha risco de que a comida se inutilise com terra (seja permittida a expressão), em consequencia do mau estado do reboco, do emboço ou encasque interno das chaminés, ou por effeito do vento ou da chuva, e, por outro lado, sempre que appareça fogo na chaminé será facil apagal o fechando o alçapão, e recorrendo á lingueta. O fogo apaga-se n'essas condições por falta de ar.

Uma armadura, com alçapão movel, que sirva para uma chaminé das dimensões marcadas na estampa, e de chapa de ferro n.º 16, custa posta no logar 4\$600 (quatro mil e seiscentos) réis.

A que serviu de modelo para a estampa, foi fabricada por Josué Augusto Moreira, com officina de serralheria, na rua de Santo Antão, em Lisboa, n.º 123.

Lisboa, 3 de junho de 1884.

JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUZA.

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuação)

As bellas-artes, durante este periodo, conservaram a superioridade que tinham adquirido no imperio do oriente, enquanto estavam na decadencia a mais completa no occidente. Porém, a começar do XI seculo, principiaram tambem a perder do seu brilho. O imperio do oriente já ameaçava ruina, quando os francezes invadiram Constantinopla em 1304, fazendo n'esta rica cidade uma geral destruição e saque! Foi então que desapareceu o maior numero das obras preciosas antigas adquiridas por Constantino. No meio das invasões dos povos do occidente e das nações asiaticas, a architectura,

como as outras artes, não obstante ter conservado as tradições do passado, não logrou todavia a protecção necessaria para fazer novos progressos. Este estado foi piorando até o anno de 1453, epocha em que o exercito victorioso de Mohammed II estabeleceu em Constantinopla a séde do imperio ottomano.

A renovação da architectura na Grecia linha principiado a apparecer, quando Constantino se estabelecêra em Byzancio. Até então não se tinham construido edificios senão *quadrangulares*, mas depois apparecem edificações religiosas de formas circulares e *polygonaes*. A mulher d'este principe, a imperatriz Santa Helena dedicou á santa do seu nome uma igreja em cima do logar onde Jesus Christo fôra sepultado (Jerusalem). No occidente, os edificios religiosos consagrados em memoria do Santo Sepulchro, adoptaram a imi-

tação da rotunda edificada por Santa Helena : como temos um exemplo na cidade do Porto na igreja da Serra do Pilar. Estas rotundas eram decoradas no mesmo gosto das basilicas.

Os edificios construidos com formas circulares e coroados por uma cupula hemispherica, fazem-nos recordar a abobada do universo, no cume da qual assenta o throno de Deus, e esta forma foi sobretudo imitada pelos christãos no oriente, mas não apresentava uma disposição hieratica que os distinguisse das rotundas pagãs : em consequencia d'isto, os architectos byzantinos, tendo adoptado a forma da cupula, inscreveram-a ao centro de um quadrado dividido pelas duas naves principaes, corlando-a em angulos rectos pelo meio, de maneira a formar no interior do edificio a disposição de uma cruz grega, isto é, uma cruz da qual os quatro braços fossem eguaes. Aperfeçoaram ainda mais a construcção d'esses zimbórios, levantando-os em cima de quatro grandes arcos dispostos sobre um plano quadrado; os zimbórios por esta maneira dispostos são designados por *abobadas-pendentes*. Este plano da cruz grega veio a ser o typo conforme o qual tem sido edificadas as outras basilicas gregas durante uma successiva serie de seculos, sem contudo haver experimentado modificações, não obstante ter atravessado importantes e diversas epochas. Todavia ha pequenas modificações que se executaram nos monumentos religiosos byzantinos, e fizeram-os dividir em tres classes principaes, que nós explicaremos.

Eis aqui, porém, como Mr. Hope resumiu os caracteres que distinguem as construcções religiosas no oriente : « Nos angulos, (diz este auctor), d'um grande quadrado, cujos lados se prolongam para o exterior em quatro naves mais curtas e eguaes entre si, havia quatro pilares unidos uns aos outros e quatro arcos que se apoiavam sobre elles; as *abobadas-pendentes* situadas nos seus angulos curvilíneos, estavam dispostas entre esses arcos de maneira a formar no seu vertice um círculo, o qual sustem uma cupula; esta cupula não estava, como a do Pantheão em Roma, ou a do Santo Sêpulchro em Jerusalem, assente sobre um espaço cylindro collocado entre ella e o solo, mas erguia-se sem intermedio algum nos ares por cima d'essas quatro extraordinarias arcadas; e para que se reunisse, quanto fosse possível, a leveza e a solidez com o maior desenvolvimento, tinha sido construida com tubos cylindricos de barro, adaptando-se uns aos outros. Sobre meias cupulas fechavam os arcos, os quaes descancavam no zimbório central, coroando as quatro naves ou braços da cruz. Uma d'estas naves ia acabar na entrada principal, estando precedida de um portico; a opposta formava o sanctuario, emquanto os dois

braços lateraes ficavam cortados na sua altura por uma galeria reservada para o sexo feminino; algumas vezes tinham tambem capellas cobertas com outras pequenas cupulas; assim como haviam disposto esguias janellas de volta inteira nas paredès parallelas, do mesmo modo como praticaram para sustentarem os telhados das naves e das *absides* nas basilicas romanas; seguindo o mesmo uso, abriram janellas semelhantes na base d'essas cupulas com que coroavam todas as igrejas gregas. De tal maneira, se vêem por toda a parte arcos sobre arcos, cupulas sobre cupulas, podendo-se dizer que todas as superficies rectilineas, quadradas, angulares dos templos de Athenas se transformaram nas igrejas de Constantinopla em superficies circulares, curvilíneas, concavas na parte interna, e convexas no exterior. Foram estes os caracteres mais apparentes do novo estylo da architectura do v e vi seculos, em Constantinopla.

Os christãos já haviam chegado a uma epocha em que o estado social principiava a corromper-se, procurando com avidez as fazendas caras da Asia, servindo-se de ricas mobílias. Fabricavam-se na Grecia tecidos de seda ornados com uma variedade de desenhos de excessivo trabalho, representando flores, animaes e os diversos episodios da vida de Jesus Christo com tal prodigalidade, que havia tunicas em que se contavam até 600 figuras. As artes plasticas, além d'isto, (desde o v seculo) haviam descahido na barbarie; tinha já desaparecido a belleza ideal da forma. Os artistas eram obrigados a renunciar ás antigas tradições afim de crearem typos novos, procurando antes dar-lhes maior brilho e riqueza, do que executar com apurado primor.

Renunciaram, pois, quasi completamente ás ordens antigas da architectura. O capitel das columnas, principalmente, foi modificado; de circular que era passou a ter forma cubica.

Do iv ao viii seculos, n'este periodo, as fachadas apresentavam um macisso quadrado, limitado no seu extremo superior por uma cornija horisontal em pedra ou marmore, e muitas vezes construida em tijolos formando angulos salientes e reintrantes. Sobre estas fachadas não havia nenhum frontão que indicasse a inclinação do telhado, pois o madeiramento, então como depois, não foi nunca empregado pelos gregos para cobrirem os edificios, servindo-se unicamente de terraços e de zimbórios. Uma ou mais portas rectangulares davam entrada para as igrejas. Todas as basilicas d'esta epocha ficavam limitadas por um unico zimbório achatado, tendo grande numero de aberturas na parte inferior para dar luz dentro da basilica; eram estas cobertas de chumbo, e algumas vezes com dourados; as que ainda existem estão simplesmente cobertas

de telha ou azuleijos. As *absides*, muitas vezes em numero de tres, tinham geralmente a forma semi-circular, em lugar da configuração polygonal, havendo aberturas para lhe dar claridade. Na parte interna, as naves estavam sempre precedidas por um vestibulo. As mulheres tinham o seu lugar reservado em uma tribuna por cima das naves lateraes, a qual ia findar no sanctuario. Dava-se pouca extensão ás naves; quatro columnas ou pilares occupavam o centro do edificio, reunidas por quatro arcadas, as quaes sustinham a cupula.

Santa Sophia é a igreja maior e mais esplendida que foi edificada pelos gregos do Baixo Imperio. No vigesimo anno do seu reinado fundou Constantino em Constantinopla, uma basilica que dedicou á *Sabedoria de Deus*. O imperador Constancio augmentou-lhe a nave primitiva e reedificou a igreja em parte; porém durou n'este estado unicamente 14 annos; pois em 404, no reinado de Arcadius, ella foi incendiada, em parte, pelos arianos Theodosio a fez reparar e cobrir de uma abobada semi-cylindrica; mas foi tambem incendiada durante a celebre sedição que rebentou entre as facções no Circulo, no qual pereceram 35:000 homens. Immediatamente depois d'este funesto acontecimento, Justiniano resolveu restabelecer esta basilica, querendo que o edificio fosse o mais sumptuoso monumento que tivesse sido executado depois da criação do mundo. Justiniano fez reunir operarios de todos os paizes e confiou a direcção das obras a dois architectos gregos Anthemios de Tralles e Isidoro de Milete, tendo os architectos sob a sua direcção 100 mestres, e cada um d'elles dispondo de 100 operarios para os seus trabalhos. Estavam distribuidos 5:000 obreiros sobre o lado direito do edificio, e outros 5:000 sobre o lado esquerdo, durante esta construcção.

Em cima d'uma camada geral de massama é que se assentaram os alicerces com 20 pés de grossura para firmar os pilares da igreja. As paredes foram construidas com tijolos. porém edificaram os pilares com grandes pedras calcareas, e a parte interna das paredes ficou coberta de laminas de marmore.

Os tijolos para se construir o zimbório, foram fabricados em Rhodes e feitos de uma argilla tão leve que 12 tinham apenas o pezo de um tijolo ordinario, tendo-se-lhes gravado uma inscripção que dizia: — *Foi Deus que a fundou, Deus a protegerá.*

Deve-se suppor quaes seriam as precauções minuciosas para se fazer a construcção de semelhante zimbório, pois era na verdade, para aquelle tempo, um ousadissimo arrojio em architectura.

Acabado o templo, pensaram em ornal-o com magnificencia. O ouro e os mosaicos foram prodigalisados sobre todas as superficies; os capi-

teis e as cornijas douradas, as abobadas e as naves pintadas, servindo-se de cera; a cupula recamada de um mosaico dourado e colorido. Em geral, todas as pinturas eram feitas sobre fundo de ouro; sendo este um dos caracteres da architectura polychroma dos Byzantinos, caracteres que se encontram nas egrejas do xi e xii seculos na Sicilia e em Italia.

Havia em Santa Sophia, além d'isso, uma consideravel profusão de alfaias preciosas, de candelabros em numero de 6:000, de ouro macisso, outros 200 com o peso de um quintal cada um: e 84 estatuas dos Evangelistas, cada uma do peso de dois quintaes. Para dar uma idéa das despezas consideraveis que se fizeram, bastará dizer que Justiniano tinha pago 422 quintaes de ouro, quando as paredes tinham apenas um metro acima do solo!

Passamos agora a examinar em detalhe cada uma das portas da igreja de Santa Sophia, igreja que os antigos escriptores comparavam, pela sua disposição, a um *hyppodromo*.

Esta igreja foi erguida proximo ao forum *Augustoem* em Byzancio, sobre o qual Constantino havia feito erigir 427 estatuas, tiradas ás cidades da Grecia e da Italia! Compunha-se de um *atrium* formado de um pateo quadrado, rodeado de porticos de ordem jonica, e lageado de marmore; no meio havia um tanque de jaspe, do qual saía um repuchho. Era n'este tanque que os fieis tiravam agua para lavarem os pés, o rosto e as mãos antes de entrarem na igreja. O atrium tinha outro pateo servindo de *forum*, onde se via a estatua, que Constantino mandou levantar a sua mãe. Annos depois a estatua de prata de Theodosio foi posta n'este lugar sobre uma columna; finalmente Justino collocou a sua equestre. É em recordação d'isto que no vestibulo da igreja de Mafra se vê a estatua de Constantino, imitação da do mesmo imperador, que existe á entrada da basilica de S. Pedro em Roma. O vestibulo de Santa Sophia tinha cinco portas, sendo duas lateraes, e era n'esse lugar que os fieis deixavam o seu calçado para entrar depois na igreja; como praticam os musulmanos para penetrar nas suas mesquitas. As portas são chapeadas por laminas de bronze e ornadas de cruces, semelhantes ás que existem em S. Juan de Latrano, as quaes se abrem sómente nos annos dos jubileus: duas d'estas portas têm letras de prata embulidas.

Entra se para a igreja por nove portas correspondentes ás naves. Estas portas eram ornadas de marfim, de ouro e prata. A igreja tem a forma quadrada; ao centro d'este quadrado avulta a cupula, a qual é sustentada por quatro arcos; sobre os dois arcos perpendiculares do eixo da nave firmam-se as duas abobadas hemisphericas, que dão ao plano da nave a forma ovoide. Cada um d'estes

hemispherios é atravessado por outros dois mais pequenos, que ficam sustidos por columnas. Esta superposição de cupulas, cujos pontos de apoio não estão apparentes, dão ao todo d'esta fabrica um aspecto de leveza incomprehensivel.

Para suster o nascimento dos arcos de todas estas abobadas, ha oito pilares quadrados. Os quatro principaes que recebem a cupula, mostram os angulos voltados para o centro da igreja, parecendo por esta disposição ficar a cupula suspensa nos ares e que foi um arrojado demasiadamente temerario esta difficilissima construcção. Quando desmancharam os andaimes, para evitar com a queda das vigas não fizessem estremecer os pilares e o solo, encheram a igreja de agua na altura de quatro metros para cairem as vigas sobre o liquido. O chão é lageado com marmore verde de *Marmara*, em feição de ondulações para representar as ondas dos quatro rios correndo para o mar. A cupula está coberta de embutidos de mosaicos, sobresaindo a imagem do Creador, de proporção collossal. Na cupula tem abertas quarenta e quatro janellas de fôrma circular, e está coberta por laminas de chumbo que antigamente foram douradas. O numero das columnas que encerra esta igreja, sobe a mais de cem. A abside era rematada na parte superior por uma abobada semi-circular, em que havia tres janellas, as quaes se illuminavam pelo nascer do sol. No meio estava collocado o altar mór. Mas como o imperador quiz que este altar fosse mais precioso que o proprio ouro, fizeram um amalgama de perolas, diamantes, ouro, prata, platina e ferro e tudo reunido compôz a materia da qual foi fabricado. O chão era forrado de laminas de ouro. As descripções que acabamos de fazer das partes mais principaes de Santa Sophia dará uma ideia do esplendor e da riqueza que devia apresentar este edificio no tempo dos imperadores gregos. Admirase o arrojado da construcção, surprehende o valor e a belleza dos materiaes, e que todas as partes do edificio foram perfeitamente dispostas para sua applicação. Com razão tem sido considerada esta magestosa igreja como sendo uma das antigas maravilhas da christandade.

Do IX ao XII seculo, o plano dos edificios religiosos modificou-se mui pouco. Apresentam sempre a cruz grega inscripta dentro de um quadrado. Porém o bello effeito produzido pelas cupulas, motivou que se multiplicasse o seu numero. Primeiramente pozeram-nas sobre a nave principal e sobre os dois braços do cruzeiro; depois sobre os quatro angulos do quadrado, finalmente sobre o vestibulo e as naves lateraes. As cupulas de S. Marcos de Veneza têm em geral uma forma inteiramente hemispherica e descançam sobre um tambor, ou base circular, tendo janellas em roda. O mosaico tomou

mais importancia que a ornamentação feita de marmore, que ficou servindo unicamente para os sons. As naves simplificam-se; aos pilares quadrados substituem-se columnas, e cada vez vão sendo em menor numero: as abobadas, dividindo-se em zonas horizontaes, são ornadas de pinturas. As cupulas, adoptadas nas igrejas da ultima metade d'este segundo periodo, differem das que as precederam, pois as janellas na parte superior, que antes se collocavam em roda da cupula, fizeram nas penetrar na parte espherica da mesma cupula: como temos um exemplo na substituição que fizeram na antiga cupula da Sé velha de Coimbra.

Um terceiro modo se apresenta finalmente na architectura byzantina, fazendo alliança da architectura christã da Italia com a da Grecia. N'este novo systema, devido principalmente á influencia das conquistas dos venezianos, o plano das igrejas se assemelha muito ao das basilicas latinas, apresentando uma unica cupula central. A extremidade oriental do edificio apresenta tres absides polygonaes correspondentes ás tres naves. A inclinação do telhado é indicada pelos frontões da fachada, e as empenas têm geralmente uma janella simples ou dupla. No interior já não ha a galeria do sexo feminino. A influencia artistica estrangeira fica mais patente na profusão e na riqueza dos ornatos que são empregados nos differentes detalhes d'architectura. As pinturas a fresco substituiram definitivamente o mosaico, multiplicando-se na imitação perfeita do marmore, empregado antes unicamente nos socos. As abobadas circulares cobrem o comprimento do edificio; as janellas continuam a ser fechadas por laminas de pedra ou marmore, tendo buracos circulares para entrar a luz. Este estylo se perpetuou ainda na Grecia, muito tempo depois da conquista turca.

O estylo byzantino teve uma immensa influencia sobre a construcção de um grande numero de monumentos levantados no Oriente e no Occidente; tanto na Italia, como na Sicilia e Russia. Encontram-se as reproducções das cupulas orientaes em Parma, Plasencia, Milão e Padua, como em Portugal no convento de Thomar. A simples inspecção d'estes monumentos indicaria a sua origem correlativa com as construcções religiosas do Oriente: porém a historia nos vem confirmar, na maior parte d'elles, as fundadas induções archeologicas, pois que elles são todos concebidos em um estylo que não tem por fôrma alguma a sua origem de outros edificios mais antigos preexistentes no periodo latino.

O estylo byzantino prosperou muito antes na Sicilia e se conservou por largo tempo. Desde a época em que esta ilha fazia parte do imperio do Oriente até á invasão dos Arabes, todos os edificios religiosos foram edificados conforme o plano e o modelo

dos de Constantinopla. Quando os Normandos se apoderaram da Sicilia, ainda este paiz possuia magnificos monumentos. As egrejas que os novos conquistadores fizeram construir, mostram uma evidente combinação do estylo latino e do estylo grego. Porém os architectos que as delinearão, não puderam libertar-se completamente dos preceitos da sua antiga escola; e por isso coroavam sempre a intersecção da nave e do cruzeiro por uma cupula sobre *abobadas-pendentes*, terminando o santuario por tres absides correspondentes ás tres naves, além de conservarem a fórma dos capiteis, das molduras e os mosaicos semelhantes ao systema da decoração especial da architectura bysantina.

Entre as mais bellas e curiosas basilicas que existem ainda na Sicilia, devemos citar a capella real de Palermo, edificada em 1129, em que todas as arcadas são ogivães e o tecto dividido em caixotões. As cathedraes de Palermo e Messina, edificadas uma em 1170 e a outra em 1130, todas são do estylo latino, em quanto ao plano, e bysantinas na maneira da sua decoração. Os monumentos do xi e xii seculos na Sicilia são geralmente construidos com custosos materiaes, empregando-se diversas côres, enriquecidos com mosaicos sobre fundo de ouro e esmalte, tendo o tecto forrado com madeiramento apparente e este coberto de pinturas e dourados. Na capella que delinieei no Real Palacio do Alfeite em 1860, segui o gosto bysantino para a sua decoração, imitando porém os embutidos do mosaico, pelo estuque polido a ferro quente para dar maior brilho ás suas diversas côres.

O estylo bysantino estendeu-se sobre as margens do mar Negro, e desde o iv seculo, apparece n'essas regiões a cupula *esguia*, que deixa apenas penetrar uma fraca claridade no santuario, e pela estreiteza das naves lateraes, como costumavam dispor-as, faz augmentar ainda a mysteriosa obscuridade do templo. Todos os monumentos existentes completos ou em ruinas deixam facilmente conhecer ao architecto e ao archeologo esta identidade de sua origem. Da peninsula Taurica á Russia Slava, a distancia não é consideravel; e assim o estylo bysantino se introduziu naturalmente n'este ultimo paiz, com o christianismo. Conservam-se as suas primitivas fórmãs durante tanto tempo como nas outras regiões. A primeira egreja construida, a de *Kherson*, ficou concluida em 988. Este templo foi uma reprodução completa dos monumentos bysantinos. A abside semi-circular marcava o logar do santuario; as columnas são de bello marmore branco crystallizado, assombreado de listras azues, e indicam a separação das naves e do cruzeiro; uma cupula completa o seu character grego. A magnifica egreja edificada em *Nowogorod*, em Kief, dedicada a Santa Sophia — a Sabedoria Divina — é obra de um architecto grego.

Foi edificada sobre um plano quadrado com 5 cupulas, collocadas uma em cima do santuario, e as outras por cima das capellas. Devemos notar que estas cupulas têm uma fórma bulboza, servindo-lhes de base paredes circulares, ou tambores muito altos com aberturas mui proximas umas ás outras na sua circumferencia, para lhe dar claridade.

Já notámos que os architectos na Italia conservavam inteiramente a tradição das praticas da arte romana; tendo sido as columnas e os capiteis arrancados dos monumentos os mais antigos. Os frontões, as molduras das portas e das cornijas, finalmente as janellas quadradas ou circulares lembram absolutamente a arte antiga. Os tectos de madeira são tambem uma imitação dos das basilicas imperiaes. A architectura neo-grega deriva certamente do antigo; porém transformou-se quasi completamente ajudada pelas diversas innovações. Estas innovações, encontramol-as na maneira de cobrir com a cupula, o que modifica fundamentalmente as linhas geraes dos edificios, na decoração dos capiteis, que de cylindricos vieram a ser cubicos; janellas gêmeas, e arcadas fingidas, no estylo da escultura monumental.

Muitos antigos edificios gregos apresentam as archivoltas e as cornijas feitas com pedras alternativamente brancas e pretas, ou branca e encarnada, como existe em Piza e Florença. N'uma mesma arcada vêem-se ainda peças de pedra com tijolos dispostos symmetricamente.

Quanto á pertinaz constancia dos Byzantinos em conservarem as suas antigas tradições até á conquista franco-veneziana, é facto que continuaram a seguir as formas introduzidas pela escola christã de Roma.

Para dispensar a escultura, que desde o iv seculo tinha caído em maior barbaria do que a pintura, rodeavam as janellas com uma construcção do feitiço de arcadas de varias formas. Em ultimo caso fixaram-se á volta inteira, ficando collocadas sobre pequenas columnas, tanto para solidez da construcção das aberturas das janellas, como para ter onde assentar os seus caixilhos. Estes detalhes e ainda outros tirados da architectura christã da escola romana, se conservam praticados pelos gregos modernos, além de um seculo mais do que na Italia.

Pela imitação dos typos e methodos bysantinos, no principio do xiii seculo sómente, vê-se aquella accepção condicional na maneira restringida pela influencia da architectura bysantina, ficando assignalada em algumas partes da Italia. O xi seculo pôde-se julgar como sendo a época na qual principiou, nos monumentos da architectura na Italia, a seguir-se a imitação da architectura bysantina.

Não é, pois, para admirar, que durante a época na qual imitaram com fervor, mais geralmente, a pintura neo-grega, a architectura bysantina não

fosse mais apreciada pelos habitantes da Italia; pois foi precisamente n'esta época que tambem a architectura dos europeus occidentaes se desenvol-

veu de uma maneira particular, no estylo que se designa ogival.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### ARTE MONUMENTAL DA AMERICA

As florestas seculares não são os unicos monumentos do novo mundo. Ali tambem gerações tinham revolvido o solo, facejado o rochedo, e accumulado as pedras, para deixarem aos vindouros um indicio irrecusavel da sua existencia no mundo.

Na historia dos povos da America, como em muitas outras partes dos annaes da humanidade, existem infelizmente grandissimas lacunas, que interrompem e enganam a nossa legitima curiosidade. Talvez que em breve venham descobertas recentes, n'essas vastas solidões, que ainda não foram completamente exploradas, e fazendo-se um estudo com mais escrupuloso exame nos monumentos já conhecidos, auxiliado com o estudo dos dialectos d'esses povos, assim como por investigações anatomicas comparadas sobre os esqueletos humanos encontrados em tantas sepulturas d'esse novo continente, se possa lançar um clarão sobre a questão bastante obscura das raças primitivas da America, de suas emigrações dos paizes de uma cultura social, e se tiveram comunicação com os scandinavos, ou com os povos da Asia, conforme muitos archeologos supõem. Então, novas perspectivas apparecerão sobre a existencia tão remota e incerta da especie humana que teria habitado nos dois hemispherios!

Por ventura poderemos duvidar de se poderem alcançar dados positivos sobre a historia primitiva da humanidade, quando se conseguiu estabelecer a historia geologica da formação do globo terrestre, e das creações successivas dos seres que teem occupado a superficie da terra? Quem poderá marcar o limite á intelligencia humana, ás investigações dos sabios e aos recursos successivos que as sciencias descobrem para se esclarecerem os segredos os mais reconditos da natureza, e qual foi a origem dos habitantes ainda desconhecidos da terra?

As antiguidades americanas pertencem a épocas differentes e referem-se a diversos periodos do desenvolvimento social dos habitantes d'aquella região; pois os povos, conforme os graus correspondentes do grau que adquiriram de civilisação, applicam para a perfeição de seus monumentos, como tambem para composições musicaes das suas poesias, formulas analogas.

Primeiramente encontra-se n'esse novo continente

grandes pedras soltas oscillantes, como as dos povos celticos; tal é a pedra espherica de Theolobinga que se acha no interior de uma grande floresta, pertencente ao Mexico, assim como varias outras em differentes pontos da America.

No estado de Massachussetts existe uma pedra de granito, cheia de linhas com formas esquisitas, que os antiquarios julgam ser caracteres phenicios.

Encontram-se tambem alguns rochedos com esculpturas em muitos estados da America Unida: representando figuras de animaes, como aves, homens, mulheres, e creanças.

Além d'isto apparecem fortificações construidas com pedra, e muralhas paralelas, servindo o espaço intermedio para celebrações de jogos publicos.

Desde o rio S. João até á ponta da peninsula da Florida, encontram-se elevações pyramidaes, estradas, calçadas, conduzindo a lagoas artificiaes e terrenos de forma quadrada. Desenterrou-se um vaso muito curioso em uma antiga obra executada sobre o rio Comy, affluente do Cumberland, vaso formado com tres cabeças reunidas pela parte da nuca, maneira como se costumava representar a trindade na India, Trimurti, composta da divindade Brahma, o creador, Vichnou, o conservador, e Siva o destruidor.

Um outro idolo foi descoberto em Natchez, podendo-se comparar ao Espirito celeste, imagem que tambem se encontra na parte meridional do imperio da Russia.

No Brazil teem apparecido algumas pedras que parecem ter a forma de um altar, assim como tumulos, rochedos esculpidos com caracteres gravados em concavo; e que se julgam ser phenicios, os quaes teem de altura 3,<sup>m</sup>20; e se veem na foz do rio Amargoso.

Entre o rio Negro e o Cassiquiare encontrou mr. de Humboldt rochedos de granito cobertos de figuras colossaes, representando crocodilos, tigres, utensilios de uso domestico, a imagem do sol e da lua. Monumentos similhantes existem perto de Caiçara e d'Uruana.

Porém é principalmente no Perú, no Mexico, e na America Central que ha edificios construidos sobre uma vasta escala, apresentando assombrosas obras de utilidade publica, as quaes attestam um estado de civilisação já muito avançada e em grau

bastante notavel de desenvolvimento nas Bellas Artes. Foi assim que se encontrou ahi o typo da arte monumental da America.

As margens do lago de Titicaca, que tem 20 kilometros de extensão, situado no alto Perú, foram o berço peruano. Foi ali que Manco-Capac, fundador do imperio do Perú, e chefe da raça dos Incas na era 1025 manifestou aos povos ter uma inspiração divina afim de destruir nos habitantes d'esta região a bruteza profunda em que existiam.

Um templo ornado de ouro occupava o lugar consagrado para commemorar aquelle extraordinario acontecimento. Vestigios d'estas antigas construcções subsistem ainda. O Inca inculcava-se o filho do sol e ao mesmo tempo era o chefe politico e o chefe religioso; pela mesma forma representava n'esses mesmos dias a soberania de Czar da Russia. Esta origem divina infundia no povo um respeito supersticioso.

O Inca tributava á agricultura a maior honra, como ainda hoje pratica o imperador da China; servindo-se elle proprio de uma especie de arado, para exemplo ao povo de se cultivarem as terras, sendo este acto praticado em uma solemnidade annual.

Em dias de grandes ceremonias publicas, era elle conduzido em uma liteira sobre os hombros dos nobres do paiz; da mesma maneira que se faz em Roma ao Santo Padre nas principaes festividades religiosas.

Um estylo uniforme presidia sempre ás construcções em todo o imperio na architectura peruana: os monumentos têm pouca altura, são construidos com paredes grossas e com os materiaes de porphyro, granito. Algumas vezes estas construcções eram feitas por fórma e combinadas com bastante calculo para resistirem aos abalos violentos d'esse paiz, exposto ás erupções vulcanicas e a repetidos tremores de terra.

As hobreiras das portas eram inclinadas uma sobre a outra, da mesma maneira que se tinha praticado no Egypto, todavia para um outro fim. Não havia janellas nos edificios, nem tão pouco communicação dos aposentos uns para os outros, como se usa na Turquia.

As pedras, collossaes a maior parte das vezes, foram cortadas e assentes com o maior esmero. Nenhum ornamento enriquecia a sua superficie externa. Ha uma fortaleza edificada sobre um penedo que domina a cidade, compondo-se a sua construcção de tres torres separadas umas das outras, e por baixo apparecem excavações e galerias que communicavam com o centro da cidade; era protegida por tres parapeitos de grandes pedras toscas, apresentando-se n'esta obra uma apparencia semelhante ás construcções cyclopeannas d'esse povo que foi o pri-

meiro habitador da Sicilia: os vestigios que na America ainda se conservam causam surpresa e admiração.

Cuzco era a cidade santa do Perú, o monumento que fazia o seu principal embellezamento, o seu primeiro triumpho na arte do edificio, o grande templo dedicado ao Sol. Este magestoso edificio foi construido todo de cantaria, rodeado por capellas, conventos, dormitorios, que occupavam um vasto espaço fechado por um muro; via-se, sobre uma chapa de ouro de uma enorme grandeza, fixada na parede occidental do santuario e toda cravejada de esmeraldas e pedras preciosas, a imagem da Divindade, sob a fórma humana: d'este centro divergiam uma infinidade de raios, que resplandeciam em todas as direcções.

Esta imagem estava collocada de tal sorte, que os primeiros raios ao nascer do sol vinham ferir-a directamente, e se entrelaçavam novamente sobre os ornamentos de ouro embutidos que ornavam as paredes; abrillantando por tal fórma todo o edificio com um immenso clarão que parecia um effeito sobrenatural. O ouro, *essas lagrimas de sol*, servindo-nos da linguagem figurada dos peruanos, circulava egualmente sobre as cornijas e nos frizos das paredes d'este sumptuoso templo: todavia nota-se um contraste bastante extravagante, era um telhado de colmo que cobria toda esta extraordinaria magnificencia! — com o fim de fazer saliente a distancia que separa a grandeza divina da inferioridade humana.

Corpos embalsamados dos Incas estavam collocados sobre cadeiras de ouro, tendo os braços encruzados sobre o peito e alinhados em duas alas aos lados da imagem do sol. Entre as outras construcções e accessorios, havia uma capella dedicada á lua; uma outra ás estrellas; outra ao trovão e ao relampago e uma ao arco iris. Todas as alfaias proprias ao serviço do templo, vasos, thuribulos, galhetas, eram de ouro ou prata; havia doze grandissimos vasos d'este mesmo metal para guardar o milho consagrado. Os reservatorios que recebiam as aguas, e os encanamentos para a sua circulação, eram todos da mesma materia.

Os jardins pertencentes ao templo estavam ornados com figuras de animaes; as imitações de plantas eram feitas tambem de ouro ou de prata!

Essas immensas riquezas prodigalizadas nos seus templos foram egualmente applicadas nos palacios dos reis, não sómente nos que habitavam, mas tambem nos outros edificadas em todas as partes do paiz, parecendo fabulosa uma tão excessiva magnificencia. Mais isto nos prova sobremaneira que os peruanos possuíam idéas nas artes muito desenvolvidas, como se observou nas obras de suas grandes estradas, aqueductos, pontes suspensas, feitas de

cordas ; encontrando-se vestigios de calçadas e cânaes de irrigação em todo o paiz. Havia no Perú duas grandes estradas que reuniam cidades oppostas, Quito e Cuzco. Uma seguia as margens do Oceano, a outra circulava nas elevadas planuras, n'uma elevação maior que a do Pico de Tenerife, isto é, a 3:808 metros acima do nivel do mar, atravez de rochedos, de precipicios, das torrentes e dos gelos, sendo esta ultima estrada toda calçada á maneira dos romanos com lages de formas irregulares, trabalho reputado por mr. de Humboldt o mais gigantesco que homens tinham executado. No prolongamento d'estas duas estradas, das quaes os intervallos eram marcados por pilares semelhantes aos marcos milliarios do povo rei, haviam tambem construido castellos chamados — lambos — que serviam de quartéis para a tropa quando acompanhavam os Incas nas suas viagens. Ainda d'estas construcções encontram-se consideraveis ruínas, principalmente em Callão e em Canar.

Sobre as correntes dos rios lançavam pontes suspensas, typo primitivo, indicando este rustico trabalho aquelles que no presente seculo o talento europeu tem collocado sobre tantos rios ; porém com a differença que os cabos, em lugar de serem compostos de fios de ferro, eram na America simplesmente tecidos com as fibras do Magney (azebre americano) e envolvidos de um vime do paiz, de grande consistencia.

Estes cabos ficavam fixos a grandes arcos de encontro construidos de pedra, collocados nas duas extremidades da torrente : portanto essa idéa engenhosa de se evitar os pegões que embaraçavam a navegação nos rios, augmentando-lhes mais a velocidade da corrente, necessitando fazer-se maior trabalho, e despeza na sua construcção, tinham-n'a já os peruanos, esses povos que os europeus quizeram civilisar e instruir, esbulhando-os primeiro de suas riquezas e aniquilando-os com tormentos e barbaridades para satisfazer a sua cubiça. Esses mesmos povos rusticos já haviam descoberto o modo de estabelecer uma ponte pensil sem custar dezenas de contos, nem ser preciso empregar um metal que se oxyda com tanta facilidade e pela sua excessiva rigidez não é dos mais proprios para constantes oscillações e repetidas alterações atmosfericas !

Nos tumulos ou *buracas* achados n'este paiz, que arremedavam uma forma conica, só se tem encontrado, e ainda apparecem, algumas curiosas amostras da industria peruana, como são : vasos, braceletes, collares, balanças, espelhos feitos de pedra polida, ou uma lamina de prata burnida, e principalmente objectos de cobre.

As armas de que se serviam, eram eguaes ás dos povos civilizados antes da invenção da pólvora ; usavam tambem de escudos e capacetes de

madeira ou de couro de animaes selvaticos, ornados com vistosas plumas de passaros dos tropicos.

A nobreza trazia, pendente d'uma orelha, um ornamento de ouro, do feitio de um florão de grossura excessiva. Este distinctivo indicava ser de um nascimento illustre ; e tanto mais a orelha ficava larga e descaida, mais antiga e elevada era a nobreza. Os europeus, povos atilados, não quizeram alterar este costume, e serviam-se de outros florões que penduravam nos seus fatos, para indicarem igualmente a sua linhagem.

Uma cousa que causava admiração, era que os peruanos podessem executar tão extraordinarios trabalhos cortando enormes pedras de qualidade tão refractaria como é o granito, e oporphyro, servindo-se de ferramentas imperfeitas, pois ignoravam o emprego do ferro, posto que existisse este metal no solo do seu paiz : serviam-se para esse fim de ferramentas de cobre, ao qual ajuntavam uma pequena porção de estanho. Todas as investigações confirmam que nos primeiros tempos em toda a parte, o bronze veiu a servir depois do uso do cobre puro, è precedeu sempre ao ferro. Penetrando-se nas regiões do continente americano, é que se avalia qual a importancia e o caracter mysterioso dos seus monumentos ; as suas cidades em ruinas causam mais particularmente esse assombro e bastante curiosidade.

Quaes seriam, pois, os povos que as construíram ? Qual a sua antiguidade ?

Que calamidades teriam acontecido para causar a sua completa despovoação ?

Nem a historia nem mesmo a tradição tem resposta formal a estas questões : e infelizmente não ha mais que conjecturas baseadas sobre a comparação da architectura dos outros povos da remota antiguidade ; de que nos occuparemos depois de ter mencionado tudo que soubermos de mais importante da arte monumental da America.

No lugar da mais profunda solidão, a Mitla, no Estado de Oaxaca ha edificios que se suppõem ter sido destinados para sepulturas, e que serviam ao mesmo tempo de asylo onde os parentes dos finados, que ali os vinham sepultar, podessem demorar-se algum tempo para se entregarem á magua que soffriam.

Tinham esses edificios salas subterraneas, em fórma de cruz, provavelmente para depositarem n'ellas os despojos mortaes.

Nos aposentos superiores pintados de vermelho e oxydo de ferro, ha uma sala sustentada por seis columnas de porphyro, sem base nem capitel ; sendo para notar que mostrem tambem uma diminuição na parte superior, como fizeram os outros povos de diversas regiões quando empregavam as columnas ; e sem duvida o mesmo typo lhes deu a mesma idéa

de observação da natureza, pois offereciam á vista a configuração esbelta dos troncos das arvores : foram estas as primeiras columnas que se descobriram pertencentes á architectura americana.

Deixando este sitio arido, e esses rochedos que infundem melancolia, no centro dos quaes estão collocados os edificios de Milta ; descendo para o Estado de Chiapa, que forma a extremidade do Mexico ; penetremos n'essas vastas florestas, onde as palmeiras e os azebres estendem os seus ramos elegantes, sobre espessos matos de um verde escuro, occultando á vista Palenqué, mysteriosas e magnificas ruínas que os hespanhoes em 1750 acharam sem o esperar escondidas n'essas florestas desertas, e lhes causaram tão grande assombro e admiração, não obstante a noticia d'esta importante descoberta tivesse sómente no fim de 36 annos chegado ao conhecimento do governo hespanhol !

É verdade que então não havia ainda os barcos a vapor, nem a telegraphia electrica para com rapidez se transmittirem as noticias.

Fica situada Palenqué na base das montanhas que separam o Mexico de Jacatan, e sobre as margens de Mical, affluente do Tulija, cujas aguas se dirigem para o lado de Tabasco.

A cidade que recebeu o nome de uma aldeia que lhe fica mais proxima, chamaram Palenqué ; a qual se estende sobre uma vasta circumferencia, difficil todavia de avaliar por causa da espessa floresta que a cerca por todos os lados. O mais importante dos seus edificios é o designado pelo nome de Palacio, o qual se eleva sobre um monticulo artificial, cuja base é de 91<sup>m</sup>,30 por 85<sup>m</sup>,30 e de altura 13<sup>m</sup>,20 : escadas postas nos quatro lados lhe dão accesso. O edificio que domina este monticulo, tem 75<sup>m</sup>,24 por 60<sup>m</sup>,50 e 8<sup>m</sup>,46 de altura, constando de um unico andar ; estuque brilhante reveste o exterior ; um peristylo circunda tudo, mostrando quatorze aberturas nas fachadas principaes e onze sobre cada uma das lateraes. O interior era separado em corpos com tres pateos que os dividem : no centro de um d'elles ha uma torre quadrada servindo de mirante, da qual existem ainda quatro andares. Os pilares que dividem os portaes da fachada, estão ornados de baixos relevos com um estuque muito fino e as figuras ali representadas têm 2<sup>m</sup>,86 de altura. Os aposentos eram de abobadas com as fórmas triangulares, semelhantes ás do thezouro de Ateoro em Micenas, construcção existente em Argos da era de 1820 antes de Jesus Christo, e vestigios de antigas pinturas a fresco na Italia.

Nada ha de mais extraordinario que o contorno das cabeças das figuras em relevo, que ornam o palacio de Palenqué. O perfil, desde o cume da testa até á ponta do nariz, forma quasi um quarto de circulo. O nariz é de um tamanho desmarcado ;

a nuca é tão achatada que parecia não a haver n'essas cabeças. Suppõe-se que esta fórma singular do craneo podia depender do systema de compressão, meio que usam ainda hoje muitas tribus americanas para de-figurar as cabeças das crianças. Pondo de parte esta exaggeração na forma dos craneos, são todavia as esculpturas do monumento de Palenqué muito superiores a todas as outras representações da fórma humana, que tenha produzido a arte americana : a attitude dos corpos faz lembrar o typo do Indústão ; as roupas, ao *savoir faire égyptien*, estão cobertas de muitos ornatos.

Encontrou-se uma unica estatua muito notavel pela sua similhaça com as do Egypto, pois tambem exprime o mesmo socego na physionomia, a immobildade e o repouso interno na sua attitude, expressão tão opposta ao caracter americano.

Além d'isto todas as esculpturas de Palenqué, como as dos monumentos da Assyria, da Persia, do Egypto e da Grecia, eram coloridas.

Talvez se deva chamar a cidade dos idolos. Ficava situada na margem de um rio, e estava rodeada de muros : em algumas partes tem elles 31<sup>m</sup>,90 de altura. Alguns dos idolos ali achados tinham 3<sup>m</sup>,62 de alto por 1<sup>m</sup>,32 de grossura.

Passando á peninsula de Jucatan devemos mencionar em primeiro lugar os da cidade de Uxmal, que pelo numero, grandeza e bella conservação dos seus monumentos, tem a primazia sobre todas as outras antigas cidades da America.

Aqui, como em todas as mais cidades d'este paiz, apresentam-se com um caracter mais saliente, apparecendo estas construcções collocadas sobre gigantescos terraços. Comprehende-se facilmente qual será o effeito grandioso que tal disposição devia dar aos monumentos. O mais importante entre elles é a casa das Freiras : compõe-se de uma construcção, formando quatro lados de um quadrado, tendo no meio um pateo de 99<sup>m</sup> em cada um dos seus lados.

Estes edificios apresentam profis differentes ; cada uma das fachadas é tambem ornada de uma maneira especial.

Os ornamentos e as molduras complicadas que cobrem esta vasta reunião de 16 fachadas, eram abrilhantadas de pinturas com vivas cores. Duas enormes serpentes enroscadas molduravam um dos porticos do edificio. A representação da serpente encontra-se tambem nos monumentos do Mexico e do Perú.

Não se ignora o lugar importante que lhe davam na mythologia e nas cosmogonias do Occidente e do Egypto.

Será esta representação um effeito do acaso, uma consequencia da impressão aterradora e mysteriosa produzida em toda a parte pela vista d'este reptil ?

Ou devemos reconhecer o resultado de tradição que se transmittiu de povo a povo, atravez o tempo e a sua longinqua distancia? É o que se não pode resolver por enquanto.

O grande Téocalli ou pyramide, chamada casa do Adivino, eleva-se 63<sup>m</sup> acima do solo; dois lanços de escadas conduzem ao seu cume. É coroada por um edificio de uma fôrma esbelta, ficando os seus angulos com um ornato saliente de fôrma retorcida. Comparam-n'ò, não com muito fundamento, á tromba do elefante; o que elle faz recordar é o feitio dos telhados chinezes. A base tem 36<sup>m</sup> quadrados.

A casa do governador é uma outra extraordinaria construcção de cantaria: tem 105<sup>m</sup>,60 de comprimento, 13<sup>m</sup>,20 de largo, e de altura 10<sup>m</sup>,78. A parte inferior do edificio está ligada até á cornija, a qual principia quasi a metade da altura total; porém, d'este ponto para cima, a sua superficie acha-se coberta de esculpturas tão multiplicadas e complicadas que a involvem de um immenso arabesco. O ornato mais importante encontra-se por cima da porta central. Distinguem-se os restos de uma figura humana, estando sentada sobre uma especie de throno; o ornato da cabeça é gigantesco, superior a tudo que existe n'este genero; caracteres hieroglyphicos estão esculpidos á roda d'esta figura.

Na parede que faz o fundo d'este edificio, achou-se assignalada na argamassa que ligava as pedras *uma mão aberta*, que tinha sido molhada em tinta encarnada: esta mão tinha a pequenez que distingue a raça americana.

Julga-se que esse signal era o symbolo de posse da propriedade, porque é ainda esse mesmo signal usado por algumas tribus da America do Norte.

O edificio de que acabamos de fazer a descripção, estava collocado no cume de tres terraços sobrepostos.

Sobre o cirado do segundo d'estes terraços ha um edificio, ao qual se dá o nome de casa das tartarugas, por causa de um renque d'estes animaes que se acham esculpidos sobre a cornija. Esta construcção é de um estylo simples, nobre, e pode ser citada como producção a mais pura da architectura americana.

Na visinhança de Ticul estão amontoados entulhos que indicam o local de uma cidade importante. Fazendo-se excavações em uma sepultura construida de pedra, tendo a fôrma quadrada e de altura 1<sup>m</sup>,32, descobriu-se dentro um esqueleto na posição de uma pessoa acocorada, com o rosto voltado para o Sul no Oceano, as pernas juntas sobre o peito, os braços dobrados e as mãos parecendo sustentar a cabeça: é n'esta mesma postura que quasi todas as tribus da America enterram ainda hoje os seus defunctos.

Todas estas singulares construcções, posto que tenham algumas semelhanças com os monumentos egypcios, não na comparação das fôrmas, com os symbolos dos baixos relevos do Egypto e da India, nos deixam até ao presente em conjecturas, principiando por se suppôr que podem ser consideradas no numero das mais antigas do mundo e terem 3000 annos de data!

A serpente, o lotus, a cruz rectangular, o T mystico, são emblemas que pertencem effectivamente ás representações mythologicas e cosmogonicas dos povos primitivos da Asia e do Egypto. Podemos admittir que os povos, cuja origem ignoramos, deixaram todavia a expressão da sua civilisação nos edificios de Palenqué, herdando, não sabemos por que modo de filiação, algumas idéas das crenças, formulas symbolicas do mundo primitivo, mas nunca provenientes de um contacto immediato com os Egypcios, por lhes terem directamente dado occasião a imitarem as suas artes: podemos admittir isto em quanto não apparecem outras bases mais solidas do que são aquellas que possuímos actualmente.

Ainda mesmo que se podesse provar que os povos que habitaram Jucatan e a America Central, na occasião da conquista hespanhola, fizessem ainda uso, pelas suas crenças religiosas, de alguns dos edificios dos quaes descrevemos as ruinas; isso não obstaria para que alguns d'elles não podessem ter tão remota antiguidade! O grande Teocalli do Mexico, edificado alguns annos sómente antes da invazão de Fernando Cortez, na sua construcção havia imitado um plano analogo ás pyramides de S. João de Teotihuacan, as quaes podiam ser-lhe anteriores 6 ou 8 seculos. Porém é o Egypto principalmente que nos apresenta o exemplo mais extraordinario da duração que pode ter uma arte tradicional. Conforme as conjecturas de mr. Lenormant, o sepulchro do rei Mycérinus, filho de Chéops, encontrado na terceira pyramide do Egypto, o qual reinou 10 gerações antes da guerra de Troia, recebendo esta pyramide o seu nome, teria uma antiguidade de 40 seculos antes da nossa era!

Todavia os caracteres hieroglyphicos, dos quaes se compõe a inscripção n'este sepulchro, e as formulas religiosas que ella contém, são inteiramente semelhantes ao que se lê sobre os tumulos pertencentes aos tempos dos Pharaós até á era 570 A. da V. J. C.!

Quem negará que egual phenomeno não se podesse reproduzir na America central e na Jucatan?

Todos os monumentos d'esta zona americana tem, no seu caracter geral, uma grande semelhança, mas nos seus detalhes ha um sem numero de formas que os distinguem completamente. O genero d'estes ornatos, o estylo das esculpturas e os typos representados, denotam pertencerem estas obras a idades

diversas, e a familias differentes, porém de origem de uma mesma raça.

Os templos são os edificios mais antigos e os mais numerosos do Mexico; e são todos edificadas sobre o mesmo plano; com a forma pyramidal, composta de grande numero de fiadas de cantaria, estando os lados d'estas pyramides na direcção do Meridiano e do paralelo do lugar. Estes monumentos elevam-se no centro de um vasto recinto quadrado rodeado de um muro, recinto que se pode comparar exactamente aos que havia nos templos gregos, os quaes continham jardins, fontes, habitações dos sacerdotes e um arsenal. Uma grande escadaria conduzia ao cume da pyramide. Nos Téocallis mais antigos, é preferida a pyramide troncada, tendo por remate uma capella encerrando idolos de uma corpulencia colossal. Nos Téocallis mais modernos, a planta tem a forma de capella encerrando as imagens dos deuses e o altar dos sacrificios: era ali que os sacerdotes conservavam o fogo sagrado.

O espectáculo que apresentavam as ceremonias do culto, visto d'essa elevação, era o mais magestoso. Todo o povo podia gosar da vista da procissão dos Téopiqui, a qual subia e descia a escadaria da pyramide. Comtudo os Téocallis não serviam sómente como edificios religiosos: ha toda a certeza que dentro d'elles abriam sepulturas, nas quaes se depositavam os restos mortaes dos reis e dos principes.

A construção do monumento do Guatusco dá uma idéa da configuração dos templos e da arte monumental dos primitivos habitantes do Mexico.

Este Teocalli está sobre uma collina no meio das montanhas: cômõe-se de duas partes, das quaes uma serve de base á outra. A que lhe fica inferior é uma pyramide composta e troncada; divide-se em tres partes de igual altura, formando ressaltos e sendo revestida de cantaria.

Uma grande escadaria conduz á extremidade superior.

A segunda pyramide que lhe fica sobreposta divide-se no interior em tres salas rematadas por uma plataforma: mas está construida de alvenaria, guarnecida de cal colorida sem oxydo de ferro. Esta pyramide, como todas as outras d'este paiz, estavam perfeitamente orientadas, tendo a entrada voltada para o Oeste.

No Valle do Mexico, no meio da planicie chamada Micoall, isto é — *o caminho dos mortos* — vêem-se dois Téocallis, um dedicado ao Sol, Tonatim, o outro a Meztli, a Lua; estão rodeados de seus pequenos tumulos, que serviam de sepulturas aos chefes mexicanos, e foram collocados regularmente sobre varias linhas parallelas do Norte ao Sul, e Leste ao Oeste: em cima d'estes dois monumentos havia estatuas collossaes cobertas de cha-

pas de ouro que foram arrancadas pelos soldados de Fernando Cortez. A maior d'estas pyramides tem 55<sup>m</sup> de alto, e 208 de comprimento na base sobre cada um dos seus lados, vindo a ser maior que a terceira pyramide do Egypto, das tres maiores que existem n'aquelle paiz.

Quando os hespanhoes chegaram ao Mexico, encontraram este imperio muito rico e muito florescente; a capital estava dividida em quadrados regulares, formados por essas ruas principaes e canaes. Em cada quadrado se elevava um Teocalli.

O principal templo occupava o centro da cidade; ficava collocado em um vasto recinto construido de cantaria; este recinto era ornado de nichos e esculpturas, contendo aposentos para 5:000 sacerdotes.

A porta do templo era circular e parecia-se com a bocca aberta de uma serpente.

O palacio do rei Montezuma apresentava uma fórma analoga, parecendo-se com as habitações da China; compunha-se de varios corpos separados por pateos e era defendido por uma fortificação rectangular. Havia n'este edificio tres grandissimas salas e mais de 1:000 casas, todas com xadrez de marmore, estando as paredes revestidas com madeira de cedro.

O monumento mais importante pertencente a Cholula, vê-se no lugar chamado Papantla, montanha fabricada pelas mãos dos homens. A sua configuração é pyramidal; porém a linha que fórma a aresta da elevação não condiz com as arestas de que são formadas as pyramides do Egypto. Esta pyramide apresenta differentes andares, compostos de 6 corpos recntrantes uns sobre outros. O corpo ou degrau inferior tem 439<sup>m</sup> de comprimento em cada uma das suas quatro faces e uma altura perpendicular de 54<sup>m</sup>; tem 24 nichos ôcos quadrados de 1<sup>m</sup>,98 em cada lado: o segundo corpo tem 20 nichos; o terceiro 16; o quarto 12; o quinto 10; o sexto 8. Suppõe-se que deveria ainda ter um setimo corpo, o qual poderia ter 6 nichos em cada um dos seus lados. Sobre uma das faces d'esta pyramide, da qual os degraus seriam muito altos para se subir por elles ao vertice, ha uma escadaria com 120 degraus bastante espaçosos, que cortava todos os andares da pyramide, e pelos quaes se chegava á plataforma superior, onde havia uma pequena capella com o idolo Quetzacoall, o deus do ar, ao qual se faziam sacrificios.

Todas as construcções do templo dos Incas, nas cordilheiras, sobre um espaço de 90 kilometros, são de tal forma identicos a este monumento que acabamos de descrever, que parece terem sido edificadas todos pelo mesmo architecto!

N'esta resumida descripção que temos feito sobre a architectura pertencente á America, se pôde for-

mar uma idéa, ainda que imperfeita, da sua arte monumental. Conservam-se alguns vestígios, principalmente nos Teocallis, visto estes monumentos servirem todos n'esse paiz de templos; e quanto aos tumulos, poderemos suppor o caracter da sua architectura pelas fórmas, proporções e ornamentação como haviam sido executados na arte monumental do Egypto; todavia a respeito da architectura da America falta ainda o completo auxilio da interpretação dos seus hieroglyphicos, como possuímos ácerca da significação dos monumentos de Tehos. É para notar que povos tão diversos, habitando regiões tão afastadas e cultos diferentes, tenham adoptado nas construcções dos seus templos, na collocação d'esses monumentos, formas quasi identicas, orientando-se todas como se houvesse um accordo entre raças tão oppostas de culto e costumes. É verdade que a forma pyramidal não se deve julgar nascida unicamente de um principio symbolico, mas sim o resultado da experiencia, que demonstra praticamente ser a configuração pyramidal que dá maior solidez para se fazerem estes monumentos: não obstante, isso não é uma razão para que esses antigos povos não podessem ter uma mesma origem, ainda que as gerações antigas que foram habitar a America tivessem alterado ou modificado os seus costumes e cultos.

É de esperar que a commissão scientifica, que a França mandou ultimamente ao Mexico na occasião em que o seu exercito ali foi pôr termo á anarchia, tomando por exemplo o que já n'outra epoca Napoleão I havia praticado acompanhando-se de homens celebres nas letras, nas sciencias e nas artes, quando deu esse grande vôo até ao Egypto para que 40 seculos das pyramides contemplassem o valor dos seus soldados e ao mesmo tempo podessem os sabios investigar os mysterios que Memphis e as margens do Nilo tinham guardado impenetraveis á comprehensão de tantas gerações: digo, pois, é de esperar que os conhecimentos de homens tão eminentes possam romper esse véu espesso que ainda encobre a origem da raça americana, definitivamente avaliar o grão de sua antiga civilisação, certificar se ella foi transmitida pelos povos da Asia, ou creada e desenvolvida no proprio solo americano.

J. P. N. DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 49 50

Compõe-se esta estampa de diversos objectos prehistoricos de especial attenção, não tanto pela sua remota antiguidade, materia, e perfeição dos instrumentos em silex como pela raridade d'uma

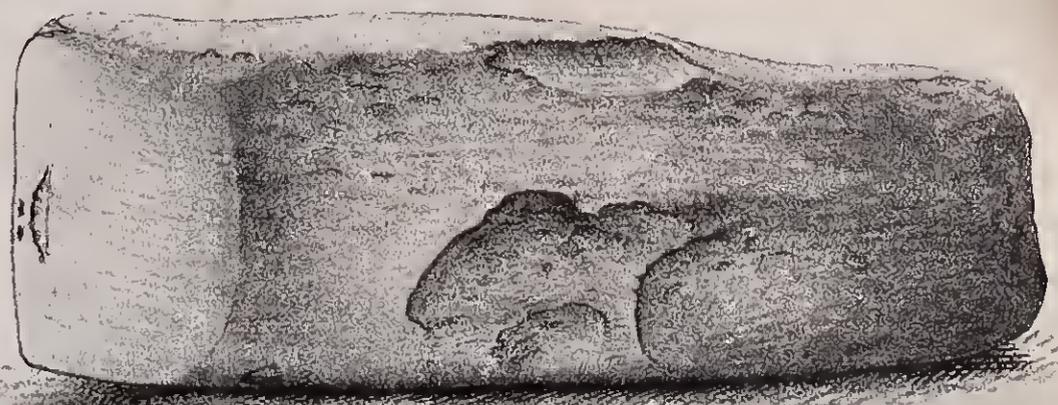
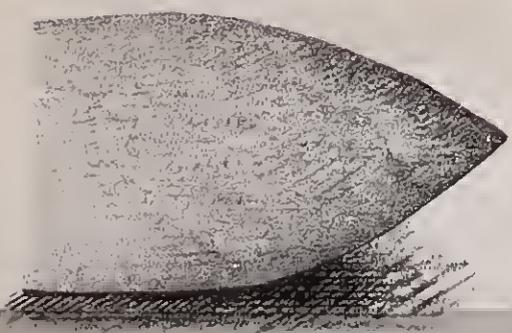
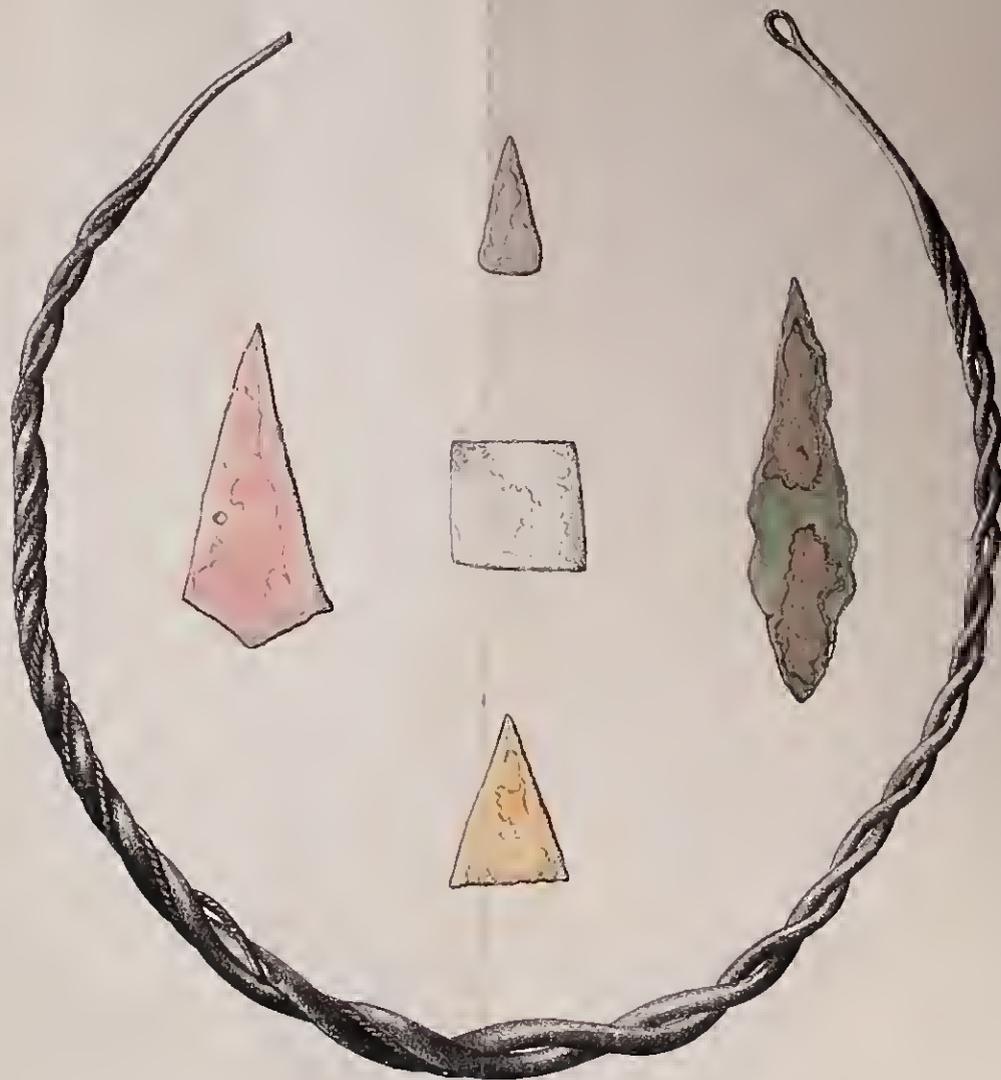
ponta da frecha de bronze; sobretudo, pela rarissima *torque*.

Os habitantes primitivos da Europa fabricaram as torques com estanho, tirado da região onde primitivamente foi descoberto, tendo sido precisos muitos seculos para se servirem do bronze: portanto, são as *torques de estanho* muito estimadas pelos archeologos, não só pela sua antiguidade, como por ser mui raro descobrirem-se nas escavações que até ao presente se teem emprehendido para os estudos prehistoricos.

Em todos os tempos e entre todos os povos da terra habitada, por mais rudes que fossem, tanto os homens como as mulheres cogitaram logo em obterem enfeites para se embelezarem, ou ostentarem os homens a preeminencia entre os seus, e mesmo patentearam testemunhos de sua coragem. Não conhecendo ainda os metaes, serviram-se de pequeninos seixos, de conchas e dentes de animaes para esse fim, mas tiveram sem duvida grande embaraço para os furar e poderem ser enfiados para trazel-os pendentos ao collo: mas a intelligencia humana, posto que ainda falta de cultura, tinha todavia o germen para lhe despertar o genio inventivo e poder satisfazer a infancia de suas aspirações. Era necessario pois inventar o meio de abrir um furo nos seixos, essas primeiras joias de que a coqueteria das mulheres lançou mão para os seus *adereços*. Pela fórma mais ou menos espherica e facilidade de se encontrarem os seixos, pareciam indicar qual seria o uso das perolas em longiquos seculos. Para resolver esse difficil problema empregavam as pontas agudas das armas dos animaes e a areia para abrirem os furos. Mas que tempo e paciencia seria necessario n'esse trabalho! Sendo preciso satisfazer a vaidade, colheu-se por esse esforço maior aptidão, porque fez discorrer que, se os furos fossem completos operando só de um lado dos seixos, elles ficariam com uma fórma conica desagradavel á vista e mesmo não apresentariam a fórma natural do objecto. Para evitar um tal defeito, fizeram esses furos atacando os dois lados do seixo, e d'este modo conseguiram no centro um orificio sufficiente para se poder enfiar, ficando mais regular o furo, porque as suas faces appareciam circulares no contorno.

Quando se fez o descobrimento do estanho e depois se soube compôr o bronze, preferiram então as torques e os braceletes, empregando outros metaes. Tal era a vontade de usarem esses enfeites! E como não tinham ainda achado o modo de dar flexibilidade ao metal para poder abrir e unir estes adornos, fabricavam-os em circulos fechados; mas quando fossem adultos, os braceletes não poderiam passar pela palma da mão. Para se não privarem d'este enfeite, logo desde a infancia enfiavam o bracelete

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.



INSTRUMENTOS PREHISTORICOS



com o seu grande diametro, trazendo-o no cimo do braço, pois com a idade engrossando o punho, elle tomaria o lugar para que tinha sido feito, tanto para o punho como para cima do tornozello. Ainda hoje os africanos têm este costume.

A torque, representada n'esta estampa, é composta de dois braços torcidos, havendo entre elles um cordão de pequenissima grossura que torna elegante o seu feitio. As duas extremidades foram achatadas a martello, tanto para rennir as duas pontas n'aquella extremidade, como para não molestarem o collo as vivas arestas quando se servissem d'ella como enfeite. Note-se que tem a precisa estabilidade para se poder alargar afim de se collocar no pescoço. Os braços d'esta torque têm, no lugar em que se ligam os dois fios metallicos, um orificio na parte achatada do lado esquerdo, faltando-lhe este furo no lado opposto, que deveria servir para lhe passar uma correia e ficar suspenso ao collo.

As delicadissimas pontas de frechas de silex de diversas côres e sua pequenez eram para a caça de pequenas aves. Foram estes instrumentos examina-

dos pelos archeologos no Congresso de Rochella em 1882, declarando poderem ser classificados *como joias celticas*.

A frecha de bronze com as arestas farpeadas, é tambem considerado objecto raro no nosso paiz; e tanto assim que o insigne archeologo francez, Mr. Cartailhac, pediu uma reproducção photographica para ser inserida na sua importante publicação acerca dos objectos prehistoricos de Portugal; pois é considerada de muito interesse pela sua raridade.

O machado de pedra, posto que não seja dos mais perfeitos que se tenham descoberto no paiz, todavia chama a attenção por ter sido achado em outro dolmen proximo d'aquelles em que as pontas de frechas foram encontradas pelas nossas investigações na proximidade da cidade d'Elvas. Estes instrumentos são de muito apreço, tanto para a sciencia, como de subida valia archeologica por ter sido feito o seu descobrimento no solo de Portugal.

J. P. N. DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

A nossa associação premiou com medalhas de prata dois distinctos socios pelas suas importantes publicações archeologicas, o sr. visconde de Castilho pelo seu livro — Lisboa Antiga, — obra dedicada á Real Associação, e o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios, pela memoria de Inscripções Arabicas de Hespanha e Portugal, em que menciona que fôra em Mertola que se havia descoberto primeiramente a segunda maneira da escripta arabe na Iberia.

O nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, adquiriu de França para o nosso Museu specimens de historia natural, de notavel interesse, achados no fundo do mar pela commissão scientifica franceza, que durante quatro mezes esteve empregada n'essas descobertas a bordo da fragata de guerra — o Talisman. — Constam de varios objectos muito curiosos achados na profundidade de 170 a 7:000 metros. Estão expostos no Museu do Carmo.

O socio o sr. commendador José Tedeschi offerceu para o nosso Museu grandes frechas e arcs dos gentios do Amazonas. Foi dadiva valiosa, pois ainda não tinhamos nenhum exemplar d'essas armas americanas.

Esteve exposta no nosso Museu a interessante collecção de estampas relativas ás armas de fogo desde a sua origem até o final do xviii seculo, em numero de 500 exemplares, representando os modelos que existem no Museu archeologico de Nurnberg. Esta offerta foi feita pelo seu distincto director, o dr. Epenwein, ao fundador do Museu do Carmo, o sr. Silva.

A util sociedade *Martins Sarmiento*, da cidade de Guimarães, propoz a troca do seu Boletim com o da nossa Associação; egual pedido recebemos das Sociedades de geographia do Rio de Janeiro e da cidade do Porto; ao que da melhor vontade a Associação annuiu.

O socio o sr. visconde de Castilho foi eleito thesoureiro da nossa Associação na sessão da Assembléa Geral de 3 de junho do corrente, para exercer este logar vago pelo obito do socio o sr. Francisco da Silva Vidal Junior.

O socio correspondente o sr. Joaquim José da Nova fez novo offercimento de objectos muito curiosos da America do Sul. Este cavalheiro, que tem presenteado por varias vezes o nosso Museu, todas as vezes que de suas viagens regressa a seu paiz, sempre se lembra de enriquecer as nossas collecções; muitos louvores merece pelo empenho que manifesta em concorrer no augmento dos nossos estudos archeologicos.

O sr. Possidonio da Silva foi fazer investigações em vestígios romanos no lugar de Calombeiros no concelho de Obidos, proximo de Olho Marinho, onde encontrou ruinas de habitações romanas na profundidade de 1<sup>m</sup>,65; tendo as cascas mosaicos com diferentes padrões, compostos de quatro cores. O espaço occupado por estes vestígios tem de superficie 1600 metros. Paredes com a grossura de 0,42 separam as casas. Tambem se descobriram ruas calçadas. Grandissimo numero de moedas de cobre se tem achado, porém bastante oxydadas. O objecto artistico o mais importante, que por emquanto foi encontrado, é a representação de um carro de bronze com quadriga, de notavel merecimento. Um exemplar de mosaico e algumas moedas trouxe o sr. Silva para o nosso museu.

## NOTICIARIO

Uma nova cidade fundada em Texas, na America, foi edificada em um dia!!!

No dia designado, os terrenos foram divididos em 442 lotes, arrematando-se em noventa segundos! Dois bairros ficaram estabelecidos na distancia de tres milhas um do outro. Ao mesmo tempo appareceram no prado, grandes carretas transportando casas de madeira: collocaram-as rapidamente sobre o solo, tendo feito os alicerces no intervallo de as descarregarem!

No dia immediato ao da posse pelos colonos, 12 casas estavam promptas; no fim de dois mezes esta nova cidade de *Mac-Gregor* contava 170 casas para uma população de 500 almas. Um mez depois já ali se publicava um jornal!

A exposição de Bellas Artes em Paris tem chamado a attenção do publico illustrado. A secção de architectura civil consta das restaurações dos edificios nacionaes; porque a parte illustrada d'esta nação toma um interesse real na conservação dos seus monumentos. Encontram-se alli dispostos os desenhos em grupos, por generos, de suas especies construcções.

Na Inglaterra nomearam inspectores de salubridade, afim de inspeccionarem as construcções das habitações na capital, não sómente durante a occasião d'essas edificações, como em epochas periodicas, quando a casa fôr habitada. Os inspectores deverão examinar primeiro os competentes projectos, e sem auctorisação não se poderão pôr em execução, conforme as disposições indicadas afim de se obter o melhor saneamento da cidade.

Quando se tomarão em Portugal estas urgentes providencias?

Uma rara descoberta, unica para a Europa Central, foi a de objectos funerarios de ouro, talvez de um guerreiro scythla, descoberta que teve logar em Vetterfelde no Niederlausitz. O mais curioso de todos elles é a representação de um peixe da grandeza de 0<sup>m</sup>,32 centímetros, em folha de ouro rebatida, mostrando sobre as escamas diferentes animaes; um tigre, um javali, um leão e um veado, agarrados uns aos outros pelos quartos trazeiros. Tem do lado do ventre peixes de diversas especies collocadas a par, e termina do lado da cabeça por uma sereia. Na parte central, no extremo opposto, ha uma aguia com as azas abertas, e aos lados, indicando a fôrma espalmada da cauda, duas cabeças de carneiros. Suppõe-se ser executado no principio do v seculo de J. C.

No proximo mez de setembro terá logar o congresso dos engenheiros e architectos em Turim. O convite é dirigido tambem aos architectos estrangeiros. Os trabalhos terão seis sessões em dias successivos, no palacio da Academia das Sciencias.

O governo hespanhol acaba de approvar a classificação de monumentos nacionaes para: a basilica de S.

Vicente — muralhas de Avila — ruinas de Numancia — collegiada de Covadonga — cgreja de S. João do Douro — mosteiro de Santa Maria de Huerta — c S. Gregorio de Valladolid. A associação central dos architectos de Madrid exulta de jubilo por ver decretada tão util deliberação, lendo-se na Revista d'esta associação: *que são joias da arte patria postas a salvo do vandalismo*, que estavam expostas a perderem-se.

Todas as nações cultas se esmeram na conservação dos seus monumentos nacionaes; e nós nos regosijamos tambem com os nossos confrades hespanhoes por tão acertada providencia architectonica.

Mr. Maspero teve a fortuna de fazer o descobrimento de um tumulo intacto egypcio, a Saggarah, que é da época da vi dynastia. Acharam dentro cinco barcas funereas com todos os remadores, um grande caixão de madeira coberto de inscrições, collares, e um grande sarcophago ainda fechado! E' a primeira vez que acontece a um europeu achar um tumulo tão antigo!

Uma grande surpresa architectonica acaba de se dar em Roma, tendo-se achado que o colossal palacio de Farneze está firmado sobre duas ordens de salas, abobadas sobrepostas. A mais inferior d'estas muitas vezes foi inundada pelo Tibre, que a tem quasi enchido com camadas de lodo do rio, perto de cinco metros. Tendo-se lavado uma das salas do andar superior, appareceu um grande mosaico com figuras pretas sobre fundo branco, representando quatro cavallos a galopar, trazendo alguns cavalleiros juntos, e outros homens nus em pé em attitude de acrobatas, representação bastante rara n'este genero.

Pela fôrma das antigas construcções das paredes d'estas salas, seriam edificadas no tempo de Scimio Severo.

Em Hespanha descobriram restos de um cemiterio romano, proximo de Talavera de la Reina. No numero dos objectos encontrados nas sepulturas, ha um anel de ouro massiço com camafeu sigilar, que representa um satyro, tendo sido tirado da phalange annular do esqueleto.

O Congresso dos Architectos Civis que se reuniu este mez em Nice esteve muito concorrido. Ali se ventilaram questões de grande alcance para a architectura. Dez mil convites se expediram aos architectos de todas as nações; a nossa associação e o seu presidente adheriram como subscriptores; o sr. Possodonio da Silva apresentou um quesito que foi aceite.

O insigne architecto mr. Carlos Granier presidiu ás sessões e ao banquete, no qual fez um *speech*, que foi muito applaudido, como sempre merece este celebre architecto, quando toma parte nos congressos para o progredimento da nossa nobre arte.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.<sup>o</sup> 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura da idade media, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA...	Pag. 97
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Iconographia christã — pelo sr. J. DA SILVA.....	» 100
Epigraphia, (continuação) — pelo sr. F. MARTINS SARMENTO.....	» 105
Explicação da estampa — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 106
Excerpto de uma publicação do sr. GABRIEL PEREIRA.....	» 107
Chronica.....	» 109
Noticiario.....	» 110
Necrologia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 112

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado do numero antecedente, pag. 88)

De todas as artes, a architectura é aquella que tem menos meios expressivos. O seu trabalho depende principalmente da materia de que se serve e de combinações mathematicas. Alem disso, opéra com menos independencia, em comparação das outras artes, sendo obrigada a fazer concessão ás circumstancias, moldando-se ás exigencias dos costumes e do clima. Todavia não se deve suppôr que julgemos principal merecimento d'um edificio a sua commodidade e conveniente divisão; ha que attender a outras condições mais superiores, as quaes devem ser observadas para elle merecer a nossa admiração.

Vitruvio, architecto do imperador Augusto, resumia em tres palavras os principios que deviam presidir á construcção de qualquer edificio. E' preciso ter em vista, dizia elle, a *utilidade* — a *solidez* — e a *belleza*. Sem duvida, em primeiro logar deve-se pensar na utilidade que terá o edificio, pois qualquer construcção deve ser perfeitamente apropriada ao seu destino; portanto, as suas distribuições serão determinadas conforme a ap-

pliação que tiver, e nunca sacrificadas a qualquer consideração de menor importancia.

Deve-se pensar em segundo logar na solidez do edificio; sendo solido tanto quanto necessario, sem se fazer despezas inuteis, empregando-se para isso os meios mais experimentados e simples. As suas formas serão diversamente desenhadas, conforme a materia em que forem executadas, marmore, pedra mais ou menos rija, ferro ou madeira.

O architecto, depois de ter preenchido estas condições, haverá concluido a sua tarefa? Ainda mesmo que observe as precedentes disposições com a intelligencia a mais profunda, se o seu talento não o elevar alem d'isto, trabalhará apenas para merecer a nossa estima; porém não terá feito ainda cousa alguma, que nos possa impressionar, que seja digna da nossa admiração, e capaz de fazer sobresair a sua reputação como artista habil e de talento. Para obter este titulo, será preciso que dê á sua obra uma qualidade mui importante, deleitar a vista; qualidade de belleza que tanto recommenda Vitruvio. Esta condição é mais difficil de se pôr em pratica, todavia é a unica que pode recommendar qualquer obra d'arte e fazer ver o merecimento do architecto.

Um monumento, para ser bello, deve-se apresentar á nossa vista com o aspecto de uniformidade e

harmonia tão indispensaveis a qualquer manifestação de belleza.

Esta lei é imposta a todos os systemas architectonicos ; applicando-se mesmo ás suas transformações, não dispensa nunca esta principal condição. Os edificios construidos a intervallos distantes de tempo, sob influencias diversas de costumes e climas, apresentam-se com apparencias mui differentes, mas se os reputarmos bellos, é porque lhes encontramos as condições de *harmonia e uniformidade*. Na idade média a architectura punha na execução das suas obras mais liberdade do que a arte grega, não obstante serem muito mais complicadas as suas combinações ; isso não obstava para o architecto primeiramente discutir, medir e equilibrar, a fim de agradarem á vista os differentes membros das suas construcções, bem como os detalhes da ornamentação. A basilica do viii seculo e o templo grego não são determinados pelo mesmo systema de proporções, pois estes dois edificios não foram delineados do mesmo modo e por isso a harmonia que resulta das suas fórmãs, não é a mesma ; entretanto, se se notasse qualquer desafinação de um detalhe com o todo, quer n'um quer n'outro, produziria em nós um effeito de desagradavel desarmonia, e lhe diminuiria muito o seu merecimento.

E essas variedades de combinações, nas quaes se podem achar a uniformidade e harmonia, são certamente uma vantagem para o architecto, mas tambem representam mais uma grande difficuldade que terá a vencer. Na natureza o Ente Supremo pôde variar as suas obras sem fim, offerecendô-nos o espectáculo da belleza sob os aspectos os mais diversos, n'esses seres sem numero que se offerecem cada um com um caracter differente ; porém n'essas obras se reconhece que a poderosa fecundidade do Creador, com bastante admiração nossa, nunca se afasta das regras eternas estabelecidas pela sua infinita intelligencia. O homem, por um insigne privilegio, trabalhando sobre a materia, parece seguir o exemplo de Deus, talhando as suas obras na natureza physica ; infelizmente, mal conhece as leis que o devem guiar n'esses seus trabalhos, não tendo nenhuma formula determinadas a seguir ; e esta alternativa indefinida torna o seu exito mais incerto, vindo a ser para si um grande obstaculo a vencer, e muitas vezes um escólho que não antevê ! Acontecerá, pois, ter o architecto de alterar profundamente regras, que nunca devia infringir, e o que ainda é mais para sentir é muitas vezes o artista mesmo não notar esse desvio imperdoavel. O esculptor ao reproduzir a figura humana, por pouca pratica que tenha da sua profissão, descobrirá sem hesitação, em comparando a copia ao modelo, se executou qualquer desproporção incompatível com os preceitos da sua arte ; em quanto o

architecto não tem por guia para as suas obras senão a sua aptidão e raciocinio baseados sobre dados, que se modificam em cada nova obra que executa : por conseguinte o merecimento mais superior n'uma composição architectural será sempre o resultado do sentimento e da inspiração do artista. O renascimento da architectura havia pretendido então estabelecer regras e formulas fixas, achava-se portanto em verdadeira contradicção com a pratica seguida na antiguidade, que tanto forcejava por imitar.

Esta independencia põe o talento do architecto em risco ; alem d'isso, auctorisando-o a applicar os mais indeterminados e diversos principios, difficulta-lhe tambem muito a apreciação das obras executadas. A critica não pode exercer-se com a mesma afouteza, no exame dos edificios de tão differentes aspectos, nos quaes, todavia, se encontram as mesmas condições. As opiniões as mais contradictorias são emitidas n'este caso, não sómente sobre tal edificio em particular, porém sobre o proprio systema de architectura, considerado na sua generalidade. Não obstante estas opiniões serem divergentes, estão comtudo de accordo sobre um ponto, que precisamos estabelecer como base essencial, e todos os criticos se conformam em declarar ser a condição de harmonia e uniformidade uma regra indispensavel para haver belleza em qualquer edificação.

Um monumento não pode indicar um pensamento com a mesma clareza, que vemos n'um painel, ou n'uma estatua. Elle despertará na nossa alma unicamente sentimentos vagos, impressões confusas ; entretanto, pode-se affirmar com desassombro, que comprehende uma representação, e esta representação nos dá o valor da sua belleza, pois será a manifestação do invisivel : axioma que já tive ensejo de demonstrar.

As combinações de fórmãs e de linhas, ás quaes pedimos as condições de uniformidade e harmonia, offerecem-nos, pelo caracter que assignalam no edificio, representações differentes, como são os diversos aspectos da natureza. As linhas horisontaes deixam o nosso espirito vaguear mais facilmente nas regiões d'este mundo ; emquanto as linhas verticaes elevam o pensamento guiado pela vista para o infinito no espaço.

Um edificio pela sua grandeza e magnificencia pôde causar-nos impressão, como acontece contemplando-se as scenas mais encantadoras da criação. « Nunca, contemplando qualquer montanha, « diz um « distincto escriptor francez, » experimentámos um « sentimento da nossa pequenez, similhante áquelle « (que nos surpreendeu admirand) a cupula de « S. Pedro em Roma, da qual as paredes pareciam « fugir da vista, e se elevavam cada vez mais, como

«arreatadas por mãos invisíveis. Foi collocando «nos ares, com uma maravilhosa grandeza, essa cúpula, que Miguel Angelo nos revelou todo o alcance do seu genio; foi-lhe preciso mover-se com ousadia na immensidade para ser sublime.» E na verdade, a significação indicada em um edificio, pelas suas fórmãs, a linguagem que nos revela, será tão facil de comprehender, como a da natureza, fazendo-se notar de qualquer pessoa que possua um sentimento elevado, e seja susceptível de uma viva sensação.

A architectura e a musica são duas artes diferentes, porém possuem esse mesmo caracter de vago na expressão, e por conseguinte têm esse mesmo privilegio de elevar o pensamento para o infinito.

Tambem o clima do paiz onde se ergue um edificio terá sem duvida contribuido para determinar a sua physionomia e aspecto; alem da significação da sua applicação especial, que nos será manifestada sempre pelo seu respectivo caracter.

Sem nos collocarmos em um ponto de vista mais vasto, podemos declarar, que os monumentos exprimem a vida, os costumes do povo para o qual foram construidos, e o templo mais especialmente se harmonisa com as crenças d'esse povo.

O templo tomou primeiramente o caracter de augusta gravidade, que a religião imprime a tudo competente ao seu mister; alem d'isso tem uma apparencia particular, conforme o culto ao serviço do qual foi erigido. Um dogma não póde só por si produzir um systema architectural. Para elle se formar devem concorrer muitas outras circumstancias. Mas se cada povo traduz a sua vida moral, pelos seus edificios de utilidade e de recreio, como não manifestará elle a sua fé religiosa no templo levantado a Deus que adora? Por menos sinceras que sejam as suas convicções dará, não obstante, uma evidente significação a essa obra, pois será o testemunho mais patente da sua crença. Os monumentos da Attica parecem divulgar-nos a existencia indolente e esplendida d'essas populações, das quaes a vida se gosava sob a mais pura atmospherã no meio dos sitios os mais encantadores. Nós ahi encontramos a imaginação arrebatadora, de que estavam animados os poetas Pindaro e Sophocles, assim como a rasão profunda que dirigia Platão nas suas theorias muitas vezes sublimes.

Porém, se examinarmos os templos gregos, reconhecêl-os-hemos tambem, como uma revelação evidente das doutrinas pagãs que dominavam n'aquelle paiz, que os povos da Attica podiam entregar-se aos prazeres da vida, a exemplo de suas divindades, ás quaes haviam attribuido as suas proprias paixões. Fazendo por esta maneira a divindade á sua imagem, elles a tinham apoucado. Ainda mais, os Hellenos não nutriam aspirações

alem d'esta vida, e por isso não se privaram de nenhum prazer. A disposição dos seus templos era a expressão d'essas mesmas crenças. O edificio, posto que perfeitamente regular, simples e harmonioso, comtudo não parecia elevar-se para as regiões superiores; a sua physionomia é caracterizada pelos numerosos pontos de apoio sobrecarregando a terra, e por linhas horizontaes do entablamento. No santuario da religião dos gregos a divindade ficava como humilhada, pois o Deus parecia estar comprimido debaixo do tecto do seu templo. Tambem, conforme affirma Plinio, a Minerva d'ouro e marfim, obra de Phidias pertencente ao Parthenon, tinha de altura 15 metros, em quanto este edificio não tinha mais de 17 metros d'elevação! Em Olympia, segundo o que descreve Strabão, o Jupiter que se adorava n'esse templo, no qual estava sentado, se por ventura se levantasse, teria rompido o telhado com a cabeça!

O genio do christianismo é mui diferente, e por esse motivo tambem mui diferente é o caracter dado aos seus templos. O christão accêita a vida como sendo um noviciado, a terra é para elle um desterro; os prazeres ephemeros encontrados na sua peregrinação não lhe fazem esquecer a felicidade da patria que aspira alcançar. O Deus da sua adoração é infinito na sua bondade; mas, pela encarnação do verbo, tem elevado até a si a humanidade. O templo deve pois representar essa humildade para com Deus, essas communicções intimas da terra com o Ceu. Por esta rasão, nas construcções ogivães, as linhas e as formas verticaes dominam; as agulhas arremessadas até ás nuvens indicam o cimo do monumento; as naves divididas e as capellas multiplicadas dão ao edificio profundidade mysteriosa; parece estar Deus residindo perpetuamente no silencio do tabernaculo, como convidando o homem a exercicios espirituaes. N'esses refugios escondidos a alma medita espontaneamente, e disfructa essas agradaveis confidencias, com as quaes o coração se esquece da terra e se eleva para o Ceu. Todas estas sensações que recebemos do monumento christão considerado em si mesmo, e nas suas relações com a religião onde elle se ergue, no pensamento que exprime, todas essas impressões se confundem em uma só, a — Esperança — operando sobre nossa alma com o maior poder. Igualmente n'um edificio, a sua significação o embellezará ainda mais com todas as recordações que lhe são proprias; pois nos referirá o seu passado, mostrar-nos-ha a intelligencia de quem o delineou, assignalando-nos tambem a constancia d'aquelles que realisaram a sua execução, ficando indicados por modo tal todos os acontecimentos de que foi testemunha silenciosa. Um monumento é como se fosse um livro, sobre o qual uma geração tivesse escripto em caracteres indeleveis a

sua vida, costumes e convicções. Elle será no futuro a revelação fiel do passado. É principalmente por este concurso de circumstancias e de recordações que o templo toma uma significação mais formal, e vem a ser um dos mais eloquentes symbolos da fé de um povo.

D'estas considerações devemos deduzir varias consequencias muito importantes, que são as seguintes: Em cada região, os edificios serão comprehendidos melhor pelo povo que os concebeu e realisou.

As gerações novas, examinando essas obras das eras remotas, encontraram as mais preciosas recordações da sua historia, o mais valioso e authentic testemunho da fé dos seus antepassados. Estas recordações dão aos proprios monumentos um prestigio sagrado, impõem respeito e imprimem-lhes um cunho que não terão obras de igual valor, cujas origens sejam ignoradas.

Para se comprehender a significação, o symbolismo de um monumento, não se deve esquecer o passado que recorda, e que n'elle está explicado. Taes memorias em sendo destruidas ou desprezadas, o edificio não conservará senão a belleza material de suas formas; despojado das suas apparencias mais expressivas, unicamente nos offerecerá um aspecto difficil de comprehender. Diz-se com verdade, que os monumentos explicam a historia e fazem conhecer claramente os factos esquecidos, porém é preciso accrescentar ser tambem a historia *indispensavel* para se obter a intelligencia d'esses mesmos monumentos. Durante muitos seculos não houve senão o desdem para com as construcções ogivales, mas as intelligencias mais elevadas não viam n'este genero de architectura apenas uma desordem indescrictivel!

Hoje em dia o estudo da archeologia fez comprehender no seu devido merecimento essas producções legadas pela idade media, causando as suas obras a merecida admiracão nas idades futuras,

ao mesmo tempo que encerram uma censura para a esterilidade da arte moderna.

Assim tambem para se comprehender a significação dos edificios gregos, é preciso vê-los na região para a qual foram delineados, fazendo-nos lembrar a existencia do povo que os fez erigir, quaes os seus costumes e as suas crenças: e nunca os deveremos julgar pelas reproducções defeituosas que d'elles se fazem. Todavia essas reproducções, tão insufficientes que sejam, teriam talvez para o povo grego ainda uma significação, que não teriam para nós. Se um atheniense do seculo de Péricles visse no XIX seculo ás cidades modernas, onde encontraria mesquinhas imitações dos seus soberbos monumentos, censurar-nos-hia sem duvida não termos de modo algum comprehendido a arte pertencente á sua patria; e, não obstante, essa interpretação defeituosa lhe faria suscitar ainda muitas lembranças queridas, causando-lhe fortes e agradaveis sensações.

Quando se estuda o progresso que teve a architectura, apresenta-nos a sua historia tres systemas principaes, os quaes se desenvolveram em differentes epochas, e em diversos povos; o primeiro foi na Grecia, no seculo de Pericles; o segundo, no paiz dos Romanos, no seculo de Augusto; o terceiro na idade media, em França.

Principiaremos por analysar a architectura grega. Examinaremos depois as differentes phasés que têm succedido na architectura, procurando explicar, auxiliado pelos auctores mais auctorizados, como se operaram essas differentes transformações, e qual pôde ser o valor de cada uma d'ellas.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

RECTIFICAÇÃO. — Na pag. 85 do numero antecedente, col. 1.<sup>a</sup>, lin. 26.<sup>a</sup> e 29.<sup>a</sup>, e na col. 2.<sup>a</sup> da mesma pag., lin. 15.<sup>a</sup>, onde se lê — *Justiniano*, deve lêr-se — *Juliano*.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### ICONOGRAPHIA CHRISTĀ

Da mesma maneira que as outras sciencias, a archeologia tem suas regras rudimentares positivamente estabelecidas; não obstante algumas duvidas a resolver, todavia aquelles que se dedicam a este estudo, não têm a presumpção de haverem vencido todas as difficuldades.

Qual será a pessoa, mesmo pouco versada nos estudos geraes que tanto distinguem o presente seculo, que ignore os caractéres particulares proprios ás

tres epochas do periodo romano-byzantino e os typos pertencentes á architectura ogival? Quem visitar as antigas cathedraes (pois é ahí que se encontra a verdadeira escola archeologica), não lhe será sufficiente a simples inspecção dos pilares, capiteis, portaes, janellas, abobadas e até as singelas paredes, para lhe indicar a sua positiva idade e basear a sua opinião sobre rasões irrefutaveis?

Comtudo não seria sufficiente ficar sómente iniciado nos segredos da archeologia propriamente chamada, e de conhecer por miudo tudo aquillo que

constitue a estrutura dos monumentos. As bellas vidraças coloridas, ornadas com um sem numero de anjos e santos, não são unicamente véos diáphanos, que deixam transparecer uma claridade celeste modificada por um reflexo purpurino que colora o recinto da oração; devemos considerá-las como sendo imagens dos nossos protectores e servirem-nos de modelos. Essas estatuas encostadas aos arcos dos portaes, esses baixos-relevos que ornam os tympanos, esses medalhões embutidos nas almofadas, essas sentinellas de marmore que vigiam de dia e de noite em roda do templo, algumas collocadas ás suas portas, outras postas nas paredes, não podem representar para nós outras tantas esphinges, das quaes não saberíamos explicar os enigmas!

Confessemos sem hesitar, que a archeologia sem a iconographia será um corpo sem alma, uma lampada de ouro, cuja luz está occulta. Poderá apresentar-nos as pedras postas com regularidade e symetria, porém n'essas pedras não se poderia, sem o conhecimento da iconographia, explicar o sentido occulto dos mysterios religiosos.

Esses antigos templos recordam-nos, em todos os tempos, o silencio venerando que se deve guardar em volta do sepulchro do Creador. Sómente a iconographia nos mostrará como desceu do Céu essa nova Jérusalem, cujas praças e ruas repercutem incessantemente o eterno *alleluia*. Essas pedras terão animação, e quando os descendentes da grande familia dos christãos findarem os seus devotos concertos, ellas continuarão a repetir com uma harmonia — *Gloria ao filho de David*.

Nossa alma, depois de haver examinado os planos e a ornamentação das cathedraes, as suas linhas mais ou menos regulares, os seus detalhes mais ou menos perfectos, não poderia alcançar o poder de dissipar a nuvem mysteriosa que enchia o edificio sagrado.

O estudo da iconographia dar-nos-ha, pois, essa faculdade.

Apresentaremos sobre a iconographia um resumo completo quanto podermos. Sem abusar da benevola attenção dos leitores, procuraremos afastar as difficuldades d'esta sciencia, indicando os principios geraes de sua facil applicação, confirmados por exemplos.

Quando se estudam os monumentos religiosos, quando nos penetramos dos pensamentos de fé que guiaram os artistas nas ornamentações das antigas basilicas, achamos um grandioso manual constantemente aberto para intelligencia dos sabios, e para a vista dos ignorantes. Para todos este livro apresenta noções claras e positivas, sobre as verdades que devem crer, sobre os deveres que terão a cumprir, e sobre as recompensas que lhes foram promettidas. Posto que o tempo e as revoluções

lhes tenham rasgado muitas paginas preciosas, todavia ainda ficaram sufficientes para poderem servir de objecto ás nossas meditações. N'elle encontraremos tudo que nos possa mais interessar, tanto sobre a nossa origem, como sobre a natureza da alma, assim como qual será o nosso fim e quaes os sacrificios que o Homem Deus se impoz para nos conduzir á fundação da sua igreja, o sem numero dos escolhidos que ella produziu; não faltando a lucta dos vicios contra o Bom, e a Virtude.

Devemos principiar por estudar a iconographia latina; todavia não esqueceremos de comprehender igualmente a iconographia grega.

O Oriente e o Occidente compozeram os mesmos quadros com os mesmos assumptos. Nas duas regiões encontram-se scenas biblicas, evangelicas e apocalypticas, calcadas quasi umas sobre as outras. As legendas são igualmente reproduzidas com os mesmos fins. Existem, não obstante, variedades que são importantes de assignalar. Os artistas gregos, de todas as epochas, applicaram-se a reproduzir, de uma maneira servil, a Escripura Santa, os Prophetas e a Theologia. Reconhece-se que elles pertenceram ao paiz classico da poesia, não pelas suas novas produções, mas sim pelo forte colorido que sabiam dar aos seus paineis. Os artistas latinos, pelo contrario, não desejavam ser estrangidos no seu pensamento; sem se afastarem dos dogmas christãos e da moral do evangelho, operavam com mais liberdade. Os primeiros seguem á risca a letra da doutrina, em quanto os segundos se guiavam pelo sentimento.

Antes de nos occuparmos d'esta materia, devemos dar uma explicação essencial para justificar o motivo de haveremos procurado sómente no centro da Europa os exemplos da iconographia christã, quando os monumentos religiosos do Norte nos apresentariam um curso mais completo para o nosso estudo, pois que reúnem tudo aquillo que a arte inspirada pela fé tem produzido de mais perfeito n'este genero. A razão d'essa preferencia é ter sido nas provincias do Norte que se geraram os sublimes detalhes da architectura ogival, e haverem projectado sobre o Meio-dia os raios do seu brilho, o que é justo reconhecer; pois ella tinha antes d'isso recebido do Meio-dia da Europa as magnificencias produzidas pela architectura romano-bysantina, e os preciosos germens da iconographia sagrada. O Meio-dia foi o berço da iconographia; o symbolismo oriental tinha-se naturalizado no paiz dos trovadores, e o sol meridional, depois de excitar a imaginação dos artistas, derramou sobre as suas obras um colorido inflammado que se procuraria em vão encontrar, approximando-nos do Norte da Europa. Admiramos sem duvida o grau de perfeição que os artistas do Norte apresentam nos seus trabalhos, porém vemos ali unicamente as copias em relação a iconographia.

Apezar do esmero n'essas reproducções, preferir-lhe-hemos, todavia, os originaes : serão talvez menos correctos no desenho, mas de certo mais opulentos no colorido. E' no seu proprio clima que se deve considerar uma planta, se se quizer observar todas as suas propriedades ; mas, sendo transplantada para uma outra região, posto que cultivada cuidadosamente, poderá desenvolver á nossa vista flores mais multiplicadas, produzir curiosas variedades, comtudo terá perdido os seus attractivos naturaes e as suas virtudes essenciaes.

A iconographia é a sciencia das imagens. Como sciencia pratica, é a arte exercida pelos santeiros de todos os seculos, umas vezes exprimindo pela esculptura, cinzeladura e pintura figuras ou factos reaes, outras vezes servindo-se de symbolos, de emblemas, e allegorias que representam por fórmulas sensiveis seres abstractos e incorporeos.

Como sciencia theorica, a iconographia é a instrucção d'essa linguagem natural ou mysteriosa que os nossos antepassados assignalaram nos monumentos, e que esses monumentos nos transmittiram. D'esta sciencia recebemos noções, com o auxilio das quaes poderemos explicar a significação das figuras que ornaram os antigos edificios religiosos, destruindo assim a nuvem que os envolvia e descobrindo os pensamentos intimos de nossos antepassados, os seus costumes, qual a sua fé, os seus progressos nas artes, e finalmente a vereda seguida pela sociedade nas suas diferentes idades.

Fica pois patente a historia do mundo, não escripta sobre os papyros e pergaminho, mas profundamente gravada na pedra, no marmore e no bronze, ou reproduzida por côres as mais vivas e attraentes.

No mesmo tempo que os primeiros historiadores faziam passar á posteridade as nobres acções dos bemfeitores da humanidade, e as proezas dos heroes, a esculptura e a pintura consagraram-se, uma com o seu cinzel e a outra com a sua palheta a conservar esses retratos venerandos e referir os factos memoraveis de sua existencia. As ruinas de Ninive, as de Pompeia e de Herculano, as frizes dos antigos edificios de Roma e de Athenas patenteam-nos que, nos mais remotos tempos, a iconographia seguia a par com a historia.

A iconographia é a parte pratica da archeologia. A linguagem vulgar é muitas vezes inefficaz para exprimir certos sentimentos da alma, sendo obrigada então a recorrer ás harmoniosas expressões da poesia; do mesmo modo tambem o homem tem necessidade da esculptura e da pintura para representar o que nenhuma lingua humana saberia expressar, que innumeradas pessoas não poderiam comprehender.

Quando o christianismo estava ainda na sua origem em um seculo de fervor e de continuados sa-

crificios, não era necessario excitar com representações materiaes o terror nas almas fervorosas pela religião ; por isso não se acharam no interior das catacumbas sómente representadas scenas de piedade ; o olhar fitava-se com satisfação sobre retratos venerandos em retabulos que recordavam a infinita caridade de Christo.

O nascimento do Messias, a adoração dos reis Magos, a fugida para o Egypto, Jesus Christo entre os doutores, a cura do paralytico, a resurreição de Lazaro, a multiplicação dos pães, o bom Pastor, umas vezes fazendo pastar as suas ovelhas, outras vezes recolhendo para o gremio aquella que andava desgarrada, taes são as feições que se encontram muitas vezes misturadas nas representações biblicas.

Os retabulos inspirados pelo Antigo Testamento foram escolhidos de preferencia, entre os que podiam dar mais animo aos primitivos christãos no meio dos combates que tinham de sustentar e de suas cruentas provas. Representa-se Noé na arca da salvação, sustentando-se no cimo das vagas que inundam a terra ; Abrahão prestes a immolar seu filho Isaac ; Moysés ferindo o rochedo, avido de fazer brotar nascentes, ou recebendo as tabuas da verdadeira Lei ; Jonas saindo sem perigo das entranhas da baleia ; ou Daniel sem receio mettido na fossa dos leões, etc.

Encontram-se tambem nas catacumbas os signaes mysteriosos que recordam ao christão os combates de seus irmãos, os seus triumphos, ou os deveres que têm a preencher, e as suas perpetuas esperanças.

E' para notar que um assumpto biblico ou evangelico uma vez admittido, era reproduzido de seculo a seculo ; ajuntava-se lhe, é verdade, novos assumptos, porém, regra geral, conservava-se o mesmo thema dos antigos.

Quando a paz foi restituída á egreja, a devoção dos fieis os dispoz a ornarem esses mysteriosos asylos para o seu culto.

A arte christã applicou-se primeiramente a ornar com pinturas a fresco os lados das catacumbas e a gravar a traço alguns signaes symbolicos sobre os tumulos. Mais tarde executaram baixos relevos nos lados d'esses tumulos, os quaes algumas vezes serviam de altares.

Apenas liberta das perseguições, a Egreja foi devastada pelas heresias. Então encontra-se repetidas vezes Jesus-Christo entre os apóstolos Pedro e Paulo, um d'elles confirmando aos seus irmãos na Fé ; o outro sendo pela sua sciencia como um facho sempre luminoso da Egreja.

Chegamos a uma epocha em que a ornamentação veiu a ser mais prodigalisada. Alem das pinturas a fresco, que se encontram de todos os tempos, alem das linhas esculpidas sobre as campas dos sarco-

phagos e baixos-relevos que já mencionamos, os vasos sagrados cobrem-se de imagens pintadas ou gravadas. Enquanto a escultura multiplicava os baixos relevos, os estatuários e os pintores exercitavam-se sobre assumptos religiosos, principiando se então a ornatar os baptisterios.

A religião tinha creado para a representar uma côrte composta de imagens; não repudiou inteiramente os typos do paganismo, apropriou-os como allegorias, depois de os ter purificado da idéa profana; e por este modo as historias e os emblemas gregos e romanos tiveram logar nas composições dos retabulos christãos.

Até ao v seculo não tinham ainda ousado representar o Redemptor sobre a cruz, contentavam-se unicamente de figurar a imagem do seu supplicio sob diferentes fórmãs, fosse como symbolo, fosse como attributo, ajuntando-se, poucas vezes, alguns instrumentos da Paixão. N'aquella época appareceu pela primeira vez a imagem do Redemptor, revestido da sua tunica sem costura e suspenso á arvore da cruz. Sómente no vii ou no viii seculo, as representações da Paixão se multiplicaram.

Na origem da ornamentação, na primeira época do periodo romano-byzantino, accresceram os mosaicos, que tinham sido postos em uso nas basilicas constantiniannas: ás vezes, substituíram pelos mosaicos as primitivas pinturas a fresco. Todos os mosaicos não eram só compostos de marmore de côres diversas; muitos eram formados de fragmentos de diferentes coloridos. No xii seculo, a pupilla das estatuas foi muitas vezes formada com vidro de esmalte, assim como a circumferencia das aureolas.

Os mosaicos historiados empregavam-se sempre no xii seculo para ornar o chão das grandes basilicas.

Os primeiros christãos deviam ter uma grande reserva na veneração exterior dedicada ás imagens, pois receavam despertar nos novos convertidos as antigas praticas da idolatria. Portanto essas imagens não faziam parte do culto, mas serviam apenas de assumpto aos prégadores.

Não obstante as protestaões dos catholicos, os iconoclastas, esses hereticos, quebraram as imagens em toda a parte onde as encontravam, e proseguiram durante 120 annos a sua obra de destruição, isto é, durante o curso do viii seculo, e a primeira parte do ix.

O occidente, posto que menos adiantado nas artes, tinha tambem as suas imagens, porém não lhes rendia nenhum culto: serviam unicamente para a instrucção dos povos, eram o livro dos ignorantes, constantemente aberto aos seus olhos.

Por esta razão é facil explicar o motivo da raridade dos monumentos iconographicos durante os viii e ix seculos.

O x seculo foi pouco fecundo na iconographia, como tambem foi pouco abundante em architectura. Os terrores que inspirava a approximação do anno 1000, que se acreditava traria o fim do mundo, haviam transido os animos e paralyzado o genio.

No xi seculo, a arte degenerada parece tomar uma nova existencia, porém reveste-se de fórmãs incorrectas. Pode-se comtudo já admirar um certo talento nos remates imitados do reino vegetal nos troncos, assim como nos arabescos, e mesmo na representação de passaros. Não havia egual facilidade para a imitação dos quadrupedes e das fórmãs humanas. Todavia a escultura exercia-se com profusão nos capiteis, nos tympanos, nos altares e nas pias bapismaes. Algumas vezes a pintura vinha com as suas variadas côres cobrir as obras de escultura, como se fosse para disfarçar os defeitos da execução.

Durante o xii seculo, a arte aperfeioa-se, o cinzelado é mais delicado, as côres mais vivas do esmalte dão um novo brilho ao ouro e á prata. A pedra e o marmore não são unicamente desbastadas; as obras apparecem executadas com mais relevo, e se o estatuário deixa ainda muito a desejar a respeito da pureza do desenho, se á primeira vista se reprova ver, algumas vezes, essas figuras descarnadas, esses bustos esguios, com membros delgados e seccos, admiramos entretanto a austera dignidade que os artistas souberam dar ás suas composições.

Os artistas que mais contribuíram para este resultado, no xi e xii seculos, para fazerem esta revolução iconographica, saíram da escola de Cluny. E' principalmente nas egrejas, que dependiam d'esta ordem de Cister, que se podem estudar com proveito os delalhes e os progressos da iconographia christã, no fim do periodo romano-byzantino.

Esses frades artistas dispunham-se ao trabalho sem ter excitado a sua imaginação pela consideração das bellezas languidas e effeminadas: os seus companheiros vestidos com os habitos de burel, as faces encovadas pelos jejuns e penitencias, o rosto sombrio e enrugado pelas meditaões, serviam-lhes para os seus modelos, portanto não devemos estranhar vêr a austeridade representada nas suas obras.

O periodo ogival não repudiou inteiramente as tradições iconographicas dos seculos precedentes. Ornavam-se os capiteis com os productos do reino vegetal e com algumas legendas. As allegorias numerosas e os symbolos com que decoravam os capiteis romano-byzantinos, desappareceram; porém os tympanos dos frontões e os arcos dos portaes foram então escolhidos para representarem as verdades evangelicas. Accrescentavam-lhes ás vezes a legenda do orago e os mysterios da vida de Christo.

Ao mesmo tempo os humbraes do portico revestiam-se de soberbos medalhões, mostrando as representações biblicas; compostas de animaes symbolicos, com signaes do zodiaco, e assumptos dos cancionistas.

Foi no xiii seculo que appareceram por cima dos altares retabulos ornamentados egualmente com representações religiosas. Antes d'esta epoca o throno episcopal, erguido no fundo da capella-mór, obstava a esta disposição, que teria privado o povo de ver a presença da principal dignidade religiosa.

Todavia a esculptura tinha obliido um novo grau de perfeição, a mão do artista era mais firme. Então já podiam levantar o lavor na pedra com uma notavel destreza, dando-lhe fórmias e contornos mais agradaveis; as attitudes das figuras eram mais naturaes, sabendo alliar-se a belleza physica á belleza moral. As grandes estatuas não se faziam já achatadas e encostadas ás paredes, ficavam affastadas do fundo e collocadas em nichos gothicos cobertos de baldaquinos rendilhados.

O desenvolvimento da pintura sobre as vidraças completou-se, podendo-se estudar o culto religioso em todas as suas particularidades, não esquecendo mesmo as legendas dos santos mais celebres d'aquelles, sobre todos, que haviam ennobrecido o paiz com os seus exemplos e milagres, e que as egrejas escolheram para seus oragos.

No xiv seculo e no xv, o dominio dos artistas santeiros engrandeceu-se, os tympanos, os arcos dos portaes, os nichos, e os pinaculos, são muito mais multiplicados que no seculo precedente: os relicarios, os vasos sagrados, os livros de orações, as vidraças dos templos, as superficies das paredes, as abobadas, as capellas que circumdam a capella-mór continuam a ser ornadas com riquissimas iconographias, ao mesmo tempo que as grades do altar-mór, com que no xiii seculo haviam já separado o côro, formaram uma barreira mais alta, junto das quaes as cadeiras do côro estavam assentes em amphitheatro, e nas tribunas entre o arco triumphal ostentavam as suas elegantes galerias as quaes separavam o côro do cruzeiro. Os xadrezes de diversos feitios não cobria então o pavimento, como se fossem um rico tapete, mas a superficie do solo ficava dividida pelas campas dos finados; umas vezes a escriptura tumular contentava-se em fazer recordar sómente por inscrições o nome e as qualidades do finado, cuja pedra fechava a sua sepultura; outras vezes representava a sua effigie como simples contorno, ou então a embellezam com embulidos no seu contorno.

Comtudo, desde o fim do xiv seculo, os miniaturistas, os pintores, esculptores e cinzeladores principiavam a affastarem-se dos typos tradicionaes; o pensamano pertendia então substituir-se á idéa Divina, o Evangelho era de uma sublimidade muitis-

simo simples: os artistas emprehenderam de abrihantar com os caprichos de sua phantasia. Foi n'esta mesma epoca que appareceu essa excessiva quantidade de macacos e de figuras mostrando carantonhas, nos quaes parece ser tão difficil explicar-se o motivo de similhantes representações.

No xv seculo, quizeram tambem apresentar uma maneira affectada na attitude de suas estatuas e figurinhas, sem adoptarem uma belleza seria e modesta. Posto que os artistas quizessem ainda empregar-se no serviço da religião, pois que a fé existia ainda com fervor, reproduzindo-seas mesmas composições como nos seculos precedentes, deixavam-se dominar pelo sensualismo; as imagens dos santos e possantas poderiam ter apparecido como ornamento em um torneio e collocar-se a par dos cavalheiros e senhoras nobres n'essas representações.

No xvi seculo, época sem pudor, pouco faltou para seguirem a arte pagã, não hesitando em imital-a. Desappareceu a iconographia christã. Um medonho chãos substituiu perfeita ordem, que não vimos seguir nos seculos anteriores; as obras primas do genio inspiradas pela fé não acharam imitadores; quizeram-se libertar da devoção para conservar sómente a tendencia degenerada do genio.

A Mythologia e a Biblia, a historia profana e a historia sagrada, o Evangelho e as superstições populares, tudo fica confundido. Aparece Marte junto de S. Miguel, anniquillando o dragão; Hercules armado de sua massa em face da religião, e apoiada sobre a cruz; a virtude é symbolizada por fórmias sensuaes; os anjos bojudos pareciam rivalisar com os satyros ainda na infancia, os quaes lhes disputavam os mysticos logares.

Os admiradores d'esta supposta renascença criticam as obscenidades executadas no seculo da fé; todavia os esculptores e santeiros christãos d'então tentavam por este modo inspirar o terror do vicio, patenteando-o no estado mais hediondo nas suas obras; com o cunho da sua fé nunca oflenderam a imaginação a mais esculpuloza, em quanto que as obras de renascença são a expressão evidente da corrupção que imperava n'essa epoca tanto na cabana do pobre como no palacio do fidalgo. Estes representavam a imagem do vicio para afugental-o, os outros pelo contrario para confirmar o seu dominio.

O xvii seculo, sem desprezar inteiramente o genero adoptado na renascença, mostrou-se todavia mais reservado. Sem duvida, apparece um pouco a confusão do sagrado com o profano, conforme a escola italiana d'esta epoca; mas em geral nos assumptos religiosos as composições eram feitas com mais recato.

A iconographia estava prestes a privar-se de um meio bastante esplendido do seu soberbo dominio; a pintura sobre vidro, já então reduzida em grande

parte a simples claro-escuro, ia insensivelmente desaparecendo. Em breve, em lugar de apresentar essa luz mysteriosa tão favoravel para as devotas meditações e que augmentava a magestade das augustas ceremonias, jorros de luz vieram derramar em todas as partes dos edificios sagrados uma claridade excessiva que ferindo a vista destruia ao mesmo tempo o recolhimento do espirito aos fieis; em lugar de se adorarem os santos collocados n'este recinto sagrado, nos respectivos altares, recordando as virtudes que haviam praticado, ficava a vista cansada de os procurar no templo, descobria-se sómente a nudez das paredes e o abandono das venerandas tradições!

No xvii seculo tinha-se principiado a desprezar este ramo da arte christã, o seculo seguinte acabou por o esquecer completamente, a indifferença sobre este ponto chegou a tal extremo, que se ficava ignorando a maneira de se executarem essas pinturas nas vidraças; apenas alguns trabalhos de entalhador em madeira, pintura a fresco ou a oleo, e pannos de raz, foram as unicas obras iconograficas de xvii seculo, pois a decadencia da arte foi o triste resultado da confusão introduzida pelo renascimento!

A' nossa epocha está reservada a gloria de restabelecer a crença na sua pureza. As obras artisticas religiosas dos nossos antepassados, ficaram perto de tres seculos em esquecimento, desprezadas com a maior indifferença e vergonhoso abandono e mesmo condemnadas por um estúpido vandalismo, intoleravel em povos civilizados. Principiemos a comprehender o que esses momentos têm de sublime, para os acatarmos com a devida veneração, e procuremos com zelo artistico reparar os estragos dos tempos e os que a ignorancia e malvez causaram; e como estão praticando as nações mais illustradas dão-nos o nobre exemplo para serem respeitadas e conservadas essas obras de remotas eras, de tanto merecimento e recordações as mais consoladoras.

Já em quasi todas as principaes cidades do mundo civilizado se constituíram sociedades archeologicas para estudarem as antiguidades que possuem, curar da sua conversação e inspeccionarem as restaurações religiosas.

Os architectos intelligentes não se guiam para estas edificações pela vontade de sua fantasia, ou pelo capricho e falta de gosto das juntas de parochia, elles são escrupulosos em seguirem os bellos exemplos d'architectura e os seus typos especiaes, a fim de evitarem os enchertos mal cabidos, o anachronismo intoleravel que destroe o caracter e harmonia architectonica dos monumentos antigos, com grave prejuizo para o estudo das bellas artes e prejudicial descredito das nações que desprezam estes pre-

ceitos e dos artistas a quem faltam o talento e o saber para exercerem a sua nobre profissão.

J. DA SILVA.

## EPIGRAPHIA

(Concluido do n.º 3, pag. 70)

Encontrada por acaso, quando eu e os meus amigos, Alexandre Peres e Antonio Montenegro, visitavamos o Freixo. Estava á borda d'um poço, servindo de suporte a uma das extremidades d'um sarilho de baldear agua. Era uma ára, cujos frisos foram em parte aparados. A brutalidade, com que foi tratada desde remotos tempos, fez-lhe saltar uma lasca, que ninguem póde saber onde pára, e que levou com certeza um G no principio da primeira linha. Para mim, porém, é muito duvidoso se o principio da segunda linha foi offendido e se devemos ler: GENIO ONCOBRICENSIVM, ou se atraz do segundo nome haveria alguma letra mais, um L, supponhamos.

Hoje a ára está em meu poder, -mas debalde me tenho cansado, para decifrar o resto, de modo a poder dar uma copia conscienciosa.

Muito duvidosamente leio na terceira linha:

ANIVS

e na quarta

V.S.A.L.M

O meu amigo José de Barros, medico do partido no Marco, encontrou mais depois no Freixo a seguinte inscrição, já conhecida, mas pouco correctamente copiada:

XI.

AA. S I O V .  
 . O M V  
 . M

Era uma ára, servindo hoje de pedestal d'uma cruz; mas os angulos da ára foram cortados d'alto a baixo, levando algumas letras tanto no principio, como no fim das linhas.

A actual povoação de Freixo assenta na área d'uma estação prehistorica e a cada passo estão apparecendo por ali objectos antigos.

XII. No tópo d'uma grande lapa, na volta do Covo (Gerez):

LV RIACI

Entre a segunda e terceira letra falta com certeza uma outra.

Esta inscrição foi-me indicada pelo sr. P. Mar-

tins Capella e copiada, quando com este meu esclarecido amigo visitei o Gerez.

XIII.

L. VALERIUS SILVA/VS  
MILES-LEG. VI. VICT.  
TVRIACO  
S. L. M.

Esta inscripção não póde dizer-se inedita, mas é como se o fosse, tão extravagante tem sido a interpretação a que deu logar a copia dos seus primeiros editores.

Segundo esta interpretação, ella faria menção de um soldado que venceu Viriato. Este glorioso soldado desapareceu, mas ficou em logar d'elle um deus, que pertencia certamente ao Pantheon, onde já estavam enfileirados Endovelico, Bormanico, etc.

Mas a que deus se dirigira este *miles legionis sextæ victricis*? Aqui a duvida. Quando encarei com a inscripção, que se acha embulida na parede d'um dos claustros do Mosteiro de Santo Thyrso e a bastante altura do observador, desconfiei logo, pela falta do V (*votum*), muito sensível no principio da ultima linha, que a pedra não estava tão inteira, como parecia á primeira vista. Com a ajuda d'uma escada, pude, eu e o sr. abbade de Santo Thyrso, examinal-a mais de perto e viu-se então que uma crosta de cal, ennegrecida a ponto de confundir-se um pouco com a côr do granito, tinha sido cuidadosamente alisada sobre parte da pedra, começando quasi em zero no L da primeira linha e alargando-se depois até o V desaparecido, provavelmente no proposito pouco sensato de dissimular alguma falha do monumento. Era possível que sob a camada de cal alguns traços de letras apparecessem. Como, porém, era tarde e uma ligeira tentativa mostrou que a camada estava tão dura, que só com muito cuidado podia ser desaggregada do granito, sem o offender, o sr. abbade Pedrosa incumbiu-se d'este trabalho. Eu tenho deante de mim uma photographia, que o meu illustre amigo mandou tirar da pedra, depois de ultimada a operação de que se encarregou e é d'esta photographia que foi tirada a minha copia d'agora.

Antes do T ha evidentemente um O. Mas se esta letra é a ultima da palavra DEO e o nome do deus é TVRIACO é o que eu não posso decidir.

XIV. N'uma lage, na bouça do Capitão, freguezia de S. Claudio do Barco:

CVLC ᵹ  
V

Ha n'esta inscripção de curioso o signal que termina a primeira linha e que se encontra no nome:

AR ᵹ

achado na Citania.

O sr. Hübner considerava este signal, como um tridente invertido, mas a mim parece-me uma ligadura de letras e tal parece ser hoje tambem a opinião do insigne epigraphista.

As seguintes inscripções são da Citania.

Publico apenas as que o sr. Hübner não publicou ainda, penso eu, bem que eu lhes remetteste copias d'ellas.

XV. N'uma pedra, servindo de ladrilho a uma praça:

C T

XVI. N'uma pedra de construcção:

ATVRO  
VIRIATI

XVII. N'uma pedra d'amollar:

CAMALI DOMI  
CATVRO

As letras da segunda linha estão muitissimo pouco legiveis; mas a sua leitura fica sob a responsabilidade do sr. Hübner, que assim a adoptou, quando visitou a Citania e pôde examinar attentamente o original.

XVIII. N'uma pedra, que serviu á construcção d'uma casa:

CAMALI.

O Socio

F. MARTINS SARMENTO.

---

#### EXPLICAÇÃO DA PHOTOGRAPHIA D'ESTE NUMERO DO BOLETIM

A copia photographica da carta autographo da rainha Isabel d'Inglaterra a um personagem em Lisboa a respeito da pretensão da casa de Bragança á successão de Portugal da era de 1580 é não sómente um muito interessante documento historico, como um rarissimo e valioso original archeologico, que pertence ao nosso illustrado consocio o sr. visconde de Alemquer. Permittiu s. ex.<sup>a</sup> que fosse publicado no Boletim da nossa associação. É mais um testemunho de quanto deseja concorrer para dar maior interesse a esta publicação scientifica.

A carta está escripta no idioma italiano, em um estylo elevado, com um talhe de letra elegante e de facil leitura (como era peculiar a todas as rainhas da Gran-Bretanha). Tem sido desejada por muitos distinctos bibliophilos, que por ella offerecem uma avultada quantia; porém o actual possuidor, que é





tambem um esmerado e esclarecido colleccionador, não a cede por preço nenhum.

Emquanto ao assumpto de que trata, não é da indole d'esta nossa publicação artistica e archeologica occuparmo-nos de semelhante contheúdo, deixando aos competentes apreciadores dar-lhe a importancia politica do intuito da auctora; mas nem por isso o autographo será menos apreciado pelos archeologos e amadores d'este genero de antiguidades.

POSSIDONIO DA SILVA.

### EXCERPTO HISTORICO

De uma interessante publicação do nosso digno consocio o sr. Gabriel Pereira apresentamos um extracto da versão que fez da 1.<sup>a</sup> parte da obra de Strabão, capitulo III, pag. 25, ácerca da Peninsula Iberica, e que será sem duvida apreciado como merece pelos leitores d'este *Boletim*.

«1. Seguindo agora, partindo sempre do promontorio Sagrado, a outra parte da costa, a que se dirige para o Tejo, observa-se a principio que a praia se encurva formando um golpho; depois segue-se o promontorio Barbarium, e logo após este a foz do Tejo: a travessia (do dito golpho) em linha recta até á foz do Tejo é de 1000 estadios.

N'esta parte da costa ha tambem esteiros; d'estes mencionaremos especialmente um que partindo do (promontorio) acima nomeado, se interna por mais de 400 estadios e (pode levar os navios ate Salacia). O Tejo com 20 estadios de largura na sua boca tem ao mesmo tempo bastante profundidade para que os maiores *transportes* do commercio é possam subir; e como no preamar forma alargando as planuras marginantes dois mares interiores d'uma extensão de 150 estadios, toda este porção da planicie se acha por este facto conquistada pela navegação. D'estes dois lagos ou estuarios (que o Tejo forma) o que está situado mais acima contem uma pequena ilha de quasi 30 estadios de comprimento, e outro tanto de largura notavel pela belleza de seus (olivaes) e vinhedos. Esta ilha vé-se na altura de Moron, (f) cidade felizmente situada sobre um monte, muito proximo do rio, e quasi a 500 estadios do mar, rodeada de fertéis campinas, com grande facilidade de communicação pela via fluvial, porque os maiores navios podem subir o rio n'uma boa parte do seu curso, e no resto, isto é ainda mais longe acima de Moron, que de Moron ao mar, conserva-se navegavel ás barcas e outras embarcações dos rios. Foi esta cidade que Bruto denominado o Callaico escolheu para base de operações na sua campanha contra os lusitanos, que se terminou

como é sabido pela derrota d'estes povos. Além d'isto fortificou Oliosipon que é pela sua posição a chave do rio, com o fim de dominar o seu curso e de poder sempre fazer chegar por esta via até ao sen exercito as provisões precisas: por natureza estas duas cidades são as mais fortes entre as que marginam o Tejo. Este rio alem de mui piscoso abunda tambem em mariscos. Nasce entre os celtiberos e atravessa successivamente o paiz dos vetões, e os dos carpetanos e dos lusitanos, dirigindo ao poente equinoxial. Até um certo ponto do seu curso corre parallelamente ao Anas e ao Betis; mais longe porem affasta-se d'elles correndo estes rios então para a costa meridional.

2. Dos povos de que acima fallámos como habitando as montanhas, os mais meridionaes são os oretanos que se dilatam mesmo até á costa na parte da Iberia comprehendida para dentro das columnas de Hercules. Ao norte d'estes encontram-se os carpetanos e mais longe os vetões e os vacceus, cujo territorio é atravessado pelo Durius; é em Acontéa effectivamente, cidade dos *vacceus* que habitualmente se passa este rio. Deparam-se emfim os callaicos, occupando grande parte das montanhas, e que tendo sido por esta razão mais custosos de vencer mereceram dar o seu nome ao vencedor dos Lusitanos e acabaram mesmo pelo alargar na actualidade impondo-o á maior parte dos povos da Lusitania. As cidades principaes da Oretania são Castallon e Oria.

3. Ao norte do Tejo dilata-se a Lusitania habitada pela mais poderosa das nações ibericas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. Este paiz tem por limites ao sul o Tejo, a oeste e norte o oceano, a oriente as possessões dos carpetanos, dos vetões, dos vacceus e dos callaicos, não fallando senão dos povos conhecidos, porque ha outros que não merecem nomear-se, por obscuros e pouco importantes. Em opposição ao que acabamos de dizer alguns auctores modernos comprehendem entre os povos lusitanos estas tribus limitrophes. N'este caso devemos dizer que estas tribus confinam, pelo lado de léste, os callaicos com o territorio dos asturos e dos ceitiberos, e as outras todas com a Celtiberia. O comprimento da Lusitania (até ao cabo Nerio) é de 3000 estadios; emquanto á largura medida do limite oriental á costa maritima que a defronta é muito menor. Toda a região oriental é elevada e aspera, mas para baixo até ao mar o paiz só forma uma planura apenas interrompida por algumas montanhas de altura mediocre. Assim Possidonio não approva Aristoteles por attribuir o phenomeno das marés á disposição d'esta costa e da Maurusia, como se o refluxo do mar fosse devido á elevação e á natureza esparcelada d'estes extremos da terra habitada que recebendo a onda com dureza naturalmente deviam repellil-a do mesmo modo: de facto as costas da Iberia, como Possidonio o nota com razão, consistem na sua grande maioria em dunas muito baixas.

(f) Muller identifica Moron com a Myrobriga de Ptolomou.

4. O paiz que descrevemos é rico e fertil; rios grandes e menores o cortam, todos vindos do oriente, correndo parallellos ao Tejo; na maior parte pódem subir-se, e arrastam palhetas de ouro em grande quantidade. As mais conhecidas d'estas correntes a partir do Tejo são o Mundas (*g*) e o Vacua; ambos podem subir-se a curta distancia apenas. Vem depois o Douro cuja origem é mui longiqua, banha Numancia ou Nomania e muitos outros logares pertencentes quer aos celtiberos quer aos vacceus; os grandes navios mesmo podem subil-o por 800 estadios quasi. Cortam-se ainda outras correntes e chega-se ao Léthes. Este rio que os authores chamam tambem ora Limeas, ora Oblivio (*h*), desce egualmente da Celtiberia e do paiz dos vacceus. O mesmo acontece ao Bænis que lhe succede: o Bænis ou Minio, como algumas vezes lhe chamam, é de todos os rios da Lusitania o maior, e muito, e pôde subir-se como o Douro pelo espaço de 800 estadios. Segundo Posidonio vem, como o Douro, do paiz cantabrico. A foz é dominada por uma ilha e protegida por uma dupla restinga a cujo abrigo podem os navios fundear. Notemos aqui uma disposição natural bem feliz: os leitos de todos estes rios estão mui profundamente cavados, o bastante para conter as ondas da maré na enchente, o que obsta aos alagamentos e impede que as planicies proximas sejam inundadas. O Benis foi o termo das operações de Bruto; para cima d'este ainda se encontram outros rios correndo parallelamente aos precedentes.

5. Os ultimos povos da Lusitania são os artabros que habitam parte do Cabo Nerio. Na visinhança do mesmo cabo que forma a extremidade tanto do lado occidental como do septentrional da Iberia habitam os celticos, proximos parentes das margens do Anas. Conta-se com effeito que um bando d'estes ultimos emprehendera outr'ora uma expedição em companhia dos turdulos contra os povos d'esta parte da Iberia, e entrara em desordem com os seus alliados logo na margem ulterior do Liméas, e perdendo em tal occasião para cumulo de desgraça o chefe que o commandava se espalhou no paiz decidido a permanecer ahi, o que fez dar ao Liméas esta denominação de rio do Léthes ou do Olvido. As cidades dos artabros estão agglomeradas em roda d'um golpho conhecido pelos maritimos que praticam estas paragens pelo nome de *porto dos artabros*. Hoje todavia dá-se aos artabros mais vulgarmente o nome de Arotrebas. — Trinta povos (*i*) diversos habitam a região comprehendida entre o Tejo e a fronteira dos Artabros; mas, ainda que este paiz seja naturalmente rico em fructos e gado, e tambem em ouro, prata e outros metaes, a maioria d'estes povos re-

nunciou a aproveitar estas riquezas naturaes para viver vida de salteadores; sempre na verdade viveram em guerras ou entre si, ou com os seus visinhos além do Tejo, até que os romanos puzeram fim a este estado de cousas fazendo descer os povos da montanha para a planicie, e reduzindo a maior parte das suas cidades a simples burgos, fundando ao mesmo tempo algumas colonias entre elles. Fôram os serranos, como facilmente se cré, que iniciaram a desordem; habitando um paiz triste e selvagem, possuindo tão sómente o necessario, desceram a cubiçar o bem de seus visinhos. Estes por sua parte tiveram para os repellir de abandonar os seus proprios trabalhos e como elles mesmos se puzeram a guerrear em vez de cultivar a terra, o paiz pela falta de cuidados cessou de produzir alguma cousa, nem mesmo os fructos que lhe eram naturaes, a ponto de-se tornar em verdadeiro abrigo de salteadores.

6. Os lusitanos segundo contam são excellentes para armar embuscadas e descobrir pistas; são ageis, rapidos, dextros. O escudo de que se servem é pequeno, só com dois pés de diametro, a parte anterior é concava; trazem-no suspenso ao pescoço por correias, não se vê um só com braçadeiras ou fivellas. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho, outros, mas em pequeno numero, usam cota de malha e o capacete de triple cimeira; em geral os capacetes são de couro. Os peões teem tambem enemidas, e cada um leva muitos dardos compridos na mão; alguns servem-se de lanças com ponta de bronze. Diz-se ainda que entre os povos das margens do Douro ha alguns que vivem á maneira dos Lacedemonios, untando-se com azeite e servindo-se de almofaças e de estufas aquecidas com pedras vermelhas ao fogo ou ardentes, depois banhando-se em agua fria; comendo só uma vez ao dia, sendo a comida bem preparada, na verdade, mas em extremo frugal. Os lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das victimas, observam tambem as veias do peito, e tiram tambem certas indicações do simples contacto. Consultam mesmo em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente do *sagum* para o sacrificio, e quando a victima cae com o ventre aberto pela mão do aruspice tiram o primeiro presagio da propria queda do corpo. Muitas vezes tambem cortam a mão direita aos captivos e as offerecem aos deuses.

7. Todos estes montanhesees são sobrios, bebem só agua, deitam-se no chão; teem cabellos compridos e fluctuantes á maneira das mulheres, mas, para combater, cingem a fronte com uma ligadura. O seu principal alimento é a carne de cabra. Nos seus sacrificios ao deus Marte immolam tambem bodes, e os prisioneiros de guerra e cavallos. Conforme ao uso dos gregos fazem hecatombes de cada especie de victima. Celebram jo-

(*g*) Munda ou Muliadas nos manuscriptos.

(*h*) Talvez o mesmo nome em tres idiomas diversos, sendo Limeas na linguagem do paiz.

(*i*) Alguns manuscriptos dizem cincoenta. Plinio conta quarenta e seis povos na Lusitania.

gos gymnicos, hopliticos e hippicos, nos quaes se exercem no pugilato e na carreira, e simulam escaramuças e batalhas campaes. Nas tres quartas partes do anno o unico alimento na montanha são as glandes de carvalho, que seccas, quebradas e pizadas servem a fazer pão: este pão póde guardar-se por muito tempo. Uma especie de cerveja feita com cevada é a bebida vulgar; enquanto ao vinho é raro, e o pouco que se fabrica é em breve consumido nos grandes banquetes de familia tão frequentes entre estes povos. Em vez de azeite servem-se de manteiga: comem assentados, ha para isto bancos de pedra dispostos em roda das paredes onde os convivas tomam logar segundo a idade e a posição. A comida circula de mão em mão. Mesmo bebendo os homens põem-se a dançar, ora formando côros ao som da flauta e da trombeta, ora saltando cada um de per si a ver quem mais alto salta e mais graciosamente cahe de joelhos. Na Bastetania as mulheres dançam tambem misturadas com os homens, cada uma tendo o seu par defrente, a quem de vez em quando dá as mãos. Todos os homens vestem de preto e a dizer a verdade não deixam os seus *sagos* servindo-se d'elles como de cobertores nos seus leitos de palha secca: estes mantos como os dos celtas são feitos de lã grosseira ou de pello de cabra. As mulheres só usam mantos e vestidos, de côr feitos de fio crusado. Nas terras interiores só se conhece pela carencia de moedas o com mercio de troca, ou então cortam-se laminas de prata em bocadinhos que se dão em pagamento do que se compra. Os criminosos condemnados á morte são precipitados; mas os parricidas são lapidados fóra do territorio alem da fronteira mais afastada. As cerimoniaes do casamento são as mesmas que na Grecia. Os doentes, como antigamente se usava entre os assyrios são expostos nas ruas, para provocar assim os conselhos dos que padeceram as mesmas molestias. Anteriormente á expedição de Bruto estes povos não se serviam senão de barcos de couro para atravessar os estuarios e lagos do seu paiz; hoje começam tambem a ter embarcações cavadas n'um só tronco d'arvore, mas o uso ainda está pouco divulgado. O sal que recolhem é vermelho — purpura, e só se torna branco sendo pisado, tal é o genero de vida d'estes montanhezes, e, como já o disse comprehendo sob esta denominação os diversos povos que marginam o lado occidental da Iberia até ao paiz dos vascões e aos montes

Pyreneus, a saber os callaicos, asturos e cantabros que todos teem na verdade um modo de viver uniforme; poderia sem duvida fazer uma lista d'estes povos mais extensa, confesso que me não chega a coragem para tanto, retrocedo ante o fastio de tal transcripção, imaginando demais que ninguem terá prazer ouvindo nomes como os de Pleutauros, Bardyetas, Allobrigos, e outros ainda menos harmoniosos e menos conhecidos.

8. Demais nem só a guerra originou entre estes povos os rudes e selvagens costumes, estes nasceram tambem do afastamento extremo em que seu paiz se acha das outras regiões, pois para lá chegar tanto por mar como por terra são precisas jornadas mui longas, e naturalmente esta difficuldade de communicações lhes fez perder os sentimentos de sociabilidade e humanidade. Cumpre dizer todavia que hoje o mal é menor em consequencia do restabelecimento da paz e das frequentes viagens que os romanos fazem nas suas montanhas. Restam ainda algumas tribus que até ao presente menos teem participado que as outras n'esta dupla vantagem; estas conservam um caracter mais feroz, mais brutal, sem contar que na maioria d'ellas esta disposição natural é augmentada provavelmente pela aspereza dos logares, e pelo rigor do clima. Mas, torno a dizer, estão hoje terminadas todas as guerras; os proprios Cantabros que de todos estes povos eram os mais ligado aos habitos de salteadores, foram domados por Cezar Augusto, assim como as tribus que os avisinham, e, em vez de devastar como d'antes as terras dos aliados do povo romano, tomam agora as armas para defender os proprios romanos; tal é tambem o caso dos Coniacios (j), (dos Aruaci), que habitam (a cidade de Segida), nas origens do Ebro, (dos Belli e dos Tythos). Mais ainda Tiberio, pela indicação de Augusto seu predecessor, enviou para estes paizes um corpo de trez legiões, cuja presença já tem feito muito, não só para pacificar, mas ainda para civilisar uma parte d'estes povos.»

O Socio

GABRIEL PEREIRA.

(j) Talvez os «Concani» mencionados em Horacio, Pomponio Mela e Silio Italico.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O nosso digno consorcio o sr. D. Pedro Belenguer foi nomeado professor de mathematica, na academia geral militar da cidade de Toledo. Pelas suas publicações scientificas e reconhecido talento adquiriu

riu jús a esta subida consideração, que nos causou immenso prazer. Felicítamol-o por este honroso cargo.

O distincto presidente do instituto de sciencias em Philadelphia presentou-nos com instrumentos prehistoricos descobertos em Nova Jersey e em Ohio. Pelo bello estado de sua conservação, e por serem os

primeiros objectos archeologicos que possuimos pertencentes aos Estados-Unidos da America tornam-se de grande estimação para as collecções do nosso museu; sendo muito para agradecer a este sabio archeologo a sua apreciavel offerta. E' igualmente lisonjeiro para a nossa associação que aquelle instituto nos quizesse distinguir entre os da Europa com esta singular consideração.

De Alemquer recebemos nova dadiva do nosso estimado consocio o sr. José da Cunha Peixoto, que nos enviou um marco milliarario da epoca de Augusto.

O nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, na sua recente digressão ao Minho, teve a fortuna de achar no extremo do concelho de Vianna do Castello uma pequena igreja da era de 1145, a qual conserva ainda o typo primitivo da architectura *Roman*. Officiou ao Governo para ser incluída no numero dos edificios de 2.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes, tanto pela sua remota antiguidade como por ser raro specimen no nosso paiz de architectura do XII seculo.

O nosso socio honorario, o sr. conde de Marsy, remetteu de Paris mais outra importante collecção de obras litterarias e de archeologia para a biblio-

theca da nossa associação. Afóra o interesse que essas publicações merecem pelas materias de que tratam, ha ainda para nós maior estimação, pelas repetidas finezas que devemos áquelle illustre cavalheiro, incansavel em nos obsequiar.

A redacção do nosso Boletim foi contemplada com um convite para assistir á inauguração do monumento ao benemerito general marquez de Sá da Bandeira. Reconhecendo a especial distincção com que a patriotica commissão, que mandou erigir aquelle testemunho publico de merecida gratidão, nos quiz honrar, mais lhe agradecemos a sua lembrança, visto que as publicações artisticas nacionaes, por mais modestas que sejam, tambem podem concorrer aos actos publicos em que se preste veneração aos homens que bemmereceram da patria, quando cavalheiros illustrados teem a iniciativa d'estes actos.

Do Estado de Saxe Weimar recebemos uma remessa de 10 livros ácerca da historia e archeologia da antiga fundação da Thuringia, offertados pelo professor doutor Mr. Schafer, da afamada universidade de Iena, vindo augmentar o numero de obras importantes que possui a nossa bibliotheca.

## NOTICIARIO

Pela quarta vez a Sociedade dos artistas francezes distribuiu as recompensas no palacio de Industria em sessão solemne aos 23 de junho, tendo obtido os artistas expositores em architectura subsidio a um artista para se ir aperfeçoar na Italia e na Grecia, uma medalha de 1.<sup>a</sup> classe, quatro de 2.<sup>a</sup> classe, tres de 3.<sup>a</sup> classe, e oito menções, recompensas estas concedidas pelo governo francez.

Em Amsterdam abriu-se concurso internacional para a edificação de uma casa de Commercio. Dos dez projectos julgados os melhores receberá cada artista um premio de 1000 florins. O jury designará depois cinco d'estes architectos laureados para um novo concurso sobre o mesmo programma para definitivo resultado, havendo cinco novos premios de 10:000, 6:000, 5:000, 4:000, 3:000 florins. O jury será composto de 11 membros, entre os quaes haverá 2 architectos neerlandezes, 1 de Bruxellas, 1 de Allemanha, 1 da Austria, 1 de França, onde foi eleito o nosso socio correspondente Paula Sééklé.

No mez de abril descobriu-se uma sepultura gaulleza em França. O esqueleto achava-se sobre o fundo de um carro, o qual estava forrado com uma grade de ferro, cujas chapas tinham estrias parallelas para impedir que o guerreiro podesse, durante o combate ou conduzindo o carro, escorregar. Adiante da roda do lado direito d'este carro estava o esqueleto de um javali, vendo-se entre as costellas uma comprida faca de mato, tendo o punho feito de osso com esculpturas.

Em 1849, mr. Auguste Comte, director do *National*, concebeu o plano de um almanach, que, segundo os seus annuncios, devia regenerar o mundo. Vejamos o que mr. Comte imaginou!

O anno devia ser dividido em treze mezes, com um dia complementar ou dois, segundo o anno era commum ou bissexto.

Conservavam-se os nomes dos dias e dos mezes, mas cada mez compunha-se de quatro semanas completas, começando invariavelmente á segunda feira, e acabando ao domingo: d'esta maneira de contar resultava o decimo terceiro mez, que se chamava final.

Cada um dos dias, e cada um dos mezes tinha a sua consagração especial e o seu patrono. O anno era dividido em tres grandes épocas, durante as quaes se devia honrar especialmente: a antiguidade, a idade media, e a preparação moderna.

Antiguidade. Janeiro, fevereiro, março, abril e maio.

Janeiro, era consagrado á *theocracia inicial* e dedicado a Moysés. Os patronos dos quatro domingos eram: Numa, Boudha, Confucius e Mahomet.

Fevereiro, consagrado ao *pensamento antigo*, dedicado a Homero. Patronos dos domingos; Eschylo, Phidias, Platão e Virgilio.

Março, consagrado á *philosophia antiga*, dedicado a Aristoteles. Patronos: Thales, Pithagoras, Socrates e Plutarco.

Abril, consagrado á *sciencia antiga*, dedicado a Archimedes. Patronos: Hippocrates, Appollonius, Hipparcus e Plinio, o antigo.

Maio, consagrado á *civilização militar*, dedicado a Cesar. Patronos: Themistocles, Alexandre, Scipião e Trajano.

Idade media.—Junho e julho.

Junho, consagrado ao *catholicismo*, dedicado a S. Paulo. Patronos: Santo Agostinho, Hildebrand, S. Bernardo e Bossuet.

Julho, consagrado á *civilização feudal*, dedicado a Carlos Magno. Patronos: Alfredo, Godefroy, Innocencio III, e S. Luiz.

*Preparação moderna*—Agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro e final.

Agosto, consagrado á *epopeia feudal*, dedicado a Dante. Patronos: Aristoteles, Raphael, Tasso e Milton.

Setembro, consagrado á *industria moderna*, dedicado a Guttemberg. Patronos: Colombo, Vaucansen, Wat e Montgolfier.

Outubro, consagrado ao *drama moderno*, dedicado a Shakespeare. Patronos: Calderon, Corneille, Molière, e Mozart.

Novembro, consagrado á *philosophia moderna*, dedicado a Descartes. Patronos: S. Thomaz d'Aquino, Bacon, Leibnitz, e Heine.

Dezembro, consagrado á *politica moderna*, dedicado a Frederico. Patronos: Guilherme, o taciturno, Richelieu, Cromwell e Luiz XI.

Final, consagrado á *sciencia moderna*, dedicado a Bichat, Patronos: Galilco, Newton, Lavoisier, e Gall.

A segunda-feira era consagrada ao *casamento*; a terça á *paternidade*; a quarta á *filiação*; a quinta á *fraternidade*; a sexta á *domesticidade*; o sabbado á *mulher*, e o domingo á *humanidade*.

O dia *complementar* commum era consagrado á *feira geral dos mortos*.

O dia *addicional* era consagrado á reprovação solemne dos tres principaes retrogados da humanidade: Justino, Filippe II e Napoleão Bonaparte.

Além das consagrações, das dedicações e dos patronos que acabámos de indicar, cada um dos dias, como no calendario gregoriano, estava sob a protecção, não de um santo, mas de um personagem celebre com um titulo qualquer, o que produzia 364 protectores ordinarios e 136 supplementares.

No numero d'estes novos santos figuravam: Hercules, Sapho, Mahomet, Anacreonte, Tibullo, Ovidio, Mario, Boccacio, Rabelais, Carnot, as senhoras de Stael, Lambert, de Lafayette e Roland, lady Montaigne, Voltaire, Diderot, Walpol, Cabanis, Buffon e Goethe.

Consta que mr. Comte, quando concluiu a sua obra, concebeu a ideia de inscrever alguns vivos na sua lista das celebridades dignas de veneração do genero humano.

N'um domingo pensou em entender-se para esse fim com alguns personagens, e o primeiro a quem se dirigiu foi a mr. de Blanville, professor do jardim das Plantas, mas este, apezar das sollicitações e instancias, recusou figurar n'aquelle quadro.

Parece que mr. Comte não proseguiu no seu proposito.

Colhemos estes apontamentos, e aqui os deixamos, sem commentarios, como uma prova de verdadeira excentricidade.

A China occupa uma extensão de 6:410 kilometros em longitude do norte ao sul, sobre 3:064 em largura. Compreheende a China propriamente dita, a Mongolia e a Manchuria e os estados tributarios da Coréa e do Thibet.

Na China, propriamente dita, as cidades principaes são Pekin, Shanghae, Cantão, Amoy, Ning-Po, Foutcheou, Macau.

Na Mongolia: Urga, Ili, Yarkand, Kashgar.

Na Manchuria, da qual uma grande parte ao norte está actualmente sob o dominio russo, Mongden e Saghallen-Oula.

Na Coréa: King-ki-Tao.

No Thibet: Lassa e Ladohk.

As principaes montanhas são: o Altai e o Yablonio, o Thian-Shan, que parte da extremidade occidental do imperio chinez, atravessa o deserto de Gobi, alcança a cadeia do In-Shan e se estende quasi que até Pekin a este. O Kuen-Lun parte do Indukusth,

atravessa o Thibet e China propriamente dita. O Kin-Gan vae do norte ao sul e liga o Yablonio a In-Shan.

Os rios da China são o Amor, ou Saghalien; o Pei-ho que corre a este de Pekin e se lança no golpho de Petchóli; o Hoangho ou rio Amarello que nasce no Thibet, segue um curso tortuoso atravez da Mongolia e da China propriamente dita, e lança-se no mar Amarello; o Yang-tso-Kiang ou rio Azul, que toma egualmente origem no Thibet, corre do sul para o nordeste, rega a China propriamente dita, e lança-se no oceano Pacifico; o Choes ou Si-Kiang ao sul da China propriamente dita, que corre a este de Cantão e se lança no golpho do mesmo nome.

Ao centro da China está o grandelago de Tonlinghou, a este o Poyanghou, no Thibet o Paltet e o Tengri-Nor, no deserto de Gobi o Konkonnor.

As ilhas da China são Hainan, vasta extensão de territorio quasi esteril; Macau, no golpho de Cantão; Hong-Kong, que pertence aos inglezes, e cuja cidade principal é Victoria; Formosa, ilha fertil no oceano Pacifico; ao norte com Tai-Wan por capital; Lon-Chon, ao nordeste de Formosa, capital Napakiang, e Chusan ao sul da embocadura de Yangtse Kiang.

O clima da China é temperado ao norte, quente ao sul. Os frios e os calores são nas diversas estações muito intensos, Os tremores de terra são alli frequentes.

A China é uma monarchia absoluta. O imperador em chinez Tonng Chi, toma o nome de Filho do Ceo.

Auxilia-o um conselho de estado chamado Tsongli-Yamen composto de seis membros e de muitos ministros.

A religião do povo é o budhismo, anterior dez seculos ao christianismo. O fundamento d'esta doutrina é a successão das creações e das destruições do globo.

Em certos periodos os boudahs, espiritos poderosos e perfeitos, descem sobre a terra, reformam-n'a, transformam-n'a, d'ahi voltam para a sua mansão celeste.

Até agora tem havido quatro d'esses apparecimentos de boudahs. A quinta deve preceder a destruição definitiva do globo. Este ultimo apparecimento está fixado para o anno 4:457 da nossa era. O grande padre do boudhismo é o Tale-Lama ou grande Lama do Thibet, que passa por ser uma encarnação divina.

O imperador e as classes elevadas professam a doutrina de Confucius ou Kungfu Tsi. Toleram-se outras seitas.

A China produz ou fabrica a seda, o algodão, a lã a porcellana, o papel, o vidro, o marfim, o tabaco, o assucar, o ferro, estofos, etc.

Exporta chá, panno, porcellana, rhuibarbo, seda, chales, madeiras, marfim esculpturado, etc.

Importa tecidos de lã, peles, espelhos, vinhos, opio e muitos artigos europeus.

A população total da China, segundo o recenseamento de 1881, é de 285.000:000.

O exercito chinez compõe-se, segundo as mais recentes auctoridades, de 678 companhias de manchus, de 211 companhias de mongols, de 10:600 chinezes, todos montados, e de uma infantaria de 500:000 indigenas. Compreheende, além d'isso, alguns irregulares.

A frota chineza, segundo a estatistica de 1882, comprehende 60 navios com 300 peças. N'estes ultimos tempos, a marinha militar da China augmentou-se com muitas canhoneiras construidas na Europa e principalmente na Inglaterra.

# NECROLOGIA

## O CONSELHEIRO JOÃO MARIA FEIJÓO

No dia 5 de julho do presente anno, finou-se o ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro João Maria Feijóo em avançada idade, causando este triste acontecimento bastante magoa a todas as pessoas que tinham tido a fortuna de conhecer tão respeitavel ancião, e muito principalmente aos seus amigos e consocios que tanto o prezavam pelo seu saber e excellentes qualidades.

Dedicou-se primeiramente aos estudos militares com grande distincção, e foi depois por muitos annos Lente na Escola do Exercito de Lisboa, como *Director d'estudos da secção de sciencias de construcção*, onde grangeou a veneração dos estudantes militares pela sua affabilidade e pelo zeloso empenho de lhes proporcionar o maximo conhecimento no curso de que era digno professor.

No anno de 1842 foi preferido pelo municipio da capital para tomar a inspecção dos incendios, onde adoptou pela sua superior intelligencia, actividade e zelo acertadas providencias n'este importante serviço publico; porém, annos depois resignou este emprego por um brioso comportamento.

Tendo vagado o logar de professor na antiga escola de architectura civil na aula dos Caetanos, foi nomeado para exercer esta cadeira, e ali patenteou possuir os precisos conhecimentos n'este especial ensino, aliás pouco vulgar nas pessoas que se dedicam aos ramos scientificos militares, ás quaes são muito mais necessarios outros para exercerem a carreira a que pertencem: havendo tido o sr. Conselheiro Feijóo no exercicio do ensino de architectura civil a satisfação de habilitar muitos noveis architectos civis, que ainda hoje se distinguem pelos seus trabalhos na sua nobre profissão.

Havendo nós fundado a Associação dos Architectos Civis Portuguezes em 1863, depois da organização d'esta sociedade com os socios architectos que convidámos para este fim, resolvemos admittir no numero dos membros fundadores tão distincto professor da especialidade. Foi portanto o sr. João Maria Feijóo considerado um dos socios fundadores como em testemunho que esta Associação lhe dava, reconhecendo-lhe o seu saber architectonico.

Na criação d'esta Associação foi eleito vice-presidente, logar que occupou até ao seu fallecimento; exercendo tambem o de presidente nos annos de 1867 e 1868. Era um dos socios que mais se interessava pelo desenvolvimento d'esta Associação, auxiliando-a com a sua illustração e assiduidade nos mais importantes trabalhos que temos emprehendido.

Na sessão solemne de 1877, apresentou este insigne socio uma notavel memoria ácerca da construcção primitiva das abobadas do edificio monumental de Alcobaça, na qual assignalava o subido grão de merecimento n'esta remota construcção por ter sido o primitivo trabalho executado por aquelle modo em Portugal. A maneira lucida e a mestria da descripção scientifica d'essa dissertação, mais uma vez manifestaram seu profundo saber no ramo da construcção civil; recebendo pela mesma memoria merccidos louvores e applausos dos seus consocios e do auditorio que assistia á sessão solemne d'esta Associação. Em attenção por um tão instructivo trabalho architectonico, tivemos a honra de propor este distincto socio para ser laureado com uma medalha de prata, que lhe foi unanimemente conferida, recebendo esse bem merecido premio das mãos do nosso Augusto Presidente Perpetuo e Protector S. M. El-Rei O Senhor D. Fernando na sessão publica de 16 de julho de 1878.

Quando alguém se faz notar no seu paiz por superiores conhecimentos scientificos e adquire por distinctos serviços artisticos a estima e veneração, não só dos seus confrades, mas tambem de todas as pessoas illustradas, é sem duvida o seu passamento recebido sempre com grande pezar, deplorando-se como deploramos a respeito do conselheiro Feijóo a perda de um cidadão prestante, de um brioso militar, de um cultor desvelado de um dos ramos mais considerados das Bellas-Artes. Foi pois com profunda consternação que os socios da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes soffreram a dolorosa separação de um tão prezadissimo collega: será a sua memoria conservada sempre com ufanía para Portugal, fará tambem proclamar o seu nome com veneração por todos que souberam avaliar o verdadeiro merito, e não olvidam os relevantes serviços dos distinctos architectos.

J. POSSIDONIO DA SILVA.

## BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Architectura da idade média, (continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	Pag. 113
Da architectura manuelina — pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS.....	• 117
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA.	
Explicação da estampa — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	• 125
Chronica.....	• 126
Noticiario.....	• 127
Necrologia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	• 127

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

~~ARCHITECTURA DA IDADE MÉDIA~~

(Continuado do numero antecedente, pag. 100)

## Architectura Grega

Já ha muitos seculos a Grecia offerecia aos viajantes unicamente ruinas quasi informes, pedaços de muros, peristylos interrompidos, frontões quebrados e despojados de suas excellentes esculpturas, fragmentos mutilados ou enterrados no solo : apenas algum templo tem conservado, *no todo*, o caracter da sua primitiva estructura ; todavia essas mesmas ruinas despedaçadas não deixam de ser um objecto constante de estudo para o architecto. É porque, mesmo no silencio que as cercam, ellas nos narram ainda a vida e a inspiração de que estava animado o povo que ergueu n'outros tempos esses celebres monumentos. Os edificios da Attica foram obras de uma nação que possuia no mais subido grau o sentimento da arte e do bello.

Os gregos talvez não empregassem nenhuns meios novos para construir os seus edificios, porém deram aos monumentos disposições de uniformidade e precisão de detalhes, que não eram conhecidos entre nenhum dos outros povos da antiguidade. Foram os primeiros a regular os apoios dos seus edi-

ficios, deram-lhes as devidas proporções, coordenação nas molduras e ornatos taes, que depois se julgou poderem-se deduzir d'estes modelos principios invariaveis. As columnas collocadas pelo modo como praticaram os gregos, foram consideradas disposições perfectas, a *Ordem* sublime na architectura.

Os seus architectos empregaram tres ordens nos seus edificios, a dorica, a jonica e a corinthia ; porém serviam-se principalmente da *ordem dorica*, cuja gravidade convinha melhor aos seus templos.

A columna de cada ordem não apresentava sempre na sua altura o mesmo numero de *diametros*. A dorica conta de 4 a 6. No Parthenon, a obra prima da Grecia, construido pelos architectos Ictinus e Callicrates, e ornado inteiramente por Phidias, as columnas contém 5  $\frac{1}{2}$  *diametros* na sua altura, e os *diametros* d'essas columnas eram quasi eguaes ao espaço entre ellas.

O fuste da ordem dorica assenta geralmente sem intermedio sobre o solo, como se vê no templo de Thesêo, que serve hoje de museu de archeologia em Athenas. O capitel era sempre composto de um abaco quadrado, da moldura do contorno do ovono ; por cima havia 3 a 4 listellos, e a separação do fuste era indicada por um entalho bastante profundo feito na columna.

Ha varios exemplos da ordem jonica. A sua columna, termo medio, tinha  $8\frac{1}{2}$  diametros, o fuste era vazado por 24 estrias separadas por um listello; e diminuia a columna para cima do primeiro terço inferior; como foi imitado depois nas ordens pertencentes ao renascimento das artes. As volutas formavam-se de um maior numero de linhas do que na jonica moderna, e essas linhas entranham-se no meio do capitel.

A ordem corinthia empregavam-na os gregos sómente nos monumentos de menor importancia. O mais bello exemplo conhecido pertence a um pequeno edificio chamado vulgarmente a *Lanterna de Demosthenes*, porém mais propriamente designado pelo monumento choragico de Lysicrates. Esta ordem, de uma elegancia perfeita, serviu de modelo aos romanos e aos modernos para as suas de igual natureza. Entre as ruinas da Attica notam-se templos mui vastos da ordem corinthia; mas esses monumentos datam da dominação dos romanos na Grecia.

É preciso considerar que os gregos deixaram para a posteridade as suas ordens completas, ás quaes, no correr dos seculos, *nem um unico elemento novo* saberá acrescentar. Os romanos e os modernos não fizeram mais do que combinações differentes, reunindo de um outro modo as diversas partes dos modelos gregos. Só a idade media, depois do que havia sido creado pela antiguidade, teve o privilegio de inventar outro typo de architectura, fazendo verdadeiras innovações tanto na decoração como na construcção.

Os gregos crearam ainda novas combinações de ornamentos, com que completaram as suas ordens. A cidade de Cariata, cujos habitantes se tinham ligado com os Persas, sendo tomada e os homens passados ao fio da espada, as mulheres foram conduzidas captivas para trabalhar como escravas em Athenas. Depois d'este acontecimento representaram-nas apoiando os entablamentos nos edificios publicos; d'ahi veio executar-se um sem numero de cariatides como ornato architectonico. Da mesma sorte, em Lacedemonia, alguns guerreiros, tendo obtido a gloriosa victoria de Platéas sobre um numeroso exercito dos Persas, os despojos do inimigo foram empregados em erigir um portico, no qual, para se eternisar a vergonha dos vencidos, e animar os Lacedemonios a defenderem a sua liberdade com nobre vigor, appareceram os captivos revestidos das suas armas, na attitude de sustentarem o tecto d'esse portico. Os gregos serviram-se igualmente de pilstras, imitação de columnas chátas, ligadas ás paredes.

Para complemento das Ordens, usavam pôr frontões no remate das fachadas, formadas por um triangulo isosceles muito abatido, emmoldurado pela cornija do entablamento e ajustado sobre os lados como perfil da mesma cornija.

Como poderam os gregos dar aos seus edificios formas especialmente tão bellas e as melhores que se têm produzido, e mesmo presentemente em ruinas se admiram ainda?! Como conseguiram fixar elementos, que ainda hoje os architectos se sujeitam a copiar, não obstante terem decorrido tantos seculos?! Este facto exige uma explicação.

Os gregos tinham tomado por norma o bello, esse sentimento que possuíam em subido grau, guiados pela sua perspicacia e raciocinio, sentimento tão delicado que recebiam as mais formosas impressões e as conservavam com extremo cuidado; a intelligencia superior com que observavam e comparavam, não lhes admittia cousa alguma, de que não podessem dar uma satisfactoria explicação. Alem d'isso os artistas gregos viviam no centro de uma população, que se interessava em todas as obras d'arte, como uma das suas mais empenhadas glorias, julgando com sagacidade e applaudindo o merecimento.

D'aqui provinha para os artistas um poderoso estimulo e a mais proficua de todas as criticas. As obras d'arte são bem julgadas, principalmente quando dependem da opinião geral de um povo civilizado. Então ninguem se pode lisonjear de ser preferido pela protecção das pessoas influentes, ou repellido pela intriga dos seus émulos, mas sim esperar alcançar fama e devida recompensa unicamente obtida pelo seu verdadeiro merito. Em Athenas, nenhum artista era excluido, a todos instigava a emulação, essa nobre rivalidade do talento, tão favoravel aos grandes progressos nas artes, e tão necessaria para apurar o gosto publico. A fim de demonstrarmos a verdade d'estas observações, procuremos descobrir a intelligencia dos gregos, analysando as obras de arte, principalmente a maneira como consideravam as ordens de architectura. Todas as disposições eram motivadas pela reflexão, todas fôram sabiamente escolhidas. Por exemplo, as estrias das columnas apresentavam uma série de sombras e reflexos de luz, indicando muito melhor serem as columnas cylindricas; do mesmo modo acontecia com as agulhas, que ornavam as cathedraes da idade media: o effeito é mais engenhoso obtido pelas molduras que separam as faces cortadas e pelos cogulhos salientes sobre os quaes fere a luz para dar maior relevo á sua configuração. O agradável contorno da moldura para os ovonos entre o abaco e o fuste da columna, é perfeitamente calculado, pois faz apparecer melhor a cabeça da columna; sem elle ficaria escondida na sombra produzida pelo mesmo abaco, e apresentaria, por esta forma engenhosa, uma linha intermediaria entre as linhas horisontaes e as linhas verticaes do fuste. Os triglyphos serviam para indicar pontos de apoio, pois que o espaço comprehendido entre elles, chamado metopa, estava na primitiva roto, e a archi-

trava tinha por esse modo uma apparencia menos pesada. São pois os triglyphos uma composição para indicar pontos de apoio verticaes, mostrando ser uma peça collocada para suster o peso, e accusando as estrias que o ornã com as columnas. Os templos gregos estavam a maior parte das vezes cobertos de pinturas, mesmo na parte externa; e por isso os triglyphos eram frequentemente pintados em côr azul, e os metópas em *encarnado* muito vivo. Ora esta applicação de côres sobre o marmore não foi admittida por mero capricho da parte do architecto, mas tinha por motivo tornar mais distinctos os diversos membros da ordem, e servia egualmente para fazer mais evidentes os membros de maior importancia, como eram as columnas, que às vezes não sobresahiam bastante na situação em que estavam collocadas.

A parede da parte interna do templo, e na frente da qual se collocavam as columnas, estava coberta de um tom tostado, para melhor absorver a força de luz. Sobre esta parede representava-se o aparelho da cantaria, sendo indicadas as separações das pedras por linhas mais claras, e com todas estas bem calculadas precauções, as columnas não sómente pareciam sempre mais brilhantes, como tambem se destacavam muito melhor pelas linhas verticaes de suas estrias, ficando defronte das linhas horisontaes do aparelho que representava a pintura.

Na architectura grega a maneira de se edificar não se disfarçava nunca; a serventia de cada um dos membros de que se compunha a edificação, ficava sempre indicada com evidencia, e esta condição não era desprezada por consideração alguma. Se as columnas eram substituidas por estatuas, postoque estivessem collocadas com bastante elegancia, reconhecia-se, pela sua firmeza, qual o peso que sustinham, e haverem ali sido postas com o fim de preencher o verdadeiro logar de apoio e indicar a precisa estabilidade.

Os architectos gregos, sempre guiados pelo seu elevado sentimento e sã razão, não se restringiam a uma regularidade material; e por isso na ordem dorica não collocavam de uma maneira regular os triglyphos sobre a prumada das columnas e ao meio das entre-columnas; punham pois um triglypho na extremidade do frizo, assim como nos angulos do edificio os triglyphos estavam mais juntos uns dos outros, e as columnas ficavam n'esses pontos mais proximas umas das outras, tendo mesmo mais grossura do que as restantes do edificio. Havia sem duvida n'isto irregularidades surprehendentes; porém, esses habeis architectos sabiam que nos angulos do edificio tinham principalmente necessidade de serem mais consolidados, e portanto era judicioso collocar ali apoios mais numerosos e mais fortes: além d'isso o espectador intelligente reconhecia o motivo d'esta

disposição, a vista ficava satisfeita bem como o entendimento.

Pela mesma rasão o artista grego tinha o bom senso de se libertar das leis banaes de uma rigorosa symetria. Muitas vezes essas leis observadas cegamente, servem mais de estorvo, compromettem a boa distribuição de um edificio, e são geralmente postas em pratica para se desculpar quem possui uma imaginação esteril e um talento acanhado.

Os gregos empregavam a maior liberdade quando o julgavam util; cite mos o *Erectheium*, chamado tambem *Pandrosium*. Foi preciso em Athenas construir um templo no sitio onde Minerva tinha feito nascer uma oliveira, e Neptuno a despique fez arrebentar uma nascente; o solo, posto que fosse muito desigual, devia comtudo ser respeitado tal como se achava estabelecido. O architecto aceitou esta condição sem hesitar para resolver a difficuldade, construindo, por assim dizer, tres templos, com disposição, altura e caracter variados. Não haveria um unico architecto moderno que se atrevesse a executar por este modo, diz mr. Viollet Le Duc, o sabio e distinctissimo architecto francez, e todavia o *Erectheium* é citado como uma obra perfeita em todo o sentido, pois as suas diferentes partes se ligam com uma harmoniosa união; o effeito teria ficado menos magestoso e menos completo se se tivesse adoptado uma unica ordem de architectura, ainda mesmo desenvolvida em proporções mais consideraveis.

Os architectos gregos, em logar de serem escravos das fórmãs que tinham adoptado uma vez, imaginavam outras novas conforme a oportunidade; e assim faziam de uma mesma ordem applicações diferentes, conforme o caracter do templo em que era empregada. Não obstante usarem com esta liberdade, todavia observavam escrupulosamente as leis da harmonia: isto é, na mesma ordem todas as partes tinham um caracter identico de importancia, de simplicidade, ou de riqueza. Se a ordem jonica é mais elegante que a ordem dorica, e mais rigorosa no seu todo, o capitel mais ornatado, a sua columna apresenta estrias mais numerosas e assenta sobre uma base circular, os membros do entablamento estão mais subdivididos; ficam todas as partes da composição da ordem, da mesma maneira como se praticava com os membros de uma estatua, para conservar perfeitamente o mesmo caracter; pois seria tão fóra de proposito collar um entablamento pesado sobre columnas delgadas, como pôr o busto de um Hercules sobre o torso de um Apollo.

Esta preocupação do artista grego em estudar a harmonia necessaria em uma ordem, e para obter a delicadeza empregada nos seus detalhes, exercia-se muito mais ainda sobre a composição do edificio

e do seu effeito geral. O architecto. antes de assentar a primeira pedra do monumento, via-o apparecer na sua imaginação com todos os seus contornos recortados através o espaço, com a sua physionomia apropriada, e para produzir effeito no logar escolhido para a sua construcção.

Os templos mais importantes apresentavam-se no seu todo mui mais completos; eram formados por um vasto recinto precedido de uma importante construcção, que já por si era um magnifico monumento, vinha a ser o *propyleo*. Este primeiro recinto estava rodeado de porticos, e continha algumas vezes um bosque sagrado, uma fonte, grutas, pequenos édiculos encerrando thesouros e columnas apresentando gravados os tratados de paz e alliança. Tambem havia outros monumentos religiosos levantados por diversos povos. Às vezes ornavam estes logares alguns theatros; tanto assim, que o mais magestoso theatro construido pelos gregos ficava comprehendido no recinto do templo de Esculapio em Epidaurio.

Para assentar uma cidade, como para erguer um monumento, não nos preocupamos muito menos, que os gregos o faziam, afim de reunir as condições de belleza. Sem duvida, quando elles escolhiam o logar para uma cidade na qual deviam defender a sua independencia, seguiam as considerações necessarias para a precisa segurança, da mesma maneira as vantagens que poderiam obter d'esta ou d'aquella situação; porém, examinando o feito pittoresco com que as cidades gregas se apresentavam á vista, é evidente tambem quanto poderosamente operava o sentimento das artes nas populações da Attica. O culto da arte na nação grega não era unicamente um mero accessorio, ou uma superflua ostentação; ella influa tanto na escolha de logar sobre o qual a cidade seria edificada, como determinava tambem todos os detalhes pertencentes á sua construcção e decoração. E' por este motivo que ainda hoje as cidades gregas, não obstante estarem tão devastadas, conservam um poderoso attractivo para os artistas, mesmo examinando unicamente esses sublimes fragmentos dispersos — tal é a força ingente que se apodera de nós, attraídos pela perfeição das obras das bellas-artes.

#### Architectura romana

Vejamos como se distingue e differe a architectura romana.

Os romanos tiveram uma architectura muito diferente da que havia na Grecia; pois quizeram possuir, sobre toda a superficie das diversas regiões submettidas á sua dominação, edificios com aspecto de magnificencia, construidos de preciosos materiaes e cuja sumptuosidade fosse digna do imperio. Souberam sempre delinear com uma intelligencia admiravel

os planos dos mais vastos e complicados edificios publicos, como foram as thermas, e os amphitheatros. As thermas, ou banhos publicos, apresentavam as maiores difficuldades na sua construcção, por causa das successivas casas de todas as dimensões que era preciso construir, reunidas em grupo, attendendo aos serviços especiaes de cada uma d'ellas. Havia no edificio banhos mórnos, quentes e frios, e salas aquecidas em diferentes temperaturas para evitar as rapidas transições; havia outras salas para os exercicios, com espaços reservados aos espectadores, além de salas para conversação, bibliothecas e vastos recintos cobertos, destinados para os exercicios ao ar livre, com assentos para o publico presenciar os jogos. Tambem comprehendia aposentos para habitação dos empregados.

Quando era preciso adoptar uma distribuição mais complicada, os architectos romanos não hesitavam nunca em a delinear, detidos pela difficuldade da execução: por exemplo, preferiam a forma elliptica para os seus amphitheatros, posto que fosse menos custosa a sua construcção, se tivesse sido completamente circular, porque não apresentava aquella edificação como esta os mesmos córtes em todas as suas partes. Era impossivel dirigir as brigas se fosse o amphitheatro circular, pois os combatentes se ajuntariam sempre todos no mesmo ponto do centro; em quanto, sendo os dois diâmetros desiguaes, conforme os eixos da ellipse, com esta configuração haveria maior espaço para cada grupo. brigar sem confusão; aqui está por que os romanos adoptaram esta ultima disposição, não obstante ser muito mais dispendiosa.

Tão pouco se preocupavam de nenhuma maneira com os detalhes, isto é, o esmerado acabamento das suas formas, cousa sempre executada pelos gregos com a maior perfeição. Os romanos tratavam as artes como um simples objecto de utilidade, e serviam-se d'ellas como de uma instrucção boa, indispensavel para a civilisação e dignidade do imperio; por isso deram sómente importancia secundaria á arte propriamente chamada. Tambem não gastavam tempo em discutir sobre as regras a seguir, pois apparecendo algum obstaculo, resolviam-no sem lhes dar cuidado o modo como o faziam. Em Athenas, os artistas eram sempre festejados e respeitados, em Roma ficavam desprezados e esquecidos, sendo os edificios unicamente conhecidos pelos nomes dos imperadores, no reinado dos quaes haviam sido levantados; como prova o amphitheatro de Flavio (o Coliseo), as thermas do imperador Caracalla, o Pantheão de Agrippa, etc. Em quanto em Athenas não se ignorava que a decoração do Parthenon era obra de Phidias, os romanos não curavam de conhecer os nomes dos architectos que haviam dado os planos dos seus faustuosos monumentos.

Passarei agora a indicar succintamente em que consistia o modo da construcção e o caracter da decoraçáo que lhe era propria.

(*Continúa.*)

J. P. N. DA SILVA.

## DA ARCHITECTURA MANUELINA

Conferencia feita na Exposição districtal de Coimbra em janeiro de 1884 (1)

I. Poderá crear-se um estylo original portuguez na arte?

Existiu algum dia esse estylo, e quaes os elementos que o caracterisavam?

Tem-se fallado entre nós da originalidade de um estylo nacional, representado nos monumentos do seculo XVI, como de um facto historico provado e já absolutamente indiscutivel.

Deu-se a esse estylo até um nome: chamou-se *manuelino*, isto é, pertencente á epocha de El-Rei D. Manuel (1495—1521).

Ninguem se lembrou, porém, de perguntar pelas provas, de reclamar a apresentação de documentos coevos, que attestassem, por exemplo, que os contemporaneos tiveram uma idea clara dos caracteres d'esse estylo manuelino; que affirmaram de algum modo uma tendencia de innovaçáo, quer directamente nos tratados especiaes theoreticos, quer indirectamente pela bocca dos eruditos, dos antiquarios ou archeologos da Renascença portugueza:

Ninguem se lembrou de comparar os monumentos, dispersos pelo paiz, entre si; e depois com os estrangeiros da mesma epocha; ninguem calculou se entre a arte portugueza do primeiro terço do seculo XVI e a arte hespanhola da mesma epocha existiu alguma relação de afinidade, quando era natural suppor alguma influencia, algum parentesco, já provado e amplamente documentado no campo litterario. (2)

Para dizermos tudo, parece-nos até que se ignorava a procedencia do termo *manuelino*, attribuindo uns a invençáo a Herculano, outros a Garrett. Era o que dizia a tradiçáo.

O caso explica-se com relação a Herculano pela propaganda a favor dos monumentos nacionaes na revista *O Panorama* (vol. II, 1838, pag. 277 e vol. III, 1839, pag. 43). Garrett tinha feito umas phantasias sobre a arte, com pouco criterio, no *Retrato de Venus*, publicado em 1832, e cheio de erros grosseiros, como se não existissem as obras fundamentaes de Fiorillo e Lanzi, publicadas, a primeira de 1798—1808 em 3 volumes, a segunda em 1789, em 3 volumes e com 5 edições até 1818, augmentando mais 3 volumes (*seis*, desde a 3.<sup>a</sup> edição) nesse intervallo. (3)

É em outra obra, na 4.<sup>a</sup> edição (1854) do poema

*Camões*, muito divulgada, que apresenta o estylo manuelino, nos seguintes termos:

«No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tão unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*. . .» Segue uma nota a este termo: «Obteve por fim o indicado nome, hoje europeu, depois das ultimas publicações do sr. conde de Raczyński» (pag. 200 das notas á 6.<sup>a</sup> edição do *Camões*, 1863).

Garrett, escrevendo isto, esquecia-se do que assignara em 1846, n'um artigo intitulado *Claustro de Belem*, que começa assim:

«Eu creio seguramente que se podem marcar cinco epochas d'arte em Portugal, cujos estylos estão bem caracterisados em seus diversos monumentos. O primeiro, o affonsino ou quasi gothico; o segundo, o joannino ou quasi normando; o terceiro o manuelino, propriamente portuguez; o quarto, o philippino ou da restauraçáo classica; e o quinto, finalmente, o moderno. Do novissimo, que poderia marcar uma sexta epocha, temos poucos exemplares, e não vem para aqui fallar d'elle.

«O claustro de Belem, pertence incontestavelmente á terceira epocha ou estylo, o manuelino.

«Bem como a igreja d'aquelle mosteiro, elle ta é infeixa com suas inredadas laçarias todos os generos de architectura, confundindo as tradições gothicas e as reminiscencias classicas, a simplicidade normanda e a luxuriante riqueza moirisca.

«Domina, porém, sobre tudo um pensamento nacional e proprio, uma ideia de grandeza, de elevaçáo e de entusiasmo, que geralmente caracterisam aquella epocha desde os ultimos annos de D. João II, no glorioso reinado de D. Manuel, no de seu filho e até o fim dos heroicos e malfadados arrojos de D. Sebastião.

«Vê-se que aquillo foi edificado com o ouro, os diamantes e as perolas do oriente, e com a não menos rica especieria d'essas terras de maravilhas, conquistadas pela industria e pelo valor dos edificadores.

«Que o architecto se chamasse, João de Castilho Jacomo de Bruges, ou como quer que se chamasse, que fosse portuguez ou castelhano, flamengo ou de Italia, elle inspirou-se das coisas portuguezas, e foi portuguez o que executou.

«Tão portuguez como os *Lusiadas*. E não é dizer que nos *Lusiadas* o genio da Renascença não seja visivel. Ha alli reacção classica; ha sim, como a ha em Belem. As estancias do poema e as pedras do mosteiro são lavradas no mesmo espirito, foram desenhadas pela mesma inspiraçáo. E ambos teem, o poema e o convento, um sabor normando *no fundo* que nenhum ornato classico lhe póde tirar.

«Basta reflectir nos *Doze de Inglaterra* quanto aos

*Lusiadas*, no talho e altivez das columnas e abobodas quanto ao edificio.

«Pretendem que em Belem domine o gosto flamengo. — Não sei em quê nem por quê. Ha similhanças certamente entre todos os edificios n'esta epocha por toda a parte da Europa, especialmente em Hespanha, França e Flandres. Mas o character do estylo manuelino é tão singularmente marcado, que mais depressa influiria do que receberia influencia de outros generos contemporaneos.

«Os antigos já disse que todos os reuniu e fundiu.

«A pintura é muito mais cosmopolita: a architectura e a poesia de um povo que tem verdadeira vida, como o nosso tinha então, fazem-se independentes, qualquer que seja a sua origem e tomam character nacional.

«Por isso Belem e os *Lusiadas* são as cousas mais indisputavelmente portuguezas e originaes que ha em Portugal, apesar de todas as suas tão variadas reminiscencias.

«Em algumas notas ao meu poema *Camões* e n'outros bosquejos similhantes *eu lancei esta ideia* (4) ha bastantes annos; lisonjeio-me de a ver hoje tão seguida, e adoptada até por distinctos estrangeiros.

«A Batalha é bella, mas quasi puramente normanda (sic) etc.»

Isto escrevia Garrett em 1846, com quarenta e sete annos.

Não fariamos a longa citação, se não fosse certo, infelizmente, que a auctoridade litteraria do nosso poeta deu fóros de axioma a esse arazoado absolutamente phantastico.

A citação transporta-nos a uma epocha em que os nossos poetas tinham escolhido o dominio da arte para as suas divagações estheticas, considerando-o como um appendice dos campos elysios, da abobada azul celeste e do céu estrellado; a illusão ainda continúa, posto que o *fundo normando* e o episodio *moirisco* decabissem um tanto dá moda.

Estas divagações de Garrett tiveram voga, repetindo os seus admiradores a descoberta, até que em 1879 restabelecemos a verdade, apontando para a declaração de Varnhagen, já de todo esquecida. (5)

O completo abandono dos estudos de archeologia nacional, a ignorancia das fontes da nossa pequena litteratura d'arte deu esse resultado: não se saber já que foi um auctor de merito secundario—F. A. Varnhagen—o inventor do estylo *manuelino*.

Já declarámos em outro logar (6) que nada tínhamos a dizer «contra a designação: estylo *manuelino*, applicada aos edificios mandados construir no tempo de D. Manuel; porém, até hoje ninguem provou pela critica comparada dos monumentos da Europa meridional, que os caracteres d'esse estylo sejam

propriedade exclusiva dos nossos edificios da epocha *manuelina*.»

A citação de Varnhagen é um pouco extensa mas não menos caracteristica do que a de Garrett, ao qual forneceu noticias archeologicas. (7)

«El-Rei D. Manuel, não satisfeito com deixar o seu nome escripto nos foraes que reformou de quasi todo o reino, e no codigo legislativo, bem conhecido com o nome de *manuelino*, e nas muitas moedas que metteu em circulação, e nas numerosas cartas que assignou para enviar pelos archivos do orbe, escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino—já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando—já nas portas das egrejas que construia. E com effeito as espheras armillares e as cruzes de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente sim, em geral, á epocha anarchica do renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular *sui generis* que ainda se ha de caracterisar com o nome talvez de *manuelino*, quando por cá se der importancia á architectura, que decerto está mui longe de consistir nas regras materiaes de Vignola e seus numerosos commentarios seguidos nas escolas.

«Estudem-se nos originaes as obras de Belem; Santa Cruz de Coimbra, que foi n'esse tempo reedificada de novo; as das capellas imperfeitas e arrendadas da crasta real, e a portada da freguezia na Batalha; e em Thomar as do claustro antigo e casa do capitulo no convento, e as da igreja de S. João na villa; as das egrejas principaes em Soure e Evora d'Alcobaça; e em Lisboa a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o convento da Pena em Cintra, o de S. Francisco em Evora e restos de construcções em Serpa, Tavira e outras terras.—Só um tal estudo, feito depois de muita observação, nos poderá conduzir a estabelecer com firmeza os caracteres d'esse estylo *manuelino*, cujo typo é Belem.»

Tivemos o cuidado de estudar tudo isso, com attenção.

Em Tavira não ha nada de *manuelino*, presentemente. (8)

S. Francisco de Evora nunca pertenceu a esse estylo; é um monumento caracteristico do reinado de D. João II, e lá tem o seu emblema favorito (9) por cima da porta principal, debaixo da galilé. Em compensação, podia ter citado outros edificios—fragmentos—do mesmo genero; mas esse pouco bastou para deduzir os seguintes *caracteres* que apresenta só como amostra «por emquanto»: (9 bis)

1.º Predominio da volta inteira e do sarapanel, terminando nos dois extremos em arcos de circulo, o que, segundo Willis, (10) é privativo do gosto arabico.

2.º Tolerancia de todas as mais voltas; tendo as de

ponto subido um retabulo em harmonia, e as de mais de dois centros, pinhaes ou maçanetas cahidas das intersecções ou vertices dos angulos curvilineos.

3.º Abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados, e com pedestaes; sendo o enfeixamento disfarçado não só pela falta de arestas salientes de permeio, como pelas muitas esculpturas e meios relevos.

4.º Demasia e extravagancia nos ultimos, comprehendendo bustos em medalhões, arabescos, bestiaes, brutescos, etc.

5.º Ausencia de molduras rectas, ou, antes, cortes amiudados d'ellas por outras curvas, preferindo nos labores meias laranjas, bocetes, etc. (11)

6.º Os corpos verticaes interceptados por nichos de estatuas, ou por baldaquins torreados e rendados.

7.º As hobreiras das portas, frestas e janellas quasi sempre compostas, e as bases das columnas, cortadas por salientes repetições angulares, de character peculiar.

8.º Entre as harmonias de construcção — odio continuo a repetições de monotona egualdade nos capiteis, misulas e gargulas, e em geral falta de symetrias bilateraes.

9.º Adopção de preferencia ás formas oitavadas, assim na ramificação dos artozes, como nas bases octogonas.

10.º Finalmente, o uso continuo, para os florões e ornatos de logares mais notaveis, das divisas conhecidas do rei fundador, e, além d'isso, tanto em Belem como na Batalha, mais uma esculpida n'um escudo, sobre que pedimos o parecer dos eruditos.

Consiste n'um ramo de tres flôres eguaes, com pés e folhas quê parecem de liz. — Cremos, até pelas occasiões em que as achamos empregadas, que symbolisam a ordem d'Aviz, de que fôra grão-mestre el-rei D. João II, e o era então seu filho natural D. Jorge, duque d'Aveiro, primo do fundador.»

Isto são as theses de Varnhagem em 1842. (12)

Considerando bem todos os dez paragraphos, notaremos que apenas os tres primeiros se referem ás condições estaticas da architectura, e os restantes, simplesmente, á ornamentação d'ella. Ora da estatica depende a existencia de uma obra de arte, a qual pôde muito bem existir sem o menor ornato. Tudo o que diz respeito á ornamentação é pois um accidente, e tem uma importancia secundaria; só pôde ser considerado depois de se haver attendido á solidez da construcção, que se baseia nas leis do equilibrio.

Se Varnhagen nos tivesse descripto as feições caracteristicas dos elementos constructivos ou estaticos dos edificios manuelinos; se nos houvesse apresentado uma collecção de plantas, em que de-

monstrasse a originalidade dos traçados; se a estes documentos tivesse juntado os respectivos alçados, não esquecendo os perfis dos elementos essenciaes da construcção (columna ou pilar, arco, artesão, abobada, etc.) então teriamos um material valioso; então seria facil verificar a originalidade das concepções artisticas da epocha manuelina por meio de um estudo comparado. Em parte alguma, mesmo no anno de 1842, se tentou a analyse de um edificio, (quanto mais de um estylo) sem os requisitos que indicámos.

Que importa o dominio da volta inteira ou do sara-panel, (13) se o auctor não nos indica a ligação com a columna ou pilar e com o systema da abobada?

O que significa a tolerancia de todas as mais voltas, a não ser um eclectismo absurdo, que seria a negação de todo e qualquer estylo?

As «abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados» existem em muitas partes, assim como os pilares, com arestas e sem ellas, com e sem esculpturas e relevos; do mesmo modo são vulgares as pinhas ou maçanetas, os medalhões, arabescos, bestiaes, brutescos, etc., etc. (14)

Quinet (15) ao menos, quiz vêr com os seus olhos de poeta os triumphos da vida maritima, esculpidos em Belem. Mas nem os cabos, nem os mastros, nem os côcos, nem os ananazes, nem os macacos, nem os papagaios, astrolabios, espheras, etc., etc., significam cousa alguma n'um processo de critica sensata. Quinet descreve o que viu e o que phantasiou em Paris, no seu gabinete, quando redigia as suas notas de viagem, porque o leitor não achará a quarta parte dos emblemas que elle aponta, e terá de descontar, ainda assim, o que elle não soube interpretar, emblemas aliás bem vulgares.

Pôde ser que algum dia appareça uma associação ou uma empreza intelligente que se lembre de organizar um museu de gessos nacional, mandando moldar os detalhes dos edificios da epocha de D. João II até D. Sebastião, a parte ornamental, porque as plantas pode-as tirar o estudioso. Então, em face de alguns milhares de gessos, bem classificados e coordenados, e postos em frente de outros tantos exemplares, tirados sobre os edificios hespanhoes contemporaneos, então será possivel decidir a respeito da originalidade do estylo manuelino dentro da peninsula.

Os estudos que fizemos na Hespanha em tres viagens demoradas, ajudam-nos a formar uma opinião contraria a essa tal originalidade.

Nem em Belem, nem na Batalha, nem em Thomar ha construcção manuelina que exceda os primores de Salamanca, Valhadolid, Segovia, Toledo e Burgos; (16) a mesma, senão maior riqueza, uma imaginação prodigiosamente fecunda, uma variedade

immensa de motivos de ornamentação, e um lavor que desafia a comparação com tudo o que temos de mais perfeito na epocha manuelina.

Já o demonstrámos em 1882, em conferencias publicas. (17)

Seria muito para admirar que a Hespanha nos ficasse a dever alguma cousa n'esta confrontação, quando a nação vizinha organisou o ensino das artes e officios primeiro do que nós. As corporações catalãs e valencianas tinham conquistado uma posição dominante no seculo xiv, quando as nossas não haviam sequer nascido. E mesmo depois não encontramos os primeiros estatutos antes do fim do seculo xv, redigidos de uma maneira deficiente, a ponto dos juriconsultos da corôa terem de intervir com a tutela official, reformando-os auctoritariamente. (18)

Ainda depois, nos seculos xvii e xviii, gastou-se um tempo precioso a discutir questões devotas, procições, festas, missas, enterros, ou em demandas sobre casos de precedencia, que lisongeavam a vaidade pessoal dos confrades. E' raro encontrar nos estatutos dos officios elementos didacticos, providencias a respeito do ensino. A confrontação que fizemos com os estatutos hespanhoes nos seculos xiv-xvi não é vantajosa para os nossos, em geral muito menos completos, redigidos com pouca precisão e clareza, e além d'isso inspirados por uma grande benevolencia, que deu origem a repetidos abusos e a demandas interminaveis.

Ninguem fizera ainda identicos estudos, e as corporações eram, sem duvida, os fôcos da actividade industrial e artistica.

E' singular que entre uma grande quantidade de estatutos de corporações e officios, ineditos, que tivemos a fortuna de descobrir, se encontre apenas um, relativo aos *pedreiros*, que se refere, ainda assim, á escala inferior do officio. Nenhum signal ou indicio da organização da *Bauhutte* (fabric-house, loge maçonique), e o que é mais notavel, nenhum compendio ou corpo de doutrina em latim ou vulgar até ao primeiro terço do seculo xviii! (19)

Em Hespanha o caso é differente.

As *Ordenanzas* relativas aos alarifes apparecem em Cordova em 1503, em Sevilha em 1527, perfeitamente redigidas, representando uma tradição muito anterior. Os grandes tractados theoreticos italianos são traduzidos e publicados (20); as juntas de architectos fuuncionam regularmente, como em Italia, discutindo os problemas mais difficeis da arte, organisando concursos entre os artistas do paiz. (21) A Hespanha vive, emfim, dos seus proprios recursos. Não se esqueça sobretudo que as provincias banhadas pelo mediterraneo, principalmente a Catalunha, Valencia e Murcia, viveram ligadas á Italia pela dynastia de Aragão desde o principio do seculo xv, e que desde

1409 até 1545 a influencia politica, preponderante em Napoles, Roma e Milão é a hespanhola.

D'ahi um movimento constante a favor das questões italianas, na arte, na sciencia e na politica, que contrabalançou a influencia das questões colonias. Enquanto nós nos deixámos absorver completamente pelo afan das conquistas, perdendo mais de uma vez o fio das nossas relações com o Occidente, sacrificando mesmo a mãe-patria para sustentar o imperio do Oriente, a Hespanha soube atrahir da Italia, da Allemanha e dos Paizes-Baixos os espiritos mais illustres do seculo xvi, e aproveitar os seus serviços. (22)

Em Portugal a actividade resumia-se em Lisboa; a vida tinha ahi ainda uma feição cosmopolita com um colorido oriental, como o de um grande bazar. A sorte da opulenta cidade não dependia porém do elemento indigena, mas sim das naus da carreira da India, de um acaso.

Esta differença tão essencial nos destinos das duas nações, uma, sacrificando-se na Asia e Africa, a outra, luctando para avassallar a Europa, retrata-se material e idealmente na arte.

O fidalgo hespanhol levanta o seu palacio com o esplendor dos grandes principes da Italia; o mercador edifica a sua Bolsa com um aparato e um fausto imponente, rivalisando com os seus collegas de Veneza; emfim, o municipio, como representante de uma burguezia abastada e alliva, ergue os seus paços para perpetua admiração dos vindouros.

Percorra-se todo o Portugal e procure-se uma Bolsa como a de Palma, de Valencia, Zaragossa ou de Sevilha; uns paços municipaes como os da mesma Sevilha; ou residencias como os palacios dos Mendozas em Guadalajara, dos Ribera em Sevilha, dos Guzmanes em Granadá, dos Ayalas e Mezas em Toledo (23) — procure-se, e não se encontrará nada d'isso.

Os proprios palacios reaes: o da Ribeira, destruido, os de Almeirim e de Evora são construcções muito modestas, á vista dos Alcazares de Sevilha e de Segovia (mudejares), de Toledo e Granada (renascimento), de Valhadolid, etc. Apenas a casa de Bragança, com os seus paços de Guimarães e Villa Viçosa, chama a attenção da critica. (24)

Emfim, se percorrermos as escolas, os templos da sciencia, encontraremos os esplendidos edificios de Alcalá e Salamanca, ao lado das nossas modestas construcções de Coimbra e Evora. (25)

E' forçoso confessar esta inferioridade na theoría e na pratica da arte, na organização do ensino das classes industriaes, no methodo de propaganda e na realisação dos grandes problemas architectonicos.

Dadas estas condições, como é que se póde falar em originalidade, ou invenção de um estylo nacional?

O que é, emfim, esse estylo, e o que significa para nós e para a arte?

Raczynski conta que Alexandre Herculano lhe dissera um dia a proposito da architectura manuelina: «E' a resistencia do estylo gothico contra o estylo de Francisco I». (26) E o conde achou a advertencia muito engenhosa e muito exacta, accrescentando: «E contra os estylos de Balthazar Peruzzi, Bramante, e até Raphael, considerado como architecto.»

Conclue-se que ambos os escriptores consideravam o estylo manuelino como o resultado de um compromisso, de uma lucta, enquanto que Varnhagen e Garrett accentuavam mais a originalidade; mas nenhum dos quatro negava o caracter *eclectico* do estylo manuelino.

Custa-nos a comprehender como dois homens instruidos e intelligentes não reconheceram que era indispensavel estudar as relações internacionaes de Portugal nos seculos xv e xvi, seguir as correntes da emigração artistica para a peninsula hispanica, *rendez-vous* de todos os aventureiros no *Seculo das descobertas*, (27) e recolher os testemunhos mais insuspeitos, isto é, proceder ao exame dos monumentos, em detalhe, não perdendo a arte hespanhola um unico momento de vista. Então haveriam notado n'esses edificios manuelinos a confusão de elementos decorativos, provenientes de varios paizes, uma amalgama que não obedece aos preceitos de nenhuma escola, o producto do acaso, do capricho, e muitas vezes de uma phantasia desregada. Anda alli a Renascença hespanhola, a italiana, a franceza, a allemã e flamenga, tudo *pêle-mêle*, (28) exactamente como nos monumentos typographicos, nos emblemas e ornatos, nas iniciaes e nos frontispicios das nossas edições de 1500. (29)

A execução zomba de todas as leis e regras mais elementares da arte; não se attende á natureza do material, nem ás condições do clima; escolhe-se mal a pedra, só para a violentar, cobrindo-a com uma profusão de ornatos que não se percebem a poucos passos de distancia. O escultor talha aqui o arco de uma janella, sem se importar com as leis da symetria, sem cuidar do que faz o seu visinho, sem subordinação ao plano geral, absorvido pela preocupação do detalhe.

O senhorio juncta, de tempos a tempos, um supplemento á obra: mais uma varanda, mais um pateo, mais um mirante, uma capella, um celleiro ou uma adega, desequilibrando o plano e systema da construcção—se algum dia o houve.—O resultado é uma obra cheia de remendos mais ou menos interessantes, mais ou menos pittorescos, mas a harmonia, a ordem, a clareza da concepção, a lei suprema, sem a qual não ha obra completa—desappareceu.

Com effeito, o que resta da architectura manuelina no paiz são detalhes, fragmentos, abstrahindo de Belem; no convento de Thomar já não ha plano. Estamos convencidos de que, se algum dia se chegar a reunir um museu bem completo da ornamentação d'esses dois edificios, pondo-a ao lado dos exemplares contemporaneos da arte hespanhola, será facil verificar o que já affirmamos, depois de estudos especiaes nos dois paizes, e repetimos aqui:—a dependencia d'esse estylo, a sua importancia secundaria, a sua bastardia.

Não é nosso intento diminuir o merecimento dos artistas portuguezes dos seculos xv e xvi. Uma ou outra figura saliente não constitue ainda uma escola. O movimento geral depende de uma tradição segura, secular, de uma progressão que actúa lentamente. Já o dissémos e provámos com relação a outra arte, á pintura portugueza, no seio da qual se descobriu tambem um estylo absolutamente original—uma *escola!* (30)

E' sabido que em varios edificios notaveis do norte de Portugal, na Sé de Braga, na matriz de Caminha, trabalharam artistas *biscainhos*, constituindo verdadeiras colonias, arruadas.

A influencia da arte hespanhola da Renascença ainda é bem visivel, em nossa opinião, em outras construcções do paiz; parece nos até que os vultos de Berruguete e Decerra, Diego Riaño, Diego de Siloe e Enrique de Egas, Covarrubias, Toledo e Herrera terão algum dia de occupar os nossos criticos, que andam por ora atraz de outras influencias e escolas. (31)

Resumidos os topicos:

1.º Admittimos o termo *manuelino* applicado á architectura da epocha de D. Manuel, como admittimos um estylo Tudor, um estylo Henri II, um estylo Luiz XIV, etc., notando sempre, que o reinado de D. Manuel não circumscreve a duração do estylo que se pretende caracterisar com o seu nome. D. Manuel sobe ao throno em 1495, e a desorganisação do systema gothico é de data anterior, tanto com relação ao systema de construcção, como aos elementos decorativos. (32) E morrendo D. Manuel em 1521, o estylo continúa n'uma desorganisação successiva até fins do seculo xvi, em virtude dos germens dissolventes com que nasceu.

2.º O systema de construcção não apresenta originalidade alguma nas plantas e alçados, no *traçado* em geral; ha apenas um agrupamento mais ou menos pittoresco.

3.º Como não ha plano, nem traçado rigoroso, não ha uma determinação clara das *funções* que os elementos architectonicos tem de exercer. Elementos constructivos ficam reduzidos a accessorios puramente decorativos; e accessorios decorativos *simulam* elementos constructivos e funções estáticas.

4.º Não ha systema de ornamentação, nem idéa do que seja a estylisação das fórmãs ornamentaes (flora e fauna). Ao lado de um motivo puro, encontra-se um motivo impuro; ás vezes no taboleiro do mesmo pilar um arabesco bem estylisado, sobrepondo-se a um desenho absolutamente naturalístico, sem a menor ligação entre si.

Os motivos não são conduzidos e ligados; são sobrepostos, ou correm parallelos no mesmo plano, em flagrante contradicção; e muitas vezes com differença sensível nos perfis, porque a gradação do relevo é desigual na mesma superficie.

Outras vezes ha até elementos com dimensões deseguaes, apesar de terem sido postos em correspondencia, em symetria.

5.º Ignorancia quasi completa da anatomia da figura humana; falta do estudo do *nú* em todas as artes, incluindo a arte industrial (figuras da Custodia de Belem)!

Em summa, um eclectismo que acceita o novo e o velho sem critica; uma accumulacção de elementos contradictorios, uma ostentação vã, porque não obedece a nenhum principio superior; o capricho do esculptor, onde devia só prevalecer a *ideia* do architecto; a indisciplina na arte, como reflexo da indisciplina nos costumes.

O effeito geral — muito pittoresco, isso sim; um vegetabilismo que encobre todas as linhas essenciaes, todos os perfis, todas as proporções, como a hera que envolve o tronco do roble, para o lançar ámanhã por terra — exausto.

Em todo e qualquer paiz culto a lucta entre dois estylos produziu sempre um abalo, que se venceu com vantagem, sendo uma crise mais ou menos passageira, conforme a vitalidade do meio social; mas não ha exemplo de uma desorganisação que dura quasi um seculo, e conduz ao aniquilamento de todas as forças, á imitação servil no seculo xvii, á imitação no seculo xviii, e ainda á imitação no seculo xix.

A razão é sempre a mesma; hoje, como no seculo xvi, não ha escola, não ha ensino, não ha estudo. E não só não houve escola, mas, pelo contrario, uma indifferença completa em face das raras tentativas que foram ensaiadas para organizar o estudo da arte em solidas bases, não faltando quem glosasse, satyricamente e com a maior irreverencia, (33) a reforma do ensino artistico, baseada no estudo dos monumentos e dos textos, iniciada por Leone Battista Alberti (1404-1472) e continuada até Miguel Angelo.

O factó é incontestavel, e uma prova flagrante do triumpho da mediocridade e da ignorancia sobre uma doutrina, como a de Vitruvio, cujas obras toda a Renascença, toda a Europa culta respeitava como um Evangelho.

Repetimol-o mais uma vez: triumphava o capricho, o diletantismo, que tratava a arte como uma cousa venal.

Um pequeno grupo de eruditos tentou salvar algumas reliquias e pôr em circulação certas ideias de humanismo, que pertenciam ao novo credo artistico. Entre os prelados figuram o Bispo de Viseu D. Miguel da Silva, o amigo de Balthazar Castiglione, os Arcebispos de Braga e do Funchal, D. Diogo de Sousa e D. Martinho de Portugal e o Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida.

Os antiquarios são poucos: Gaspar Barreiros, e principalmente André de Rezende, que sustentou com D. Miguel da Silva a unica questão archeologica de importancia, (34) levantada entre nós no seculo xvi. Muito mais activa era a correspondencia de Rezende com os antiquarios hespanhoes Ambrozio de Morales, Bartholomeu Cabedo, Vaseu. etc., mas nem a propaganda dos sabies, nem o diletantismo artistico dos grandes prelados foi sufficiente para abalar a indifferença da burguezia e excitar a emulação dos principes. Ha apenas noticia do pequeno museu de antiguidades do Duque de Bragança D. Theodosio 1, em Villa-Viçosa; do museu de gessos do Infante D. Luiz, que Francisco de Hollanda havia organizado na Italia; e do museu de quadros de Damião de Goes em Lisboa.

E' emfim n'esta epocha de D. João iii que apparecem as primeiras descripções de monumentos e logares celebres nacionaes, segundo a moda italiana no seculo xv. Frei Francisco de Mendanha manda a Paulo iii a descripção do Mosteiro de Santa Cruz (1540-1541), e Luiza Sigéa ao mesmo Papa o seu poema latino com a descripção de Cintra (1545.) A primeira descripção archeologica, *em vulgar*, sahiu, porém, só em 1553! E' a de Rezende sobre Evora.

Apesar de todas estas tentativas, é singular e caracteristico, tornamol-o a repetir, que nem Pedro Nunes — uma celebridade! — achasse um editor para a sua traducção de Vitruvio, nem Rezende para a sua versão de Alberti, nem o pobre Francisco de Hollanda o auxilio que pedia a El-Rei para imprimir os seus importantissimos tratados. (35)

II. Poderá esperar-se um estylo original portuguez, no futuro?

Seremos mais breves n'esta segunda parte, mesmo porque é verdade assente: «que ninguem é propheta na sua terra.»

Um estylo original na arte <sup>1</sup>deveria ser em Portugal o que foi em todos os paizes: a expressão mais elevada do modo de sentir a eurythmia das linhas, a harmonia da côr, a melopeia musical <sup>2</sup>dentro do limite das tradições patrias.

Se a alma popular tivesse tido o alento que ella

tira da liberdade; se não lhe houvessem cortado a inspiração espontanea que ella tirou em todos os paizes das tradições locaes; se não houvessem separado a nação, a grande massa anonyma, dos espiritos mais illustres da sociedade portugueza,—por um abysmo de ignorancia, pôde ser que tivessemos chegado, ainda que tarde, a um ponto culminante.

Tarde nasceu a escola hespanhola de pintura, a ultima na serie historica; tarde nasceu a *Zarzuella*, mas nasceu.

Se não fosse Camões, não teriamos entrado n'aquelle illustre arcopágo onde se decide da mortalidade ou da immortalidade das nações.

Mas não julgamos que tudo esteja perdido. Nem tudo seccou. A inspiração popular não está extincta, apesar de haver chegado a um periodo de crise, que pôde ser o ultimo e conduzir a uma ruina completa.

A familia portugueza conservou na sua habitação rustica uma serie de industrias que nós baptisamos com o nome de *caseiras*, e que nos mereceram especial estudo durante uma serie de annos. A organização que a Austria deu ás suas industrias populares, ameaçadas de um lado pela concorrência estrangeira; do outro pela lucta que a machina provoca em toda a parte onde apparece, com os instrumentos mais ou menos primitivos do trabalho manual—provocou em 1871 e novamente em 1875 a nossa admiração.

Depois de duas longas viagens no estrangeiro, que duraram mais de um anno cada uma, e depois de novos estudos de gabinete, e da confrontação de um copioso material litterario, lançámos a base para uma organização identica em Portugal, que foi publicada em 1879. Aproveitámos os momentos de descanso de 1876-1879 (36) para percorrer o paiz inteiro, e ainda n'esta data (abril de 1883) não damos a exploração por terminada.

Com o trabalho litterario correu paralellamente uma propaganda em sentido pratico, que deu os seguintes resultados:

1.º Conferências sobre as artes industriaes, especialmente as portuguezas (arte erudita e arte popular) no *Collegio Portuense* do Porto, na primavera de 1878. (V. *Reforma do ensino de desenho*, pag. ix (programma das dez conferencias).

2.º Conferencias sobre a historia da arte peninsular, comparada; quinze conferencias no *Centro Artistico Portuense*, no inverno de 1880-1881.

3.º Conferencias sobre a historia da arte peninsular, especialmente das artes industriaes, durante a «Exposição de arte ornamental» de Lisboa, na Associação dos jornalistas e escriptores de Lisboa; quatorze conferencias. Maio a junho de 1883. (V. o Programma no *Album da Exposição industrial de Aveiro*, pag. 53).

N'este intervallo, de 1878-1883, organisámos na *Sociedade de Instrução no Porto* a serie de Exposições nacionaes sobre programmas nossos, absolutamente novos no paiz: *Industrias caseiras e Ceramica nacional* em 1882; *Ourivesaria e a joialheria nacional* em 1883.

Elaborámos, finalmente, o programma da *Exposição de tecidos nacionaes*, planeada para o anno corrente; tudo isto — e a lista fica ainda muito incompleta — prova a fé que temos nas industrias populares, tradicionaes, do paiz; o valor que ligamos á arte espontanea do operario popular, ás suas preciosas disposições naturaes, que apenas carecem de uma educação cuidadosa para produzir aquillo que ambicionamos ha tanto tempo, e que procuramos debalde no passado, nas egrejas, nos palacios, nos conventos; um estylo puro, nacional na sua expressão, tão adequado á habitação rustica do jornaleiro, e do homem do campo, como á residencia do burguez e ao palacio do principe.

Temol-o affirmado, repetido e provado: o futuro da arte portugueza está na industria popular, nas industrias caseiras, (37) cujos productos ahi estão patentes.

Coimbra, 4 de fevereiro de 1884.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

P. S. Os appendices citados em as seguintes notas 15, 20, 31 e 33 serão publicados no proximo numero, por serem muito extensos.

## NOTAS

(1) As notas d'esta conferencia são collocadas no fim para commodidade do leitor; são feitas especialmente para as poucas pessoas que quizerem seguir mais longe a demonstração da auctor, a qual tinha de ser resumida n'este logar. A conferenciadouro hora e meia.

(2) Eis o bastante: — 1.º Periodo — dependencia completa da nossa poesia trovadoresca da poesia provençal, conhecida por intervenção dos modelos hespanhoes (Catalunha); os cancioneiros da Vaticana, de Collocci-Brancuti e da Ajuda (aliás D. Diniz) em face das obras de Alfonso X, o *Sábio*. — 2.º Periodo — dependencia e estreita relação da poesia *pu'aciana* das cõrtes de D. Alfonso V, D. João II e Manuel (quasi um seculo!) dos respectivos modelos castelhanos (Juan de Mena, Marquez de Santillana, Imperial, Padron etc.) Compare-se o *Cancionero general* de Castilho de 1511 com a imitação de Bezende de 1516. — 3.º Periodo — sub-dividido em tres seções. Primeira: o nascimento da comedia popular, o *Auto* nacional, iniciado por Juan del Encina e imitado por Gil Vicente. Segunda: o drama em prosa, a *Celestina*, provocando a *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Terceira: Transformação da arte poetica peninsular, segundo os modelos italiauos por Garcilasso e Boscan, mestres do nosso Sá de Miranda. Isto foi provado por Bellermaun já em 1840, confirmado por Ferdinand Wolf (1843, e novamente confirmado por T. Braga em todos os traços essenciaes. Raczynski, que esteve em Portugal de 1843-1845, e que publicou os seus volumes em 1846 e 1847, parece não ter ideia dos trabalhos dos seus patricios, que marcam uma epocha, que são fundamentaes: — e da relação intima do movimento litterario com o progresso das artes.

(3) O sr. Francisco Gomes de Amorim acha que Garrett fez um bom serviço com o seu *Ensaio sobre a historia da pintura*, visto que não estavam ainda publicadas as *Memorias* do Cyrillo Volkmar Machado (1823). E as de Taberda (1815) não o estavam? (Vid. Garrett *Memor. biogr.* pag. 236, nota).

(4) O grifo é nosso, d'esta vez: *eu lancei esta ideia*. A nota em que se diz isto tem a rubrica: *Nota da quarta edição*, a qual é de 1854. Haverá pois erro n'essa rubrica? No mesmo poema ha a pag. 212 uma nota sobre Grão-Vasco, e a pag. 216

uma reclamação a favor dos monumentos nacionaes, sendo a primeira da quarta edição (1854) e a segunda nota da segunda, terceira e quarta ed., successivamente augmentada (1839, 1844 e 1845).

(5) Foi isto em principios de 1879, n'uma nota á edição do tratado de Francisco de Hollanda *Da Fabrica que fallecc á cidade de Lisboa*, pag. 10 da Introd. Depois d'isso uns certos sabios lisboetas fizeram a mesma descoberta.

(6) *Loc. cit.*

(7) Vid. *Camões*, 6.<sup>a</sup> ed. pag. 217.

(8) Encontramos lá monumentos notaveis da Renascença pura.

(9) O pelicano nutrido os filhos: *Pola ley e pola grey*; e o mesmo emblema, com outra divisa: *Iustus ut palma florebit*.

(9 bis) Não sabemos que este *por enquanto* fosse seguido de outro qualquer estudo especial.

(10) Este auctor deve ser Robert Willis, na obra: *Architectural nomenclature of the middle Ages*; ou *Characteristic Interpenetrations of the Flamboyant Style*. 1840.

(11) Entre o § 4 e 5 ha a seguinte intercalação: «Louvores ao professor de desenho da Eschola Polytechnica d'esta cidade, que soube ir a este monumento original do paiz modelar em gesso os ornatos para guaruecer a sua aula magnifica.»

Já em 1879 protestámos (*Reforma do ensino de desenho* pag. 133) contra a adopção de modelos manuelinos no Lyceu de Lisboa pelo sr. Theodoro da Motta. «Emquanto á escolha dos motivos da ornamentação vegetal, seria preferivel que o auctor a tivesse feito (segundo o exemplo geral) no domioio da arte grega, que offerece os motivos mais puros, em lugar de ir buscal-os a um edificio nacional (Santa Maria de Belem), a cuja ornamentação falta a primeira condição para servir de modelo na eschola: a pureza de estylo.»

Mas enfim, quem sabe se a insistencia desde 1842 até 1884 dará, sob os auspicios da Polytechnica de Lisboa, do Lyceu de Lisboa e da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa (perdão! agora diz-se: *Eschola* de B. A., como em Paris) em resultado, um estylo de desenharr puramente nacional, tão nacional como os proprios modelos manuelinos?

(12) *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem*, etc.

(13) Volta inteira é a volta redonda (*plein ceintre*); no Glossario chama-lhe V. o semi-circular. *Sarapanel* «é o arco achatado ou de volta abatida. Ver. arcos». Na palavra arco diz o nosso auctor: «Ha tambem arcos achatados, que comprehendem o sarapanel, e muitas formas desde a verga horizontal até o semi-circulo.» É extraordinario, mas é o que lá está — verga horizontal. — O arco de sarapanel é simplesmente o *Tudor arch*, de quatro centros, caracteristico da architectura gothica ingleza no ultimo periodo; d'ahi; *Tudor-style*. Os hespanhoes usam do mesmo termo: arco *sarpanel* ou *zarpanel*, tambem arco *tabicambaja esarpanel*, apud E. Mariategui: *Glosario de algunos ntiguos vocablos de architectura y de sus artes auxiliares*. Madrid, 1876 pag. 20-21.

(14) A cruz da Ordem de Christo e a esphera são elementos muito naturaes do estylo manuelino; não era El-Rei o mestre da Ordem? E não apparece a esphera e a mesma cruz em todo o reinado de D. João III, que foi precisamente o monarcha que reuniu o mestrado á corda? Não é a cruz com a letra *In hoc signo vinces* precisamente o emblema de D. João III? D. Manoel circumdrou a esphera com varias divisas: 1.<sup>a</sup> *Spes mea in deo meo*; 2.<sup>a</sup> *Spera in deo et fac bonitatem*; 3.<sup>a</sup> *Primus circumdedisti me*, etc. É escusado lembrar que a esphera reaparece no reinado de D. João IV, D. Pedro II, etc.

(15) *Oeuvres complètes de Edgar Quiet*. Paris, 1857. *Mes vacances en Espagne* pag. 234, Lisbonne. Damos a passagem integralmente, no Appendice I, por ser curiosa como *pendant* á de Garrett.

(16) Resumiremos as provas:

**Salamanca**. — Na cathedra: a *Puerta del Nacimiento* Laurent, 374. — Parte trazeira da *Escuelas menores* (Universidade L. 366 — *Casa de las conchas*, 367).

**Valladolid**. — Fachada de San Gregorio; parte central da mesma, e detalhes L. 76, 1505, 1508, 1509, 1510, 1511; Galeria do Patio 1516 — Fachada de S. Paulo, 75.

**Segovia**. — *Casa de los Picos* L. 1303; vide o nosso estudo sobre este edificio e a *Casa dos Bicos* de Lisboa, na revista *A' volta do mundo*. Vol. I, 1881 pag. 277-280.

**Múrcia**. — Na Cathedral, a *Capilla del Marquez de los Velz* L. 959.

**Burgos**. — *Casa del Cordon* L. 85; retavolo da' igreja de S. Nicolas L. 1571.

**Zaragossa**. — Altar mayor de Nuestra Sênhora del Pilar L. 1697. etc., etc.

(17) Fizemol-as no Centro artistico no inverno de 1880-1881, sobre a arte peninsular comparada, com um grande material illustrativo, absolutamente novo entre nós; e depois em Lisboa em maio e junho de 1882, com um material ainda mais augmentado, que causou verdadeira surpresa, sobretudo na parte relativa aos monumentos hespanhoes.

(18) *Livro dos Regimentos dos officaes mechanicos da muito excellent e sempre leal cidade de Lisboa, reformados por ordenação do illustrissimo senado d'ella*, pelo licenciado Duarte Nunes de Leão. Anno de 1572. Existe no archivo municipal de Lisboa. Foi aproveitado por Rebello da Silva, *Historia de Portugal*. Vol. IV, pag. 495, e por Silvestre Ribeiro. *Resoluções do Conselho d'Estado*. Vol. XIII, pag. 209 e seg. Pela nossa parte tivemos a felicidade de descobrir mais de quarenta volumes relativos ás corporações e officios portuguezes *Em Ms* (estatutos, processos etc.), que existiam ignorados na Bibliotheca municipal do Porto. Começam no seculo XVI e chegam até 1830; já annunciámos este precioso achado em 1879. *Ref. do ensino do desenho* pag. XX da Introd.; e começámos a publicar os resultados dos nossos estudos na *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*. Vol. II: *A officina e a aprendizagem no sec. XVI em Portugal* pag. 173-188; 211-229. Os Estatutos hespanhoes foram objecto de um estudo especial, porque são, em geral, verdadeiros modelos. Vid. as obras bem conhecidas de Capmanny, e Davillier; além d'isso o raro volume de Zarco del Valle *Documentos ineditos para la historia de las Bellas Artes en Espana*. Madrid, 1870 e Ebert *Geschichte der allgemeinen Bruderschaft «Germania» der Handwerke Valencia's im Aofang der Regierung Karls V. Kassel, 1849* pag. 45-221. A primeira parte d'esta obra trata da organização municipal de Barcelona na Edade Media. São muito numerosos os estatutos estraogeiros da Edade Media e Renascença que temos estudado, para chegarmos a uma apreciação justa dos nossos, para romper emfim o segredo que cobre a organização da antiga officina portugueza; alguns estão citados na *Revista* alludida, outros tantos ficaram na carteira. Os auctores portuguezes são excessivamente laconicos n'esta questão capital. Accursio das Neves fez uma tentativa pobrissima n'uma epocha (1814) em que os archivos dos officios estave intactos (*Memoria sobre as corporações de officios, artes e commercio*), recuando apenas até ao fim do sec. XVII! na obra *Varietades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas*. Volume I paginas. 98 e seg. Dos outros nem vale a pena fallar. Temos prompta a Bibliographia completa da grande collecção manuscrita da Bibliotheca do Porto, em ordem chro-ologica (46 officios). O nosso corpo de documentos, relativos aos officios do paiz remonta presentemente ao anno de 1470.

(19) A primeira redução de Vignola acha-se na obra do P. Ign. da Piedade Vasconcellos *Artefactos symmetricos e geometricos*. Lisboa, 1733 fol. pag. 333-394; a segunda redução é de J. C. de Magalhães e Andrade, 1787. Note-se que Vigoola já era Vitruvio em segunda mão, e que Vitruvio apparecera impresso em Florença em 1485, sendo traduzido em todas as linguas, incluindo a hespanhola! D. João III encomendou a tradução de Vitruvio e de Alberti a duas notabilidades, ao grande mathematico Pedro Nunes e a André de Rezende (*De Re aedificatoria*), mas ambas as traducções ficaram ineditas!

(20) É um facto verdadeiramente significativo a actividade dos grandes theoreticos hespanhoes! Nenhum tratado da arte, notavel, lhes escapou: Vitruvio, Alberti, Palladio, Serlio; e alguns tiveram mais de um traductor, não contando as numerosas obras, originaes, dos filhos do paiz! Vid. o Appendice II.

(21) Vid. a obra capital: *Some account of gothic architecture in Spain* by G. Ed. Street. London, 1869, 2.<sup>a</sup> edição. Juntas em Salamanca pag. 85, 459; em Zaragossa pag. 266; em Gerona pag. 320, 456 etc. Sobre a organização da *Bauhütte*, acima citada, vid. a monographia especial *Die Bauhütten des deutschen Mittelalters* von Dr. Ferd. Janner. Leipzig, 1876 8.<sup>o</sup> com os estatutos do sec. XV; e tambem Schnaase *Geschichte der bildenden Kunst*. Vol. IV da 2.<sup>a</sup> ed. Street mostra-se um pouco adverso á ideia de uma organização systematica na peninsula; no entanto, o estudo que temos feito em Portugal, a collecção dos signaes chamados *maçonicos*, por todo o paiz, leva-nos a acreditar que houve grupos ambulantes, especies de familias de operarios, que se moviam de um ponto para outro. Raczyński publicou alguns signaes de Portugal, e depois o sr. architecto Possidonio dâ Silva um estudo importantes com muitos ineditos; mas é preciso fazer a collecção em muito maior escala, antes de tirar conclusões definitivas. Street já contribuiu com muitas estampas de signaes para a architectura de Hespanha. Além de Street é preciso consultar a obra fundamental de Llaguno y Amirola, com notas de Ceán Bermudez *Noticias de los arquitectos y arquitectura de España* desde su restauracion. Madrid, 1829, 4 vol. em 4.<sup>o</sup>, com importantissimos documentos.

(22) Basta abrir a obra de Ranke, abaixo citada, para se avaliar até que ponto chegou a hegemonia hespanhola: *Die Osmanen und die spanische Monarchie im XVI und XVII Jahrh.* Leipzig, 1877, 4.<sup>a</sup> ed. Vid. tambem Lafuente. *Hist. general de España* ed. de Barcelona fol. vol. II.

(23) Os hespanhoes chamam *Casa Lonja* á Bolsa, e *Casas consistoriales* aos paços municipaes. O leitor pôde estudar alguns dos edificios, que citamos em seguida, na grande collecção dos *Monumentos architectonicos de Espana*, publicada pelo governo





ESTAMPA

—53—

Portal Manuelino do Edifício de S. Francisco  
em  
ALEMOUER

hespanhol, de que existem exemplares nas Bibliothecas publicas de Lisboa e Porto e no *Museo español de antiguedades*.

**Guadalajara**: — *Palacio do Infante*, familia Mendonza, typo do maior esplendor (vid. *monum.*). **Valencia**: Casa Lonja (*monum.*) **Granada**: Solar dos Guzmanes (ibid.) **Toledo**: Ayalas (ibid.) **Sevilla**: Casas consistoriaes (ibid.) Podiamos augmentar a lista, citando da nossa colleção particular os seguintes palacios notaveis: **Segovia**, do Marquez del Arco. **Avila**: palacio Polentinos. **Zamora**: a casa de los Momos. Em **Burgos**, a casa del Cordon, já citada retro (vid. *monum.*) e o palacio Quintanar. **Zaragossa**, a casa de Zaporta; o palacio da villa de **Cogolludo**; a casa dos condes de Añenero em **Caceres** (*monum.*); o palacio dos Condes de Luna em **Leon** (vid. *Museo español* vol. II); e a casa de los Collados na provincia de **Toledo** (*Museo* vol. IX) etc., etc.

(24) Quem conhecer bem as nossas provincias, concordará comnosco. As cazas da nobreza são até ao fim do sec. XVII, e principalmente no sec. XVI, edificações muito modestas, embora haja algumas de muito interesse local, por exemplo, em Vizeu, na Guarda, em Vianna do Castello, em Coimbra, em Montemor-o-Velho. Residencias como as do Duque de Cadaval em Evora (palacio das cinco quinas), Conde de Monsanto (hoje Vallada), na mesma cidade, são excepções. O rei alojava se, em geral, nos conventos, com toda a comitiva. Os paços de Estromoz e Trancoso, ambos edificados por D. Diniz, representam um typo antigo, de proporções relativamente consideraveis para a epoca; mas não se confunda em Extremoz o pago arruinado do *Rei Lavrador* com a móle quadrada do *Rei Freiratico*. Alvito, como solar, é unico no paiz, e de grandes proporções, mas note-se que este palacio era um castello real, de que os Lobos da Silveira, Condes-Barões de Alvito, eram meros alcaides; não se póde pois dizer que seja um solar *feudal*, uma habitação particular. A mesma relação de dependencia (n'este caso, dos Condes de Barcellos) parece ter existido entre o solar dos Cogominhos de Barcellos e o palacio dos Condes, ligados talvez, com a igreja matriz, em um grande complexo de construcções.

(25) Apenas a sala grande dos actos da Universidade de Evora tem caracter monumental; deviamos dizer *tinha*, porque, quando a vimos em 1878, estava meio arruinada. As outras construcções da Universidade são muito simples e não se podem comparar com as de Coimbra; o que mais avulta em Evora é a respectiva igreja.

(26) Je trouve très-ingénieuse et très-juste l'observation que m'a fait un jour M. Herculano au sujet de l'architecture d'Emmanuel. C'est la résistance du style gothique contre le style de François I; j'ajouterai: et contre ceux de Balhazar Peruzzi, de Bramante et même de Raphaël comme architecte (*Les Arts*, pag. 331).

(27) Vid. a exposição do methodo nas seguintes publicações nossas: *Albrecht Diirer e a sua influencia na peninsula* na Archeologia Artistica fasc. IV; o estudo sobre Francisco de Hollanda na mesma publicação, fasc. VI; os estudos sobre Damião de Goes, fasc. VII e VIII, e principalmente a Carta sobre alguns pontos da *Historia da arte nacional*, dirigida ao fallecido dr. Augusto Filipe Simões, na revista a *Renascença* vol. I pag. 31-36. A emigração dos aventureiros, de todas as classes e profissões, constitue um trabalho especial nosso.

(28) O mesmo eclectismo, a mesma fluctuação o dependencia se nota na maior parte dos quadros da eschola chamada *Grão*

*Vasco*, eschola que querem dar tambem como *absolutamente original*. Ha de ser, finalmente, tambem original e unica, a feição da ourivesaria portugueza do sec. XVI, illusão que tambem já desfizemos.

(29) Temos feito um estudo particular sobre a ornamentação das nossas edições, desde a introdução da imprensa até 1700, para não esquecer um elemento essencial de apreciação, de que o Conde de Raczynski tambem não fez caso. Fallamos á vista de uma colleção de gravuras em madeira e cohre, originaes e fac-similes que começa em 1498 e vai até fim do sec. XVII, fructo de annos de trabalho. N'esses frontispicios, vinhetas, iniciaes, marcas de livreiros e impressores, estão envolvidos problemas interessantes, em que ninguem reflectiu ainda entre nós.

(30) Já desfizemos os castellos architectados pelo Marquez de Sousa Holstein e outros, a respeito da eschola nacional de Grão-Vasco; vid. *A pintura portugueza nos sec. XV e XVI* Porto, 1881; o melhor fica ainda reservado para a segunda parte d'esse estudo. Pode alguém suppor que um opusculo do sr. Luciano Cordeiro (*Da arte nacional* Lisboa, 1876 8.º — 20 pag.) contém elementos novos para a apreciação dos problemas nacionaes. É engano; a conferencia do nosso amigo está concebida n'uma forma absolutamente vaga, sem nenhum facto historico novo, nem a menor demonstração technica. As suas notas de 1869 sobre Grão-Vasco (*Livro de critica* pag. 161-166) eram mais positivas, mais claras e, em geral, sensatas.

(31) O sr. Robinson, por exemplo, quer por o nosso *manoelino* em relação com a ornamentação *hindu*! Isto dá vontade de rir. Que mais descobrirá o sr. Robinson em Portugal? Veja-se no Appendix III a citação integral.

(32) Apontamos, com muita brevidade, os seguintes factos ineditos: uma casa e janella em Valença do Minho com a data 1448 e a inscripção: *Josef Alvarez me fez 1448*; faz *pendant* com uma janella manoelina de Tentugal: *João Alvarez me fez e seu irmão pedralvarez em 1501*; veja-se mais um tumulo de Manuel do Mello, de 1493, na igreja dos Loyos de Evora; emfim a igreja do mosteiro de Villar de Frades, perto de Barcellos, talvez a ultima grande construcção *manoelina*, em data (1550-1570).

(33) Vid. o extracto do *Auto* de Antonio Prestes no Appendix IV.

(34) Versava sobre a existencia do aqueducto romano de Ser. torio, em Evora; pormenores nas *Notas* a Hollanda, *Archeol. artist.* fasc. VI pag. XV. Na mesma publicação se trata, por miudo, dos factos que agrupamos aqui, sobre a Renascença portugueza.

(35) Ha a contrapor, para sermos justos, alguns factos desfavoraveis. Affirma-se que os Duques de Bragança desfizeram alguns templos para augmentarem igrejas o palacios, por exemplo o de *Jupite Olympico* nas margens do rio Xarrama, perto da villa do Torrão; os de *Proserpina* e *Venus*, aquelle perto de Villa Viçosa e este perto de Evora; o do deus *Endovellico* perto de Terena etc. Mais certa e averiguada é a destruição do arco triumphal de Sertorio pelo Cardeal D. Henrique. Outras antiguidades romanas, notaveis, foram destruidas já no sec. XVII.

(36) *Reforma do ensino de desenho*. Parte III da "Reforma do ensino de Bellas-Artes" cap. VI e VII, IX e XI.

(37) Algumas amostras: rendas, bordados, tecidos de lã e linho esculptura em madeira, tecidos de palma etc. estavam á vista.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA

Offerecemos aos nossos leitores mais um interessante specimen da vistosa architectura *Manoelina*. Quem deixará de admirar os engraçados labores que ornão o fac-simile do portal que publicamos n'este numero do Boletim, o qual servia para a entrada da casa do capitulo no extincto convento de S. Francisco da Villa de Alemquer?

Examinando a brincada composição de sua decoração, e sobretudo os fustes das columnas que sustentam os arcos do vão circular do referido por-

tal, dividido em gômos por torçoes que separam as folhas collocadas em sentido inverso, mostrando conter entre ellas bagos d'uvas (um dos symbolos da nossa religião), cuja decoração veste a archivolta do mesmo portal, afim de lhe conservar a unidade de sua composição. Esta maneira racional e elegante é um exemplar muito curioso e digno de se imitar. Examinando tambem a composição dos arabescos rendilhados, que separaram as columnas que servem de apoio ás duas archivoltas, admiraremos a fertil imaginação do architecto que delineou esta obra não só pela feliz combinação de dispor ani-

maes e aves entre vegetação, collocando os sem esforços de attitudes, soltos da cantaria em que foram abertos com delicado primor e pericia.

Quanto é para sentir que este typo, todo nacional e tão apreciado por todos que sahem avaliar o talento superior do artista que dotou a architectura portugueza com esta singular ornamentação; quanto é para sentir, dizemos, que nas *Academias de Bellas Artes de Portugal* não haja um curso *especial* d'ensino d'este typo, obrigando os alumnos a irem desenhar *do natural*, nos edificios que possui o paiz, esses exemplares tão admirados e gabados pelos estranhos, afim de se exercitarem no estylo e habilitarem-se a fazerem depois edificações n'esse genero. Tivemos o arrojo de propor esta patriótica lembrança na sessão da posse do actual sr. Inspector da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, rogando-lhe com instancia que quizesse tomar em consideração tão util e nacional proposito: mas não nos consta, ter, por emquanto, apparecido nenhum indicio d'esta iniciativa, posto que fosse proposto aquelle ensino ha mais de 7 annos!

Será escusado referir que o claustro em questão acha-se presentemente immundo, cheio de montes de calica, troncos de arvores, difficultando poder-se andar á roda d'elle! O accesso da antiga casa do capitulo está impedido com uma tosca porta desconjuntada; destroços de toda a especie patenteam a incuria, o desprezo pelos nossos monumentos antigos. Mesmo se não fosse preciso conservar a recordação da devota princeza que residiu e deixou alli demonstrações de quanto prezava aquella Villa, seria mais que sufficiente reclamo para o fazermos, existindo o bello portal de sua especial architectura. Devemos com-

tudo dar-nos por felizes, que elle ainda appareça no seu logar; talvez pela circumstancia das pedras de que se compõe não se prestarem favoravelmente a ser empregadas em algum cano d'esgoto, o que poderia effectuar-se afoitamente sem que ninguem tomasse contas por esse vandalico procedimento, como tem acontecido a respeito de muitos outros antigos edificios de Portugal!

A photographia d'este portal, que representa a sua ornamentação, me fez suppor que o risco para elle fôra dado pelo mesmo artista que delineou o retabulo para o tumulo de Ruy de Menezes, camarista da terceira mulher d'el rei D. Manuel, o qual estava sepultado na antiga ermida de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Oliveira em Santarem; porque na composição os arabescos parecem-se muito, como se vê n'este portal.

Nas memorias da villa de Alemquer publicadas em 1873, o seu auctor nota que a construcção da capella que fica superior a esta casa do capitulo é pertencente ao palacio real do tempo da infanta Santa Sancha, onde esta princeza viveu antes de se recolher para um convento em 1222; duvida que possa ser da mesma epoca, vendo-se no plano inferior o portal construido do tempo do reinado d'el-rei D. Manuel! Supponho isto ser de facil explicação, porque, tendo sido edificado o claustro em que está o portal, no reinado do rei afortunado, aproveitaram a casa inferior á antiga capella da Santa (como ainda hoje se conserva), e se construiu o referido portal na mesma occasião. Não pode portanto haver duvida sobre a época de sua mais moderna construcção.

J. DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Resultado das eleições na assembléa geral da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 25 de novembro ultimo para o exercicio do anno de 1885:

### ASSEMBLÉA GERAL

*Presidente*, Joaquim Possidonio Narciso da Silva. — *Vice-Presidente* (Architectura), Valentim José Correia. — (Archeologia), Visconde de S. Januario. — *Secretario* (Architectura), D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa. — *Vice-Secretario*, Ernesto da Silva. — *Secretario* (Archeologia), Visconde de Alemquer. — *Vice-Secretario*, Visconde de Castilho. — *Thesoureiro*, Antonio Pimentel Maldonado. — *Bibliothecario*, conselheiro José Silvestre Ribeiro. — *Conservadores*, conselheiro Jorge Cesar Figanière, general Antonio Pedro d'Azevedo.

### SECÇÃO DE ARCHITECTURA

*Presidente*, Valentim José Correia. — *Secretario*, Antonio José Gaspar. — *Delegado*, José Caggiani. — *Supplente*, Emiliano A. Bettencourt.

### SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

*Presidente*, Ignacio de Vilhena Barbosa. — *Secretario*, Zeférino Brandão. — *Delegado*, Carlos Munró. — *Supplente*, Eduardo Dias.

### SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

*Presidente*, general Antonio Pedro d'Azevedo. — *Secretario*, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa. *Delegado*, José Tedeschi. — *Supplente*, Bernardino José de Carvalho.

O socio sr. visconde de S. Januario fez uma nova offerta de valiosissima importancia archeologica á nossa associação; são duas mumias do Peru, as quaes conservam a cutis intacta, adherente a todo o esqueleto. Tambem offereceu dois craneos da mesma procedencia, os quaes conservam no alto um topete de bastos cabellos, posto que se suppõe terem estes objectos uns 800 annos de antiguidade! Tornam-se muito dignas de serem examinadas estas mumias, não sómente pela postura que apresentam, como pela rara singularidade de se ver a pelle conservada, e tambem por serem os primeiros exemplares que ha

em Portugal, os quaes estão expostos no muscu archeologico da nossa associação.

Foi achada em Alcobça uma lapida com inscrição romana que diz :

D. M D. N.  
D V T I A E  
T A G I N I F  
A A E N N  
S I L A I F  
M A T R I  
P. C.

Está exposta no muscu do Carmo.

O sr. Costa, proprietario da officina de canteiro á Trindade, offereceu para o muscu dos Architectos e Archeologos Portuguezes um grande brazão perfeitamente conservado, descoberto nos terrenos que pertenceram ao extinto convento da Trindade, por occasião de se abrir um fundo cabouco. Muita satisfação teve a Associação em receber esta obra de esculptura, e muito mais a estimou por ver que os nossos patrios principiam a apreciar as obras de outras cras, e reconhecer a utilidade de não as destruir. Sirva este louvavel procedimento do sr. Costa de incentivo para outros o imitarem, e os seus nomes se conservarem no catalogo do muscu archeologico que no nosso paiz foi o primeiro.

## NOTICIARIO

O sr. architecto Possidonio da Silva, presidente da commissão dos monumentos nacionaes, já apresentou no Ministerio das Obras Publicas, o seu relatorio ácerca dos monumentos artisticos e historicos que visitou em Santarem, Coimbra, Porto, Vianna do Castello, Braga, Penafiel, Paço de Sousa, Guarda, Portalegre, Setubal, Beja, Thomar, Evora e Palmella e tambem desenhos de alguns monumentos.

O decimo congresso d'anthropologia e de archeologia pre-historica será no anno proximo na Grecia.

Uma colossal torre com 300 metros de altura está

projectada para se construir no logar central da exposição universal de 1889, em Paris. Será toda de metal, ficando firmada sobre quatro extraordinarios arcos mais elevados do que o arco triumphal da Estrella n'aquella capital, para que os vehiculos de todos os tamanhos possam passar, não só em altura, como pelo numero a par!

Da ultima plata-forma se descobrirá um panorama de quarenta leguas de extensão em roda de Paris!

Inaugurou-se na Russia, proximo da Villa de Iekaterinoslaw, uma ponte colossal com 1:264 metros de extensão, sobre o rio Dnieper; vindo a ser pela sua importancia, a sexta ponte construida.

A primeira e mais consideravel é a Montreal, no Canadá.

A segunda é a que communica New-York e Brooklyn.

A terceira sobre o lago de Zurich.

Outra na Russia perto de Orenbourg.

Em França, a ponte do Espirito Santo.

Fez-se descobrimento de uma barca antiga, mais ou menos carbonizada em Antuerpia perto da cidadella do Norte; tendo 28 metros de comprimento. Dentro acharam-se ainda fragmentos de couro, cordas e esteiras e vasos envernizados: as cavilhas são de pau. Esta importante antiguidade julga-se quasi do principio da era de J. C.

Na ilha de Fano (Italia) encontrou-se uma estatua de bronze de estylo *archaico*, de singular expressão, que se suppõe representar o deus *Vertunno*, a personificação do Sol que nasce; dando-se a esta figura toda a belleza e vigor de um mancebo. É uma obra prima e uma descoberta importante.

Nos Estados-Unidos da America concluiu-se um grande hotel, com a fórma de um corpulento elephant; nas quatro pernas estão collocadas escadas com 40 degraos, assim como na tromba. A sua construção é de ferro e madeira coberta de estanho: as pernas tem 20 metros de comprimento. Offerece este hotel commodidade para 6:000 pessoas.

## NECROLOGIA

Na existencia humana não ha praso fixo para fazer desaparecer do mundo os individuos que o po-voam, e por isso, em tão curto intervallo de tempo, temos o doloroso dever de deplorarmos a perda de um outro consocio e estimado confrade, o distincto architecto o sr. Lucas José dos Santos Pereira!

Este habil artista pertenceu ao ministerio das obras publicas, tendo sido nomeado architecto de primeira classe em 1876.

Quando se fundou a Academia Real das Bellas Artes de Lisboa foi nomeado seu bibliothecario, e socio da nossa associação em 1864.

Na visita que el-rei o senhor D. Fernando fez ao monumento da Batalha em 1836, lastimou bastante o vergonhoso estado em que se achava aquelle edificio de tão gloriosa memoria, e tambem tão notavel pelo bello especimen de architectura ogival em Portugal; fazendo com que o governo curasse, como lhe cumpria, da sua conservação, a fim de evitar que ficasse reduzido a um montão de ruinas. Foi então o architecto Santos Pereira encarregado de proceder á completa restauração d'este afamado monumento historico e artistico.

Este habil artista houve-se com o maior esmero n'esses trabalhos de tão importante fabrica; e causou-nos agradavel satisfação quando em 1840 vimos as obras executadas com esmerado eserupulo na imitação do seu primitivo typo de architectura. Gostosamente informámos o Instituto Real dos Architectos

Britannicos, do qual temos a honra de ser socio honorario correspondente, ácerca d'esses trabalhos. O nosso relatorio foi publicado no *Transactions of the Institute of British Architects 1868-1869*.

Passados annos voltámos ao edificio da Batalha, quando já a nova flecha estava executada e concluida admiravelmente. N'esse anno a Sociedade Central dos architectos francezes de Paris pedia-nos que concorressemos ao seu congresso, para esse fim lhe enviámos um relatorio ácerca dos referidos e ultimos trabalhos, e das memorias d'aquelle congresso copiamos o seguinte :

«La nouvelle aiguille pyramidal c'est un chef-d'œuvre de sculpture dû au dessin de l'insigne architecte, ainsi que la partie restaurée de la chapelle sépulcrale, qu'il a refaitée et dans toutes ses parties avec un grand savoir-faire, et toujours en suivant fidèlement le caractère et le style de l'ancien monument. Aussi, si nous regrétons amèrement que la restauration d'un autre magnifique monument, qui date de l'an 1500 et qui est justement vanté comme le spécimen le plus caractéristique de l'architecture nationale de la reconstruction du couvent de Belem, elle ait été si déplorablement exécutée ; nous aurons du moins la gloire de dire que c'est un architecte portugais, qui en 1878, il a su faire l'importante restauration du monument de Batalha avec un talent incontestable. Il n'a pas eu la maladresse d'ôter du mérite architectural de la primitive construction, ni la sotte vanité de vouloir changer le style du monument pour flatter son amour-propre ; mais il a su comprendre qu'il s'agissait de faire respecter l'édifice et le célèbre modèle originale de son architecture. Je suis heureux et même fier de solliciter dans ce Congrès où tant de confrères distingués qui m'écoutent, j'en prie de vouloir bien se joindre à moi pour rendre un témoignage de sincère confraternité, d'hommage à l'architecte, Mr. Santos Pereira, pour le savoir dont il a fait preuve en restaurant le superbe monument du couvent de Batalha en Portugal, et si, par votre judicieux discernement, vous le croiez digne de vos suffrages, qu'il reçoive vos applaudissements pour les travaux archéologiques qu'il a dirigés avec tant de talent et d'intelligence. (Applaudissements. Adhésion unanime.)»

Estes testemunhos publicos de consideração e devido apreço dos trabalhos então executados pelo nosso confrade e consocio, Santos Pereira, nas duas tão distinctas Associações dos Architectos Britannicos e Francezes, não podem ser mais lisonjeiros para a memoria d'este architecto portuguez.

Não será unicamente pelo zeloso cumprimento do seu cargo publico como artista habil na restauração d'aquelle estupendo monumento, que o seu nome ficará conservado com toda a veneração pelo seu paiz, pelos seus confrades de todas as nações, pelos seus consocios d'esta Real Associação, mas tambem por ter contribuido para o credito da nossa nobre profissão, sendo reconhecido o seu merecimento nos dois paizes mais civilizados da Europa, onde a arte de edificar se considera na maior importancia que em todas as epochas tem alcançado dos entendidos. O architecto Santos Pereira obteve mais um outro florão para ser laureado, ainda que não fosse reconhecido no momento opportuno, como infelizmente é costume na nossa terra, porque se dá pouca importancia aos uteis serviços : todavia, o que praticou este chorado collega merece a admiração dos seus contemporaneos, os louvores do publico illustrado e o reconhecimento dos operarios canteiros. Pela sua propria iniciativa creou Santos Pereira uma aula para ensinar o desenho de ornato aos aprendizes em serviço na obra de restauração do edificio da Batalha, a fim de os habilitar com perfeição aos trabalhos do seu officio ; e como esta reedificação durou para mais de vinte e cinco annos, conseguiu formar operarios com precisa aptidão para os executar, Este desinteressado e patriotico procedimento é digno dos maiores louvores, e por isso tivemos a honra de propôr este benemerito artista á nossa Associação para que lhe fosse conferida uma medalha de prata, proposta que foi approvada por aclamação.

Quasi no ultimo quartel da sua existencia e no prolongado exercicio da sua profissão teve a mercê de cavalleiro da ordem scientifica de S. Thiago, para o que concorreu muito um dos nossos consocios. Posto que recebesse esta distincção um pouco tardia, pelo menos não ficou o seu prestimo em esquecimento, como a muitos outros com merito e bons serviços que nada obtiveram com grave injustiça.

Se lastimamos com sincero sentimento a perda de um tão distincto confrade, e consocio tão estimado, teremos todavia a consolação de que elle não será olvidado no seu paiz, pois se gravará o seu nome na lapida que vae collocar-se sobre aquelle edificio, declarando quem foi o architecto que restaurou o monumento nacional da Batalha. Se durante a sua existencia não foi apreciado quanto merecia, os vindouros prestarão a devida homenagem ao seu talento e ao seu patriotismo.

POSSIDONIO DA SILVA.

<sup>1</sup> Etude sur quelques monuments portugais, d'après des notes de Mr. le chevalier J. da Silva, architecte, membre de l'Institut de France, par Paul Sédille, architecte, Paris 1878.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
O convento de Mafra, (continuação) — pelo sr. JOAQUIM C. GOMES.....	Pag. 129
A Igreja de S. Francisco — pelo sr. FERREIRA CALDAS.....	133
Architectura dos povos da antiguidade, (continuação) — pelo sr. J. P. N. da SILVA.....	134
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Archeologia prehistorica, (continuação) — pelo sr. J. P. N. da SILVA.....	136
As Mumias do Perú — pelo sr. VISCONDE DE SÃO JANUARIO.....	142
Chronica.....	143
Noticiario.....	144

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### O CONVENTO DE MAFRA

(Continuado do n.º 4, 2.ª serie, tomo 4.º, pag. 51)

A parte do edificio que constitue o convento, propriamente dito, acha-se contida no recinto do palacio, e está situada na parte posterior da egreja, com a qual communica por passagens subterraneas ou pelas sacristias. Tem a forma quadrada com quatro faces exteriores, e quatro pavimentos que eram os dormitorios onde estão as cellas dos Monges; occupa metade da área do edificio, e é coberta por um vasto terraço inferior á altura do pavimento do palacio. No centro ha um jardim.

Logo depois da sua fundação—1730—foi o convento habitado por 300 frades franciscanos, cujo numero se achava já reduzido quando, no reinado de D. José, o marquez de Pombal fez para ali transportar os conegos regrantes de Santo Agostinho. Sendo estes removidos para S. Vicente de Fóra, na regencia de D. João VI, tornou a casa a ser habitada pelos frades franciscanos, que ahi se conservaram até á extincção geral das ordens religiosas. Em 1840, toda essa parte que constituiria o convento foi entregue ao ministerio da guerra, e ali se tem alojado diversos corpos do exercito, e por duas vezes o collegio militar.

A entrada principal—*portaria mór*—é na face sul do edificio. Tres portas coroadas com seus frontões e fechadas com cancellos de ferro, elevando-se do solo sobre quatro degraus de pedra, dão accesso ao vestibulo, que mede 12,3 por 6,6; bancos de marmore guarnecem lateralmente esta casa, cujo pavimento é xadrezado. Uma porta em frente da do centro do vestibulo dá passagem, por um amplo corredor, para o famoso salão—*Casa de entrada da portaria-mór*—e cuja apparencia é tão nobre como magestosa. A projecção horisontal d'esta casa é de 19 metros por 9 metros; o chão apresenta um variado xadrez de marmores; a abobada é lisa e descança sobre uma cimalha, ornada de molduras e de filetes, que circumda superiormente a casa. Dois grandes quadros da escola romana, encaixilhados em molduras de marmore escuro, occupam os dois topos da sala; um dos quadros, obra do pintor portuguez Ignacio de Oliveira Bernardes, representa a Virgem, o Menino Jesus e Santo Antonio—é uma imitação do quadro da capella mór do templo. O segundo quadro, se não é feliz pela invenção, é de uma execução tão primorosa, que mereceu a attenção de Racinski. Na parte superior vê-se Christo com o braço erguido, empunhando um feixe de raios que pretende lançar sobre a terra. No meio do qua-

dro apparece a Virgem segurando o braço do seu Filho — afim de suspender o castigo ; no plano inferior estão os dois patriarchas S. Domingos e S. Francisco, de joelhos, orando em favor do genero humano. É um trabalho perfeitamente estudado, e todavia o assumpto parece-nos não ser facil de tratar. Ao passo que o rosto da Virgem exprime uma suavidade que inspira a mais profunda veneração, no seu braço ha força e vigor. A physionomia do Christo, longe de revelar o odio, mostra verdadeiro constrangimento. As maneiras dos dois santos, sua posição humilde, e a supplica fervorosa que se traduz n'aquelles rostos, são perfeitas. Este trabalho é de Pedro Bianchi.

Em torno da casa ha uma bancada de madeira do Brazil.

Por meio de uma porta em frente da de entrada, e, como esta, ornada de uma lamina de marmore preto orlada de festões, estabelece-se a communição com a escadaria principal do convento, peça magestosa e celebre pela sua construcção. É ella composta de duas series de degraus de marmore, divididos em quatro lanços, os quaes, partindo do solo em sentidos oppostos, e encontrando-se em todos os patamares, formam nos pontos de reunião vastos taboleiros, cujo peso é sustentado por fortes pilares de pedra de 4 metros de altura. Uma graciosa balaustrada de calcáreo guarnece, sem interrupção, as duas escadas e os patamares, onde se abrem grandes janellas que, com as suas soberbas lanternas envidraçadas, e collocadas sobre o terrço, derramam abundante luz em todo este corpo. Concorrem a estas escadas todos os dormitorios, extensos corredores de 17<sup>o</sup> metros, onde existem as cellas ou quartos de fórma quadrada, com 3 metros por lado.

Não ha n'esses vastos corredores, que tem o verdadeiro cunho da clausura, casas ou objectos de arte que mereçam menção especial. É, porém, a portada — que acabamos de descrever — que, com o seu vestibulo, salão e famosa escada, constitue mais perfeitamente a entrada de um palacio, do que a portaria de um convento ; ha ali nobreza e magestade em tudo, emquanto que a entrada do palacio, vestibulo e escada são comparativamente pobres, e indicam melhor a portaria do convento. — «*Ma fra ficou duvidosa no desenho entre o mosteiro e o palacio*», disse A. Herculano.

Passada a portaria-mór, encontram-se ainda no pavimento terreo, dignas de menção, as seguintes peças : — Corredor das aulas — Capella dos martyres — Sala de actos — Casa do capitulo — Escadas que estabelecem communição com a igreja — Refeitório e cosinhas — Capella do campo santo.

O corredor das aulas, assim chamado porque ali estavam estabelecidas as escolas pu-

blicas do convento, é notavel pela sua extensão de 187 metros com 5 metros de largura ; nos dois pontos extremos — norte e sul — tem duas portas de 4,<sup>m</sup>5 por 2,<sup>m</sup>2 para o serviço externo. É banhado de luz por innumera quantidade de janellas de 3,<sup>m</sup>8 de altura ; a abobada é perfeitamente acabada, e o pavimento xadrezado.

A capella dos martyres — hoje profanada — é vasta e elegante ; a sua denominação provinha do quadro que lhe ornava o altar, e que ainda ali se conserva ; todos os dormitorios tinham tribuna para esta capella, onde estava permanente o Sacramento. N'esta casa teve o collegio militar estabelecido o refeitório dos alumnos.

A sala de actos é magestosa. A projecção horisontal d'esta casa é de 25 metros por 9,<sup>m</sup>4. Nas duas faces lateraes ha duas formosas balaustradas de calcáreo branco, guarneecendo duas bancadas que se elevam do plano, por tres degraus. — Eram as *Doutoraes*. No topo da sala estava a cadeira do mestre, sobre a qual se acha uma lamina de fino marmore, encimada por uma folhagem composta de marmores de diversas côres, tendo em letras embutidas a seguinte legenda :

JOANNES V MAFRENSEM ACADEMIAM.

ERIGENS

DOMUM HANC SAPIENTIAE.

DICAVIT

SAPIENTIA GRATA HANC SIBI SEDEM.

ELIGENS

EX EA ACADEMIAM.

REXIT

JOSEPHUS I UTRAMQUE NIMIUM.

DILIGENS

SAPIENTIAE LEGIBUS ACADEMIAM.

FIRMAVIT

ACADEMIA GRATA PERPETUUM MONUMENTUM.

SELIGENS

HUNC EIS LAPIDEM IN TITULUM.

EREXIT

ANNO MDCCLII.

Em frente ha um famoso quadro da escola romana, com 6 metros de altura, circumdado por uma moldura de marmore preto. O quadro representa a Virgem em pé, sustentando nos braços o Menino ; este tem na mão uma cruz de comprida haste, cuja extremidade melte na bocca da serpente que está sob os pés da Virgem. Na parte superior vê-se o Padre Eterno, rodeado de anjos. Este quadro, obra do Cavalheiro Sebastião Conca, tem admiravel transparencia de colorido ; as tintas muito suaves e um estylo assaz delicado dão lhe uma belleza especial. Esta sala é perfeitamente illuminada por tres janellas que lhe ficam no topo ; sobre a porta de

entrada e na parede fronteira ha duas tribunas ; o pavimento é xadrezado de marmores de diversas côres, e uma cimalha guarnece superiormente a casa, cuja abobada é apainelada de estuque.

A casa do Capitulo, ainda que totalmente despidida de ornatos, é notavel pela sua figura elliptica, cujo eixo maior mede 26,<sup>m</sup>3, e o menor 8 metros. A projecção vertical, tomada do centro da abobada, é de 14 metros. Vinte e oito grandes janellas, judiciosamente distribuidas, illuminam esta sala, unica pela sua fórma no edificio ; sobre a porta de entrada ha uma tribuna de marmore ; a abobada é apainelada de estuque, e o pavimento apresenta um bello xadrez de mosaico.

As duas escadas, que estabelecem a communição entre o corredor das aulas e a igreja, são duas formosas peças de marmore, muito espaçosas e perfeitamente illuminadas ; o arco que abre sobre o corredor é elegante, e ornamentado de flores relevados. Eram proprias para um soberbo palacio.

O refeitorio é uma casa imponente, mas sombria ; a sua projecção horisontal fórma um rectangulo de 48,<sup>m</sup>8 por 9,<sup>m</sup>5. Pelo centro e encostadas ás faces lateraes ha, em toda a extensão da casa, trinta e seis mezas de 4,<sup>m</sup>5 de comprimento por 0,<sup>m</sup>66 de largura, todas de madeira do Brazil, e apoiadas em pilares de calcareo branco, onde se accommodavam 300 frades. Na cabeceira da casa e sobre a mesa travessa ha um grande quadro de pintura que representa a *Ceia* ; como a casa tem pouca luz, o quadro não se gosa bem. mas parece não ter merecimento. Suspensos da abobada estão nove lampeões de metal, que eram accesos durante a refeição da noite ; nos dois lados, e sobre as portas que dão serviço para o corredor e para as cozinhas, ha dois pulpitos, onde dois religiosos faziam a leitura do evangelho, emquanto a communição se conservava á mesa.

Contigua ao refeitorio, e communicando com elle por uma porta aberta no topo, encontra se a casa denominada—*De profundis*—porque ali se resava este psalmo, antes da entrada no refeitorio. Tem 23,<sup>m</sup>5 por 9,<sup>m</sup>5.

Em seguida a esta, ha a casa do lavatorio, de figura octogonal, medindo 12,<sup>m</sup>2 de uma a outra face do polygono. Vêem-se ahi quatro formosas urnas de marmore, tendo cada uma seis torneiras de bronze, que ministravam agua para as abluições á saida do refeitorio. N'estas casas não se encontram pilares, columnas ou adornos quaesquer que interrompam a lisura das paredes, guarneçadas apenas por uma cimalha no ponto onde começam a crescer-se as curvas dos arcos das abobadas.

A cosinha communica-se com o refeitorio por uma de suas portas lateraes, e prolonga-se ao lado d'elle,

tendo intermedio um corredor. A sua projecção horisontal é de 21,<sup>m</sup>8 por 10,<sup>m</sup>5. Nos dois topos da casa ha duas grandes chaminés, tendo uma d'ellas um engenho que servia para levantar os pesados caldeirões ; grandes pias, por via de torneiras de bronze convenientemente collocadas, recebem abundancia de agua ; e no centro da casa vêem-se quatro mezas de pedra, medindo cada uma 3,<sup>m</sup>4 por 2,<sup>m</sup>2. Toda a parede é guarneçada de azulejos.

Contiguas á cosinha, e como seus accessorios, havia diversas casas e taes eram : a casa de lavar hortaliças e peixe, com sete alguidares de pedra e numero igual de torneiras, que lhes lançam a agua, e mesa tambem de pedra ao centro da casa ; a pastellaria com mesas e pias de pedra, e dois fornos ; a casa do azeite, com duas grandes pias ; e o lavatorio dos habitos, com dezoito alguidares de pedra, que recebiam agua por igual numero de torneiras de bronze.

As dimensões de cada uma d'estas casas variam entre 13 e 19 metros de comprimento por 6 metros de largura ; nos intermedios d'ellas ha diversos e espaçosos corredores com facil communicação para a conveniencia dos serviços ; e todos elles, assim como as diferentes casas, recebem sufficiente luz, ou pelas janellas das faces externas, ou pelos saguões judiciosamente distribuidos em toda a amplitude do convento, com a dupla vantagem de recolherem as aguas pluviaes, que vão logo passar aos cannos de esgoto. De diversos pontos partem escadas que vão tocar nos pavimentos superiores, dando algumas d'ellas saida para os terraços.

A capella do Campo Santo, assim chamada porque ali se depositavam os corpos dos religiosos fallecidos e se faziam os officios funebres, é imponente—indica perfeitamente o fim para que fôra instituida. As suas dimensões são de 25,<sup>m</sup>5 por 10,<sup>m</sup>8.

Duas famosas columnas compositas, de marmore preto, com 4,<sup>m</sup>8 de altura, bases e capiteis de marmore amarello, e apoiadas sobre pedestaes de 2,<sup>m</sup>6, adornam o altar formado de uma só pedra, medindo esta 2,<sup>m</sup>85 × 1,<sup>m</sup>4 × 1,<sup>m</sup>2, e cujo retabulo de pintura é encaixilhado em mica preta, e coroado por um frontão denticulado, tendo no tympano duas cabeças de anjos. O quadro é obra de Pedro Quillard, e representa a *Ceia*—as figuras são expressivas, mas ha no todo pouca transparencia de colorido. Ao lado do altar e da parte da epistola, vê-se em campa rasa a seguinte inscripção :

AQUI JAZ O PADRÃO D'INIQUIDADE,  
QUE A PARCA FEZ NA SUMMA DIGNIDADE.  
DEPOSITO DOS OSSOS  
DO SR. D. FR. HILARIO DE SANTA ROSA,  
BISPO DE MACAU — 1764.

O pavimento da capella apresenta um xadrezado de marmores amarello e preto, e a abobada é apainelada de estuque; nos dois topos da casa ha duas grandes tribunas de calcareo branco, apoiadas sobre misulas de um estylo severo e pesado que, com a pouca luz que a casa recebe, contribuem para o aspecto triste que lhe convém.

Da parte de fóra da capella estão as campas sepulchraes. Não foi este o jazigo primitivo; esse fóra instituido por debaixo da *Galilé* em catacumbas humildes, que serviram até ao tempo em que os conegos regrantes occuparam o convento. Estes, ou porque as considerassem demasiadamente pobres, ou para que os seus restos mortaes se não confundissem com os dos franciscanos, estabeleceram ali as suas sepulturas, de que mais tarde os franciscanos, menos escrupulosos, se aproveitaram.

O Jardim está situado no centro do convento — a sua area é de 1:860 metros quadrados. Oito ruas cuidadosamente traçadas, convergindo ao ponto central, constituem outras tantas divisões ou canteiros de bonito desenho, ornados de buxo pelo antigo gosto francez. Um lago de marmore, de 5,<sup>m</sup>3 de diametro, occupa o ponto central; aos lados vêem-se quatro conchas, tambem de marmore, e grande numero de vasos symetricamente collocados. Muitos bancos de pedra circumdam o jardim, sobre o qual abrem duzentas quarenta e seis janellas dos quatro pavimentos, correspondendo duzentas e sete a igual numero de cellas, e trinta e nove á bibliotheca. Quatro portas praticadas nas quatro faces lateraes estabelecem a communicacão entre o jardim e o convento.

E tal é a habitacão que, durante um seculo — 1730 a 1834, — foi occupada por diferentes religiosos; destinada ultimamente a serviços completamente oppostos, tem soffrido innumeradas alteraçoes na sua disposicão interna, para apropriacão conveniente de muitas das suas casas. A caserna, o collegio militar, o deposito geral de recrutas, as escolas de tiro e complementar, e o asylo de filhos de soldados, cada um d'esses estabelecimentos fez modificações a seu modo; de maneira que não ha relação possivel, nem facil combinacão, entre as antigas descripções do convento e as de hoje. Algumas escadas foram cortadas, e interceptadas assim diversas communicacões. No pavimento terreo, a capella denominada dos Martyres foi applicada para refeitorio do collegio militar; a sala de actos é actualmente o tribunal judicial; o corredor das aulas acha se interrompido por um tapume; na casa *De profundis*, armou-se um theatro; as cosinhas e seus accessorios soffreram alteraçoes bastantes, porém da cosinha grande serve-se hoje a casa real. As casas que serviam de carceres estão desfiguradas, e os encanamentos das aguas potaveis foram

em partes desviados; constituíam elles uma rede bem estudada, mas complicada bastante e hoje difficil de restituir, porque infelizmente não ha a planta, e os registros são desconhecidos. No segundo pavimento debalde se procuraria agora a capella denominada *dos sete altares*, as casas de *espulgatorio*, e outras mencionadas em antigos escriptos. Existe, porém, intacta a *sala das columnas*, assim chamada porque a abobada, em toda a sua extensão, é apoiada sobre columnas de marmore. Ignora-se a applicacão que tivera em tempo essa casa.

Encontravam-se tambem outr'ora no convento muitos e diversos objectos de arte, taes eram; famosos lampeões e candeieiros de metal, de espaldar e de suspensão; tocheiros, relogios, quadros em pintura de dimensões diferentes, guardados actualmente na arrecadação do palacio ou na casa de arrecadação das alfaías do templo — quasi todos elles são copias, e na maior parte sem merecimento. Havia mais uma innumeravel quantidade de gravuras, algumas das quaes existem, mas inteiramente estragadas, taes como: — de Campion, originaes de Rubens: *A Ceia*, *Ressurreicão de Lazaro*, *Apresentacão no templo*, *Adoracão dos magos*, *Calvario*, *Descendimento da Cruz*, *Assumpção da Virgem*. De Mosin, originaes de Wandick: — *Ecce Homo*, *Coroacão de espinhos*, *Crucificacão*. De Chez Mariette, originaes de Carache: — *A Virgem com o Menino ao collo*, *junto d'ella S. José*, *paisagem ao longe*. De Pedro de Cortona: — *Natividade*, *Presépio*. De Jourdan: — *Descida do Espirito Santo sobre os Apostolos*. De Champagne: — *O Menino Jesus dormindo nos braços da Virgem*. Estes quadros medem 1,<sup>m</sup>2 por 0,<sup>m</sup>68.

São tambem pertencas do mosteiro as riquissimas alfaías e paramentos, verdadeiras maravilhas de arte, das quaes já tratámos em outro capitulo, e cujo valor é tal que — segundo a tradicção — obrigou D. João V a exclamar perante a cõrte: — «Isto que estão vendo custou-me mais dinheiro que toda essa grande massa de pedra que nos cerca.»

Vê-se, pois, que o regio fundador envidára todos os esforços para que a sumptuosidade do convento suplantasse a magnificencia do palacio. Sentiu-o Byron, como declara em uma das suas estrophes: *As vestes da egreja confundiam-se com as galas da cõrte*: e melhor ainda o sr. A. Herculano: *A purpura está lá remendada de burel; o burel alindado com a purpura*.

É verdadeiro; mas são epochas. E o espirito dominante é quem move as pessoas e quem determina as cousas.

Concluiu D. João V o monumento de Mafra em 1730; um pouco mais tarde, mais proximo a findar o seculo, elle e os seus cortesãos não só não dariam

ao edificio a disposição que deram, mas até mesmo não cogitariam em o crear.

O pensamento de Byron é o sentir livre de um inglez, que nunca poderia admittir que o mosteiro excedesse em magnificencia o alcaçar regio; nem mesmo soffrer a confusão de entidades diversas, como elle censura, dizendo: — *viam-se alternadamente nobres e frades*. . . O nosso eminente escriptor, sr. A. Herculano, apresentou aquelle seu judicioso pensamento em 1843; não haverá erro em suppôr que elle sentisse de outro modo, se existisse em 1717.

Hoje, a soberba portada do convento está deserta; as suas casas famosas, as escadarias, as capellas, estão despidas das suas galas, dos seus quadros, dos seus candelabros; em compensação, ornam-se das stalactites, emquanto que os extra-dorsos criam abundantemente plantas vivaces.

Ao correr os extensos corredores, Byron agora ouviria sómente o som dos seus passos repercutirem-se sob as immensas abobadas.

O socio

JOAQUIM C. GOMES

#### A IGREJA DE S. FRANCISCO

No n.º 3 da *Revista de Guimarães*, de julho de 1884, tivemos o prazer de ler as judiciosas e artisticas considerações com que o erudito rev. padre Ferreira Caldas analysou a construcção da antiquissima egreja de S. Francisco da cidade de Guimarães. Alcançamos, agradecidos, da illustrada redacção de tão recommendavel periodico reproduzir-se no nosso *Boletim* esse artigo do festejado sabedor, do qual deploramos a prematura perda; e de novo agradecemos á mesma illustrada redacção a sua condescendencia em annuir ao empenho de um sincero amigo d'esse chorado consocio.

«Quer alguém, e de auctoridade muito respeitavel, que esta igreja fosse em tempo dividida por tres naves; todavia, acatando muito a opinião dos mestres, quer-nos parecer que tal asserção só tem por fundamento as prescripções da arte, que no caso posto as aconselhava apenas.

A nosso ver, taes naves nunca existiram, e algumas rasões, que apresentaremos dispersas, como as achamos, parecem dar fundado motivo á nossa negativa.

Vejam os:

A capella-mór, decorada com as armas d'el-rei D. João I, é sem duvida fundação do seculo xv. N'esta época não havia ainda nem sequer intenção de dividir a igreja em tres naves, porque, sendo a mesma capella-mór rasgada em toda a volta por

sete grandes janellões, que desciam quasi até o socco, estorvava sem duvida qualquer construcção, que quizessem encostar-lhe, e, portanto, não dava logar ás capellas absidaes indispensaveis para o termo das naves respectivas, segundo a praxe.

Estas capellas, levantadas posteriormente, vieram inutilisar dois dos formosos janellões, construidos por devoção e iniciativa particular, de architectura diversa e de época provavelmente diversa, nunca ao seguimento das naves; e leva-nos a crer isto, além d'outras rasões, a differença da abertura dos seus respectivos arcos, medindo o da capella norte 3,<sup>m</sup>47, ao passo que o do sul mede 2,<sup>m</sup>82; diff. 0,<sup>m</sup>65; e é de presumir que tal irregularidade não se daria, quando estas capellas fossem destinadas para alinhar com naves regulares.

Mas quando estas existissem um dia, não seria natural, que d'esse grande esqueleto, depois desconjunctado, nos restasse ainda um ou outro osso?

Pois de toda essa fabrica, que devia ser grandiosa, nem uma só aduela, nem um capitel, nem uma base, nem um fuste de columna utilmente aproveitado n'essas tantas e tão variadas obras, alli posteriormente realisadas.

Mas seriam as naves uma ligeira construcção de tijolo e estuque? Ainda assim, estes mesmos materiaes valiosos pela sua grande quantidade deveriam apparecer nos aqui ou além, quer dispersos quer utilizados n'um edificio de tão vasta e variada fabrica.

Pois nem um só indicio!

Dos monumentos escriptos tambem alguma coisa se colhe comprovativa do nosso asserto. A capella-mór é, como dissemos, obra levantada no seculo xv.

As paredes lateraes da igreja, actualmente existentes, já eram paredes no seculo xvi; pois que o altar de S. Gualter, que se encosta a uma d'ellas, já era altar com sepulturas dos paes e avós do instituidor, Simão de Mello em 1571.

Portanto, os fundadores das capellas absidaes aproveitaram, como poderam, o espaço comprehendido entre esta e o termo das paredes lateraes, sem se lembrarem de naves.

Do livro das sepulturas existentes n'esta igreja, creado em 1775, depreheende-se com toda a probabilidade que estas sepulturas eram já em 1551 e 1552 numerica e ordinalmente as mesmas d'hoje; e por isso não podiam dar logar ao assento de oito bases d'arcos.

O padre Torquato de Azevedo, tão minucioso na descripção d'esta igreja e que d'ella escreveu pelo meado do seculo xvii, diz-nos, que ella era atravessada com tres arcos de pedra grandes — dos lateraes ainda ha vestigios — que lhe formavam o cruzeiro, e falla-nos igualmente do formoso arco, que ainda hoje sustenta o côro. Estes arcos do cruzeiro

e côro são, sem duvida, obra de valiosa importancia, e sendo o nosso curioso escriptor minucioso até á prolixidade e calando a historia da sua construcção e o nome dos seus constructores, dá-nos licença de suppôr que taes arcos já então eram antigos, e oppondo-se o do côro á construcção das naves, quando existiram estas?

O auctor da *Historia Serafica*, fr. Manuel da Esperança, escrevendo igualmente no meado do seculo xvii, diz-nos que este templo *era d'uma só nave, e com demasia largo; mas fabricado n'esta fórma para que, ficando desabafado, podesse recolher parte da gente, por ser tanta nos officios divinos, que tambem não cabia no alpendre, posto que muito grande.*

Se não existiam as tres naves no seculo xv, nem no xvi, nem no xvii, quando existiram ali? Portanto, além da improbabilidade das tres naves *n'aquelle recinto*, não sabemos de monumentos escriptos, historicos nem tradicionaes, nem vestigios, que nos auctorisem a suppo-las.»

P.º FERREIRA CALDAS.

#### ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero anter., pag. 117.)

Os romanos em todas as suas construcções serviam-se principalmente de argamassa e materiaes de pequenos volumes. Os gregos, para formar os entablamentos de suas columnatas, empregavam pedras inteiriças, abrangendo o apoio de uma columna á outra. Os romanos, que não tinham esse recurso, eram obrigados a valer-se de meios differentes; substituiram o entablamento por arcos feitos com tijolos, para ligar as columnas umas ás outras, obra facil de construir. Tendo adoptado a forma de arco para esta construcção, naturalmente inventaram no seu paiz as abobadas, da qual os architectos gregos rarrissimas vezes fizeram uso. Nos amphitheatros, os degrãos eram com facilidade formados sobre abobadas sobrepostas; os pilares do andar superior firmavam-se sobre os pilares do andar inferior, e a parede externa era aberta por arcadas. Os aqueductos tambem foram compostos de arcadas sobrepostas. Para estas extraordinarias construcções, bastava terem alguns architectos com a pratica d'esses trabalhos; porém do que elles mais necessitavam era de grande numero de trabalhadores para transportar e preparar os materiaes. Ora a administração romana podia dispôr do exercito para o empregar n'esses trabalhos, além de poder requisitar o auxilio das populações onde se executavam taes obras. Foi por este modo que o grandissimo amphitheatro do

Coliseo, no qual havia logar para 100:000 espectadores, se edificou em menos de 3 annos!

Quasi sempre a decoraçào se applicava sobre o edificio, como se fosse um vestido. Quando o romano legislador traçava os planos e construia o edificio conforme o seu pensamento, chamava depois o architecto grego para lhe fazer o vestuario, e isso acontecia muitas vezes, sobre tudo depois da conquista da Grecia, servindo-se dos artistas desterrados da Attica para trabalharem com o soldo dado pelos seus vencedores.

Era frequente o artista grego ficar embaraçado quanto á maneira por que se serviria das columnas, pois não comprehendia a maneira de as applicar sobre construcções tão diversas, comparadas á bella disposiçào dos edificios da architectura grega. Como, por exemplo, não seria difficil ajustar a forma inflexivel da architrava com a curvatura das arcadas, ou o angulo do frontão com a convexidade da cupula? O habil architecto grego antevia esse embaraço muito melhor do que o patricio romano, que o fazia trabalhar; e por isso abusava sem cerimonia para o contentar, já escolhendo uma Ordem mais vistosa que a dorica, a jonica, e ainda melhor a corinthia, que na Grecia quasi nunca servia, porém como apresentava effeitos chocantes, opposições fortes e perfis mais complicados, correspondia perfeitamente por este modo aos desejos dos senhores do imperio; posto que não fossem exigentes a respeito da pureza de formas, queriam columnatas de apparencia magestosa, ostentando uma riqueza tão excessiva quanto possivel, digna do imperio romano.

Os architectos romanos empregaram as *Ordens* com uma grande variedade. Podia-se dizer que cada um dos seus edificios apresentava uma nova compozição, notando-se todavia serem mais geraes as formas da Ordem corinthia, a qual mais frequentemente apparece n'essas construcções. Esta variedade era motivada antes pelo capricho e circumstancias especiaes do que pelo bom gosto e escolha do entendimento.

As regras sobre as *Ordens* determinadas pelos modernos, poderiam fixar-se conforme o emprego feito nos edificios romanos; porém os architectos antigos pouco se conformavam com essas regras, além de não terem ajuntado nenhum elemento novo aos que haviam recebido dos gregos. Em Roma os detalhes das *Ordens* foram applicados com pouco escrupulo. Na Grecia todas as molduras eram traçadas pela inspiraçào do artista, e por isso não podem ser geometricamente definidas: os romanos praticavam por outro modo; todas as molduras das *Ordens* foram traçadas por uma medida de compasso, e não combinadas pelo sentimento para lhes dar toda a harmonia e belleza.

Os architectos romanos pouco se cançavam em

1 O artigo antecedente d'esta secção saiu, por engano, com outro titulo, devendo ser o mesmo acima designado.

raciocinar sobre a maneira como se serviriam das *Ordens*, tomando-as sem saber para que convinha cada uma das suas partes. Tauto assim, que no interior de qualquer edificio, debaixo do uascimento da abobada e por cima do balanço do capitel, elles ajuntavam outra cornija saliente, posto que n'este logar fosse superflua, visto dentro do edificio não haver precisão de resguardar da chuva a base d'elle, pois é para que serve a applicação motivada do balanço da cornija na parte externa dos edificios.

Para dar uma idéa mais completa dos auxilios que os architectos romanos tomavam da ornamentação, indiquemos os nichos para as estatuas, os caixotões pintados e dourados sobre as abobadas, os marmores, os estuques, o mosaico com o qual se formavam sobre as paredes desenhos mui vistosos pelas suas côres e se construia o pizo dos edificios. Devemos fazer uma observação importante: nunca as distribuições internas ficaram sacrificadas á ornamentação, nem tão pouco ás regras da symetria.

O habitante de Roma não imitava na sua residencia privada os mesmos principios, que se empregavam para a construcção dos edificios publicos. Quando levantava um monumento, indicava a ostentação do imperio; como magistrado queria parecer importante, magnifico e poderoso, aceitando mesmo a rigorosa symetria, com tanto que fosse util para dar maior realce e grandeza ao todo do edificio. Ali apparecia como representando o Poder Publico. Quando, porém, construía para si, abdicava o character official para executar o que lhe fosse mais commodo e agradável. O exterior da sua habitação era sempre da maior simplicidade e sacrificado ás disposições internas. Não procurava por modo algum surprehender exteriormente pelo aspecto, evitando offuscar o vulgo; queria unicamente a satisfação do seu gosto pessoal, fazendo uma residencia aprazivel para si e para a sua familia.

Era por esta maneira que os romanos costumavam praticar, especialmente quanto ás casas de campo, essas esplendidas *villas*, onde os patricios podiam disfructar á vontade as suas riquezas, e dispôr d'ellas com a maior liberdade, sem se inquietarem das rivalidades invejosas dos seus pares. Todavia, no principio do imperio, o gosto pelas decorações faustuosas no exterior das casas havia prevalecido; o herdeiro das rapinas de Sylla (entre outros), o Scannos, mandou levantar na frente de seu palacio 360 columnas, da qualidade de marmore o mais raro, as quaes tinham 13 metros de altura, e era tal a grossura do seu diametro, que por pouco não arrombaram com o peso os solidos canos geraes, de esgoto, quando foram transportadas para o monte Palatino.

Na antiguidade, tanto entre os gregos como entre os romanos, assim como na idade media, a habitação privada e o palacio dos principes comprehendiam duas partes mui distinctas: uma era reservada á vida publica e recepção dos estrangeiros; a outra á vida privada e existencia intima. Os gregos tinham, além d'isso, aposentos destinados para os homens, e outros mais retirados unicamente destinados para as mulheres, condemnadas quasi a uma reclusão perpetua, como aconteceu ás mulheres do Oriente.

Na distribuição de uma habitação romana, a *porta* de entrada dava communicação para um *corredor* onde havia a casa do porteiro, conduzindo tambem ao logar da casa para se receberem as visitas e os clientes. Esse recinto constava primeiramente d'um pateo cercado de porticos, no centro do qual havia um tanque quadrado para receber a agua das chuvas. Esse tanque tinha algumas vezes um repucho. As paredes da casa eram revestidas de marmore até á altura de um metro. Por cima, pinturas a fresco representavam composições historicas. No fundo d'este mesmo recinto e defronte da porta principal, era o logar reservado ás imagens dos antepassados, genealogias e archivos pertencentes á familia. Proximo estava o logar para se conservarem os *deuses-lares*, ao lado do qual haviam collocado o altar domestico. Em seguida viam-se as salas onde eram recebidos os estrangeiros, e as salas de conversação quasi sempre armadas com riqueza; depois d'estas, vinha a casa de jantar, chamada *triclinium*, porque havia ali tres leitos, nos quaes se recostavam as pessoas para tomar as refeições.

No outro corpo de construcções junto ao primeiro reunia-se a familia. Atravessavam-se corredores e chegava-se a um grande pateo cercado tambem de porticos; no meio estava igualmente um tanque e em roda havia flores e arbustos. Circundavam este pateo os quartos para dormir, com a distincção de *cubicula diurna*, *cubicula nocturna*. Entrava-se por uma antecamara guardada por dois escravos de confiança. N'esta parte da habitação havia diferentes casas de jantar, e tambem capella da familia. Seguiam-se a cosinha, as mais officinas e os quartos dos escravos. Uma pequena sala envidraçada recebia o calor dos raios do sol e servia para a reunião no inverno em dias bons.

Os mais abastados patricios tinham além d'isso nas suas habitações uma sala de livreria, casa de banhos, casa para o jogo da péla, e um *aleatorium*, casa guarneçada de mezas para se jogar aos dados. Algumas casas romanas possuíam um primeiro andar coberto por um terraço adornado de arvores, flores e latadas. Quasi sempre sobre esses terraços havia igualmente um *triclinium* para as refeições da noite. Além d'isso tinham ainda para

cada estação uma casa de jantar especial. Não era raro ver na frente do edificio um pateo plantado de arvores e ornado de estatuas.

Na casa de campo não conservavam a mesma distribuição que na cidade. Theatro, banhos, bibliotheca, e tudo mais necessario para distrair e gozar melhor a existencia no campo, todas estas differentes construcções não ficavam reunidas no mesmo edificio, mas separadas de proposito para apresentar uma edificação mais capaz de atrair a attenção; pois estavam separadas umas das outras, communicando-se por porticos, e cada uma tendo a sua distribuição mais conveniente e a exposição mais adequada.

Os romanos, n'estas obras, eram guiados por um espirito pratico, principalmente nas suas casas de campo. Desprezavam com muito juizo a excessiva regularidade e symetria incommoda; preferiam gosar a vista sobre o mar, rio ou lago, quando a localidade e a paizagem lhes offereciam a possibilidade, fazendo contribuir a arte e a natureza conjunctamente para se alcançar e augmentar os encantos de uma aprazível habitação.

A architectura grega teve grandissima vantagem em combinar a construcção com a decoração, concorrendo para uma bem entendida harmonia, e a mais perfeita e intima alliança. O architecto grego, depois de haver calculado a posição do edificio, construía-o com arte, e a ornamentação não era outra coisa senão o resultado d'essa organização assente e esculpida, não sendo mais que o desenvolvimento da sua idéa. O artista grego discorria sobre o que tencionava executar, não se contentava com o mediocre, nem com o soffrivel, procurava sempre o mais perfeito e bello. Certamente seria muito conveniente nos tempos modernos imitar esta maneira de se executarem os edificios; mas não devemos

servilmente copiar os da Grecia. Tendo nós outros usos e costumes, forçosamente precisamos de outras distribuições nos edificios, e que apresentem o caracter proprio do seu moderno destino. Podemos tomar o exemplo dos gregos, construindo-os sempre adequados á nossa época, da mesma maneira como elles construíram os seus proprios para a sua civilisação.

Porque não seguiremos nós tambem, como os romanos, a admiravel disposição com que delineavam os planos dos edificios, e tomando o seu exemplo, por que não observamos em primeiro logar a regra que o edificio deve antes de tudo satisfazer ás condições da mais completa commodidade, e nunca a parte interior seja sacrificada ao exterior? Porque não procuraremos obter que nas habitações particulares se applique o bom senso que os inspirava, imitando essa elegancia bem cabida, principalmente fazendo distribuições bem distinctas e agradaveis?

Não devemos por forma alguma estudar dos romanos o seu modo de decoração. Deve-se evitar, tanto quanto fôr possivel, separar, como elles, a construcção da decoração. Não devemos tão pouco pretender servirmo-nos de principios que não observaram, nem auclorisarmos com o seu exemplo para seguir ás cegas as regras de symetria, das quaes não faziam nenhum caso. É verdade que procuravam regularisar os seus edificios para lhes dar um aspecto de accordó, mas nunca na sua distribuição, porque então ficaria defeituosa. Portanto devemos aproveitar d'esses dois povos, que nas artes executaram obras maravilhosas, as suas sensatas theorias, não haveria nada mais judicioso, porém jámais arremedal-os na imitação das suas edificações para não passarmos por ridiculos e faltos de criterio e de intelligencia.

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

#### A idade da pedra polida

(Continuado do 3.º tomo, n.º 7, pag. 108)

A existencia do homem sobre a terra, desde o principio da epocha quaternaria antiga, é um facto, que hoje em dia está confirmado pela sciencia. A voz da verdade, tão poderosa e irresistivel, patenteou a descoberta a mais importante da nossa epocha, a que affirma ser o homem contemporaneo do *ursus spelæus* (o urso das cavernas). Todavia não trataremos agora da remota antiguidade do homem, o nosso intuito é mais restricto.

Propômo-nos fallar tão sómente do periodo da Pedra polida ou Prehistorico — d'esse periodo da historia da humanidade que immediatamente seguiu a idade da Pedra lascada — ou da epocha antediluviana, e que se encadêa aos tempos historicos pelas idades do bronze e do ferro, das quaes depois nos occuparemos.

Não se ignora presentemente, que os *Crannoges* da Irlanda, os *Kjoekkenmoeddinges* de Dinamarca, bem como as habitações *lacustres* da Suissa, ou *Pfalhbauten*, e as *Terramares* da Italia, etc., são os depositos dos antigos restos de cosinha onde foram estabelecidas as residencias dos povos prehistoricos,

e que talvez tivessem vivido no mesmo tempo no Occidente da Europa. O seu desenvolvimento parece ter seguido a desappareição para os povos contemporaneos dos grandes ursos das cavernas e do renna (rangifer), e precedeu a vinda das Celtas.

Já em 1862 as investigações feitas em diversos paizes pelos Geologos e Archeologos haviam posto em evidencia o ter existido um periodo prehistorico, ou da *pedra polida*.

O sem numero de cavernas exploradas deram a conhecer *duas faunas*, completamente distinctas; uma contemporanea do *urso das cavernas*, a outra, de indicio mais recente, pois não apresenta vestigios, nem de renna, nem de urso: porém n'esta ultima haviam-se encontrado mós de granito, e de pegmatita,<sup>1</sup> assim como *machados* polidos.

Não apparece a menor duvida de que a civilização dos homens contemporaneos do *ursus spelæus*, era inferior á do homem contemporaneo das especies mais recentes que as do urso. Era, pois, importante classificar a *fauna das grutas*, desconhecidas scientificamente, afim de ficarem a par com as descobertas paleontologicas,<sup>2</sup> com a das habitações lacustres da Suissa; e de se conhecer tambem a civilização, da qual se encontraram os mesmos vestigios como os *Pfalhbauten*. Tendo-se, pois, procedido a um estudo comparativo com os objectos expostos nos museus da Suissa, e sendo guiado pela opinião dos mais distinctos archeologos, pôde-se afirmar presentemente ser a idade da *pedra polida* correspondente á das habitações lacustres da Suissa, de Dinamarca, e da Irlanda, como igualmente, das de França, nos Pyreneus.

As cavernas da idade da pedra polida apresentam a sua entrada muito variavel. Os homens que habitavam essas cavernas costumavam fazer lume dentro d'ellas, e por isso pouco caso davam a uma exposição qualquer, pois que podiam facilmente remediar os seus inconvenientes, servindo-se da abundancia de materias combustiveis que o paiz lhe offerecia.

Pelas observações feitas se acredita, que as cavernas habitadas na epocha da idade da pedra polida eram geralmente sadias, pois não seriam humidas nem teriam correntes d'ar, nem tão pouco se receiaria que asstalactites se despegassem da abobada, ou se formassem no solo as stalagmites.

As dimensões em altura e em largura das diversas grutas são mui variaveis. As mais espaçosas e que mostram indicios de terem sido habitadas n'uma maior extensão, seriam occupadas por uma população numerosa, e as outras mais pequenas teriam

servido para uma unica familia. No primeiro caso, um unico brazeiro seria sufficiente para todos; no segundo, haveria sem duvida tantos brazeiros quantas fossem as familias.

A reunião de factos observados faz suppor que entre esses povos havia pastores, agricultores e provavelmente tambem alguns individuos dados á occupação da caça. Quasi todas as especies de vertebrás, das quaes foram examinados os destroços, pertenciam a animaes domesticos, taes como o boi, o carneiro, a cabra, o porco e o cão. Entre os ossos quebrados, acharam-se os de lobo, de rapoza, de texugo, de gatos bravos, de veado e cabramontez: portanto, era preciso guardar juntos esses animaes domesticos nas pastagens, para os poderem sustentar; igualmente iriam caçar para obter aquelles que eram bravios. O estudo das armas, que faremos depois, nos ministrará provas para nos convencer de que a caça estava em uso entre estes povos, ainda que incompletamente civilizados.

A agricultura teria tido um tal ou qual desenvolvimento entre estes habitantes das cavernas, pois que se encontraram, nos logares habitados por elles, mós de diversos granitos, aferrotoadas e gastas, o que indicava que cultivavam e moiam os cereaes.

As explorações feitas n'estes ultimos tempos nas cavernas dos Pyrenéus, fizeram vêr que tinham sido habitadas pelo homem quaternario, pois que conservavam ainda os vestigios da sua industria primitiva, assim como a *fauna* patenteando o vestigio do urso das cavernas,<sup>1</sup> do qual elle tinha sido contemporaneo, conforme já explicámos.

Uma das maiores e mais bellas grutas dos Pyrenéus é a de *Bedeilhac*. A sua abobada eleva-se em muitos pontos a 80 metros. As stalactites formam magnificas columnas, e os grandiosos adornos, com os quaes a natureza foi prodiga, causam um admiravel aspecto para os visitantes. Está formada no *calcareo cretaceo inferior* da montanha Sondour, a sua magestosa entrada fica ao noroeste. Duas galerias conduzem ao interior d'este mysterioso asylo. A galeria da direita, na extensão de 100 metros, tem sobre o solo espalhados grandes fragmentos de rochedos, e destroços de stalactites caidas da abobada.

Um carreiro, quasi plano, em umas partes indicado por uma terra negra e argilosa, em outros sitios passando se sobre stalagmites, mais distante por cima da areia fina e seixos rodados, é o caminho que se encontra dentro d'estas cavernas.

Estes vestigios que manifestam a *morada do homem*, assim como os indicios d'uma civilização, e

<sup>1</sup> Rocha composta d'orthose; isto é, d'uma especie de feldspath o mais commum, composto de silicato d'alumen ou de potassa.

<sup>2</sup> Sciencia que trata dos animaes e plantas fosseis.

<sup>1</sup> Um grande craneo d'este animal prehistorico, achado em uma d'essas cavernas, está exposto no Museu do Carmo, e é citado esse exemplar na obra do archeologo mr. Garrirac.

d'uma industria, ainda que atrazada, não obstante ser já mais perfeita que as descobertas em outras grutas situadas a 100 metros acima da mesma montanha; continham restos da industria do homem *quaternario* bem como a fauna pertencente ao *urso das cavernas*, do qual elle fôra contemporaneo.

Na sua maior galeria o solo é composto por um *humus* ennegrecido contendo argila, e em certos pontos mostra ser unctuosos. Aqui e acolá existem cabeços calcareos, que parecem encravados n'esse solo, o qual sem duvida os teria coberto antigamente quasi todos. Um unico lugar da caverna parecia estar ainda intacto. Proximo da sua entrada se descobriu um sitio que fôra habitado, contendo numerosos ossos inteiros ou quebrados, dentes de ruminantes em grande abundancia; conchas esmigalhadas de diversos helices, fragmentos de mós, vasos de barro grosseiramente fabricados, mas feitos em mil pedaços, ossos preparados em feitio de punhal; e todos estes objectos envoltos em cinza e carvão, que muitas vezes apparecem solidamente unidos.

Os logares que serviram para fazer lume, posto que não se possa actualmente designar qual era o numero, existiam todavia em muitas partes; fazendo suppor haver um principal que pertenceria ao chefe da tribu que habitasse esta gruta; e em roda ficariam collocados todos os outros, sendo o fogo alimentado por cada familia em particular.

Mostram esses montões uma mistura de cinzas de carvão vegetal quasi calcinado, algumas vezes puro, outras misturado com a terra, mas contendo sempre restos d'ossos de animaes e destroços de industria humana; porém, estes logares que serviram para ter lume, não eram os unicos onde se descobrissem fragmentos d'ossos; esses remotos vestigios, que são os veridicos archivos, indicam-nos a existencia de uma população ignorante.

Os arredores d'esses montões de cinza, os cantos e as tortuosidades dos rochedos, como o proprio *humus*, encerram em abundancia louça de barro, ossos preparados, instrumentos de pedra, restos osseos de animaes que haviam servido de alimento.

Emquanto aos *instrumentos de pedra* achados, em primeiro lugar, eram os machados, ou, mais apropriado, cachamurras, apresentando de um lado uma cabeça com a forma de martello. A materia empregada de preferencia para a sua fabricação eram o granito e as suas diferentes variedades. Esses instrumentos parecem ser de seixos, cuja forma fôra escolhida de proposito, e depois foram apenas modificados, polindo-os; o seu comprimento regula por 20 centímetros, e o pezo, pouco mais de um kilogramma.

Alguns *silex* estavam cortados com o feitio de facas planas, semelhantes ás outras encontradas nas cavernas da idade do renna.

Lascas de schistes quartzosos, do tamanho da mão, parecendo no feitio com as raspadeiras de silex da idade do renna. Alguns d'estes instrumentos estavam ainda bastante afiados para poderem cortar a carne como o faria qualquer faca de metal. Os primitivos machados polidos e cortantes eram em rocha de serpentina. Um dos lados d'este instrumento estava coberto de cinzas de carvão, fortemente unido com elle.

Laminas de lioz quartzoso serviam de brunidores, e para desgastar a pedra eram laminas de grande grossura, estando já gastas e encavadas por terem servido a preparar os diversos instrumentos.

Mós de rochas de diversas especies de granitos appareceram já usadas em uma das suas faces, primitivamente planas, com dimensões diferentes. D'estas pedras, verdadeiras mós aferroadas, como as que servem nos moinhos do tempo presente, as mais pesadas e de maior volume estariam fixas sobre o solo, as outras poder-se-hiam remover com uma só mão.

Dos *instrumentos de osso*, o maior numero eram uma especie de furadores feitos com os ossos do *métacarp*, tibias, ou outros ossos compridos, de cabra, de carneiro e de cabrito montez

Quando os furadores se quebravam, a ponta superior podia servir a formar uma flecha; a inferior era aguçada outra vez. O comprimento total d'estes instrumentos era de 12 a 13 centímetros

Os instrumentos chatos feitos com as costellas de boi ou de veado, assemelham-se ás facas de que se servem actualmente os esfoladores.

Os instrumentos chatos preparados com os ossos pertencentes ao corpo, eram abertos de um lado ao outro, e em lugar de os aguçarem, ficava por meio d'esta operação a sua superficie completamente plana e a extremidade do osso era boleada. As estrias feitas pelo instrumento que produzia essa face plana, se conhecem a alguns centímetros da extremidade boleada, onde existe tambem uma superficie por tal forma polida pela fricção, que parece envernizada. Serviam-se d'elles para polirem as outras peças, sendo facil tel-os na mão.

Nos instrumentos cortantes ha thesouras e facas: para as thesouras empregavam um femur ou um humerus de ruminante-adulto para o quebrar pelo meio, depois abriam-no ao alto. Estes dois fragmentos eram aguçados em uma das suas extremidades como são as pontas das actuaes thesouras, cavando a outra extremidade, para se servirem d'ellas.

Um dos instrumentos mais característicos viha a ser uma faca concava, como se fosse uma fouce, feita com um fragmento das presas do javali. A borda cortante é perfeitamente afiada, cortando a madeira como o faria um instrumento de ferro.

Havia uma grande quantidade d'ossos, simplesmente cortados, sem serem polidos, tendo a forma de pontas de flechas, ou cabeças para lanças.

Os craneos dos diversos animaes estavam quasi todos como se tivessem sido esmigalhados por um instrumento contundente, que teria quebrado os ossos frontaes e parietaes.

Em geral, os maxillares superiores estão separados do resto da face, os dentes conservam se sempre nos alvéolos; muito poucos maxillares superiores estão juntos com as orbitas.

As vertebraes são artificialmente fendidas por tres ou quatro maneiras diferentes.

Raras vezes se acha uma costella inteira. Os humerus não apparecem nunca inteiros, tanto dos grandes como dos pequenos ruminantes, ou dos carnivoros.

Os metacarpus dos pequenos ruminantes foram mais vezes aproveitados, que os d'outros de maior corpulencia, para fabricarem ferramentas e armas.

A maior parte dos ossos mostram estrias muito delicadas, incisões largas e profundas, indicando positivamente que a mão do homem, servindo-se de instrumentos diversos, teria produzido esses variados effectos.

Entre os ossos apparecem alguns que foram roídos por animal carnívoro, cujos dentes não deviam ser mais grossos que os de um cão de mediano tamanho.

As especies de animaes, cujos restos acabamos de mencionar, eram bois da raça pequena e da grande, carneiros, cabras e cães já domesticados.

Misturados com todos estes destroços, envoltos tambem nas cinzas e no humus, appareceram fragmentos antigos de louça de barro, que pelo seu feitio grosseiro indicavam bastante a infancia da arte. A materia empregada era uma argila muito gorda e micacea, á qual estão misturados grossos grãos de quartzitos. Esta preparação de barro parece ter sido cozida.

As formas da louça e suas dimensões não são muito variadas. Alguns objectos parecem ter tido um fundo chato e uma forma cylindrica, bastante altos, e muito grossos. Outros fragmentos indicam louça bojuda, com dimensões menores que as precedentes, porém não se afastando muito das que tem a louça encontrada na Suissa com o fundo convexo e pés para conservarem o equilibrio.

A maior parte não foi feita ao torno, mas preparada á mão e depois alisada com uma espatula para disfarçar as covas deixadas pelos dedos. Em geral nota se a falta de ornamentação. Tem azas mui pequenas, nas quaes apenas podem entrar as cabeças dos dedos e estão collocadas muito junto á borda.

Na parte interna d'esta louça appareceram os fragmentos cobertos de uma crusta negra, espessa,

o que mostra haver penetrado o lume na substancia argilosa. A face extrema tem a cór vermelha do barro cozido.

As camadas que se encontram nas cavernas, as primeiras junto da profundidade do solo, são compostas de seixos calcareos agudos e cortantes, com porporções mui variaveis e pesos diversos, desde algumas grammas até para mais de cem grammas. Debaixo d'esses seixos espalhados com bastante desigualdade descobre logo, uma pessoa costumada a essas investigações, o humus caracteristico das grutas da idade da pedra.

Os brunidores em schistes silicôso, sobre o comprido e mui leves, assemelham-se muito, na forma, ás pedras com que se afiam as fouces. Essas pedras apresentam quatro faces um pouco abauladas, polidas e gastas uniformemente. Tambem se descobriram outros fragmentos que serviram para fazer lume, os quaes se alteravam e esboroavam ao contacto do ar, o que mostrava terem tido essa applicação.

Com outro destino se acharam armas de cabrito montez, aguçadas com esmero na sua extremidade, não para servirem como instrumento cortante, porém pelo uso e pela fricção podiam ser empregadas como arma defensiva, por exemplo, um punhal forte e temível.

Um objecto notavel era ver os ossos temporaes de ruminantes, cuja articulação com os ossos frontaes foi gasta para se tornar plana. Pela fórma natural concava que apresenta este osso na parte interna, podia servir de colher, ou taça para beber. Foram os primeiros com este feitio encontrados n'esta estação da idade da pedra polida.

Entre esses destroços, havia igualmente ossos de passaros reduzidos a bocadinhos tão pequenos, que unicamente se pôde conhecer terem pertencido a passaros de diversas especies, e sem duvida de tamanhos diferentes, mas não foi possivel designar essas especies.

Encontraram-se no humus, na profundidade de um metro, algumas cascas de avelans e caroços de cerejas silvestres.

As armas dos veados não serviam unicamente para punhaes, os esgalhos maiores eram serrados alguns centimetros acima da base, de maneira a apresentar tres superficies, da qual uma corresponde á base da arma, enquanto as duas outras são formadas pelas secções dos dois esgalhos. Cada uma d'estas tres superficies está furada para encavar n'uma ferramenta; em geral, era um machado. Um buraco completamente cylindrico atravessa o meio da arma, para se lhe metter um cabo solido. Do mesmo modo foram achados os instrumentos d'esta qualidade na Suissa.

Uma muita curiosa gruta, e muito importante,

pela descoberta que n'ella fez o muito distincto archeologo o dr. Garre, é a de Lambrines, sobre a margem esquerda do rio Ariège. Acha-se aberta nos calcareos jurassicos e collocada a mais de 100 metros acima do fundo do valle. A entrada principal tem proporções consideraveis. Stalactites com os feitiços os mais phantasticos acham-se em bastante quantidade espalhados por toda a parte. O solo é escabroso e escorregadio.

Entra-se, porém, por outro lado por uma apertada garganta, sendo preciso mesmo curvarmo-nos, depois apparece repentinamente uma immensa cavidade, dentro da qual não ha uma unica stalactite nem tão pouco essas columnas de fôrmas exquisitas. Vê-se uma espaçosa sala em amphitheatro, que, alumada pelas tochas, apresenta o espectaculo o mais grandioso que a natureza tenha produzido! De cada lado as aguas escavaram a rocha, e alguns metros adiante se ergue a prumo uma tremenda e alcantilada entrada principal para ver a outra gruta que lhe fica superior. Examinando-se como as pedras estão lisas e humidas, precisando cinco compridas escadas sobrepostas para se chegar acima, causa admiração e receio, e ao mesmo tempo custa a explicar qual seria o poderoso movel que levou o homem, aquelle que fosse o primeiro, a ousar emprender o subir por tão arriscada passagem para se aproveitar de semelhante refugio?!

Na extremidade superior em que descança a escada, ha apenas uma estreita plataforma que dá comunicação a uma galeria, onde se torna mui perigoso andar. Este caminho conduz a uma vasta camara que servia de cemiterio.

Andando-se pela caverna fóra, a sua abobada perde-se de vista ao longe, tal é a grande extensão e a regularidade d'esta gruta, o que produz um magestoso effeito. Ha um pequeno lago, muito profundo, o qual interrompe unicamente a monotonia d'este occulto esconderijo, achando-se no fim duas galerias.

A que está á direita acaba de uma maneira inesperada, apresentando um declive, sendo preciso servirem-se de cordas para se chegar ao solo inferior. Por baixo d'esta descida ha uma outra sala bastante vasta, tendo no fundo um segundo precipicio, ao qual ninguem ainda se atreveu a descer.<sup>1</sup>

Na da esquerda o solo é formado por seixos rodados. A abobada que parece abaixar-se, por ser preciso subir por uma ladeira aspera, está atravessada por uma rocha antes de se chegar finalmente ao fundo d'esta gruta singular!

Ha alguma differença entre a fauna da idade da pedra polida e a que se encontra n'estas profundas galerias de *Lambrines*; todavia a fôrma dos craneos

humanos afasta-se sensivelmente do typo que se encontrou do periodo da pedra polida, pois se aproxima d'aquelle que existe actualmente dos povos da Europa. Quanto ao montão de ossos humanos juntos no mesmo logar não permite a hypothese de que se fizessem alli enterramentos; portanto é difficil poder dar-se uma explicação definitiva a este achado n'aquelle logar.

Os antigos brazeiros da entrada d'esta caverna continham fragmentos de louça de barro muito antiga; mas talvez mais bem acabada e menos grosseira do que era a de que fizemos menção; assim como havia fragmentos de mós de granito, ossos quebrados de carneiro e porco, e com elles mui poucos furadores, sendo quasi semelhantes aos outros de que tratamos. Havia igualmente com estes destroços, um bracelete, composto de perolas de vidro bastante grosso e furadas, o que faz suppor seria para as enfiar: e assim isso concordaria com a existencia n'este logar da louça menos grosseira, pertenceria a uma epocha menos antiga, que a idade da pedra polida.

A gruta do Mar d'Azil nos Pyrenéus apresenta proporções gigantescas, o seu solo de rocha serviu de leito de uma torrente rapida. Aqui encontraram-se os restos de duas epochas paleontologicas differentes; uma camada contendo millhares d'ossos de elephantes, de rhinocerontes, abrangendo muitas idades ante-historicas; fragmentos de louça de barro grosseiro tirado do humus, alguns ossos humanos e dentes molares de pachydermes; objectos que parecem pertencer a uma idade ante-historica, e estavam á superficie. As camadas profundas encerravam destroços mais antigos.

Sob o ponto de vista da historia do homem, esta caverna é uma das mais caracteristicas e a mais importante, encerra duas idades paleontologicas theoreticamente separadas, stratigraphicamente distinctas pela natureza.

O *ursus spelæus*, de um lado, caracteriza a fauna envolta no sedimento das galerias as mais afastadas e que se manifestam em niveis diversos n'esta caverna: o *renna*, de outro lado, domina entre os animaes cujos restos e destroços compõem as camadas, ou dizemos melhor, as accumulações de terra, seixos e areia que se encontram a alguma distancia das entradas principaes e na abertura das galerias lateraes: portanto não deixa de ser verdade, que duas faunas estão completamente separadas uma da outra e sem nenhuma mistura apparente. Os animaes que as compõem, não podem por conseguinte ter vivido nas mesmas epochas.

O mesmo se dá com os numerosos objectos referindo-se ás idades recentes em relação á do *renna*. Os depositos contemporaneos d'este ultimo ruminante existem ainda na caverna, não contendo

<sup>1</sup> Existem em Portugal, em Rio Maior, cavernas que se assemelham muito a essa conformação.

nenhum specimen que se possa assimilar aos dos primeiros tempos ante-historicos. É possível que, se os homens que poliam a pedra, deixaram n'esta gruta os vestigios da sua industria, cousa que parece ser muito provavel, esses homens viveram em uma epocha differente ainda da do renna. Teremos, pois, n'esta caverna *tres idades* amontoadas separadamente uma sobre a outra, distinguindo-se pela fauna e pelos restos da industria humana que contém. A mais antiga seria a idade do *ursus spelæus*, viria depois a do *renna*, á qual succedeu a epocha ante-historica, ou idade da pedra polida.

Todos estes factos, pois, tão claros, tão positivos em uma mesma localidade, e n'um espaço tão restricto, concordam com os resultados stratigraphicos adquiridos pelos estudos especiaes dos archeologos sobre as cavernas, tendo-se examinado esses ossos, os quaes são tão apropriados para nos elucidar sobre a historia geologica do homem.

Pelo que acabamos de expôr, é facil de ver que as diversas cavernas, de que fizemos este estudo, teem dado um conjuncto de factos bem positivos, pois achámos, na mesma fauna, identidade de usos, de industria e de civilisação, tudo representado n'uma *epocha unica da historia do homem*. Esta epocha nos é conhecida e corresponde á das habitações lacustres da Suissa, idade da pedra polida.

Sabe-se presentemente que estas palavras *idade da pedra polida* teem uma significação muito especial. Pela idade da pedra, primeiro, entende-se ser uma epocha durante a qual o homem empregava principalmente os instrumentos de pedra. Os metaes eram então desconhecidos; porque o estado de civilisação não havia dado os meios de os descobrir e de preparar o mineral. Porém essa idade da pedra, estabelecida pelo sabio naturalista dinamarquez Steenstruss, teve duas divisões: a idade da pedra lascada e a idade da pedra *polida*.

Era mui natural que os primitivos homens procurassem industrializar-se afim de occorrer ás suas primeiras necessidades, e tambem á sua defeza contra os inimigos, e tivessem então utilizado os primeiros objectos que lhes parecessem mais proprios, como seriam os seixos, essas pedras silicosas, por exemplo, que, por um choque dado sem intenção, haveriam podido transformar-se em armas cortantes.

Não é, pois, fóra de razão, pensar que a pedra serviria de primeira arma empregada pelo homem. Além d'isso, hoje em dia, não pode existir duvida a este respeito.

Como o demonstra mr. Boucher de Perthes, e como o têm tambem achado, depois d'elle, outros sabios, as pedras, que reputamos como sendo as armas primitivas do homem, foram lascadas e encavadas. Era isso um instrumento servindo de ferramenta e de arma ao homem contemporaneo do

urso, do elephante e do renna durante a epocha quaternaria antiga. Porém, esta arma indica uma civilisação, que não podemos considerar como primitiva, posto que esteja ainda pouco adiantada. Antes de cortar um seixo silicoso com o feitio de machado, era preciso que o homem livesse sabido primeiramente que um seixo cortante seria preferivel a um simples seixo rodado, liso e igual sobre toda a sua superficie. O seixo *cortante* uma vez adoptado, necessitava ainda dar-lhe uma fórma adequada para o seu uso, ainda mais, a essa fórma fallava achar um meio de conservar em um cabo a arma por esse modo fabricada. Por outras palavras, antes do machado quaternario achado em Abbeville, deveria haver um machado menos perfeito, provavelmente aquelle que serviu durante a epocha *pliocene* para preparar os ossos que foram achados em Charles; e quem poderá afirmar que na epocha *miocene* não tivesse existido a industria de um homem, ainda muito mais primitiva.

Que cousa mais natural, que um ser humano tenha existido respirando um ar tão puro, em clima tão regular e uma atmospheria tão agradável como foram os da epocha *miocene*. Os invertebrados os mais perfeitos haviam já apparecido na terra desde o principio de periodo *terciario*, e mr. Lartet nos provou a existencia do macaco contemporaneo dos *mastodontes*, dos *dinotherium*, dos carnivoros e dos ruminantes, cujas ossadas estavam disseminadas no solo *miocene*. O creador da anatomia comparada, lançando uma duvida, que não se sabe como se possa explicar, sobre a possibilidade da existenciã do macaco e sobretudo do homem fossil que presentemente é designado pelo nome *Anthropopithecó*, ou o *precursor do homem*, tinha-se erguido contra a admissão do grande factio scientifico da presente epocha, uma barreira que está hoje demolida. Mr. Loret, havendo descoberto o macaco *miocene* em Sansan e fazendo as suas divisões paleontologicas da epocha quaternaria, conduziu a sciencia por uma vereda mais direita e racional. Se os sabios de reconhecido merecimento sustentam ainda a não contemporaneidade do homem e do grande urso das cavernas, e para o confessar n'esta occasião, já são poucos os que pensam por este modo, é de esperar que, examinando a questão mais attentamente, a apreciem por uma maneira mais justa e verdadeira. Duas cousas sem duvida os lião de convencer a mudar de parecer: primeiramente, a mesma opinião adoptada entre os observadores especiaes de todo o Universo, e em segundo lugar, o saber, a consciencia e a lealdade com que tres geologos e grandes philosophos quanto habeis observadores, Archiac, Vogt e Lyell, teem profundado esta questão. Estando convencidos ter sido o homem contemporaneo do urso das cavernas e do *mammoth*, para elles é

tambem a idade da pedra lascada um facto irrevogavelmente obtido para a sciencia.

A idade da pedra polida succedeu á da pedra lascada. Polir os instrumentos que primeiro se tinham simplesmente preparado, devia constituir um progresso na civilisação das raças primitivas humanas. A experiencia o tem agora demonstrado. Não é com uma fauna completamente distincta da que havia existido durante a epocha quaternaria antiga, e nos terrenos recentes, que se encontram os machados polidos com os outros instrumentos e ferramentas que os costumam acompanhar. Essa epocha viu desenvolver as populações que habitaram os *crannoges* da Irlanda; os habitantes de Dinamarca, vivendo sobre as bordas do mar e deixando amontuar os immensos *restos de cosinha*, e esses *gcockkenmoeddinges*, como os designam os dinamarquezes e os povos das habitações lacustres da Suissa; os das *Terramares* da Italia e das turfeiras; esses montanhezes, talvez, descendentes directos das tribus contemporaneas do grande urso e do renna, de costumes analogos, porém mais primitivos, e que não tiveram por outra habitação senão covis rusticos.

Durante essa epocha, os metaes eram desconhecidos. Só mais tarde appareceram povos trabalhando o cobre, e conseguiram produzir o bronze. O ferro, emfim, mais difficil de se obter, mas tambem mais rijo e mais resistente, veiu a ser depois o metal especialmente empregado.

Se a historia não nos relata de uma maneira clara quem foram os povos que habitavam o Occidente da Europa, quando os Celtas appareceram, esses povos que os filhos de Albião encontraram na idade da pedra polida, todavia ella nos deixou o retrato fiel dos homens que introduziram o uso do bronze e do ferro.

(Continúa.)

J. DA SILVA.

## AS MUMIAS DO PERÚ

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 54

As mumias que se acham expostas no museu archeologico da nossa sociedade, foram exhumadas dos campos de *Ancon*, pequena povoação e porto de mar ao norte de Lima, capital da republica do Perú.

Estes terrenos, n'uma grande extensão, adjacentes ás ruinas de antigas povoações indigenas, são geralmente baixos e extremamente siliciosos, dando assim logar a infiltrações de agua salgada, ao que se attribue a conservação de um grande numero de corpos que os indios ali inhumavam.

Em reforço a esta supposição vem a etymologia da propria palavra *mumia*, proveniente da palavra arabe *moumyá*, formada de duas palavras coptas,

significando uma — morto — e outra sal, isto é, corpo morto preparado com sal.

Os povos d'aquella região enterravam os corpos articulando-os de modo a adquirir a fórma do feto no ventre materno, querendo significar assim, que, pelo modo por que vinham ao mundo, assim deviam, depois da sua peregrinação, partir d'elle e subir á presença de *Pachacamac*, por elles adorado como Deus omnipotente e creador de todas as cousas.

Os corpos, frequentemente inhumados em vasos de barro de forma adequada á posição do cadaver, eram sempre acompanhados de objectos e utensilios que caracterisavam a profissão, fortuna e hierarchia do individuo fallecido.

Assim, encontra-se nas sepulturas fio e tecidos de lã, de alpaca e de llama, fusos, pequenos vasos e figuras de barro, utensilios e idolos de pedra e de bronze, armas. etc., não sendo raro deparar em certos tumulos com pedras preciosas e artefactos de prata e de ouro, posto que sejam mais frequentes as laminas delgadas de prata e de ouro, como se observa nas mumias expostas. Por vezes se tem tambem encontrado pedaços informes de ouro encerrados na bocca da mumia.

No Perú chamam indistinctamente *guacas* aos antigos tumulos dos indios e aos objectos que depositavam junto aos cadaveres. Os hespanhoes, que acompanharam Pizarro na conquista do imperio dos lucas e outros que se lhes seguiram, fizeram numerosas escavações com o fim de descobrir *guacas*, e por vezes encontraram verdadeiros thesouros.

Consta que, na antiga provincia de *Truxillo*, um hespanhol recolheu em 1576 d'uma *guaca*, que se suppõe ter sido o sepulchro de um rei da familia de *Chimu*, uma porção de ouro equivalente a 46:000 onças, ou cerca de 620 contos de réis.

«Ainda hoje (escreve o historiador F. Lacroix em 1840) estão persuadidos no Perú, que as *guacas* contêm em si riquezas que só aguardam felizes exploradores para se patentearem. Quando as «exhalações que se elevam d'estes tumulos os denunciam por chammias phosphoricas na cumiada das «collinas, os habitantes dos campos julgam que esses fogos ephemeros indicam a presença de thesouros escondidos no seio da terra e apressam-se a «ir escavar essas antigas sepulturas, que muitas vezes já têm sido profanadas por mãos ávidas.»

As mumias peruanas, pelas propriedades especiaes e acção das terras em que são inhumadas, conservam, por muitos seculos, o craneo coberto de abundantes cabellos, os dentes, as unhas, e a pelle cobrindo perfeitamente o esqueleto, como pergaminho de côr terrosa.

Emquanto á antiguidade das mumias expostas, (uma mulher adulta e uma creança), não ha dados bastantes para se fixar precisamente. Entretanto po-

BOLETIM  
DA  
Real Associação dos Architectos Civis  
E  
Archeologos Portuguezes



ESTAMPA 54

Mumia do antigo Perú



de afirmar-se que estes corpos foram sepultados no periodo intermedio ao principio do seculo xi e fins do seculo xv ou principio do seculo xvi da era christã.

Com effeito, não obstante as duvidas e obscuridade em que se envolve a antiga historia do Perú, sabe-se pelas mais auctorizadas tradições que pelos primeiros annos do seculo xi appareceram nas margens do lago *Titicaca*, no alto Perú, o Inca *Manco Capac* e *Mama Oello*, sua mulher, os quaes, dizendo-se filhos do sol, que era adorado por aqueles povos, se fizeram acclamar imperadores e fundaram a dynastia dos *Incas*.

*Munco Capac* instruiu e civilizou estes povos, *Quichuas*, *Aymaras*, *Atacamas*, *Changos*, etc.; fez desaparecer os sacrificios humanos; estabeleceu um novo culto; fundou a cidade de *Cuzco*; e entre outras artes ensinou a fiar e a tecer. Ora tendo apparecido novellos de fio de lã e diversos tecidos junto a estas mumias, é evidente que não podem ellas ser de uma época anterior á fundação do imperio *Inca*.

Por outro lado, sabe-se que depois da conquista do Perú por F. Pizarro, no principio do segundo quartel do seculo xvi, ficou em desuso este processo de enterramentos dos indigenas, principalmente nas proximidades das grandes povoações occupadas pelos conquistadores, como Lima, por exemplo, e por tanto não podem taes mumias ser posteriores a essa epoca.

Consequentemente, tomando uma media entre os

dois extremos, poderá assignar-se-lhes a antiguidade de 600 a 700 annos.

As mumias expostas pertencem aos indios de raça *Quichua* ou *Inca*, porquanto, segundo D'Orbigny, esta raça estendia se para o norte do *Perú* até *Quito* no *Equador*, aonde ainda hoje se falla a lingua *Quichua*, e chegava pelo sul até 13° ao sul do equador confinando com os *Aymaras*, e por tanto cobrindo o territorio de *Ancon*, aonde taes mumias foram exhumadas.

A raça *Quichua* é pequena, posto que bem constituída, chegando poucas vezes a estatura no homem a 1,<sup>m</sup>60 e na mulher a 1,<sup>m</sup>46; a cabeça é geralmente grande em relação ao corpo; as mãos e pés são de pequenas dimensões; o cabello é espesso e grosso.

Todos estes caracteristicos se notam nas mumias expostas.

Os dois craneos tambem expostos no nosso museu são da mesma procedencia.

Porêmos aqui termo a esta breve noticia historica, tendo-nos parecido conveniente apresental-a, para esclarecer as pessoas que não são dadas a este genero de estudos, sobre a origem e procedencia das mumias que estão expostas no museu archeologico do Carmo, e que no Perú obtivemos com difficuldade e dispendio, no intuito de valorisar as incipientes colleções da nossa associação.

Lisboa, 20 de novembro de 1884.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

## CHRONICA

Sua Alteza Real o Principe Senhor D. Carlos acaba de instituir um curso de archeologia, para o qual destinou premios afim de recompensar os manebos que n'estes estudos se tornarem mais distinctos. Esta generosa protecção de Sua Alteza será sem duvida recebida pela nação com muito reconhecimento e merecidos louvores por todos que prezam os progressos scientificos do nosso paiz.

Sua Alteza encarregou o nosso digno presidente sr. Possidonio da Silva da direcção d'estes estudos. Damos, pois, felicitações aos socios da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes pela fundação de tão importante ensino, o qual ha muito era reclamado pelos dedicados archeologos como um dever nacional.

O socio sr. Peixoto, de Alemquer, offertou para as colleções do nosso museu, um machado de pedra do feitio mais primitivo d'esses instrumentos, e uma ponta de seta de cobre, igualmente muito interessante por ser tambem um dos mais remotos instrumentos da idade dos metaes.

El-rei o Senhor D. Fernando offereceu á nossa bi-

bliotheca um rico exemplar da colleção de phototypias da exposição de arte ornamental, obra de grande primor devida ao insigne amator o sr. Carlos Relvas, nosso digno consocio.

Ainda mais honrosa se torna para a nossa Associação a dativa de El-rei o Senhor D. Fernando, porque, sendo numerados os exemplares d'esta obra artistica, Sua Magestade escolheu o livro que tinha o numero um para o destinar a enriquecer a nossa bibliotheca. Esta prova de consideração patenteia quanto o Senhor D. Fernando deseja proteger e animar os trabalhos scientificos da nossa util instituição.

\* \* \*

Do Brazil tivemos outros objectos antigos, como um lindo machado polido, ossos petrificados de corpulentos animaes, offerta do obsequioso amator o sr. Da Nova, que todos os annos contempla o nosso museu com valiosos specimens de muito interesse archeologico.

Raros exemplares de subido valor e merecimento archeologico são as mumias e os craneos dos primitivos habitantes do Perú, que nos offereceu o illustado socio o sr. Visconde de S. Januario, sempre sollicito em engrandecer as colleções do nosso museu com objectos raros mesmo na America, e ainda mais apreciados em Portugal, porque são os unicos que existem no paiz. Estas repetidas offertas de precio-

sidades de tão superior valia para o estudo, são notáveis serviços não só prestados á sciencia como ao nosso paiz.

Na villa de Alcobaga descobriu-se uma pequena estatua representando el-rei D. Affonso VI; pelo digno administrador do concelho o sr. Augusto Cesar Marques, foi offerecida para o museu do Carmo. Louvores sejam dados aos funcionarios publicos que sabem apreciar as antiguidades e fazem com que se conservem.

Ao nosso presidente, o sr. Possidonio da Silva, foi conferida uma medalha de prata de 1.ª classe, na exposição de anthropologia que se realisou no mez de setembro na cidade de Toulouse (França), tendo concorrido este perseverante archeologo com trabalhos que lhe mereceram tão honrosa distincção.

Acaba de prestar um importante serviço nacional o nosso digno consocio o sr. Delfim José d'Oliveira, publicando uma noticia muito curiosa de Penella (terra da sua naturalidade), que não só faz mais conhecida aquella pittoresca localidade, mas tambem rectificou as noticias de acontecimentos historicos que corriam menos exactas. Portanto, é este cavalheiro

digno de merecidos louvores, que lhe vão augmentar a consideração que ha muito era tida pelo seu nobre caracter e distinctas qualidades.

A benemerita commissão que levou a effeito restaurar com grande esmero a igreja de N. S. Jesus do Monte, em Braga, deliberou distribuir uma medalha no dia da inauguração ao culto d'este sumptuoso templo, havendo tido a extrema delicadeza de contemplar a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes com um exemplar d'essa medalha, que será entregue pelo sr. arcebispo de Braga ao nosso digno representante.

Esta subida distincção que recebeu a nossa Associação, é lhe duplicadamente lisonjeira, porque significa o quanto nós apreciamos e o empenho em que se deve ter a conservação dos edificios publicos, e mais principalmente os religiosos, onde a architectura, no nosso paiz, ostenta em maior grau o primor e magestade proprias: hem como pela honrosa consideração que a nobilissima e antiga cidade de Braga conferiu aos architectos e archeologos portuguezes, que reconhecidos se confessam por esta singular distincção.

## NOTICIARIO

Em breve desaparecerá para sempre um dos monumentos mais conhecidos e populares de Madrid; um monumento sinistro, triste; um monumento, cujo nome levava o terror aos animos, por ter servido durante os ultimos cincoenta annos de carcere em Madrid: o *Saladero*.

Um tapume de madeira rodeia já o velho edificio, cuja sentença de morte, isto é, o apeamento, se começou a cumprir com geral applauso.

Dentro em pouco, d'aquellas immundas paredes não restarão senão ruinas, e, quando estas hajam desapparecido, Madrid deixará de ter uma feia veruga.

A historia da casa que albergou, durante tantos annos, o que a sociedade de Madrid repellia, não é muito illustre.

Em junho de 1831 desenvolveu-se na cadeia de Madrid, grupo de miseraveis edificios, uma epidemia contagiosa, que ameaçava invadir a população.

As auctoridades não sabiam, n'aquella conjunctura, o que fazer aos presos, e por fim resolveram transportal-os para o Saladero de Tocino, onde se achava o presidio correccional.

A medida foi *interina*, e a *interinidade* só durou cincoenta annos.

O *pateo grande*, com os seus calabouços subterraneos; o *pequeno*, em eguaes condições; o de *detidos*, para presos e condemnados em transito, e o dos *unicos*, isto é, dos rapazes imitadores de criminosos, constituíam antros verdadeiramente repugnantes.

Eram theatro de rixas, escola do crime; ali aperfeiçoavam-se no roubo, no logro e na velhacaria aquelles que eram pouco habeis; ali se preparavam falsificações, e era ali como que o centro dos mais famosos criminosos.

N'aquella cadeia tambem entravam homens innocentes e illustres; D. Nicolau Maria Rivero occupou durante a perseguição dos moderados e dos liberaes

uma cella do segundo andar, onde estavam os aposentados das pessoas distinctas; ali encontrou a doença que o levou á sepultura o infeliz Xavier Ramirez; ali escreveu o inolvidavel Roberto Robert, e ali esteve tambem o batalhador e vehemente Carlos Rubio.

Nas duas grades grandes da capella verificou-se em 1852 a cerimonia de raspar as pontas dos dedos e a tonsura ao cura Merino, antes de subir ao patibulo.

As ultimas manifestações que tiveram logar deante do Saladero foram as que motivaram a prisão dos syndicos do commercio durante o ministerio Sagasta-Camacho.

Ao apeamento do Saladero seguir se ha o da Fabrica de tapeçaria, e aquelle bairro da antiga Porta de Santa Barbara ficará um dos mais formosos da Madrid moderna.

O sr. conde de Marsy, digno socio honorario da nossa Associação, foi nomeado director da Sociedade Franceza de Archeologia, em substituição de Mr. Palustre, que pediu ficar dispensado d'aquella direcção, cargo que havia desempenhado com zelo durante muitos annos.

O actual director não será menos solícito em conservar o merecido credito que tem adquirido esta benemerita Associação, desde a sua fundação pelo sabio e venerando Monsieur de Caumont. Portanto enviamos com summa satisfação as nossas sinceras felicitações ao illustrado director que pela sua reconhecida dedicação e saber dará maior renome a este instituto tão util e afamado.

Um architecto hespanhol apresentou um projecto bastante singular, afim de evitar a destruição dos edificios por causa dos tremores de terra, propondo-se construir as casas assentes sobre mollas, como são suspensas as carruagens dos caminhos de ferro: talvez seja efficaz, senão *descarrillar*.

## BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Da architectura Mannelina (conclusão) — pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS.....	Pag. 145
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Monumentos nacionaes. — Extracto do relatorio da commissão dos monumentos nacionaes apresentado ao ill. <sup>mo</sup> e ex. <sup>mo</sup> sr. ministro das obras publicas, commercio e industria, em 1884, pelo presidente da referida commissão.....	153
Explicação da estampa, pelo sr. J. DA SILVA.....	159
Chronica.....	160

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## DA ARCHITECTURA MANUELINA

Conferencia feita na exposição districtal de Coimbra em janeiro de 1884

(Conclusão, v. pag. 117, Boletim n.º 8)

Appendices ás notas 15, 20, 31, e 33

## APPENDICE I

(Vid. nota 15)

«Á l'endroit du Tage où Vasco da Gama s'est embarqué pour chercher le continent des Indes, sur cette *plage des larmes*, qui a vu tant d'émotions de crainte, d'espérance, de douleur, tant de départs, d'embrasements, d'adieux qu'on croyait éternels, de retours triomphants, le roi Emmanuel a fait élever une église. L'architecture en est gothique; mais le trait de génie est d'y avoir mêlé tous les caractères de la vie de mer; des câbles (1) de pierre qui lient les piliers gothiques les uns aux autres, de hauts mâts de misaine qui soutiennent les ogives, les rosaces, les voûtes, pendant que la voile de l'humanité s'enfle, au seizième siècle, sous l'haleine du ciel.

C'est encore la maison du Dieu du moyen âge, mais appareillée comme un vaisseau en partance. Si vous entrez dans l'intérieur du cloître, déjà les fruits et les plantes des continents nouvellement

(1) Ces câbles de pierre (*cordões*), que j'ai retrouvés à Cintra, dans le monastère de Péna, sont un des caractères les plus marqués de l'architecture portugaise.

révélés, les cocos, les ananas, les pamplemousses sont cueillis et appendus dans les bas-reliefs. L'esprit d'aventure, de danger, de science, de découverture, respire dans ces murailles plus que dans aucune chronique. C'est l'impression de ce moment indicible d'enthousiasme où Christophe Colomb, Vasco de Gama, Magellan, Jean de Castro, entonnent, à genoux, le *Gloria in excelsis*, en serrant les voiles devant des terres inconnues. Ici, des sirènes gothiques (1) nagent dans une mer d'albâtre; là, des singes grimpeurs du Gange se balancent au câble de la nef de l'église de Saint-Pierre. Les perruches du Brésil battent de l'aile autour de la croix du Golgotha. Des larmes coulent sur des blasons. Ajoutez des mappemondes de marbre, des astrolabes, des équerres mariées aux crucifix, des haches d'abordage, des boucliers, des échelles, partout des agrès, des nœuds de cordes roulées, qui amarrent les colonnes, les piliers, vous sentirez, dans le moindre détail, une église marine, la barque pavisée du Christ espagnol et portugais, qui, au milieu des angoisses de l'homme, cingle en paix, vent arrière, sur des océans non encore visités. Des éléphants de marbre portent en triomphe l'urne funèbre du roi Emmanuel, qui a présidé à la découverte des Indes; d'au-

(1) Comment les antiquaires ont-ils pu s'abuser au point de ne voir là qu'une imitation des *symboles égyptiens*? Le moindre matelot ne s'y tromperait pas. — Quem seria o archeologo nacional que descobria em 1844 os symbolos egypcios? Mas em logar de archeologia egypcia, Mr. Quinet faz archeologia romantica.

tres morts sont couchés près de là. Vous diriez des pilotes endormis sous la voûte surbaissée de l'entre pont.» (*Mes vacances en Espagne nas Oeuvres complètes* de Edgar Quinet. Paris, 1857 pag. 235-237. O auctor esteve em Lisboa de 1843-1844.)

Gastariamos muito espaço, mais espaço do que a citação occupa, a refutar as phantasias de Quinet, explicaveis n'um *ultra-romantico*. Compreende-se perfeitamente que esses devaneios poeticos fossem para os nossos admiradores de cá, tambem romanticos, uma *revelação*, como foi uma *revelação* tambem o famoso torção (e a derrocada) dos fallecidos scenographos Rambois & Cinatti, antes de cahir, quando a buroaucracia lisboeta se mirava n'aquella moderna obra *mauvelina* dos pintores do regio theatro de S. Carlos, que custou dois milhões, uma duzia de vidas etc., cobrindo o Restello de ruinas e o paiz de vergonha.

Mr. Quinet descobre lagrimas n'um braço, que representa simplesmente as cinco chagas de Christo, confunde os instrumentos da paixão nos escudos do claustro com astrolabios, machados d'abordagem, etc; a corda, ou cordão, encontra-se tambem, como ornato, nos edificios hespanhocs e mais do que isso: as cadeias de ferro, os homens selvagens, etc. E' preciso ter a phantasia de Mr. Quinet para transformar o primeiro animal que vê, em um macaco do Ganges, e uma qualquer ave n'um periquito do Brazil, não fallando nos côcos e nos *auanazes*, provavelmente a flôr do cardo, semelhante, que pertence á ornamentação gothica. E então as sereias *gothicas* nadando n'um mar de *alabastro*! — alabastro no claustro de Belem!

## APPENDICE II

(Vid. nota 20)

Para a coordenação d'esta Bibliographia consultámos principalmente as seguintes fontes:

1. *The first proofs of the universal Catalogue of Books on art* compiled for the use of the national art library and the schools of art in the united kingdom. — London, Chapman & Hall, 1870. Vol. I e II 4.º gr. de 2187 pag. Vol. III Supplement, London, 1877, 4.º de 654 pag. ed. George E. Eyre.
2. **Stirling (William)** *Annals of the artists of Spain*. London, 1848. 8.º em 3 vol. Obra importante, infelizmente exhausta.
3. **Salva (Don Pedro Salva y Mallen)** *Catalogo de la Bibliotheca de...* Valencia, 1872. 8.º gr. em 2 vol. Catalogo critico e illustrado com numerosos fac-similes. Indispensavel.
4. **Cean-Bermudez (Agustin)** *Diccionario historico* etc. vid. adiante sub *Architectura*. Madrid, 1800, 8.º peq. 6 vol.
5. **Llaguno y Amirola e Cean-Bermudez**. *Noticias de los arquitectos* vid. adiante sub *Biographia*. Madrid, 1829, 4.º em 4 vol.
6. **Mariátegui (Don Eduardo de)** *Glosario de algunos vocabulos de arquitectura y de sus artes auxiliares*. Madrid, 1876.
7. **Murillo (Don Mariano)** *Boletin de la libreria*. Madrid, 1874-1884. Anno I-XI.

Publicámos os titulos abreviados, porque não é nossa intenção fazer uma Bibliographia completa,

mas dar sómente uma idéa da riqueza dos nossos vizinhos n'esta especialidade litteraria.

Tenha-se em conta que algumas d'estas obras serviram de textos e compendios em Portugal, á falta de obras nacionaes, e que certas disposições, regulamentos, taxas de preços, pragmaticas etc. foram lei em Portugal de 1580-1640.

Na secção *artes industriaes* escolhemos apenas um grupo, a *ourivesaria*, e dois tratados sobre *carpintaria* de construcção, que figuram na secção: *Architectura* (Alvarez 1674 Ms. e Arenas, 1633. Seria facil augmentar a lista com os tratados sobre armaria (Narvaz, Soler, Marchesi) etc.

As pessoas que desejarem conhecer a Bibliographia d'arte, portugueza, podem consultar o nosso Ensaio, que é o primeiro e unico publicado; *Appendice ao Catalogo da primeira Exposição Bazar de Bellas Artes*, promovida pelo Centro artistico portuense. Porto, 1881, 8.º de 24 pag. com 271 numericos.

### I Architectura civil e religiosa

#### A) Manuscriptos

- XVI. Cuaderno de arquitectura, comprendiendo: 1.º *Architectura de Vitruvio* 2.º *Architectura militar, corte de piedras y dimensiones de campanas*, y 3.º *Definiciones de arquitectura*. Fôrma parte de um masso de papeis do sec. XV e XVI, relativos á architectura, existente no *Archivo historico nacional*: Alacena 4. div. 6. apud Mariátegui.
1503. *Ordenanzas de los alarifes de la ciudad de Córdoba*. 1.º de feveiro de 1503. Ms. de Mariátegui.
1578. **Ribeiro (Juan de)** *Los cuatro libros de Andrea Palladio en castellano*. Se acabó á las cuatro de la tarde del 15 de diciembre de 1578 (B. Nacional: Aa, 90) apud Mariátegui.
1581. **Praves (Francisco de)** *Los cuatro libros de arquitectura de A. Palladio*. Copia de Mariátegui; letra d'este seculo.
1674. **Alvarez (Rodrigo)** *Breve compendio de Carpiuteria y tratado de lo blanco*. Salamanca. Ms. da collecção do sr. Rico y Sinobas, apud Mariátegui.

#### B) Obras impressas

- 15... Hontañon (Juan Gil de) vid. Garcia (Simon).
1526. **Sagredo (Diego de)** *Medidas del romano* Toledo, 1526; 2.ª ed. Lisboa a 15 de janeiro de 1542; 3.ª Lisboa 15 de junho de 1542; 4.ª ed. Toledo, 1549; 5.ª Toledo, 1564. Cean Bermudez viu ambas as edições de Lisboa e descreve-as. (*Noticias de los arquitectos*, vol. I pag. 179). Esta obra foi traduzida em francez e sabiu em Paris, 1539; outras edições francezas em 1542 e 1550. E', em data, o primeiro tratado vitruviano em Hespanha e mesmo em França. Na Biblioth. d'Evora vimos uma das ed. de 1542.
1565. **Vilhalpando (Francisco de)** *Tercero y cuarto libros de arquitectura de Sebastian Serlio*. Toledo. Segundo Cean-Bermudez (*Dicc. I*, pag. VII) a data é 1569, mas em

- outra obra (*Noticias II* pag. 61) diz 1563. Esta data é a verdadeira; o 3.º livro estava impresso já em 1563, mas sahio só com o 2.º em 1565. Os outros livros não sahiram á luz. Vid. Salvá.
1582. **Urrea (Miguel de) M. Vitrubio Polion.** *De architectura, dividido en diez libros traducidos de latin en castellano.* Alcalá de Henares.
1582. **Lozano (Francisco)** *Los diez libros de arquitectura de Leon Baptista Alberti, traducidos de latin en romance.* (Madrid), 1582, 2.ª ed. 1797.
1585. **Arfe de Villafañe (Juan)** *Escultor, etc.* V. Ourivesaria.
1593. **Caxesi (Patricio)** *Regla de las cinco ordenes de arquitectura de Jacome de Vignola.* Madrid. Outras ed. em 1651, 1702 e 1722. Possuimos a ed. de 1722, que parece tirada sobre as laminas da 1.ª
1625. **Praves (Francisco de)** *Libro primero de la arquitectura de Andrea Palladio etc.* traducido de toscano en castellano. Valhadolid. Mariátegui falla de *cuatro libros*, ms. seu, cópia de letra do sec. XIX; e põe a data 1581.
1633. **San Nicolas (Fray Lorenzo de)** *Arte y uso de la arquitectura.* Madrid. E' a 1.ª Parte; a 2.ª sahio em 1664. A 1.ª Parte foi reimpressa em 1667. Possuo um exemplar da 2.ª Parte da ed. de 1736; a 1.ª não tem frontespicio, mas parece tambem do sec. XVIII. Murillo cita (n.º 2094) uma ed. de 1796 em 2 vol., o que parece erro, por 1736. O mesmo bibliographo descreve em outra parte (n.º 47) uma ed. de 1663, que Cean Bermudez (*Noticias IV*, pag. 24) não conhece, dando como 1.ª a de 1633.
1633. **Arenas (Diego Lopez de)** *Breve compendio de la carpinteria de lo blanco y tratado de alarifes.* Sevilla; 2.º ed. Sevilla; 1727; 3.ª ed. Madrid, 1867 com o *Supplemento* de **Santiago Rodriguez de Villafañe**. Possuimos a de 1867.
1661. **Torija (Juan de)** *Tratado breve sobre las ordenanzas de la villa de Madrid y policia de ella, y breve tratado de todo genero de bovedas, asi regulares como irregulares.* Madrid. Parece que Torija copiou este tratado de um ms. de **Pedro de la Peña**, e que este copiára, a seu turno, de uma obra de **Alonso de Valdelvira**. *Libro de trazas de cortes de piedra.* Vid. *Noticias IV* pag. 56.
1676. **Anonymo.** *Tabla de los precios* que se han de observar y guardar por el veedor de obras de iglesias de este arzobispado, en las tasaciones que se hicieren de las obras de dichas iglesias, asi tocantes á la carpinteria como á lá albañileria etc. Granada.
1678. **Caramuel (Juan)** *Architectura civil recta, y obliqua.* Vegeven. Em 3 vol. fol. vid. Salvá, vol. II pag. 360. Murillo indica (n.º 97) tres tomos de texto e um de laminas.
1681. **García (Simon)** *Compendio de arquitectura y simetria de los templos.* Este Ms. é propriamente obra do celebre architecto **Juan Gil de Hontañon** (princ. sec. XVI). Sahiu, em fragmento, na revista *El arte en Espana* vol VII pag. 113; e á parte, Madrid, 1868, fol. de 72 pag. Possuimos a ed. da revista.
1738. **Bru (Atanasio Brizguz y)** *Escuela de arquitectura civil.* Valencia. Citado só por Mariátegui.
1747. **Berruguilla (El Maestro Juan Garcia)** *Verdadéera practica de las resoluciones de Geometria para un perfecto architecto.* Madrid, apud Mariátegui.
1761. **Castañeda (Josef de)** *Compendio de los diez libros de arquitectura de Vitruvio, escrito en frances por Claudio Perrault.* Madrid.
1763. **Benavente (Pe. Miguel)** Jesuita. *Elementos de toda la arquitectura civil.* E' traducção da obra que o **Pe. Rieger**, tambem jesuita, publicou em latim *Universae architecturae civilis elementa* etc. Vindobona, 1756. Rieger, que vivia em Madrid, ajudou-o na traducção.
1785. **Ureña (Marqués de)** *Reflexiones sobre la arquitectura, ornato y musica del templo.* Madrid, 1785. Murillo n.º 6887.
1790. **Hijosa (Manuel)** *Manual de arquitectura.* Madrid; Mariátegui.
1829. **Llaguno y Amirola.** *Noticias de los arquitectos y arquitectura de Espana* por .. ilustradas y acrecentadas con notas, adiciones y documentos por D. Juan Agustin **Cean-Bermudez**. Madrid, 1829, 4 vol. Obra de grande valor. Collecção do auctor.
1848. **Caveda (José)** *Ensayo historico sobre los diversos generos de arquitectura empleados en Espana* desde la dominacion romana hasta nuestros dias. Madrid. Ha uma trad. alemã de **P. Heyse** e **Franz Kugler**. Stuttgart, 1858. Possuimos a trad. all. A Bibliotheca do Porto tem a ed. hesp.

## II. Architectura militar

1598. **Rojas (Christoval de)** *Teorica y práctica de fortificacion, conforme las medidas y defensas destes tiempos.* Madrid.
1599. **Barba (Diego Gonçalez de Medina)** *Examen de fortificacion.* Madrid. Salvá falla de edições posteriores, de 1608 e 1609. Murillo cita a data 1590 em o n.º 3414, mas emenda 1599 em o n.º 3987.
1613. **Rojas (Christoval de)** *Compendio y breve resolucion de fortificacion etc.* Madrid.
1664. **Mut (Vicente)** *Arquitectura militar.* Mallorca.
1669. **Adrada (Alonso de Cepeda y)** *Epitome de la fortificacion moderna.* Bruselas.
1708. **Medrano (Sebastian Fernandez de)** *El architecto perfecto en el arte militar.* Amberes.

## III. Pintura

- 15... **Guevara (Don Felipe de)** *Comentarios de la pintura.* Tratado da segunda metade do sec. XVI, publicada por Antonio Ponz em Madrid, 1788. Collecção do autor.

1626. **Butron (Juan)** *Discursos apologeticos en que se defiende la ingenuidad del arte de la Pintura*. Madrid. Collecção do autor.
1633. **Carducho (Vincencio)** *Dialogos de la pintura*, su defensa, origen, esencia, definicion, modos y diferencias. Madrid, 2.<sup>o</sup> ed. ibid. 1865. Collecção do autor.
1649. **Pacheco (Francisco)** *Arte de la pintura*, su antiguedad y grandezas. Sevilla. 2.<sup>o</sup> ed. Madrid, 1866 em 2 vol. 8.<sup>o</sup> Collecção do autor.
- 16 .. **Martinez (Jusepe)** *Discursos practicales del nobilissimo arte de la pintura*, sus rudimentos, medios y fines, que enseña la experiencia. Ms. Editado por D. Valentin Carderera y Solano. Madrid, 1866, 4.<sup>o</sup> O autor viveu de 1612-1682.
1691. **Hidalgo (Joseph Garcia)** *Priucipios para estudiar el nobilissimo arte de la pintura*, con todo, y partes del cuerpo humano. S. l. n. d., segundo Murillo (n.<sup>o</sup> 2084) que supõe a data 1684. Cean Bermudez cita a obra duas vezes. Dicc. vol. I pag. 7 e II pag. 167, com a data 1691.
1715. **Palomino (Antonio Palomino y Velasco)** *Museo pictorico* vid. Biographia.
1730. **Ayala (Fr. Juan Interian de)** *Pictor christianus eruditus* etc. Madrid. Ha uma trad. hesp. *El Pintor christiano, y erudito*, ó tratado de los errores que suelen cometerse frequentemente en pintar, y esculpir las Imágenes sagradas. Traductor **D. Luis de Durán y de Bastero**. Madrid, 1782, em 2 vol. Ha uma trad. ital. por **Cittadella**. Ferrara, 1854. Possuimos a trad. de 1782. E' livro extremamente curioso, e muito util para o estudo da pintura hespanhola.
1789. **Tebano (Parrasio)** *Arcadia pictorica en sueño, alegoria ó poema prosaico sobre la teoria y práctica de la pintura*. Madrid. Escripta por P. T. pastor Arcade de Roma.
1795. **Huerta (Pedro Garcia de la)** *Comentarios de la pintura encaustica del pincel*. Madrid.
1822. **Eusebi (Luis)** *Ensayo sobre las difereutes escuelas de pintura*. Madrid.

#### IV. Ourivesaria e Joialheria

1569. **Vargas (Bernardo Perez de)** *De re metalica* en el qual se tratan muchos y diversos secretos del conocimiento de toda suerte de minerales, de como se deven buscar ensayar y beneficiar, con otros secretos e industrias notables para los que tratan los officios de oro, plata, cobre, estano, plomo, azero, hierro y otros metales. Madrid, no frontispicio diz 1569; no fim 1568. Salvá II, pag. 368.
1572. **Arphe de Villafañe (Juan)** *Quitador de la plata, oro y piedras*. Valhadolid; 2.<sup>o</sup> ed. 1598, muito augmentada; 3.<sup>o</sup> ed. 1678, a qual é uma reproducção das duas anteriores, e por isso mui estimada.
1585. **Arphe y Villafañe (Juan)** *Escultor de Oro y Plata. De varia commensuracion para la Esculptura y Arquitectura*. Sevilla, 1585; no fim do 3.<sup>o</sup> livro diz 1587, anno em que

foi posta á venda. Ha edições posteriores de 1675, 1734, 1773, 1795, 1806; esta ultima em 2 vol. Murillo menciona-as todas, menos as de 1675 e 1734, que se acham em Salvá; na de 1773 poz Murillo a nota: 6.<sup>a</sup> ed., augmentada por Pedro Enguera; na de 1795 a nota 7.<sup>a</sup> ed.; na de 1806 a nota: *ultima edição*, augmentada por Josef Assensio y Torres, que Stirling diz ser a 8.<sup>a</sup> -- Deve pois haver entre as edições de 1585 (aliás 1587) e a de 1773, mais duas, além das de 1675 e 1734, cujas datas não pudemos encontrar. Nicolau Antonio cita uma ed. de 1589 em Sevilla, que Salvá julga duvidosa. A ed. de 1734, que no fim diz 1735, e que é citada por Salvá, como sendo a 4.<sup>a</sup>, já contém os aditamentos de Enguera. Em conclusão: são, ao todo, oito edições d'esta importantissima obra. Na Bibliotheca do Porto ha ed. tanto do *Escultor*, como do *Quitador*. Vid. para a Bibliographia: *Noticias* IV pag. 101-103; *Dicc.* I, pag. 59 Salvá II pag. 357-359; Stirling; Murillo n.<sup>os</sup> 32, 1515, 2065, 2066 e 2220.

1587. **O mesmo**. *Descripcion de la traça y ornato de la custodia de Plata de la Sancta Iglesia de Sevilla*. Sevilla. Com grav. e retrato do autor. Cean Bermudez reeditou este opusculo em 1800 (*Dicc.* I pag. 60-63) de um modo incompleto; tambem não é completa a reimpressão de Ponz *Viage de España* vol. IX pag. 57. Zarco del Valle publicou o completo na Revista *El arte en España* vol. III pag. 174-196. Vid. no *Museu espanol de antiguedades* vol. VIII o estudo de Rosell y Torres, sobre a custodia de Arphe.

Insistimos, muito de proposito, n'este opusculo, para provar a importancia que ligaram em Hespanha á obra prima de Arphe, e mostrar que o artista tinha a consciencia plena do seu valor, a gloria e a posição social.

1597. **Beiveder (Juan de)** *Libro general de las reducciones de plata, y oro de diferentes leyes y pesos, de menor á mayor cantidad, y de sus intereses á tanto por ciento, con otras reglas etc.* Lima (Peru-America).

1614. **Pragmatica** y nueva orden, cerca de las colgaduras de casas, y hechura de joyas de oro y piedras, y pieças de plata, y en la fôrma que se han de hazer labrar, y traer, y otras cosas. Madrid. Importante, porque foi tambem lei em Portugal.

1623. **Castillo (Juan Fernandez del)** *Tratado de ensayadores*. Madrid.

1640. **Barba (Alvaro Alonso)** *Arte de los metales*, en que se enseña el verdadero beneficio de los de oro, y plata por azogue. El modo de fundirlos todos etc. Madrid. 2.<sup>o</sup> ed. Madrid, 1770, com o *tratado* de las antiguas minas de Espana que escribió **D. Alonso Carillo y Laso**.

1643. **Montalvo (Luiz Berrio de)** *Informe del lic. Don L. B. de M. del nuevo beneficio que se ha dado a los metales ordinarios de plata por azogue, y philosophia natural a que reduce el methodo y arte de la mineria, para escusar a todos la perdida y consumido de azogue etc.* Mexico.

1700. **Plateros.** Apologia historico-politica de la antigüedad y nobleza del arte insignie y liberal de Plateros, con los establecimientos y ordenanzas esenciales para su puntual ejercicio y observancia precisa de las leyes del oro y de la plata en todos los reynos de España. (Dada á luz pela confraria de Santo Eloy no anno de 1700). Madrid, 1804. Fol. XII-37 pag.
1781. **Saenz Diez (D. Martin Diego)** Manual de joyeros, con la teórica e práctica para con brevedad sacar la cuenta del valor en que se venden y compran los diamantes y demas piedras preciosas; y tambien el oro y la plata. Madrid; grosso vol. de LVI-712 pag. (!).

## V Biographia

1715. **Palomino (Antonio Palomino y Velasco)** mais conhecido pelo nome que preferimos. *El musco pictorico y escala optica.* Tomo I. *Theorica de la pintura* en que se describe su origen, essencia, especies, y qualidades, con todos los demas accidentes etc. Madrid, 1715, tomo II. *Practica de la Pintura* (sobre os diferentes processos de pintar), Madrid, 1724; o frontispicio gravado diz 1723; ambos os volumes tem dois frontispicios, um gravado e o outro impresso. A pag. 231 d'este tomo II começa o tomo III, com paginação seguida até 498 e o titulo *El Parnaso espoñol pintoresco laureado* tomo III con las vidas de los pintores, y estatuarios eminentes españoles... y de aquellos estrangeros etc. Madrid, 1724. Este tomo III anda sempre ligado ao II, formando a obra apenas dois volumes folio. Collecção do autor. Obra importante, escripta em 1715 (!) quando em Portugal ninguem sonhava sequer na biographia dos nossos artistas.
1742. **Palomino (Antonio Palomino y Velasco)** *Las vidas de los pintores y estatuarios españoles* que con sus heroicas obras... y de aquellos estrangeros illustres, que han concurrido en estas provincias etc. Londres, 1742, 8.º E' um extracto da obra antecedente (3.º parte) Collecção do autor. Ha uma traducção franceza Paris, 1749, que tambien possuimos.
1788. **Silva (A. Rejon de)** *Diccionario de las nobles artes* para instruccion de los aficionados, y uso de los profesores. Contiene todos los terminos y frases facultativas de la Pintura, Escultura, Arquitectura y grabado, y los de Albañileria ó Construccion, Carpinteria etc. Segovia, 4.º de V-217 pag.
- 1800 **Cean Bermudez (Juan Agustin)** *Diccionario historico de los más illustres profesores de las Bellas Artes en España.* Madrid, 1800. Em 6 vol 8.º Esta obra do benemerito auctor, que é indispensavel para o estudo da historia da arte na peninsula, foi publicada pela Academia Real de S. Fernando. Comprehende os *Iluminadores, Escultores, Pintores, Plateros, Vidrieros, Rejeros, Bordadores y Grabadores en dulce y en*

*hueco.* Exclue, portanto, os *arquitectos*, cuja historia tem de ser estudada na obra que Cean Bermudez publicou conjuntamente com Llaguno y Amirola em 1829, e na de Caveda.

1839. **Furió (A.)** *Diccionario histórico de los illustres profesores de las Bellas Artes en Mallorca.* Palma, 8.º VIII-292 pag.

## VI. Esthetica e Philosophia da arte

1549. **(Varchi (Benedetto)** Vid. abaixo 1753. Leccion.
1600. **Rios (Gaspar Gutierrez de los)** *Noticia general para la estimacion de las artes y de la manera en que se conocen las liberales de las que son mecánicas y serviles etc.* Madrid.
1753. **Varchi (Benedetto)** *Leccion* que hizo Benedicto Varqui en la Academia Florentina el tercer Domingo de Quaresma del año 1546. Sobre la primacia de las artes y qual sea mas noble, la *Escultura*, ó la *Pintura* con una carta de Michael Angelo Buonarrotti etc. Trad. del italiano por Don Philippe de Castro. Madrid, 1753. A ed. original sahiu em Florença, 1549. Collecção do autor.
1781. **Monteseguro (A. Arteta de)** *Disertacion sobre el aprecio y estimacion que se debe hacer de los artes practicos*, y de los que los ejercen con honradez, inteligencia y aplicacion. Zaragoza.
1786. **Cacho (Celedonio Nicolas de Arce y)** *Conversaciones sobre la escultura*, compendio historico, teorico y pratico de ella. Para mayor ilustracion de los juvenes dedicados a las Bellas Artes de Escultura, Pintura y Arquitectura. Pamplona. E' posvel que seja a obra que o nosso Cyrillo Volkmar Machado publicou, anonyma, em 1794 *Conversações sobre a Pintura, Escultura e Architectura.* Lisboa; sem prologo, nem nome do autor.
1788. **Martínez (Dr. Francisco)** *Introduccion al conocimiento de las Bellas Artes*, ó diccionario manual de pintura, escultura, arquitectura, grabado etc. Madrid.

## APPENDICE III

(Vid. nota 31)

Throughout the middle ages Portugal formed one of a number of independent kingdoms into which the Peninsula was divided, and it cannot be said to have been distinguished by any special pre-eminence, stronger spirit of nationality, or greater aptitude for culture than the other states. The same long-enduring struggle with the Mahometan invaders had taken place in Portugal as in most other parts of the Peninsula, and the visible evidences of the sometime domination of the alien race became as strongly impressed on the arts of Portugal as on those of any part of Spain. (1) Apart from extra-

(1) Já aqui temos um erro grave: *as strongly impressed!* Sobre que base assenta o sr. Robinson semelhante asserção? Não sabe o sr. Robinson que os arabes foram definitiva-

ncous influences, which manifested themselves at certain periods, and were, from obvious causes, different in the two countries, it may almost be assumed that there is no more real necessity for treating of the art of Portugal as a development apart, than there would be for dealing separately with that of the several provinces of Spain. At a certain period however, Portuguese art did undergo a powerful extraneous influence or fashion of which some account should be given.

The early connection of Portugal with India, where important colonies were ultimately established, in the long run certainly exercised a real and appreciable influence on the decorative and industrial arts of the mother country. Not only at a very early period in the 16<sup>th</sup> century were objects of Indian art manufacture imported in great numbers into Portugal, but it also seems evident that to a certain extent popular predilection or fashion led to these objects being imitated in the European country. (1) The present exhibition contains many works of this class, amongst these may be specified the well-known Indo-Portuguese inlaid-wood cabinets, caskets, etc., these are believed to have been for the most part made at Goa in the 17<sup>th</sup>. or 18<sup>th</sup>. centuries, but it seems highly probable that articles of furniture of this style were also currently made in Lisbon, Oporto, Evora, and other Portuguese towns. But in Portugal the master art — architecture even — at the beginning of the 16<sup>th</sup>. century, displays marked evidence of the importation and adoption of Indian forms of ornamentation, etc.; a notable instance may be cited in the famous «capella imperfeita,» the unfinished chapel attached to the great church of Batalha. That florid and ornate structure displays in fact a most extraordinary mixture of transitional Gothic and *Hindoo* ornamentation. Some time later in the 16<sup>th</sup>. century, in the choir of the Jeronymite church at Belem, elephants

mente expulsos de Portugal, do Algarve, em 1249, continuando em Hespanha até 1492, mais dous seculos e meio n'uma posição privilegiada, e depois d'isso, ainda mais de um seculo (até 1610) n'uma posição influente, sob o ponto de vista das artes e officios? Estas datas explicam precisamente a penuria de monumentos mosarabes das artes e das industrias em Portugal. O que viu o sr. Robinson em Portugal? Lisboa, Coimbra e Vizeu, tres cidades em seis dias; não entrou sequer no Alemtejo, na provincia que conserva ainda hoje os modéssimos restos das reliquias mosarabes. A Hespanha, porém, está coberta d'ellas; e não são reliquias; são monumentos de primeira ordem, e de todo o genero, architectura religiosa, profana, militar, e numerosissimos trabalhos industriaes, incluindo — note-se bem! — tratados theoreticos e livros de ensino até ao sec. XVII. (Arenas, 1633.)

(1) O sr. Robinson faz nova confusão. Já dissémos e provámos em outro lugar (*Album da Exposição districtal de Aveiro*, secção; *Tecidos*) que é mister não fazer novas phantasias a proposito do estylo ou arte *indo-portuguesa*; que ha a distinguir: 1.º) Produccão das colonias (Gôa, etc.) com artífices indigenas. trabalhando por encomendas e desenhos da Europa; 2.º) Produccão dos colonos semi-indigenas, nascidos de casamentos mixtos; 3.º) Produccão de artífices semi-indigenas e indigenas trazidos para Lisboa, por especulação, e a pedido da côrte; 4.º) Produccão nacional, em Lisboa, nos conventos e casas de lavor sobre desenhos e modelos orientaes. A questão é pois complexa; façam uma exposição especial d'esses productos, juntando os que existem dispersos pelo paiz e nos museus da Europa, e depois tirem as conclusões.

are introduced as prominent ornamental features. (1) The Emmanuelite style in short, as the peculiar phasc is termed which arose during the reign of the great Portuguese monarch, Don Emmanuel (1495-1521), frequently displays this *Indian* influence in the most unmistakable manner.

There is evidence even, that during this period original monuments of Hindoo sculpture of considerable size were brought over to Portugal. At this day in the grounds of the ancient villa of Penha Verde at Cintra, the country house of Don John of Castro, may be seen many specimens of such sculpture brought home by the great navigator. (2)

(*Catalogue of the special loan exhibition of spanish and portuguese art*, South Kensington Museum, 1881 na Introdução, pag. 11)

## APPENDICE IV

(*Vid. nota 33*)

Antonio Prestes. *Auto da Ave-Maria* ed. de Tito de Noronha, Porto, 1871, pag. 67-76.

Figuram entre outras pessoas, as seguintes: *Bom proposito*, que é mestre d'obras; *Bom trabalho*, *Bom serviço* e *Bom cuidado* que são pedreiros.

Entra o Diabo, vestido á italiana, que vem enganar o cavalleiro, e diz:

Y porque aficionado  
fuy mucho a su exercicio,  
a ver, señor, he llegado  
lo que ha edificado.

**Mestre  
Diabo**

Entende d'isto?

De *ab initio*  
algo se me entiende d'isto.

**Mestre  
Diabo**

De architecto?

Si Señor, yo vos prometo  
que del no me quede el resto.

**Cavalleiro  
Diabo**

Saiba que é saber discreto.

Mas que Cicero se llama,  
es quanto loor le den  
y mas musico que quien?  
que Aristogeno, la fama  
de Miron, es del tambien.

(1) Onde é que o sr. Robinson viu tal cousa? Faltava só isto: os elephantes, como motivo de ornamentação, no coro, a concordarem com os macacos do Ganges, e os periquitos do Brazil, descobertos por Mr. Quinet.

(2) Os *many specimens* reduzem-se a tres! E eram tres apenas, em 1789. É assim que falla o sr. Robinson, que devia ter aberto o livro do seu patricio Murphy, o primeiro auctor que deu noticia desenvolvida das antiguidades indianas da Quinta da Penha Verde: são duas inscrições em sanscrito, uma das quaes tem alguns relevos de figura: a terceira representava «um centaure à qui il manque la tête et que j'ai trouvé d'un travail passable. Ces trois monuments sont les restes des curiosités apportées d'Asie» (*Voyage en Portugal dans les années 1789 et 1790*, traduit de l'Anglais de Jacques Murphy, Paris, 1797, vol. II pag. 229). O sr. Visconde de Juromenha, que escreveu a respeito das inscrições em 1838 (*Cintra pintures*, a pag. 60 e seg.) já não falla do centauro. O sr. Robinson esteve em Portugal só em novembro de 1865. É preciso muita phantasia para architectar uma theoria da influencia da esculptura indiana sobre semelhantes curiosidades. De passagem notaremos, que um fidalgo da casa de Souza, então enviado na Suecia, affirmou a Murphy que as antigualhas indianas haviam sido trazidas da India pelo Vice-rei D. Constantino de Bragança em 1566. Lafiteau. (*Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais*, Paris, 1734, 4 vol.) attribue a importação a Diogo do Couto.

Ha edificios, tengo andado  
para velos  
todo el orbe, y soy de hazellos  
maestro, he edificado  
por Roma, Italia, hartos d'ellos.  
Foi invenção soberana.  
Alegram-se n'ella cegos.  
Esta invenção de quem mana?  
De Grecia.

**Cavalleiro**  
**Mestre**  
**Cavalleiro**  
**Mestre**  
**Cavalleiro**  
**Diabo**

Foi graciana.  
Los primeros fueron gregos;  
despues de labrada en Grecia  
hizo Roma

d'ella su romana poma;  
y desde entonces la Persia.  
Sabe d'ella o que soma?  
Yo sé las columnas doricas,  
y corinthias, y sé mas,  
las ionicas de la paz,  
de la guerra las theoricas;  
sus talles, basas, compas:  
pero aca su manicordio,  
sus retoricadas,  
siguen otras metafóricas  
adversas de su exordio;  
por las corinthias las doricadas,  
doricadas por las theoricas,  
ionicadas por las toscanas,  
las toscanas por las ionicadas;  
no sabeis do estan las doricadas,  
ni corinthias, todas vanas.

**Cavalleiro**  
**Diabo**

La misma transmigracion  
van pedestales  
mezclados, los principales  
con los que no fue razon  
que llegassen a ser tales.  
Mas, señor, los capiteles  
sin los frisos, arquitraves,  
frontespicios sin conclaves  
pintan todo el triste Apéles  
que se muera a siete llaves:  
el punto desto se calla,  
y el tiempo ensaya  
que no passe de la raya  
do voluntades la talla  
es el juzgo de mas vaya.  
Por la qual razon, motivo,  
si aca en la arquitetura  
quieren obra limpia y pura  
yo la sé, yo la rebivo  
adó muere su escriptura.  
E a prova d'ella?

**Cavalleiro**  
**Diabo**

En toscano  
muy a la suma  
la escrevi, al no presuma;  
della el gran Sebastiano  
fue la tinta, yo la pluma.  
Y en siglos de edad dorada  
por Villalpando en España  
fue traduzida y sacada  
del toscano; es sublimada  
su traducion, cosa española.

**Cavalleiro**  
**Diabo**

Haveis algo edificado  
de arquitetura?  
Y quien fue sue compostura,  
su mosayco, su labrado,  
su alabastro, su pintura?  
Yo, señor, edificué

un templo, loor y fiesta  
de Minerva, y le labré  
de bronze metal, y fue  
la maxima; otro a Vesta  
labré de los principales  
que he labrado,  
en el qual fue celebrado  
de las virgenes Vestales,  
por su dios he edificado:  
otro a las mil maravillas  
a la Cobdicia, tan bueno  
que es vergel de lo terreno  
dó hazen muchas capillas  
los del suyo, e del ageno:

labré a la Sin-justicia,  
Sin-sentencia,

otro de summa excellencia  
de dos naves, *amecicia*  
la una, la otra *aderencia*.  
Otro a Bacho, de ornamentos  
de sublime ornamentario,  
de lindos compartimentos,  
al qual llaman los sedientos  
sacro templo Bacanario;  
alli los Bachos caudales  
y los otros mas medianos  
y mas chicos  
todos van beber yguales,  
todos beben por sus manos  
y los ricos.

**Moço**

Assi, senhor, folgo eu  
de vossa mercê saber  
fazer templos de beber:  
seja isso por bem seu,  
praza a Deus, que esse é o fazer.

**Diabo**

Epicurios su fortuna,  
su alegria  
alli hazen confraria,  
alli hazen [sol y luna,  
dia, noche; noche, dia.  
El otro antigo edificio  
Pantéon templo romano  
quien le trassó, quien? mi mano:  
quien le labró? mi officio;  
prueba mi Sebastiano.  
Los theatros de Marcello,  
obra altiva,  
los labré de piedra biva;  
en ellos veran mi sello  
si el tiempo no me lo priva.  
Fez isso longe d'aqui?  
Roma, Italia.

**Bom trabalho**  
**Diabo**

**Bom trabalho**

Olhae as perfiás.  
do galego; longas vias  
longas mentiras.

**Moço**

**Bom trabalho**

Assi.  
Galegos são más fatias;  
o senhor falla á boa guisa,  
e não revira;  
elles dizem que é mentira  
porque é longe Galiza:  
como estiras a tua tira.

**Mestre**  
**Diabo**

E a que vem a esta terra?  
Mostrar mi saber, mis manos;  
suena allá que lusitanos  
su gusto, aora se encierra  
en edificios romanos.

<b>Cavalleiro</b>	Eu sou um dos que estão postos n'esse gosto, que não vi melhor composto; hei-o por gôsto dos gôstos, jámais lhe virarei rosto.	tres portales le tracé de mis motivos, tres guardas tiene, que bivos que las miran, ponen fé, que no ay mas superlativos. El debucho de los quales traygo aqui, si quiere vello, hazer le servicio en ello; son figuras naturales, no discrepan un cabello. Mostre m'ô.
<b>Moço</b>	Bofé que sois necessario muito cá por arquiteto; dareis trigo; cá em secreto vos abrirei um almario cá dos meus, o mais discreto, mais perfeito, mais supremo. Sabei, Mestre, que o de fóra, não se adestre mais, aqui tem graça estremo. Tudo o nosso acho silvestre, muito grosseiro; o de lá é mais d'arte, lastra mais no atilado.	<b>Cavalleiro</b> <b>Diabo</b> <b>Moço</b>
<b>Mestre</b>	Somos taes que natureza nos dá estranhos por naturaes: são tão certos os espiritos portuguczes revesarem muitas vezes os gostos, os appetites, que d'hi nadem tacs revézes.	De buena gana. Não ha mais, <i>Mostra o debucho</i> se o fez.
<b>Diabo</b>	La origen y juridicion del mejor de allá penetra; puso allá lo bivo, e setra; acá los treslados son no tan perfecta la letra.	<b>Cavalleiro</b>
<b>Bom trabalho</b>	Eu não sei más traquinadas, de labores; mas ha cá arquitetores que arquitetam lambusadas, vem picanços, vão açores. Dizem que farão de patos gaviães, de melões trigo, em tanto repimpam o embigo: quando olhaes os pobatos fica o trigo papa-figo.	<b>Moço</b> <b>Diabo</b>
<b>Bom serviço</b>	Se esses não achassem cá intérpretes, não seriam elles cacetes.	<b>Mestre</b> <b>Cavalleiro</b>
<b>Mestre</b>	Sômos nós, sempre em nós ha pôr por pilotos grumetes.	<b>Moço</b> <b>Diabo</b>
<b>Diabo</b>	Señor, que traça, o que lavra ne castillo?	<b>Mestre</b>
<b>Mestre</b>	Uns tres portacs.	<b>Cavalleiro</b>
<b>Diabo</b>	Son de arquitetura?	<b>Diabo</b>
<b>Cavalleiro</b>	Os mais	
<b>Diabo</b>	Graves d'ella.	
<b>Diabo</b>	Gran palabra; obra tosca?	
<b>Diabo</b>	Não.	
<b>Mestre</b>	Pues?	
<b>Cavalleiro</b>	Quaes nos melhor cair em graça.	
<b>Mestre</b>	Hão se d'abrir d'esta banda.	
<b>Diabo</b>	E não de vir co'estas guardas, emfim traça que mais pera aqui comprir. Um castillo inexpunable hize em Asia que boló, su fama, cosa notable; tan alto, tan admirable como el vano de Nembró;	
		De buena gana. Não ha mais, <i>Mostra o debucho</i> se o fez. Mestre, não gabaes? isto é cousa soberana; gentil mão. Máos tres portaes. Señor, mire la cornija y el remate. Habilidade. Tem isto grão magestade; por certo que regosija pera que é senão verdade. Isto é bom, está severo. O dcsenho do que começado tenho, já me afronta, não no quero, o que quero, esta arte, engenho. Mestre, nós façamos conta vós e eu; por escusado hei-o até qui começado. E assi pagam d'essa ponta Bom trabalho, Bom cuidado Bom serviço!
		Assi escusaes, sem petição. Que farão c'ô ella na mão! Bem digo eu. Ora no mais... Beijae agora o tordião.
		Já este mal é <i>in eterno</i> ; tempos ha que está em deposito. não ser novo nem moderno, virem a acabar em inferno começos de Bom proposito: inda mal.
		Bom rascunhado de guardar tem estas guardas singular. Vea el modelo labrado quan mas tiene que alabar.
		Em 1879, em as notas ao Ms. de Francisco de Hollanda <i>Da Fabrica que fallece á cidade de Lisboa</i> pag. XII-XIV, chamámos a attenção do publico pela primeira vez para esta passagem do <i>Auto</i> , tão notavel, e apesar d'isso tão esquecida. Interpretámos então o nome <i>Sebastiano</i> , como sendo o de Serlio, cujas obras o theorico hespanhol Vilhalpando traduziu em 1563 (vid. retro, no Appendice II, a citação da lista bibliographica); apontámos para o exemplar da traducção na Bibliotheca do Porto, e emendámos o erro commettido pelo sr. Th. Braga, que datou o <i>Auto</i> de 1530. Dois annos depois copia o sr. Th. Braga, que até alli não havia reparado na citação, a mesma passagem (Arte portuguzca na Renascença § 1.º A architectura portugueza. <i>Questões de littera-</i>

*tura e arte portugueza*. Lisboa, 1881, pag. 163,) e acha que o Sebastiano é o Bastiano da San Gallo 1481-1551. (Vid. Vasari *Le vite* vol. XI pag. 200.) Se a questão se resumia apenas em querer contradizer o que é clarissimo, então podia o sr. Th. Braga imaginar outro qualquer architecto da Renascença, e baptizal-o *gran Sebastiano*; como o nome Vilhalpando não lhe convem, passa-o em elaro. Visto o § *Architectura portugueza* entrar no dominio d'este nosso Ensaio, sempre diremos que o sr. Th. Braga accumulou alli os arrazoados mais phantasticos; o illustre escriptor teve a habilidade de condensar em 23 paginas os devaneios mais hilariantes que Carmo Velho Barbosa, Agostinho Rebello da Costa, o eritico d'arte Garrett, que já conhecemos, etc. espalharam por algumas centenas de paginas. Parece que se está lendo um opusculo do fallecido Abbadé de Castro! Compilava assim. O sr. Th. Braga não tem pois a responsabilidade da maior parte das cousas que imprimiu, mas quando põe materiaes de sua casa, diz d'estas: (pag. 162)

«O estylo classico da architectura, no sec. XV e XVI, oppoz á efflorescencia gothica, ao dithyrambo das formas, á floresta de linhas, uma parcimonia de simplicidade, certa pureza e symetria, e uma reprodução das ordens gregas, confundidas e empregadas com arte.» De maneira que o sr. Th. Braga ainda em 1881 ignora o que eslá provado ha meio seculo: que os architectos da Renascença, sem excepção, conheciam apenas as ordens romanas. O illustre escriptor parece que nunca ouviu fallar no architecto allemão Sebinkel (1781-1841), que descobriu as ordens gregas n'este seculo. Um folhetinho muito popular, que anda lá fóra por muitas mãos, diz isso: Alois Hauser. *Ueber Saulenordnungen*. Drei populäre Vorträge. Wien, 1872, 8.º de 60 pag. Ou então consulte um livro vulgar, que existe em quasi todas as nossas bibliothecas: *Entretiens sur l'architecture* de Viollet-le-Duc. Paris, 1863.

No mesmo volume das *Questões* figura depois da *Architectura portugueza* como § 2.º: *Grão-Vasco* — Determinação historica da sua personalidade — 16 pag. e como § 3.º *Gil Vicente* — Ourives e poeta — 36 pag. Em a nota 28 referimo-nos a estes dous capitulos da historia da arte nacional, sobre os quaes estamos publicando trabalhos espeeciaes. (*A pintura portugueza nos sec. XV e XVI* Porto, 1881. *A custodia de Belem e sua reconstrucção*; ms. inedito; conferencias publicas, feitas em Lisboa em junho de 1882, e no Porto, em outubro de 1883). E' tão impossivel entender o *imbroglio* que o sr. Th. Braga faz com o Grão Vaseo, como a fusão do ourives e poeta Gil Vicente. Os srs. Camillo Castello Branco e Brito Rebello desfizeram o segundo castello; não temos aqui tempo para desfazer o primeiro; basta accentuar que ao sr. Th. Braga falta a primeira condição, indispensavel, para tratar de semelhantes assumptos: o estudo por autopsia, não fallando no estudo da historia da arte, a que é extranho; á data em que escreveu, não tinha visto nem os quadros de Vizeu nem os de Thomar, nem os de Setubal, nem os de Evora etc.; como não tinha visto a custodia de Belem Isto é duro de dizer, mas é a verdade. A custodia de Belem sahio só uma vez do gabinete de numismatica d'El-Rei (onde se acha) para Paris, em 1867, e na primavera de 1882 para a Exposição de arte ornamental de Lisboa.

Ora o sr. Th. Braga nunca foi a Paris nem ao gabinete, antes de 1881, e escreveu o seu estudo perante o *cliché* da revista *Artes e Letras*.

Por isto se vê que os poetas nacionaes pouco aprenderam em historia da arte desde 1846, desde o *fundo normando* e o *episodio moirisco* de Almeida Garrett (vid. a citação, no texto da conferencia) até á floresta de linhas do sr. Th. Braga.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### MONUMENTOS NACIONAES

*Extracto do Relatorio da Commissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Ill.º e Ex.º Sr. Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 1884, pelo presidente da referida commissão, que foi auctorisado a fazer esta publicação.*

Em portaria de 29 de dezembro de 1881 do Ministerio das Obras Publicas fui nomeado para a commissão incumbida de tomar conhecimento do estado em que se acham os monumentos nacionaes, para levantar as plantas, medir e desenhlar as fachadas e córtes dos edificios publicos e dos monumentos do reino.

Em virtude da auctorisação concedida pelo ex.º Ministro, requisitei o pessoal que julguei necessario para dar começo a esses trabalhos, isto é, um secretario, dois desenhadores praticos em architectura civil, e um servente. Posto que um

tão limitado pessoal e um tão avultado numero de desenhos de demorada execução, não seria sufficiente para cabal desempenho da mesma commissão, entretanto, reservei-me propôr o seu augmento, logo que o desenvolvimento d'este serviço o exigisse.

Foram apresentados com as respectivas guias, no dia 24 de janeiro de 1882, dois empregados da repartição das Obras Publicas, os srs. Francisco Maria Pereira Heitor de Macedo, conductor de 2.ª classe, e João Lino de Carvalho, conductor auxiliar.

O sr. Heitor de Macedo tendo recebido ordem superior para outro serviço, por esse motivo requisitou-se outro desenhador para supprir a falta do que fóra exonerado, e apresentou-se n'esta commissão o sr. Francisco Corrêa Leotte Junior, conductor de 2.ª classe, em 9 de março do mesmo.

Conforme a classificação dos edificios e monu-

mentos nacionaes que foi publicada no *Diario do Governo* n.º 62 de 19 de março de 1881, julguei conveniente começar os trabalhos a meu cargo pelos edificios considerados de primeira elasse, dando a preferencia áquelles que houvesse na capital do reino. Foi, portanto, em Lisboa que os nossos trabalhos principiaram, escolhendo o mais antigo que pela sua cathegoria era o primeiro a ser medido e desenhado, e o primeiro a entrar na colleção architectonica do archivo dos monumentos nacionaes. Inaugurámos na cathedral de Lisboa esses trabalhos no dia 3 de fevereiro de 1882.

Com o intuito de se poder avaliar melhor a importancia architectural de cada edificio ou monumento, convinha que as plantas fossem levantadas na mesma escala, porque da sua comparação viria a reconhecer-se, por um simples relance, qual a sua grandeza relativa.

Assim designei a escaála de 0,003 por metro para as plantas, e o duplo para os alçados e córtes, afim de que os perfis das molduras e o contorno e detalhes das ornamentações ficassem bem distinctos, e sobressaísse em tudo o estylo architectonico, pois é elle que caracteriza o typo adoptado e nos dá a mais perfeita idéa do valor e do merito do architecto. Todavia, ainda que pareça demasiada a escala escolhida, confio que o ex.<sup>mo</sup> Ministro não a reprovará, pela evidente utilidade da sua applicação aos monumentos nacionaes.

Em virtude do officio que tive a honra de dirigir ao ex.<sup>mo</sup> Ministro das Obras Publicas para que pelo Ministerio do Reino se fizesse communição aos srs. governadores civis de que as camaras municipaes do paiz seriam consultadas pela commissão deerea dos edificios publicos de seus concelhos, e das antiguidades historicas que n'elles houvesse. Consta-me que essa participação se fez a todos os municipios do reino.

Para se colherem os indispensaveis esclarecimentos, fiz expedir circulares acompanhadas de um questionario, doe. n.º 1, não só para verificar o que já se achava mencionado no relatorio apresentado pela Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, mas para ser informado mais circumstanciadamente a respeito de quasquer antiguidades, cuja existencia não fosse bem conhecida ou pouco divulgada.

De 138, aos quaes enviei questionarios, sómente responderam 33 municipios! — entre os quaes merecem especial menção os de Evora, Villa Viçosa, Coimbra, Vianna do Castello, Alemquer, Setubal e de Santo Thyrso pelas minuciosas informações archeologicas com que satisfizeram ao meu ardente empenho, testemunhando que se importavam com este serviço publico, pelo que me apressei a endereçar-lhes o meu caloroso agradecimento.

Para dar o maior impulso aos trabalhos d'esta commissão, logo que os desenhadores concluíram as medições e fizeram os desenhos da planta geral da igreja da Sé, dividi a tarefa de cada um, determinei que o empregado Leotte continuasse a

tirar as medições e a fazer o desenho da fachada da dita cathedral, e que o empregado Lino passasse para o levantamento da planta geral da igreja e dos elastos de S. Vicente de Fóra, monumento igualmente notavel por sua architectura, antiguidade e origem historica de sua situação, e que estava comprehendido tambem na 1.<sup>a</sup> elasse da classificação referida.

O desenhador Leotte deixou incompleto o seu desenho a limpo do alçado da Sé, porque foi requisitado para outro serviço; e devo respeitosa-mente dizer que estas mudanças do pessoal, em trabalhos d'esta ordem, eausam sempre transtorno, porque, por muito habil que seja o empregado, que venha substituir o que já estava, é difficilimo que entre em minueias, de que o substituido tinha notas ou esboços, pois não foi o novo funcionario que visitou, examinou e mediu o edificio. Além d'isso, os desenhos não de apresentar desigualdades, e o trabalho atraza-se.

Seria, pois, para desejar, que não se repetissem as substituições inesperadas dos empregados, quando elles estejam entregues a trabalhos seguidos e importantes, tanto mais quando pode vir d'ahi certa depreciação no resultado dos esforços que a commissão tem empregado. Para o substituir veio o apontador de 2.<sup>a</sup> classe, Francisco Soares O'Sulivand no dia 5 de Novembro de 1882, ao qual encarreguei de medir e fazer o cóрте longitudinal da referida cathedral, afim de completar os desenhos d'este monumento, o que executou com todo o esmero, e terminou em 19 de maio de 1883: e por esta occasião tive a honra de propôr este empregado ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro para ser admittido como desenhador das Obras Publicas, ao que S. Ex.<sup>a</sup> teve a bondade de deferir (documento n.º 2).

Tendo o empregado Lino acabado de levantar e feito o desenho da planta geral da igreja de S. Vicente, passou a medir o alçado da frente principal do mesmo edificio, e n'esse trabalho empregou bastante tempo, por ser difficil tomar as alturas de tão elevado templo, e dos seus detalhes,

Encarreguei-o em seguida de proceder ao desenho e medição do cóрте longitudinal, para o que precisou ainda mais tempo, visto que as medições para esse trabalho internamente offereciam maiores obstaculos, por não haver andaimes, sobre tudo no logar da eupula, nem serventia para o madeiramento, sendo preciso para se vér o sistema da construcção levantar-se parte do telhado. Este conductor auxiliar não pôde concluir o desenho do cóрте, por lhe faltar a pratica sufficiente, nem podia desenhar os ornatos dos capitais e dos altares, e as esculpturas da ornamentação da fachada principal, foi ineumbido o desenhador O'Sulivand de as executar. Este empregado não pôde, todavia, desde logo occupar-se d'ellas, por estar então levantando a planta geral da Basílica do Convento Novo do Coração de Jesus, á Estrella, e sem ter concluido não quiz que tomasse conta

de outro desenho, pois ha certa ordem de medições que não convém suspendel-as para o seu mais correcto andamento.

Para utilizar o desenhador Lino, resolvi que levantasse a planta geral do Real Theatro de S. Carlos, por ser a architectura d'este edificio menos complicada para elle a desenhar, sem necessitar de ajudante. Concluiu a planta geral e continua a fazer o alçado da frente principal, e depois fará o córte longitudinal, sendo este o mais essencial em todos os projectos, posto que seja tambem preciso o outro córte transversal afim de ficar completo o risco e conhecer-se melhor o systema da sua construcção; todavia reservou o mais facil, auxiliando-se das plantas e córtes longitudinaes, para trabalho de gabinete no inverno, por não permittir esta estação fazer medições externas nos edificios. O empregado O'Sulivand acabou a planta geral do Convento Novo da Estrella, e está concluindo o córte da igreja de S. Vicente, tirando a copia de toda a sua ornamentação em maior escala, para reduzir com mais fidelidade, bem como as collossaes estatuas que decoram o magestoso baldaquino da capella-mór; mas, como é doente, vê-se forçado a interromper por vezes os seus trabalhos; apesar d'isso tem-os quasi terminados e julgo-o merecedor de louvores pela sua applicação e bom desempenho d'este serviço.

A planta geral do Convento Novo não pôde ser feita mais rapidamente, porque, para se entrar na clausura, era o desenhador obrigado a esperar o dia em que lhe concediam entrar n'aquelle asylo religioso, e por ter tambem coincido a prohibição do Eminentissimo Patriarcha, pois não tinha já validade a licença que eu obtivera em 1858, para entrar em todos os conventos para as minhas investigações archeologicas, auctorisação a que não se marcava limite. Aguardei pois reformar essa licença, o que S. Eminencia houve por bem acceder, marcando-lhe uma vez por mez; mas como esta concessão tornava muito demorados os trabalhos da commissão, solicitei que se prorrogasse tal licença e só consegui não fosse além de um dia por semana! Apesar de ser muito grande a superficie que abrangem as construcções de tão vasto edificio, que exigia muitos dias para as medições; comtudo está prompta a planta geral e logo que o desenhador encarregado haja terminado os córtes da igreja de S. Vicente, e desenhado o outro córte transversal do mesmo edificio, o qual deverá tambem incluir n'elle o córte longitudinal da bella, rica e primorosa sacristia, por ficar situada na direcção da linha central do cruzeiro da referida igreja; esse desenho offerecerá á admiração a elegante architectura da sacristia sendo uma das de mais vistosa decoração d'este typo, que possui Portugal e é muito para sentir que não tenha luz sufficiente para se contemplar a belleza da obra de mosaico que ali existe. Julgo que com pequeno dispendio e sem defeito da arte, poder-se-hia evitar a escuridão que lhe faz

perder o merecimento nos detalhes e no conjuncto.

.....  
Esta especial construcção é quasi desconhecida do publico, e acredito que pequeno numero de pessoas em Portugal têm contemplado esse exemplar architectonico. Os estudiosos e amadores de Bellas-Artes, nacionaes e estranhos, estão privados de verem essa obra prima, como já tive a honra de representar a V. Ex.<sup>a</sup>, propondo o modo pratico de evitar o defeito indicado.

.....  
Mandei copiar pelo empregado Leotte os epitaphios existentes na igreja da Sé, recommendando-lhe o maior cuidado em apresentar a variedade das fórmulas de letras, pois além de se conservar a memoria das pessoas ás quaes se referem, será isso tambem de utilidade para o estudo archeologico, porque o feitiço dos caracteres serve de guia para se conhecer a era em que foram gravados. Ficariam d'este modo mais completos os estudos artisticos d'este antigo monumento historico. O desenhador satisfaz com attenção ao que esperava d'elle.

No alçado da frente principal da igreja da Sé notar-se-ha uma pequena alteração que mandei fazer, pelas seguintes considerações: que deveria surprehender se ficasse representado no desenho o enxerto do gradimento e das portinhas exóticas figurando como parte d'architectura d'este templo, que foram construidas modernamente entre as duas torres por cima do portal principal, não só porque alterava do modo mais insolito o aspecto primitivo da edificação d'aquelle monumento, mas patenteava a falta de criterio e o desconhecimento dos mais elementares preceitos archeologicos seguidos por todos os architectos que sabem desempenhar com acerto a sua nobre profissão. Posto que eu tivesse tido a ousadia, na occasião em que procediam áquelle desacerto, de ponderar ao então Intendente das Obras Publicas, José Bento de Sousa Fava, o anachronismo de semelhante obra em tão venerando e principal monumento da capital; obistou a que podessem fazer desaparecer aquella incoherencia architectonica não auctorisarem a despeza a mais de cem mil réis! Repugnava-me bastante que ficasse archivada semelhante alteração e até de futuro, quem visse o alçado, com tão grave defeito, julgaria que ao artista, que delinear a esse grandioso edificio medieval faltavam os conhecimentos architectonicos, e por isso incorrer a n'um reprehensivel erro, e a sua memoria ficaria deslustrada sem razão. Expuz, portanto, ao ex.<sup>mo</sup> sr. Conselheiro Joaquim Simões Margiochy, actual Director Geral das Obras Publicas, o meu intento de supprimir aquella disparatado accessorio, ao que este illustrado chefe annuiu, approvando a idéa; mas para que se não inutilisasse a moderna varanda nos dias de festas solemnes, mandei substituir no desenho do alçado o referido gradeamento por um apoio de cantaria,

imitando o que existe na parte superior do edificio e que limita o centro da fachada por cima do portal: assim dei mais conformidade á alteração do risco primitivo.

No córte longitudinal d'esta fabrica ainda se poderia notar uma omissão, isto é, na parte que devia representar o espaço reservado do antigo claustro, não apparecer indicada a especie de nicho, ou cazinholá moderna, arranjada no recanto norte, e onde se revestem os conegos do Cabido, conforme está indicado no respectivo lugar da planta geral d'este edificio. Dá-se esta omissão por causa egual á que indiquei quando me referi á varanda da fachada, afim de não ficarem encobertas as antigas arcarias que decoravam o primitivo claustro, e que unicamente n'este lado do edificio resistiram ás oscillações do grande terramoto de 1755, ficando os outros lados destruidos.

Era pois preferivel conservar-se o typo de architectura da antiga edificação, como um raro specimen do risco d'esse claustro, e por essa razão a linha central do córte longitudinal desvia-se da sua direcção e representa-se composta por uma linha quebrada, para que a continuação d'ella passe por detraz da insignificante construcção abarracada, a que já me referi, e deixe patente a unica parte d'este claustro que ainda conserva o typo primitivo, embora lhe hajam feito algumas reparações parciaes.

#### Excursões artisticas e archeologicas no reino

SANTAREM. — Comecei as visitas officiaes e as excursões artisticas pelas provincias do reino, com o intuito não só de verificar a classificação dada aos monumentos nacionaes, mas tambem averiguar até que ponto eram dignas de menção e registro as informações prestadas por algumas camaras municipaes; certificar-me se haviam comprehendido todas as classes de edificios historicos e artisticos, as construcções mais remotas tanto dos romanos como dos arabes e egualmente as prehistoricas; e conhecer o estado de conservação de cada um d'esses monumentos. Dirigi-me para esse fim, primeiramente, a Santarem, e tive a honra de officiar ao ex.<sup>mo</sup> ministro das Obras Publicas ácerca da restauração da antiga igreja profanada de S. João de Alporão, lastimando a irreflectida maneira como se fizera a obra n'esse antigo edificio, o qual não é de construcção romana como se havia supposto e publicado, mas sim do typo *roman*, ou romanico, um dos melhores especimens que possui Portugal, e por esta valiosa circumstancia merecedor de se conservar intacto o seu caracter especial de architectura, embora se consolidasse sendo preciso; porém nunca alterar-se ou desfigurar-se, tirando-lhe assim os vestigios da época de sua edificação, a melhor base para testemunhar a origem de sua architectura e ser obra nacional.

No referido officio declarei ter encontrado, n'essa cidade, a antiga igreja de Jesus em perfeito estado de conservação e acieo, devido ao constante zelo da pessoa a quem foi entregue para o culto. É este edificio, de architectura ogival do seculo xiv, digno de se manter a sua conservação, e até por que possui um bellissimo sarcophago de excellente esculptura, talvez o mais bem conservado em todos os nossos edificios religiosos; e por isso, julgo credores de elogio o presidente e os membros da irmandade que cura com tanto zelo no bom estado d'esta especial edificação; digo isto, não só como acto de justiça, mas para servir de estímulo ás pessoas encarregadas de outros edificios publicos, para que haja esmero na sua conservação e acieo.

THOMAR. — Em seguida passei a Thomar, onde visitei o venerando e historico monumento do convento de Christo. Nos corpos de que se compõe esta afamada fabrica de admiravel composição, como já o notára por iniciativa propria, em 1866, para os medir e desenhar, causou-me profunda magua descobrir recentes vandalismos, praticados por mero divertimento, assim como terein augmentado os estragos em certos pontos do edificio, sendo indispensaveis alguns reparos para evitar maior ruina, como tive a honra de representar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro, o que se poderia fazer com pequena despesa, afim de occultar aos estranhos o modo como eram considerados os monumentos nacionaes e sobretudo este, porque apresenta exemplares de architectura de diferentes épocas, com o typo que lhe é proprio; e ao mesino tempo testemunha a pericia dos operarios portuguezes n'aquelles remotos tempos, bem como o talento dos architectos que delinearam o risco para a construcção de tão grandiosa fabrica. Solicitei, portanto, que se attendesse á minha representação pelas razões expostas.

COIMBRA. — Dirigi-me depois a Coimbra, onde, em 1861, podera apreciar os seus edificios antigos, tão interessantes pela sua architectura, como pelas suas recordações historicas. Fui ver primeiramente a magestosa igreja da Sé Velha, velha, não só pela época da sua construcção, velha tambem pelo seu estado de ruina! Quem contemplar o imponente portal principal d'este venerando edificio religioso, e observar hoje o aspecto vergonhoso e desmoronado da entrada para o templo, em que os capiteis das doze columnas que decoravam o portal estão suspensos no ar, como se quizessem protestar contra a falta de apoio que deviam ter, e observar o corroido das arestas dos resaltos das caixas em que figuravam, e a sua porta de boa madeira estallada por se não lhe ter renovado a pintura ha muitos annos, não poderá deixar de lastimar e censurar, por mais indifferente que seja ao apreço das bellas-artes, a incuria, o desleixo e o abandono a que tem chegado esse edificio! Como não podia ficar silencioso, cumpro o meu dever revelando estas penosas impressões. Quando, em 1861, tirei uma vista photogra-

phica d'esse mesmo portal, só lhe faltava uma columna, e ainda vi o seu fúste sobre o patamar da torre, fúste que parecia ali aguardar a occasião de ser posto no seu lugar, pois estava arrecadado. Na minha visita em 1882, já lá não o conservavam. Informei d'isto o Ex.<sup>mo</sup> Ministro, instando para que se dignasse mandar compôr o portal de tão importante monumento, afim de que não permanecesse por mais tempo em similhante ruina. S. Ex.<sup>a</sup> determinou se fizesse o orçamento d'essa reparação, porém até o presente ainda não principiaram os trabalhos.

Este monumento, pelo seu distincto character religioso e especial typo architectonico, posto que não seja de construcção do tempo dos Godos, segundo se acreditava e eu já em 1862 tive occasião de refutar tal origem, pertence ao principio da monarchia, como está visível na sua especial edificação e nos signaes gravados na cantaria, e era de uso nas construcções no xii seculo; opinião o que vejo hoje aceite pelos tres illustres filhos da Universidade de Coimbra e archeologos distinctos, que responderam ao questionario da commissão, que a Camara Municipal d'aquella cidade lhes enviou. Ora esta origem, por ser mais moderna, não lhe tira por forma alguma o valor artistico; pelo contrario, a meu vêr, cresce de importancia, porque é um dos monumentos nacionaes mais antigos e mostra trabalho feito n'aquella época em Portugal. S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Obras Publicas não deixará de determinar, emfim, definitivamente se proceda áquella urgente reparação.

.....  
**PORTO.** — Segui de Coimbra para o Porto para tornar a ver os seus curiosos edificios publicos, sendo entre esses o que mais chama a attenção do architecto e do archeologo a antiga igreja de Cedofeita, da qual tinha em 1862 tirado a planta. Constando-me pelo abbade d'esta igreja, que havia a ideia de se augmentar o recinto do templo, o que na verdade seria um grave attentado archeologico alterando-se a primitiva edificação, não só porque iria destruir-se a configuração da traça da sua fundação, mas tambem se lhe tirava o interesse artistico. Vi-me portanto obrigado a officiar ao sr. Ministro das Obras Publicas, expondo o receio de que se realisasse similhante empreza, inepta e absurda, e roguei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro se servisse obstar a essa ousada obra, que diminuiria a veneração por tão remoto edificio religioso, que está comprehendido na segunda classe dos monumentos nacionaes. Existe gravada em uma lapide, na capella mór d'esta igreja, uma inscripção indicando a era da sua fundação; mas examinando a fórma das letras, vê-se que são de época muito posterior. Perguntei, pois, ao respeitavel abbade se no archivo do edificio existiria alguma venturosa algum documento em que se determinasse a fundação; e S. R.<sup>ma</sup> informou-me que não constava ali cousa alguma a este respeito. Ponderei-lhe o interesse historico e archeologico que dimanava

d'essa averiguação, estando eu convencido da summa importancia de se obter a certeza d'este facto, alcancei do Santissimo Papa Leão XIII, por officioso e benevolo intermedio do Ministro portuguez junto á Curia Romana, que houvesse por bem de attender ao meu empenho, ordenando Sua Santidade que se fizesse minuciosa busca no archivo do Vaticano, (documento n.º 3); afim de se encontrar o original da Bulla do Papa João III, ao qual se refere a inscripção.

Tornando a admirar a grandiosa e sumptuosa escada principal do palacio episcopal do Porto, quiz também ver o estado de conservação d'um singular sarcophago ornado de esculpturas em alto relevo, que encontrára em 1861 desprezado, imundo, e até quasi desconhecido dos habitantes, assim como do proprio Prelado, que me declarou não ter noticia d'essa curiosa antigualha, posto que estivesse annexa a um cubiculo no edificio da residencia de S. Ex.<sup>a</sup> Representa o dito sarcophago um varão trajando armas brancas, deitado n'uma campa sem epitaphio, mas com a singularidade, no relevo da esculptura da face principal, de representar a ceia de Jesus Christo, tendo o Redemptor o braço á roda do collo de Judas sentado á direita; e figura-se que a pressão d'aquelle braço obriga o Judas a ter a lingua de fóra da bocca! Reclamei então contra o desleixo que se dava com esta rara e singular esculptura, pois nem nacionaes, nem estranhos, poderiam examinal-a e estudal-a.

N'aquella época, n'uma parte fabricavam as aranhas suas teias sem opposição, e n'outra parte, um carpinteiro occupava o lugar com o seu banco, fazendo deposito de aparas velhas e ferramentas n'aquelle funerario monumento! Presentemente (1884) pôde-se admirar similhante esculptura sem censura para o Cabido, e com aprazimento dos archeologos.

**GUARDA.** — Proseguindo na minha inspecção artistico-archeologica na provincia da Beira Alta, visitei a cidade da Guarda, onde não conhecia a notavel cathedral, digna de ser examinada, tendo pela sua edificação, como pelo seu estylo ogival, o que constitue um dos melhores templos d'esta architectura em Portugal. Aproveitei o tempo em tirar a planta da igreja, com uma particularidade de requintado amator, que peço desculpa de referir a V. Ex.<sup>a</sup>. Procedi a esse trabalho ao ouvir as harmonias do excellento orgão por mim requisitado, porquanto os seus sons, repercutindo nas elevadissimas abobadas, produzem em mim não sei que sensação artistica, figurando-se-me um extraordinario augmento das bellezas que me rodeiam!

Ha um detalhe singular que noto sempre em as naves das antigas igrejas, das quaes tenho levantado as plantas, isto é, que differe entre si alguns decimetros a largura das arcadas dos vãos das naves que dividem o templo, posto que, na distribuição, fiquem todas na respectiva correspondencia!

Este edificio religioso soffreu alterações, como infelizmente tem acontecido a quasi todos do paiz, pela falta de vigilancia e zelo na sua perfeita conservação artistica; bem como pela ignorancia e abusiva arbitrariedade dos Cabidos e Juntas de Parochia, que não sabem respeitar os typos architectonicos das edificações, como a archeologia exige e ensina, tolerando n'ellas enxertos absurdos, phantasias de nenhum gosto e insensatas, vandalismos censuraveis; mandando emfim executar obras e reparos sem previa e competente approvação do respectivo Ministerio das Obras Publicas. Por exemplo, no monumento, de que se trata, observa-se que mandaram collocar um telhado sobre os arcos-botantes que servem de encontro ás altas abobadas da nave principal para lhe assegurar a precisa estabilidade; quando é sabido, e elemental, que esses arcos semi-circulares nunca foram construidos para sustentarem o peso vertical! Logo, essa obra que revela extrema ignorancia, arrisca a solidez da fabrica, e destroe um dos principaes caracteres da architectura ogival.

Simplemente, os telhados vieram tirar a luz á igreja, porque as janellas que lhes davam claridade ficaram tapadas por se ter coberto o terrado das naves lateraes. Não se póde ir além, em mau senso.

Constando-me haver, nos suburbios da Guarda, uma modesta igreja mui antiga, que não fóra mencionada na classificação, nem tivera menção nas informações prestadas pela Municipalidade do Concelho da Guarda, dei por bem empregado o incommodo de transitar por maus caminhos, pois encontrei outro exemplar bem caracterizado da architectura do seculo XII, ainda que, em tempos posteriores, tivessem augmentado o recinto sagrado, talvez por causa do desenvolvimento da povoação em remota época, o que está bem patente em mais recente construcção, que já demonstra uma transição para novo estylo, ficando indicado no arco triumphal: comtudo, tanto a sua primitiva construcção, como a circumstancia positiva da transição de architectura românica para o começo da architectura ogival, deu-me ensejo de officiar, em 1882, ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro, para que este edificio fosse tambem incluído na segunda classe dos monumentos nacionaes.

CALDAS DA RAINHA. — No anno de 1883, fui á Villa das Caldas da Rainha, onde a capella do hospital é tambem notavel pela sua architectura; na occasião do meu passeio pelo reino em 1858, levantei tambem a planta d'esse edificio publico. Havendo representado a administração d'aquelle estabelecimento thermal, quanto era para estranhar terem-se caído as cantarias internas da referida capella, principalmente quando ellas estavam cheias de lavores; pedi com instancia para que fizessem desaparecer as vergonhosas camadas de cal, e deram-me por desculpa, que não sabiam o modo de lavar a cantaria!

Indiquei a maneira pratica de o fazerem na es-

perança de que o meu pedido seria attendido como merecia.

(Continua.)

J. P. N. DA SILVA.

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 55

### NOVA CLASSIFICAÇÃO DAS IDADES DA PEDRA

Em toda a parte se encontram vestigios da idade da pedra, tendo sido confirmado que os instrumentos de pedra foram usados por todas as populações prehistoricas. Para os classificar marcaram-se dois periodos, o da pedra simplesmente talhada, a mais antiga, e o da pedra polida, a mais recente. Estas duas divisões foram então designadas com os nomes *paleolithica* (pedra antiga) e *neolithica* (pedra nova).

Pelas observações que se tem feito depois ácerca d'estas duas divisões, reconheceu-se que não caracterisariam sufficientemente as differentes épocas dos instrumentos de pedra por se haver tomado por base a *forma*; e que era preciso estabelecer novas divisões sobre dados *industriales* das épocas prehistoricas.

Em consequencia d'essa apreciação, ficará pois o periodo da pedra talhada formando duas grandes subdivisões; e a outra parte do periodo paleolithico, comprehende que os instrumentos de pedra os mais variados, nas subdivisões em tres épocas bem distinctas; ficando portanto estabelecida a nova classificação com cinco épocas a idade da pedra: dando-se a cada época o nome da localidade typica a mais bem conhecida onde foram descobertos esses instrumentos.

Principiando pela mais remota teremos:

- 1.º *Época de Saint-Acheul, ou Acheuléenne.*
- 2.º *Época de Moustiers, ou Moustérienne.*
- 3.º *Época de Solutré, ou Solutréenne.*
- 4.º *Época de Madeleine, ou Magdalénienne.*
- 5.º *Época de Robenhausien, ou Robenhausienne.*

A estampa, que sae com o numero d'este Boletim, mostra o typo *acheuléen* pertencente á *primeira época*, com seis exemplares do feitio de diversos instrumentos d'essa estacção.

Os typos da *segunda época* estão representados na mesma estampa por sete exemplares de diversos instrumentos, da respectiva localidade, que são designados *Moustériennes*.

Em Portugal acham-se alguns instrumentos prehistoricos em silex, que se assemelham a esses typos das estacções mencionadas.

A figura maior d'esta estampa representa uma lança em silex lascada na sua propria grandeza; é um dos raros exemplares descobertos em Portugal e que pertencem á época paleolithica.

J. DA SILVA.

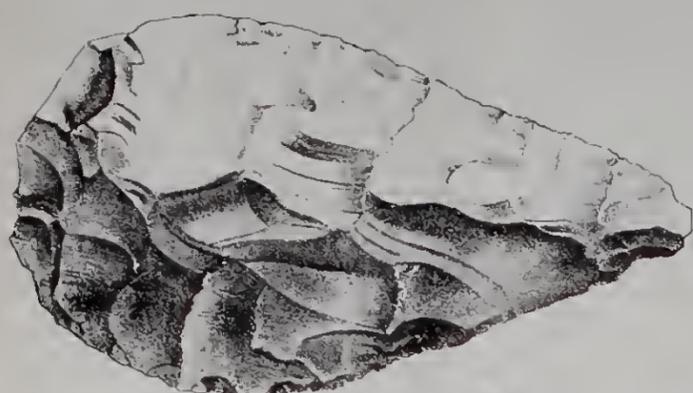


Fig. 1-Ac.

Primeira Época.

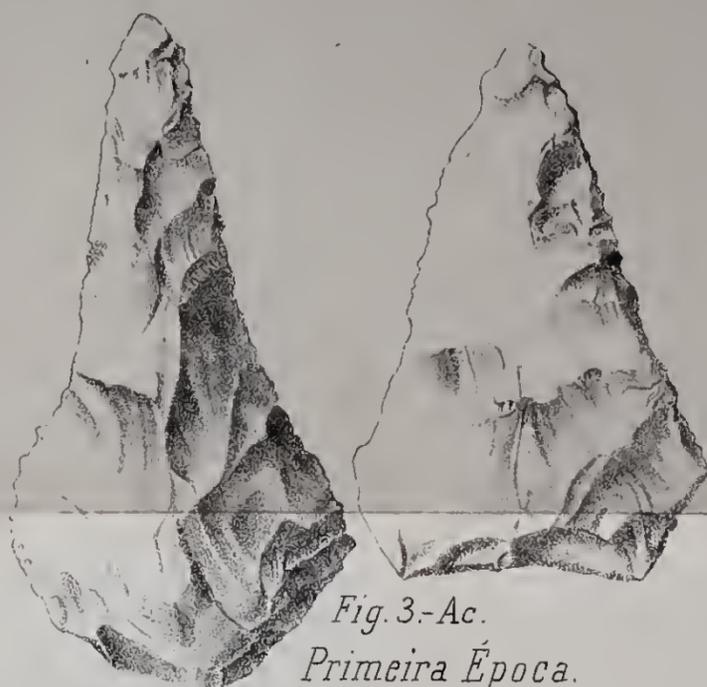


Fig. 3-Ac.  
Primeira Época.



Fig. 3-Ac.



Fig. 2-Ac.



Fig. 1-Mt.  
Segunda Época



Fig. 4-Mt.



Fig. 5-Mt.  
Segunda Época .



Pg.  
Primeira Época.

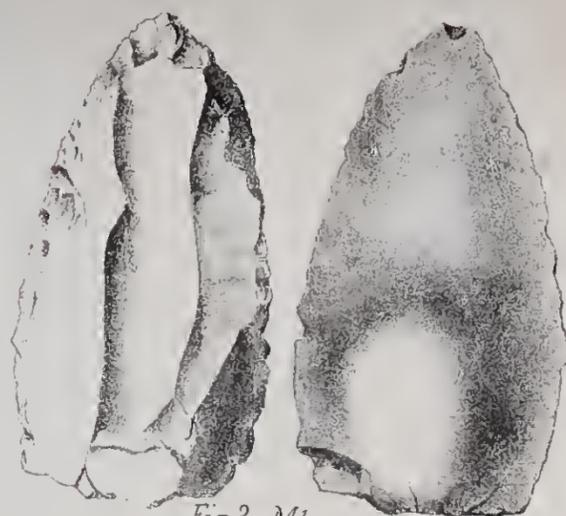


Fig. 3-Mt.  
Segunda Época.

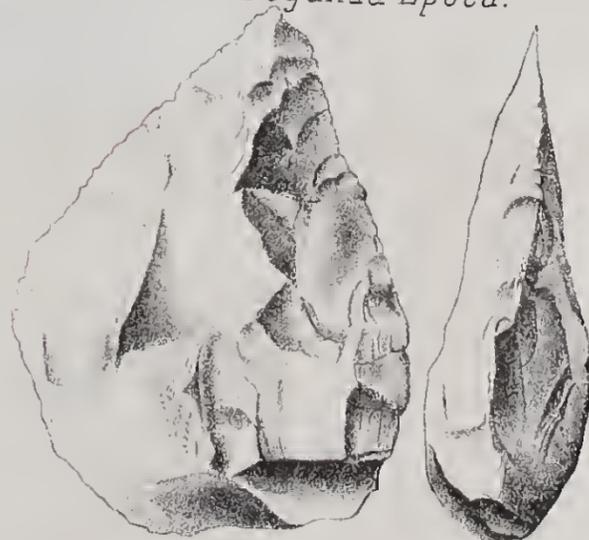


Fig. 2-Mt.



## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi inaugurado o Curso elementar de archeologia no dia 7 de junho do actual anno no museu do Carmo, havendo-se matriculado 35 estudantes, entre elles alguns officiaes do exercito e alumnos da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa.

O sr. Possidonio da Silva, principiou o Curso com a seguinte allocução inaugural :

Senhores. — Mais um util progresso scientifico ficará assignalado nos fastos historicos de Portugal, inaugurando-se, no ultimo quartel do XIX seculo, estudos archeologicos, de cuja divulgação, até ao presente, não se tinha curado, com grave damno para a instrucção publica e desdouro para a nação, havendo-se privado os mancebos estudiosos de poderem adquirir os conhecimentos d'essa sciencia, que desde muitos annos, já as nações mais cultas se tem desvelado em generalisar em beneficio commum.

Chegámos, porém, a uma época mais auspiciosa, visto como no anno de 1883 um illustrado Principe Sua Alteza Real o Senhor Dom Carlos, possuido de acrisolado patriotismo, e de generosa protecção, se dignou de fundar o Curso Elementar de Archeologia em Lisboa; offerecendo, não só os competentes compendios aos estudantes, mas tambem destinando premios pecuniarios áquelles que melhores provas derem de aproveitamento e de assidua applicação n'estes estudos.

Folgarão de certo os estudiosos mancebos, por tão util e necessaria instituição, que veiu auxiliar a instrucção nacional com uma mui importante classe de ensino, que servirá igualmente para incitar o progresso das investigações archeologicas em Portugal.

Não sei, Senhores, de que modo possámos manifestar o nosso sincero e profundo reconhecimento a Sua Alteza, por haver estabelecido um tão louvavel incentivo, para que se desenvolva este ensino, o qual contribuirá igualmente, e forçosamente, para se evitar a vandalica destruição dos monumentos, e para se apreciar, como convem, as antiguidades existentes no nosso paiz. Confesso-me bastante grato pela subida distincção de ter Sua Alteza feito a honra de encarregar-me da direcção d'estes estudos; e posto que não possua as sufficientes habilitações, que elles requerem, todavia acceitei-a como especie de recompensa pelos esforços constantes, no espaço de mais de vinte annos, para ver creada e mantida esta scientifica instrucção em Portugal. Tão util e tão generosa acção, praticada por um joven Principe, não só merecerá os encomios de todas as pessoas cultas, mas promoverá a admiração e o reconhecimento publico; e este gratissimo testemunho deixará em o patriótico e nobre animo do Principe a mais subida satisfação e a mais justificada ufania.

Os progressos recentes obtidos na sciencia da archeologia tem sido de tal importancia, que se adquiriu o maior numero de dados, afim de estabelecer, por um modo positivo, a historia do homem na terra. As investigações feitas nas cavernas, em diferentes regiões e localidades, deram logar a colherem-se provas, que justificaram a supposição, que d'antes havia, de ser o homem contemporaneo do *urso das cavernas*; sendo, pois, este importante descobrimento archeologico um dos maiores que se tem alcançado no presente seculo.

Os mancebos que frequentarem o presente curso, poderão certificar-se dos fundamentos que se obtive-

ram para este tão valioso resultado, que a sciencia alcançou pelos constantes esforços de distinctos sabios da Suissa, Dinamarca, Suecia, França, Gran-Bretanha, Belgica e Italia.

Daremos, portanto, conhecimento como foram elles alcançados relatando as investigações feitas n'esse intuito; todavia, é necessario antes indicar, não sómente a sua origem, mas tambem annunciar no que se distinguem as épocas ante-historicas e pre-historicas, em que se chegou a alcançar os mais proficuos resultados, e d'ahi, as nossas explicações mais claras e muito mais convincente o testemunho da existencia do homem na época quaternaria.

N'este seculo, em que a civilização tem caminhado progressivamente nas principaes nações, não podia esquecer por mais tempo um estudo que consiste em investigar o modo como começou a existencia da raça humana, desde o berço até o seu simultaneo desenvolvimento, não só em relação aos dos objectos necessarios para a defeza exterior, como em relação aos usos domesticos e habitações, conseguindo-se, por este curioso estudo, formar juizo seguro acerca da existencia interior, do viver e dos costumes dos primitivos habitantes da terra.

Depois do cataclismo por que passou o planeta em que existiram, e das luctas encarniçadas e continuas das differentes raças, as quaes se disputavam tenazmente a posse do territorio mais fertil e mais ameno; tendo muitas d'essas raças já desaparecido do mundo, por inteiramente destruidas, e em outros se têm confundido os elementos das suas respectivas naturalidades nas épocas mais remotas, e na historica tambem, nasceu o desejo de conservar as antiguidades que estão dispersas e desprezadas no nosso paiz, attestando ignorancia e incuria. Felizmente Portugal acordou do seu lethargo e em 1864 tendo-se organizado em Lisboa o primeiro Museu Archeologico, nas ruínas d'este monumental edificio ogival.

A sciencia da archeologia não fora cultivada entre nós methodicamente; principia-se agora a supprir esse util ensino, inaugurando-se o Curso elementar d'essa sciencia, n'esta Real Associação dos Architecos Civis e Archeologos portuguezes.

Acharemos primeiramente dentro das cavernas naturaes, que primitivamente serviram de habitação ao homem, os vestigios do seu sustento, pelos fragmentos de ossos dos animaes achados nas camadas que compunham o solo d'essas cavernas; como tambem, as valvas da especie que então existiam; cujos vestigios serviram, egualmente, para determinar as differentes épocas, em que os antigos archeologos dividiram a industria e a existencia primitiva no mundo; tendo-se classificado pelas idades da pedra lascada, da pedra polida, do bronze e do ferro.

As construcções megalithicas indicar-nos-hão a época do uso da pedra polida, e as construcções laeustres, do uso do bronze.

Explicaremos depois quaes foram os instrumentos de pedra que inventaram os primitivos habitantes do mundo, para o seu uso e defeza, mostraremos, por exemplares, qual o seu feito e o modo de o executar, indicando igualmente as qualidades das rochas escolhidas para o seu fabrico.

A louça de barro com as suas diversas formas, não obstante a imperfeição do trabalho, nos indicará o começo do desenvolvimento d'essa industria, e como, pelo decorrer das outras epochas, se operou o progressivo adiantamento pratico.

Desde remotas eras, os povos, por mais rudes que fossem, serviram-se de distinctivos entre si; bem como as mulheres de adornos para se enfeitar, os quaes descreveremos opportunamente, e esses adornos nos auxiliaram para se determinar as respectivas épocas.

Na sepultura de então foram postos e conservados os objectos mais estimados pelos que se finaram, e d'ahi veiu o conhecimento e revelação de usos e dos costumes primitivos; pois se encontraram muitos d'esses objectos em perfeito estado, pelos que estudaram as suas formas especiaes, e a sua applicação.

Nas armas defensivas, nas lanças, nas pontas das flexas, nos harpões, nas massas de guerra, nos machados, tanto de pedra como de bronze, dá-se a conhecer qual seria o seu uso.

Estudou-se tambem como eram dispostos os recintos para as suas deliberações sociaes; sendo, pela sua grandiosa superficie e singular construcção, compostos de pedras naturaes, motivo para surpresa e veneração; tanto mais, quanto é certo que, apesar de decorridos tantos seculos, tem conservado ainda o seu character grandioso e monumental.

Para a descripção das idades do *bronze*, e do *ferro*, teremos patentes exemplares e desenhos coloridos, copia fiel de objectos descobertos em diferentes regiões, e representados na sua propria grandeza; os quaes servirão de grande auxilio para que as nossas explicações, ácerca d'estes instrumentos, venham a ser mais facilmente comprehendidas, e proporcionarão igualmente a vantagem de familiarizarem o ouvinte com o seu aspecto, servindo-lhe de guia, quando o descobrirem em outra parte.

Da comparação dos instrumentos de silex entre si, procedentes de varias regiões, com aquelles descobertos em Portugal, poderemos conhecer a que typo pertenceram, relativamente com os outros achados nas outras regiões do Mundo; e, portanto, avaliar o progresso dos primitivos habitantes de cada região.

Este estudo, tão attrahente e instructivo, far-nos ha avaliar melhor a nossa actual civilisação, apreciando como merece o progresso e o aperfeiçoamento da nossa intelligencia, ennobrecendo-nos pelos conhecimentos adquiridos e pelos que transmittiram as gerações extinctas, no caminhar de tão dilatados seculos da *existencia humana*; fazendo-nos antevêr esse tão grandioso desenvolvimento intellectual, que ainda estarão reservados, para mais assombrosa admiração das gerações futuras, outros sublimes descobrimentos, que infelizmente já não nos será permitido admirar e gozar.

No entretanto gloriemo-nos da superioridade das faculdades intellectuaes a que attingimos.

A humanidade e a civilisação não param!

Em seguida á época prehistorica, passaremos a tratar da historia dos differentes typos architectonicos como já referimos, e demonstraremos o seculo a que pertencem, pelos caracteristicos de cada estylo e decoração, etc.

Este estudo é de grande importancia para se obter ás intempestivas restaurações dos monumentos nacionaes, e para se velar pela sua util conservação, pois constituem authenticos testemunhos da historia patria.

Esta succinta introducção dos estudos archeologicos, não é precisamente um programma, é apenas uma breve indicação do desenvolvimento que pensamos em dar-lhes, e para os quaes esperamos c

ontamos com a vossa attenção, e confiado de que elles vos hão de interessar e de que aquelles que os frequentarem com boa vontade, assiduidade e applicação, tirarão algum fructo!

D'este modo, não só testemunhareis o vosso desejo em concorrer para o incremento de um ensino muito especial, e muito descuidado em o nosso paiz; mas tambem pensareis, que não vos é indifferente a valiosissima cooperação, que nós todos, os que se propõem a ensinar, e os que podem aprender, recebemos de um Principe Illustrado e patriotico, que tão bizarramente se desvelou para fundar este Curso, que modestamente vamos reger, não fiado no merito que nos falta, mas no nosso desinteressado e intimo desejo, posto que no ultimo quartel da vida, de sermos ainda util aos nossos compatriotas.

O Instituto de França dirigiu ao seu digno socio o sr. Possidonio da Silva um officio, o qual damos na integra, em resposta á participacção que lhe fizera o sr. Silva ácerca de se instituir, agora em Portugal, o Curso Elementar de Archeologia pela generosa protecção do Principe Real o sr. D. Carlos.

A maneira honrosa como foi apreciada por tão afamada corporação scientifica de França a acção do Illustre Principe portuguez, é na verdade a mais lisonjeira para Sua Alteza, e tambem para a nossa nação; pois foi felicitada pelo Instituto de França, pela fundação de um tão util ensino scientifico; assim como congratula-se por ser um dos seus membros, o encarregado d'este Curso: portanto, a Instrucção Publica do nosso paiz póde registrar mais um progresso nos estudos nacionaes, tendo-se recebido tão superior protecção, e tambem merecido uma tão distincta manifestação publica em França.

#### COPIA DO OFFICIO DO INSTITUTO DE FRANÇA

«Institut de France. Académie des Inscriptions et belles lettres. Paris, le 31 Mars, 1885.

«Le Secrétaire perpétuel de l'Académie à Monsieur le Chevalier da Silva, Membre de l'Institut de France, à Lisbonne.

Monsieur et très honoré confrère L'Académie a été heureuse d'apprendre que Son Altesse le Prince Royal Don Charles de Bragança a fondé un cours d'archéologie dans la Société des architectes et archéologues à Lisbonne, et elle s'applaudit de voir que ce cours vous a été confié.

L'Académie me charge de vous offrir ses félicitations. Agréez, Monsieur et très honoré confrère, l'assurance de ma haute considération et de mes sentiments dévoués.

(signé) C. Wallon.

No tom. II, parte II, da importantissima publicação *Lisboa Antiga*, devida á penna do nosso consocio, o erudito e primoroso escriptor sr. visconde de Castilho (Julio), encontramos o seguinte paragrapho, que muito grato se nos torna reproduzir.

«Concluirei mencionando a estatueta d'el-rei D. Affonso (I), coeva d'elle, e que veio de Santarem para o museu do Carmo. Tudo quanto se diga do illustrado zelo do nosso incansavel presidente, o sr. conselheiro Possidonio da Silva, é pouco.

Tem salvo preciosidades sem conto.

Esta estatueta é simplesmente medonha, mas tão valiosa quanto grosseira; já é dizer muito. Estava no paço velho da Alcáçova de Santarem.»

O socio E. A. R. D.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.<sup>o</sup> 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES :	
Construcção rural — A respeito das abegoarias ou vaccarias, pelo sr. D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA	Pag. 161
SECÇÃO DE ARCHITECTURA :	
Monographia. — Descrição da igreja de S. Christovão de Rio Mau no concelho de Villa do Conde, pelo rev. Padre ANTONIO DOMINGUES FERREIRA.....	• 163
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :	
Monumentos nacionaes. — (Conclusão). pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 167
Explicação da estampa, pelo sr. J. DA SILVA.....	• 175
Chronica.....	• 175
Necrologia — pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	• 176

## SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

### CONSTRUCÇÃO RURAL

#### A RESPEITO DAS ABEGOARIAS OU VACCARIAS

— Não procurarei entrar em largas considerações para insistir em que, para bem cultivar as plantas e bem criar os animaes, é indispensavel que o agricultor e o lavrador tenham conhecimento dos agentes atmosphericos, chamados *circumfusa* e que envolvem constante e necessariamente as plantas e os animaes, mas lembrarei que esses agentes são: o ar, o solo (o chão), a localidade, as casas e os agentes de desinfecção, e accrescentarei que é das casas para o gado vaccum que vou dizer alguma cousa.

— E' certo que em Portugal (continente) a quasi totalidade dos animaes domesticos, companheiros do homem nas lides do trabalho, como são o boi, a vacca, o cavallo, etc. poderia viver todo o anno ao ar livre, porque em ultimo caso bastaria transportal-os de um ponto para outro, segundo as estações, fazel-os subir para as montanhas ou descer para as planicies, para os campos (o que ainda se faz, por exemplo, com o gado lanigero na Beira Baixa), para conseguir evitar a influencia de uma temperatura muito elevada ou de um frio muito intenso, mas tambem é certo que na pratica, na

vida do trabalho, não se póde realizar sempre o que fica indicado até porque os animaes têm de trabalhar, ou de viver, todo o anno na mesma localidade. Para evitar os rigores das estações é forçoso recorrer ás construcções, ou casas.

— Com as construcções, ou casas, conseguem-se tambem outros fins, porque tambem se favorece a conservação dos animaes com menor despeza de comida, augmenta-se a producção do leite, da carne, melhoram-se as qualidades da lã, do cabello, tornam-se os animaes mais energeticos, além do que as casas bem dispostas, bem limpas, bem arrançadas, são essenciaes para a producção de bom estrume e para evitar, ou impedir, as alterações da athmosphera, a viciação do ar.

— Uma casa, uma abegoaria, em más condições, longe de ser util, é pelo contrario prejudicial, quer essas más condições sejam devidas á má construcção, quer á falta de limpeza.

— Em uma abegoaria muito estreita, muito baixa, mal calçada, o ar vicia-se rapidamente. Por outro lado não se estabelece geralmente n'essas condições uma ventilação capaz, porque, com receio das correntes de ar, as poucas aberturas, frestas, janellas, que por ventura haja, quando as ha, conservam-se permanentemente fechadas. Os animaes acham-se

então nas abegoarias, como poderiam estar dentro de uma estufa, no que diz respeito á temperatura e á humidade; e em peiores condições do que estariam dentro de uma estufa, no que diz respeito á pureza do ar, e de tudo isto resulta a seguinte contradição ou contrasenso:

«Quer-se pôr os animaes ao abrigo das intempéries, e para isso collocam-se em casas, em abegoarias, prejudiciaes á sua saude!»

— Muitas das doenças, que matam o gado de trabalho, que diminuem o capital do lavrador, do agricultor, são devidas ao facto de sahirem os animaes de uma casa, em más condições como as que se acabam de indicar, de repente para o ar livre.

— Tambem convém notar que a construcção da casa, da abegoaria, para os animaes domesticos, deve ter em vista pôr os animaes ao abrigo da chuva, do vento, do frio, da humidade, mas tambem attenuar, quanto seja possivel, os maus effeitos da falta de liberdade do animal, e que por isso na construcção das casas, das abegoarias, se deve attender tambem á disposição e arrecadação das comidas, e das camas para o gado.

— Pela palavra — cavallariça — designa-se a casa, em que se recolhem os solípedes (animaes mammiferos, que tem um só casco, cavallo, egua, burro, etc.) e pelas palavras — abegoaria, vaccaria — as que servem para bois, vaccas.

— A construcção de uma boa casa para vaccas pôde dizer-se que é hoje uma questão do dia em Portugal.

— E' sabido que a industria da manteiga está intimamente ligada com a da producção do leite da vacca, e tambem é certo que o modo de viver da vacca influe poderosamente na producção e qualidade do leite, e consequentemente na da manteiga.

— Tambem é sabido que o lavrador, o agricultor, luta todos os dias com as maiores difficuldades, devidas a muitas causas, entre as quaes sobresaem cinco principaes:

1.<sup>a</sup> Augmento dos salarios, carestia da mão de obra;

2.<sup>a</sup> Falta de pessoal habilitado e honrado (seja permittida a expressão);

3.<sup>a</sup> Concorrença desleal nos mercados internos dos productos importados dos paizes estrangeiros, e tambem concorrença desleal de muitos productos nos mercados estrangeiros;

4.<sup>a</sup> Preço excessivo dos materiaes de construcção, principalmente das madeiras;

5.<sup>a</sup> Exigencias constantes, e sempre crescentes, do fisco, por parte do governo e por parte de muitas outras corporações administrativas.

N'estas circumstancias o lavrador, o agricultor portuguez, tem de reduzir o mais que lhe fôr possivel as suas construcções ruraes, tem de procurar

fazel-as o mais barato que lhe fôr possivel, e tem de procurar não gastar dinheiro mal gasto.

— Para conseguir o primeiro fim, é indispensavel que nas construcções, que emprehender, o terreno, o espaço, seja o mais bem aproveitado que fôr possivel, e que a distribuição da construcção seja a melhor possivel.

— Para conseguir o segundo fim, é tambem indispensavel recorrer aos melhores materiaes, que encontrar na localidade, ou perto da localidade em que a construcção houver de ser feita, e que lance mão de todos os melhoramentos da sciencia de construcção, no que se refere á boa escolha, disposição e aproveitamento dos mesmos materiaes.

— Na pratica, em Portugal, encontra-se uma primeira difficuldade:

«Que auctores hão de servir de mestre? que modelos se deverão seguir?»

Sem fallar na questão da escolha do local e exposição, ou orientação, da construcção.

— E' sabido que ha livros, nos quaes se diz qual a porção cubica de ar necessaria para a respiração de um dado animal, nos quaes se declara em que condições deve ficar um animal para se poder deitar á vontade, mas não se encontra geralmente n'esses livros, e em outros, á primeira vista, ao alcance de toda a gente, uma resposta clara, franca, terminante, á seguinte pergunta:

«Para ter dez, doze, quatorze vaccas, que dimensões deverá ter uma vaccaria?»

— A resposta a essa pergunta, encontra-se aqui, na estampa, que sob o n.º 37, é publicada n'este numero do *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*.

— Ensina mais uma estampa, bem feita, bem detalhada, do que quantas descrições se façam, por mais minuciosas que procurem ser, e, por isso, a descripção limitar-se-ha ao seguinte:

1.º A abegoaria, ou vaccaria, representada na estampa, dá alojamento para quatorze cabeças, quatorze vaccas, sete de cada lado (para 12, 10 cabeças pôde ser diminuido proporcionalmente o comprimento das paredes das mangedoiras);

2.º Tem um pequeno quarto, com uma escada, para o vaqueiro;

3.º Tem uma meza de pedra, para pôr as bilhas, etc.;

4.º Tem duas valletas, uma de cada lado, que conduzem para fóra para um cano, que vae dar á estrumeira, as urinas, etc.;

5.º O telhado é de telha de Marselha, com forro de madeira, e os competentes ventiladores, ou respiradoiros;

6.º Existem duas casas, uma para bois, outra para vaccas, construidas, segundo a estampa, em S. Domingos de Ranna, *Quinta dos Gafanhotos*,

concelho de Cascaes, que pôdem ser vistas, porque o caseiro tem ordem de as deixar vêr;

7.º Não se apresenta com a estampa o orçamento da despeza com a construcção, porque ha de variar conforme as localidades, em que tenha de ser feita, mas affirma-se que, em igualdade de capacidade para o numero de cabeças indicadas, nenhum outro modelo de construcção pôde, com eguaes condições, dar mais economia;

8.º As pias, para o gado beber, não vão indicadas na estampa, porque no local da *Quinta dos Gafanhotos* ficam, de proposito, a muito pequena distancia das abegoarias da quinta e existem debaixo de um telheiro feito tambem com telha de Marselha. A agua conserva-se assim fresca á hora do maior calor do dia.

9.º Não se encontra na estampa deposito para as comidas para o gado, porque o auctor das linhas, que se vão lendo, entende que, principalmente para vaccas de leite, ha necessidade, vantagem, em ter as comidas guardadas á parte, com todo o resguardo;

10.º Quando a casa fôr destinada para bois, e para vaccas que necessitem de menos cuidados (o que tambem depende do clima da localidade, etc.), pôde dispensar se o forro de madeira do telhado, mas n'este caso é indispensavel segurar a telha de Marselha com arame apropriado.

Não cabe aqui o entrar na apreciação das vantagens da telha franceza ou de Marselha, na comparação d'essa telha com a antiga nacional de canudo, e ainda menos na comparação da telha franceza com a que actualmente se vae fabricando em Portugal (continente) com o titulo de *telha modelo marselez*, mas o que se pôde afirmar, sem faltar á verdade, é que:

1.º A telha franceza constitue um progresso enorme na arte de construcção, progresso que se traduz em grande economia para quem carrega com a despeza de construcção ou de conservação;

2.º As casas, cobertas com telha de Marselha, ou chamada de Marselha, ainda quando não teem forro de madeira, conservam uma temperatura igual, porque, como é facil verificar, na época de maior calor, quando a superficie de um telhado assim feito e exposto á acção directa dos raios do sol *escalda*, a parte interior e inferior do telhado, ou pelo menos a lamina de ar em contacto com essa parte interior e inferior, accusa uma temperatura muito menos elevada.

Tambem não cabe aqui fazer a comparação da construcção rustica, a que se refere a estampa, com outras luxuosas, e em verdade vaidosas, que existem em muitas localidades, ou com outras cheias de defeitos, como por exemplo uma que existe perto dos Oliveaes, pois o que serve ou é bom para a Suissa pôde não ser bom, ser pessimo, para Portugal, para uma região quente, e muito menos cabe fazer a comparação com o que, n'esse particular, se viu na Exposição Agricola de Lisboa, realisada na Real Tapada da Ajuda em 1884. Quem escreveu estas linhas detesta polemicas, nas quaes, infelizmente, se mette quasi sempre de permeio a vaidade em Portugal.

O desejo do escriptor foi, e ainda é, atirar para o publico com um modelo de construcção rural barata, simples, hygienica, e ao alcance da gente remediada.

Lisboa, 17 de agosto de 1885.

JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA.

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

### MONOGRAPHIA

Descripção da igreja de S. Christovão de Rio-Mau no concelho de Villa do Conde

No concelho e comarca de Villa do Conde, a distancia de 6 kilometros do mar Atlantico, para a parte de leste, fica, na margem direita do rio Mau, a freguezia de S. Christovão de Rio-Mau, que, n'um pequeno valle, se estende em direcção norte-sul, desde o mesmo rio até perto d'um monte, ao norte, chamado de S. Felix. Tem perto de 5 kilometros de comprimento e cerca de 3 de largura. Confronta pelo norte com a freguezia de Laundos, pelo oriente com as de Rates e Arcos, pelo sul com o rio d'Arcos, que a divide da de S. Simão da Junqueira, e pelo occidente com as de Touguinho, Beiriz e Torroso. Esta freguezia pertence ecclesiasticamente á diocese

de Braga Primaz, e civilmente ao districto administrativo do Porto: era da apresentação dos frades de S. Simão da Junqueira e tem como orago S. Christovão. Tem 237 fogos civis, 312 ecclesiasticos, sua população total é de 1:018 almas, e rende para o parochio 350\$000 réis. O aspecto da freguezia é mais bello e agradavel na parte meridional, pela boa disposição do terreno e por ser mais povoada e provida de recursos, de igreja, moendas, correio e outras vantagens offerecidas pela nova estrada, que a corta n'esta parte, ligando Villa Nova de Famalicão com Villa do Conde e Povoia de Varzim. A parte do norte é menos povoada e menos attractiva pela abundancia de pinheiros que fazem a sua principal vegetação, recommendando-se apenas pela variedade e quantidade de caça que ahi existe em grande co-

pia. O clima e salubridade d'esta terra é muito regular, a despeito de alguns terrenos baixos e humidos; o povo, geralmente religioso, é de boa indole e dado ao trabalho, vive da cultura das terras de mediana fertilidade, enjos productos principaes e objectos de commercio são: cereaes, legumes, madeira de pinho e gado vaccum. As maiores notabilidades d'esta freguezia são: a igreja matriz, de que abaixo fallaremos, a pequena quinta da Varze ou Varzea (hoje Barge), o rio com suas moendas, a nova estrada, o correio e um monte alongado, a que chamam a *serra de Rates*, que pelo lado do nordeste faz abrigo a esta freguezia (Rio-Mau) e de cujo cimo, entre S. Christovão e Rates, se gosa um bello horizonte, abrilhantado pelas aguas do Atlantico, e em cuja ladeira se descobriu ha pouco uma mina de ferro, que, por ser de pouca importancia, se vê hoje abandonada.

Com relação á etymologia do nome — Rio-Mau, ou Rivulo-Mau, — offerecem-se duas tradições vulgares, muito obscuras, como o são grande parte das historias antigas. Segundo uma tradição, este nome Rio-Mau deriva do rio que o banha, não só por ser demasiado tortuoso na passagem d'esta freguezia, mas tambem porque o arvoredado sobranceiro, o curso lento de suas aguas, e os poços ou cavidades profundas que n'elle ha, o tornam escuro e sombrio; d'onde o vulgo ignorante, sempre inclinado ao maravilhoso da fabula, se persuadiu que estas cavidades davam ingresso e se ligavam com habitações subterraneas, onde existem mouras encantadas, serpes e dragões, que ahi ensejam e vêm ao rio fazer presa nos incautos. As tradições vulgares não se rejeitam no seu todo, — lá tem um *quid* de real que as nutre e corrobora: entre o nevoeiro das fabulas e esta historieta de mouros, tão ligada com o rio e tão envolta em sombras espessas, ha sua verosimilhança. A igreja da freguezia, monumento velusto, nas proximidades do rio, é, embora erradamente, attribuida aos mouros; além do rio, existe ainda um montão de ruinas da mais remota antiguidade, e que parecem coevas de alguns sepulchros de argamassa e tijolo, que por aqui appareceram em terreno inculto, e principalmente de uma Anta, ainda ha pouco existente na margem do rio, que tivemos o gosto de vêr e á qual o vulgo chamava o *poço dos Mouros*.<sup>1</sup> Este conjuncto de cousas, na sua maior parte fabulosas, sendo assumpto para mais, devia nutrir ou phantasiar uma tradição, aqui ainda

<sup>1</sup> Era uma especie de forno subterraneo, mas largo na parte inferior, formado de pedras grandes inteiriças; tinha de altura desde a base até a summidade ao rez-do-chão cerca de 3 metros, e sendo arrombado pela parte superior, ficou apresentando a forma d'um poço, de cujo fundo partia horizontalmente um cano largo que certamente devia ser a entrada. Hoje, porém d'ella só restam vestigios, porque o dono da propriedade, insciente d'esta preciosidade archeologica, converteu o material em utilidade sua.

hoje vigente: — Que os mouros n'este ponto habitavam as margens do rio, e que, sendo perseguidos, se refugiaram no poço dos Mouros (Anta) e n'outros poços do rio, e assim se conservam, em habitações subterraneas, metamorphoseados em serpes, dragões, etc., guardando suas riquezas d'ouro e prata, que para ahi levaram em grande quantidade e que ainda conservam encantadas ou desfiguradas em carvões; descem ao rio em occasiões opportunas e ameaçam de morte a quem se approximar de seus antros, etc.

Com taes predicados, este rio não podia ser bem encarado, e as crianças amedrontadas com estas chimeras, deviam ser as primeiras a evitar os grandes males e perigos inherentes ao rio, que em contos lareiros se lhes apresentava como rio mau e consequentemente perigoso. Segundo outra tradição, o nome — Rio-Mau ou Rivulo-Mau, deriva de um pequeno ribeiro, que pelo centro banha longitudinalmente esta freguezia, por se haver dado, em tempos remotos, uma batalha junto d'elle, e como o sangue ahi vertido tingisse as suas aguas, as mulheres encarando este rio, que no sangue levava as vidas de seus filhos, irmãos ou maridos, vertiam saudosas lagrimas, e no meio de seus prantos exclamavam: — Ah mau rio! maldito rio! negro rio! . . . Esse ribeiro ainda hoje se chama *rio negro*, e ha junto d'elle um logar chamado *rio-mau*. Ao leitor, porém, fica a liberdade de ajusar ácerca do grau de veracidade de uma e outra tradição, porque nada mais se póde garantir. Seria temeridade da nossa parte fazel o.

#### Egreja

A igreja ou mosteiro de S. Christovão de Rio-Mau não se recommenda pela vastidão de sua area, elegancia de suas fórmãs e perfeição de seus relevos, como vemos em identicos edificios, depois da renascença das artes no seculo xvi.

Não; o seu valor e o seu merito são principalmente archeologicos; e por isso, sendo thesouro escondido para o vulgo, é objecto de alta consideração para os peritos e apreciadores das antiguidades, que a tem visitado e estudado, como o muito illustrado escriptor e um dos mais distinctos archeologos, o ex.<sup>m</sup> dr. Martins Sarmiento e outros. Se os monumentos antigos são respeitaveis só porque o são, que diremos dos que não são antigos, mas antiquissimos? Por certo elles são um vasto campo e feliz pacigo do genio philosophico; são paginas de historia, em que os peritos lêem a fé, os costumes e a illustração de nossos antepassados: e tal é a igreja de Rio-Mau.

Esta igreja, outr'ora mosteiro, é muito antiga, como se collige de varios indicios, que adiante apontaremos e principalmente do que se lê na *Co-*

*rographia* de Carvalho, que fielmente transcrevemos na parte que lhe diz respeito: — «S. Christovão do Rio-Mau foi convento de conegos Regrantes de Santo Agostinho, e o achamos já fundado no anno de 1122, mas não sabemos por quem. Teve sempre prelado e clerigos raçoeiros, que resavam em côro as Horas Canonicas até ao anno de 1418, em que o arcebispo D. Fernando da Guerra o uniu ao de S. Simão da Junqueira, seu visinho e da mesma ordem, por breve do papa Martinho V, com obrigação de que sempre n'este de S. Christovão residissem dois frades, o que já se não observa...» Parece-nos que o architecto, se não teve outros motivos, ignorados hoje, foi pouco esculpulozo na escolha do logar que, além de excentrico,<sup>1</sup> é baixo, humido e alheio ás demais condições exigidas nos edificios d'esta natureza; porém edificando-a, voltada com a porta para o occidente, foi rigoroso observador do antigo costume dos povos, não só catholicos, como tambem pagãos, que todos, ainda que por diferentes motivos, faziam seus templos voltados para o occidente, o que era uma lei de architectura para os templos, como se pôde ver em Vitruvio.<sup>2</sup> A igreja, pois, excentricamente edificada, a sudoeste da freguezia, tem 24<sup>m</sup>,85 de comprimento, 8<sup>m</sup>,56 de largura e 47<sup>m</sup>,3 de altura; e podendo accommodar cerca de quatrocentas pessoas, é pequena para a população de hoje.

Consta d'uma nave e capella-mór proporcionada, tendo de cantaria bem lavrada e assente. A capella mór é de pedra mais branca e fina, não só nas paredes lateraes, como tambem na abobada de que é coberta; e a mão d'obra é tão solida que o roçar de 8 seculos, correndo, lhe não fizeram ainda o menor damno. Escura e acanhada, a capella-mór foi todavia em sua construcção tratada com mais esmero do que o resto do edificio, que, além de não ter abobada, é de cantaria muito inferior e na mais parte mal combinada, apresentando uma mescla de pedras muito variadas na qualidade e na côr. Segundo consta, e se tem observado pelos signaes que apresenta, era d'antes esta igreja muito amesquinhada em suas dependencias: não tinha altares lateraes, nem retabulo no altar-mór; não tinha sacristias, nem pulpito, nem coro, nem pias d'agua benta, nem torre de sinos. No fundo da capella-mór havia junto á parede um altar todo de pedra, elevado, de tres degraus e ornado de azulejos pelo lado da frente, (ainda existente encoberto pelo novo altar) o qual não tinha retabulo nem outros adornos á excepção d'um nicho cavado na parede, largo e pouco profundo, em semi-circulo pela parte superior,

apoiado em outros dois nichos de fórma e grandeza quasi eguaes; este era o altar-mór, unico que havia n'esta igreja, e isto está em harmonia com a disciplina dos primeiros seculos do christianismo: como consta das Liturgias: — «Cada igreja, diz Santo Ignacio de Antiochia, tem um só altar, assim como tem um só bispo»... .

O estylo mourisco d'esta obra traduz-se na singularidade das cimalthas, na profusão d'ornatos extravagantes e ridiculos, de que seus modilhões e capiteis são sobrecarregados, e principalmente no arco cruzeiro em volta de ferradura mourisca, e outro segundo arco do mesmo estylo, que ao meio da capella-mór ajuda a corroborar a abobada, e divide cada panno lateral em duas secções, cada uma das quaes é occupada da parte de cima da cornija por frestas muito estreitas, (algumas hoje rompidas a pico!) e na parte inferior por nichos de fórma e grandeza analoga aos acima descriptos. Um d'estes nichos está hoje substituido por uma porta moderna que communica com uma sacristia, obra tambem moderna. Ambos os dois arcos de ferradura, acima mencionados, mediante uma cimaltha simples, se apoiam em columnas engastadas, grossas e ornadas de bases e capiteis, sem symetria em detalhe, mas nem por isso menos interessantes nos seus ornatos de fórma variada e exquisita. O arco cruzeiro, pelo lado da nave, é muito ornado por meio de camadas d'arcos concentricos e columnellos, como abaixo dizemos da porta principal. Considerado interiormente, o corpo da igreja pouco nos offerece digno de attenção: os tres allares lateraes, o pulpito,<sup>1</sup> uma fresta rompida perto do chão e um côro de limitadas dimensões, são obras modernas. A fonte baptismal, por vezes reformada, foi ainda recentemente (em 1178) retocada e aformoseada; e na escavação a que n'esta epocha, para esse fim, se procedeu, encontrou se enterrada debaixo do pé da nova pia uma outra mais tosca de fórma quadrangular, com sorvedouro no centro, que devia ser talvez a primitiva fonte baptismal collocada, sem pé, ao rez do chão, o que é muito conforme com o que nos dizem os liturgistas, fallando dos baptismos da primitiva Igreja, que eram uma especie de banho, n'um tanque etc.; para o qual se desciam degraus. O forro que antecedeu o actual era em tres pannos rectilineos com as linhas descobertas ao uso antigo. A porta principal e as duas lateraes oppostas, bem como as frestas, serão logo tratadas na descripção exterior por n'isso haver mais conveniencia.

(Conclue.)

P.º ANTONIO DOMINGUES FERREIRA.

<sup>1</sup> Diz-se que a visinha freguezia d'Arcos formava com esta de Rio-mau uma só freguezia: n'esse caso a igreja seria central.

<sup>2</sup> Os pagãos, entrando no templo, deviam ficar voltados para o Oriente afim de adorarem o sol em seu nascimento; lê-se alguns que N. S. J. C., morrendo na cruz, ficára voltado para o Occidente, e que os christãos tiraram d'ahi a posição de seus templos.

<sup>1</sup> Nos primeiros seculos da Igreja não havia pulpitos, mas só um escabello ou banco de madeira, sobre o qual o orador subia para dominar o auditorio; depois foi elevado sobre pés (portatil), e só nos fins do seculo xv o vemos affixo a um dos pilares centraes, ou paredes da igreja, elevado a uma grande altura, ornado, etc.

# SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

## MONUMENTOS NACIONAES

*Extracto do Relatório da Comissão dos Monumentos Nacionaes apresentado ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 1884, pelo presidente da referida commissão, que foi auctorisado a fazer esta publicação.*

(Conclusão)

Voltando áquella villa em 1863, por ter sido incumbido pelo Ministerio do Reino, de accordo com o Director do referido estabelecimento, de propor as necessarias e urgentes reformas, que servissem para melhorar convenientemente as condições dos doentes, empregando os meios hygienicos mais conhecidos até então; achei ainda a mesma incuria, conservando-se as cantarias e as esculpturas da Real Capella maculadas de cal! Tinha agora grande desejo de verificar, em 1884, se conservariam o mesmo vandalico estado; porém tive a agradável satisfação de achar limpas essas cantarias, podendo admirar-se presentemente os seus engraçados labores. Por esta occasião participei ao Ministerio, que se tinham realisado n'aquelle util estabelecimento algumas acertadas alterações e entre ellas avultava a bem distribuida ventilação, uma das mais essenciaes providencias a adoptar para os banhos sulphuricos.

Dou por bem empregado o tempo de que dispuz, para ter occasião de mencionar o elogio de que julgo dignos tão intelligentes melhoramentos.

Porto. — Tornando outra vez á cidade do Porto em 1884, para visitar outros edificios publicos, fui ver a antiga igreja de S. Francisco, da qual já em 1860 havia levantado a planta, e que pela architectura ogival, posto seja do ultimo periodo, e pela excessiva obra de talha dourada de epocha mais recente, que reveste as capellas e altares, merece a attenção dos archeologos.

Este edificio está comprehendido na 2.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes.

A quatro kilometros do Porto, no concelho da Maia, existe uma antiga igreja, cuja padroeira é Nossa Senhora da Expectação. Suppõe-se que a fabrica é anterior á monarchia e pertencera a Cavalleiros Templarios, e portanto estava excitada a minha curiosidade. O nobre aspecto acastellado da construcção religiosa-militar e o local destinado para ella, na extremidade da clareira de elevado outeiro que domina fertil valle e deixa dilatar-se a vista em longiquo horizonte, significam que fôra principalmente logar escolhido de proposito para a atalaya dos guerreiros christãos, e parece-me achar a confirmação d'isto na posse que depois tiveram ali os Cavalleiros da Ordem de Malta, dos quaes existem grandiosos tumulos, que dão fé da sua permanencia. As fórmas architecturaes e os detalhes são do typo *roman*, tão impropriamente chamado romano-bysantino, como

<sup>1</sup> Veja-se o *Boletim* n.º 10 — pag. 153 a 158.

vulgarmente a definem; não sómente indicado nos arcos de volta inteira, mas nas carrancas da cimalha, nas patilhas dos angulos sobre o plyntho da base das columnas, nos capiteis amisolados, e finalmente nas siglas gravadas nas cantarias, o que não deixa duvida a respeito da sua construcção. Este edificio religioso encontra-se no melhor estado de conservação devido ao esmerado cuidado do respectivo Abbade, pessoa illustrada e desvelada, e um dos poucos amadores das nossas antiguidades.

Por esta occasião manifestei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro a minha inesperada satisfação por ter visto esse monumento conservado tão cuidadosamente. Em vista de tal informação, o dignissimo Ministro auctorisou-me para louvar o digno Abbade, dando-lhe da parte de S. Ex.<sup>a</sup> os merecidos encomios pelo seu zeloso empenho de conservar para a nação aquelle antigo specimen architectonico (documento n.º 4).

Visitando o cemiterio annexo á dita igreja, no qual o illustrado ecclesiastico está procedendo a alguns melhoramentos para o tornar mais decente, depararam-se-me ali collossaes tumulos de granito, pertencentes a Cavalleiros de Malta, mostrando em muito alto relevo as letras dos epitaphios, e estas de extraordinaria grandeza e de feitto particular.

Seria pena que esses tumulos ficassem por mais annos, expostos aos rigores das estações, perdendo se assim exemplares tão curiosos e interessantes para o estudo archeologico. Fui obrigado a insistir com o citado sacerdote para que mandasse, com a maior brevidade, remover o tumulo mais bem conservado para dentro da igreja a fim de que pudesse tambem conservar-se a memoria dos illustres varões a que pertenceu. O esclarecido Abbade assim m'ò prometteu e cumpriu, o que é um novo e valioso serviço que presta á nação e ao governo de Sua Magestade.

.....  
VIANNA DO CASTELLO. — No referido anno fôra tambem a Vianna do Castello não sómente para ver a brincada decoração propria do estylo então dominante no seculo xvi, com que ornaram a fachada do palacio dos Viscondes da Carreira, o melhor que ha n'essa cidade, posto que outros alli se vejam de familias nobres com bellos frontespicios, mas de muito menor importancia architectonica.

E' preciso todavia advertir que a cantaria das janellas ornamentadas do dito palacio não pertence á primitiva construcção, mas veiu de outro edificio da mesma epocha, acquisição feita pelo seu proprietario, que era um verdadeiro amator de antiguidades, e por sua parte concorria com singular zelo para a conservação de specimens architectonicos de reconhecido merecimento e por isso se tornava credor dos mais levantados encomios.

Havendo no Monte de Santa Luzia d'esta cidade vestígios de remotas antiguidades, que eu descobri em 1876, sendo parecidos com os encontrados na Citania de Briteiros, consegui que fossem examinados pelo sr. Governador Civil e pelos Vereadores do Município, e estes cavalheiros pessoalmente verificaram com satisfação tão interessante descobrimento. Depois, pedi para se organizar, e organizei uma commissão, que se encarregasse d'essa exploração archéologica com fundada probabilidade de achar outros objectos como os de que eu já offerecera alguns exemplares á Camara Municipal de Vianna, com o proposito de formar o nucleo de um museu archeologico na séde do Concelho.

Ficando muito animado com aquelle feliz achado, emprehendi, no monte d'Affie do mesmo Concelho, outras explorações, bem como no lugar opposto do rio Lima, pelo monte de S. Roque, onde alcancei resultados identicos aos de Santa Luzia; e posto que os objectos descobertos não tenham tanta variedade e perfeição como os de Citania, não deixam comtudo de parecer de origem identica, e de um povo onde a industria não estava tão desenvolvida. Dizia-me o distincto archeologo e geologo Carlos Ribeiro, infelizmente fallecido, que passára repetidas vezes pelo monte de Santa Luzia e nada vira que lhe despertasse a curiosidade.

Fui mais feliz que o illustre geologo e professor. Os vestígios remotissimos appareceram e lá estão bem visiveis.

Lá vi na modesta ermida de Santa Luzia, situada no indicado monte, objectos de valor historico, que não me consta que tenham sido commemorados em outra parte; vem a ser, dois pequenos quadros de azulejos a duas côres, branca e amarella, representando imagens de apostolos, e com era marcada, 1708. Quer dizer que já n'aquella época havia alguma fabrica de ceramica em Portugal, que se dedicava á especialidade dos azulejos; noticia que julgo de subido interesse para o nosso paiz.

Outra prova mais positiva d'esse trabalho, em Portugal, encontra-se n'um retabulo formado com azulejos brancos e azues, onde se lê dentro d'um escudo — Lisboa 1719. — Está exposto no museu de archeologia da Associação dos Architectos portuguezes, no Largo do Carmo.

Ha egualmente em Vianna do Castello uma curiosidade de grande interesse archeologico, e é um *hieroglyphico portuguez*, em pintura que se vê na capella dos navegantes, na igreja Matriz. Uma copia d'esta raridade, de singular memoria, offereci-a a S. M. o Imperador do Brazil, quando pela segunda vez estive em Lisboa. Como esses estudos fazem parte da 5.<sup>a</sup> classe das classificações, cumpria-me dar d'elles conhecimento a v. ex.<sup>a</sup>

EVORA. — Não podia adiar por mais tempo ir de novamente ver o importantissimo e unico monumento romano existente em Portugal, o Templo

de Diana, edificado em Evora. Esta estupenda construcção está inteiramente desafrontada dos casebres, que a obstruam á vista do visitante e não deixavam admirar a formosissima harmonia de suas proporções, como succedia com os intercolumnios que estavam tapados com tosca alvenaria! O grandioso architectural d'esse monumento agora está desafrontado; póde-se ver á vontade. Contemplando-o, occorre-nos logo a fama do povo-rei, e como elle sabia dar a verdadeira magestade e o maior esplendor aos seus magnificos templos. Aquillo é que era prestar culto ás bellas-artes! Comparem-se aos aureos tempos de então, na decadencia a que desceram, as manifestações do genio artistico, e lastimem-se as mutilações, as offensas graves de fôrma e de estylo, os vandalismos que por toda a parte se notam em o nosso paiz! Alguns até com a tolerancia e o consentimento das auctoridades locaes! Convencido de que seria indecoroso para o paiz e para as bellas artes nacionaes, que não se fizesse desaparecer os dois encaixes, que tanto destroem o agradável contorno das arestas das estrias das columnas do templo, julguei que poderiam ser compostos por modo a occultar a mutilação que lhes haviam causado. Se por ventura esse estrago fosse motivado pela acção do tempo, concordaria em que não se fizesse tal concerto; porém, no caso presente, é inteiramente diverso, porque se pretende occultar o nescio vestigio d'aquelle vandalismo, restituindo-se ás duas columnas o seu completo perfil. Por estas considerações, e afirmando-me na idéa de cumprir o meu dever, zelando a conservação artistica dos monumentos nacionaes, tive a honra de representar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro ácerca d'este facto.

O estado incrível a que está reduzida uma parte de outro edificio publico, onde funcionam as repartições do Governo Civil do Districto e outras, sendo este edificio uma das mais vastas e bellas construcções, onde as columnas que sustentam as 40 arcadas do claustro moderno pertenceram a outro templo romano em Serena, chamou-me a attenção. Quando não fosse por outras circumstancias, só por esta singular particularidade se deveria com o maior empenho curar da sua conservação, visto que são tão raras as obras de vulto que da época dos romanos ainda possui a nação. Conviria sobre maneira evitar a completa destruição da sala dos actos d'esta antiga Universidade, onde se vê presentemente o madeiramento prestes a desabar, o tecto arruinado, fragmentos com pinturas entulhando o rico solho em xadrez e completamente arruinado por causa das aguas do telhado. Entristesce ver assim destruidas obras tão custosas e de tamanho valor artistico!

Não podemos reparar esse edificio historico; obstemos, quando menos, ao que augmenta a sua ruina, e com este fim offieiei a V. Ex.<sup>a</sup> relatando o que havia observado.

N'esta cidade vêem-se as ruinas de um antigo

palacio real, construcção do tempo do *Rei Afonso*, mostrando ainda o vistoso estylo de architectura a que se deu a denominação *manuelino*.

A camara municipal teve a feliz lembrança de aproveitar aquelle specimen para n'elle organisar um museu archeologico, e com este será o quarto fundado em Portugal, depois do que a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes creou em Lisboa em 1863.

Mas, para aformosear o terreno que circumdava o antigo palacio, deliberou a dita camara formar um agradável jardim publico, tão necessario á cidade. Ali quizeram aproveitar alguns outros fragmentos de cantaria lavrada, construindo com elles umas ruinas pittorescas para chamar a attenção dos passeantes e visitantes; porém, commetteram um absurdo na decoraçáo de um portal, collocando os fustes das columnas, e serviúdo-lhes de bases os seus capiteis! O Rei-artista, quando viu semelhante erro, notou-o e advertiu d'elle o artista auctor da obra; todavia o erro indesculpavel ainda permanece patente e serve de censura dos entendidos. Era portanto da minha competencia notar este absurdo architectonico em um logar publico, e para não ser arguido de ter visitado aquelle recinto sem deixar ali a expressão do meu protesto.

Outro edificio religioso de notavel architectura é o de S. Francisco. Tem boas proporções e está decentemente conservado; mas precisa alguns reparos e limpeza geral na cantaria, na qual pozeram largas faxas de argamassa e cal, dando-lhe uma estranha apparencia. O templo figura-se-nos coberto com um panno cinzento, riscado de branco, o que tira a grandeza a essa excellente fabrica construida toda de cantaria.

A pericia e o gosto artistico da junta de parochia não se limitou sómente n'esta obra, pois mandou augmentar o diametro do espelho do frontispicio da igreja, melhoramento desnecessario, porque o templo tem luz sufficiente. Ajunte-se a decisão da municipalidade que mandou demolir a ala do convento annexo á nave, com o fim de aproveitar a cantaria e alvenaria, e veremos que pozeram em risco a estabilidade do edificio; porque a antiga construcção do convento foi calculada para servir de encontro aos esforços das abobadas da igreja.

V. Ex.<sup>a</sup> mais uma vez reconhecerá que não é a junta da parochia, nem são as irmandades, e as mais proprias para decidirem estas questões de arte, ordeando por si, ou com o parecer de pessoas incompetentes, obras nos edificios publicos. Este monumento está comprehendido na 2.<sup>a</sup> classe dos edificios nacionaes.

Havendo na provincia do Alemtejo tão grande numero de construcções megalithicas, percorri grande extensão de terreno para ver os Dolmens, e entre os onze que visitei, mandei fazer escavações em dois que estavam completos. Pareceu-me que, pela peculiar disposição da fórma da camara

circular, dos esteios de igual altura, da mesa inteiriça tambem circular, se differencavam bastante dos outros Dolmens existentes no paiz, e que talvez pertencessem a uma epocha em que os constructores teriam mais desenvolvida a sua industria. N'estas investigações, não achei objectos de silex, mas alguns fragmentos de ceramica com vestigios de terem uso ao fogo.

THOMAR. — Voltando a Thomar em 1882 para levantar a planta da antiga igreja dos Templarios de Santa Maria do Olival, não obstante a devastaçáo que tiveram as sepulturas d'esses afamados guerreiros, vi nas visinhanças d'aquella cidade um importante padrão erigido ao inclito Dom Nuno Alvares Pereira, por ter sido n'aquelle local denominado de S. Lourenço, que se reuniram as forças que o auxiliaram na gloriosa batalha de Aljubarrota. Não havia sido mencionado no numero dos padrões citados na 3.<sup>a</sup> classe, segundo o relatorio apresentado ao Governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Nem deve notar-se que esquecesse o dito monumento commemorativo, ou qualquer outro, quando se recorria unicamente á memoria dos membros da commissáo para esse trabalho: d'aqui se infere que é necessario, e de conveniencia publica, ir pessoalmente verificar em todo o reino a existencia dos monumentos, fazendo com o maximo cuidado o inventario artistico e archeologico de Portugal. No officio em que participei a S. Ex.<sup>a</sup> esta missáo, pedia-lhe licença para que este padrão fosse tambem incluido no numero dos outros, mas por enquanto não recebi a supplicada auctorisação.

Tendo-me gabado muito o local em que os Cavalheiros Templarios faziam os exercicios militares, dispuz-me a essa revista. O local é, com effeito, formoso, e d'elle se gosa agradável panorama, que abrange as cercanias da cidade de Thomar, e occupa extenso espaço entre ferteis plantações de diferentes proprietarios. Depois de admirar alguns pontos de vista encantadores, entrei n'uma terra de lavoura por meio da qual fizeram um dos caminhos vicinaes do concelho, e observei que entre viçosas oliveiras havia um grande espaço sem cultura. Aparecendo n'esse momento o dono do terreno, dei-lhe conta da minha observação. Elle respondeu-me: — «Quiz plantar ali arvores, mas desisti do trabalho por ter encontrado resistencia, que me fez suppôr a existencia de uma pedreira.» Senti em mim um estremecimento, como um presagio promettedor, por quanto a minha razão não admittia a possibilidade de uma pedreira n'aquelle logar.

Pedi-lhe licença para sondar o terreno, o que me foi concedido da melhor vontade. Procedi logo á sondagem no proprio local aonde estava, sem haver nenhum outro indicio. Trouxe-me a sonda fragmentos de mosaico de quatro côres. Fiquei jubiloso e solicitei do proprietario para que se fizessem esca-

vações, ao que igualmente annuiu sem nenhuma objecção. Accrescentei que devia começar sem demora; mas não pude fazel-o, ponderando-me ser domingo e não encontrar trabalhadores que se prestassem a isso. Insisti para que viessem dois ou tres trabalhadores ou operarios, pois não havia tempo a perder e tinha o maior empenho em investigar. As minhas instancias resolveram por fim o possuidor a obsequiar-me.

Appareceram pouco depois dois homens, que principiaram a cavar, trabalho que se tornava mais facil por ter chovido dias antes copiosamente. Após 4 horas de trabalho seguido, fez-se o descobrimento da parte de um grande mosaico romano, e por esta fórma tive a fortuna de descobrir os vestigios da antiga cidade de Nabancia, que ainda era florescente no tempo dos Godos, e da qual só existia memoria tradicional de ficar essa cidade situada por detraz da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, na margem esquerda do rio Nabão. Não havia nenhum outro indicio do lugar de sua fundação.

Tive a honra de communicar este feliz descobrimento ao Ministerio das Obras Publicas, pedindo-lhe auctorisação para continuar as investigações, dando-se-me pessoal para esse fim. S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro approvou este trabalho, determinando que requisitasse o pessoal preciso. (Documento n.º 10.)

Queira V. Ex.<sup>a</sup> desculpar-me esta longa e porventura fastidiosa narração, mas para a historia de qualquer descobrimento é mister reunir os mais insignificantes pormenores ácerca dos factos que lhe deram origem, afim de que possam servir de perfeita luz á archeologia.

Pelos meus officios anteriores, que remetti para o Ministerio das Obras Publicas, dei parte do progresso da exploração dos differentes objectos antigos descobertos, vestigios de casas em mosaico, ruas, casas de banhos, moedas, vidro etc., e a planta das construcções já desaterradas com a superficie de perto de quatro mil metros quadrados.

A exploração tem-se feito em terrenos de dois proprietarios; porém, o mais interessante d'estas antiguidades romanas supponho que ainda está soterrado em uma terceira propriedade, ao norte do rio Nabão.

Tive igualmente a ventura de encontrar dois canos de esgoto de construcção romana, o que foi de subida vantagem, pois, estando estas escavações a um ou dois metros de profundidade, as aguas das chuvas ficariam retidas e causariam a destruição d'esses vestigios.

Mandando desobstruir os canos, levaram elles as aguas das chuvas, no seculo XIX, por onde no seculo II da nossa éra as tinha recebido o mesmo rio Nabão!

Foi já approvada a proposta que apresentei ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro para construir sobre o grande mosaico um recinto para recolher os diversos objectos encontrados, e formar com elles um museu

especial de antiguidades romanas, que attrahiria nacionaes e estranhos a virem visitar Thomar, pois que para mais de dez mil pessoas já teem affluído para vêrem o que se tem achado. Em breve enviarei a S. Ex.<sup>a</sup> o projecto da construcção que fui encarregado de delinear.

Não sendo costume os donos dos terrenos consentirem que se façam investigações scientificas nas suas propriedades, apesar de adquirirem jus a indemnisações, e tendo-se prestado com tão singular condescendencia e abnegação o sr. Augusto Cezar da Motta para esse importante empreendimento, solicitei do Ex.<sup>mo</sup> Ministro que houvesse por bem de o recommendar á municipalidade regia, por tão relevante serviço á nação, e o illustre Ministro obteve de Sua Magestade lhe fosse conferida a Cruz da Ordem de Christo, mercê que julgo muito bem cabida em cidadão prestante, como é o sr. Motta (Documento n.º 12). Foi pois remuneração condigna e honroso incentivo para outros proprietarios permittirem investigações, em qualquer parte do reino, nos terrenos onde sejam necessarias e indispensaveis.

PENAFIEL. — Dirigi-me a Penafiel em 1883, para visitar no Concelho a igreja do Salvador no Paço de Sousa, não só por ser de uma edificação muito remota, mas tambem por encerrar o tumulo de Egas Moniz. Muito agradável me foi ver a architectura do mimoso portal da igreja do Paço de Sousa; pelo contrario, causou-me desgosto contemplar a composição que decora, sem rasão de ser, a parte superior do frontespicio d'esse edificio, que indica a decadencia da architectura civil, porque já raiava a brilhante época do renascimento dos Bellas Artes; e por esta rasão, muito maior merecimento tem o elegante portal d'essa igreja, onde os seus bellissimos capiteis *bysantinos* podem servir de modelo pelo estylo.

Solicitei do Ex.<sup>mo</sup> Ministro se servisse ordenar que fossem tirados os moldes, pois sómente na Sicília vimos obra tão admiravel.

Causou-me tambem impressão muito desagradavel o que vi praticado no tumulo do inclito varão Egas Moniz. Não se contentaram os vandalas em separar o tumulo em dois *fragmentos*, mas pozeram-os defronte um do outro em as naves lateraes, ficando a parte que tem a inscripção com as letras em sentido opposto. Não pode ver-se maior testemunho de negligencia e ineptia! É pena. Tudo isto não me produziu tão profunda magua como o terem collocado o cofre de pedra, que continha os restos mortaes d'aquelle preclaro portuguez, em forma de pia para as gottas de agua de uma torneira de um mui tosco deposito publico, defronte do portal da referida igreja.

Ainda mais: para maior escarneo, e é o que parece, metteram dentro de uma reles caixa de folha os fragmentos do esqueleto do nobre findo, e para que não esquecesse aos vindouros esta trasladação, pozeram um rotulo de papel almaço na tampa da pequena caixa para designar

o que continha; mas como este venerando deposito estava no chão, a um canto da casa humida, quando quiz examinar o que tinham feito, já havia desaparecido o letreiro. Quando, passados annos, tenham desaparecido tambem as testemunhas d'este vandalismo, ficar-se-ha ignorando a quem pertenceria a cinza que a caixa encerra. E serão volados ao esquecimento e até ao desprezo os unicos vestigios da pessoa que na historia de Portugal tem um logar tão assignalado.

O Ex.<sup>m</sup> Ministro dignou-se attender á minha representação e sem duvida já se terão adoptado as convenientes providencias para destruir tão nefando attentado.<sup>1</sup>

ALCOBAÇA. — Tomára nota para verificar em que estado de conservação estaria o grandioso monumento do extinto convento e igreja de Alcobaca, pois desde o anno de 1869 em que havia levantado as plantas d'esse edificio, não voltára alli. Para satisfazer este desejo artistico e no cumprimento da commissão a meu cargo, fui a Alcobaca em 1883.

Esse historico e artistico edificio tem soffrido muito das estações, porém muito peior da mais crassa e indesculpavel ignorancia dos vandalos! É verdade que da primeira vez que visitei o convento de Alcobaca já não havia uma tabua nos dormitorios e claustros superiores, estando o vigaumento a descoberto, e as suas numerosas portas já não tinham fechaduras, estando apenas cerradas com uns caniços! Eram já de valia as perdas, da primeira vez que lá estive; mas agora accusava uma destruição total, uma enorme perda para a nação.

O edificio já não tem a primitiva configuração. Foi demolido totalmente o mais antigo claustro, de cinco que possuia. Era o primitivo d'El-rei D. Affonso Henriques, o fundador d'este monumento religioso historico. Grandissima perda para a archeologia, porque o aspecto singello, permittia-me dizer, até rude, da fabrica, servia de proveitoso ensino para o estudo architectonico, comparando-se então a arte de edificar e o seu especial estylo com o dos claustros de épochas menos remotas.

Além d'isso, foi gravemente insultada a memoria do monarcha que dotou o reino com este original monumento.

A demolição indicada, e creio que resolvida pela respectiva camara municipal, mostra o atrazo em que está ainda a nação ácerca da importancia que têm os exemplares architectonicos, que constituem riquezas archeologicas e nacionaes.

Se esse vandalismo não fóra bastante para tirar á grandiosa edificação grande parte do seu merecimento artistico, ainda o augmentaram com o actual e vergonhoso aspecto, com a deterioração do templo, dos outros claustros, dos tumulos reaes, das campalas da casa do capitulo, dos altares, dos telhados, das vidraças, de tudo que era

<sup>1</sup> Já se principiaram os trabalhos.

bom, de que tudo era util, de tudo que não podia deixar de conservar-se. As enchurradas provenientes da grande altura adquirida pelas terras e em declive para o edificio do lado do nascente, penetrando nas naves da igreja, que serve de freguezia, impedem ali os Officios Divinos e as demais cerimonias religiosas.

Julgo que em parte alguma seria tolerado tal vandalismo! Não é possivel consentir-se, em uma nação culta, semelhante desprezo para com as obras da arte! Apressei-me a expedir tres officios ao Ministerio das Obras Publicas relativamente ao lastimoso estado em que encontrei o edificio de Alcobaca e suppliquei, com a maior instancia, as necessarias providencias para que, quando menos, as auctoridades locais fossem strangidas a corrigir os seus erros e a conservar um famigerado monumento de 1.<sup>a</sup> classe. O Ex.<sup>mo</sup> Ministro, muito distincto apreciador dos monumentos historicos e possuido de acrisolado patriotismo, determinou logo que se fizessem as reparações indispensaveis d'este edificio, posto que não fosse possivel agora uma restauração completa, cabendo á illustração de S. Ex.<sup>a</sup> esta urgente resolução. Se fosse possivel realçar mais o serviço do Ex.<sup>mo</sup> Ministro, este empenho em desejar a conservação do grandioso e venerando monumento artistico bastaria para lhe alcançar os geraes applausos e a gratidão publica.

Para se revelar ainda mais a incompetencia de quem não tem em nenhuma conta as antiguidades nacionaes, mandou a camara municipal arrancar os pés de cantaria das mezas dos refeitórios, os quaes, em forma de pilares ornados de columnatas nas arestas, estão servindo hoje de sumidouros nas ruas! A galeria superior do bello claustro de D. Diniz serve ao publico, que frequenta o edificio, como especie de despejo; o ladrilho está por tal forma immundo, que não se póde transitar por elle.

Cerremos o quadro repugnante e asqueroso, basta de esclarecimentos d'esta natureza, que mereciam mais serios reparos e mais graves censuras; deixo-os aqui, em que peze a alguém, para que não me arguam de faltar ao meu dever e á verdade.

SETUBAL. — O curioso edificio do convento-igreja de Jesus, construido na cidade de Setubal em 1496, em que empregaram a cantaria de grés-vermelho antigo, é digno de se ver por ser a sua architectura do typo portuguez manuelino, e da mesma epocha da igreja dos Jeronymos em Belem.

Quando, em 1859, el-rei o sr. D. Pedro V visitou Setubal e foi ver este edificio religioso, tive a honra de acompanhar Sua Magestade. Havia poucos mezes que tinham ali sido reparados os estragos produzidos por um tremor de terra, e o capellão das freiras não só dirigiu os trabalhos, mas concorreu com as despesas.

Honra seja á sua memoria, porque, se elle não praticasse essa generosidade, talvez essa bella con-

strucção estaria em ruínas. Determinou, porém, que toda a cantaria fosse pintada com ocre, almagre e cal, afim de imitar naturaes manchas do marmore da Arrabida, com que fóra construido o edificio. Se tão disparatada ordem tivesse sido executada com perfeição, o absurdo desculpar-se-hia, pois a intenção salvava a ignorancia; mas o vandalismo tornou-se visivel e censuravel por causa da grosseira imitação feita por um pedreiro. Disse ao capellão que mandasse lavar a cantaria á minha custa, tal era a desagradavel impressão que me causára semelhante restauração, e que daria por bem empregado o sacrificio que fazia, mas o sacerdote oppoz-se assegurando-me que os andaimes impossibilitavam o serviço religioso. Em 1884 encontrei ainda aquella ridicula restauração.

Ex.<sup>mo</sup> sr., urge que se faça desaparecer esse vergonhoso aspecto, restabelecendo o que seja possivel no primitivo monumento citado. V. ex.<sup>a</sup> dignar-se-ha determinar o trabalho que tenho a honra de indicar.

PALMELLA. — Aproveitei a minha visita a Setubal para ir tambem ao castello de Palmella, cuja architectura militar está comprehendida na terceira classe dos monumentos nacionaes.

Descreverem-se as ruínas em que se encontra o historico monumento, é doloroso e impossivel. Custa acreditar que possa deixar-se em abandono o que devia ser obrigação nacional conservar-se! Do miseravel estado do castello informei ao ministerio, assim como lastimei que, a troco de alguns cobres, se consentisse em profanar, para satisfazer curiosos, quasi todos os dias, as cinzas do principe D. Jorge, violando-se o seu tumulo com uma alavanca!

Na igreja que tinha custosa decoração, com marmores de côres, pelos brazões de apurada esculptura, nas campas dos cavalleiros da ordem de S. Thiago, nas frestas, no telhado, observam-se horribes estragos e mutilações, algumas por ventura consentidas pelos guardas do castello.

A grande torre de *Menejam* está por effeito de um raio fendida de alto a baixo na face que olha para a cidade, e com o correr dos annos e dos temporaes cada vez augmenta mais a sua destruição, e se vier a desabar, causará grande damno.

Lembrei a v. ex.<sup>a</sup> que tivesse a bondade de mandar officiar ao Ministerio da Guerra a este respeito e v. ex.<sup>a</sup> dignou-se attender-me, porém as obras ainda não começaram.

No meu referido officio tambem lembrava que, tendo a igreja de Jesus de Setubal as honras de Capella Real, poderia ser transferido o tumulo do principe D. Jorge para aquelle edificio e assim se conservariam e respeitariam os restos mortaes do ultimo Grão-Mestre dos Cavalleiros de S. Thiago, impedindo o escandaloso abuso praticado com as cinzas d'esse principe, que prestou tão assignalado serviço ao seu paiz.

BEJA. — A igreja do convento de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Beja, formada de uma

só nave, com altares de rica obra de talha dou-rada, tambem é notavel pela sua architectura e pela grande superficie que occupa o convento, e principalmente por ter sido fundada pelos proge-nitores d'el-rei D. Manuel; cujo edificio pertence á 2.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes.

Constava-me que na escada da torre da igreja matriz havia uma pedra servindo de degrau, onde se via gravada uma inscripção romana. Pedi ao sineiro que me abrisse a porta da dita torre afim de averiguar isso, porém o homem mostrou-se enfadado, disse-me que eu estava enganado, pois tal pedra com letras não vira nunca.

Repliquei que me trouxesse uma luz para examinar a escada, ao que elle accedeu da melhor vontade, e ao chegar ao decimo primeiro degrau encontrei a pedra com a inscripção e mostrei-a ao incredulo, o qual ficou admiradissimo, e exclamou: «Ora, ha 21 annos que subo esta escada, quatro vezes por dia, e ainda não tinha dado por isso!» Tanto mais era para admirar a sua estupe-facção, quanto era certo ver-se mui proximo d'estes degraus nma fresta, da torre pela qual a claridade feria a dita pedra depois do meio dia. Foi em seguida procurar o presidente da Junta de Parochia, e propuz-lhe a cedencia d'aquelle fragmento da inscripção, obrigando-me a mandar assentar outra pedra no mesmo lugar, pois que a lapide estava ali posta como enxerto. Respondeu-me que precisava de consultar os membros da Junta, parecia-lhe que não haveria recusa, mas que depois me mandaria a resposta.

À noite veio o sineiro participar-me que a Junta não podia dispensar aquella pedra, porque havia idéa de formar um museu! É já sabido, quando se deseja adquirir qualquer objecto, que esteja posto de parte, desprezado, sem que ninguem lhe dê apreço, surgem logo obstaculos que se não vencem facilmente; e apresentam-se desculpas por causa de projectos que jámais se realisam. Se houvesse na realidade o louvavel desejo de se crear um Museu de Antiquidades na cidade de Beja, decerto que não deixariam de aproveitar para isso os vistosos mosaicos encontrados nos restos de casas romanas, quando fizeram os caboucos para a nova casa da Camara na praça de D. Manuel; mas pelo contrario, nem aproveitaram esses bellos exemplares, nem tão pouco lhes tiraram os desenhos, e mandaram entulhar outra vez o que se encontrára do tempo dos romanos!

A torre do Castello é uma das mais elevadas que ha em Portugal. D'alli se gosa uma extensa e deleitavel vista. A sua construcção é esmerada e de merecimento; pena é que no parapeito superior esteja já sem resguardo em um dos angulos, e se veja um dos columnellos derribado por uma faisca electrica, ficando entallado entre a parede da face da torre no prolongamento do mesmo parapeito, de maneira que essa posição pode causar algum desmoronamento. Com pequeno trabalho e insignificante despeza evitar-se-hia

maior ruina e se conservaria o estado completo d'aquella antiga construcção da arte militar. N'esta conformidade tive a honra de informar o Ministerio, e de pedir que se reclamassem providencias urgentes ao Ministerio da Guerra, não podendo deixar de representar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro, por pertencer este edificio á 3.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes.

PORTALEGRE. — O frontespicio da egreja de S. Vicente da Chã de Portalegre, fundação do seculo XI, é a unica parte d'este edificio que tem algum merecimento, porque o resto é de edificação moderna, destituido de interesse architectonico; porém, o que merece ser visto, é o edificio em que está agora o Lyceu; principalmente os seus dois portaes de marmore no estylo de renascimento, de primoroso trabalho. Outra obra de diverso genero, e que chama muito a attenção dos archeologos, são os famosos retabulos em azulejo, não sómente pela sua bella conservação como pela grandeza dos padrões, sua composição e perfeição do fabrico. Causa muito gosto contemplal-os e produzem optimo effeito, ornando o adro coberto d'este bem conservado edificio publico. Dentro da egreja ha interessantes esculpturas, que figuraram na exposição da arte ornamental realisada em Lisboa.

Tive a honra de officiar ao Ministerio em 1884, pelo modo como achei digno de menção o estudo d'essa egreja matriz.

CRATO. — Constando-me existir no Crato um Dolmen que ainda não tinha sido explorado, puz-me a caminho com alguns trabalhadores, e dei por bem empregado o tempo e o incommodo que tive pela estrada, pois encontrei n'essa localidade outra construcção megalithica, similhante á que achei nas cercanias da cidade d'Evora, apresentando a mesma configuração, as pedras dispostas de igual maneira, e a da mesa tambem de forma circular; procedi ás investigações que me deram os mesmos resultados que obtivera na capital da provincia do Alemtejo. Este monumento pre-historico estava bem conservado, talvez por ficar muito afastado do transito publico e dos logares habitados. O proprietario tinha alguma difficuldade para consentir que eu podesse investigar este Dolmen, porém, depois de muitas duvidas, cedeu com a condição de ficar tudo no mesmo estado em que o encontrasse. Este incidente confirma as considerações que já fiz ácerca da repugnancia de certos proprietarios em dar licença para se fazer escavações nas suas terras.

ALEMQUER. — Havendo na antiga egreja de N. S. da Varzea, na villa de Alemquer, o tumulo do insigne Chronista-mór, Damião de Goes, esse grande vulto do reinado d'El-Rei D. João III, fui em 1883 ver este edificio religioso, e achei na capella-mór do lado da Epistola um rico tumulo de marmore, Italia, d'este celebre portuguez; porém faltava-lhe o busto por ter sido derrocado! Viase o logar que tinha occupado, e sem duvida não

foi obra casual, mas fructo de plano concebido e realisado por algum parocho fanatico respeitador da iniqua sentença que soffreu em avanzada idade aquelle respeitavel Varão. Julgo fundada esta hypothese, porque, depois de aturada busca na egreja, achou-se finalmente esse busto envolvido no monte de lixo em um recanto escuro dentro do templo. Mandei chamar um operario para collocar e chumbar o busto, afim de ficar bem seguro sobre o seu jazigo. Não contente em reparar tal vandalismo, eu proprio tirei a fôrma em gesso do dito busto, que trouxe para Lisboa, afim de o conservar no museu archeologico do Largo do Carmo.

A antiga egreja da Varzea, comprehendida na 4.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes, fôra reparada e dourada com esmero por esse egregio escriptor, e n'ella se conserva o seu jazigo e o de sua mulher. Officiei para o Ministerio ponderando a necessidade de se fazerem alli urgentes reparos nos telhados, pois pelo seu mau estado foi necessario transferir os Officios Divinos para outra egreja mais distante do centro da povoação; e seria grandissima perda que, por causa de insignificante despeza, ficasse destruida a mais antiga freguezia de Alemquer; assim como exposto o tumulo de Damião de Goes a ser profanado e destruido como infelizmente se tem praticado com outros monumentos historicos do paiz, conforme tenho tido a honra de informar o Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Obras Publicas.

Constando-me existir ainda na dita villa a casa que pertenceu a Damião de Goes e onde nasceu, fui vel-a no cumulo da villa e encontrei-a habitada e em perfeito estado de conservação, offerecendo mesmo o aspecto caracteristico da remota construcção, posto que seja de modesta apparencia. Tive o pensamento de propôr ao Municipio de Alemquer que mandasse collocar uma lapide commemorativa n'essa casa em homenagem ao insigne chronista-mór do reino.

A minha proposta foi bem aceita, e já este padrão foi inaugurado com demonstrações publicas de regosijo em junho de 1884 (documento n.º 14.)

Ficou, portanto, no seculo XIX, novamente reabilitada a memoria d'esse admirado portuguez e insigne varão, e a patria não lhe foi ingrata, não olvidou o nome de um seu illustre filho, que adquiriu fama pelo seu saber, nos paizes mais cultos da Europa. Participei com intimo prazer este facto para o Ministerio, e pedi ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro que, visto haver este novo padrão nacional, me auctorisasse a incluil-o na designação da 4.<sup>a</sup> classe de taes monumentos, e aguardo a licença solicitada.

VIANNA DO CASTELLO. — Fui convidado para ir a Vianna do Castello em 1869, para ver o estado dos vestigios antigos que eu descobri em 1866, e consultar a respeito do modo de os conservar. Ultimamente, creára-se, com esse lou-

vavel intuito, uma confraria que conta 300 membros, e os cavalleiros mais conspicuos d'aquella cidade. Esta confraria tem por obrigação, consignada nos seus estatutos, fazer a festa annual a Santa Luzia, cuja capella está no alto do monte onde existem as taes antiguidades, e velar pela sua conservação, accordo que julgo muito louvavel e digno de ser indicado com especial menção ao Governo de Sua Magestade.

Os vestigios archeologicos, de que se trata, estão pela sua natureza comprehendidos na 5.<sup>a</sup> classe da classificação dos monumentos nacionaes. Coube-me a honra de officiar ao Ministerio ácerca do procedimento d'essa benemerita confraria, a qual pretende vedar o terreno em que estão os referidos vestigios afim de ficarem resguardados contra novos vandalismos; porém, desejava que o Governo se dignasse de auxiliar-a n'esta sua patriótica resolução, mandando levántar a planta do dito terreno para depois a confraria mandar construir a separação dos outros terrenos de horticul-tura. Esta planta tambem serviria para se ajuntar á colleção no archivo dos desenhos dos monumentos nacionaes, e por esta circumstancia solicitei do Ex.<sup>mo</sup> Ministro se servisse determinar que um conductor da repartição das obras publicas d'aquelle districto fizesse o trabalho indicado, sem duvida vantajoso para os estudos archeologicos. Desejava igualmente a dita confraria que um engenheiro da mesma Direcção fosse encarregado de traçar o caminho de mais facil accesso ao monte de Santa Luzia, ficando depois a cargo da confraria proceder aos trabalhos d'essa estrada. Ora, como isso traria um grande melhoramento publico para aquella cidade, não hesitei em representar n'esse sentido, pedindo ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro para deferir como se requeria; porém não sei se as ordens que Sua Ex.<sup>a</sup> se dignou expedir, tiveram já execução para principiar a levantar essas plantas. <sup>1</sup> Constando-me haver no extremo do concelho de Vianna uma remota construcção religiosa, dirigi-me no mesmo anno ao sitio em que se achava edificada, que é na encosta de um monte, occulta entre o arvoredo. Encontrei um edificio de architectura do seculo XII, conservando ainda todas as formas do typo primitivo. Bastante raro é acharem-se d'estes specimens no paiz. Atribuo a sua intacta conservação á simples circumstancia de estar afastada da povoação e ninguém dar por elle. Os innovadores que se dedicam a destruir a arte e a arruinar os monumentos nacionaes, deixaram incolume aquella. Ainda bem! Torna-se mais recommendavel este antigo edificio, tanto para a arte como para a archeologia, por ter gravada a era da sua construcção em 1145, particularidade rarissima de se encontrar nas edificações antigas.

Este remoto edificio, que pertenceu ao convento extincto de S. Claudio no Minho, é um specimen architectonico de subido merecimento. Na com-

municação que fiz a esse respeito ao Ministerio, pedi ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro auctorisação para incluir o dito edificio na 2.<sup>a</sup> classe dos monumentos nacionaes, como foram classificados os outros do mesmo typo e época.

BRAGA. — Passando depois á cidade de Braga, para tornar a ver os seus importantes edificios religiosos e antiguidades, chamou-me em primeiro logar a attenção visitar a antiquissima Sé, da qual havia tirado a planta em 1859; mas, antes de penetrar n'este venerando monumento, indaguei a causa de se conhecer nas ruas um fortissimo cheiro a oleo! Responderam-me: é porque pintaram por dentro da Sé todas as cantarias! Fiquei attonito! Apressei-me a entrar no templo, e mais proximo me achava, mais era insupportavel o tal cheiro. Entro nas naves e vejo com extrema consternação as columnas, as arcadas, e as abobadas e os retabulos das capellas, tudo que era de cantaria besuntado de tinta branca a oleo! Como a qualidade do granito d'esta provincia é muito escuro e poroso, besuntaram-o repetidas vezes de tinta para tapar os poros, e esta estu-penda obra da maior inepecia e estulticia causava o mau cheiro que chegava a grande distancia e incommodava todos, mas era o testemunho mais vivo do intoleravel vandalismo praticado em um dos principaes monumentos do paiz, e em desabono da civilisação nacional. Quando uma das mais importantes qualidades, que se admiram nos sumptuosos edificios publicos é a do material com que foram construidos, porque mais realce artistico tem aquelles em que abunda a obra de cantaria; não era de presumir que o Cabido, tendo que mandar proceder a limpeza e galas na igreja primacial das Hespanhas para a posse do novo Arcebispo, mandasse executar uma obra censuravel, ridicula, abaixo do criterio; nem me parece que o Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo, ao saber de ordem ou resolução tão inepta, não a revogasse. Estou até persuadido de que Sua Ex.<sup>a</sup>, ao entrar na Sé, ficaria tão pezaroso como eu, pois julgo-o, pela sua illustração, com bom sentimento artistico. Aquella obra só dirigida por um caiador.

Não existe ainda em o nosso paiz — todavia é preciso que exista — uma corporação especial revestida de auctoridade para zelar e obstar a que se façam taes obras, a que se commettam taes absurdos, a que se pratiquem taes monstruosidades.

Antes de se proceder a qualquer restauração, reparos, ou limpezas, os projectos deveriam ser apresentados ás pessoas especialmente encarregadas d'esse importante serviço publico, e sem obterem a sua approvação não poderiam ser executados, e a sua execução ainda assim sujeita a Inspeção e a multa, no caso de se desviar do que se prescrevesse.

Officiei immediatamente para o Ministerio, relatando o que tinha observado, e lastimando que aquelle importante edificio religioso historico ficasse com a apparencia de um vasto armazem

<sup>1</sup> Estão actualmente em via de execução esses uteis trabalhos.

construido com tosca alvenaria e revestido de rebouco branco!

COIMBRA. — Sabendo pelos jornaes, que tinha occorrido um incendio na igreja de Santa Cruz de Coimbra, dirigi-me sem perda de tempo áquella cidade para conhecer os estragos que o sinistro causára. Felizmente, poderam-se atalhar as grandes consequencias da pouca vigilância que deram logar a este desastre, tendo todavia soffrido algum damno o famoso retabulo do tumulo d'El-Rei D. Sancho, conforme tive a honra de participar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro, pedindo-lhe com instancia se servisse mandar compôr as esculpturas para que obra de tanto merecimento artistico não ficasse defeituosa e não perdesse a importancia architectonica e archeologica. É de esperar que S. Ex.<sup>a</sup> dê as suas ordens para que se conserve, quanto possivel, no seu completo estado tão recommendavel monumento. Por esta occasião o meretissimo prior d'esta igreja, pessoa de reconhecida illustração, me fez notar a parte demolida da galeria superior do bello claustro, que é de um caracter original, admirado pelos artistas e entendidos.

.....  
Por quanto não respeitaram a sua antiguidade nem o seu valor artistico fazendo-o demolir, bem como a memoria historica que elle recorda, de tanta importancia para a cidade de Coimbra! Certamente que este *illustrado* vandalismo é mais reprehensivel do que aquelle que commette a ignorancia do povo; causando extraordinaria surpresa que se pratique este grandissimo attentado contra a arte e contra o bom senso, sem que se lance um brado de indignação que obste a tamanhos desvarios e tão grande desprezo pelos monumentos nacionaes.

Em vista de tal circumstancia cumpri o meu dever, participando ao Ministerio o que já se tinha realisado, e que ainda estava em plano arrasar os outros lados do referido claustro! Deus permitta que a minha humilde voz possa impedir tão disparatado intento.

Talvez se note excesso na minha maneira de expressar, mas é habitual a franqueza do meu caracter e não me acobardo de dizer a verdade.

Finalmente, Ex.<sup>mo</sup> Sr. os trabalhos da commis-

são continuam progressivamente, e espero que os seguintes relatorios que terei a honra de apresentar ao Ex.<sup>mo</sup> Ministro, possam merecer de S. Ex.<sup>a</sup> a satisfação que manifestou ao ver os desenhos concluidos, julgando-os dignos de serem gravados.

E' sem duvida bastante lisongeira esta espontanea apreciação com respeito aos referidos trabalhos e aos serviços da commissão.

Desejaria que a minha avançada idade, 79 annos, me permittisse maior actividade, tal é o empenho que tenho de me desempenhar com todo o zelo d'este serviço nacional, e o desejo de bem corresponder á vontade e á confiança do Governo.

J. P. N. DA SILVA.

#### EXPLICACÃO DA ESTAMPA N.º 56

No antecedente Boletim publicámos uma estampa com a nova classificação dada aos instrumentos de pedra prehistoricos, pelo distincto archeologo Mr. De Mortillet: comprehendia os exemplares das duas primeiras divisões da época da pedra lascada; e na presente estampa estão representadas as tres outras divisões: a 3.<sup>a</sup> época, de *Solutré*, ou *Solutréenne*; a 4.<sup>a</sup> época, de *Madeleine*, ou *Magdalénienne*; e a 5.<sup>a</sup> época, de *Robenhausien*, ou *Robenhausienne*.

Os instrumentos de pedra prehistoricos, que nas outras regiões foram achados e semelhantes na forma d'um d'estes typos, serão designados pelos nomes respectivos d'esta nova classificação; a qual terá vantagem para os archeologos de todos os paizes, que, não tendo assistido ao descobrimento de alguns d'esses instrumentos em qualquer região, mas constando-lhes que elles pertencem a uma das divisões adoptadas, ficarão logo scientes de qual será a forma que representaram. Portanto esta subdivisão facilitará muito o estudo dos diversos feittos d'esses instrumentos de pedra.

Já fizemos observar, no curso elementar de archeologia, que não se póde applicar em toda a parte esta invariavel designação; porém, para a nossa região, ella corresponde d'uma maneira satisfactoria.

J. DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em virtude do concurso publico que a nossa Associação abriu no mez de junho de 1884, pela iniciativa do sr. architecto Silva, foram apresentadas duas memorias: uma sobre o terceiro ponto architectonico proposto: *Estudo sobre o estylo romanico, a sua descripção com todas as particularidades, até que época serviu para as construcções religiosas em Portugal; indicando a localidade onde se conservam ainda alguns exemplares d'esse estylo*. Essa memoria tinha a divisa — *Ars longa, vita brevis*.

A outra memoria versava sobre o quarto assumpto archeologico publicado: *Determinar a divisa usada nos escudos do conde D. Henrique de Borgonha e de seu filho D. Affonso Henriques; e descrever, documentando a origem e alterações por que tem passado o escudo de armas do reino de Portugal*. N'essa memoria havia a divisa — *Ao indefesso mineiro do passado*, J. P. N. da S.

\* \* \*

A assembléa geral da nossa Real Associação, na sessão de 10 de julho do presente anno, elegeu os membros que deviam formar o jury, para examinar

Fig.1-Mg.



Fig.2-Mg.



Fig.3-Mg.



Quarta Época.



Fig.4-Mg.



Fig.5-Mg.



Fig.6-Mg.



Fig.15-Rh.

Quinta Época.



Fig.15-Rh.



Fig.2-Sl.



Fig.3-Sl.



Fig.4-Sl.



Fig.1-Sl.

Primeira Época.



Pg.

Primeira Época.



Fig.7-Mg.



Fig.8-Mg.



Fig.9-Mg.



Fig.10-Mg.

Quarta Época.



Fig.14-Mg.



Fig.12-Mg.



Fig.13-Mg.



Fig.11-Mg.



as memorias apresentadas; ficando eleitos para o jury de architectura, os socios srs. Valentim José Correia, Antonio José Gaspar, José Maria Gaggiani, Zeferino Brandão, Joaquim Conceição Gomes, Alfredo Keil e Possidonio da Silva, o qual foi eleito por aclamação. Para relator foi escolhido o socio o sr. Zeferino Brandão.

Para o jury de archeologia tiveram maioria na eleição os srs. Ignacio de Vilhena Barbosa, visconde de Alemquer, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, visconde de S. Januario, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, visconde de Castilho, Antonio Pimentel Maldonado. Foi nomeado relator o sr. dr. Aragão.

Tornou a reunir-se a assembléa geral em 7 de agosto do presente anno, para lhe ser apresentado o parecer dos dois jurys. Depois de breve discussão foram approvados ambos por unanimidade. Votou-se uma *Medalha de Cobre* ao auctor da memoria sobre o ponto de architectura citado, e procedendo-se depois a abrir a carta do concorrente, viu-se que pertencia ao sr. Manuel Maria Rodrigues, da cidade do Porto.

Foi contemplada a outra memoria com o *Diploma de Merito*, cujo auctor era declarado na carta que trazia a respectiva divisa: pertencia ao sr. Antonio Francisco Barata, da cidade de Evora.

\*  
\*

Foram eleitos socios n'esta mesma sessão os ex.<sup>mos</sup> srs. dr. Luiz José Baldy, Visconde de Correia Botelho, o abbade de Miragaya, Pedro Augusto Ferreira, o engenheiro Jacintho Parreiras e o rev.<sup>o</sup> prior de Santarem, o sr. Joaquim Eduardo Dias.

\*  
\*

O socio o sr. Zeferino Brandão offereceu para a Associação o seu ultimo e primoroso escripto, a biographia da fallecida sr.<sup>a</sup> marquezia de Thomar.

\*  
\*

O nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, tendo visto no concelho de Villa do Conde, no districto do Porto, uma remota egreja da era de 1135, em bom estado de conservação e do typo bem caracteristico da architectura d'aquella época, propoz ao Governo para ser incluída na segunda classe da classificação dos monumentos nacionaes.

\*  
\*

Vae-se vedar o terreno sobre o monte de Santa Luzia, em Vianna do Castello, no sitio em que, no mez de abril de 1876, o sr. Possidonio da Silva fez o descobrimento de remotos vestigios de construcções do tempo das tribus que habitaram o Minho, deixando em Citania de Briteiros o testemunho do desenvolvimento de sua industria. Conseguiu o nos-o digno presidente que o Governo mandasse levantar a planta, bem como traçar o caminho para se subir de trem a esse monte, obrigando-se a confraria, recentemente formada em Vianna, a construir essa estrada, bem como velar pela conservação das antiguidades ali existentes.

Folgamos de ver que já os particulares tomam interesse pelas antiguidades nacionaes, e que o Governo continua a proteger esse louvavel empenho, que fará que as outras pessoas illustradas sigam esse patriotico exemplo, o qual servirá igualmente para fazer progredir os estudos archeologicos em Portugal.

\*  
\*

### Capello e Ivens

Novamente se reuniu a assembléa geral d'esta associação no dia 5 do corrente mez de setembro a fim de deliberar sobre varios assumptos e em especial sobre o convite que lhe foi enviado pela mesa da Sociedade de Geographia de Lisboa para tomar parte na patriotica manifestação, que se projecta fazer, quando regressarem á capital os dois illustres exploradores portuguezes, srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens.

A assembléa, demonstrando por uma forma entusiastica a sua adhesão ao convite da illustrada Sociedade de Geographia, resolveu que se lhe officiasse communicando-lhe:

1.<sup>o</sup> Que uma grande commissão, composta de todos os socios que exercem cargos nas differentes secções d'esta associação, vá esperar no seu desembarque os dois valentes officiaes da marinha portugueza e dirigir-lhes, com os demais socios que quizerem aggregar-se-lhe, as mais significativas homenagens de felicitação pelos seus memorandos feitos no continente d'Africa;

2.<sup>o</sup> Que o museu do Carmo, fundado em 1863 pela nossa associação, esteja n'aquelle dia e nos tres dias immediatos patente ao publico, sendo gratuita a entrada;

3.<sup>o</sup> Que o portal do mesmo edificio se illumine vis-tosamente a gaz na noite do festejo.

\*  
\*

Estando já no prélo este numero do *Boletim*, recebemos a infausta noticia do passamento do insigne archeologo dinamarquez, o conselheiro e ministro de estado honorario Mr. J. J. A. Worsaae, vice-presidente da Sociedade dos Antiquarios do Norte, (de que o rei é presidente nato) e dignissimo socio honorario da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes. Causará doloroso sentimento no mundo scientifico a perda de tão illustrado archeologo, que, além de ter enriquecido as afamadas colleções do museu de Copenhague, alcançou celebridade pelas suas importantes publicações scientificas: sendo, portanto, o seu obito um acontecimento que deixa consternados os archeologos de todos os paizes, e para a nação dinamarqueza uma grande perda.

No seguinte numero faremos conhecer quaes foram os seus importantes trabalhos para o progresso dos estudos da archeologia, limitando-nos agora a associarmos-nos ao sentido pesar dos nossos illustrados collegas dinamarquezes.

## NECROLOGIA

Estão os nossos confrades inglezes de luto! No mez de agosto ultimo finou-se em Londres o mais afamado dos architectos da Grã-Bertanha o insigne artista Thomaz Liverton Donaldson: o benemerito fundador do Instituto Real dos Architectos Britannicos, o membro do Instituto de França, o nosso dignissimo socio honorario, o nosso muito estimado confrade e respeitado collega no Instituto de França, deixou de existir!... E' para deplorar o fallecimento de tão abalisado artista, que pelos seus importantes trabalhos architectonicos, pelas suas laureadas publicações, e pelas suas valiosas investigações archeologicas na Italia, na Grecia e no Egypto conquistou geraes elogios e distincções as mais honrosas.

As suas eruditas conferencias realisadas em Roma, Paris e Londres, nas quaes os seus vastos conhecimentos e auctorisados conceitos lhe grangearam a admiração de seus emulos e a veneração dos seus confrades, fizeram-n'o credor de louvores e consideração. A sua excessiva actividade empregada no estudo dos modelos classicos da sua profissão, os descobrimentos architectonicos e archeologicos colhidos pela sua constante perseverança, emprehendendo repetidas viagens para se certificar dos preceitos que ainda estavam occultos á penetração dos artistas seus antecessores nos estudos minuciosos dos templos gregos, e que a sua aturada attenção e perspicacia descobriu e explicou, fizeram-lhe alcançar merecida fama e occupar entre os seus pares o logar mais superior. Já depois de avançada idade escrevia elle, dando-me parte de ter novamente visitado os monumentos antigos da Grecia, e de ter subido, pela segunda vez, ao cimo da grande pyramyde do Egypto! Era para surprehender uma tão aturada dedicação aos estudos classicos da sua arte, em quem já os possuia tão subidamente em todos elles!

As suas multiplicadas publicações de summa importancia artistica, patenteando o seu saber e experiencia, faziam sobressair o seu real merecimento, augmentavam-lhe ainda mais o seu reconhecido credito de insigne architecto e de esclarecido artista, em que primava a sua erudita intelligencia e o criterio mais profundo e illustrado.

Nas questões d'arte, era sempre o preferido para esclarecer e resolver; e tal era a sua reputação, não só da sua superior sabedoria, como do seu respeitavel character e imparcialidade, que mesmo os artistas, a quem a sua opinião fosse contraria, prestavam-lhe veneração e acatamento; pois não duvidavam do seu saber nem da sua equidade. Quando no mundo se soffre a perda de um raro talento e de um insigne artista, esse sentimento é mais pungente para os seus admiradores e para os seus confrades; porque a Providencia, não sendo prodiga em crear grandes vultos artisticos dotados de extraordinaria intelligencia e de raro talento, torna-se, por esta razão o nosso pezar muito maior, pois sentimos que um vacuo se formou na nossa classe, e não é facil achar de prompto quem possa supprir um talento superior, um artista consummado.

Dos architectos civis que se distinguem por tão singulares titulos, não são seus illustrados nomes olvidados no mundo, e não precisam que a patria lhes erija monumentos para perpetuar a fama do seu talento, como são obrigadas as nações a levantar estatuas aos varões que por assignalados serviços nas armas, nas letras ou nas sciencias mereçam esse distincto tributo de admiração publica, aos eminentes architectos fica-lhes reservada essa [subida distincção nas suas proprias e importantes edificações que delinearão e dirigiram com superior intelligencia, como sendo mais de um monumento para conservar aos vindouros a recordação do seu glorioso nome, estando patente nas superiores obras devidas ao seu incontestavel merecimento. Que melhor e ostentoso monumento se poderia erigir-lhes a par das portentosas edificações creadas pelo seu sublime engenho e mestria! Do insigne artista Donaldson não pode olvidar-se o nome, pois no seu paiz existem testemunhas incontestaveis de sua merecida reputação, e esse glorioso galardão será para a nação Britannica mais um titulo para ufanar-se de ter sido a patria de tão famigerado architecto.

Prestando esta homenagem á memoria do meu chorado confrade e collega Mr. Donaldson, cumpro um dever de estima e veneração, na minha qualidade de mais antigo membro honorario do Real Instituto dos Architectos Britannicos, além de ter sido tambem meu insigne collega no Instituto de França e haver fundado na sua patria, como eu fundei na minha, a Associação dos Architectos Civis. Tudo isto eram motivos de sobra para eu não me eximir de demonstrar o meu doloroso sentimento pelo seu obito, e render a merecida admiração á immortal fama do seu celebre e venerado nome.

J. P. N. DA SILVA.

# BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCCÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

### SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — Relatorio do seu Presidente o sr. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA. — Elogios historicos : do general João MARIA FEIJÓ, pelo sr. general A. PEDRO D'AZEVEDO, Presidente da 2.ª secção ; de FRANCISCO JOSÉ D'ALMEIDA, pelo sr. conselheiro JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO ; do dr. AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, pelo sr. visconde de Alemquer ; e do architecto LUCAS JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA, pelo sr. BRITO ARANHA ..... Pag. 177 a 188

#### SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Monographia. — Descrição da igreja de S. Christovão de Rio Mau no concelho de Villa do Conde (conclusão), pelo rev. Padre ANTONIO DOMINGUES FERREIRA ..... 188

#### SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

A proposito das mumias americanas expostas no museu do Carmo, pelo sr. Dr. BALDY..... 190  
Archeologia prehistorica. — (Continuado do n.º 9), pelo sr. J. P. N. DA SILVA..... 191

Sessão solemne da Real Associação  
dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
em 20 de setembro de 1885

Sob a presidencia de S. A. o Principe Real o Senhor D. Carlos, teve lugar esta sessão solemne á 1 hora da tarde, como estava annunciado.

Sua Alteza occupou a cadeira de espaldar que lhe estava reservada, tendo á esquerda o sr. tenente coronel Novaes de Sequeira, seu ajudante de serviço.

No estrado abaixo, tomaram assento o presidente effectivo o sr. Possidonio da Silva, tendo á direita o secretario, sr. visconde de Sanches de Baena, e á esquerda o outro secretario, sr. visconde d'Alemquer.

Depois da leitura do relatorio pelo sr. presidente e da acta pelo respectivo secretario, foram pela seguinte ordem recitados os elogios historicos dos socios fallecidos :

O do general conselheiro João Maria Feijó, pelo sr. general Antonio Pedro de Azevedo ;

O de Francisco José d'Almeida, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, que sensibilizou muito a assembléa pelas sentidas e eloquentes palavras que proferiu ;

O do archeologo dr. Augusto Filippe Simões, pelo sr. visconde de Alemquer ;

O do architecto Lucas José dos Santos Pereira, pelo sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Todos os discursos foram ouvidos com attenção e agrado.

Na occasião da leitura foram corridas as faxas de seda verde que occultavam os quadros a oleo com os retratos dos quatro socios, que pelos seus meritos e serviços eram tão honrosa e solememente commemorados. Notavam-se sobre os quadros as medalhas com que tinham sido laureados por esta Associação.

Procedeu-se em seguida á distribuição dos premios e diplomas aos socios que, pelas suas publicações e concursos de historia, architectura e archeologia, a Associação julgou dignos de menção e premio.

O sr. secretario visconde de Sanches de Baena lia a relação dos nomes dos premiados, o sr. presidente entregava as medalhas e os diplomas ao Principe, e Sua Alteza dava-os por sua mão aos laureados. Receberam os premios que lhes competiam : os srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, e Manuel Maria Rodrigues ; o sr. presidente, para o sr. Dom Rodrigo Amador de los Rios (por estar em Madrid) ; o sr. visconde d'Alemquer, para o sr. visconde de Castilho (que não pôde comparecer por doença) ; e o academico sr. Zephyrino Brandão, para o sr. Antonio Francisco Barata (ausente em Evora).

Com esta entrega findou a sessão, retirando-se o Principe Senhor D. Carlos. Sua Alteza foi acompanhado até á carruagem pelos membros da mesa da Associação dos Architectos e por todos os socios

presentes, que tinham ido igualmente esperal-o á sua entrada no museu.

Assistiram á sessão representantes da familia Feijóo e da de Francisco José d'Almeida.

O sr. general Moreira offereceu a banda da guarda municipal, que executou algumas peças de musica, dentro do monumental edificio do Carmo, durante esta festiva solemnidade.

Relatorio da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
apresentado pelo presidente, sr. J. Possidonio N. da Silva

Senhor. Senhoras e Senhores :

Não está distante o dia em que esta *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* marcará nos seus annaes o vigesimo quinto anno, isto é, o primeiro quarto de seculo da sua existencia ! E posto que seja ainda recente a data de sua fundação, todavia não deixaram de ser proficuos os constantes esforços para se dar proveitoso impulso aos estudos artisticos e archeologicos em nosso paiz, como passo a provar com a recapitulação de seus trabalhos, que tenho a honra de apresentar a esta assembléa.

Os seus fundadores foram sómente 9 architectos portuguezes, mas têm adherido a esta Associação 264 socios nacionaes, que a têm coadjuvado nos seus trabalhos, e concorrido para alcançarmos, nas Exposições Universaes e Internacionaes, medalhas, tanto na cidade do Porto em 1865, como em Paris em 1867, e na de Philadelphia em 1876, augmentando assim o bom credito, tanto no paiz como fóra d'elle, e enraizando as sympathias dos que amam todos os progressos artisticos e scientificos.

Coube-lhe tambem a satisfação de laurear com medalhas de prata a 9 de seus socios, e a tres outros, com medalhas de cobre, pelos trabalhos de suas importantes publicações sobre architeclura civil, archeologia e numismatica.

Teve a louvavel lembrança de formar uma galleria com 13 retratos, a oleo, dos distinctos architectos nacionaes que se distinguiram na sua nobre profissão, e de outros retratos tirados em photographia, pertencentes aos mais insignes confrades architectos e archeologos estrangeiros, nossos socios honorarios.

Havendo desejado igualmente desenvolver em Portugal os estudos da architectura e da archeologia, fundou um boletim para as publicações artisticas e archeologicas, sendo a unica d'este genero que se tem publicado no nosso paiz, e tambem abriu concursos publicos entre os nacionaes sobre os mesmos estudos, e teve a satisfação de laurear os concorrentes por suas importantes memorias.

A publicação do seu boletim consta até ao presente de cinco tomos, um em folio e quatro em 4.º,

compondo-se de 57 numeros com 44 estampas e 26 photographias.

Tem promovido n'este Museu quatro exposições publicas n'esse mesmo periodo e principalmente uma de notavel apreço, pois que tambem é a unica no seu genero que se realisou em o nosso paiz.

Tomou sempre o maior empenho em divulgar em Portugal os conhecimentos que respeitam aos fins do seu Instituto, distribuindo generosamente pelas escolas municipaes do reino 462 exemplares do seu boletim com 248 estampas e photographias,

E, finalmente, para se divulgarem os estudos archeologicos, viu com a mais profunda alegria que Sua Alteza O Principe Real O Senhor D. Carlos se dignára de auxiliar a fundação de um curso elementar de archeologia n'esta Associação, o qual foi inaugurado no mez de Maio d'este anno com 32 estudantes; destinando Sua Alteza avultados premios, para serem conferidos aos mais distinctos. É uma das maiores glorias que podemos registrar com ufania.

Esta Real Associação já recebeu a Honra de ter como Protector e Presidente perpetuo Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Fernando, que repetidas vezes tem manifestado o quanto preza os nossos trabalhos, vindo com a sua Augusta Presença conferir os premios e dar louvores aos nossos socios laureados. Agora recebemos n'esta solemne sessão a distincta honra de sermos presididos pelo Seu prezadissimo Neto O Principe Senhor D. Carlos, a Quem Sua Magestade houve por bem transferir os Seus Poderes e Direitos, n'esta assembléa, porque um incommodo de saude O priva de Lhe expressarmos aqui de novo o jubilo que teriamos em a presença do nosso Augusto Protector e de Lhe apresentarmos as nossas homenagens.

Sua Alteza, seguindo o nobre exemplo do Illustrado Rei Artista, quiz tambem bizarramente proteger o nosso Instituto afim de que fosse ainda mais util ao paiz, derramando no publico a instrucção e os conhecimentos archeologicos, que estavam descurados entre nós; portanto, foi sobremaneira honroso e lisongeiro para esta Real Associação ter recebido tão auspiciosas protecções, porque, não sómente accrescentam por modo notavel a consideração de que gosamos, mas patenteam igualmente, que os seus perseverantes esforços e sacrificios em prestar este serviço á sua patria, sem haver nenhum outro alvo, nenhuma outra ambição, mais do que concorrer para augmentar o credito e a illustração nacional, mereceram tão subidas e honrosas distincções da parte de dois tão Illustrados Principes.

Se o nome d'esta Associação não póde ainda elevar-se, nem ser comparado á fama adquirida por outras mais antigas e muito mais illustradas sociedades de Portugal, não deixará comtudo a menor duvida de que ella está animada e decidida a imitar

os exemplos dados pelas sociedades mais cultas, contribuindo para que a sciencia archeologica tenha em Portugal o desenvolvimento que deve ter, afim de que não seja notada por mais tempo a falta d'este ensino.

Hoje mesmo, Senhores, vamos ter novamente a satisfação de ver coroadas obras de grande merecimento, dos socios os srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, Visconde de Castilho, D. Rodrigo Amador de los Rios, Manuel Maria Rodrigues e Antonio Francisco Barata, cabendo a honra ao nosso Instituto de os galardoar com os principaes premios de que dispõe, dando-lhes um testemunho publico de apreço e de quanto se vangloria de os ter n'esta Associação, registando com ufania que elles recebiam os premios do Augusto Principe, o que Sua Alteza Real fará com o maior contentamento, porque é sabido que, como Seus Illustres e Preclaros Ascendentes, se compraz em galardoar o saber e o merito.

Não é sómente aos triumphos litterarios e scientificos dos nossos consocios, que este Real Instituto se associa jubiloso; vem tambem cumprir outro dever de consideração, commemorando igualmente os trabalhos intellectuaes e serviços scientificos dos seus socios, que se finaram, inaugurando-lhes n'esta sessão solemne os retratos, e ouvindo a leitura dos seus elogios historicos, os quaes recordarão as suas nobres qualidades, o seu saber e os importantes serviços que elles prestaram á Sciencia e ás Bellas-Artes, pelo que mereceram essa subida distincção. São, portanto, hoje inaugurados os retratos dos socios fallecidos, os srs. Conselheiro João Maria Feijóo, Dr. Augusto Philippe Simões, o architecto Lucas José dos Santos Pereira, e Francisco José d'Almeida.

Era do meu dever, não só por occupar ainda este lugar, devido unicamente á benevolencia dos meus estimados consocios, levantar um *brado* de admiração e grato reconhecimento a Sua Alteza Real pela honra que nos concedeu com a Sua Presença n'esta Assembléa, igualmente pela Sua Augusta Protecção, para que a instrucção publica nacional ficasse ao par das outras nações mais cultas; portanto, em nome de todos os socios d'esta Real Associação, dos estudantes do curso elementar de archeologia, e do seu humilde representante, Digne-Se Vossa Alteza receber os protestos da nossa respeitosa veneração e do nosso mais profundo reconhecimento.

Disse.

#### Elogio historico do general João Maria Feijóo

Cabe-me a honra, Augusto Principe e Senhores, de fallar-vos de um nosso venerando consocio, que após vida longa e trabalhosa, descança ha pouco mais de um anno na paz inquebrantavel do sepulchro. Se o nome de João Maria Feijóo não pode equiparar-se

ao de Luiz Serrão Pimentel, de Manuel d'Azevedo Fortes, de Manuel da Maya, de José Maria das Neves Costa, e de outros preclaros talentos de que tanta gloria resulta para a engenharia portugueza, não deve comtudo ser votado ao esquecimento sem gravissima injustiça. Honrando, pois, o antigo vice-presidente d'esta agremiação, não praticamos simplesmente um acto de deferencia para com o cavalleiro, cuja affabilidade tanto nos penhorou; damos o merecido preito a quem por um trabalho indefesso e atilado conseguiu ascender a elevada posição social, desempenhando durante a sua diuturna carreira muitas e importantes commissões.

Em 24 de Junho de 1801 nasceu em Belem João Maria Feijóo, filho de Antonio Bento Feijóo. Depois de ser alumno distincto da academia real de marinha, alistou-se n'esta arma como aspirante a piloto em 1827, e dois annos depois abandonou esta carreira afim de se consagrar ao ensino de desenho e architectura civil na antiga Aula Regia, vulgo do convento dos Caetanos, para que fora nomeado professor. Vem talvez a pello dizer-se que o seu antecessor e mestre, Germano Antonio Xavier de Magalhães, tinha sido por muitos annos substituto do notavel architecto José da Costa e Silva, cujo retrato se acha tambem n'esta sala.

Com a regencia da cadeira accumulou Feijóo a frequencia da academia real de fortificação, artilharia e desenho, e completou o curso então exigido para officiaes de engenharia.

No quarto anno d'aquelle estabelecimento de instrucção superior, estudavam-se com desenvolvimento, segundo o artigo 2.º da Carta da Lei de 12 de Janeiro de 1790, a architectura civil, o corte das pedras e madeiras, o orçamento dos edificios e tudo o mais que fosse relativo ao conhecimento dos materiaes, que entram na sua composição, a architectura das pontes, etc. Aos conhecimentos, pois, que o nosso consocio grangeára á custa do proprio estudo, e que ministrava aos seus alumnos na escola dos Caetanos, reuniu os que recebeu de outros mestres.

Depois que a divisão do duque da Terceira, tendo atravessado as provincias do sul do reino, veiu entrar victoriosa em Lisboa a 24 de Julho de 1833, João Maria Feijóo apresentou-se ás auctoridades liberaes com outros academicos seus collegas, e assentou praça no 1.º batalhão nacional movel a 5 d'Agosto, e foi legalmente nomeado professor substituto d'architectura civil a 29 do dito mez, obtendo logo depois a propriedade em 20 de Dezembro na referida aula dos Caetanos.

Empregado nas Linhas de defeza da capital, correu para a feitura da bella carta topographica levantada debaixo da direcção do coronel J. Dionisio da Serra.

Tendo adquirido, como dissemos, as necessarias habilitações, entrou o nosso biographado no real corpo d'engenheiros como 2.º tenente a 26 de Março de 1834, sendo-lhe mais tarde contado o alistamento desde a occasião em que sentára praça de voluntario, o que foi indubitavelmente um acto de justiça.

Restabelecida a paz, e recomeçando a funcionar com regularidade os nossos estabelecimentos de instrucção, vamos encontrar o 2.º tenente Feijóo, não obstante ser já professor da aula publica d'architectura civil, commissionado no ensino da academia de fortificação, artilheria e desenho por portaria de 16 de Outubro de 1834, lente substituto extraordinario de desenho por decreto de 29 d'Agosto de 1835, lente substituto das materias theoreticas por decreto de 30 de Setembro de 1836, e afinal passou em 4 de Fevereiro de 1837 para a escola do exercito que se acabava de crear, sendo-lhe dado o logar de lente proprietario da 5.ª cadeira.

Cumpre-me agora fallar de uma das mais espinhosas commissões, que o nosso esclarecido consocio desempenhou, e que lhe valeu alguns dissabores, a despeito da intelligencia e boa vontade por elle empregadas. Refiro-me á inspecção dos incendios, de que Feijóo foi encarregado em meados de 1836.

Eram poucos os recursos empregados e mau o systema adoptado n'este serviço, antes do definitivo estabelecimento do regimen liberal.

A primeira Camara Municipal Lisbonense eleita depois de 1834, quiz remediar os inconvenientes resultantes de tal estado de cousas e, depois de dois outros engenheiros, proveu no cargo de inspector dos fogos o tenente João Maria Feijóo, sem esperar pela acquiescencia do governo. Realisou-se esta nomeação em Maio de 1836, e não em 1842, como por engano vi escripto ha pouco tempo.

Não se tinham passado dois mezes depois da nomeação, quando rompeu a 14 de Julho no palacio do thesouro publico, antes séde da Inquisição de Lisboa, um dos mais pavorosos incendios que tem havido na nossa capital.

O fogo começou a lavrar no corpo central do palacio do Rocio, assente onde hoje está construido o theatro da Senhora D. Maria II de saudosa recordação; passou com furia indomita ao resto do edificio, de que deixou apenas de pé as paredes, e as abobadas do andar terreo, realisando em poucas horas a sua obra de destruição.

Não se sabe porque, talvez por causa de se não ter podido atalhar o incendio, estavam os animos do pessoal empregado no Thesouro exaltados contra o 2.º tenente Feijóo, tendo por isso o governador civil de Lisboa que entregar ao coronel d'engenheiros Euzebio Candido Cordeiro Pinheiro Fur-

tado a direcção do serviço da extincção d'aquelle fogo. Foi este mesmo official que desaggravou o nosso consocio, escrevendo as seguintes palavras no relatorio que endereçou ao ministro da fazenda José da Silva Carvalho. « Eu seria injusto se com «o meu silencio deixasse acreditar as faltas attribuidas ao tenente Feijóo, director dos incendios. «Para o justificar quanto ao mau estado das bombas, e machinas da sua competencia, e bem assim do frouxo serviço dos aguadeiros, basta lembrar que poucos dias ha que elle se acha á frente d'esta repartição. Emquanto ao zelo e incançavel actividade que constantemente desenvolveu nos «dois dias em que concorremos, elle se mostrou habilitado e digno de ser melhor conceituado.»

Eis desfeitas as infundadas accusações dirigidas ao tenente Feijóo, que alguém pretendia tornar responsavel por faltas, que não eram d'elle, e que só se remediarão muitos annos mais tarde, apezar das repetidas queixas apresentadas, segundo nos consta, pelo nosso consocio á repartição competente.

Serviço importante se lhe deveu tambem por occasião de rebentar em 1 de agosto de 1841 um incendio voracissimo n'um vasto edificio situado na rua do Thesouro Velho, perto da rua do Ferregial de Cima. O vento forte que soprou durante o dia deu extraordinario incremento ao fogo, que só á custa de muita pericia e denodo pôde ser atalhado, e não passou aos edificios proximos.

Em mais dois grandes incendios prestou bons serviços o official cuja vida historiamos: no do antigo Collegio dos Nobres, e no da Magdalena, de tão medonha recordação.

Aquelle bello edificio, onde ao tempo do sinistro funcionavam as escolas polytechnica e do exercito, foi quasi completamente destruido pelo fogo, concorrendo tambem para este resultado uma fortissima ventania. O *Diario do Governo* de 24 d'abril de 1843 fallando do triste acontecimento occorrido na antevespera, diz a respeito do nosso illustre consocio Feijóo «O inspector dos incendios vimol-o apparecer em toda a parte, quanto humanamente é possivel, e tão depressa se achava dando ordens no meio da rua, como estava dirigindo os trabalhos sobre os telhados abrazados.»

O effeito causado em Lisboa pela pavorosa tragedia da Magdalena, em que não menos de dezoito pessoas morreram nas chammias, foi indizivel. O inspector Feijóo buscou remediar as deficiencias que principalmente se notavam no material então empregado na extincção dos fogos. Sabendo elle que muitas pessoas se queriam munir de mangueiras de salvação, avisou immediatamente o publico de que ficava patente um d'estes apparatus pertencente ao trem dos incendios, afim de servir de modelo aos que os particulares quizessem mandar fabricar. Pouco depois

a camara appellava para os habitantes do municipio, incitando a que qualquer, que tivesse imaginado algum mecanismo util para serviço dos fogos, quizesse fazer a competente declaração.

Depois de um prolongado conflicto levantado entre o engenheiro-inspector e a Camara Municipal Lisbonense, conflicto que julgamos ocioso narrar, deixou João Maria Feijóo aquelle serviço para de novo se entregar ao magisterio. O governo, depois que a camara exonerou o nosso consocio do logar de inspector, nomeou-o para uma comissão encarregada de estudar os melhoramentos que introduzir no serviço de extincção dos incendios, e juntou a esta outra satisfação ao illustre engenheiro, enviando aos administradores do municipio em 27 de fevereiro de 1832 uma portaria, na qual se diz que as arguições por elles feitas a Feijóo, visto serem apenas baseadas em supposições, não podiam ferir de maneira alguma o caracter e honra d'aquelle funcionario e que deviam considerar-se como se não houvessem existido.

Tratando-se, primeiro em 1836 e depois em 1834, de procurar na igreja do convento de S.<sup>ta</sup> Anna os ossos do grande cantor das glorias portuguezas, pertenceu o nosso consocio ás comissões a que competiu esta importante investigação, e trabalhou muito para se alcançar o fim proposto.

Fez parte igualmente da comissão encarregada de organizar os estatutos da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e do jury que escolheu o projecto para a construcção do theatro de D. Maria II. Tambem foi membro da comissão que tratou da crecção do monumento ao Senhor D. Pedro IV.

Entre os serviços militares para que foi escolhido, citaremos: o de dirigir as obras necessarias no edificio da Luz, para ali se estabelecer de novo o collegio militar, que estivera 15 annos em Rilhafolles e Mafra; a direcção dos trabalhos do dique do arsenal da marinha, a reforma dos estudos do collegio militar, etc. etc.

Devemos agora especialisar o honroso encargo com que ao nosso companheiro distinguui o nobre marquez de Sá da Bandeira, illustre ministro que sabia apreciar os homens de bem, e reconhecer e aproveitar em cada qual o seu merecimento. Escolhido pelo venerando estadista, projectou e dirigiu o engenheiro Feijóo as obras do quartel de Campolide, um dos poucos edificios construidos no nosso paiz expressamente para habitação de tropas, e que é hoje de certo o mais completo do seu genero.

Na obra de Campolide foi pela primeira vez usada uma excellente variedade de telha, inventada pelo engenheiro Feijóo, e que d'elle recebeu o nome.

Proseguindo sempre na nobre profissão de lente, em quanto desempenhou estas multiplices comissões, foi agraciado com o terço do ordenado em 1833, e nomeado lente da 7.<sup>a</sup> cadeira da escola do exer-

cito, quando, em 1863, se reorganizou este instituto de instrucção. Pouco tempo depois era jubilado com o terço do vencimento, e feito director de estudos das sciencias de construcção.

Se consultarmos agora a historia da nossa associação, encontramos o nome de João Maria Feijóo entre os dos socios que a fundaram em 14 de dezembro de 1863. Vemos tambem o nosso confrade occupar o cargo de presidente nos annos de 1867 e de 1868, e o de vice-presidente no resto do tempo. Em 1877 apresentou elle uma notavel memoria ácerca da construcção primitiva das abobadas do monumento de Alcobaca, pelo que foi laureado com uma medalha de prata, por voto da assembléa geral.

Muitas e elevadas distincções premiaram tão longos e importantes serviços. O general Feijóo era academico de merito da Academia real de bellas artes e tinha o titulo de conselho de Sua Magestade, as commendas da ordem de Christo, e de S. Thiago, o habito de S. Bento d'Aviz, e a medalha das campanhas da liberdade, algarismo 2.

Durante a sua carreira militar que finalisou com a reforma em general de divisão, que elle pediu, e que lhe foi concedida em 12 de março de 1884, ganhou direito ás medalhas de ouro de comportamento exemplar e de bons serviços. Não as pediu, porém, talvez por entender que essas recompensas deveriam antes ser concedidas espontaneamente, do que requeridas pelos officiaes que as mereceram, e que, pedindo-as, apoucam de algum modo os sentimentos a que obedeceram ao conquistal-as, isto é, o brio e a consciencia do dever.

É possivel que João Maria Feijóo, cuja vida acabamos de esboçar com tão pouca arte, pensasse como o grande epico portuguez, que taes galardões

«Verdadeiro valor não dão á gente

e que

«Melhor é merecel-os sem os ter

«Que possuil-os sem os merecer.»

Tenho dito.

ANTONIO PEDRO D'AZEVEDO.

Presidente da 2.<sup>a</sup> secção

#### Elogio historico de Francisco José d'Almeida

Muito sentimos não poder reproduzir n'este logar o brilhante discurso em que o nosso venerando consocio sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro exaltou com os primores da sua phrase os meritos e serviços d'aquelle nosso fallecido collega. A assembléa applaudiu, possuida de enthusiasmo, o eloquente improvisado de s. ex.<sup>a</sup> Em seguida transcrevemos os apontamentos que conseguimos obter:

O sr. Francisco José d'Almeida foi um dos socios mais assiduos e zelosos da Real Associação dos

Architectos e Archeologos Portuguezes. Frequentar as sessões, e sujeitar-se facil e de bom grado aos encargos diversos, ordinarios e extraordinarios; diligenciar, solicito o desempenho dos deveres mais arduos; esforçar-se por ser prestavel á Associação ou a cada um dos seus consocios: eis a norma invariavel do seu procedimento, desde que recebeu o competente diploma até ao ultimo termo da vida.

Alguns notaveis escriptos seus estão publicados no *Boletim* da Associação, verdadeiramente merecedores de attenção e de apreço, não só de nacionaes, mas tambem de estrangeiros, entre os quaes devo mencionar o nobre conde de Marsy, distincto archeologo francez, e eximio prezador dos estudos historicos e das bellas artes.

Tambem nos dominios das letras deu o sr. Francisco José d'Almeida demonstrações de louvavel applicação. Os *Apontamentos da vida d'um homem obscuro escriptos por elle mesmo*, contêm a noticia d'alguns factos interessantes da nossa historia politica dos annos de 1833 a 1839.

Collaborou efficazmente para uma publicação de grande utilidade para os estrangeiros que visitam o nosso paiz, e até para nacionaes. Tem essa publicação o titulo de *Guia de Portugal*.

Nas sciencias deu egualmente testemunho honroso de proficiencia, fazendo prelecções, muito concorridas e applaudidas, sobre a chimica applicada aos usos domesticos, — além de ser o director d'um estabelecimento de productos chimicos.

Contribuem para sua gloria os relevantes serviços á *Escola Asylo de S. Pedro em Alcantara*, ao *Albergue dos Invalidos do Trabalho*; e não menos os cuidados que lhe mereceu a instrucção da infancia desvalida.

Compoz um tratado sobre a *Heraldica*. O manuscrito pára nas mãos do nobre visconde de Sanches de Baena, e tanto basta para se conceber a esperanza de que virá a ser impresso, depois de receber a ultima lima de tão acreditado sabedor.

Eis-aqui, em resumidos termos, a singela indicação do merecimento do homem, cujo retrato é hoje inaugurado n'esta sala.

Para o elogio de Francisco José d'Almeida faltam adornos oratorios, e os outros desenvolvimentos que a estreiteza do tempo não permittiu.

Felizmente, existe no *Boletim* d'esta Associação, n.º 8 do anno de 1881, um bem elaborado e amplo panegyrico do citado socio, que não só suppre, mas torna desnecessario este imperfeito apontamento.

O socio

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## Elogio historico do doutor Augusto Filippe Simões

Meu Senhor. — Senhores. — Não tomeis por um elogio academico as palavras que ides ouvir.

Um elogio academico é como um monumento levantado á memoria de um finado illustre. Que outros mais habeis aprumem as columnas, rendilhem as arcarias, assentem os marmores: eu venho apenas, como o pobre puritano de Walter Scott, que andava avivando as inscrições obliteradas de seus martyres, eu venho apenas relembrar um nome, fazer uma saudação, apontar os marcos milliaros de uma vida indefessa e proveitosa.

Augusto Filippe Simões, filho de Manuel Simões Cardoso, e de D. Constança Jesuina de Paula Cardoso, nasceu em Coimbra, a 18 de Junho de 1835, na sua casa da rua das Covas.

Seis annos depois já fazia com a desventura contrato d'apprendizagem; morria-lhe o pai de morte desgraçada e triste, servindo-lhe de sepulchro as aguas do Mondego.

Os primordios da sua educação intellectual e moral deveu-os pois a sua mãe, que, enquanto viva, lhe foi preceito, exemplo e guia.

Aos quinze annos terminava Filippe Simões os seus estudos preparatorios com marcado aproveitamento; aos vinte era bacharel formado em philosophia; aos vinte e cinco concluiu a sua formatura em medicina.

Já por esse tempo se tinha estreiado em folhas periodicas, com trabalhos de investigação e critica onde transpareciam em germen as altas concepções, que um dia, maturado o talento pela experiencia, deviam emergir de seus escriptos.

Nomeado a pouco trecho facultativo municipal da Villa de Goes, lá se partia com o coração virgem de affectos que não fossem os do estudo; mas a sciencia nem sempre é invulneravel, e não raro vincou a natureza no coração dos sabios o talão de Achilles. Foi providente a natureza. O talento sem affectos, diz um elegante escriptor dos nossos dias, é como as mattas umbrosas e virginaes do novo mundo, onde tudo quanto ha de grande e magestoso no Universo se perde e se desbota na perpetua solidão. A mythologia hellenica, no seu Apollo varonil, significou a energia do pensamento; deu lhe porém nas musas delicadas um cortejo de mulheres.

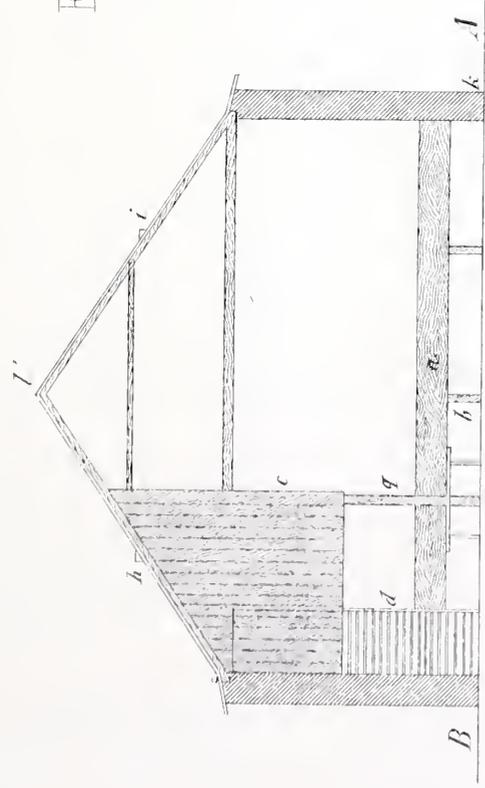
Na Villa de Goes, havia uma dama tão celebrada pelas prendas do seu espirito, como pelos enlevos da sua candura singular.

Estava no florir da juventude.

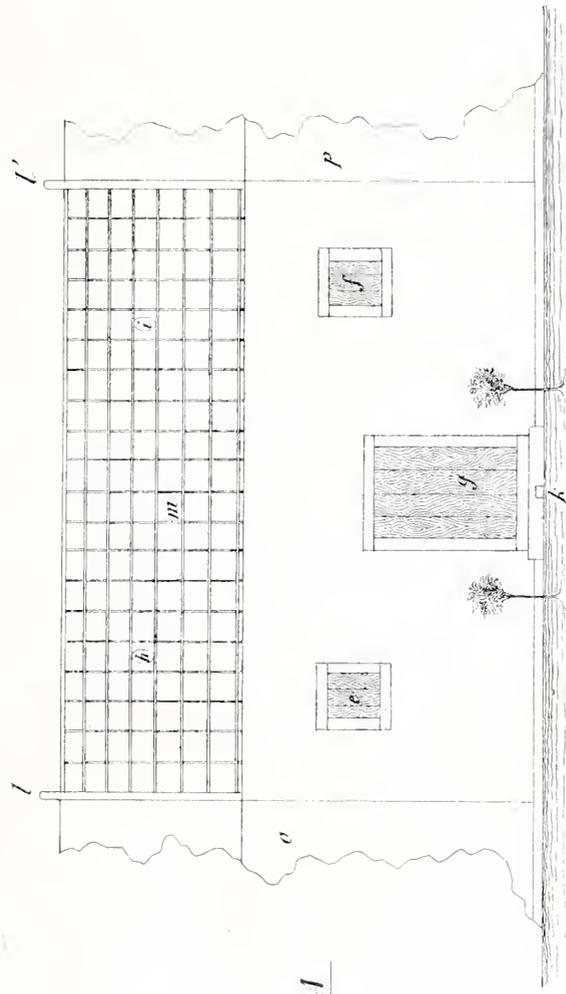
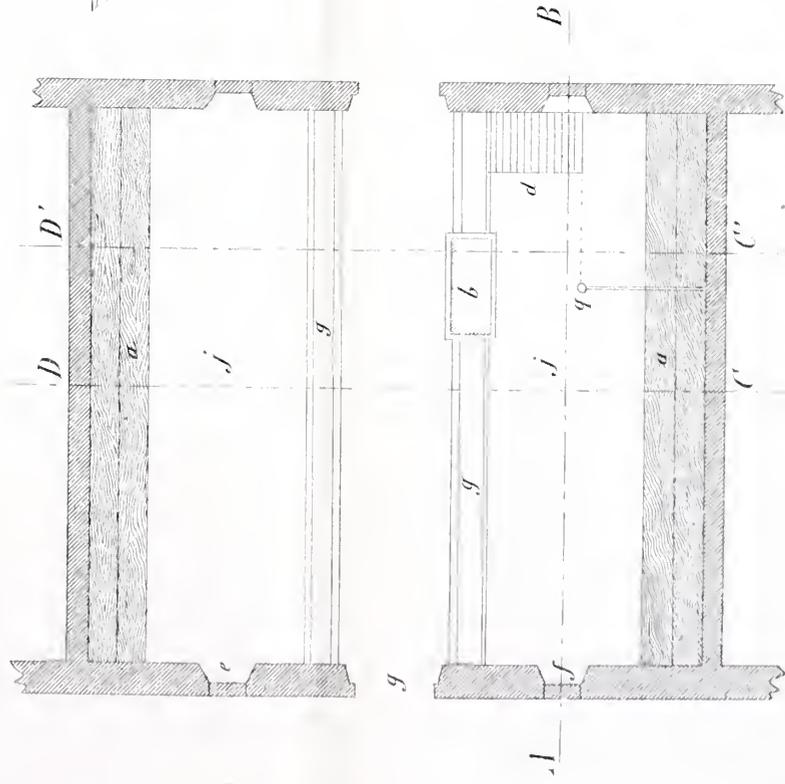
Ficou de suas graças mais prendido e namorado o clinico juvenil, do que de quantas maravilhas havia devassado nos penetraes da sciencia. Amou e foi amado. Mas á figura gentil da fidalga e cubiçada noiva tinham os preconceitos sociaes anteposto uma

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

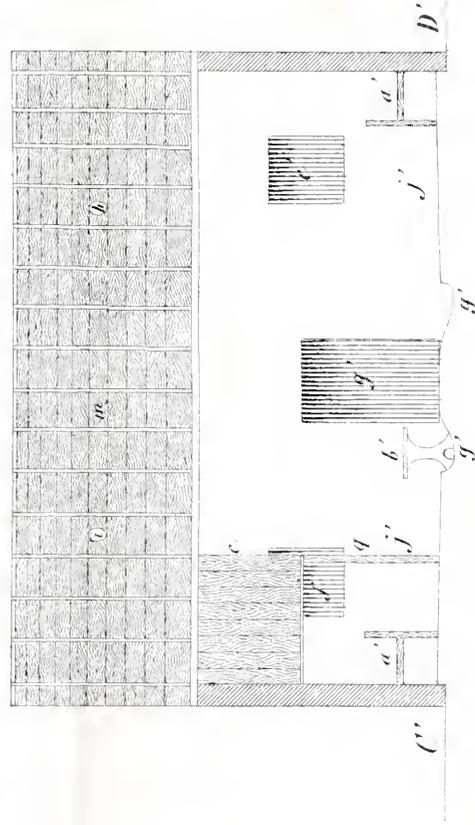
Estampa 58



Corte sobre a linha A. B. da planta.



Fachada do lado sul.





barreira indefinidamente insuperavel. Pediu e foi recusado. Só dois annos mais tarde, já então na cidade d'Evora, é que um acontecimento doloroso lhe permittiu realisar um sonho, que durou . . . o que duram os sonhos. Poucos mezes eram corridos, e finava-se D. Philomena de Figueiredo Barata Simões. A Providencia, dir-se-hia, tinha-lhe concedido a esposa para que elle antevisse o paraizo; tinha-lh'a roubado, para que elle o merecesse.

Rasgou-se-lhe profundamente o coração, e da profundeza da sua dor só brotara uma idéa, um desejo, um anhelos: a sciencia. Ia ensina-la a seus discipulos, ia estuda-la nas fontes que lhe asava a occasião.

Professor no Lyceu d'Evora, foi em seguida e cumulativamente nomeado bibliothecario da bibliotheca publica, e adia a herança de Rivara e Raphael de Lemos. Era perigoso o legado, arriscado o confronto. Philippe Simões estreia-se por um notabilissimo relatorio ao ministro do Reino, e lucha sem desvantagem com a honrada memoria de seus antecessores.

Mas os encargos officiaes não o divertiam das outras provincias do saber, alheias áquellas que elle professava, nem o demoviam de seus propositos scientificos. Datam do seu estadio em Evora as cartas á beiramar, e as reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal.

Nas cartas, sentindo a natureza, sem a despedaçar pela experiencia, nem a despoetisar pela regrada applicação da analyse, e da geometria, vac o auctor descrevendo, á luz vivissima do seu talento, as maravilhas do oceano e os seus habitantes, da esponja ao polypo, do cetaceo ao mollusco, e por vezes paga ao Creador, em phrases encarecidas, o preito da sua admiração. E' que a sciencia não é a blasphemia de Deus, mas o commentario progressivo das suas creações.

Nas reliquias, achava-se Philippe Simões no thema predilecto dos seus labores litterarios. Assim como o grande naturalista francez, por simples fragmentos de uma ossada antediluviana, ia reconstruir o mastodonte e o megaterio, descortinando as creações primitivas de uma fauna gigantêa, assim o nosso illustre archeologo, por um pedaço d'entablamento, um fuste derrocado, um capitel carcomido, se comprazia em reedificar o templo, restaurar a basilica, recompor o amphitheatro. Era a Velha Liberalitas Julia talhada de molde para servir de pasto ás suas lucubrações. As reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal são um notavel e erudito trabalho, verdadeiro barometro por onde se pode aferir a indole investigadora de seu auctor, e que por si só bastariam para dar nome a quem não tivesse outro brasão.

Entresachados com estes trabalhos, publicava o nosso biographado alguns artigos vigorosos de po-

lemica scientifica, começava um romance historico que deixou por concluir, e com solidos fundamentos reivindicava para Portugal a invenção dos aerostatos. A paixão do estudo, e os trabalhos de investigação, não lhe entibiavam o patriotismo.

Nomeado em 1871 presidente da commissão administradora da Misericordia d'Evora, apresentou ao governador civil um extenso relatorio, em que atravez da modestia do seu auctor transpareciam os relevantes serviços com que levantou aquelle estabelecimento. Foi o relatorio o ultimo trabalho que deu á estampa na cidade transtagana.

Em 1872 já o vemos caminho de Coimbra, apertado pelo seu dilecto amigo, o mallogrado Vieira de Meirelles, com quem desde verdes annos o estreitavam laços de purissima amizade. Resolvera-se Philippe Simões a doutorar-se em medicina. Antolhava-se-lhe ingresso prompto na faculdade, pela jubilação provavel de antigos cathedraticos. Em 21 de Junho d'aquelle anno escrevia para o seu acto de licenciatura a dissertação: «A contractibilidade e a excitabilidade motriz». A breve trecho vinha a lume a dissertação inaugural sobre os erros e preconceitos da educação physica, e tomava capello no mesmo anno. Em principio de 1873 concorria ao magisterio, era provido n'uma substituição, e dez annos mais tarde, promovido a cathedratico.

Continuemos a fazer simples inventario da herança intellectual do nosso finado consocio. Seria arriscada a critica de tão distincto mestre, em tão selecta assemblêa.

A dissertação inaugural, escripto que mãe nenhuma devia deixar de versar com mão frequentissima, foi depois refundida, ampliada, e com o titulo de «Educação Physica» teve posteriormente duas edições. Foi tambem publicada a sua dissertação, quando concorrente ao magisterio: «Exposição dos subsidios com que têm concorrido para o calor animal a chimica, a physica e a physiologia», e seguiu-se-lhe a impressão de uma conferencia que fizera no Instituto de Coimbra sobre «a architectura religiosa na idade media», com que preludiara aos seus trabalhos de archeologia.

Por esse tempo Philippe Simões, que já pertencia como socio correspondente á academia real das sciencias, era tambem eleito socio correspondente da nossa associação, e offereciamos-lhe uma medalha de prata em homenagem aos seus valiosos escriptos archeologicos.

Corria o anno de 1875.

A Universidade de Leiden ia commemorar o seu tricentenario, e convidava para aquelle acto a sua irmã do Mondego. Aceitou a Universidade de Coimbra. Foi o nosso consocio um dos commissionados para a representar.

Alvorocára-se Philippe Simões com a commissão.

Havia muito que se lhe esvoaçava o espirito para estranhas regiões, anciava por ver outro azul nos céus, outro prateado nos mares, outro recorte na folhagem, outros matizes nas flores, outros arabescos no horisónte. Lá se foi em scientifica romagem, e se está lhe não pode nem desvanecer tristuras, nem profligar saudades (*Coelum, non animum mutant qui trans mare currunt*), não foi baldado para a sciencia o seu curto estadio em terras neerlandezas. Ao regressar publicava o: «Tricentenario da Universidade de Leiden».

Apóz ligeira hibernação em suas producções escriptas, dava a lume a «Introducção á Archeologia na Peninsula Iberica», o seu trabalho de maior folego e por ventura a mais viva illuminação do seu talento privilegiado. Têm-lhe apontado faltas e lacunas. Quem ha ahí de valor que não encontre um sillographo? Demais, a Prehistoria é uma sciencia de hontem. O que era escuridão ha pouco póde refulgir agora, e por ventura o antiquario d'amanhã virá com novas siglas derrubar as asserções ou hypotheses do seu antecessor intellectual. Mas a «Introducção», ainda mesmo que o progredimento da sciencia lhe embacie o brilho, valerá sempre como patriotico ensinamento, de que a Peninsula podia correr parellhas com as regiões de alem Pyrineus, mesmo nas concepções materiaes de seus primitivos habitadores.

Em 1880 o escrutinio eleitoral levou ao parlamento o douto professor. Candidato sem opposição nem protesto, correrá-lhe a eleição pacifica e unanime. E' que a paixão partidaria não raro se cala e se refreia em frente de uma possante individualidade. Assim em Marseille os partidos extremos ensarilhavam armas, quando se apresentava Berryer, o campeão de Chambord; assim em Orleans adversarios infrenes estacavam na liça, se se propunha Dupanloup, o defensor da Igreja, e em trinta circulos esfriavam odios, feneciam paixões, e o povo ia unanime votar em Thiers, o libertador da França.

No parlamento justificou Philippe Simões os horoscopos que lhe tinham feito seus conferraneos. Distinguiu-se em varias discussões, e tornou-se notavel na questão dos arrosaes, que tratou com profunda illustração e finissimo criterio.

Foi durante esta legislatura que se originou a idéa de uma exposição retrospectiva de arte ornamental. A idéa tomou corpo, ganhou terreno, e Philippe Simões foi nomeado secretario da commissão executiva, e encarregado de uma parte do catalogo. Elaborado e impresso, pareceu-lhe este deficiente, e n'umas cartas publicadas no *Correio da Noite* — mais tarde enfeixadas em volume, — commentou-o e vulgarisou-o, corrigindo-lhe a aridez natural com os requiebros do seu espirito litterario. Foi este trabalho a ultima scentelha d'aquelle talento vigoroso.

Vimol o depois, alojado n'um quarto do palacio das Janellas Verdes, triste, abatido, scismador e taciturno, elle que, no seu trato intimo, tão bem soia casar com os doutos conceitos de eximio pensador a anedocta finamente relatada com humoristico sainete.

O dicto agudo e chistoso já lhe não brotava espontaneo; já retrahia as expansões do coração; podia se-lhe dizer então o que a Chateaubriand segredára uma formosa filha d'Albion: *You carry your heart in a sling*. E n'este estado d'indizível morbidez, lá se foi caminho de Coimbra, carpir a sua ultima lagrima, desfolhar a sua derradeira saudade.

Os salgueiraes ainda se debruçavam graciosos sobre as orlas do Mondego; o tulipeiro ainda abria suas arroxadas corolas aos primeiros calores estivaes, e na fonte dos amores as aguas batiam sempre a rocha purpurada, em que, piedosa tradição! tinha espadanado o sangue d'Ignez.

*Mais où sont les neiges d'Antan?*

Foi-se pouco a pouco amortecendo aquella formosa intelligencia.

Um dia bruxuleava apenas; ainda um ultimo lampêjo, e finava-se Philippe Simões.

A dor dos seus parentes, dos seus amigos, foi d'aquellas dores que não fazem alardo nem escarcêo. Só se mostrou d'ella o que se não pode occultar. Mas no mundo scientifico foi o sentimento impressivo e clamoroso. Galgou as fronteiras, espraiou-se em paizes estranhos, e ao finado illustre tambem lá lhe enastrou a imprensa estemma de perpetuas. Occorre-me que um jornal d'alem Pyreneos, em necrologio sentido, rematava assim: *Monsieur Philippe Simões est mort, quel malheur pour la science!* Sim, meus senhores, foi uma desgraça para a sciencia, e o *quel malheur* da folha franceza era como uma saudade arremessada por braço herculeo, e que descrevendo uma parabola immensa, vinha cair na campa de Philippe Simões. Se a essa saudade, eu apenas pude hoje atar desmaiada petala, a opulencia do assumpto indultará a falta de recursos proprios.

O socio

Disse.

VISCONDE DE ALEMQUER.

Elogio historico do architecto Lucas José dos Santos Pereira

## I

Senhor, senhores: — A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes ainda não deixou, até hoje, por esforços da sua zelozza direcção, de prestar homenagem aos socios benemeritos, que terminaram a sua peregrinação na terra. Cumpre este preceito, que se impoz, com o maior rigor, porque se lhe afigura que é um meio de honrar a memoria dos mortos, augmentando as sympathias dos vivos; e ao recordar as acções e os meritos dos

que se partem de entre nós, para sempre, dá aos que ficam e lhes succedem, os melhores exemplos e as mais salutaes lições.

Não é por isso dever só; é também obrigação.

Coube-me a honra, por benevolo e immerecido convite do digno e benemerito presidente d'esta nobre associação, de apresentar aqui, n'esta sessão solemne, alguns traços ácerca da vida e dos serviços do architecto Lucas José dos Santos Pereira, cujo retrato figura, desde hoje, ao lado de outros varões illustres, e consocios, aos quaes já rendemos, em devido tempo, e com inteira justiça, o preito da nossa estima, da nossa consideração e da nossa saudade.

## II

Nos fins do seculo passado, e no primeiro quartel d'este seculo, teve Portugal uma época mui florescente para as bellas artes. Teve pintores, esculptores e architectos de primeira ordem.

As provas existem em quadros, em estatuas e em edificios.

Caminhavamos ao par do desenvolvimento artistico da Europa e não tínhamos de que envergonhar-nos perante as nações, que fossem mais ferozas no culto do bello.

Basta-me citar Joaquim Machado de Castro e Domingos Antonio de Sequeira, para vermos que as suas obras podiam entrar em confronto com as dos mais afamados artistas; e que se, n'aquella época, fossem a um concurso, a um certamen, — um pouco differente dos que vemos hoje tão a meude, sem que nos appareçam obras de mestre, — não receberiam por modo algum do *verdictum* dos jurys.

Ambos eram gigantes na arte. Affirmamol-o com desculpavel desvanecimento patriotico, diante dos que, por ignorancia ou por má fé, tem sempre na sua bagagem de critica e de plagiatos, umas circumstancias negras, com que revestem as suas narrativas; uns pontos de retrocesso, para os seus devaneios; uns accessorios falsos e sombrios, para os seus quadros, e com os quaes procuram realçar os esplendores, muitas vezes ficticios, estrangeiros.

Muito lhes deveu a arte, em Portugal, não só pelas suas obras primas, mas também pela sua propaganda constante e elevada.

Machado de Castro, por exemplo, entre os livros, que nos legou, e que todos conhecemos, publicou em duas épocas diversas, em 1780 e em 1817, uma obra de queixume e propaganda, em que elle, valendo-se até da carta que, em meio seculo XVIII, o dr. Gomes da Cruz escrevera á marquezia camareira-mór D. Anna de Lorena, em defesa da «Ingenuidade da Pintura», demonstrava com grande numero de citações o preço em que, soberanos, principes, nobres e governos, em fim, as classes mais gradas e

mais illustradas, tinham as obras de arte e os que as cultivavam.

Pode-se dizer, por sem duvida, que Machado tratava um tanto de si; mas, acrescenta-se logo, sem offensa da verdade, que, defendendo os seus interesses e porventura queixando-se de alguma injustiça e de algum esquecimento para com elle, não se esquecia dos demais cultores, seus companheiros; e a prova estava em que escrevia isto:

«... animem-se todos os que, dotados de genio, se applicam á esculptura e mais artes de desenho; animem-se a desvelar-se no laborioso estudo, que emprehenderam.»

E repetia, com o egregio poeta, o immortal cantor dos *Lusiadas*:

• Que por esta ou por outra qualquer via,  
Não perderão seu preço e sua valia.

Machado de Castro tinha também por então a animal-o e a fortalecel-o, no derradeiro quartel da vida, a dar-lhe maior lustre na sua côrte do talento e da arte, os seus discipulos, os seus intimos, os seus admiradores constantes e dedicados, dos quaes posso citar dois: um, que se chamava José Corrêa da Serra, e o outro, que se chamava Antonio Feliciano de Castilho; um, que conquistára já um nome, dentro e fóra de Portugal; e o outro, que principiava a dar ao mundo das boas letras as primicias do seu genio, concorrendo portanto ambos, da officina ao laboratorio e tugurio do grande mestre, — áquelle tugurio e templo, ponto de reunião das notabilidades scientificas e artisticas do seu tempo.

## III

É n'este meio que vou encontrar igualmente dois distinctissimos architectos: José da Costa Sequeira, sobrinho do eximio Domingos Antonio de Sequeira; e Lucas José dos Santos Pereira, semelhantes no merito, intimos na arte, invejaveis nos affectos, dando-se a notabilissima circumstancia e coincidencia de que, vivendo desde então, sempre ligados e apertados nos indestructiveis laços de amizade fraternal, em muitos passos da vida publica, seguiram ambos a carreira, subindo aos mesmos graus, praticando ao lado um do outro, exercendo commissões de natureza identica nas mesmas datas.

Assim, temos ambos na casa do risco do real palacio da Ajuda, em 1820 e 1821, tendo a dirigil-os Fabri e Rosa; e na organização da academia de bellas artes de Lisboa em 1836, ambos professores de architectura, sendo o primeiro, além d'isso, secretario, e o segundo bibliothecario, na mesma academia.

Porém, senhores, não é permittido acompanhar a vida d'estes dois tão afamados architectos, porque o meu esboçeto biographico só póde mostrar as linhas

relativas a Lucas José dos Santos Pereira. Na sessão solenne de 16 de março de 1873, José da Costa Sequeira já teve aqui ampla e condigna commemoração no bom elogio historico, recitado pelo nosso benemerito presidente.

#### IV

A vida publica de Lucas José dos Santos Pereira, desde que terminou os primeiros estudos com distincção, é muito longa. A contar da sua nomeação como ajudante de architecto para a casa do risco em 1820, elle dedicou 64 annos da sua existencia ao serviço da arte e da nação. D'esses 64 annos — enorme parcella de trabalho na vida de um homem util! — 32 foram despendidos n'uma só commissão!

Vejamos o que os registos das repartições publicas, na sua concisão e simplicidade, nos dizem d'este nobre e talentoso architecto:

Nomeado, por decreto de 25 de outubro de 1836, artista aggregado á aula de architectura civil de 3.<sup>a</sup> classe;

Por portaria de 19 de abril de 1837, primeiro bibliothecario da mesma academia;

Em conferencia geral da academia, de 28 de maio de 1842, eleito academico de merito, sendo confirmada tão honrosa e significativa eleição, por portaria de 6 de junho do indicado anno;

Architecto de 2.<sup>a</sup> classe, por decreto de 23 de fevereiro de 1865; e, tendo optado pelo serviço no ministerio das obras publicas, deixou de pertencer ao quadro da academia de bellas artes de Lisboa, e desde setembro do mesmo anno, não continuou a ser abonado na respectiva folha.

Não consta mais nada nos registos publicos!

Quando, após o movimento politico, denominado *regeneração*, foram reorganisadas as secretarias de estado e creado o ministerio das obras publicas, commercio e industria, ao qual ficou pertencendo, com os seus quadros de engenheiros e architectos, a reparação e construcção dos monumentos publicos, puzeram na primeira linha, como não podiam deixar de o fazer, as obras da restauração e conservação do monumento da Batalha.

N'isso tinha tambem o maior empenho, pelo seu provadissimo amor á arte, sua magestade el-rei o senhor D. Fernando. O egregio principe, diga-se, em que pese á sua modestia, profundamente desgostoso por causa do abandono em que via de novo a monumental obra, continuava as instancias com que, muitos annos antes, em 1836, lembrára ao governo a necessidade e a urgencia de olhar com attenção para as obras de arte de algum valor que possuimos, e que o vandalismo, a incuria e as fraudes, tinham damnificado e iam deturpando e arruinando por toda a parte. Essa visita inspirou o de-

creto, que tornou obrigatoria a conservação da Batalha, destinando-se-lhe um pequeno subsidio.

Em 1852 foi, portanto, lembrado o nome de um architecto habil, experimentado, com innumeradas provas do seu saber e da sua applicação. Era um serviço de grande responsabilidade e de muita paciencia.

Por portaria de 28 de abril do mesmo anno, era nomeado o architecto civil, Lucas José dos Santos Pereira, para dirigir essa importante obra. Em 1865, como já disse, era architecto de 2.<sup>o</sup> classe no quadro do ministerio das obras publicas; e alguns annos depois, subia á 1.<sup>o</sup> classe, dando-se-lhe o cargo e as honras de chefe de secção da direcção das obras publicas do districto de Leiria, de que superiormente dependiam os trabalhos na Batalha.

Mas, Santos Pereira estrejou-se mal. Ficando satisfeitissimo com a sua nova e honrosa collocação, não se demorou em Lisboa. Partiu immediatamente á communicação official. Passados alguns mezes, subindo a um bailéo ou uma prancha, caiu e fracturou uma perna.

Com esta desastrosa entrada podia desanimar. Não, senhores. Depois de curado e restabelecido, continuou com o mesmo amor a dirigir os trabalhos, em que persistiu os citados 32 annos, sem queixumes nem lamentações, e quasi sem licenças, ou de tão pequena importancia, para descançar, que não constam nas estações officiaes.

Sabe-se, pelo contrario, além de outras informações honrosissimas, que, por occasião da medonha tempestade occorrida nos primeiros mezes de 1881, alguns raios causaram graves damnos no mosteiro de Alcobaça, e o director das obras publicas de Leiria determinou que o architecto Santos Pereira fosse, sem perda de tempo, examinar os estragos produzidos n'aquelle edificio e dirigisse a sua reparação. Muitos dias seguidos lá foi o nosso architecto, já bem entrado em annos, da Batalha a Alcobaça, vêr e inspecionar o estado das obras que delineára, para conservar, até onde lhe era possivel, dentro do limite das instrucções e do orçamento, aquelle outro notavel monumento.

#### V

A obra monumental da Batalha tem uma importancia triplicada: a religiosa, a historica e a artistica. É das maiores e mais notaveis do reino. Como especimen da architectura gothica, é das mais opulentas e perfeitas que se conhecem.

Quando os architectos encarregados das duas fabricas distinctas, que ali existem, o monumento principal e as obras supplementares, incompletas ou imperfeitas, deixaram os seus trabalhos, não se pensou mais n'aquelle grandiosissimo e por muitos titulos respeitavel edificio. Por consequencia, ficou

por muitos e muitos annos entregue, pelo assim dizer, a si, ao seu destino, ao tempo, ao acaso!

A invasão franceza, que levou os estragos e a destruição por essas cidades e villas, não poupou os monumentos nacionaes. O que não poude saquear, arruinou. E, ao mesmo tempo, saqueou e destruiu. A Batalha, apesar da sua magnificencia artistica, que podia conter os invasores, não ficou incolume. Os francezes de Napoleão I deixaram ali innumerous e desastrosos vestigios da sua passagem.

É certo que estiveram ali, antes e depois da invasão, os frades de S. Domingos; mas, infelizmente, não se distinguiam como conservadores, nem como restauradores. Pelo contrario, no que tentavam aperfeiçoar ou remendar, demonstraram que não havia n'elles o sentimento do bello, e accusam n'os até de auxiliarem as destruições, dando ou trocando objectos de arte, que substituíam na ornamentação e pujança do monumento, por objectos que não tinham o character architectonico primitivo, e o ridiculizavam ou afeiavam.

Mousinho de Albuquerque esteve ali apenas tres annos, mas posso affiançar que fez profundo estudo do monumento no estado lastimavel em que o encontrou, e que reconheceu a grave responsabilidade que assumia ao tomar conta de tal encargo. N'aquelle curto lapso de tempo, ficou ali bem visivel a passagem de tão eminente cidadão e funcionario. Lembremo-nos, certamente, de que Mousinho escreveu as suas impressões n'uma extensa memoria, que se conservou alguns annos inedita, e que só appareceu posthuma por benevolencia da viuva do auctor para com o centro de instrucção, no districto de Leiria.

N'essa memoria diz-nos elle, com o mais levantado sentimento patriótico, que entre os monumentos nacionaes, não conhecia outros que significassem melhor *os esforços dos portuguezes e a sua indisputavel precedencia na vereda do progresso*, do que a obra de Camões e a obra da Batalha, ambas inspiradas no amor á gloria e á patria; porém, no seu entender, a segunda era ainda mais fragil do que a primeira, e por isso carecia de constantes atenções e cuidados.

Com verdade, a obra de Camões era mais solida que a da Batalha!

Ouçamos Mousinho de Albuquerque. Repetirei as suas palavras como homenagem á sua memoria, e como brado para os que possam acaso esquecer que os monumentos nacionaes são padrões e reliquias, que nos cumpre conservar a todo o transe.

Eis o que elle escreveu:

«Os monumentos tão altamente veneraveis e patrioticos (como a Batalha) não podem reputar-se «esteréis para as nações que os possuem. Não são «um pregão vanglorioso de memorias passadas, ex- «citante moral de virtudes civicas e amor da pa-

tria. Assim considerados são elles dignos da mais «seria attenção dos legisladores e dos governos; «em todos os tempos se esmeravam os povos os «mais illustrados em mantel-os e conserval-os, até «que enfraquecidos seus brios e relaxados os vinculos moraes da sociedade, esses monumentos deixaram de merecer o seu culto, e caíram em «ruinas quando caíram tambem em ruina os povos «cujas glorias attestavam.»

Depois que Mousinho de Albuquerque deixou os seus importantes trabalhos na Batalha, este venerando edificio ficou de novo abandonado, ou quasi abandonado.

De 1844 a 1852 occorreram muitos incidentes na politica interna, alguns de muita gravidade; e de certo os governos pouco vagar teriam, n'essa época, para cuidar dos assumptos de bellas artes, os quaes, diga-se sem offensa para ninguem, tem sido dos ultimos a serem considerados em o nosso paiz.

Nas outras nações succederá outrotanto.

Cá e lá...

Alguns homens publicos, entre nós e lá fóra, quando sobem muito, deixam de cultivar o bello, para só cultivarem a politica, que ás vezes nada tem de arte, nem de bello.

Desculpem-me, senhores, esta divagação, que todavia se prende com o assumpto principal.

Foi n'essas circumstancias que chamaram o architecto Lucas José dos Santos Pereira para tomar conta de tão seria e espinhosa commissão, e para substituir um homem da estatura de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque.

Isto prova, por sem duvida, que contavam com os merecimentos, com a applicação e a seriedade, de tão distincto e consciencioso artista. Isto prova que deviam de ter sido muito bem aproveitados os 32 annos que elle consumiu da sua vida ao serviço d'aquella obra, de que fallava aos intimos, Costa Sequeira e outros, em reduzido numero, com o sentimento que nasce do amor á profissão e do amor á terra em que nascemos, e cujas tradições e glorias nos são queridas.

Santos Pereira era modesto em extremo. Supponho que ninguem o ouviria gabar-se de seus trabalhos; porém, muitos o ouviram lastimar-se das obras, que não iam á sua vontade, e affirmar que, sem estudo, não se pôde caminhar e progredir.

O nosso benemerito artista possuia diversos attestados, em que os esclarecidos engenheiros directores das obras publicas do districto de Leiria o louvaram pela sua assiduidade e zelo; e um d'elles exaltava especialmente o seu serviço, no monumento da Batalha, certificando que uma obra, que ultimára, a restauração da agulha, se bem me lembra, era o sufficiente para dar nome e credito a um architecto.

Essa restauração tinha tamanha importancia para a arte, que o nosso digno presidente se apressou em communicar-a á sociedade dos architectos de Londres; e appareceu encarecida no seu Boletim.

Os esforços de Santos Pereira convergiram para conservar a unidade e a belleza architectonicas, que distinguem aquella maravilhosa fabrica, e n'ella realçam por tal modo, que parece até que nos conservam presos e embevecidos na contemplação de tantos primores.

O nosso architecto fôra agraciado com a cruz da ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico; mas, não sollicitára esta mercê, aliás bem cabida. Pediram-na para elle.

Sendo representante em côrtes, pelo circulo de Leiria, o sr. João Maria de Magalhães, hoje major de infantaria e mui distincto engenheiro florestal chefe da divisão do sul, foi um dia visitar diversas localidades do seu circulo, e ao passar na Batalha demorou-se em amavel conversação com Santos Pereira, ancião respeitavel e sympathico, alquebrado e côxo. Notar-se-lhe-hia alguma tristesa. Influencia, de certo, da idade e das canceiras do trabalho.

— Aqui estou desde muito no cumprimento dos meus deveres officiaes, disse elle ao sr. Magalhães: acho-me aqui, sósinho, como que separado do mundo ao abrigo d'esta veneranda fabrica. Ninguem já me conhece. Estou naturalmente esquecido de todos.

Estas phrases fizeram impressão no sr. Magalhães

e calaram no seu animo. Ao regressar a Lisboa, communicou o que sentira ao ministro do reino, o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio; este, na primeira oportunidade, recommendou á munificencia d'el-rei o Sr. D. Luiz, o nosso estimado architecto. Sua Magestade alegrou-se de que chamassem a sua attenção para um funcionario probo e presante, e respondeu ao ministro:

— Mandé o Sampaio lavrar um diploma. Dê-se a cruz de S. Thiago ao Lucas Pereira. Alegremos a ancianidade d'esse bom architecto. Galardoemos o seu merito. É bom premiar os que trabalham.

É a historia singela d'essa honrosa mercê.

## VI

Lucas José dos Santos Pereira finou-se a 6 de setembro de 1884.

A real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes perdeu um socio prestantissimo, honrado e digno.

Não tem exageração o preito, que lhes prestamos. Fizemos-lhe justiça. Commemorámos os seus serviços. Inscrevemos o seu nome no registo especial, que podemos chamar o «livro de ouro dos nossos socios benemeritos.»

Assim perpetuamos, como podemos, a sua memoria.

O socio

BRITO ARANHA.

# SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## MONOGRAPHIA

Descripção da egreja de S. Christovão de Rio-Mau no concelho de Villa do Conde

(Conclusão)

Entrando agora na descripção exterior tocaremos de leve as cousas de menos importancia: além d'um socco simples, que rodeia toda a egreja, a capellamór tem como ornato no centro do panno testeiro e do lado oriental, um nicho como os outros já descriptos, onde ha pouco se collocou uma imagem de S. Christovão, que appareceu despedaçada atraz da tribuna velha, quando ella se reformou em 1854, a qual imagem é pedra fina (d'Ançã?) e, apezar de antiga, mostra ser posterior á egreja. Actualmente acha-se na sachristia. No vertice ha uma estatueta no estylo primitivo, representando um bispo, com mitra e baculo. Dizem vulgarmente ser Santo Agostinho, o que é provavel, segundo a transcripção acima exarada. Cada um dos pannos lateraes, fortalecido por um contraforte em correspondencia com um arco interior, de que já tratá-

mos, é fendido por duas frestas mesquinhas e rematado por uma cimalha simples, a modo de corôa apoiada em modilhões distanciados e ornados de relevos fantasiados e ridiculos. Visto de perto, o corpo da egreja parece mais moderno e é menos apurado na mão d'obra; as paredes, com 0,<sup>m</sup>94 d'espessura, são construidas por um systema antigo, como ensinava Vitruvio: — duas fiadas de pedra esquadria, ou antes duas paredes distanciadas, cerca de palmo e meio, ligadas por agulhas ou pedras de travar de longe a longe, e o espaço medio cheio de terra ou entulho: estas quiçá menos solidas já se acham fendidas. Ha no corpo da egreja duas portas lateraes, baixas e pequenas, segundo o costume da epocha, e prezando mais a commodidade do que a symetria, não as fizeram fronteiras; todavia o exterior das umbreiras é decorado, com menos riqueza, mas no gosto, semelhante á principal. Tres frestas esguias, em cada um dos pannos lateraes e outra sobre a porta principal, todas proximas do telhado, fornecem pouca luz e a egreja por isso é escura: as cimalthas late-

raes exteriores, são do theor das da capella-mór, porém mais toscas e despidas de todo o ornato. Uma cinta de pedra saliente e horisontal, uns modilhões espaçados e um pouco abaixo, serviriam ás alpendradas do claustro outr'ora existente. Ou seriam dependencias projectadas, que não chegaram a effeito? A porta principal, contra o pôr do sol, é muito baixa para os nossos tempos; todavia não é das cousas menos curiosas que se offerecem. Não sabemos por que motivo vimos aqui encontrar arcos ogivae, que até agora não appareceram.

Medearia muito tempo desde o principio da obra até ao acabamento? Fosse o que fosse, a porta principal, no que respeita á pedraria de seus umbraes, é muito adornada pelo lado exterior por meio de arcos concentricos, em camadas e de fórma ogival que se apoiam em cimalha sustentada em pontos correspondentes por columnellos cylindricos, que se entreinisturam com arestas salientes: estes columnellos tem bases e capiteis com ornatos de fantasia caprichosamente variados. Entre a padieira da porta e o apice da menor ogiva medeia uma especie de tympano curiosamente ornado em baixo relevo: é um grupo, cujos desenhos e esculptura não destoam do atrazo das artes na idade media. O personagem do centro representa um bispo (Santo Agostinho?) paramentado com mitra (bastante baixa) e baculo na mão esquerda, e mão direita, com dois dedos levantados, e faz acção de dar bençãos; é ladeado por dois outros personagens de mais pequena estatura, mas do mesmo cinzel, que pelas insignias e posição mostram bem ser um diácono e um subdiácono assistentes ao bispo. Cada-um d'estes dois tem seu livro aberto, que sustenta com ambas as mãos; o da esquerda do bispo tem só manipulo, e o da direita tem manipulo e estola a tiracollo. Ao pé do subdiácono, um pouco mais afastada, vê-se outra figura rachitica que parece representar um servente ou menino do côro, o qual, sustentando com ambas as mãos uma salva sobre a cabeça, faz acção de ministrar ou receber do bispo os utensilios, como se vê ainda nos pontificaes. Ao lado direito do diácono vê-se uma pomba, ou outra ave, esculpida, cuja interpretação parece pouco obvia: será o Espirito Santo assistindo á Egreja? Será algum vaso decorativo, producto esquisito da antiga ceramica? ou será um vaso de prata em fórma de pomba, muito usado nos primeiros seculos da igreja, para n'elle se guardar no baptisterio a Eucharistia que se administrava aos recém-baptisados, depois da Confirmação?<sup>1</sup>

O vertice da igreja era antigamente cortado em

<sup>1</sup> Nos primeiros seculos do christianismo os baptisandos eram adultos, que depois d'instruidos na doutrina christã, iam receber em acto continuo, o Baptismo, a Confirmação e a Eucharistia, que se guardava no baptisterio em um vaso d'ouro ou prata, que tinha a forma d'uma pomba (como no baptismo de Clovis.)

linha horisontal, sobre que havia dois campanarios com sinos pequenos, cujas cadeias pendiam sobre a porta principal; assim consta e o indicam dois sulcos parallelos e verticaes que se vêem no panno da fachada, acima de um alpendre ordinario, que faz abrigo á porta e serve de ampliar a igreja. Estes sinos já não existem, e o vertice, refeito de pedra e cal, tem plantada uma cruz ordinaria, feita no estylo moderno. Junto do alpendre a que serve de apoio, ha um campanario simples e um sino de mediana grandeza. Irregular e pequeno, o adro era cercado com parede baixa e tosca, junto da qual havia oliveiras muito velhas, e algumas cruces de pedra, obra de tempos modernos. No mesmo adro appareceram em diferentes occasiões alguns sarcophagos enterrados (identicos aos que hoje se vêem no adro de Rates), que dados ou vendidos se encontram em casas particulares dos moradores da freguezia.

Não deve passar desapercèbida uma inscripção lapidar imperfecta, que se encontra atraz da tribuna, e na qual se lê a era da fundação d'esta igreja em 1135, que abaixo vae interpretada,<sup>1</sup> e que está em harmonia, com pouca discrepância, com aquella que acima se lê na corographia de Carvalho.

Encontram-se tambem alguns vestigios ou cruces de certo estylo e em tal disposição, que bem indicam que esta igreja foi sagrada. Ignora-se o logar, a importancia e capacidade do edificio que servia de residencia aos religiosos que sustentaram o côro até ao Breve do Papa Martinho V. Nada mais se encontra digno de especial attenção, pois os altares modernos como as mesmas imagens, as sachristias e suas alfaias, são cousas de somenos importancia n'uma descripção archeologica, que só deve ser prolixa, tratando de antiguidades. O theor da inscripção, a perspectiva do edificio, o seu estylo pesado, os arcos mouriscos, a carrancada em relevo, a escassez de luz e as eras citadas são notas consonantes e comprovativas de que esta igreja, existindo no seculo XII, antes da fundação da monarchia, é das mais antigas de Portugal e por consequencia antiquissima.

Ha poucos annos, parochiando já o dignissimo abbade actual, o rev.<sup>mo</sup> Manuel Joaquim da Silva Vieira, natural d'esta freguezia e collado na igreja em 12 de janeiro de 1871, procedeu-se aos seguintes melhoramentos: ampliou-se o adro, em frente da igreja, (em 1876), desaffrontando a do arvoredado alheio, que a assombrava e encobria, e o aterro e nivelamento do adro tornou este mais bello, franco e enxuto. A residencia, outr'ora velha e amesquinhada, foi tambem accrescentada e melhorada, tanto

<sup>1</sup> Esta lapida d'enigmatica e difficil traducção, foi interpretada pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Possidonio Narciso da Silva, o diz: Na ora do 1135 Pedro... indigno sacerdote principiou a odifcar esta ogreja om honra do S. Christovão.

nos commodos internos, como no aformoseamento exterior. Finalmente, em 15 de janeiro do corrente anno, esta igreja foi elevada *in perpétuum* á categoria de Abbadia, pelo nosso sabio, prudente e virtuoso arcebispo primaz o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

D. José de Freitas Honorato, recebendo esta distincção o nosso prezado amigo e actual parcho da mesma freguezia o sr. Manuel Joaquim da Silva Vieira, cujo nome já citámos.

PADRE ANTONIO DOMINGUES FERREIRA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### A PROPOSITO DAS MUMIAS AMERICANAS, EXPOSTAS NO MUSEU DO CARMO

Quando, após a monotona e accidentada labutação, que me prende todo o dia, á noite tomo o folgo no escriptorio para ler a minha correspondencia, deparei com o endereço de um cavalheiro, a quem muito considero e respeito.

Não me pedia, como já infelizmente lhe aconteceu, para o visitar em doença, convidava-me porém a ir na sua amena e erudita companhia admirar umas curiosas raridades no seu Museu do Carmo.

E digo seu, pelos enlevos d'alma que lhe dedica, e porque Possidonio da Silva, a quem me refiro, tem sido e é o infatigavel colleccionador, que das velhas cathedraes, da solidão dos mosteiros, dos tumulos profanados, dos entulhos, das escavações, emfim, de todos os pontos do reino, com devotada coragem, com vivo entusiasmo, arrecadou os despojos da arte, e todas as reliquias e padrões da gloria nacional e alheia.

Não se vêem ali, como no British Museum, no Louvre, no Brear de Milão, as epopeias de architectura e esculptura classicas; os fragmentos e os specimens da Arte antiga de Ephezo a Ninive, de Babylonia a Thebas, ou o que a Grecia encarece por melhor, e o Tibre exalta na elegancia das formas, no assombro das grandezas, como se admira nas enormes pyramides do Egypto, nas academicas estatuas de Athenas, nos correctos palacios de Roma.

Foi no legendario recinto do historico convento do Carmo, onde jazeu o corpo do invencivel heroe de Aljubarrota, que, largando o arnez de intrepido guerreiro pelo habito de monge, a espada de pelejador pelo rosario de penitente, substituindo aos canticos da victoria os psalmos do Evangelho, quasi no fim da vida exclamára com arrebatamento em invectivas aos mouros! «Eia! se fosse preciso, ainda metteria uma lança em Africa», foi ahi n'esse angusto templo, onde se fundou o museu de antiguidades.

E' n'essa igreja derrocada, já sem abobadas artesoadas, cujas columnas emmusgadas apenas se elevam ás arcarias de nervuras ogivaes; foi sobre essas lageas, que cobrem as cinzas dos que foram levitas, e entre ruinas symbolicas, que se collocou o prospero Museu onde se guardam os monumen-

tos que escaparam á voracidade dos tempos, á incuria dos ignorantes, ao esbulho dos cubiçosos.

Aqui o sabio architecto, e cuidadoso inventariante colligiu os rendilhados de folhagens e flores no gosto mosarabe; os emblemas religiosos, e demasias do estylo gothico, os primores da Renascença, desde o estylo roman ao ogival, para, nos estudos das letras e das artes, se imitarem as bellezas da sabia antiguidade, com interesse artistico, historico e chronologico.

Cabe entrementes o dizer-se, que em tal desamor temos as bellas artes, que nunca lembrou a governo algum o estabelecimento de um Museu de Archeologia; ou pelo menos accomodar-lhe um edificio publico.

De conhecermos as obras classicas dos nossos antepassados houvera grande proveito para a historia critica, do presente, pois, em tantos monumentos notaveis, que as mãos do genio executaram, e que as civilisações nos legaram, além de lição proficua, ha gloria imperecivel.

O que, porém, é verdade, sem arrebeçar dens, ou protraír invejas, é que os nossos artistas na sua contemporaneidade, se ganhavam na fama, perdiam no ouro, e só logravam que a posteridade os laureasse pela divinisação das suas obras.

E' assim, pois, que os artistas sem protecção arremedam os planetas, que só brilham pela luz do sol.

O que fôra dos Virgílios e dos Horacios sem o patrocínio dos Mecenas, sem a munificencia dos Augustos?

E' verdade que ao homem sobrevive o genio d'elle, porém o corpo definha-se-lhe e morre na miseria, qual outr'ora succedeu a Camões no catre do hospital de Todos os Santos.

Portugal foi sempre, não digo, plaga inhospita, porém uma região pouco quente e prospera para as artes nobres, e menos tutelar para engenhos de primeira plana, que se distinguissem pelo compasso, pelo escopro, palheta e rhytmo; e embora tivéssemos artistas peregrinos, d'elles pouco cuidámos; e viveram desprotegidos, como astros errantes que obliquam sem orbita.

Os nossos antigos reis tinham em menos as artes, em muito as conquistas; em pouco as celebridades, e em tudo as façanhas; preferiam o campo de ba-

talha ao Pantheon, e só acalentavam os genios, quando houvessem de cumprir alguns votos de propiciação; de levantar padrões, fundar templos; ou enriquecel-os com preciosidades e alfaias. Só eram collatores de beneficios para os artistas da sua privança.

A actual dynastia, propicia ao progresso das bellas artes, tem dispensado aos seus cultores mais sympathia; e com muito relevo o sr. D. Fernando, cujo cognome de — rei artista — com justissimo motivo lhe cabe bem, por ter protegido o renascimento d'ellas.

E assim deve ser, porque as sciencias e artes exalçam de glorias e prosperidades as nações, ennobrecendo os reinados para emulação dos posterios.

Sem o patrocínio dos reis e dos governos a sua decadencia é certa. Nem se aquilatam merecimentos sem o toque do bom gosto; e este não se attinge, sem o manifesto apreço das artes, sem o incentivo dos louvores, sem a recompensa das obras.

Conta a historia, que Alexandre Magno, e Poliorcete, privaram com Pericles e com Protogene, visitando-lhes as officinas e encarecendo-lhes os trabalhos.

O imperador Carlos V nobilitou Ticiano, e Francisco I Leonardo de Vinci.

Podem os reis fazer quantos nobres quizerem, porém não alcançariam inspirar sequer um artista; podem conceder-lhes larguezas das suas opulencias, mas nunca conseguiriam repartir com elles um raio d'essa illuminação, que fecunda o genio na esthetica do bello e do sublime. Esse condão é do céo.

Assim, tambem, pelos seus merecimentos e serviços o sabio architecto Possidonio da Silva, tornando-se credor da benemerencia publica, o seu nome é respeitado por todos.

Mas larguemos de episodiar preambulos, e obedecendo ao seu amavel convite, vamos acompanhá-lo n'essa excursão artistica ao museu do Carmo, cuja fundação e prosperidades lhe pertencem.

Fôra motivo para essa visita, o desejo que vissemos as mumias peruanas, e dois craneos da mesma raça e epoca, que lhe offereceu o sr. visconde de S. Januario.

E porque, sobre o assumpto, me pede a minha menos auctorizada opinião, direi d'elle o pouco que souber.

(Continua)

O SOCIO, DR. BALDY.

---

## ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

### A idade da pedra lascada

(Continuado do n.º 9 — pag. 142)

Passaremos hoje a examinar outros remotos vestígios que os povos primitivos nos deixaram em

uma caverna preparada pelas *suas proprias mãos*; e pelos objectos n'ella achados, se provará egualmente ter sido a sua industria a mesma em toda a parte, durante a epocha da pedra lascada; sendo isso confirmado pela maneira como foram esses objectos executados, todos elles semelhantes áquelles que haviam sido descobertos em outras regiões; portanto, occupar-nos-hemos em descrever essa caverna e os diversos fragmentos que continha, afim de ficar bem definida a epocha da pedra não polida.

Sobre a margem esquerda do rio Aveyron, situado no interior do paiz pertencente á França, se ergue uma montanha cortada a pique, situada a 300 metros de distancia d'esse rio e na qual existe uma escavação feita na rocha tendo de altura 4 metros e 15 centímetros de profundidade. É n'este logar que se descobriu, á superficie do solo, um deposito ossitico. Examinando-se bem esta montanha descobriram-se outros vestígios com eguaes depositos na extensão de mais de 100 metros. Um ressumbramento stalagmitico reteve junto á rocha fragmentos d'essos e de silex lascados.

Na parte do terreno que cobria o logar da escavação praticada na montanha, appareceu á superficie uma camada d'ossos queimados; bem como no sedimento, na profundidade de 45 centímetros, se achou uma cabeça humana, e ao lado d'ella uma maxilla de creança; encontrando-se separado o resto do esqueleto do homem, com a particularidade de ter as pernas viradas por cima da cabeça. N'esta posição deslocada ficavam os pés ao lado do craneo, o rosto virado para o céu, e um pouco inclinado sobre o lado esquerdo, estando o esqueleto collocado na direcção horisontal da base da montanha.

No meio da camada do sedimento que occultava estes ossos, havia uma outra camada de cinza e carvão, muito escura; fazendo ver esta circumstancia que o mesmo logar fôra habitado, depois de se ter ali enterrado o referido cadaver.

O sedimento existente entre o esqueleto e a camada escura, composta dos ossos carbonizados, apresentavam ainda uma altura de 90 centímetros; e a camada dos ossos era atravessada por veios carboniferos. Encerravam estas camadas abundantes productos de dois generos; um de silex lascado, e o outro pertencente ás armas de rangiferes. Alguns d'estes silex eram bastante notaveis, pois estavam cortados no feitio de serra. Este typo é assaz raro em toda a parte em que se fizeram investigações; porém muita qualidade de facas, os restos de lascas e os nucleos d'onde as tinham tirado, tudo isto faz suppôr ter havido n'este logar uma fabrica especial para executarem estes instrumentos prehistoricos.

Havia tambem furadores compostos de varinhas,

umas achatadas, algumas outras cylindricas, tendo a ponta aguda ou boleada. Os outros instrumentos com maiores proporções que os furadores, tinham um buraco na extremidade mais grossa; porém appareceram quasi todos estalados no lado d'esses furos, o que indica terem servido para se fazer grande esforço com elles. Um d'estes representava gravado grosseiramente um animal, e parecia ser um cão. O maior numero d'estes instrumentos estavam ornados com desenhos, fazendo presumir que serviam para algum uso mais particular.

Um outro producto d'esta infancia da arte era um fragmento muito rijo de rocha, sobre o qual havia uma gravura a traços, fingindo ser duas cabeças humanas, mas em forma de bustos.

O objecto mais interessante foi sem duvida aquelle que representava agulhas feitas de osso, ou com as armas de rëna, as quaes se achavam em muito boa conservação, tendo ainda a ponta aguda, e o fundo perfeitamente furado. A lige é mais ou menos achatada, posto que algumas agulhas sejam cylindricas; umas eram direitas e outras um tanto curvas.

Os dentes dos animaes ruminantes eram furados de proposito transversalmente junto do esmalte; supprimindo-lhe a metade da raiz dos dentes, serviam de enfeites para as mulheres. Faziam egualmente uso das phalanges dos dedos dos pés dos animaes ruminantes, com um orificio atravez para servir de assobio. A maior parte dos ossos encontrados n'este deposito pertenciam aos animaes rangiferes: tambem appareceram alguns dentes de veados, porém sendo os de boi e de cavallo muito abundantes. Igualmente se acharam, ainda que poucos, de cabra montez e de anta. Os dentes de carneiro eram rarissimos; todavia acharam-se os de gato, de raposa e de cão.

Tendo-se feito peneirar a terra, tirada d'este solo, poderam-se descobrir pequenissimos ossos de passarinhos, e queixadas de ratazanas; assim como grande abundancia de espinhas. Mas emquanto aos ossos das grandes aves, eram muito raros.

Por cima d'esta escavação, as hervas haviam antes entranhado as suas raizes entre os ossos quebrados, os dentes dos animaes e os silex lascados. Posto que tivessem já decorrido bastantes seculos sobre estes fragmentos da industria humana, e os vestigios do seu sustento, nunca o homem pensou em procurar esses restos historicos dos primitivos habitantes do mundo, muito embora essas provas da sua existencia estivessem occultas debaixo dos seus pés. Tal era a indiferença de se averiguar qual tinha sido o começo da industria humana, pois ainda se ignorava o modo como se descobria esse mysterio! Foi preciso que a sciencia da archeologia viesse com o seu facho luminoso encaminhar-nos n'essas interessantes investigações, ins-

truir-nos sobre o passado das gerações extinctas, enriquecer o mundo com uteis conhecimentos.

O deposito d'estes ossos apresentava muitas camadas parallelas, tendo-se contado até 8, as quaes se distinguiram mais pela côr dos sedimentos, que as formavam, do que pela natureza dos objectos que em si encerravam, fazendo ao todo uma altura para mais de 80 centimetros.

Uma extraordinaria quantidade de fragmentos de rochas calcareas, de rochas primitivas e de seixos quebrados se acharam no interior d'essas camadas; ainda que os fragmentos de silex fossem aqui em menor numero, contudo os silex lascados eram um pouco maiores e mais bem operados, do que os primeiros de que tratamos, pois os furados eram mais agudos, as agulhas mais finas, e sobre tudo eram notaveis as frechas farpeadas, empregando-se para este trabalho os páos dos rangiferes; mesmo algumas mostravam ornamentação.

Por baixo de um veio carbonifero appareceu, servindo de lage, uma pedra rodada, posto que um pouco achatada, havendo por baixo d'ella, um sedimento avermelhado aonde estavam 7 frechas farpeadas d'um só lado, em perfeita conservação. Em varios sitios d'este mesmo logar se encontraram muitas outras, mettidas entre camadas escuras; bem como alguns assobios e outros instrumentos com um grande furo aberto em uma das suas extremidades; um d'estes era assaz curioso, porque, na extremidade opposta ao furo, haviam representado em escultura  $\frac{1}{4}$  pés de veado, afim de servirem de cabos a esses objectos.

Desde o momento em que se reconheceu ser a presença de frechas de silex uma prova para designar uma das ullimas épocas da idade de pedra, assentaram tambem poder servir a presença do silex lascado em feitio de serra, para designar um dos periodos primitivos d'essa mesma época.

Não será facil de explicar o uso que teriam instrumentos tão diversos e tão singulares; porém, pelas suas fórmãs e variedades, se pôde reconhecer n'elles ter já havido uma civilisação caracterizada pelo progresso d'essa industria. O homem d'essa época certamente vivia em sociedade sob naturaes abrigos; e pelos vestigios que deixou da sua industria, faz suppôr qual seria o uso de outros objectos que não chegaram ao nosso conhecimento. E' de crer que essas agulhas tão finas e tão frageis não foram destinadas unicamente para cozer as pelles de animaes; assim como esses dentes furados empregados em formar collares, ou brincos, indicam tambem o desejo de possuirem já enfeites.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

# INDICE DO QUARTO TOMO

DA

## SEGUNDA SERIE DO JORNAL

DA

# REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

## BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA

Anno	N.º do Boletim	N.º das paginas	Designação das materias	Secção	Por quem foram redigidos os artigos	Designação das estampas	
1883	N.º 1	1	Introdução.....	-	J. S. R.		
		2	Architectura dos povos da antiguidade....	Architectura.....	J. P. N. da Silva.		
	»	6	Reliquias da architectura militar, religiosa e civil.....	Archeologia.....	Luiz de Figueiredo da Guerra.	Photographia	
		8	Explicação da estampa.....	Archeologia.....	J. P. N. da Silva.		
	»	9	Parecer ácerca da obra artistica <i>Portugal antigo e moderno</i> , 1883.....	Architectura.....	Ignacio de Vilhena Barbosa.		
		12	Quelques considérations sur les haches de bronze trouvées en Portugal.....	Archeologia.....	Le chevalier J. da Silva.		
	»	14	Chronica da Associação.....	-	Redacção.		
		15	Noticiario.....	-	Idem.		
	N.º 2	17	Synopsis dos trabalhos da Real Associação, relativa aos annos de 1880 e 1882....		Architectura.....	Valentim José Correia.	
			20	Architectura ogival.....	Idem.....	J. P. N. da Silva.	
	»	26	A architectura e a poesia.....		Idem.....	D. José Gonzalez Carvajal Altés.	Photographia
			27	Explicação da estampa.....	Archeologia.....	J. da Silva.	
	»	29	Lisboa antiga e moderna.....		Idem.....	Julio de Castilho.	
			32	Chronica da associação.....	-	Redacção.	
	»	32	Noticiario.....		-	Idem.	
			33	O templo romano.....	Archeologia.....	Gabriel Pereira.	
	N.º 3	37	Carta ao sr. Possidonio da Silva.....		Idem.....	Mr. G. de Cougny.	Gravura
			40	Explicação da estampa.....	Idem.....	J. da Silva.	
	»	41	Architectura da idade media.....		Archeologia.....	J. P. N. da Silva.	
			45	Modo de promover os concursos de obras architectonicas, approvados pelo real instituto dos architectos britannicos.....	Architectura.....	William H. White.	
	»	46	Biographia do principe Prisdang.....		-	Redacção.	
			47	Chronica da associação.....	-	Idem.	
	»	48	Noticiario.....		-	Idem.	
			49	Bellas artes.....	Architectura.....	J. da Silva.	
	N.º 4	49	Exposição de architectura de Bruxellas....		Idem.....	Conde de Marsy.	
			51	Palacio real de Mafra.....	Idem.....	Joaquim da Conceição Gomes	
	»	54	Architectura da idade media.....		Idem.....	J. P. N. da Silva.	
			58	Epigraphia.....	Archeologia.....	J. da Silva.	
»	58	Inscripções ineditas.....		Idem.....	Francisco Martins Sarmento.		
		59	Architectura dos tempos prehistoricos e historicos.....	Idem.....	Possidonio da Silva.		
»	62	Explicação da estampa.....		-	J. da Silva.	Gravura	
		63	Chronica da associação.....	-	Redacção.		
»	64	Noticiario.....		-	Idem.		

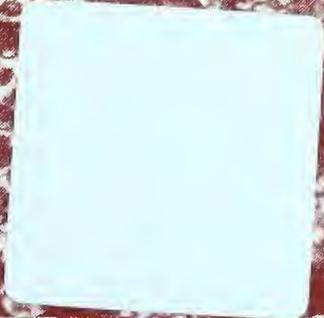
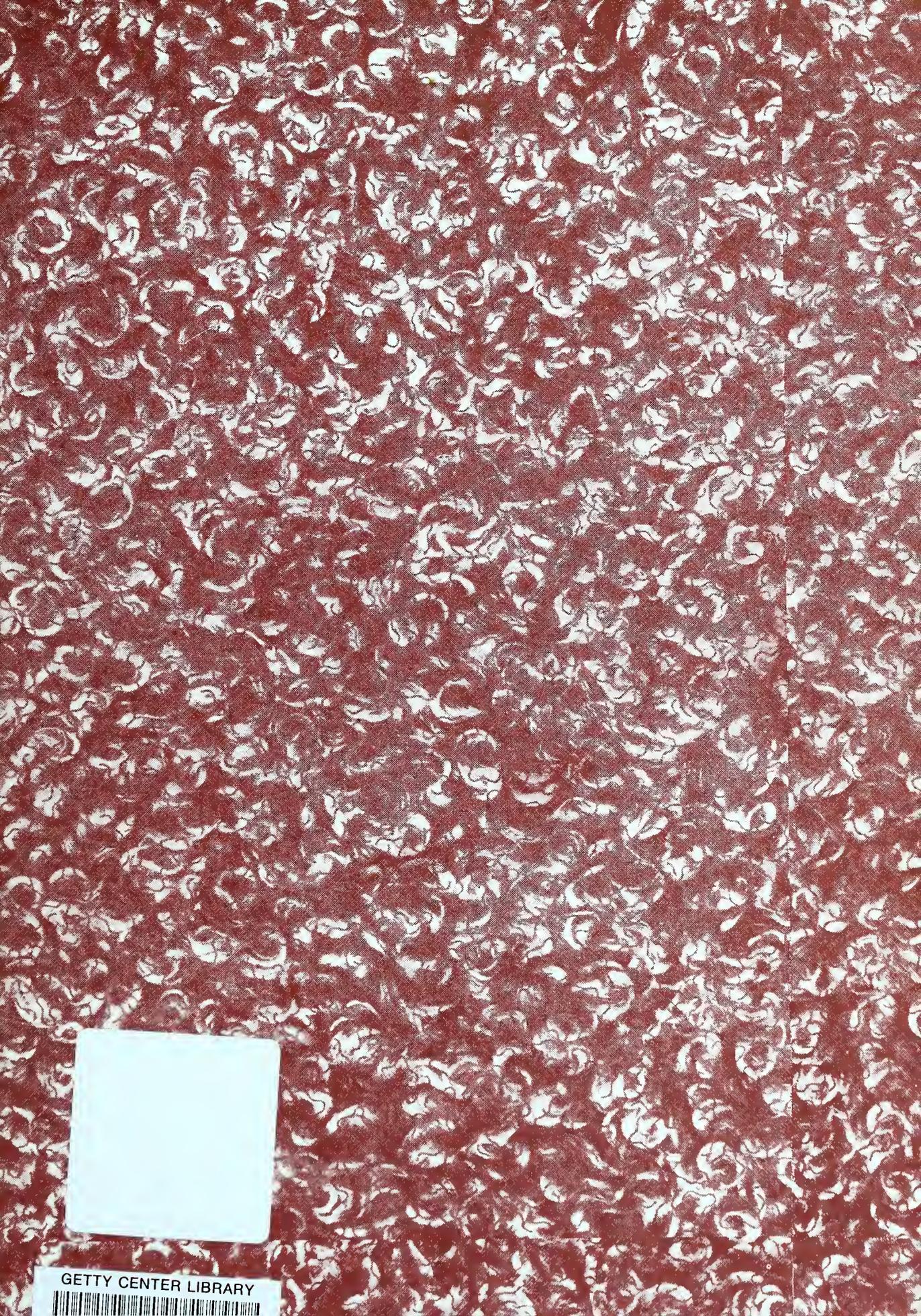
Anno	N.º do Boletim	N.º das paginas	Designação das materias	Secção	Por quem foram redigidos os artigos	Designação das estampas
1884	N.º 5	65	Architectura da idade media.....	Architectura.....	J. P. N. da Silva.	
	"	69	Epigraphia.....	Archeologia.....	Francisco Martins Sarmento.	
	"	70	Argola de ouro encontrada em Penella....	Idem.....	Carta de mr. G. de Cougny.	
	"	73	Evora romana — O museu Cenaculo.....	Idem.....	Gabriel Pereira.	
	"	77	Explicação da estampa (bibliotheca da universidade).....	Architectura.....	J. da Silva.	Photographia
	"	78	Chronica da associação.....	—	Redacção.	
	"	78	Noticiario.....	—	Idem.	
	"	79	Necrologia — Augusto Filippe Simões.....	—	J. P. N. da Silva.	
	N.º 6	81	Programma para concurso sobre assumptos de architectura e de archeologia.....	Archeologia.....	Associação.	
	"	82	Programma para concurso de um vocabulario de termos de architectura.....	Architectura.....	Idem.	
	"	83	A respeito das chaminés das cozinhas....	Construcção.....	D. José de Saldanha Oliv. <sup>a</sup> e Sousa	
	"	83	Architectura da idade media.....	Architectura.....	J. P. N. da Silva.	
	"	88	Arte monumental da America.....	Idem.....	Idem.	
	"	94	Explicação da estampa.....	Instrum. prehistoric.	Idem.	Gravura
	"	95	Chronica.....	—	Redacção.	
	"	96	Noticiario.....	—	Idem.	
	N.º 7	97	Architectura da idade media.....	Architectura.....	J. P. N. da Silva.	
	"	100	Iconographia christã.....	Archeologia.....	J. da Silva.	
"	105	Epigraphia.....	Idem.....	Dr. F. Martins Sarmento.		
"	106	Explicação da estampa.....	Idem.....	J. P. N. da Silva.	Photographia	
"	107	Excerpto historico ácerca da Peninsula Iberica	Historia.....	Gabriel Pereira.		
"	109	Chronica.....	—	Redacção.		
"	110	Noticiario.....	—	Idem.		
"	112	Necrologio do conselheiro João Maria Feijóo	—	J. Possidonio da Silva.		
N.º 8	113	Architectura da idade media.....	Architectura.....	J. P. N. da Silva.		
"	117	Da architectura manuelina.....	Idem.....	Joaquim de Vasconcellos.	Photographia	
"	125	Explicação da estampa.....	Idem.....	J. P. N. da Silva.		
"	126	Chronica da associação.....	—	Redacção.		
"	127	Noticiario.....	—	Idem.		
"	127	Necrologio do architecto Lucas José dos Santos Pereira.....	—	Possidonio da Silva.		
N.º 9	129	Convento de Mafra.....	Architectura.....	Joaquim da Conceição Gomes.		
"	133	Egreja de S. Francisco, em Guimarães....	Idem.....	Padre Ferreira Caldas.		
"	134	Architectura dos povos da antiguidade....	Idem.....	J. P. N. da Silva.		
"	136	Archeologia prehistorica.....	Archeologia.....	Idem.		
"	142	As mumias do Perú.....	Idem.....	Visconde de S. Januario.	Photographia	
"	143	Chronica.....	—	Redacção.		
"	144	Noticiario.....	—	Idem.		
N.º 10	145	Da architectura manuelina.....	Architectura.....	Joaquim de Vasconcellos.		
"	153	Classificação dos monumentos nacionaes...	Idem.....	Associação.		
"	159	Explicação da estampa.....	Archeologia.....	J. da Silva.	Gravura	
"	160	Chronica da associação.....	—	Redacção.		
N.º 11	161	Construcção rural.....	Construcção.....	D. José de Saldanha Oliv. <sup>a</sup> e Sousa		
"	163	Monographia da igreja de S. Christovão de Rio Mau.....	Architectura.....	P. <sup>e</sup> Antonio Domingues Ferreira		
"	167	Monumentos nacionaes.....	Idem.....	J. P. N. da Silva.		
"	175	Explicação da estampa.....	Instrum. prehistoric.	J. da Silva.	Gravura	
"	175	Chronica da associação.....	—	Redacção.		
"	176	Necrologio do architecto inglez, P. L. Donaldson.....	—	J. P. N. da Silva.		
N.º 12	177	Sessão solemne sob a presidencia de S. A. o Principe Real o senhor D. Carlos....	—	—		
"	178	Relatorio da associação apresentado pelo presidente J. Possidonio Narciso da Silva..	Architectura.....	J. P. N. da Silva.		
"	179	Elogio historico do general João Maria Feijóo	—	General Ant. <sup>o</sup> Pedro de Azevedo		
"	181	Idem de Francisco José de Almeida.....	—	Conselh. <sup>o</sup> José Silvestre Ribeiro		
"	182	Idem do dr. Augusto Filippe Simões.....	—	Visconde de Alemquer.		
"	184	Idem do architecto Lucas José dos Santos Pereira.....	—	Brito Aranha.		
"	188	Monographia (conclusão) da igreja de S. Christovão.....	Architectura.....	P. <sup>e</sup> Antonio Domingues Ferreira.		
"	190	As mumias americanas.....	Archeologia.....	Dr. Luiz José Baldy.		
"	191	Archeologia prehistorica.....	Idem.....	J. P. N. da Silva.		











GETTY CENTER LIBRARY



